JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 14 de setembro de 1980 — Ano XC — Nº 159 — Preço: Cr$ 15,00

TEMPO

RIO — Nublado com instabilidade ocasional no início do período. Ventos: Sul a Sudeste fracos. Temperatura estável. Máxima: 28.7, em Bangu; mínima: 17.2, no Alto da Boa Vista.

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas correndo de Leste para Sul. A temperatura da água é de 21 graus dentro da baía e fora da barra.

* Temperatura referente as últimos 24 horas

(Mapa na página 32)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados,** Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B e Cad. de Quadrinhos,** mais **Revista do Domingo.**

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Rio de Janeiro
Dias úteis ....Cr$ 15,00
Domingos ....Cr$ 15,00

Minas Gerais
Dias úteis ....Cr$ 15,00
Domingos ....Cr$ 20,00

São Paulo e Espírito Santo:
Dias úteis ....Cr$ 20,00
Domingos ....Cr$ 25,00

RS, SC, PR, MS, MT, GO, DF, BA, SE, AL, PE
Dias úteis ....Cr$ 25,00
Domingos ....Cr$ 25,00

Outros Estados e Territórios:
Dias úteis ....Cr$ 30,00
Domingos ....Cr$ 30,00

Senador alerta para hipertrofia do Executivo

O Senador Aloísio Chaves (PDS-PA), relator da comissão mista que examina a proposta de emenda constitucional para restabelecer prerrogativas do Legislativo, advertiu em seu relatório que hipertrofiar o Poder Executivo "seria desastroso". O relatório completo será encaminhado à comissão na próxima semana.

"Um Poder Executivo ágil, eficiente, operacional e dinâmico, numa sociedade aberta e num regime democrático operante, longe de ser uma fonte de preocupações, é uma razão de tranqüilidade, afirma o Senador no relatório, que deverá ser apreciado, em princípio, nos dias 24 ou 25. (Página 4)

Abi-Ackel admite mudança para acabar decurso de prazo

O Ministro Ibrahim Abi-Ackel admitiu, ontem, em Belo Horizonte, trocar o fim do decurso de prazo por um fórmula que garanta a aprovação dos projetos de interesse do Governo pelo voto dos líderes de bancadas, depois de uma permanência na Ordem do Dia da Câmara ou Senado durante seis sessões consecutivas, sem que o plenário decida sobre eles.

Amanhã, no despacho semanal com o Presidente Figueiredo, o Ministro da Justiça levará à discussão, já como de sugestão final do relator Aloísio Chaves, outros aspectos da emenda das prerrogativas. Deixará, também, com o Presidente o projeto que vai alterar alguns pontos do Estatuto do Estrangeiro. **(Página 7)**

Prefeito tenta comprar filiação de vereador do PP

Para ficar em maioria na Câmara Municipal, o Prefeito de São João Nepomuceno (MG), Antônio Cavalheiro, deu Cr$ 150 mil ao Vereador Luís Navarro, do PP, e preparou um discurso de saudação ao novo correligionário. Perdeu a verba e o verbo, pois o Vereador denunciou o suborno e a liderança de seu Partido doou o dinheiro a instituições de caridade.

O pagamento foi feito com cinco cheques de Cr$ 30 mil, emitidos pelo Prefeito e mais quatro políticos ricos do PDS. O PP providenciou cópias xerox dos cheques e agora ameaça processar o Prefeito Cavalheiro na Justiça comum e até cassar o seu mandato, pois continua a desfrutar de maioria na Câmara de Vereadores. (Página 2)

CSN vai tratar dos conflitos com os índios

As questões indígenas passarão a ser tratadas, conjuntamente, pela Fundação Nacional do Índio, Serviço Nacional de Informações e Conselho de Segurança Nacional, anunciou o Ministro do Interior, Mário Andreazza, após quatro horas de reunião com o presidente da Funai e representantes do SNI e do CSN.

A decisão está sendo apontada como o primeiro indício de que a Presidência da República, preocupada com os últimos incidentes entre índios e brancos, resolveu chamar a si responsabilidade pela solução do problema. O Ministro, ao fazer o anúncio, admitiu não ter feito uma avaliação correta da questão indígena: "Pensei que o problema de demarcações fosse bem mais fácil de resolver". (Pág. 26)

Itália e Terror

Na Itália, o Governo e a Oposição concentram esforços para encontrar uma saída política capaz de reprimir o terrorismo. A conclusão é do Deputado Marco Boato, do Partido Radical Italiano, ao analisar uma década de luta armada — "a princípio de direita, com a direita cumplicidade do Estado, depois essencialmente de esquerda."

Diante da situação brasileira, o Governador Tarcísio Burity defende a instalação de uma Constituinte em 1982, o que coroaria a abertura democrática. Em Portugal, as eleições legislativas e as presidenciais, em outubro e dezembro, geram uma mobilização e uma agressividade políticas sem precedentes desde a revolução de 1974.

Especial

Foto de Rogério Reis

O Coronel Boaventura elogiou Figueiredo por ter reparado a injustiça de 11 anos atrás

Camponeses da Polônia querem ajudar regime

A maior organização política não comunista da Polônia, o Partido Unificado dos Camponeses (430 mil filiados), pediu maior participação nos assuntos do país, "como um autêntico aliado do regime" e sugeriu a separação de poderes entre Legislativo e Executivo, com maior peso para o Legislativo. O PUC aceita o sistema socialista polonês e sua aliança com Moscou.

Melhorou o estado de saúde do ex-líder do Partido Operário Unificado da Polônia (comunista), Edward Gierek, acometido de ataque cardíaco no fim de semana passado, informou o jornal **Trybuna Ludu**. Em Moscou, o **Pravda** acusou os sindicatos norte-americanos de explorarem a situação trabalhista na Polônia e comparou os líderes sindicais dos Estados Unidos aos "chefões da Máfia". (Página 8)

Crime do copeiro

Depois de dedicar a vida inteira à Arqueologia, Madeleine Francine Biberie, ou Madame Francine, procura no chão de sua própria casa sob cinzas, carvão e fios, o que restou do incêndio. Um incêndio premeditado por Manuel dos Anjos, o candidato a copeiro que queria matar e queimar para depois roubar.

Hélder Costa, diretor de teatro português, chega ao Brasil com uma proposição: "Os atores não são meros funcionários do espetáculo." Greta Garbo, que vive solitária e escondida atrás de óculos escuros, é a atração nos filmes que a televisão vai mostrar esta semana. O que há para ver, o som nosso de cada dia, show, música, cinema e teatro. **Zózimo.**

Caderno B

Foto de Delfim Vieira

Coutinho crê na categoria de L. Pereira

Boaventura diz que a revolução dos seus sonhos acaba miséria

O Coronel Francisco Boaventura Cavalcanti Júnior, punido com a transferência para a reserva, em 1969, através do AI-5, e recentemente beneficiado por decreto do Presidente Figueiredo (que suprimiu os motivos da punição, nos quais era caracterizado como subversivo) disse que a revolução de seus sonhos não é a que "estabelece ditaduras, mordomias e privilégios", mas a que "acaba com a miséria e a concentração de riqueza".

Negou que tenha participado de articulações para derrubar o Governo do Presidente Costa e Silva, e sustenta ter sido vítima de um ato arbitrário, há 11 anos. Sobre o decreto que agora o beneficiou, declarou: "Considero o ato do Presidente João Figueiredo um gesto de nobreza que muito o engrandece, bem como os que o assistiram nessa decisão." (Página 17)

Senado procura espião da CIA morto na URSS

O desaparecimento de um alto funcionário soviético que espionava os chefes do Kremlin para a CIA chegou ao conhecimento do Senado americano, onde está sendo pedida uma investigação. O espião **Trigon** seria o russo Anatoli Filatov, cuja execução foi anunciada pelos soviéticos. Sua identidade teria sido revelada, por descuido, durante um banquete em Washington.

Mas os problemas da CIA não param aí. A ex-agente Carman Mackowiski está processando a Agência Central de Informações por ter sido maltreinada para uma missão delicada em Cuba. Casada com o chefe da contra-espionagem cubana, Alfredo Ruiz, sua missão era espionar o marido. Descoberta, cumpriu oito anos de prisão. De volta aos Estados Unidos, quer 1 milhão de dólares de indenização. (Página 14)

Novo Botafogo

As 117 escolas, 202 consultórios médicos, 33 restaurantes, nove consulados, cinco clubes e quatro bibliotecas — além dos escritórios de Furnas, Nuclebrás, Docenave, IBM e Light — dão ao bairro fidalgo de Botafogo uma atmosfera de negócios, carregada pelas dificuldades de trânsito, mas assim mesmo preferida, pelos que ali vivem e trabalham, à atividade atordoante do centro de Copacabana.

Nos últimos dois anos, sob a regência do maestro argentino Andrés Maspero, o coro do Municipal ganhou estatura e está entre os melhores do mundo. Paul Simon, voz da melancolia urbana dos anos 70, dirige um filme sobre a vida de um autor de canções. E a moda infantil consagra as várias formas do **jeans**.

Domingo

Fla-Flu tem Luís Pereira e Cláudio Adão como atrações

A estréia de Luís Pereira, novo líbero do Flamengo, é a maior atração do Fla-Flu desta tarde — 17h — no Maracanã, jogo em que o atual artilheiro do Campeonato, Cláudio Adão, agora no Fluminense estará enfrentando seu ex-clube pela primeira vez. Embora Luís Pereira esteja sem jogar há algum tempo, o técnico Coutinho acha que prevalecerá sua categoria.

O Vasco, que contratou ontem o ponta-esquerda Silvinho, do América, joga hoje, contra o Serrano, em Petrópolis, sem vários titulares, enquanto o Botafogo, em ambiente ainda bastante tumultuado, joga em Campos, contra o Goitacás. O América de técnico novo não conseguiu vencer: empatou de 0 a 0 com o Campo Grande ontem à tarde, em São Januário. (Páginas 35, 36, 37 e 38)

Piquet larga ao lado de Jones hoje na 3ª fila

Bastante tensos, desde o primeiro treino, na sexta-feira, o brasileiro Nélson Piquet, da Brabham, e o australiano Alan Jones, da Williams, largarão hoje lado a lado, na terceira fila, para a disputa do Grande Prêmio da Itália, de Fórmula-1, o que aumentou a expectativa em torno da corrida, já que são os mais fortes candidatos ao título.

Piquet conquistou ontem, em Imola, no mesmo circuito onde será corrido hoje o GP da Itália, o título do Campeonato Procar, ficando Alan Jones em segundo lugar. Os latistas Alex Welter e Lars Bjorkstron, campeões olímpicos da Classe Tornado, voltaram a competir ontem pela primeira vez desde que regressaram de Moscou e venceram a primeira regata do Campeonato Paulista. (Págs. 34 e 35)

EUA testam avião que radar não denuncia

Um protótipo do novo "bombardeiro invisível" americano, em forma de asa voadora — o primeiro avião feito de um composto plástico indetectável por radar — está sendo submetido a testes há cerca de dois anos, numa base no deserto de Nevada, disseram fontes informadas sobre o programa. O aparelho foi construído pela Lockheed Aircraft Co.

O composto usado no avião foi desenvolvido pelo dentista Leo J. Windecker, do Texas, cuja firma acabou comprada pela Dow Chemical. O bombardeiro não tem estrutura de cauda ou superfície de controle vertical. Suas turbinas são montadas no corpo em forma de asa e revestidas de material que absorve as emissões do radar. (Página 16)

Coluna do Castello

Navegação em torno da praça

Almyr Gajardoni
Redator-substituto

O Senador José Sarney não pediu autorizações, nem carrega na algibeira a procuração que chegaram a lhe solicitar, em algumas áreas da Oposição de gosto menos apurado, nessa peregrinação que empreende pelos gabinetes das lideranças partidárias. Vai por sua conta e risco, mas leva um raciocínio cristalino: o processo político volta a ficar emperrado, agora porque ele identifica uma acelerada radicalização à direita, que, anuncia, responde à rearti- culação dos grupos à esquerda, possível a partir da anistia.

Seu esforço seria, portanto, para articular as forças de centro, sejam elas do Governo ou da Oposição, a fim de garantir um mínimo de confiabilidade à abertura patrocinada pelo Presidente João Figueiredo. Segundo o Senador, esse esforço se impõe porque a reforma partidária, planejada como uma burilada operação de estado-maior, para dividir as forças oposicionistas e evitar que as eleições continuassem a ser uma perigosa repetição de um duelo entre Revolução e anti-Revolução, não foi executada com igual perfeição.

Falhou em dois pontos. O Sr Leonel Brizola, perdendo as letras mágicas do PTB, ficou sem condições de montar o Partido que funcionaria como uma espécie de biombo, entre o centro e a extrema esquerda. E o PP, por contingências que não chega a detalhar, também não conseguiu desarticular inteiramente a aliança entre esquerdistas e liberais que, nas eleições mais recentes, construiu a glória do MDB. Dessa forma, promovida a reforma, verifica-se que dela emergiu, ainda como a maior força oposicionista, o mesmo Partido que une liberais e esquerdistas, apenas com uma ligeira mudança: agora, nessa aliança aumentou o peso da esquerda, na medida em que diminuiu o dos liberais, que forneceram alguns dos seus melhores quadros para o malogrado Partido Popular.

Em síntese, esse é o pensamento que anima o Sr José Sarney, ainda que não sejam exatamente essas as palavras com que ele descreve a situação (muito seguramente, não terá utilizado a expressão malogrado *ao qualificar o PP onde conta velhos amigos e companheiros de política). Acompanhando-o, é fácil supor que, mais dia, menos dia, todo o sentimento oposicionista refluirá para o PMDB, para dar outra vez às eleições aquele caráter plebiscitário. E, lembra o Sr Sarney, as eleições que estão à frente, uma vez canceladas as municipais deste ano, são decisivas para o processo de redemocratização: as de governadores, pelo processo direto; e as parlamentares, federais e estaduais, destinadas a definir o colégio eleitoral que, dois anos depois, escolherá o sucessor do Presidente João Figueiredo.*

Por ora, o que ele tem recolhido nas primeiras visitas é pouco, quase nada. Mas o presidente do PDS, justamente preocupado com as bombas que explodem aqui e acolá, e com algumas palavras de ordem estampadas em órgãos da imprensa alternativa ou em faixas que ornamentam manifestações e greves, promete persistir no esforço, estendendo seus contatos até onde for possível. Seu sonho é reaglutinar um poderoso bloco de forças de centro, e com ele trazer a política de volta para os seus cenários naturais: as casas do Parlamento e as sedes partidárias.

Falta no diagnóstico do Senador Sarney apenas reconhecer outro erro cometido na reforma partidária, ao praticar-se a violência da extinção da Arena e do MDB. Pois é provável que se ela apenas cuidasse de abrir o espaço indispensável ao Sr Leonel Brizola, a situação estivesse agora mais acomodada: não existiria o PP, mas muito seguramente não existiria também o PT, o mais arrepiante dos espectros que ronda a política brasileira. A tática da terra arrasada agora oferece esse desconfortável panorama de um Congresso desarticulado, sem lideranças — ou, pelo menos, com lideranças que não conseguem manobrar à vontade com suas tropas. Os Srs Tancredo Neves e Thales Ramalho já terão aprendido, para ficar apenas em um exemplo, que é tão difícil conduzir as bancadas do PP, inflamadas pelo Sr Miro Teixeira, quanto difícil era conduzir as do falecido MDB eletrizadas pelo Sr Francisco Pinto, ou pelo Sr Paulo Brossard, quando em dia de conversão à esquerda.

Assim, por mais boa vontade que ele recolha, nessa navegação em torno dos gabinetes das lideranças, será impossível ao Sr Ulysses Guimarães, ou ao Sr Leonel Brizola, garantir os bons modos de estouvados como os Srs João Cunha e Genival Tourinho. O esforço, de qualquer forma, é louvável, e dele resultará, pelo menos, que não se poderá dizer, das atuais lideranças, que se omitiram num momento delicado, como já se disse de outras, num passado recente. Mas resultados mais concretos ele só produzirá se o Sr Sarney puder, um dia, atravessar a Praça dos Três Poderes, estender suas conversas ao Palácio do Planalto e de lá voltar com a certeza de que alguns cabeças-duras, à esquerda ou à direita, não conseguirão travar — ou desviar — o rumo da caminhada política.

Os líderes com quem ele conversa hoje poderão, pelo menos, garantir-lhe o lastro indispensável a essa travessia.

Prefeito paga Cr$ 150 mil para ter maioria, perde o dinheiro e fica em minoria

Juiz de Fora — Depois de tentar sem sucesso convencer o Vereador Luís Navarro (PP) a passar para o PDS — o que lhe daria maioria na Câmara Municipal — o Prefeito de São João Nepomuceno, Sr Antônio Cavalheiro, acabou aliciando o Vereador oposicionista por Cr$ 150 mil, pagos à vista com cinco cheques de Cr$ 30 mil cada, emitidos pelo Prefeito e correligionários governistas.

O Sr Luís Navarro aceitou o suborno, descontou os cheques e denunciou o fato da tribuna da Câmara e combinou com seus colegas de bancada destinar o dinheiro a instituições de caridade, tornando inúteis os esforços do Prefeito, que já havia até preparado um discurso de boas vindas ao Vereador e marcado para amanhã uma solenidade de troca de Partido, na Câmara Municipal.

FARSA

A Câmara Municipal de São João Nepomuceno — cerca de 68 quilômetros de Juiz de Fora — tem 11 vereadores, seis dos quais pertencem ao PP, e cinco ao PDS. Caso um oposicionista passasse para o Partido do Governo, o Prefeito contaria com a maioria dos vereadores, já que o presidente da Câmara, Sr Afonso de Souza Lima, (PP), só vota no desempate.

A trama para a aceitação do suborno foi combinada entre o próprio Vereador Navarro e o líder do PP, Sr Jairo Nogueira, a quem primeiro foi denunciado o fato. Depois de tirar cópias dos cheques emitidos pelo Prefeito, por um vereador e outros três políticos locais, eles prosseguiram com a farsa. Ao saber que tudo corria bem, o Prefeito Cavalheiro preparou um discurso de três folhas para saudar "o novo filiado do PDS", plano frustrado e agora ameaçado de se tornar mais grave: o Partido Popular pretende processar o Prefeito na Justiça comum.

Ontem, em Juiz de Fora, o presidente da Câmara de São João Nepumuceno, que está participando de um congresso de vereadores da Zona da Mata, depois de dar estas informações, disse que a sessão de anteontem foi a mais tumultuada de toda a história da Câmara Municipal da sua cidade.

PDS oferece Cr$ 400 mil a um vereador do PMDB

Fortaleza — O Deputado estadual Antônio Câmara (PDS), ligado ao Governador Virgílio Távora, denunciou ontem o Prefeito do pequeno Município de Parambu, Luiz Alves Noronha, de aliciar um vereador do PMDB por Cr$ 400 mil e de tentar "comprar o passe" de um seu correligionário pelo mesmo preço.

O Deputado vai hoje a Parambu recolher mais informações para solicitar ao Conselho de Contas do Município uma auditagem na Prefeitura, para verificar se o Prefeito está utilizando os dinheiros públicos "para comprar adeptos". Disse que "Parambu é um município pobre, sem estradas, sem escolas, sem saneamento, e que seria inconcebível o desvio de recursos públicos para aliciamento de lideranças políticas".

O Sr Luiz Noronha foi eleito em 1978 com 1 mil 929 votos. Antes da denúncia o PDS tinha cinco vereadores e o PMDB quatro. O Deputado Antônio Câmara tem um dos cinco vereadores do PDS, pertencendo o restante a outras facções da extinta Arena, entre elas a do Deputado Júlio Rego, seu ferrenho adversário.

Com "a compra do Vereador Ubaldo Ferreira (PMDB) e a tentativa de aliciamento do meu correligionário ele ficaria com maioria na Câmara Municipal", disse Câmara.

Parambu é um pequeno município da região dos Inhamuns e foi criado em 15 de setembro de 1956. Completa amanhã 24 anos de existência. Tem uma área de 2 mil 027km quadrados e fica no extremo Norte do Ceará. Sua população é de 35 mil 334 habitantes pela estimativa do IBGE feita para 1975, distando 465 quilômetros de Fortaleza. Em 1978, Parambu arrecadou em ICM, sua maior fonte de renda, apenas a importância de Cr$ 2 milhões e 874 mil.

Vice-Prefeito não concorda com prorrogação e promete renunciar em Juiz de Fora

Juiz de Fora — O Vice-Prefeito desta cidade, José Natalino do Nascimento, eleito pela ex-Arena, confirmou ontem sua disposição de renunciar ao cargo em janeiro de 1981, para cumprir uma promessa feita há um ano, quando disse que deixaria as funções caso fossem prorrogados os atuais mandatos municipais.

O Vice-Prefeito, porém, alegou motivos particulares para a renúncia, explicando que pretende dedicar-se à sua empresa de engenharia. "Mas cumpri integralmente o compromisso assumido com o povo e com amigos que me proporcionaram a oportunidade de servir à minha cidade", observou.

O SONHO

O Sr José Natalino — que acumula o cargo não remunerado de Vice-Prefeito com o de diretor do Departamento de Água e Esgoto (salário de Cr$ 50 mil) — afirmou que seu grande sonho sempre foi possuir uma grande empresa de engenharia: "Não sou político, nunca fui de fato e agora tenho que escolher entre realizar meu sonho ou permanecer na política. Como empresário, a melhor contribuição que poderia dar à minha cidade é continuar trabalhando em minha empresa, na qual emprego 1 mil 500 chefes de família", acrescentou.

Depois de declarar que, se conseguir aumentar o número de empregos em sua empresa — LN Engenheiros Associados — já terá cumprido seu papel na sociedade, o Sr José Natalino disse que ainda não sabe se vai filiar a algum Partido: "Cumpri meu compromisso. É só."

Lira quer Oposição consciente

Recife — O Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) disse ontem que as oposições se devem conscientizar da responsabilidade que têm para com o povo, porque a elas caberá participar da tarefa de buscar uma saída para a crise, estruturando uma frente nacional, depois de ouvir as bases para definir as alternativas que satisfaçam, de forma equilibrada, a todos que dela participem.

Esta frente nacional deverá ser diferente da união nacional defendida pelo Senador Jarbas Passarinho: "A proposição feita pelo Senador Passarinho é a proposta não muito séria de um irmão que depois de apropriar-se da herança de toda a família e destruí-la, apela à compreensão do resto dos irmãos, a se unirem para pagar a conta do advogado. A Oposição tem a sua proposta para permitir recuperar e distribuir o Patrimônio Nacional, e a única saída é uma grande frente."

Para o Deputado, a Oposição deve procurar definir as bases de um novo pacto social que defina os rumos que a nação tomará nos próximos anos: "A Constituinte que propomos é a expressão deste novo pacto e, ao mesmo tempo, sua institucionalização. Sem sua convocação, qualquer processo político será entravado a longo prazo. A nação espera que assumamos a liderança, iniciamos este processo convocando um grande encontro nacional, representativo de todos os setores que efetivamente desejam construir a democracia no país."

Ele acha que chegou a hora de se discutir e formular idéias com os dirigentes sindicais, lideranças do empresariado, Igrejas e Forças Armadas. "Embora não seja ainda claro concretizar essa frente, é preciso ousar, é preciso perder a timidez."

O Sr Fernando Lyra prefere não apontar nenhum programa para esta frente: "Devemos de forma ampla, lúcida e à luz da realidade, definir o marco de um acordo nacional que permita delimitar medidas viáveis para superar a crise.

Falcão condena terrorismo

Fortaleza — O Ex-Ministro da Justiça do Governo Geisel, Armando Falcão, declarou que "os atos terroristas são a negação dos sentimentos brasileiros, porque no coração do nosso povo os ódios permanentes não cabem. Nós podemos dissentir, discordar sempre transitoriamente, mas creio que nenhum brasileiro admite o terrorismo".

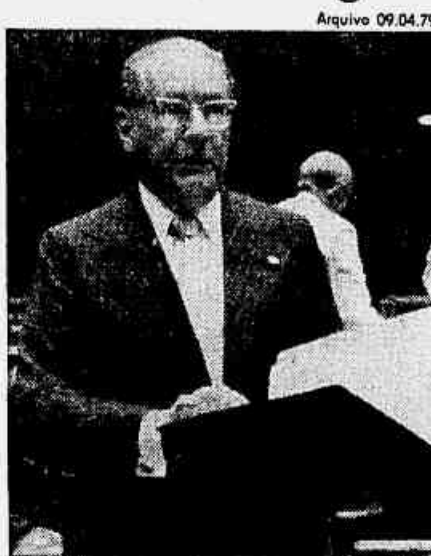
Quanto a prejuízos que eles possam causar à abertura política, o Sr Falcão declarou: "Não, absolutamente, o Presidente Figueiredo está conduzindo o processo de abertura com grande segurança e clarividência. Devo lembrar que o Governo do Presidente Geisel, do qual tive a honra de fazer parte, adotou as providências preliminares para o aperfeiçoamento democrático. Tanto Geisel, como Figueiredo, seguiram as linhas fundamentais da Revolução de 64, que está viva e de pé, procurando aperfeiçoar-se no campo político, como se aperfeiçoou em outras áreas, sempre com inspiração do bem público a nortear os passos dos seus líderes".

O hoje Tabelião Armando Falcão afirmou que está escrevendo um livro sobre a vida do ex-Presidente Geisel. "Já iniciei as pesquisas necessárias, começando por sua atividade como Secretário-Geral do Estado do Rio Grande do Norte e, depois, como Secretário do Estado da Paraíba. Na época, com 24 anos, Ernesto Geisel começava a sua vida pública, revelando as suas excepcionais qualidades de administrador. Eu já conversei com o ex-interventor Gratuliano de Brito, que foi quem nomeou o então Tenente Ernesto Geisel para o seu primeiro posto na vida pública, tendo conversado com pessoas levantando toda a vida do ex-Presidente. Vou brevemente ao Rio Grande do Sul e tenho tido longas conversas com ele próprio". Ainda quinta-feira à noite, gravei uma palestra de duas horas com o ex-Presidente Geisel em sua casa, no Rio de Janeiro, sempre colhendo elementos relacionados com a sua vida pública e as suas atividades como homem público". Falcão disse que o livro será uma contribuição "ao conhecimento dos grandes homens que esse país tem dado, provando que a frase, atribuída a Osvaldo Aranha, segundo a qual o Brasil é um deserto de homens e de idéias não corresponde muito à realidade. Na minha opinião temos grandes homens e excelentes idéias. O que nos falta é conhecer uns e outras, ou seja, quanto aos homens, conhecê-los e, quanto às idéias, praticá-las", concluiu.

Relator das prerrogativas quer manter Executivo ágil

Brasília — O Senador Aloísio Chaves (PDS-PA), relator da comissão mista do Congresso que examina a chamada emenda das prerrogativas, vai defender em seu relatório a necessidade de se manter o Estado forte, pois "um Poder Executivo ágil, eficiente, operacional e dinâmico, numa sociedade aberta e num regime democrático operante, longe de ser uma fonte de preocupação é uma razão de tranqüilidade".

O relatório, cuja parte de introdução e conceituação já está pronta, deverá ser encaminhado à comissão mista na próxima semana. Sua apreciação pela comissão, em princípio, está prevista para os dias 24 ou 25 deste mês, quando será votado o parecer sobre a emenda que restabelece algumas das prerrogativas do Congresso. O relatório adverte que hipertrofiar o Poder Executivo "seria desastroso".

Arquivo 09.04.79

Aloísio Chaves

O Relatório

"O princípio da separação dos Poderes teve suas raízes na experiência inglesa. Montesquieu o elevou à condição de pilar do estado de direito. No clima histórico em que surgiu, que era o próprio clima do liberalismo, caracterizava-se pela suspeição diante do Poder, posição, aliás, bem justificada à vista dos precedentes do absolutismo. Montesquieu o concebeu como imprescindível em qualquer regime de liberdade: **"Tout serait perdu si le même homme, ou le même corps des principaux, ou des nobles, ou du peuple, exerçaeint ces trois pouvoirs: Celui de faire les lois, celui d'exécuter les résolutions publiques, et celui de juger les crimes ou les différends de particuliers"**.

(Tudo estaria perdido se o mesmo homem, ou se o mesmo corpo de principais, dos nobres ou do povo, exercessem esses três poderes: o de fazer as leis, o de executar as decisões públicas e o de julgar crimes e contendas de particulares). O Poder concentrado seria sempre levado ao arbítrio. A solução estaria, assim, em dividi-lo, de modo que, parcelado, cada parcela limitasse a outra. A explicação não poderia ser mais clara: **"Pour qu'on en puisse abuser de pouvoir, il faut que, par la disposition des choses, le pouvoir arrête le pouvoir"**. Para que não se possa abusar do Poder, é necessário que as coisas sejam dispostas de tal maneira que o Poder contenha o Poder).

Enquanto o Estado, pela mesma filosofia liberal, limitou-se ao exercício de suas estritas tarefas políticas, em tudo omisso na área administrativa, a excelência da construção constitucional nunca foi questionada, embora constitucionalistas tenham entendido que na própria obra de Montesquieu já o conceito de separação envolvia o de colaboração.

De qualquer maneira, a ausência do Estado da vida social, fruto do que Georg Simmel descreve como sendo uma característica do século XVIII, o qual "aspirava a que a individualidade tomasse a forma de liberdade, a que as forças pessoais se vissem livres das tutelas de todo gênero, de classe ou religião, políticas ou econômicas". Bem cedo enfrentou realidade gravemente adversa, bem diferente daquela que, segundo Gide, inspirara o otimismo da escola liberal, o que levou à necessidade de uma nova postura do Estado, especialmente quanto ao "pleno aproveitamento de todos os fatores de produção e das condições de desenvolvimento constante", segundo a lição de Ludek Urgan.

Assistiu-se, então, ao desenvolvimento de um processo de contínua ampliação da esfera do Estado. E como essa amplicação não poderia deixar de se processar senão por via administrativa, ela alargou a competência do Poder Executivo. É que a administração pública não pode ser expectante, razão de as estruturas administrativas criadas pelas necessidades sociais emergentes sempre se anteciparem às correspondentes conceituações teóricas, ainda que seja indeclinável reconhecer que tais conceituações àquelas serviram como excepcional utilidade.

A administração é tarefa que não se realiza sem agilidade, cuja eficácia está na razão direta da sua oportuna execução. E o próprio Poder, antes suspeitado como fonte de todo o mal, passou a ser reclamado como indispensável à realização do bem comum, a ponto de o pranteado Ministro Aliomar Baleeiro haver observado que é enquanto fiel a esse fim que ele alcança indiscutível índice de legitimidade moral. Assim, o que ontem se temia tornou-se hoje o que se deseja, ressalvado, é claro, o direito que todo homem tem à sua própria liberdade, ao desenvolvimento pleno de suas aptidões e ao resguardo completo de seus direitos essenciais.

Na dialética desse processo, o princípio clássico a que Montesquieu deu forma definitiva vem sofrendo inevitáveis correções. Fruto de uma experiência real, sua vitalidade está não no dogmatismo do seu enunciado mas no fato de ser submisso a essa mesma historicidade da sua natureza, para que não se torne meramente ornamental. O que é histórico é, por destino, flexível, porque a história é a própria caminhada do homem para o seu futuro. E essa caminhada não se realiza com êxito sem que os seus passos sejam dados em conformidade com a realidade cultural de cada povo e de cada época. Nos próprios Estados Unidos da América, cuja Constituição pela primeira vez erigiu o princípio com a deliberada intenção de servir-se dele como viga mestra de sua vida política, tem ocorrido, periodicamente, alternâncias de supremacia entre o Executivo e o Legislativo, isso para não citar o extraordinário papel que a sua Suprema Corte veio a desempenhar ao longo de toda a sua história.

Indubitável é, por outro lado, que o Estado democrático, por mais fiel que seja e deva ser às vertentes doutrinárias e políticas de sua formação, enfrenta em todo o mundo o problema de sua própria defesa, diante de forças que o agridem ao arrepio de qualquer ética e até mesmo de alguma clara e definida ideologia.

E nenhum problema político hoje é tão grave e preocupante e tão merecedor de profunda e honesta meditação quanto o de compatibilizar as franquias e as estruturas próprias do Estado democrático com os interesses de sua própria sobrevivência, estes sem dúvidas acima de quaisquer outra. Pelo menos para aqueles que nele encontram o modelo ideal de convivência política. E essa circunstância, por amarga que possa parecer aos mais ortodoxos, conduziu, inexoravelmente, em toda a parte, ao fortalecimento do Poder Executivo, já não somente como aquele ao qual incumbem tarefas administrativas sempre mais onerosas, diante de uma sociedade também delas cada vez mais exigente, como também aquele ao qual cabe, mais do que a qualquer outro, o duro dever de enfrentar os inimigos da própria democracia, sem fazê-lo com farisaísmo, sem destruí-la, sem maculá-la. Ao contrário, fortalecendo-a expurgando-a das suas debilidades, atuando em benefício da justiça social e preservando uma tradição que, no Brasil, é a alma de toda a nossa vida pública e um anseio nacional imperecível.

O Poder Legislativo tem competência ampla que lhe reserva uma participação ímpar na vida política, especialmente se, como recomendou o Senador Josaphat Marinho, "renovar-se gradual e incessantemente, para manter, pela lei, a condição de instrumento de conciliação entre o passado e o presente". Sua tarefa é também a do próprio Estado, como o são, por igual, a do Poder Executivo e a do Judiciário, porque o Poder do Estado é necessariamente uno, podendo ser diversificado em funções, jamais esfacelado em órgãos.

Vivemos, no mundo e no Brasil, período cujas esperanças mais fundadas repousam na responsabilidade com que as instituições públicas souberam cumprir o seu próprio dever. E faz parte dessa responsabilidade a exigência de harmonia e solidariedade, sem a qual o poder público, fraturado na sua imprescindível unidade, será presa fácil daqueles que, sob o pretexto de criticarem pessoas e descobrirem a insinceridade insinuada em todas as atitudes, pretendem, numa perspectiva mais longinqua, a criação de um clima de instabilidade social que possa levar de roldão precisamente as instituições democráticas. O regime democrático não é um regime fraco por natureza. Fracos poderão ser os homens aos quais incumbe a sua prática e as instituições às quais cabe a sua defesa. E é essa fragilidade apenas contigente que deve ser evitada, porque há ideais mais altos e mais importantes que não podem ser expostos ao risco de soçobrarem.

O Estado moderno, especialmente o democrático, será necessariamente mais forte quanto mais identificadas e integradas as suas grandes estruturas. Um Poder Executivo ágil, eficiente, operacional e dinâmico, numa sociedade aberta e num regime democrático operante, longe de ser uma fonte de preocupações é uma razão de tranqüilidade. Hipertrofiá-lo, sim, seria desastroso. Mas proporcionar-lhe os elementos sem os quais ficará inerte diante de problemas que lhe cabe enfrentar seria simplesmente insensato. Porque todos os Poderes estão na mesma postura, enquanto se identificam pela sua preocupação de servir à sociedade brasileira, e servi-la como ela deseja, isto é, num clima de verdadeira democracia, não exporta ao risco de aventuras e dificuldades quase sempre aproveitadas apenas para vulnerá-la."

Passarinho acha que numa reunião de líderes a conversa seria de surdos

Brasília — O líder do Governo no Senado, Jarbas Passarinho, acredita que uma discussão entre as lideranças partidárias por um entendimento que rendesse estabilidade política ao Governo João Figueiredo seria "uma conversa de surdos" pois "toda vez que se fala nisso as oposições agridem em resposta".

Ainda que fosse viável um entendimento dessa natureza, considerou o Senador, ele não poderia se traduzir na entrega de Ministério às oposições, como aconteceu na gestão Dutra, porque "o Presidente João Figueiredo nunca pretendeu formar um Governo de coalizão". Explicou o Sr Jarbas Passarinho "que o gesto da mão estendida é em nível elevado" não subentendendo barganha de cargos.

Com muito respeito

O Senador Jarbas Passarinho concordou com o Deputado Djalma Marinho (PDS-RN), que considerou "delicado" o momento político brasileiro. Mas "com todo o respeito" ao parlamentar nordestino, o líder governista argumentou que "estamos vivendo um momento de transição e toda transição tem sua dose de delicadeza, mas não de impasse.

Esclareceu o Senador Passarinho que no curso da passagem de um regime autoritário para a regularidade democrática "problemas surgem e a Oposição precisa entender". Lembrou que propostas para um entendimento político "nunca partiram das oposições" e mencionou que há poucos dias leu declarações do Deputado Magalhães Pinto nas quais ele recordou a união nacional do Presidente Dutra que resultou na entrega de alguns Ministérios à UDN, então Oposição.

Se entendimentos com a Oposição pressupõem entrega de cargos, as conversas se fariam entre surdos porque, segundo o ex-Ministro, "o Presidente nunca pretendeu formar Governo de coalizão".

O Senador Jarbas Passarinho ridicularizou os boatos que, tentando explicar o afastamento do Presidente de sua rotina do Palácio do Planalto, garantiam que o Chefe da Nação teria sofrido um enfarte ou, segundo alguns, já teria falecido:

"Que exista um clima de preocupação é uma coisa", admitiu o Senador,"mas embalsamar o Presidente é outra", comentou.

Sua mensagem para tranquilizar aos que vêem nuvens negras no horizonte resumiu-se em pedir" às mentes que não sejam tão férteis em imaginação".

Simon concorda com o líder do Governo

Porto Alegre — Embora ressalvando que a Oposição está sempre receptiva ao diálogo, o vice-líder do PMDB no Senado, Pedro Simon, manifestou ceticismo quanto à proposta do Deputado Djalma Marinho (PDS-RN), de uma reunião de dirigentes e líderes partidários, visando a um apoio mais amplo ao Presidente da República. Diálogo entre a Oposição e o Partido do Governo, é um diálogo de surdo-mudos", observou o Senador.

— É que nem os pontos-de-vista da Oposição são ouvidos, pelos interlocutores propostos pelo Sr Djalma Marinho, nem os porta-vozes do Governo têm condições de falar em nome do Executivo. Um exemplo: duvido que o presidente do PDS, Senador José Sarney, interpelado por alguém nos diálogos que está promovendo, sobre qual será o próximo casuísmo do Governo, saiba responder.

Serviço à nação

Daí entender o Senador Pedro Simon que "o Sr Djalma Marinho prestaria melhor serviço, não apenas ao seu e ao nosso Partido, mas, também, à nação, se direcionasse a sua proposta para um diálogo entre PDS e Governo.

— A partir do momento em que se estabelecer este diálogo, quando um dirigente ou líder do PDS sentar-se a uma mesa para discutir com a Oposição puder, realmente, expressar o ponto-de-vista do Governo e, em seu nome, negociar, então a proposta do Sr Djalma Marinho passará a oferecer objetividade.

Num debate sobre prerrogativas do Legislativo, eleição direta, valorização da Federação, entre outros temas — comenta o Sr Pedro Simon — os líderes da Oposição, estão implicitamente credenciados a manifestarem as posições dos seus respectivos Partidos.

— E os porta-vozes do PDS? Sequer têm condições de dar cumprimento ao programa partidário, com o agravante de, a exemplo do que aconteceu ao tempo da Arena, estarem sujeitos a contrariá-lo desde que assim queira o Executivo.

O vice-líder do PMDB no Senado concorda com o Sr Djalma Marinho de que "emoções, agressões e insultos" não conduzem a nada, mas lembra que "de todos os componentes do quadro que aí está e que, muito justamente, preocupa ao Sr Djalma Marinho, a Oposição não pode ser responsabilizada por nenhum deles."

— Quando a Oposição alertava o Governo para os equívocos do seu modelo econômico, éramos taxados de pessimistas e demagogos. Por isso — indago — pode a Oposição ser responsabilizada pela inflação, pelo endividamento externo, pela angústia social, pelos atos de terrorismo?

Montoro considera a abertura sob ameaça

São Paulo — O Senador Franco Montoro (PMDB-SP) considerou, ontem, que, "embora não se tenha provas, tudo indica que o assalto sofrido pelo Deputado Genival Tourinho é mais um ato dessa escalada terrorista que visa a atingir a abertura democrática no país".

— Entretanto, apesar de o objetivo dos terroristas ser esse" — prosseguiu o Senador, ao comentar o assalto ao Deputado do PDT de Minas Gerais — "talvez eles consigam provocar o efeito contrário, porque a violência e a brutalidade dos atentados estão provocando uma repulsa na consciência nacional.

Não conseguirão

Na opinião do Senador paulista, "os terroristas não atingirão seus objetivos. O Governo e a Oposição estão posicionados contra eles e o próprio Presidente Figueiredo declarou que nem mil bombas conseguirão impedir a abertura política".

As declarações foram prestadas pelo Senador, ontem, quando convocou a imprensa para, "em nome da consciência democrática da América Latina, protestar contra o plebiscito no Chile". É preciso denunciar a farsa do plebiscito realizado no Chile, pois, na realidade, o seu objetivo foi prolongar por mais 16 anos a ditadura do General Pinochet e a atual Junta Militar no Governo".

— Durante este período" — conclui o Senador — "não haverá Câmara nem Senado, nem qualquer outra organização, ou eleições populares livres no Chile. Os prefeitos continuarão nomeados e demitidos livremente pelo Governo e, em 1989, os Comandantes das Forças Armadas proporão o nome do Presidente que governará o país durante os oito anos seguintes, podendo ser o próprio General Pinochet.

Tourinho pede exame a Abi-Ackel

Belo Horizonte — O Deputado Genival Tourinho (PDT-MG) disse ontem que enviará ao Ministro Ibrahim Abi-Ackel ofício solicitando que sejam examinadas as provas de sua denúncia, antes de encaminhar o caso ao Procurador-Geral da República, para constatar se realmente está comprovada a tipicidade criminal apontada no ofício recebido pelo Ministério da Justiça e assinado pelo Ministro do Exército, General Walter Pires.

Vai sugerir ao Ministro da Justiça que requeira à Assembléia Legislativa de Minas as cópias taquigráficas de seu depoimento no dia 26 de agosto, perante a CPI da violência, bem como a cópia da fita magnética de seu discurso em Montes claros, no dia 20 de julho. Disse que acha que o Sr Ibrahim Abi-Ackel o atenderá, pois "antes de ser Ministro da Justiça ele é um homem cultor do direito".

OPERAÇÃO CRISTAL

O Deputado Genival Tourinho salientou que há uma coincidência entre as denuncias que fizera com base na informação de um ex-agente de informações, sobre o envolvimento dos oficiais-generais na operação-cristal e as denuncias que o jornal **Washington Post** fez ao Presidente Nixon no caso Watergate:

Neste caso ocorrido nos Estados Unidos, a denúncia foi feita pelo jornal com base em fontes anônimas e o Governo, ao invés de processar o jornal, procurou apurar a veracidade de suas denúncias.

Disse ainda que o mesmo aconteceu em 1937, quando o Ministro da Guerra Aurélio de Góes Monteiro, através de denúncias anônimas, elaborou o plano Cohen, sem revelar as suas fontes, conseguindo assim dar cobertura ao Estado Novo. E em 1963, o Deputado Bilac Pinto usou informações de uma fonte que não revelou para denunciar o Governo da época de estar importando armas e armando camponeses para uma revolução.

— Ele não apresentou provas, não revelou fontes e acabou se transformando em figura de expressão nacional — disse o Deputado Genival Tourinho.

Afirmou que pedirá ao Ministro da Justiça que não encaminhe simplesmente ao Procurador-Geral da República a representação contra ele feita pelo Ministro do Exército. Quer que haja antes um parecer e que siga acompanhado das provas de suas denúncias, colhidas no calor do pronunciamento em Montes Claros e no depoimento à CPI da violência.

Para o Deputado Genival Tourinho, tanto em seu caso, como nos episódios que envolveram o General Góes Monteiro, o Deputado Bilac Pinto e o jornal **Washington Post**, todos agiram dentro de suas prerrogativas, sem o intuito de ofender instituições ou autoridades constituídas, mas apenas objetivando a esclarecer denuncias que até então corriam de "boca em boca".

Deputado refaz texto furtado

O Deputado Genival Tourinho revelou que dedica o seu fim de semana nesta Capital à reelaboração de sua conferência perante o Comitê de Defesa dos Direitos Humanos da ONU, marcada para o próximo dia 23, nos Estados Unidos. Ele perdeu no assalto o original da conferência que havia preparado. Boa parte dela será dedicada à denúncia do tratado de ação policial conjunta dos países do Cone Sul.

O Deputado passou o dia em sua residência, no bairro das Mangabeiras, sob a proteção da Polícia Federal e do DOPS. Adiantou que em sua conferência, além das implicações do tratado do Cone Sul na democracia brasileira, abordará aspectos gerais da independência dos países latino-americanos e as possíveis consequências de uma vitória eleitoral do candidato republicano Ronald Reagan.

Ao desembarcar em Belo Horizonte, vindo de Brasília, o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, disse que o processo judicial pedido pelo Ministro do Exército não prejudicará a viagem do Deputado Genival Tourinho aos Estados Unidos, marcada para o próximo dia 19. O Ministro afirmou também que até ontem cedo, quando deixou Brasília, não havia nenhum fato novo no tocante ao inquérito sobre o assalto sofrido pelo Deputado mineiro.

Genival Tourinho, que é também presidente da comissão executiva do PDT em Minas, disse que na reelaboração de sua conferência procurará seguir as linhas básicas do texto anteriormente elaborado e agora em poder dos quatro assaltantes, mas fará algumas modificações em termos de conteúdo.

Brizola visita Nélson

O presidente do PMDB fluminense, Senador Nélson Carneiro, reuniu-se ontem à tarde, em sua residência, com o Sr Leonel Brizola, presidente nacional do PDT. O encontro começou por volta das 17h e terminou à noite.

O Senador Nélson Carneiro não permitiu que os fotógrafos subissem ao seu apartamento para registrar o encontro, mandando dizer através do porteiro que a visita do Sr Leonel Brizola tinha o "caráter particular".

Este foi o segundo encontro do Sr Leonel Brizola com o Senador Nélson Carneiro.

PDS reclama das surpresas do Governo e teme desgaste

Brasília — Parlamentares do PDS, principalmente os que exercem o primeiro mandato federal, confirmando a tradição, monstram-se inconformados com a falta de iniciativa parlamentar, com o papel secundário do Legislativo na solução de crises, com a omissão de muitos e com o desinteresse do Executivo pelo papel político do seu próprio Partido e do Parlamento.

Na última semana, depois dos conflitos em plenário gerados na votação da emenda que prorrogou os mandatos municipais, a liderança da Maioria foi praticamente surpreendida com a chegada do pedido de licença para a visita do Presidente Figueiredo ao Chile. Não houve condições para mobilizar a bancada da Maioria e a matéria teve de ser adiada.

Falta de harmonia

Para os novos deputados do PDS — muitos deles exerceram cargos executivos em seus Estados — o episódio, mesmo não se esperando desdobramento, pois a Maioria deve dar a licença para a viagem, — demonstra um fato grave: continua inexistindo o relacionamento desejável entre o Governo e o Partido do Governo.

Os líderes Nelson Marchezan e Jarbas Passarinho, no caso do Chile, teriam de ser consultados da oportunidade do envio do pedido de licença ao Congresso para o Presidente da República ausentar-se do país. Sem nada importante na pauta, as lideranças não mobilizaram as bancadas. Antes da remessa da mensagem já se sabia que o PMDB iria comandar a obstrução à votação.

Só foi possível, até agora, aprovar o pedido nas Comissões de Justiça e de Relações Exteriores — e mesmo assim pela ação do presidente da Comissão de Justiça, Deputado Ernani Sátiro, acabando "no grito" com a obstrução oposicionista.

Nos próximos dias, a matéria voltará a pauta. Na mesma ocasião estará em tramitação no plenário do Congresso proposta de emenda constitucional que desperta a simpatia geral da Casa: a da aposentadoria aos professores aos 25 anos de serviço (dos Deputados Alexandre Machado, João Faustino e Simão Sessin). Não será fácil à liderança do PDS mobilizar seu pessoal para aprovar a visita do Presidente Figueiredo ao Chile e em seguida, desmobilizá-lo para não aprovar o benefício ao professorado. O desgaste pode ser duplo para o Governo e seu Partido.

Prerrogativas

Logo em seguida, haverá outra matéria polêmica em pauta: chamada emenda Marcílio que restabelece algumas das prerrogativas do Poder Legislativo. A proposta foi formalizada com apoio quase unânime da Casa e, mesmo assim, há resistência no Governo a alguns pontos. O Governo não concorda com a devolução integral do instituto da inviolabilidade do mandato e não quer abrir mão do processo que permite considerar aprovadas suas proposições por decurso de prazo — quando não há deliberação no tempo regimental estabelecido pela Constituição outorgada pela Junta Militar, em 1969.

Em todos os casos há a ausência de negociações. O Governo e seus ministros não dão provas de interesse em dialogar com o Parlamento nem com o PDS. Os deputados e senadores do Governo não são convocados a debater matérias de interesse do Governo. A exceção ocorreu com a emenda Anísio de Souza — o que não pode contar muito, já que quase todos os parlamentares também tinham interesse na prorrogação dos mandatos dos prefeitos e vereadores.

O quadro pode mudar se a maioria da bancada governista reagir. O Governo será chamado a prestigiar seu Partido e sua liderança parlamentar. Há Ministros em condições de manter bom diálogo na área política, como os da Justiça, Trabalho, Previdência Social, Transportes, Aeronáutica. Não pelas pastas, mas pelos seus titulares.

Consultas permanentes

Amanhã, os Deputados Paulo Lustosa (CE) e Carlos Chiarelli (RS) — ambos ex-secretários de Governo em seus Estados — vão pedir ao líder Nelson Marchezan novos métodos de atuação da bancada do PDS. Entendem os parlamentares, ambos exercendo o primeiro mandato federal, que a estabilidade e o fortalecimento do processo democrático requer, como precondição de maior relevância, estruturas partidárias sólidas, coesas e identificadas nos propósitos, nos ideais e nos compromissos doutrinários e programáticos.

Na opinião dos Deputados Chiarelli e Lustosa, um dos procedimentos fundamentais a garantir a estabilidade e a coesão da bancada é a freqüente consulta a todos os seus integrantes. Notadamente sobre questões polêmicas e controversas — ou quando as pressões eleitorais já estabeleceram claras e objetivas demandas aos seus representantes.

Para que isso seja possível, solicitaram do líder Marchezan a convocação de reunião da bancada do PDS, ainda neste mês, para discutir temas em pauta — a começar pela emenda das prerrogativas do Legislativo.

Nesse encontro — que desejam seja mensal — parlamentares do Governo devem reclamar maior atenção do Governo ao PDS, a fim de que o Partido possa apoiar e defender conscientemente as medidas do Executivo — políticas e administrativas.

Deputado condena as oposições

O Deputado Édson Vidigal (PP-MA) revelou ontem que votará a favor da concessão da licença para o Presidente Figueiredo viajar ao Chile, porque "não contribuirá para impedi-lo de viajar a qualquer parte do mundo para comprar ou para vender o que interessa ao Brasil".

Na opinião do parlamentar maranhense, "seria uma ignorância imperdoável admitir que uma licença como essa signifique qualquer respaldo de nossa parte à notória ausência de democracia naquele país".

Precedente

Lembrou o Deputado Vidigal que "não há registro de que o Legislativo tenha alguma vez recusado ao Presidente da República a permissão constitucional para se ausentar do país. A Constituição admite que o Legislativo pode recusar a permissão. Mas não vejo e não tenho visto razões convicentes que nos levam a isso".

Na sua opinião, "os interesses nacionais devem estar sempre acima de quaisquer interesses. Somos um país soberano, donos da nossa vontade, responsáveis pelo nosso destino. Não há amizade entre países, existem interesses. O interesse nacional nos diz que devemos manter relações diplomáticas com todos os países. Acredito que o Presidente da República pretenda ir ao Chile em função dos interesses nacionais".

Ele salientou ainda que "nosso compromisso com a democracia e nosso repúdio ao totalitarismo, qualquer que ele seja, não têm nada a ver com isso. Voto, portanto, favorável à concessão da licença para que o Exmo Sr Presidente da República se ausente do país em viagem oficial ao Chile".

— Não estamos em guerra com qualquer país, mas mesmo que estivéssemos eu votaria a permissão ao Presidente da República para sair do país em busca da vitória e da paz, se fosse o caso", finalizou.

Pepista tem pena de pedessistas

"Eu quero ver a cara dos representantes do PDS na hora de votarem contra a proposta de emenda constitucional que devolve aos professores, em todos os níveis, o direito de se aposentarem aos 25 anos de serviço. Esse novo teste de fidelidade que o Governo vai exigir do seu Partido será pior, em termos de desgaste político, que o da prorrogação de mandatos".

A observação foi feita, ontem, pelo Deputado MacDowell Leite de Castro (PP-RJ), depois de anunciar que todas as bancadas oposicionistas já fecharam questão a favor da pretensão dos professores, de se aposentarem mais cedo. O representante do Partido Popular disse ter sentido, nos últimos dias, em Brasília, "um clima de certo constrangimento entre parlamentares pedessistas, particularmente os comprometidos com as causas do magistério, ao saberem que o Governo não concorda com a aprovação da emenda".

Há receios, em Brasília, também, conforme informou o Sr MacDowell Leite de Castro, quanto ao comportamento das galerias, no próximo dia 17, data em que a proposta de emenda constitucional que beneficia o magistério começará a ser discutida. Esses receios para o parlamentar fluminense são infundados, no entanto, "porque todas as manifestações do magistério são pacíficas. E não poderia deixar de ser de outra forma".

O Deputado Marcelo Cerqueira (PMDB-RJ) defendeu o amplo direito dos professores ganharem, no dia 17, as galerias do Congresso, "para defenderem uma justa reivindicação classista". Não crê em problemas maiores e disse esperar que entre 10 e 15 parlamentares do PDS se unam à oposição para aprovar a emenda, pelo menos, na Câmara.

Quércia desaprova diálogo

Brasília — O gabinete do Senador Orestes Quércia (PMDB-SP) distribuiu ontem, em Brasília, uma nota em que ele afirma que o entendimento partidário pregado pelo presidente do PDS, Senador José Sarney, "é utópico e não convence a ninguém de bom senso" e pediu a união de todos os Partidos de Oposição contra a iniciativa do dirigente do Partido do Governo.

Ele tenta justificar sua posição ao considerar uma contradição que o Sr José Sarney pregue um sistema partidário, "no qual os Partidos operam a democracia e em que as decisões nasçam dos entendimentos entre os mesmos", mas impede que se exercite a eleição — "o oxigênio da vida partidária" — com o emprego de artifícios condenáveis, como foi o caso da prorrogação.

DISCUSSÕES

Em razão do que pintou em sua nota, o Sr Orestes Quércia acha que, por uma questão até mesmo de cavalheirismo, a Oposição não pode expulsar aqueles que a procuram sob pretexto de entendimentos. Mas, em relação ao Senador José Sarney, esses entendimentos "devem ser em torno apenas de discussões amenas", de assuntos que estejam à margem dos pontos centrais das definições políticas do PMDB.

Ele acha também que se contrastam rigorosamente a intenção anunciada pelo presidente do PDS, com vistas ao diálogo e as afirmações atribuídas ao Ministro-Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, General Golbery do Couto e Silva, na Escola Superior de Guerra, que teria condicionado a abertura à pulverização das oposições brasileiras.

Informe JB

Desespero e angústia

Trecho da última entrevista de Jean-Paul Sartre, concedida a Benny Lévy e agora publicada em livro, no Brasil, pela L&PM Editores:

BL — Tu me disseste um dia: "Falei em desespero, mas foi uma impostura. Falei porque se falava, porque era moda: lia-se Kierkgaard."

JPS — É verdade. Nunca me senti desesperado, nunca encarei, de perto ou de longe, o desespero como uma qualidade que podia me pertencer. Em conseqüência, era de fato Kierkgaard quem me influenciava muito nesse sentido.

BL — É estranho, pois tu verdadeiramente não gostas de Kierkgaard.

JPS — Sim, mas mesmo assim, sofri sua influência. Eram palavras que me pareciam conter uma realidade para outros. Queria, portanto, levá-las em conta de minha filosofia. Era a moda: a idéia de que alguma coisa faltava em conhecimentos sobre mim mesmo, dos quais não podia tirar o desespero. Mas era preciso considerar que se os outros falavam nele é porque devia existir para eles. Note bem, porém: não se encontra mais esse desespero em minha obra seguinte. Foi um momento. Vejo isso em muitos filósofos — a propósito do desespero, a propósito de qualquer idéia filosófica. Falam nela por falar, nos primeiros tempos de sua filosofia dão-lhe um valor importante. Depois, pouco a pouco, já não falam mais, porque percebem que o conteúdo não existe para eles. Percebem que o imitaram dos outros.

BL — Isso acontece também com a angústia?

JPS — Nunca senti angústia. Essas são noções-chaves da filosofia de 1930 a 1940. Isso também vinha de Heidegger. São noções que eram usadas o tempo todo, mas que para mim não correspondiam a nada. Certamente, eu conhecia a desolação, o tédio, a miséria, mas...

BL — A miséria...

JPS — Enfim, eu a conhecia por meio dos outros. Eu a via, se quiser. Mas a angústia e desespero não. Enfim, mudemos de assunto, porque isso não se relaciona com a nossa pesquisa.

Manobra

Na próxima semana a liderança do Governo na Câmara e no Senado terá de mobilizar deputados e senadores do PDS para garantir a aprovação do pedido de licença ao Presidente Figueiredo para viajar ao Chile. Não será difícil. Mas, na mesma ocasião, estará em pauta a emenda constitucional concedendo aposentadoria aos professores aos 25 anos de serviço.

Será que a liderança conseguirá mobilizar as bancadas para aprovar a visita ao Chile e desmobilizá-las para não aprovar o benefício aos professores?

País motorizado

O Brasil tem hoje exatamente 9 milhões 541 mil 406 veículos licenciados. São Paulo tem mais de um terço do total: 3 milhões 742 mil 701, número que é o dobro do total do Estado do Rio de Janeiro.

O Piauí, com 38 mil veículos cadastrados, é o menos motorizado do país.

E já circulam, em todo o Brasil, 180 mil motocicletas.

A boa bomba

Na última quarta-feira a direção do Colégio Santos Anjos, ao lado da Praça São Salvador, foi vítima de brincadeira de mau-gosto. Alguém telefonou para avisar que havia uma bomba no prédio. Alarmado, a direção retirou todas as crianças e levou-as para o quartel do Corpo de Bombeiros, ali perto. Como não havia qualquer incêndio para ser apagado, os bombeiros organizaram brincadeiras para distrair as crianças, utilizando cordas, escadas e carrinhos, improvisados em folguedos infantis.

Foi uma festa.

■ ■ ■

De retorno à casa, as crianças comentavam que jamais passaram tarde tão animada. E davam vivas à bomba.

Coerência

Durante a sessão plenária em que a Oposição impediu, por falta de quorum, a votação de pedido de licença para o Presidente Figueiredo visitar o Chile, o líder Nélson Marchezan acusou os parlamentares oposicionistas de incoerentes, por não terem adotado procedimento idêntico, no início do ano, quando o país em causa era a Argentina.

A Oposição se explica: a votação da licença para a viagem presidencial ocupava a ordem do dia na qual estava pedido do STF para processar o Deputado Max Mauro, do PMDB do Espírito Santo, por calúnia, em ação movida pelo Governador Élcio Álvares desde maio de 1978.

A Oposição não poderia valer-se da obstrução parlamentar sob pena de permitir, por decurso de prazo, a punição do deputado capixaba.

Ainda assim, votou maciçamente contra a licença.

Preciosa exportação

Uma alta autoridade fazendária recebe, em Brasília, a visita de advogados de garimpeiros da Bahia que desejavam regularizar o processo de exportação de pedras preciosas e semipreciosas: Quando soube do montante a ser exportado, o funcionário levou um pequeno susto: 200 milhões de dólares, de pedras já encaixotadas, prontas para o despacho, dependendo apenas de resolver pequenos problemas burocráticos.

Só a Bahia poderá exportar até 1 bilhão de dólares por ano, em pedras deste tipo.

Em alta

O banqueiro alemão Hermann Abs, presidente do Deutsche Bank contou a amigos que há dois anos, em reunião no Fundo Monetário Internacional, seus colegas de Conselho concluíram que deveriam colocar o Irã em posição de destaque — alegando que se tratava de país rico em petróleo, com moeda estável e disposição de investir no Ocidente.

— Eu disse então que, apesar do petróleo do Xá, preferia comprar ações do Brasil. Era mais seguro.

■ ■ ■

E termina explicando:

— O Irã foi um desastre para o Ocidente. Mas o Brasil continua com suas ações em alta.

Adesões

Com as filiações dos Deputados Rui Codó, de São Paulo, e Harry Sauer, do Rio Grande do Sul, o PMDB somará 110 deputados. O líder Freitas Nobre está aguardando mais cinco ou seis adesões.

Harry Sauer, por sinal, foi indicado pela liderança do PMDB para integrar a delegação brasileira às reuniões da ONU, como observador parlamentar.

Túneis

Operários da Ferrovia do Aço comemoraram na última quinta-feira, com um churrasco, o encontro das duas turmas de perfuração do Túnel dos Espraiados, próximo a Quatis, no Estado do Rio, com quase um quilômetro de extensão. A comemoração de encontro de turmas já se repetiu 23 vezes desde o início da obra e faltam 43 túneis a serem perfurados.

O maior deles, conhecido pelos operários como *Tunelão*, com quase 9 quilômetros, completou um terço de perfuração.

Pausa

A Superintendência Regional da Polícia Federal do Rio, na Av Rodrigues Alves, adotou hábito espanhol de funcionamento: é a única repartição pública que cerra suas portas diariamente de 12h às 14h.

Provavelmente para a sesta.

Barra da Tijuca

A Secretaria Municipal de Obras concluiu estudo que visa disciplinar a operação de 25 linhas de ônibus da Barra da Tijuca, que transportam, diariamente, 167 mil passageiros.

E, como forma de estimular o uso de transporte coletivo, construirá estacionamento para mil carros, ao lado de novo terminal com 18 pontos, na Av das Américas com Av Alvorada.

Lance-livre

- O Conselho de Desenvolvimento Político se reúne amanhã, às 15h, com uma pauta em aberto. Segundo o Senador José Sarney isto significa que serão tratados assuntos relacionados com a emenda que devolve as prerrogativas do Congresso, a emenda da volta das eleições diretas e a onda de terrorismo. Além, é óbvio, das manifestações de satisfação pela aprovação da emenda Anísio de Souza.

- **Em plena campanha eleitoral pelo Governo do Estado do Rio para a sucessão do Sr Chagas Freitas, o Senador Saturnino Braga (PMDB) já tem na agenda de todas as terças-feiras um compromisso definido: contatos com operários nas portas de fábricas. Ele chega às 5h e sai quando os portões são fechados.**

- Já no prelo o livro **Contribuição apra a História do Primeiro Governo de Esquerda no Brasil** (Conselho de Ministros Brochado da Rocha, 1962), do professor Roberto Lyra.

- **A região de Oita, no extremo Sul do Japão, pode vir a ser a área escolhida para a construção de um super porto capaz de receber navios de até 400 mil toneladas — o que atenderá aos interesses de exportação de produtos brasileiros. Atualmente, esta exportação para o Oriente é feita em navios de até 50 mil toneladas, com exceção do minério-de-ferro descarregado em Mindanao, nas Filipinas.**

- Um dos mais tradicionais restaurantes de Brasília — Le Coq — encerrou suas atividades. O imóvel será transformado numa casa de roupas para homens.

- **O Governador Paulo Maluf já está com nova viagem programada: irá a Campo Grande visitar o Governador Marcelo Miranda.**

- Amanhã o Secretário Arnaldo Niskier inaugura na Avenida Bartolomeu Mitre, no Leblon, o Centro de Estudos Supletivos Professor Antonio Maria Teixeira Filho.

- **Amanhã, às 21h, na Avenida Ataulfo de Paiva, 135, loja 108, será lançado o romance Roda de Fogo, de Ildásio Tavares.**

- "Olha o Everaldo". É assim que muitos portugueses exclamam ao ver o cartaz de propaganda com a figura do General Soares Carneiro (candidato à Presidência da República pela coligação de centro-direita, Aliança Democrática) referindo-se ao intérprete da telenovela **Dancig Day**, que faz o papel de governante. **Everaldo** é extremamente parecido com o General Soares Carneiro, a ponto de sugerir a comparação.

- **Estão gripados os Deputados Miro Teixeira, Marcelo Linhares e Simão Sessim. A gripe foi contraída na madrugada do dia 4 durante a votação da emenda prorrogando mandatos municipais.**

Senador paranaense quer o PMDB mobilizado e só aceita união com o povo

Brasília — O PMDB foi apontado como "a mais válida alternativa do Poder", entre os Partidos de Oposição, pelo Senador José Richa, do Paraná, que pretende comandar, em seu Estado, um movimento de arregimentação oposicionista para que as convenções partidárias se realizem nos prazos previstos, em todos os municípios.

Acha que o regime "está vivendo uma guerra interna" da qual o PMDB, no seu modo de ver, deverá tirar proveito procurando organizar-se e se fortalecer, através de "uma união nacional com o povo". Isso será tema da reunião do Partido, nas próximas terça e quarta-feiras, convocada pelo presidente, Deputado Ulysses Guimarães.

CONVENÇÕES

Sua opinião é de que o movimento terrorista tem o único objetivo de provocar um retrocesso político, para implantação de uma ditadura da extrema direta. Acha que o Governo tem-se mostrado impotente para reprimir a violência, razão pela qual defende "a união de todos os democratas".

Dentro desse clima de expectativas é que prega "a excepcional importância da organização do PMDB no maior número possível de municípios", garantindo o cumprimento do calendário para as convenções municipais, a 12 de outubro próximo: as estaduais, em 23 de novembro; e a nacional, em 7 de dezembro.

Na reunião da próxima terça-feira, segundo afirmou, o presidente Ulysses Guimarães anunciará a necessidade de fortalecimento e unidade do Partido, em todos os seus setores, "e reafirmará nossa disposição de luta".

Disse o Senador paranaense que a mobilização geral do PMDB vai demonstrar que o Partido tem condições de exibir sua força política. O Partido, segundo ele, vai dar uma resposta à prorrogação de mandatos e ganhará as eleições para governador.

Partido orienta os convencionais

A direção nacional do PMDB mandou imprimir e já está distribuindo milhares de folhetos com instruções às convenções municipais, marcadas para o dia 12 de outubro. As regionais serão em novembro e a nacional em dezembro. Nas convenções, devem ser discutidos e votados o programa, o manifesto e o estatuto do Partido.

Na publicação, o presidente e o secretário-geral do Partido afirmam: "A direção nacional do PMDB agradece o ingente esforço dos dirigentes e correligionários que, em todo o país, vencem as etapas decisivas para a definitiva organização de um grande Partido de teor popular, para as transformações políticas e sociais que o Estado e a sociedade brasileira reclamam."

E concluem: "Tais compromissos só serão possíveis a partir da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte."

Fluminenses têm dificuldades

O PMDB fluminense tem dificuldades em 18 dos 63 municípios do interior para realizar as suas convenções do próximo dia 12 de outubro e em pelo menos 10 deles não deverá constituir diretórios. No Rio, num trabalho quase que pessoal, o Senador Nélson Carneiro conseguiu criar comissões provisórias em todas as 25 Zonas Eleitorais.

As dificuldades do PMDB no Estado do Rio aumentaram no interior, a partir da opção feita pelo Senador Amaral Peixoto, que ao se filiar ao PDS tirou do Partido sucessor do MDB uma série de importantes e diligentes cabos eleitorais, acostumados desde os tempos do extinto PSD a missões de estruturação partidária.

O Deputado Celso Peçanha, presidente da comissão municipal provisória do PMDB de Niterói, chegou a tentar, há uma semana, em Brasília, um pequeno adiamento da data de realização das convenções municipais do Partido, mas os Srs Ulysses Guimarães e Aldo Fagundes, presidente e secretário da Executiva Nacional, não aceitaram as suas ponderações.

Em seus contatos, o Sr Celso Peçanha argumentou que era o responsável, além de Niterói, por mais 10 diretórios pemedebistas no Estado do Rio, e temia que não pudesse realizar convenções em todos eles por falta de tempo para filiar eleitores. A própria lei aprovada, recentemente, pelo Congresso, permitindo que as inscrições partidárias se estendam até 15 dias antes das convenções, ajuda pouco no caso particular dos pemedebistas fluminenses.

Com poucos prefeitos — apenas quatro — e um conjunto de vereadores que não chega a 100 dos 800 eleitos em 1976, o PMDB fluminense não contou, como o PDS e o PP, com bases diretamente interessadas na arregimentação maciça de eleitores. "Se conseguir, ainda, assim, compor diretórios em 80% do Estado, terá conseguido uma grande façanha", disse o Deputado Otime dos Santos, que é um dos coordenadores do Partido na Região dos Lagos.

Abi-Ackel troca decurso de prazo pelo voto só dos líderes

Belo Horizonte — O Ministro Ibrahim Abi-Ackel depois de garantir ontem que os processos judiciais contra deputados não param a abertura, revelou que discutirá amanhã com o Presidente Figueiredo uma nova alternativa para a aprovação no Congresso de projetos de lei de interesse do Governo, com o fim do decurso de prazo. Eles poderão ser aprovados, em alguns casos, com os votos apenas dos líderes de bancadas.

Pela fórmula, decorrido o prazo — seja ele qual for — e não votado, o projeto de lei entra automaticamente na ordem do dia, em regime de urgência, preterindo todos os demais projetos. Se ele não for votado durante seis sessões — ou após 12 chamadas para a votação — "nem por isso o país deve ficar parado à espera da evolução parlamentar no sentido da votação. Aí, então, a matéria será votada pelo líder de cada bancada", revelou o Ministro.

MURO

O Ministro da Justiça disse que a proposta de emenda por ele sugerida busca evitar que, com a extinção do decurso de prazo, através da proposta que havia sido apresentada, a atividade parlamentar entre em recesso. Explicou que tem em vista aperfeiçoar a emenda Flávio Marcílio, que estabelece, apenas, que decorrido o prazo fixado para a tramitação, a matéria se ergue na pauta como uma espécie de muro intransponível e represa toda a matéria em tramitação, parando completamente toda a atividade parlamentar.

O Sr Abi-Ackel disse, ainda, que no despacho de amanhã com o Presidente Figueiredo apresentará outros aspectos das prerrogativas, em termos já de sugestão final ao relator Aloísio Chaves. Levará, também, a forma final do projeto que elaborou para a alteração da lei dos estrangeiros.

"Em matéria de natureza política, são estes os dois pontos que examinarei com o Presidente na reunião de amanhã. Na área do terrorismo, nada há para discutir com o Presidente, porque ele é informado de todos os acontecimentos".

ASPIRAÇÃO NACIONAL

O Ministro assegurou que os processos movidos contra os Deputados João Cunha e Genival Tourinho "não atrapalharão o processo de abertura, como nem poderiam perturbar. O processo de abertura política é uma aspiração nacional da qual o Presidente da República se fez intérprete e ele transcende, evidentemente, pela sua importância, a episódios e acidentes".

— Se por ventura — acrescentou — um processo dessa magnitude pudesse ficar à mercê seja de atentados terroristas, seja de acidentes eventuais, seria um processo muito débil e evidentemente destinado à falência. Ele prosseguirá, a despeito de quantas dificuldades se ergam contra ele ou a ele se oponham.

"É incrível que tenhamos que afirmar que o processo de abertura política não é do Governo, não é do Presidente Figueiredo, nem é do PDS, mas é da nação brasileira, que deve desenvolver-se dentro do regime democrático, fundado na justiça social."

— O Presidente da República é o fiador, o avalista do processo de abertura, é o condutor seu, e faço questão de frisar isto. Mas nem por isso, nem pelo fato de ser ele o fiador e o condutor do processo, ele deixa de interessar a todas as correntes, todos os segmentos da sociedade brasileira.

LINGUAGEM

O Ministro da Justiça deu razão ao Vice-Presidente Aureliano Chaves, que sugeriu maior moderação na linguagem parlamentar. "O momento político atual está sendo marcado realmente por forte extravassamento verbal".

Reconheceu que extravasamentos sempre existiram na vida pública brasileira e em qualquer país, "mas sempre se manifestaram e se manifestam em outros países nas noites de crise, no momento da votação de projetos mais polêmicos. São atípicos, são acidentais e, portanto, absorvíveis na medida em que são recebidos com alguma coisa excepcional".

Ele acha, porém, que o traço de preocupação da atualidade política brasileira é que o excesso verbal está-se tornando uma constante, recrudescendo cada vez mais. "Isso dificulta o diálogo, muitas vezes até o impede. Porque eu próprio, como coordenador político do Governo, muitas vezes sou obrigado a adiar o diálogo em razão de colocações verbais muito agressivas, até injuriosas".

— Como a política se alimenta só de conversa, só de diálogo, na medida em que este se torna impossível ou permanentemente se adia, também se tornam impossíveis ou adiadas as soluções necessárias para o país.

O Ministro salientou que sempre conversa com os setores da Oposição, mas ressaltou que, ultimamente, tem conversado com a Oposição mais em torno de questões específicas, como a lei dos estrangeiros e o projeto de prerrogativas. Ele acha, no entanto, que isto é bom, porque as conversas têm sido com objetivos determinados.

Arquivo — 13/2/80

O Ministro Abi-Ackel acredita que o processo de abertura não pára

Figueiredo volta a despachar amanhã

Brasília — Recuperado da gripe que o mantém desde quarta-feira em repouso na Granja do Torto, o Presidente João Figueiredo retorna amanhã à sua rotina de trabalho no Palácio do Planalto, quando despachará com cinco Ministros de Estado, concederá duas audiências e, ao final do dia, comparecerá à cerimônia de instalação do encontro Centro-Oeste, no Itamarati. Este compromisso será sua primeira aparição pública desde que interrompeu suas atividades normais, o que gerou uma série de boatos em Brasília.

Correram versões de que Figueiredo não estaria gripado, mas profundamente irritado com dificuldades encontradas dentro do próprio Governo na apuração dos recentes atentados terroristas, o que o teria levado a se retirar para a Granja do Torto.

Atendendo ao Programa de Cooperativas do BNH, a COFRELAR, COOHAB-SCSSE, ASCOP e VEPLANTEC assinaram contrato de empréstimo para construção de 992 unidades habitacionais de sala/2 quartos, na Estrada da Velha da Pavuna nº 4670. O valor total do contrato é de Cr$ 940.815.555,32. Na foto: ao centro, pela Cofrelar, Dr. Waldemar Costa — Vice-Presidente; à sua direita, pela Ascop, Dr. José Matias Cutz — Presidente; à sua esquerda, pela Cooperativa Habitacional de Sócios do Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército, Dr. Plínio Molete — Interventor; e nos extremos, pela Veplantec, Drs. José Luiz Ottoni de Carvalho e Ricardo Barata Ribeiro — Diretores.

Camponeses também exigem mais participação na Polônia

Varsóvia — A maior organização política não comunista da Polônia, o Partido Unificado dos Camponeses, pediu uma maior participação nos assuntos do país, como "um autêntico aliado do regime". Sugeriu a separação de poderes entre Legislativo, Executivo e Política "em todos os níveis administrativos".

Organizadores dos novos sindicatos livres, no centro grevista de Gdansk, acusaram ontem algumas autoridades polonesas de importunarem os operários que tentam entrar nas novas agremiações sindicais. E fontes dissidentes confirmaram a existência, ainda, de inúmeras greves no país. Numa das fábricas, a paralisação se deveu a pressão contra os novos sindicatos.

Com os comunistas

O Partido Unificado dos Camponeses, numa declaração emitida sexta-feira, ao fim de uma convenção realizada em Varsóvia, propôs que, na divisão de poderes, "o nível Legislativo tem de ser superior ao Executivo". O Partido, que conta com uns 430 mil associados, afirmou que aceita o "papel dirigente" dos comunistas, assim como o sistema socialista da Polônia e sua aliança com Moscou.

Mais greves

Fontes de organizações dissidentes informaram em Varsóvia que continuava havendo greves no setor do transporte público de Plock, entre os operários das indústrias de laticínios em Zakopane, na construção de vagões ferroviários em Nowy Sacz e em algumas pequenas empresas de Walbrzych.

Numa fábrica em uma cidade ao Sul de Varsóvia, os trabalhadores entraram em greve porque a gerência colocou um aviso dizendo que os que passarem para os novos sindicatos perderão vários benefícios financeiros. "Em muitos lugares, mesmo em Gdansk, as pessoas que querem entrar nos novos sindicatos encontram dificuldades. Gerentes lhes dizem que não façam isso", disse um organizador em Gdansk.

Um funcionário na sede do sindicato independente em Gdansk confirmou que o líder operário Lech Walesa estava furioso com uma suposta declaração feita pelo sindicato oficial, de que os operários que aderirem aos novos sindicatos perderão a assistência médica e social. Mas negou que tivesse havido paralisações do trabalho nos estaleiros da cidade por isso.

O funcionário disse que se está recomendando aos operários que queiram filiar-se aos novos sindicatos que permaneçam nos oficiais, "até que possamos oferecer-lhes os mesmos benefícios." E explicou que eles poderão perder alguma assistência social, mas não toda.

Uma autoridade do Governo disse à imprensa que o novo líder do Partido Comunista, Stanislaw Kania, se reunirá brevemente com o Presidente soviético Leonid Brejnev. Kania revelou que conversou com Brejnev, por telefone, poucas horas depois de ter substituído Edward Gierek, sábado passado.

Kania tenta unificar o Partido

William Waack
Correspondente

Bonn — O novo líder do Governo polonês, Stanislaw Kania, está programando um congresso de emergência como maneira de restaurar a abalada unidade do Partido Operário Unificado. Durante sua primeira semana como novo primeiro-secretário e Chefe do Governo, ele concentrou seus esforços na manutenção da união do Partido, preparando simultaneamente as bases para introduzir as reformas políticas e econômicas contidas no compromisso assinado com os trabalhadores.

A principal tarefa no momento já foi claramente definida pelo novo líder polonês. "Restaurar a confiança das classes trabalhadoras e de todos os operários no Partido", disse Kania em seu discurso logo após suceder a Edward Gierek como chefe do Partido. Imediatamente após assumir o cargo, Kania procurou estabilizar as frentes interna e externa. A Moscou, mandou o negociador de Gdansk, Vice-Primeiro Ministro Miecslaw Jagielski, que se encontrou com Leonid Brejnev e conseguiu da União Soviética novas promessas de ajuda econômica e financeira. Internamente, enfrentou a grave situação política empreendendo, dois dias após subir ao topo do Partido, uma viagem pelas principais regiões conturbadas na Polônia.

Apoio moral

Gierek havia feito o mesmo quando substituiu Gonulka, em 1970. A diferença fundamental entre as duas situações é que Gierek comandou pessoalmente as negociações com os trabalhadores em greve, e infundia na população grande simpatia, com seu estilo aberto e direto, além de sua origem humilde de uma família de mineiros.

Kania nem se preocupou em conversar com os líderes da greve no Norte do país ou na bacia carbonífera da Baixa Silésia. Sua intenção principal era solidificar o Partido e transmitir apoio moral aos abalados líderes locais da organização. Ele sabe perfeitamente que seu nome até uma semana atrás era pouco conhecido da maioria da população, e que lhe faltam o carisma e o estilo pessoal de Gierek. Desta vez, a desconfiança da população em relação às promessas do Governo e o descrédito, alcançado pelo Partido teriam impedido qualquer contato frutífero entre Kania e os trabalhadores.

O novo líder do Partido mostrou grande senso de realidade, e parece estar consciente de que estabelecer a própria credibilidade não será tão fácil como foi feito por Gierek. Falando ao Comitê Central, Kania observou, aliás, que o Partido talvez não necessite do "protótipo do líder" popular e carismático, como experimentou até agora através de Wladislaw Gomulka e Edward Gierek. Para o novo líder polonês, as instituições são mais importantes que os indivíduos, quando se trata de garantir as reformas.

O principal veículo sugerido pelo novo líder para institucionalizar as reformas é a realização de um congresso de emergência do Partido. Normalmente, os congressos do Partido são realizados a intervalos de quatro anos. Acontecimento extraordinário, um congresso de emergência pode significar mudanças profundas na política econômica e também nos principais postos. Fontes polonesas comentam, insistentemente, que o processo de modificações na cúpula do Partido e do Governo está ainda em pleno movimento.

"Gierek não entendeu que as causas básicas da crise estavam na estrutura do sistema,

Arquivo — 6/9/80

Stanislaw Kania

e pensava que a agitação podia ser contida com aumentos de salário", disse esta semana o prestigiado redator-chefe do semanário Polytika Mieczyslaw Rakowski. "Ainda há muita gente pensando assim, e muita gente que não quer mudanças, e esses terão de sair. Mas, até que saiam, haverá uma grande luta", acrescentou. Rakowski é membro do Comitê Central do Partido, e disse estas frases numa reunião pública da União dos Escritores Poloneses.

O argumento do novo chefe do Partido para justificar um congresso extraordinário é que a Polônia mudou bastante após as greves deste verão, e as diretrizes do oitavo congresso do Partido Operário Unificado, realizado em fevereiro último, não estão adaptadas a essa evolução. Uma mudança de estratégia nas diretrizes do Partido só pode ser sancionada por um congresso pleno, que talvez fosse realizado até o final deste ano.

Credibilidade

Um congresso de emergência poderia trazer várias vantagens para Kania. Seria, por exemplo, uma excelente oportunidade para encerrar a Era Gierek e colocar seu próprio signo no Partido. Se o programa de reformas for aceito com boa maioria, politicamente, Kania terá comprado o tempo que necessita para tentar fazer com que o país saia depressa da má situação econômica em que se encontra.

A razão primordial para realizar um congresso de emergência seria, contudo, o esforço para restaurar a unidade e, principalmente, a credibilidade do Partido — ambas muito abaladas após os meses de agitação social e as reviravoltas do 24 de agosto. Kania precisa conseguir, em primeiro lugar, que o Partido reencontre confiança em si mesmo, e para isto pode contar com uma grande fatia entre os 3 milhões de afiliados, disposta a empreender as reformas políticas exigidas pelos trabalhadores e intelectuais.

Um dos trunfos de Kania pode ser, paradoxalmente, o fato de que ninguém coloca muitas esperanças em sua pessoa (ao contrário do que ocorreu com Gierek). "Paciência e humildade serão necessárias para restaurar a confiança dos trabalhadores no Partido", ele disse logo em seu primeiro discurso.

Por enquanto, esta confiança está no nível mais baixo. No país inteiro, há fortes ameaças à existência da união oficial dos sindicatos, que está confrontada com o perigo de desintegração diante da onda de formação de novas organizações e do número de membros que a estão abandonando. Os trabalhadores das docas e os marinheiros organizados até agora oficialmente decidiram fazer uma reunião para considerar o abandono em massa da organização antiga, fundando uma nova representação. Em Varsóvia, operários de 30 fábricas reuniram-se num sindicato regional independente.

Uma atitude similar está sendo tomada pela União dos Trabalhadores Culturais, que representa mais de 100 mil pessoas, entre elas os jornalistas. Um encontro de mais de 200 jornalistas e escritores terminava, esta semana, com um apelo para a formação de uma entidade especial dentro desse sindicato. Os jornalistas têm protestado não só contra a censura oficial, mas também contra medidas tomadas por altos funcionários do Partido ou mesmo por seus editores.

A onda de autocrítica chegou também aos gabinetes responsáveis pela política econômica. Henryk Kiesel, ex-Ministro das Finanças e agora chefe da comissão de planejamento, declarou ao jornal inglês Financial Times *que "investimentos improdutivos" foram a principal causa do fracasso da política econômica de Gierek. Com grande prestígio entre os banqueiros ocidentais, Kiesel é um economista muito conhecido e apreciado por sua franqueza. "Nossa incapacidade de prever o futuro e nossos erros econômicos são a causa dessa crise", afirmou.*

Kiesel garantiu através do Financial Times *que seu país pagará até o último centavo os 20 bilhões de dólares que deve e agradeceu aos banqueiros americanos, japoneses, alemães e ingleses o fato de terem mantido seus créditos à Polônia. "É um testemunho de confiança em nosso povo e em nossa classe trabalhadora", declarou.*

William Waack esteve recentemente na Polônia

Dissidente do KOR é libertado

Varsóvia — A libertação de um redator da revista clandestina polonesa **Robotnik (O Trabalhador)**, Edmund Zadrozynski, de 49 anos, ligado ao Comitê de Autodefesa Social (KOR), e preso por roubo a 1º de julho de 1979, foi anunciada ontem em Varsóvia. Ele é o terceiro "preso político" cuja soltura era exigida pelos grevistas de Gdansk em suas negociações com o Governo.

Os outros dois são Marek Kozlowski e Jan Kozlowski, que não têm nenhum laço de parentesco um com o outro. Segundo o KOR, Zadrozynski é um inválido que foi preso várias vezes desde 1976, quando organizou uma greve numa fábrica de Grudzoz, onde trabalhava. Acusado de roubo, foi condenado em março a três anos de prisão e uma multa pesada. Transpirou que seu processo será revisto.

Moscou chama a AFL-CIO de máfia

Moscou — O **Pravda**, órgão oficial do Partido Comunista da União Soviética, acusou ontem os sindicatos americanos de explorarem a situação trabalhista na Polônia e comparou o presidente da poderosa AFL-CIO, Lane Kirkland, e outros líderes sindicais dos Estados Unidos a "chefões da Máfia".

"A crosta reacionária da AFL-CIO, dirigida pelo seu presidente Lane Kirkland, está tentando lançar uma campanha internacional de sindicatos reformistas direitistas", diz um comentário publicado pelo jornal, que destacou as ações da central sindical americana para apoiar as greves na Polônia, que a URSS considera provocadas por forças "anti-socialistas".

O longo comentário diz ainda que os sindicatos americanos têm sido tradicionalmente inimigos "paranóicos" da União Soviética e seus aliados. "Não é por acaso que os líderes sindicais americanos são tratados como "chefes". Em sua maioria, os sindicatos americanos são negócios para fazer dinheiro. Seus métodos lembram os dos chefões da Máfia", diz o **Pravda**.

Gierek melhora e pode voltar

Varsóvia — O estado de saúde do ex-líder do Partido Operário Unificado da Polônia, Edward Gierek, melhorou ontem, depois do ataque cardíaco que ele sofreu no fim de semana passado, pouco antes de ser destituído de seu cargo de primeiro secretário-geral do Partido, informou o jornal comunista polonês **Trybuna Ludu.**

Arquivo/26/6/76

Edward Gierek

Uma autoridade polonesa em Varsóvia não excluiu a possibilidade de Gierek ainda vir a exercer um papel futuro na vida política da Polônia, mas observou que ele é um homem doente. Sexta-feira à noite, em Paris, Richard Wojna, membro do Comitê Central do POUP, disse à televisão francesa: "Gierek deve ser nomeado presidente de honra do Partido."

A informação sobre o estado de saúde de Gierek, no **Trybuna Ludu**, é endossada por uma equipe de seis médicos que tratam do líder polonês, de 67 anos, desde que ele foi hospitalizado a 5 deste mês com o que se descreveu como "graves irregularidades no funcionamento do coração." Umas seis horas depois disso, ele era destituído de seu cargo e substituído por Stanislaw Kania.

Soviéticos podem ir a Marte

Paris — O cosmonauta soviético Valery Sevastianov disse ontem em Paris que seu país não pretende enviar homens à Lua, mas que provavelmente o fará a Marte. Disse que o programa espacial da União Soviética continuará aumentando progressivamente o tempo de permanência de cosmonautas no espaço, em órbita terrestre e que um vôo a Marte requereria, no total, três anos.

Sevastianov, que se encontra em Paris para assistir à feira anual organizada pelo jornal comunista **L'Humanité**, disse que o próximo cosmonauta estrangeiro que participará de uma missão espacial soviética será de nacionalidade cubana, depois um mongol e um romeno. Dois pilotos franceses selecionados para participar de um vôo espacial soviético já viajaram para a União Soviética para treinamento.

Afegãos matam Ministro

Islamabad/Nova Déli — Rebeldes muçulmanos afegãos que lutam contra o regime de Cabul afirmaram ontem que mataram na quarta-feira passada o Ministro afegão para Questões Fronteiriças, Faiz Mohammad. Um porta-voz da Frente Islâmica do Afeganistão disse que o Ministro morreu num ataque rebelde, enquanto fazia um discurso em Jadran, província de Paktia.

A Embaixada norte-americana na Índia começou a receber pedidos de visto de entrada para os Estados Unidos de refugiados afegãos, e espera poder aceitar cerca de 200 afegãos, segundo afirmou um funcionário consular da missão.

A concessão de vistos para refugiados obedece a uma emenda acrescentada à lei sobre refugiados nos Estados Unidos que entrou em vigor no dia 1º de abril. A nova lei não se aplica apenas a refugiados afegãos, mas até o momento eles foram os únicos que solicitaram vistos. Nova Déli e outras nove embaixadas norte-americanas em todo mundo têm uma quota inicial que permite a concessão de vistos a apenas 200 pessoas que até o final do ano.

Rádio JB debate situação da URSS

UNIÃO SOVIÉTICA: Aspectos políticos, econômicos e sociais, analisados pelo correspondente do JORNAL DO BRASIL em Moscou, Noêmio Spínola. Este será o tema do debate desta segunda-feira, às nove horas da manhã, na Rádio JORNAL DO BRASIL-AM, apresentado por Eliakim Araújo, com a participação do Departamento de Radiojornalismo.

NOVO REFRIGERADOR CLIMAX LUXO
230 Litros 9.750,
290 Litros 10.690,
COMPRE SINGER E GANHE UM VALIOSO BRINDE
MÁQUINA SINGER BIONICA - Portátil com Maleta
16.950,
LAVADORA LAVINIA SUPER AUTOMÁTICA
4 Programas de Lavagem - 4 Kilos 19.700,
5 Programas de Lavagem - 6 Kilos 23.700,
AR CONDICIONADO BRASTEMP - Mod. 25-F 10.000 BTU - 2.500 Kcal/h 1 HP. - 110 V
Entrada 6.750, 9 x 2.394, à vista 22.500, Total 28.296,
Tela de Ofertas
PHILIPS
TV. PHILIPS PORTÁTIL Mod. 721 - 44 cm - 17"
9.100,
SANYO
TV. SANYO A CORES - Mod. 3714 34 cm. 14"
Entrada 9.295, 10 x 3.032, à vista 30.950, Total 39.615,
Série Ouro SHARP
NOVO TV. SHARP 2008-A - Controle Remoto 51 cm. 20"
43.800,
National
TV. NATIONAL CORES - Mod. 205 - 480 mm. 20"
38.500,
DIVERSOS
GRILL FAET Torradeira e grelha p/Wafles 2.940,
FERRO FAET SUPER LUXO Ultra Leve automático 750,
ASPIRADOR ELETROLUX Z-88 - Portátil - Super potência 2.950,
ENCERADEIRA ELETROLUX Mod. B. 25 3 escovas esmaltada 3.450,
ELETROFONE GRUDING Mod. 620 - com caixas 12.990,
MOTOR SINGER P/ Máq. de Costura 1.200,
BARBEADOR PHILIPS 3 cortadores (Novo Modelo) 4.750,
MÁQUINA SINGER PONTO DE OURO Com gabinete de luxo 8.580,
GRAVADOR SHARP Mod. 600X - Micro embutido. Pilha e corrente 3.250,
TOCA FITAS SHARP Mod. 5.700X - Reversão automática-Rádio AM/FM 7.400,
PANELA MARMICOC 2 1/2 Litros - com válvula de segurança 590,
MÁQUINA REMINGTON 15 Portátil 6.960,
BATERIA MARMICOC 29 Peças - Polida 3.765,
FOGÃO SEMER 8090 4 Bocas + Banho-Maria Churrasqueira 18.950,
FORNO ELETRÔNICO SANYO QUICK COOKER O mais avançado e famoso forno do mundo.
48.500,
PRODUTOS ARNO
ASPIRADOR DE PÓ Junior - Portátil 2.325,
BATEDEIRA DE BOLO Portátil - Lindas cores 1.250,
ENCERADEIRA 1 HASTE Carcaça pintada 2.450,
NOVO ESPREMEDOR DE FRUTAS Leve e Prático 1.065,
LIQUIDIFICADOR Com jarro plástico e medidor 1.050,
SECADOR DE CABELOS Júnior - Portátil 865,
ABRIDOR AFIADOR AUTOMÁTICO Um acessório moderno e útil 1.490,
FOGÃO BRASTEMP Mod. 76-E Advanced Line 6 Bocas - Super Automático.
20.495,
LAVA LOUÇA BRASTEMP Automática - Lava, Enxágua, Esteriliza e Seca toda a louça.
37.950,
TELEFUNKEN
TV. TELEFUNKEN A CORES - Mod. 363 PORTÁTIL - 36 cm. 14" Antena Dupla
25.990,
FOGÃO CONTINENTAL 2001 ARABESQUE Tampa de Cristal
à vista 9.230, Entrada 2.775, 10 x 904, Total 11.815,
LAVADORA BRASTEMP Minimática
13.490,
PRODUTOS WALITA
LIQUIDIFICADOR LS-200 Ultra Rápido 1.370,
SECADOR DE CABELOS Portátil c/bico direcional 1.050,
BATEDEIRA DE BOLO Tope-Tudo Completa. - Lindas cores 2.190,
ENCERADEIRA CHÃO DE ESTRELAS Motor ultra-aperfeiçoado 2.950,
CENTRÍFUGA Extrai suco em segundos 2.350,
FERRO AUTOMÁTICO Ultra Leve 790,
GELADEIRA CONSUL S. LUXO - Mod. 2827 285 Litros
à vista 10.650, Entrada 3.200, 10 x 1.043, Total 13.630,
FOGÃO SEMER RIVIERA Mod. 1020 - 4 Bocas V. Côres
3.990,
MÁQUINA OLIVETTI Letera 31 - Portátil com estojo
6.900,
AR CONDICIONADO CONSUL - Mod. 1711 7.000 BTU - 1.750 Kcal/h 3/4 HP. - 110 V
Entrada 5.620, 9 x 1.988, à vista 18.700, Total 23.512,
AR CONDICIONADO GELOMATIC - Mod. 101-C 10.000 BTU - 2.520 Kcal/h 1 HP - 110 V.
Entrada 6.570, 9 x 2.330, à vista 21.900, Total 27.540,
CONJUNTO SHARP SG-220 3 EM 1 Toca-Disco Tape-Deck e Rádio.
31.500,
Tele-Rio
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 13
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 44/48
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 114/116
CENTRO - RUA DO ROSARIO, 174
CENTRO - RUA DA ALFANDEGA, 261
CENTRO - RUA BUENOS AIRES, 294
CENTRO - RUA 7 DE SETEMBRO, 183 e 187
CINELANDIA - RUA SEN DANTAS, 28/36
COPACABANA - RUA SANTA CLARA, 26 A e B
COPACABANA - AV N S COPACABANA, 807
TIJUCA - RUA CONDE DE BONFIM, 597
MEIER - RUA DIAS DA CRUZ, 213
MADUREIRA - RUA CARVALHO DE SOUZA, 263
CAMPO GRANDE - RUA CORONEL AGOSTINHO, 24
BONSUCESSO - PRAÇA DAS NAÇÕES, 394-A
NOVA IGUAÇU - AV AMARAL PEIXOTO, 400-406
NITEROI - RUA VISCONDE DE URUGUAI ESQUINA COM SAO PEDRO
LOJA MATRIZ E ATACADO - ENG ARTHUR MOURA, 268 BONSUCESSO (PBX) 280-8822
CENTRO E ZONA SUL (PBX) 244-2115
LOJAS TIMES SQUARE
DEPTO. ATACADO ENG. ARTUR MOURA 268 - 3º - TEL. 280-8822 - BONSUCESSO

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1980

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito — Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro — Diretor: Bernard da Costa Campos
Editor: Walter Fontoura — Diretor: Lywal Salles

Teste de Competência

Estão os políticos brasileiros, neste momento, diante de uma situação que passou a lhes exigir maior capacidade do que demonstraram na primeira etapa da abertura do regime.

Trata-se de uma prova de competência política, mas também de compromisso democrático. Os indícios de exacerbação radical estão-se adiantando no espaço que os políticos hesitam em ocupar. Manifestam-se os sinais ativos do radicalismo como se o país não se tivesse beneficiado de uma anistia de resultados amplos.

No entanto, o Governo limpou o terreno. Retirou as armadilhas do arbítrio e tem demonstrado, em sucessivas oportunidades, a determinação de cumprir todas as suas intenções de fazer deste país uma democracia. A próxima etapa desse compromisso resgatado sem atropelo será a restauração do pleito direto para o Governo dos Estados.

A abertura não pode ser, no entanto, a ação unilateral do Governo e a omissão dos políticos, sem restringir a feição democrática que terá de estampar-se no regime constitucional. É o que tem sido a abertura: iniciativas do Governo e parcimoniosa colaboração dos políticos. A despeito de medidas amplas, como a anistia e a reformulação partidária, tomadas a tempo para varrer prevenções, perdura uma atitude de resistência à colaboração geral. Nisso se destaca, em particular, o PMDB, identificado com o passado até mesmo na nostalgia de fazer subsistir um bipartidarismo de fato.

Não entendeu o PMDB o alcance real do pluripartidarismo: ignorou-lhe os benefícios e mantém-se cego às suas conseqüências. A demolição da estrutura bipartidária era a preliminar da abertura do regime. Para encaminhar um estágio democrático de evolução política, era indispensável que a idéia e a estrutura revolucionária fossem substituídas por um conjunto de medidas institucionais profundas.

Para extinguir-se um programa revolucionário era imprescindível que se extinguisse também o pólo político oposto. Enquanto a luta política se desenrolasse entre Revolução e Oposição, o Brasil estaria submetido a uma opção tirânica e radicalizante. A estratégia da abertura teria de contemplar com prioridade a destruição das duas matrizes, para viabilizar a transformação institucional do regime em democracia.

Franqueado o pluripartidarismo, o que se viu, porém, foi o PMDB centrar-se na resistência ao encaminhamento natural de tendências de que tivera o monopólio por circunstância do bipartidarismo. O PMDB fez-se um rochedo impermeável às ponderações políticas e vem resistindo à compreensão objetiva dos fatos. O sentido tirânico com que o PMDB convive com as nascentes tendências desagregadas pela demolição do bipartidarismo é um exercício de intolerância política.

A conseqüência adianta-se aos cálculos, mas pelo lado indesejável: despertam os radicalismos, com um novo grau de organização e atuação possibilitadas pela própria abertura política. Assim, os maiores beneficiários parecem ser exatamente os grupos predatórios, que deveriam ser os mais prejudicados em qualquer democracia, já que não lhes interessa a mínima normalidade.

A questão radical sobrepôs-se à abertura como uma sombra que projeta formas ameaçadoras. Era isto que pretendia o PMDB? Se não era, parece. Não pode, no entanto, ser atribuído a uma oculta intenção do Governo todo o radicalismo que, de aparente, se faz real.

É que o PMDB, de modo particular, mas todas as correntes de oposição, de modo geral, querem situar-se no jogo político sem assumir responsabilidades, porque se reservam para disputarem a oportunidade eleitoral de 1982 como um acerto de contas com um passado que terá então 18 anos acumulados. A artificialidade do raciocínio é flagrante: a abertura do regime foi um corte que separou o passado e o futuro. E reservou o presente para os políticos moldarem um regime democrático. O PMDB, no entanto, insiste em capitalizar o passado que não lhe pertence, porque já transitou em julgado por decisão da História. E com isto descapitaliza a possibilidade de haver eleições normais e democráticas, em que os brasileiros escolham sem a interferência do passado.

O congelamento do processo de reformulação partidária é uma insensatez oposicionista. A esta altura o espaço político retirado ao AI-5 e oferecido aos políticos começa a ser invadido pelos radicalismos. Os grupos abrigados sob a responsabilidade do PMDB já se lançam à aventura de provocar o aparecimento de grupos igualmente radicais mas de índole política oposta. Não importa que sejam ideologicamente opostos, porque convergem na mesma direção predatória, por força dos mesmos interesses antidemocráticos.

Temos assim uma situação em que a maioria da representação nacional perdeu espaço e se deixou acuar por um cerco radical. Já não é apenas o PMDB que está submetido à tirania dessas tendências, mas toda a representação política e, por extensão, os dirigentes dos novos Partidos em organização.

As demonstrações radicais são suficientes para delinear os perigos trazidos para a abertura. As demonstrações são calculadas, organizadas e coordenadas para se fazerem com precisão cronológica. As perturbações nas sessões do Congresso Nacional, tanto quanto as bombas e as notícias falsas sobre bombas, são as duas pontas de um dilema que compromete a opção democrática. Tanto mais que os políticos não estão sabendo fazer a opção democrática porque não entenderam, em tempo, que uma liderança política num processo democrático não se faz passando a mão em cabeças radicais.

A gravidade inegável da situação a que estamos indo de encontro, numa velocidade já controlada pelos radicais, põe toda a responsabilidade nas mãos dos políticos.

Há um teste de competência política nesta situação que se deteriora. Se os políticos não tiverem competência para aproveitar a oportunidade e deslocar os grupos radicais para a periferia, terão de responder por isso, desde logo perante a sociedade brasileira e, no futuro, perante a História. Porque se terão deixado dominar por minorias inexpressivas do ponto-de-vista social, que nada representam às claras, nem querem compromissos com a ordem, a lei e a democracia.

E que força oculta imobiliza a ação dos políticos? A mais perceptível é, sem dúvida, a ilusão de que os radicalismos não passarão pela triagem eleitoral de 82. É certo que as tendências antidemocráticas não conquistam votos, mas exatamente por isto não lhes convém nenhuma eleição. Atuam preventivamente no sentido de inviabilizar a possibilidade eleitoral, com a antecedência mais útil.

Os novos Partidos, em especial os oriundos da antiga Oposição, estão aprisionados pela estratégia do radicalismo. Querem ao mesmo tempo os votos com conteúdo político do passado e a oportunidade da nova situação trazida pela abertura. A ambivalência torna incompatível o raciocínio que se apóia em situações conflitantes. Pois ou vamos para a frente esquecendo tudo que passou, ou vamos para trás e abdicamos do futuro.

Esta é a dura verdade que se ergue diante dos olhos de todos e que muitos preferem não ver. Mas com isto não eliminam o perigo crescente a que se expõem os políticos, pela perda do elementar instinto de sobrevivência. As eleições de 82 dependem de uma capacidade política a ser demonstrada imediatamente. E não é mais responsabilidade exclusiva do Governo salvar a abertura. Sem a competência dos políticos — a ser demonstrada na prova de repúdio a qualquer radicalismo — é certo que o Governo ficará sozinho e exposto como alvo da depredação antidemocrática.

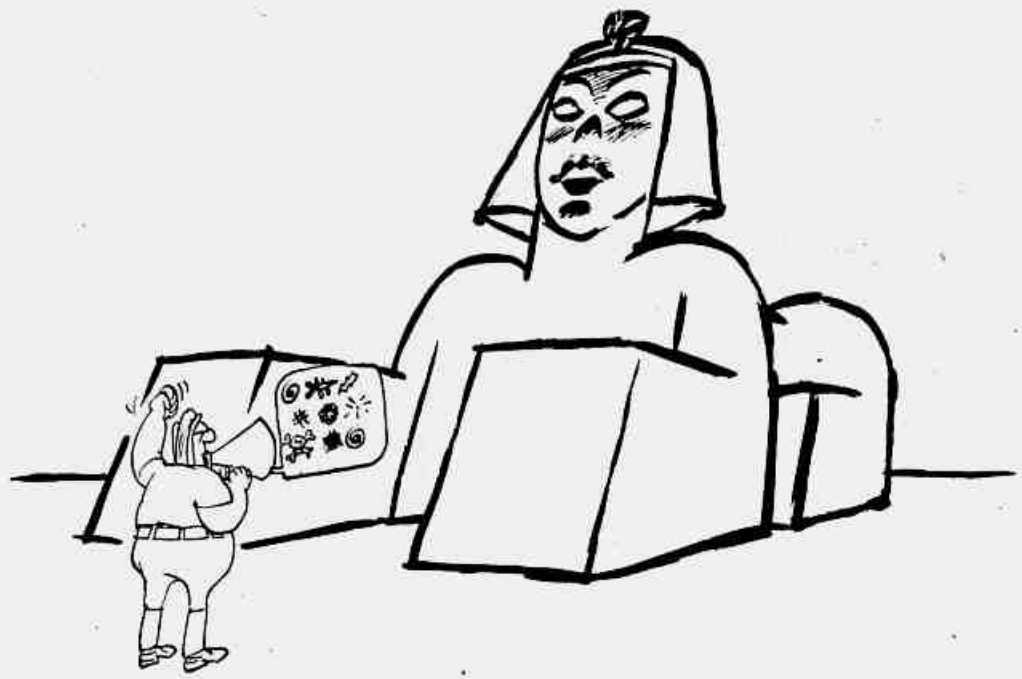
A segurança dos políticos não é da responsabilidade do Executivo. A começar do Congresso Nacional, até os núcleos partidários que trabalham para demolir a abertura, a competência é exclusiva dos políticos e dirigentes partidários. A limpeza do lixo político que os Partidos estejam guardando é questão interna dos seus dirigentes. E o PMDB é o melhor exemplo de que há pactos insustentáveis com certas tendências de claro comprometimento antidemocrático. Sua direção nacional é prisioneira de um séquito de radicais, que a impedem até de conversar com outros políticos do espectro oposicionista.

Pelo terror ideológico e político, o PMDB toca a rebate para intimidar todos os que pretenderam jogar abertamente na democracia e se organizaram pelas convicções e idéias que declaram. Exige a rendição integral de todos os egressos da antiga Oposição e trabalha radicalmente para que voltem arrependidos ao passado, a tempo de disputarem as próximas eleições.

Apenas, as próximas eleições serão em 1982 e, até lá, toda essa água já navegada extravasará ao controle, derrubará as pontes construídas com dificuldades e levará de roldão as lideranças que utilizam a falida técnica do aprendiz de feiticeiro.

A garantia das eleições tem de ser construída agora. É a prova de competência política a que estão submetidos os Partidos e a representação nacional. Se é que os Partidos e suas bancadas no Congresso querem efetivamente representar a maioria dos brasileiros, e não apenas os indeclarados grupos radicais, sem compromisso e sem capacidade própria de sobrevivência política.

É uma responsabilidade que as circunstâncias impõem. A opção dos brasileiros pela democracia se comprova no comportamento ponderado que ninguém desconhece. A dos políticos está por ser provada. É uma questão de competência.

Chico

Cartas

Inflação e Japão

Parece estar suficientemente provado que o país sofre de uma inflação crônica e oficial, fato inconteste ao qual não se pode oferecer contestação honesta. Inflação e desemprego são da absoluta responsabilidade do Estado, cabendo aos cidadãos responsabilizar o Governo e os líderes políticos, pelas dificuldades por que passam. É inconcebível que o povo seja esfolado com uma correção monetária de 45%, contra 110% da realidade. O cidadão não sabe mais como investir suas parcas economias, para evitar o desaparecimento mais rápido de seu patrimônio, que cada dia vale menos. As autoridades da área econômica estão evidentemente desacreditadas, ante as providências inócuas que há anos adotam, as quais, em síntese, consistem em refinanciar e reescalonar a fabulosa dívida externa que anda pela casa dos 55 bilhões de dólares, o que coloca o Brasil ao lado do Zaire e Bangladesh, como os países subdesenvolvidos que mais se afundaram no déficit do balanço de pagamento em conta-corrente, como informa a conceituada revista americana, Time. As explicações oficiais sobre a crise econômico-financeira brasileira são as mais estapafúrdias possíveis, contraditórias, pois enquanto o Governo fala em contenção de despesas, maior é o aumento das despesas públicas. O bode expiatório agora são os salários, que estariam contribuindo negativamente para a desinflação, segundo os deuses da economia nacional, que se esquecem de que os salários brasileiros estão sendo reajustados precisamente por causa da inflação, embora esse pseudo-reajuste se distancie, cada vez mais, dos índices de preços, por ser baseado numa fórmula de cálculo em que quanto maior é a inflação, maior é o corte que a correção monetária sofre (fórmula Simonsen). O certo é que até as pedras sabem que as verdadeiras causas de uma inflação são o aumento do meio circulante sem a correspondência de igual aumento da produção, da oferta de bens e de serviços, além naturalmente do crescente endividamento externo. Inflação crônica e oficial, como a nossa, jamais é causada por salários, crise de energia, insuficiência de colheitas ou mesmo pela crise internacional do petróleo, cuja falta de visão de nossos estadistas impediu que nos preparássemos, quando ela se desenhou claramente em 1973. O Japão, para só citar um exemplo, é um país situado sobre ilhas vulcânicas, sem petróleo nem recursos hidrelétricos, sem áreas férteis para grandes plantações, derrotado na última Grande Guerra, quando sofreu dois bombardeios atômicos, sujeito ainda a limitações impostas por seus vencedores, está com uma inflação eventual que oscila entre 7,4% a 12%, e se constitui numa das primeiras potências mundiais. Inflação é uma doença econômica que tem cura, mas para quem sabe. Costumam dizer por aí que inflação é um problema causado pela expansão, mas só se for de multinacionais, financeiras e motéis. **Luiz Fernando Gusmão — Rio de Janeiro.**

Expansão do jogo

Inspiram-me as atuais linhas as palavras que li em editorial de um grande jornal de nossa pátria: **O Estado de S. Paulo** de 14/8/80. Triste sina de nosso país: em vez de programas de desenvolvimento, desenvolvemos a jogatina, como se o mundo e a vida fossem uma roleta; uma perigosa **roleta-russa**. As alertadoras palavras do jornal paulistano são em torno da pretendida oficialização do loto ou víspora — alegria dos serões familiares de nossos avós, sem valer o dinheiro. As rendas — afinal vão ser retiradas de setores pobres — serão **oficialmente** destinadas a hospitais, creches, maternidades e instituições similares de assistência. É o douramento das pílulas de veneno. Aliás, já vi e tenho notícia de que até cartazes em algumas cidades anunciam que com a renda do **bingo** estão sendo mantidas creches e instituições assemelhadas. É um círculo vicioso da ilusão do assistencialismo social, em absurdo paternalismo popular.

É uma criatividade perigosa esta que se deriva para explorar vícios, tal qual a fomentada "abertura protegida de cassinos". Vale é que ainda uma personalidade do escol de Miguel Colasuonno, presidente da Embratur, respondendo à reportagem de Vivian Wyler em JORNAL DO BRASIL de 20/8/80, de que o jogo não é fator decisivo para aumentar o turismo, nem lhe parecendo que haja cogitação em liberar o jogo no Brasil, por ora. Se existem cassinos clandestinos, isso é com a polícia, não com a Embratur, que apenas estuda benefícios do meio artístico, com seus **shows**, sem ter que usar o jogo.

Se nas veleidades do passado, em muitas regiões do Brasil, existiram entusiasmos com cassinos construídos com dinheiros públicos ou por eles incentivados, também não são desconhecidos na **História meio-secreta** do país as benéficas reações que sempre surgiam — "salvando a honra nacional". Um mineiro perdeu o lugar de presidente de um importante Instituto de Previdência porque não concordou que se aplicasse dinheiro de associados em estabelecimento de tal natureza. Um bispo mineiro se negou a benzer um outro... De S. Paulo veio em 1942 uma luminosa pastoral, de autoria do Arcebispo Dom José Gasde Afonseca e Silva, de cuja publicação houve convites para "visitar Delegacia de Polícia"... Mas a pastoral evitou que no Estado de S. Paulo fossem aplicadas vultosas verbas em casas de tavolagem em diversas regiões. Está aí, pois, mais uma crônica sobre supostas vantagens de proteção ao jogo, principalmente o de cassino, que deixou de ser protegido desde 1946, decisão do Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra, revelando mais uma face de estadista que a opinião pública aplaudiu. **Henrique Furtado Portugal — Belo Horizonte (MG).**

Árvore amiga

Como prova e reconhecimento pelas inúmeras utilidades que recebi de ti, diariamente, e pela beleza que a tua presença proporciona e, especialmente.... por teres sido o lenho da cruz do Redentor, por seres o calor da minha moradia, sombra amiga e acolhedora, flor de beleza em tuas floradas, pão de bondade em teus frutos, tábuas de meu berço de criança, mesa de minha família, bastão de arrimo em minha velhice e companheira em minha última morada, prometo proteger-te contra os teus inimigos, propagar as tuas sementes, tratar-te como um ser vivo, amar-te como mereces, respeitar-te como uma reserva do futuro, plantar pelo menos duas, quando, por motivos justos, eu tiver que cortar uma. **Sylvio Pires Barroso, com uma lembrança do Clube dos Lavradores — Friburgo (RJ)**

Garoupa sem seguro

O JB de 11/9/80 publica notícia sob o título **Sant'Ana diz que Petrobrás não fez seguro do sistema de Garoupa**, na página 18, 1º Caderno. Afirma o diretor comercial e presidente em exercício de nossa maior empresa de capital aberto, textualmente: "O seguro seria muito caro, por se tratar de um sistema de 230 milhões de dólares". E, mais adiante: "A Petrobrás, em vez de colocar em terceiros, fez um auto-seguro, isto é, ela mesma reservou quantia para acidentes".

Estimaria que o ilustre presidente em exercício explicasse como consegue a empresa resguardar-se de tamanho prejuízo, incluindo-se, evidentemente, pelas próprias informações já tornadas públicas, aquele que está sofrendo — e irá sofrer por longo tempo — com os lucros cessantes, a menos que possua um sistema de mágica, de ordem matemática, pela qual fecharão, dentro de 24 horas, todas as companhias de seguros do país, e do mundo. **Werner Nehab — Rio de Janeiro.**

Judas e satanás

Li a carta de Trudi Landau, São Paulo, a respeito de Judas Iscariotes, publicada em agosto/80. Como católica praticante e cristã fervorosa, não posso deixar de me manifestar. Judas não "agiu para servir a um drama" e nem foi "um instrumento de forças alheias à sua pessoa". Realmente, Cristo sabia que ia ser traído e por quem. Ora, Judas foi companheiro e amigo de Cristo. No momento em que Judas deu-lhe o beijo, Jesus deu a ele chances de se arrepender, dizendo-lhe: "Judas, com um beijo entregas o Filho do homem". E Judas sabia disto. Não era a ocasião de ele voltar-se contra a multidão e pôr-se ao lado do mestre? Judas entretanto era um covarde. Ele não estava visando unicamente o dinheiro. Tanto que depois ele não o quis mais.

Pedro havia se revoltado, naquele momento, e cortou a orelha de um soldado. Ia haver um começo de derramamento de sangue. Entretanto, Jesus mandou-lhe guardar a espada e cura o soldado. Com este milagre, Jesus dá novamente a Judas a oportunidade de voltar atrás e não somente a Judas, mas a seus próprios inimigos. De fato, eles chegam a hesitar, até o momento em que, impelidos por Satanás, seus chefes prendem o Filho do homem. **Maria Efigênia — Brasília (DF).**

Contrastes

Recebi carta do Desembargador Aurélio de Albuquerque, relatando que um seu companheiro de excursão em Estocolmo, havendo adoecido subitamente, fora hospitalizado em confortável apartamento, recebendo os mais requintados cuidados médicos. Dia anterior, no mesmo cômodo hospitalar, estivera em tratamento um operário. E, acrescenta, há meses, exatamente no mesmo recinto estivera internada Sua Majestade a Rainha da Suécia, ao dar à luz uma criança. O exemplo demonstra que os luxos e mordomias dos governantes diminuem à medida que se eleva o requinte da civilização. A discriminação social desaparece diante do respeito à condição humana. O Rei Bokassa I, do Império da África Central, por exemplo, exigiu que a França lhe construísse um trono de ouro, com uma águia imperial, eis que seria um admirador de Napoleão Bonaparte. Em pouco tempo foi verificado que era antropófago, realizando até matança de crianças que se teriam recusado a comprar vestimentas da **boutique da imperatriz**. O poderoso Idi Amin Dada teria comido o fígado do seu ministro dos transportes, ao mesmo passo que ameaçava até o governo de sua Majestade Britânica, de cujo exército colonial fora sargento.

Esses contrastes fazem lembrar os exemplos de presidentes de repúblicas de opereta, que dividem com o respectivo séquito os lucros do contrabando e do tráfego de entorpecentes, em nome de regimes de faz-de-conta, enquanto seus povos continuam marginalizados, miseráveis e analfabetos. E o pior é que tais governos são consagrados pelo reconhecimento de países poderosos, que os financiam em troca da parte do leão, na hora sacrossanta do toma lá e dá cá. O que aqui escrevemos é recolhido do noticiário da imprensa mundial. A regra é que os povos atrasados vivem em guerra permanente. E o pior inimigo é o vizinho. Mas tal comportamento entre países que participam da ONU teria um sabor macabro. Prepotências, hegemonias, privilégios, agravando tensões sociais. A tal ponto de ouvirmos do distinguido sociólogo e professor Ovídio da Cunha, que a maior garantia da paz mundial seria a própria bomba atômica, dentro daquele desdobramento da teoria do medo, de que seria pai o sempre presente, em face das lições do terror — mestre Maquiavel. **Alfio Ponzi — Rio de Janeiro.**

Raciocínio

O editorial **Abertura Polonesa** (JB 2/9/80) termina com um argumento interessante que reproduzimos: "Regimens imobilistas não têm futuro — e é por não sê-lo que o capitalismo moderno tem sobrevivido tão bem". Por esse raciocínio podemos provar qualquer coisa. Assim, usamos o mesmo argumento, numa forma mais simples, para demonstrar que laranjas são limões: Bananas não são laranjas e limões não são bananas. Logo, limões são laranjas. **Haroldo Branco — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

JORNAL DO BRASIL LTDA., Av. Brasil, 500 CEP-20940. Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráficos. JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262.

SUCURSAIS

São Paulo — Av. Paulista nº 1 294 — 15º andar — Unidade 15-B — Edifício Eluma. Tel.: 284-8133 PABX.
Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. — Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207 - Loja 103. Tel.: 722-2030.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conjuntos 1103/1105 — Edifício Farid Surugi Tel.: 224-8783.

Porto Alegre — Rua Tenente Coronel Correia Lima, 1960 — Morro Santa Tereza — Porto Alegre. Tel. (PABX) 33-3711.

Salvador — Rua Conde Pereira Carneiro, s/nº (Bairro de Pernambués). Tel.: 244-3133.

Recife — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista. Tel.: 222-1144.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiânia, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou, Tóquio, Buenos Aires, Bonn, Jerusalém e Lisboa.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AP/Dow Jones, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, L'Express, Le Monde.

ASSINATURAS — DOMICILIAR (Rio e Niterói) tel. 228-7050
Trimestral .... Cr$ 1 050,00
Semestral .... Cr$ 1 900,00

BH
Trimestral .... Cr$ 1 070,00
Semestral .... Cr$ 1 960,00

SP, ES
Trimestral .... Cr$ 1 170,00
Semestral .... Cr$ 2 210,00

ASSINATURAS
POSTAL EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL
Trimestral .... Cr$ 1 470,00
Semestral .... Cr$ 2 760,00

CLASSIFICADO POR TELEFONE 284-3737

Coisas da política

Ligações perigosas

Wilson Figueiredo

ORA, direis, a inflação. Todos gritam e ninguém tem razão na casa em que falta pão. Em país com fartura de inflação, ao contrário, todos gritam da mesma forma e todos têm razão. O Governo e a Oposição.

Já entramos e saímos da inflação diversas vezes sem chegar a uma conclusão preliminar. Esta que aí está, por exemplo, é de custos ou de demanda? Ao consumidor interessa pouco até o galicismo mantido em circulação pelos economistas. É um sinal exterior de riqueza poliglótica por parte de quem aprendeu a pensar em inglês e despreza os similares nacionais.

Engordada pelos preços ou pela procura excessiva, a inflação — venha de onde vier — é sempre carregada em triunfo alheio pelos consumidores, enquanto os economistas divergem democraticamente e a democracia propriamente dita continua em recessão.

Com a anterior inflação sucedeu o mesmo bizantinismo e, depois de ter feito um estrago, ela se encolheu sem deixar a impressão digital que identificaria se era de custos ou de demanda. É possível que a cura dispense o diagnóstico. Mesmo porque o tratamento mais indicado, nas dores agudas, sabe-se por experiência, acaba sendo o mesmo para ambos os casos.

Se é de custos, os salários são os primeiros suspeitos de qualquer elevação de preços. Se é de procura, quem pode ser mais culpado do que eles, por comprarem demais? Os salários pagam sempre.

Bem faziam os romanos que, para prevenir a inflação, remuneravam o trabalho humano com saquinhos de sal. O sal estava defendido contra emissões torrenciais.

Da outra vez se dizia que a inflação era galopante. Não parecia indireta porque o Presidente era fazendeiro dado a bois. Mas o Presidente Figueiredo gosta de montar a cavalo e agora falar em inflação galopante pode ser o mesmo que falar de arreios em casa de cavaleiro que caiu do cavalo. Sabe-se que a disparada eqüina da inflação não é de seu especial agrado. Nem o Ministro Delfim Neto é freqüentador de hipódromos para assistir com prazer a esse páreo entre preços e salários disparados por uma pista em espiral.

Melhor cair do cavalo que da inflação galopante, dirá qualquer governante realista a um economista utópico. Quem anda a pé sabe que os salários são as rédeas dos governantes: quando a inflação galopa, encurtam-se os salários instintivamente. Então haja fôlego para correr a pé atrás dos preços que sobem a rampa.

Quem é anterior aos antibióticos sabe que, antes da nossa tradicional inflação, só a tuberculose havia sido agraciada com o adjetivo para o andar rápido dos cavalos.

Não é por outra razão que os diagnósticos financeiros costumam ser tão longos e obscuros quanto seja possível: Napoleão recomendava textos curtos e obscuros porque ainda não havia economistas em abundância.

Para consumo geral há um estoque regulador de imagens de efeito visual que os economistas sempre põem no mercado com finalidade didática. Na inflação, dizem eles, enquanto os salários sobem pela escada os preços vão de elevador. Com os atuais gabaritos para a construção civil os salários não agüentam competir escada acima.

No andar em que já nos encontramos, o Ministro Delfim Neto receitou um tranqüilizante de duplo efeito: os salários mais robustos deveriam parar de subir além de 10 pavimentos, evitando problemas cardíacos. Não forçariam a inflação a chegar à casa de máquinas, onde a vertigem das alturas faria o acerto final das contas. Também porque o capital, irmão rico do trabalho, precisa de tranqüilidade para enfrentar outros riscos.

Sem optar entre os custos e a demanda, os economistas vão apalpando a anatomia da inflação com a autoridade insuspeita da ciência. A dívida pública está inchada? Espartilho nas despesas do Governo. Mas não há botão nem fecho eclair que agüente a inflação. Os orçamentos arrebentam as costuras sem fazer cerimônia. E por que a despesa pública iria usar soutien depois que andaram fora de moda?

Qualquer economista sabe que o bovarysmo da inflação é compulsivo: ela renova o guarda-roupa e manda a conta para os salários. O capital pode montar casa e morar com a inflação só porque os salários são fiadores do contrato de locação. É por isso, aliás, que o amor extraconjugal do capital pela inflação dura pouco. Assim que a ligação compromete a estabilidade do lar, trata rápido o capital de romper com a inflação os laços efêmeros da aventura. E ela então volta para o marido, isto é, o salário enganado.

Terrorismo e impunidade

Barbosa Lima Sobrinho

CUSTA a crer, tão fraca é a nossa memória, que, de 1968 a 1980, tenham sido registrados mais de 70 atentados terroristas, valendo-se, quase todos, de dinamite ou de explosivos sofisticados. A estatística foi levantada num mapa, distribuído em S. Paulo, no ato público realizado no Teatro da Universidade Católica, indicando não somente o mês em que foram realizados, como os objetivos a que se destinavam os atos terroristas. Todos, sem exceção, visando a organizações da esquerda, ou entidades incumbidas, até por força de lei, da vigilância e defesa dos direitos da pessoa humana. E não sei se apenas por coincidência, todos, mas todos esses atentados, absolutamente impunes, até mesmo pela circunstância de que vieram de autoria indeterminada, como atestado da inoperância dos órgãos da repressão.

A discussão como que se limita a saber se esses atentados devem correr por conta de correntes da esquerda, ou da direita. Não falta quem diga que, pelo exame de sua repercussão, devem ser de esquerda, pois que somente a ela aproveita, tão generalizada é a reprovação pública dos atentados, sobretudo quando alcança inocentes, como no caso recente da Ordem dos Advogados. Mas será que o saber a quem o crime interessa tem mais força do que a identificação das vítimas? O Brasil é um país paradoxal, em que o homicídio se transforma em suicídio, e as vítimas, e não os autores, é que acabam respondendo pelos crimes, quando acontecer que a eles sobrevivam. O modelo universal é ainda o incêndio do Reichstag, em Berlim, planejado e realizado pelos nazistas, e atribuído aos comunistas, para servir de apoio a medidas de repressão, que vieram alcançar milhões e milhões de vítimas. E dos 70 e tantos atos de terrorismo já praticados, vamos convir que a taxa de impunidade alcança 100%.

Verdade que se fez muito ruído em torno de um desses atentados, o único, aliás, em que a vítima foi um eminente Cardeal, D Vicente Scherer, representante de uma corrente conservadora do clero brasileiro. Continua impune o atentado, isto é, não foram encontrados os seus autores. E todos lamentamos esse fato, executado contra um sacerdote de tantos méritos. Nas revelações feitas, todavia, ficou a dúvida se os agressores sabiam que se tratava realmente do Cardeal D Scherer, ou tão-somente de um sacerdote, que acabava de receber soma importante de dinheiro, que eles procuravam encontrar, ignorando que D Scherer já não estava de posse dessa quantia. O que transformava o crime em crime comum, e não num ato de terrorismo político.

Mesmo que houvesse tido conotação política, seria o único que não tivera apurado os seus autores, e uma exceção única, em mais de 70 casos, seria até uma confirmação da regra geral da impunidade.

■ ■ ■

O que não se pode contestar, é que dos atentados verificados desde 1968, com a bomba que explodiu no Teatro Gláucio Gil, quando ali se representava a peça **Juventude em Crise**, até julho de 1980, excluindo, pois, os atentados recentes contra a Ordem dos Advogados, a Câmara de Vereadores e a Sunab, contam-se não menos de 73 atentados, todos impunes. Sendo de acrescentar que, pelo menos 51, verificaram-se em plena vigência do AI-5, que só veio a ser revogado pela Emenda Constitucional nº 11, promulgada a 1º de janeiro de 1979. A 13 de dezembro de 1968 havia sido decretado o referido Ato Institucional nº 5. E mais de 50 atos terroristas, praticados na fase de sua vigência, bastam para demonstrar que não são as medidas de repressão o meio de os corrigir, pois que até podem valer de estímulo, para os que dele venham a abusar, confiados na impunidade, a que o próprio Ato podia servir de garantia.

Entre esses 51 atos de terrorismo praticados, sob a vigência do AI-5, muitos tiveram autoria, senão provada, pelo menos assumida por meio de siglas notoriamente da direita, como o Comando da Caça aos Comunistas, que se responsabilizou pela invasão da Faculdade de Filosofia de São Paulo. Outras siglas procuraram se recomendar com a prática de outros atos, valendo-se, por igual, do terrorismo e do anonimato, provavelmente confiados também na impunidade que os protegeria. E entre as vítimas, não encontro nenhuma organização, que se possa dizer da direita, mas tão-somente instituições, nomes e jornais, que ninguém incluiria entre as atitudes, ou as manifestações da direita. Como era o caso das bombas atiradas, de fevereiro a março de 1970, contra **O Pasquim**, a Cebrap ou, em setembro de 1976, no escritório de advocacia desse bravo lutador que é o advogado Sobral Pinto. E não faltaram outras bombas, com as mesmas tendências, como a que alcançou a residência do presidente da Ordem dos Advogados, seção de Minas Gerais, ou a que visou à Editora Civilização Brasileira. Sem falar no seqüestro da freira Maria da Conceição. E na bomba atirada, em Minas Gerais, num colégio em que se realizava uma reunião em prol da anistia.

O curioso é que um grande número desses atentados se vale do território de Minas Gerais, como se o Estado quisesse demonstrar como está arrependido de ser a pátria do alferes Tiradentes, e quem sabe senão também do grande Teófilo Ottoni? Não menos de 11 atentados, dentro de Minas Gerais, vêm concorrendo para mudar a imagem liberal de Minas Gerais. Não nos restando senão o direito de exclamar: Pobre Tiradentes! Pobre Teófilo Ottoni! De heróis, como reconhecem todos os brasileiros, acabarão como réprobos, recolhidos, em imagem, às enxovias de Belo Horizonte, pois que, com as idéias que pregaram, não poderiam escapar à sanha da repressão.

■ ■ ■

O mais grave é que, muitos desses atentados, se fazem contra instituições que não estão fazendo mais do que cumprirem deveres, muitas vezes até por força de lei. Como é o caso da Ordem dos Advogados, ou da Associação Brasileira de Imprensa, na qualidade de membros do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Qual o crime monstruoso da Ordem dos Advogados, alvo de duas bombas de alto poder explosivo? O de lutar pela reconquista de um estado de Direito, com que se restaura a segurança de todos os cidadãos?

E o pior, o mais grave, é que pessoas responsáveis, e que deveriam estar à frente das medidas de apuração dos atos terroristas, como que se divertem, divulgando opiniões, em que só elas acreditam, se acreditam realmente, em que o terrorismo vem da esquerda, pois que só a ela interessa, quando esse pobre e triste argumento tem muito menos importância, do que a circunstância de que sempre as vítimas, em mais de 70 atentados, estão sempre de um mesmo lado, que ninguém teria a imprudência de classificar como da direita.

Nem interessa a todo o Brasil o saber de que lado partem os atentados. O que realmente interessa é que os responsáveis sejam encontrados, para que possam ser realmente identificados, julgados e punidos, por meio de inquéritos honestos, que não procurem transformar vítimas em culpados, e homicídio em suicídio. Inquéritos que mereçam confiança, e que não venham a constituir peças do próprio terrorismo. O que o Brasil exige, já agora com o apoio do Presidente da República, é que acabe, de vez, o regime de impunidade, que acoberta e estimula o terrorismo, e tem força bastante para expulsar o Brasil do quadro das nações civilizadas. Tanto mais quando todos os brasileiros sabem que o que distingue os dois terrorismos, o da esquerda e o da direita, é exatamente a impunidade com que este último se protege, como se demonstraria com a condecoração de um famoso perito médico, que não precisa fazer as necrópsias que assina, coonestando laudos, que nenhum homem de bem aceitaria. O que todos esperamos é que parta do Presidente da República um basta à impunidade, assegurada com a farsa de inquéritos, que se fazem exatamente para não chegarem a qualquer resultado. Ou para valerem, apenas, como instrumento da impunidade, pela absoluta ausência de credibilidade, que os fulmina de nascença.

Ninguém é perfeito

Fernando Pedreira

O último dos grandes filósofos terá morrido faz muito tempo. Talvez se possa mesmo dizer, sem risco de erro, que a espécie desapareceu há mais de século e meio. Os espíritos mais severos julgam que Emanuel Kant foi o último desses gigantes, embora muitos admitam que, depois dele, também Hegel deva ser considerado — apesar do que viriam a fazer com a sua dialética os seus discípulos Karl Marx e Frederico Engels.

Mas, se os grandes filósofos desapareceram da face da Terra, assim como antes deles haviam desaparecido os grandes sáurios pré-históricos, nem por isso deixaram os homens de filosofar. A poesia é necessária, asseverava, há tempos, mestre Rubem Braga. Não só a poesia, mas também a filosofia. Mesmo no Brasil, ainda há dois ou três anos, estimulados por um pensamento do General Geisel que definiu o regime brasileiro como uma democracia relativa, puseram-se as nossas cabeças políticas a especular e a criar, no Planalto, engenhosos exercícios de lógica.

Entre os representantes da extinta Arena, por exemplo, houve na época quem comparasse gato e cachorro. O gato — raciocinavam os arenistas — tem rabo e focinho, e o cachorro também tem; o gato é peludo, tem dois olhos, duas orelhas e quatro patas, e o cachorro também. Mas o gato mia e o cachorro late. Conclusão: o gato é um cachorro relativo.

Uma das chaves do correto raciocínio filosófico está na precisão da terminologia empregada, isto é, no sentido que se atribui a cada palavra. Há filósofos que chegam ao extremo de inventar vocábulos inteiramente novos, e definir-lhes estritamente o sentido, para evitar escorregões. E, com efeito, quando usamos palavras comuns, correntes, corremos o risco de que tudo se torne, muitas vezes, apenas questão de ênfase.

O cachorro é, sem dúvida, o melhor amigo do homem, mas a intimidade freqüentemente leva ao desrespeito. Assim é que, quando dizemos **cachorro**, tanto podemos estar simplesmente designando um animal, quanto proferindo uma ofensa. Mesmo as pessoas que têm em casa um gato, hão de ter passado por momentos em que tiveram ganas de chamá-lo de cachorro, por ter o bicho praticado inadvertidamente alguma cachorrice ou cachorrada. Ninguém é perfeito.

Uma das mais poderosas armas do raciocínio filosófico é a generalização. Ora, no sentido da cachorrice, sabemos todos que não só o gato é um cachorro relativo, mas também (e freqüentemente) o homem, aí incluído o homem político, o administrador público. O que nos leva a concluir que também os regimes e os governos, criados pelo homem, podem muitas vezes ser (relativamente) cachorros.

Quem estiver sem pecado, que atire a primeira pedra. Há, com efeito, instantes, na história dos povos, em que o melhor é meter as mãos nos bolsos e assoviar uma canção. O desalento e o desencanto entorpecem, não propriamente pernas e braços, mas o músculo moral, que é aquele que atira pedras ou, quando menos, farpas, na boa tradição lusitana. De onde virão o desalento e o desencanto? De onde virá esse tédio antecipado que algumas vezes nos toma, quando consideramos o comportamento da pátria?

Há de haver, para eles, motivos mediatos e imediatos, cívicos e particulares. De um ponto-de-vista genérico, é muito possível que nós, brasileiros, sejamos um povo, afinal, **relativo**, e que a nossa relatividade nacional se manifesta especialmente na política e na condução dos negócios públicos. É possível. De um ponto-de-vista mais restrito e momentâneo, entretanto, parece claro que o motivo atual da náusea e do cansaço dos observadores é bem específico: estamos mentindo demais. Chegamos mesmo àquela fase em que as pessoas mentem, não já para enganarem os outros, mas para iludirem a si mesmas.

Não é apenas a nossa democracia que é relativa. A inflação é relativa; a correção monetária, a política cambial e de exportação são relativas; os nossos Partidos políticos (e os nossos políticos) são relativos. Até os nossos terroristas serão relativos, assim como é muito relativo o desejo do nosso Governo de apanhá-los.

Não há, portanto, outra maneira de analisar a chamada conjuntura econômico-política nacional, senão de um ângulo tolerante, complacente. Voltemos às origens filosóficas do nosso raciocínio inicial. Costumavam dizer os nossos avós, que "um homem é um homem, e um gato é um bicho". Embora, conforme vimos, um e outro possam revelar-se relativamente cachorros, não há dúvida que há entre eles uma diferença de grau e até de qualidade. Em outras palavras: a relatividade é relativa; a cachorrice do gato é uma cachorrice bichana (isto é, relativa ao gato), enquanto a cachorrice do homem é humana e, portanto, superior.

E eis o que pode livrar-nos do desalento e da tristeza, diante da atual situação. O ângulo de observação **relativo** permite (para sermos claros e francos) discriminar entre as diversas categorias de mentiras e, o que é afinal importantíssimo, aprender a acreditar em algumas delas, tomando-as como fundamentos necessários, embora sempre relativos, da salvação pública e do bem de todos. Ao contrário do que dizem, a verdade é efêmera. A mentira (a ilusão), desde que convenientemente acreditada, é que é o gérmen do futuro.

Em parte nenhuma, a hora está para brincadeiras. Na Europa, governos supostamente sérios, como o francês, o alemão e o italiano, bajulam os Kadafi, procuram conquistar-lhes as graças, fornecendo-lhes armas sofisticadas e até recursos nucleares. O troco é a exportação do terrorismo árabe, e a guerrilha econômica dos preços do petróleo. Mas, apesar disso, ninguém duvida que os europeus reelejam, nos próximos meses, Giscard, Schmidt e toda a companhia.

Os Estados Unidos, por sua vez, não querem nem Carter, nem Reagan, nem Anderson, mas também não foram capazes de descobrir **quem** querem. Como a campanha eleitoral está em curso e é preciso afinal vencê-la, milhares de pessoas procuram hoje convencer-se de que o importante é barrar Reagan, ainda que elegendo Carter, enquanto que outros milhares se convencem do contrário, isto é, que o importante é livrar-se de Carter, embora elegendo Reagan. Qual será o pior dos dois? Eis aí o que só as urnas de novembro nos vão dizer com certeza.

Tudo na vida é passageiro (menos o condutor e o motorneiro). A chamada democracia ocidental já passou por crises bem mais graves do que essa. De fato, mais valem eleições como as que vão ter europeus e norte-americanos, do que uma simples prorrogação de mandatos.

Nestes anos de segunda ordem (Brodski), é apenas natural que as pessoas se habituem a engolir sapos e a comer gato por lebre. Antes isto do que nada. Segundo os cozinheiros do Planalto, que temperam o molho, devíamos até lamber os beiços. Há gosto para tudo.

Presidente turco pune extremistas de esquerda e direita

Ancara — O líder do golpe militar na Turquia, General Kenan Evren, foi escolhido ontem pelos comandantes das Forças Armadas e da Polícia Federal para exercer as funções de Chefe de Estado. O novo Presidente turco ordenou a suspensão, "até nova ordem", dos jornais **Aydinlik**, **Demokrat** (ambos de extrema-esquerda) e **Hergun** (de extrema-direita) e sua primeira mensagem internacional foi dirigida à Etiópia, para felicitar seu Presidente, Hailé Mengistu Marien, por ocasião da festa nacional etíope.

O toque de recolher foi suspenso na manhã de ontem, após 24 horas de vigência, e reimposto à meia-noite. A população pôde reabastecer-se de alimentos e artigos essenciais, em atmosfera tranqüila, apesar da forte presença militar nas ruas. Observou-se, porém, a ausência de policiais. Nas repartições públicas, o trabalho foi reiniciado parcialmente, mas já se sabe que os bancos funcionarão amanhã. Os aeroportos estão reabertos, as comunicações restauradas com o exterior e a rádio e TV transmitem normalmente.

PRISÕES

Os jornais da Capital, quase todos elogiosos às autoridades militares, noticiaram a prisão dos principais chefes políticos e de pelo menos 60 parlamentares, na maioria direitistas, mas tais notícias não foram confirmadas pelos militares.

O Primeiro-Ministro deposto, o conservador Suleiman Demirel, líder do Partido da Justiça, e seu histórico adversário e muitas vezes aliado, o ex-Premier Bulent Ecevit, do Partido Popular Republicano, de centro-esquerda, estão detidos, junto com as mulheres, num quartel de Gallipoli, perto do Estreito de Dardanelos, na Turquia Européia.

Necmettin Erbakan, chefe do Partido de Salvação Nacional, de linha islâmica tradicionalista e que busca inspiração no **ayatollah** Khomeiny, do Irã, foi, por sua vez, enviado a uma ilha do Mar Egeu, em frente à cidade de Esmirna.

Dos principais chefes políticos, só um escapou à prisão. Alpaslam Turkesh, do Partido Ação, de extrema-direita, deixou sua casa num automóvel blindado uma hora antes do golpe estourar, mas seus guarda-costas e os deputados que seguem sua liderança foram detidos. Segundo os militares, as prisões foram realizadas para protegê-los.

O Conselho de Segurança Nacional, formado pelos comandantes do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Federal e presidido pelo General Evren, que exercia o cargo de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas na gestão Demirel, reuniu-se ontem para estudar a situação econômica do país. Alguns civis, como o ex-Secretário de Estado da Presidência de Governo, Turgut Ozal, e funcionários dos Ministérios das Finanças e Tesouro e do Banco Central, participaram da reunião, na qualidade de assessores.

Ancara/Foto UPI

Capital turca voltou ao normal mas os tanques continuam nas ruas

Turquia, ponte para o Oriente

A Turquia moderna foi fundada em 1923 por Mustafa Kemal, mais tarde conhecido como Ataturk, depois do colapso do Império Otomano, de 600 anos de idade. A nova República rejeitou as tradições e as ambições do Império, que, no seu apogeu, controlou grandes faixas do Norte da África, Sudeste europeu e Oriente Médio.

A República se concentrou em modernizar e ocidentalizar o país, com reformas que se consolidaram numa Constituição que aboliu o Islã como a religião estatal. Proibiu também a poligamia, o uso do chador e de roupas antiquadas, introduziu códigos civis ocidentais e sobrenomes ocidentalizados.

Depois de lutar ao lado da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a Turquia uniu-se aos aliados na Segunda Guerra pouco antes de ser assinada a paz. Após a guerra, a Turquia foi pressionada pela União Soviética para ceder parte de seu território, e, em 1947, sob a doutrina Truman, os Estados Unidos começaram a conceder aos turcos ajuda econômica e militar em grande escala. Em 1952, a Turquia passou a pertencer à Organização do Tratado do Atlântico Norte.

O país possui uma forma parlamentar de Governo, com regimes militares periódicos. O Partido Popular Republicano governou de 1923 a 1950, quando o Partido Democrático se instalou no Poder durante 10 anos. No fim desses 10 anos, os militares organizaram um golpe de Estado, em resposta aos crescentes problemas econômicos e à tensão política reinante no país.

Os civis voltaram ao Poder quando foram realizadas eleições em 1961. As duas últimas décadas foram marcadas por inúmeros distúrbios e mudanças freqüentes de Governo. Manifestações de rua violentas, que começaram em 1968, resultaram na intervenção dos militares, em 1971, e num Governo guiado pelos generais nos três anos seguintes.

A Turquia sempre foi considerada uma ponte entre o Ocidente e o Leste. É cercada pela Grécia, Bulgária, União Soviética, Irã, Iraque e Síria. Cerca de metade de seus 45 milhões de habitantes vive nas cidades. A língua principal é o turco e quase toda a população é sunita. Sessenta e dois por cento da população são analfabetos, cerca de 3 milhões são curdos, um povo que sempre resistiu à assimilação.

Khomeinystas provocaram golpe

Ancara — Um comício muçulmano realizado recentemente na cidade de Konya, na região Central da Turquia, foi a "gota dágua", disseram ontem observadores políticos, assinalando que os militares se enfureceram com a notícia de que membros do Partido de Salvação Nacional — que busca inspiração no **ayatollah** Khomeiny — haviam desrespeitado o Hino Nacional em seu ato público.

Ontem, os jornais que circularam na Capital destacaram como **escandalosos** os acontecimentos de Konya, e seus editoriais deram o comício khomeinysta como uma justificativa para o golpe de sexta-feira. Porém, pouco se sabe dessa manifestação.

Apoio americano

Em Paris, no entanto, o **Le Monde** e outros jornais foram buscar mais longe as explicações e lembraram a previsão do ex-Secretário de Estado Henry Kissinger, segundo o qual "a curto prazo, um arco de **desestabilização** vital para o Ocidente poderia surgir entre o Afeganistão, Irã e Turquia". Para completar a figura geométrica, faltaria, portanto, apenas uma guinada política na Turquia.

De inoperância estratégica para a OTAN, por separar a Europa da Ásia no flanco Sudeste da União Soviética, a Turquia, para o gosto ocidental, estava se tronando cada dia mais vulnerável, em virtude da determinação de sua situação econômica, política e social.

Em vista disso, acredita-se que a intervenção levou o General Kenam Evren, segundo os franceses, "se não recebeu apoio direto, pelo menos teve o beneplácito de Washington", que se preocupava, cada vez mais, com o crescimento do sentimento **antiimperialista** neste elo vital da OTAN, sentimento que os norte-americanos atribuíam à influência soviética.

Lembraram ainda os franceses que na história turca todas as vezes em que se tornou **necessário** tomar com mãos firmes as rédeas do Estado, as Forças Armadas sempre tiveram papel importante e contaram com o apoio dos Estados Unidos.

Porém, também é verdade — prossegue a análise — que os militares nunca tardaram muito a devolver o Poder aos civis. O novo **homem forte** já falou na devolução do Governo às forças civis, 24 horas depois de comandar a rebelião contra o regime civil.

Por outro lado, analistas políticos citam o fato de o General Evren ter enviado sua primeira mensagem internacional à Etiópia, país socialista e pró-soviético, por ocasião da festa nacional, como um indício de que o caráter do novo regime não é ultradireitista.

Le Monde fez ainda a seguinte pergunta: "Com seus 600 quilômetros de fronteira com a União Soviética, podia tentar se afastar de suas alianças ocidentais uma nação que tem uma posição determinante na zona de ligação entre a Europa Mediterrânea e o Oriente Médio?"

Ocidente confia na normalização

Nova Iorque — **The New York Times**, em editorial sobre o golpe militar de Ancara, manifestou ontem a esperança de que as novas autoridades "consigam colocar de novo o país nos trilhos e, ao mesmo tempo, resolvam o problema de Chipre e façam a Grécia voltar à OTAN".

Em Atenas, o Governo grego disse confiar em que o Governo militar turco "conduza a uma rápida restauração da democracia". Na Alemanha Ocidental, o Chanceler Helmut Schmidt informou que a ajuda à Turquia não será interrompida, enquanto cerca de 50 manifestantes turcos ocupavam o Consulado em Hamburgo para protestar contra o "**putsch** militar-fascista".

Sentinela

"Os interesses norte-americanos na Turquia dificilmente podem ser minimizados", afirma o **Times**. "A Turquia não é apenas uma zona de segurança entre a Europa e o Oriente Médio: é a sentinela do Sudeste da OTAN, compartilhando fronteira com a União Soviética e estando de frente para o Irã. Por isto, os interesses norte-americanos vão bem além da restauração da democracia turca e da convalescença de sua economia doente."

E prossegue: "Precisa-se de flexibilidade na Turquia para reunificar uma Chipre cruelmente dividida e, deste modo, abrir caminho para a readmissão da Grécia como parceiro da OTAN. Os líderes democráticos turcos têm argumentado que a fragilidade e inconstância da política doméstica tornam impossíveis concessões em Chipre, mas tais limitações não se aplicam ao Governo militar interino.

E finaliza: "Ninguém descompromissado com a democracia pode dar as boas-vindas ou desculpar um golpe contra um Governo eleito. No caso da Turquia, o veredicto seria certamente mitigado se os militares ajudarem a elaborar um sistema político-eletivo mais eficaz, a porem fim ao desgarramento da Grécia e a tornarem possível algum progresso rumo a uma solução civilizada do impasse cipriota."

Direitos humanos

A declaração do Ministro do Exterior grego, Constantin Mitsotakis, expressa que "como país vizinho imediato, a Grécia acompanha com profundo interesse os acontecimentos que desembocaram na intervenção das Forças Armadas turcas".

Os gregos fazem votos, segundo a nota, para que "os direitos humanos que constituem um credo comum em todas as nações livres e democráticas sejam respeitados".

Na Alemanha, o Chanceler Schmidt expressou a esperança de que a democracia seja restabelecida "brevemente" e assinalou que a ajuda alemã "é importante para o povo, e não só para o Governo turco".

Em Hamburgo, não houve violências na ocupação do Consulado turco por membros da organização esquerdista Caminho Revolucionário.

Evren quer ajuda de Carter

Nova Iorque — O General Kenan Evren, líder do novo Governo militar turco, enfrenta a dupla tarefa de derrotar o terrorismo e fortalecer a posição de seu país como bastião da OTAN no conflitado Oriente Médio. Tanto ele, Chefe do Estado-Maior do Exército, como o General Haydar Saltik, diretor do novo Conselho de Segurança Nacional, são fortes defensores da filiação da Turquia à aliança atlântica, mas diz-se que se ressentem do que consideram insuficiente atenção do Governo Carter para as suas necessidades de armas e peças.

A primeira tarefa de Evren, segundo os analistas, será o combate ao terrorismo de grupos bem armados, que representam a extrema direita e a extrema esquerda na política turca. Ele pediu repetidas vezes a concessão de mais autoridade aos comandantes que operam sob lei marcial em várias províncias turcas, e punições mais severas para os terroristas.

Sem ambições

Diz-se que Evren é especialmente sensível à disseminação do terrorismo nas províncias de Erzurum e Kars, nas fronteiras com a União Soviética e o Irã. Descrito como um homem pequeno e grisalho, de fala mansa, ele nasceu em Alasehir, perto de Izmir, em 1918. Como a maioria dos oficiais de sua geração, encara o Exército como guardião da República fundada por Kemal Ataturk, o mais bem-sucedido soldado turco deste século.

Ancara/Foto AP

Presidente Kenan Evren

Evren formou-se pela Academia Militar da Turquia em Ancara, em 1938, e foi depois oficial de artilharia na Escola de Estado-Maior em Istambul. Considerado vigorosamente pró-ocidental, ele comandou um regimento de artilharia turca na guerra da Coréia. Embora profundamente preocupado com a incapacidade dos Governos civis anteriores para enfrentar o terrorismo, ele não tem ambições políticas, segundo diplomatas turcos em Washington.

Qualificando-o como um calado homem de família, "cauteloso e firme", esses diplomatas dizem que ele "não é como certos generais latino-americanos que tomaram o Poder", pois "não quer instalar um regime militar que se perpetue".

Ofensas

Os diplomatas calculam que Evren vê a combinação do terrorismo com a deteriorante situação militar no Oriente Médio como uma ameaça à Turquia, que só pode ser contida com a imposição temporária da lei marcial. Dizem que entre os seus interesses pessoais estão o futuro de suas três filhas numa Universidade em Ancara, e concordam em que é difícil encará-lo como um ditador potencial.

Mas acentuaram sua profunda preocupação com a capacidade turca de contribuir eficientemente para a defesa do flanco Sul da OTAN. O Exército turco tem 470 mil homens em 17 divisões e 16 brigadas independentes. A Força Aérea tem 303 aviões de combate. Mas os cortes intermitentes da ajuda americana em armamentos reduziram a capacidade de combate de ambas as forças. No lado positivo, diz-se, estão o treinamento, a disciplina e a motivação das tropas turcas.

Evren e Saltik, disse um analista, sabem claramente da importância da Turquia para a OTAN e que o sistema de comando da aliança no Egeu ofende a maioria dos oficiais turcos, que acham que a Grécia fica com autoridade demais. Autoridades civis no Pentágono pensam que, recebendo ajuda militar suficiente, os turcos esquecerão o comando do Egeu e negociarão seriamente com a Grécia sobre Chipre, tradicional pomo de discórdia entre turcos e gregos.

Mas analistas da OTAN dizem que a nova liderança estará muito preocupada com sua própria situação militar para aceitar paliativos como o recente empréstimo de 50 milhões de dólares aprovado pelo Congresso americano. Prevêem que, assim que Evren controle o terrorismo, exigirá um exame detalhado dos meios mais rápidos de transformar os recursos da Turquia numa força moderna capaz de agüentar o flanco Sul, no caso de uma guerra na Europa.

Washington acredita que Khomeiny tenha suavizado exigências sobre reféns

Washington — O Governo norte-americano acredita que o **ayatollah** Khomeiny, ao propor na sexta-feira a libertação dos 52 reféns em troca de quatro concessões pelos Estados Unidos, tenha suavizado sua posição, mas resolveu adotar uma postura cautelosa até a situação se esclarecer.

O que mais impressionou o Presidente Carter e seus assessores na fala de Khomeiny foi que, pela primeira vez, o Irã não exigiu que os Estados Unidos se desculpassem publicamente pelo apoio que deram, no passado, ao falecido Xá Reza Pahlavi.

OMITIU OU ESQUECEU

Os americanos esperam a confirmação de que a menção às desculpas públicas tenha sido omitida mesmo, e não simplesmente esquecida pelo líder religioso. Se foi omitida, é sinal de que os iranianos lançaram as bases para um acordo negociado, onde as quatro exigências de Khomeiny possam ser, uma ou duas delas, suprimidas ou modificadas.

Khomeiny quer, em troca dos reféns, a devolução da fortuna do Xá, pelos norte-americanos; garantias de não intervenção militar ou política em seus assuntos internos; retirada das reivindicações americanas e descongelamento dos bens iranianos no exterior.

Os Estados Unidos dizem não saber com certeza o total dos bens levados pelo Xá, quando fugiu do Irã, e acreditam, segundo o ex-Senador James Aboureszk, que a maior parte da fortuna esteja na Suíça. Esta é a exigência mais difícil de ser atendida. Os iranianos propõem que o caso seja levado a um tribunal de Nova Iorque. O Governo americano já anunciou que não interferirá no processo legal.

O descongelamento de bens e a garantia de não intervenção seriam as mais fáceis de serem atendidas. Quanto à retirada das "demandas" americanas, trata-se do ponto mais confuso do pronunciamento, pois os americanos ainda não sabem se se refere à queixa apresentada pelos Estados Unidos à Corte Internacional de Haia, exigindo a liberdade dos reféns e o pagamento de indenização pelo tempo em que ficaram privados da liberdade, ou se é uma alusão às reivindicações das empresas norte-americanas, com as quais o antigo regime estava em dívida, mas que os governantes islâmicos não reconhecem.

Mapa/G. Completo

Em Basra, os iraquianos venceram a batalha aérea. Em Qasr-e-Shirin, os iranianos recuperaram três posições fronteiriças e perderam três soldados

Irã diz ter repelido forças do Iraque

Bagdá e Teerã — Três soldados iraquianos morreram e oito ficaram feridos em combates na fronteira com o Irã, enquanto o Governo de Teerã afirmava ter recuperado três posições fronteiriças que haviam sido tomadas, há três dias, pelo Iraque.

A retomada de posições foi divulgada pelo Governador de Qasr-e-Shirin, que faz fronteira com o Sul do Iraque, e transmitida pela Rádio de Teerã. O Presidente iraniano, Bani Sadr, o Primeiro-Ministro Ali Radjai e o Ministro da Defesa Djava Kafuri reuniram-se com chefes militares e se deslocaram para a província fronteiriça de Kermanshah, num avião.

CONTRA-ATAQUE

Os iranianos disseram, ainda, que nos últimos dias 100 soldados iraquianos morreram em combate, sem citar as próprias baixas, "que foram em número bem menor". O Iraque havia anunciado, há dias, a recuperação de 120 quilômetros quadrados do território que disputa com o Irã, provocando a contra-ofensiva.

A agência iraquiana INA admitiu as perdas e confirmou o bombardeio da Força Aérea iraniana em Qasr-e-Shirin, acrescentando que, em resposta, a artilharia do Iraque fustigou as cidades de Beylon e Jabal Bamu. Mencionou ainda o ataque iraniano a Basra, informando que efetivos iraquianos "reagiram com energia".

Acrescentou a INA que na madrugada de ontem caças iranianos foram repelidos e obrigados a regressar por aviões iraquianos, quando se lançavam em missões de bombardeio.

Em Teerã, a agência Pars revelou que as forças iranianas foram reforçadas por milícias, voluntários de Isfahan, Kerman, Qom e Yazd e por estudantes de Teologia. São apoiadas ainda por membros da organização revolucionária Mostasafin, que atendem à população necessitada.

Filho do Xá liderará Governo no exílio

Atlanta, Georgia — Líderes das facções políticas iranianas no Ocidente pretendem designar o Príncipe Reza Cyrus Pahlavi, de 19 anos, como novo Xá do Irã, para que possa liderar um Governo monarquista no exílio, informou ontem o jornal **Atlanta Constitution**.

Citando fontes de Washington, Paris e Londres, o diário afirma que grupos de exilados militares, social-democratas e monarquistas haviam planejado um golpe de Estado, mas divergem sobre que tipo de Governo formarão, depois do golpe.

DISSIDENTES

Os grupos são liderados pelos ex-Primeiros-Ministros Shapur Bakhtiar e Ali Amin, pelo General Gholan Ali Oveissi, pelo ex-Ministro do Petróleo, Hassan Nazih, e pelo ex-deputado Ahmad Bai-Ahmad, que criaram um Conselho Supremo, destinado a substituir o Governo atual.

Segundo fontes que o jornal não indica quais sejam, há planos de coroar o Príncipe Reza Cyrus no exílio, para que ele também faça parte do Conselho. Reza nomearia, então, Bakhtiar seu Primeiro-Ministro, mas também aí as correntes divergem.

A crença dos diversos grupos é que um golpe teria pleno êxito se as lideranças exiladas se unirem. E ao que tudo indica, é o ex-**Premier** Ali Amin o que mais vem fazendo gestões neste sentido. Na década de 60, Amin liderou um movimento pela modernização do país.

Arquivo/1980

Reza Ciro Pahlavi

América Latina já é o principal cliente de Israel em armamento

Mário Chimanovitch
Correspondente

Jerusalém — O contrato de manutenção dos Mirage da Força Aérea boliviana, firmado no começo de agosto último entre Israel e o novo regime militar instalado em La Paz, demonstrou o esforço particular que vem sendo desenvolvido pelos israelenses para venderem o seu material bélico ao estrangeiro. Na última semana, o Vice-Ministro da Defesa de Israel, Mordechai Zipori revelou que as exportações militares israelenses atingirão no próximo ano a cifra de 1 bilhão de dólares. Acrescentou que, em 1980, essas vendas totalizariam 750 milhões de dólares. Na verdade, já depois de muitos anos, é a América Latina que se vem constituindo no principal cliente de Israel nesse campo.

Foi a Revolução da Nicarágua, que colocou fim a 43 anos de ditadura da família Somoza, assim como às atuais rebeliões da Guatemala e El Salvador, que acabaram revelando a existência de um fenômeno perturbador. Os israelenses estavam rapidamente se transformando nos maiores supridores de armamentos ao Terceiro Mundo, especialmente à América Latina, ao mesmo tempo em que desenvolviam relações com vários regimes repressivos em todo o mundo.

Responsável

No auge da guerra civil da Nicarágua, ficou demonstrado que Israel estava fornecendo grandes quantidades de armamentos e munições às forças do General Somoza. Os norte-americanos já haviam cortado esses suprimentos em 1978 e foi somente sob pressão de Washington que as remessas israelenses foram suspensas. Quando isso ocorreu, o regime Somoza foi derrubado duas semanas depois.

Segundo relatório divulgado pelo Instituto de Pesquisas da Paz, baseado em Estocolmo, Israel fora responsável pelo suprimento de 98% das importações de armamentos da Nicarágua sob Somoza. O mesmo documento revela ainda que entre 1972 e 1977 Israel supriu 81% das importações de material bélico de El Salvador, que representaram 15% do total de exportações israelenses (militares) no mesmo período. As maiores vendas a El Salvador constaram de 25 aviões Arava, que servem simultaneamente para o transporte de tropas e são suficientemente versáteis para ações de contra-insurgência, além de rifles-de-assalto Galil, submetralhadoras Uzi e munições.

Na realidade, as vendas envolvendo grandes itens, tais como navios e aviões, são geralmente publicadas pela imprensa. Mas quando se trata de pequenas armas, artilharia, munições e equipamentos eletrônicos, que podem ser empregados diretamente contra o povo do próprio país comprador, as transações são raramente conhecidas. Isso, sobretudo, devido ao efeito adverso sobre a imagem de Israel. Assim, esses negócios somente vêm à luz no auge de rebeliões civis quando armamentos são capturados por forças ou grupos rebeldes. Vale lembrar que durante a disputa envolvendo a Guatemala e Belize, em 1977 um cargueiro de 65 toneladas, com armamentos e munições destinados à primeira, acabou sendo retido em Barbados.

Ao fim de 1978, Israel vendeu 26 Mirage aos argentinos, e no momento em que o conflito entre Buenos Aires e Santiago montava a seu ponto culminante, a rádio israelense revelava que a firma Danit, de propriedade do Deputado Samuel Flatto-Sharon, procurado pela Justiça francesa por crimes de fraude e escroqueria, havia servido de intermediária numa operação que consistiu em vender à Argentina armas antiaéreas de procedência paquistanesa.

Mas, num evidente desejo de manter o equilíbrio, o Vice-Ministro da Defesa Zipori oferecia aos chilenos, em janeiro de 1979, a renovação dos materiais militares de suas Forças Armadas. Em seguida à sua viagem a Santiago os dois países concluíram um acordo mediante o qual Israel forneceria ao Chile peças sobressalentes e serviço de manutenção dos aviões de transporte C-130 de procedência norte-americana. Ora, os Estados Unidos, ansiosos de que a disputa em torno do Canal de Beagle não escalasse até uma situação de confronto militar direto entre o Chile e Argentina, receberam muito mal a notícia de que Israel preparava-se para remeter a Santiago uma partida de mísseis Shafir. Os norte-americanos opunham-se à venda de sistemas militares infra-vermelhos à América Latina e particularmente ao regime do General Pinochet.

Sem dúvida, uma tal estratégia de exportação de armas sem complexos tem sucitado inúmeras críticas, as quais os israelenses procuram descartar retorquindo que eles não se constituem nos únicos exportadores de equipamentos bélicos entre os países ocidentais. Mas a verdade é que um bom número de diplomatas israelenses tem demonstrado sua inquietude em face da deterioração da imagem de marca de seu país, sobretudo na América Latina.

Até 1967 quando a França suspendeu o fornecimento de armas a Israel, logo após a ocupação de territórios árabes, a indústria bélica israelense estava voltada primariamente para a fabricação de pequenas armas e munições a serem utilizadas por suas próprias forças. O embargo francês aumentou dramaticamente a dependência israelense em relação aos Estados Unidos — hoje o seu único fornecedor de armamentos. Afim de reduzir essa dependência, Israel começou, desde 1967, a fazer investimentos maciços no desenvolvimento de sua indústria bélica. Hoje o Estado judeu constitui-se num importante competidor no mercado mundial de equipamentos militares sofisticados, tais como aviões, mísseis, artilharia de médio e longo alcance, radares, telecomunicações e outros itens eletrônicos.

Quando, em 1968, os Estados Unidos decidiram suspender o fornecimento de armamentos sofisticados às Forças Armadas latino-americanas, afim de concentrar seus esforços na preparação dos combates anti-rebeliões, Israel sentiu que poderia tirar grandes vantagens da situação e começou a recrutar sua clientela nos países implicados em conflitos territoriais ou entre as ditaduras de direita.

Japão revê lei que discrimina

Anilde Werneck
Correspondente

Tóquio — O Ministério da Justiça iniciou ontem estudos para revisar a lei de nacionalidade, de modo que a criança nascida no Japão, filha de mãe japonesa com pai estrangeiro, possa também ter a nacionalidade japonesa. No momento, apenas os homens japoneses podem transferir sua nacionalidade para os filhos que tiverem com mulheres estrangeiras.

A decisão foi adotada em conseqüência da adesão do Japão ao tratado que proíbe discriminação contra mulheres, firmado na Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Copenhague. Na próxima semana, um grupo de funcionários japoneses irá à Alemanha Ocidental para estudar a legislação local sobre o assunto.

A reforma porá fim ao que aqui se considera uma discriminação oficial contra as mulheres japonesas que se casem com estrangeiros. Mas será necessário muito tempo mais para que o povo altere seu sentimento em relação ao chamado "sangue misto" — categoria que inclui apenas os filhos de pais estrangeiros.

Muitos casais têm tentado conseguir, na Justiça, permissão para registrar seus filhos como japoneses e até uma associação foi criada para lutar por este objetivo. Algumas mulheres preferem não oficializar o casamento com um estrangeiro para, como mãe solteira, dar a seu filho a nacionalidade japonesa.

Do mesmo modo, coreanos e chineses continuam oficialmente **gaijin** — estrangeiro — embora tenham nascido aqui, falem o mesmo idioma e tenham os mesmos costumes.

A maioria descende de trabalhadores trazidos da Coréia e da China — especialmente de Formosa — durante a guerra, para manter as indústrias japonesas em atividade. E a discriminação oficial se estende às relações com os habitantes japoneses, principalmente antes da idade adulta.

Ontem, a agência de notícias Kyodo divulgou o caso de um menino coreano, de 12 anos de idade, que se suicidou por pressão de seus colegas de escola. A direção da escola, em Kamifukuoka, província de Saitama, tentou esconder o fato, mas acabou admitindo que o garoto era perseguido pelos colegas por motivos raciais. Entre seus livros foi encontrado um bilhete que dizia: "Kim, nós gostaríamos que você morresse. Por que você não morre?"

Ele se jogou do alto de um edifício.

EUA cortam créditos à Bolívia

Washington — O regime militar da Bolívia, que está tentando obter reconhecimento internacional e capital estrangeiro, obteve um reescalonamento no pagamento de uma dívida de 172 milhões de dólares para com os bancos privados dos Estados Unidos, mas os créditos oficiais foram cortados.

Os militares bolivianos tomaram o Poder em 17 de julho passado, num golpe sangrento, seguido de prisão de centenas de líderes políticos e sindicais. O Governo Carter condenou os novos líderes por violações aos direitos humanos e ligações com o tráfico de cocaína.

O General Garcia Meza, que derrubou sua prima, a Presidenta Lydia Gueiler, enviou um emissário pessoal, Justo Chammas, um empreiteiro imobiliário, para pedir ao Governo norte-americano que reconsidere o corte na ajuda econômica e militar à Bolívia.

Cubanos já podem deixar Lima

Lima — O Ministro do Exterior do Peru, Javier Arias Stella, anunciou ontem que os Estados Unidos concordaram finalmente em receber uma determinada quantidade de refugiados cubanos que se encontram atualmente no Peru, 140 dos quais já estão prontos a viajar hoje para o Canadá.

Arias acrescentou que o Embaixador norte-americano, Harry Shlaudeman, lhe havia comunicado ontem mesmo a decisão de Washington de fornecer vistos, mas unicamente aos que tenham parentes nos Estados Unidos.

CIA perde espião em Moscou e é processada por cubana

Washington — **Um misterioso caso de espionagem está para ser desvendado, por iniciativa do Senado norte-americano: o desaparecimento do agente Trigon, um alto funcionário soviético recrutado pela CIA no início dos anos 70 e que fornecia informações sobre a cúpula do Kremlin. Ele seria Anatoli Filatov, cuja execução foi anunciada pela imprensa soviética. Há indícios de que sua identidade foi descoberta por indiscrição de uma autoridade dos Estados Unidos durante uma recepção, em Washington.**

Mas os problemas da CIA não terminam aí. Sua ex-agente Carmen Mackowiski quer 1 milhão de dólares de indenização. Nos anos 60, quando era casada com Alfredo Ruiz, chefe da contra-espionagem cubana, ela foi recrutada pela CIA para espionar o marido. Mas foi descoberta e cumpriu oito anos de prisão em Havana — segundo ela, por ter sido mal preparada.

Senado quer saber de espião

Charles Mohr
The New York Times

Washington — *Os Senadores Daniel Patrick Moynihan e Malcolm Wallop decidiram pedir ao Comitê Seleto do Senado sobre Informações para investigar as circunstâncias que conduziram ao desmascaramento e morte de uma autoridade soviética que atuava como espião americano em Moscou.*

Moynihan, democrata por Nova Iorque, e Wallop, republicano por Wyoming, informaram nesta semana sua decisão através de auxiliares de suas equipes, dizendo que esperavam redigir uma carta, ao presidente e vice-presidente do Comitê sobre Informações, Senadores Birch Bayh, democrata por Indiana, e Barry Goldwater, republicano pelo Arizona.

Kissinger

Um membro da equipe de auxiliares do Senado disse que os dois senadores querem determinar se os Estados Unidos sofreram uma "derrota importante" na guerra de espionagem, e se "sabemos por que". Outro auxiliar informou que o Senador Gordon J. Humphrey, republicano de New Hampshire, pediu ao diretor da Agência Central de Informações (CIA), Almirante Stanfield Turner, um relatório sobre o estado de qualquer investigação referente ao caso.

O caso, que pode ter implicações tanto políticas como de informações, tem sido o centro de boatos em Washington, e tema de várias matérias na imprensa. Um dos aspectos políticos é a acusação de que a última comunicação da hoje morta autoridade soviética descrevia uma conversa entre o ex-Secretário de Estado Henry Kissinger e o Embaixaodr Anatoly Dobrynin, da União Soviética, na qual Kissinger supostamente fazia críticas à posição de negociação do Presidente Jimmy Carter, em março de 1977, sobre armas nucleares.

Uma segunda questão política, e de segurança nacional também, envolve acusações de que uma autoridade não identificada do Governo norte-americano foi responsável pela divulgação da identidade do russo, durante uma recepção diplomática em Washington.

Kissinger negou vigorosamente as sugestões de que pode ter encorajado a União Soviética a rejeitar as propostas de Carter, em 1977, de grandes reduções em armas nucleares estratégicas. E também houve vigorosas negações de que uma indiscrição de qualquer autoridade do Governo tenha causado a morte do espião em Moscou.

Aparentemente, não há controvérsias sobre alguns aspectos básicos do caso. Wallop disse numa breve entrevista telefônica terça-feira à noite: "Perdemos uma valiosa fonte de informações, e queremos saber por quê".

Várias fontes disseram que a CIA conseguiu no início da década de 70 recrutar um diplomata soviético que trabalhava numa Embaixada no exterior e convencê-lo a continuar fornecendo informação depois de ter sido transferido para o Ministério de Relações Exteriores em Moscou.

A imprensa soviética informou em 1978 que um funcionário chamado Anatoli M. Filatov fora julgado por traição e executado. Acredita-se que tenha sido o agente conhecido como Trigon pelos americanos. Mas algumas fontes crêem que ele se suicidou em 1977, depois de ter sido desmascarado pelo KGB, o serviço de segurança soviético.

A comunidade de informações em Washington e círculos do Congresso sabem há algum tempo que a última informação recebida desse agente foi a cópia de um telegrama de Dobrynin descrevendo um encontro no café da manhã, a 11 de abril de 1977, do Embaixador com Kissinger.

Um ex-funcionário da CIA, David Sullivan, foi afastado da Agência depois de admitir que dera uma informação sobre o telegrama soviético a Richard Perle, um ex-auxiliar do Senador Henry Jackson, democrata por Washington. Sullivan trabalha hoje para Humphrey, que assinou a carta, datada de 4 de setembro, ao diretor da CIA interrogando sobre o caso.

Um aspecto sob o qual há discordância é se o telegrama de Dobrynin é uma narração autêntica ou razoavelmente precisa das observações feitas por Kissinger no café da manhã ou um exemplo deliberado de desinformação soviética.

Agente cubana quer indenização

A. O. Sulzberger Jr.
The New York Times

Washington — Carmen Mackowiski, que diz ter sido inadequadamente treinada pela Agência Central de Informações (CIA), antes de viajar para Cuba com a finalidade de espionar o próprio marido, então diretor do Departamento de Contra-Espionagem cubano, está processando o Governo dos Estados Unidos, do qual exige uma indenização de mais de 1 milhão de dólares.

Numa ação impetrada na Corte Federal de Trenton, Nova Jersey, a Sra Mackowiski diz que sua falta de preparação fez com que ela fosse presa pelas autoridades cubanas por volta de 4 de janeiro de 1969. Ela, que se chamava então Maria del Carmen y Ruiz, foi condenada por espionagem e condenada a 20 anos de prisão.

Eram agentes

Carmen Mackowiski foi libertada em outubro de 1977, depois que o Senador americano Frank Church, democrata de Idaho que preside o Comitê de Relações Exteriores do Senado, foi a Cuba. Um porta-voz da CIA disse que o processo é o primeiro desse tipo, mas não quis fazer outros comentários.

Uma autoridade do Senado disse, no entanto, que era amplamente sabido que a Sra Mackowiski e seis outros americanos presos em Cuba por crimes políticos na época da visita de Church eram "pessoal da Agência". Um advogado do escritório do Procurador-Geral em Newark, Nova Jersey, que está tratando do caso para o Governo, disse que as autoridades entraram com um pedido de arquivamento do processo, com base em falta de jurisdição.

O pedido de arquivamento será examinado a 8 de outubro pelo Juiz distrital federal Dickinson Debovoise. Na queixa, a Sra Mackowiski, de 44 anos, diz que foi agente da CIA de 1º de dezembro de 1964 até final de 1978. Foi enviada a Cuba em meados da década de 60 para espionar seu marido, Alfredo Ruiz.

Promessa

Numa entrevista à Associated Press, Robert Greenberg, advogado da Sra Mackowiski, disse que Alfredo Ruiz era na época diretor do Departamento de Contra-espionagem de Cuba. O treinamento que ela recebeu, diz a ação, foi "breve, pró-forma e imediatista, e não preparou adequadamente a queixosa para as tarefas, confrontos, riscos e situações à frente".

A Sra Mackowiski também afirma em sua queixa que, durante os nove anos que passou em prisões cubanas, teve um tumor no quadril esquerdo, pneumonia, que resultou em tuberculose, um tumor no pulmão esquerdo e, ocasionalmente, amnésia. Ela não pôde ser localizada para comentar o processo.

Segundo a ação, ela nasceu em Cuba mas é cidadã americana. Um porta-voz de Church disse que a Sra Mackowiski voltou aos Estados Unidos em dezembro de 1977, dois meses após a visita de Church, e que depois disso o escritório do Senador perdeu a sua pista. Ela também disse que o Governo lhe garantira que, caso fosse presa, sua libertação seria imediatamente arranjada. Por causa disso, ela exige 1 milhão de dólares de indenização.

"Bombardeiro invisível" é todo plástico

Dick Stanley

The New York Times

Austin, Texas — Um protótipo em forma de Delta do novo "bombardeiro invisível" do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o primeiro avião feito de um composto plástico indetectável por radar, esteve sendo submetido a testes de vôo por cerca de dois anos, numa base secreta no deserto de Nevada, disseram fontes informadas sobre o programa.

O bombardeiro foi construído pela Lockheed Aircraf Corp., usando um projeto da Boeing Co. e "tecnologia furtiva", uma complexa síntese de artifícios, materiais e características de desenho desenvolvida para evitar a detecção por radar, num programa de pesquisa militar que levou 10 anos e foi recentemente revelado pelo Secretário de Defesa Harold Brown.

Até março

Porta-voz da Lockheed, da Boeing e do Departamento de Defesa recusaram-se a comentar os materiais, o projeto e até a existência de um novo protótipo de bombardeiro. Mas fontes informadas disseram que se espera que ele venha a ser revelado a tempo de cumprir um prazo — março de 1981 — do qual dependem mais verbas. O Congresso estabeleceu esse prazo para obrigar o Pentágono a escolher um novo projeto de bombardeiro tripulado que deve estar em operação em 1987.

O bombardeiro pode substituir o polêmico protótipo do **B-1**, cuja produção em 1977 foi cancelada depois que o Congresso reteve sua verba, devido a alegações de que era muito caro e não oferecia tecnologia suficientemente adiantada. Diz-se que o protótipo em forma de Delta é menor que o **B-1** e tem um projeto radicalmente diferente, destinado a escapar à detecção pelo radar.

Fontes disseram que o novo protótipo não tem fuselagem, estrutura de cauda ou superfície de controle vertical. Seus motores a jato são montados dentro do corpo em forma de asa, com as entradas de ar no alto do avião. Diz-se que a asa Delta é tão impressionante em vôo como os bombardeiros em forma de asa da Northrop Aircraft Corporation da década de 40, embora menor.

Destruído

As asas da Northrop, extensamente testadas mas nunca produzidas em massa, foram os primeiros exemplos funcionais da tecnologia de asa voadora. Os aviões eram construídos de uma asa imensa, de forma convencional, sem fuselagem.

O sucessor proposto para a frota de velhos bombardeiros **B-52** do país é único na aviação militar tanto devido à sua forma como ao material do qual é feito: um avançado composto plástico de um tipo criado para construção de aviões por um dentista de Midland, O Dr Leo J. Windecker, e testado com êxito como indetectável por radar pela Força Aérea, o Exército e a Marinha dos Estados Unidos de 1972 a 1974.

Um protótipo do avião plástico do Dr Windecker, um projeto convencional de quatro lugares e monomotor, foi usado como modelo de ensino aerospacial na Universidade do Texas até este ano. Foi destruído no solo, no aeroporto municipal de Austin, por um furacão, o **Allen**. "O nosso avião foi um dos que o Exército testou", disse o Dr Ron Stearman, diretor do Centro de Pesquisas Aeronáuticas da Universidade. "Era cheio de materiais que absorvem o radar, para proteger o motor e outras partes metálicas de detecção".

A versão modificada do avião de Windecker, que ele chamava de Eagle, foi rebatizada de YE-5, extensamente testada em invisibilidade no radar e depois usada para "interrogar" eletronicamente as instalações de radar soviéticas, com a finalidade de documentar seus comprimentos de onda e freqüências.

"Informaram-me depois", disse Windecker, "que usaram o YE-5 para chegar até 37 quilômetros de instalações de radar inimigas. A Força Aérea achou que chegar tão perto sem detecção é excelente".

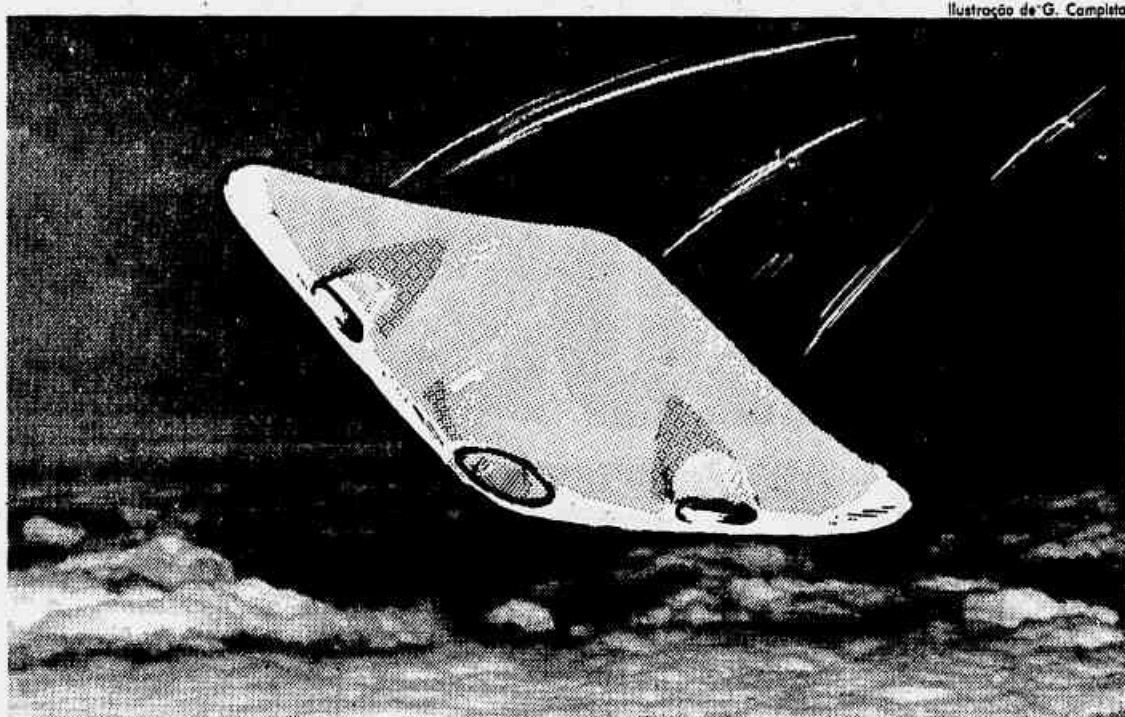
Já o B-1, diz-se, fora projetado para causar pouca impressão no radar, através do extenso uso de componentes de plástico misturados com sua película de alumínio-titânio. Também usava revestimentos de polímeros plásticos rubertizados para dispersar ou absorver sinais sem emitir reflexo.

Mas esse projeto, rejeitado, ter-se-ia tornado vulnerável ao mais recente avanço soviético no radar, o tipo "localize de cima, mande para baixo". Transportado por interceptadores a altas altitudes, esse radar procura localizar bombardeiros invasores que voam baixo para fugir aos radares convencionais.

A estrutura de plástico do avião invisível é completamente "limpa", eliminando planos de intersecção que refletem o radar, as superfícies planas e as longas curvas. Tampouco tem quaisquer protuberâncias reflexivas, como os mandris, torres de armas e superfícies de controle vertical encontradas no B-52, B-70 e B-1.

Como os antecessores, dizem as fontes, o novo bombardeiro usará aditivos secretos no combustível, que reduzem a impressão de infravermelho das chamas dos reatores, e sofisticados macetes eletrônicos para contra-medidas. Mas o grande segredo do protótipo é sua estrutura de plástico, o processo pioneiro do Dr Windecker levado até onde permite hoje a tecnologia de composição e piro-cerâmica.

"A radiação eletromagnética passa direto através do plástico, ou é absorvida sem qualquer reflexo", disse uma fonte. "O maior problema é o mascaramento dos motores, bombas e outras partes de metal, mas estão resolvendo isso".

Ilustração de G. Campista

O novo avião lembra uma arraia e não tem estruturas de cauda. As turbinas são embutidas na parte de cima das asas. Tudo em material plástico, para não refletir ondas do radar

Inventor do material acabou falido

Dick Stanley

The New York Times

Midland, Texas — **Como todo dentista, o Dr Leo J. Windecker, que inventou o plástico usado no** bombardeiro invisível, **estudou engenharia de materiais e estruturas, além de medicina. Diversamente de seus colegas, porém, ele abandonou uma prática de 12 anos, em 1953, para realizar experiências com compostos de plásticos para a construção de aviões.**

"Os aviões", ele diz, "são todos feitos de materiais que na verdade não querem ser transformados em aviões". As tensões a que é submetido o alumínio, ao ser dobrado ou malhado, fazem com que ele rache, por passar do seu ponto de fadiga. Por isso, ele achou que a fibra de vidro seria o ideal. O estilista e o especialista em aerodinâmica podiam projetar sem limites.

Carros

Infelizmente para seus sonhos, hoje Windecker sabe tanto sobre fabricação de automóveis como soube outrora sobre projeção de aviões. Desde 1975, quando as Windecker Industries Inc., financeiramente frágeis, se viram incapazes de financiar a construção de seus aviões plásticos, ele vem desenhando carrocerias para a International Harvester.

"Meu contrato acaba em novembro", ele disse firmemente. "Quero voltar aos aviões".

Aos 59 anos, Windecker é tímido e recolhido, prematuramente envelhecido pelo infortúnio desde que uma foto sua apareceu na revista Flying, **em 1968, sob o título: "Dr Windecker e sua Máquina Plástica de Voar".**

Dois anos depois, com seu modelo de 1967, de quatro lugares e monomotor, o Eagle, licenciado pelo Departamento Federal de Aviação para venda comercial, o avião ainda era saudado pela revista. Havia um mercado para ele. "Recebemos encomendas de 16, sem nenhum pique de venda, e as ações da companhia foram oferecidas ao público por muito pouco dinheiro em 1971".

A Windecker Indústries acabou nas mãos da Dow Chemical Co. "Foi bondade deles chamarem-na de Windecker", ele diz em voz baixa. "Mas eu fiquei triste quando a companhia declinou."

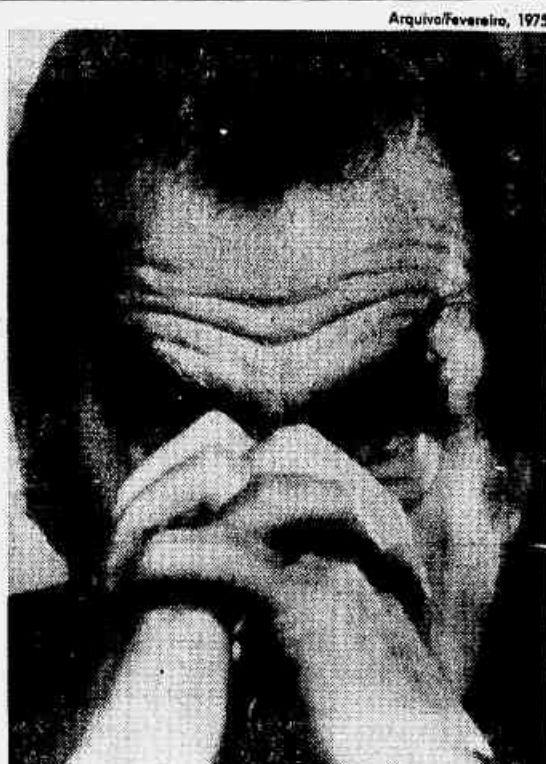
Patentes

Pouco depois de iniciar suas experiências com plásticos, em 1959. Windecker gastou todas as suas economias. Assim, em 1961, ele voltou-se para a Dow Chemical, para arranjar uma bolsa, conseguiu-a e mudou-se para Hondo. Ali, num aeroporto abandonado, concluiu sua técnica de construção. Infelizmente para ele, então e agora, a Dow possuía as patentes e direitos sobre o processo.

Antes de abandonar a companhia que tem seu nome, ele levou a idéia aos militares, produzindo versões modificadas do Eagle para o Exército e a Força Aérea americanos. Estava aberto o caminho para o avião invisível.

Arquivo/Fevereiro, 1978

Harold Brown

Arquivo/Fevereiro, 1975

Elmo Zumwalt

Zumwalt acusa Carter de quebrar sigilo

Washington — O ex-Comandante das Operações Navais, Elmo Zumwalt, acusou o Presidente Jimmy Carter de permitir o vazamento de informações sobre o projeto **stealth** — a nova técnica que impede que os aviões sejam detectados pelos radares inimigos — e qualificou a quebra do sigilo de "seriamente prejudicial à segurança nacional".

Carter, no entanto, ao acusar Ronald Reagan de "irresponsável" e de partidário de uma "política barata", negou que seu Governo tenha prejudicado a segurança nacional ao permitir a divulgação, há três semanas, de informações sobre os **aviões invisíveis**. "Tudo não passa de uma companhia irresponsável e falsa movida por Reagan e por um grupo de republicanos", alegou o Presidente.

Numa carta enviada ao Senador Richard Lugar, republicano por Indiana, Zumwalt afirmou: "Pelos meus contatos com o **staff** da Casa Branca e oficiais do Penatágono, não parece haver dúvidas de que partiu do Presidente a decisão de revelar alguns segredos da tecnologia **stealth** (furtiva); o método escolhido foi o de, primeiro, divulgar a existência da nova técnica, para forçar depois a confirmação da filtragem das informações".

Zumwalt assinalou ainda que a decisão de Carter "foi motivada por interesses políticos, de modo a dissipar as críticas ao Presidente por sua resolução de cancelar o projeto do bombardeiro estratégico **B-1**". O ex-Comandante que disputou em 1976 uma vaga no Senado, concorrendo pelo Partido Democrata na Virgínia — destacou também que a quebra do sigilo beneficiou a União Soviética, que se esforçará agora para conseguir a tecnologia do **avião invisível**

Em sua defesa, Carter alegou que quando assumiu a Presidência, em janeiro de 1977, o projeto **stealth** já existia, e nem ao menos recebera a qualificação de confidencial. Disse ainda que "nada foi revelado sobre o projeto, apenas que ele existe. Nenhum detalhe pormenor de sua tecnologia foi divulgado".

O Secretário de Defesa Harold Brown, por sua vez, disse que o programa do avião invisível crescera umas 100 vezes desde que Carter assumira a Presidência, e que não teria sido possível manter sua existência em segredo no próximo orçamento federal.

Brown disse que o programa **stealth** é apenas uma das áreas em que os Estados Unidos mantêm uma "dianteira bastante substancial". Citando alguns outros exemplos, como a guerra anti-submarina, as armas teleguiadas de precisão, os mísseis Cruise e armas antitanque, acrescentou irônico: "Eu teria contado aos soviéticos, segundo algumas interpretações, exatamente o que fazer e como fazer. Idiotice".

Denúncia de Reagan foi só jogo político

Tom Wicker

The New York Times

Washington — Os recentes ataques do candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos, Ronald Reagan, ao Governo Carter, por revelar informações sobre o chamado "bombardeiro furtivo" pareceram, e provavelmente foram, pura politicagem. O próprio Reagan, na época, estava atrapalhado com suas **gaffes** e distorções, e é uma regra da política atacar o adversário quando se está em encrenca.

Mas quando Reagan acusou o Presidente Carter o Secretário de Defesa Harold Brown de comprometerem a segurança nacional admitindo publicamente a existência do "furtivo" — invisível aos sistemas de radar — o candidato republicano forneceu um exemplo didático de como criar um político. Não apenas desviou a atenção do público de seus erros, como a acusação parece que vai continuar a perseguir o Presidente e minar a confiança em Brown.

Fins cínicos

Isto não significa que a acusação de Reagan, vigorosamente negada pelo Governo, seja verdadeira. Mesmo que os soviéticos tenham recebido informação que não possuíam antes, nem Carter nem Brown sabiam necessariamente que isso ia acontecer. Tampouco os que estão convencidos de que houve danos para a segurança podem provar que a informação foi dada ao público apenas com cínicos fins políticos.

Mas a campanha de Reagan obviamente pegou algo suficientemente plausível para convencer pessoas inteligentes — do mesmo modo como pessoas inteligentes acreditaram na acusação de Jonh Kennedy, em 1960, de que se abrira uma "distância no campo dos mísseis" entre os Estados Unidos e a União Soviética. E Carter pode vir a constatar que é tão difícil anular a acusação de Reagan quanto o foi, para os republicanos, rebater a de Kennedy — que ele próprio foi obrigado a repudiar imediatamente após sua eleição.

Se há exagero na comparação, é muito pequeno porque os americanos estão sempre dispostos a acreditar que "os russos estão chegando" — particularmente que o seu Governo, ou outro Partido político, ou qualquer um, por perfídia ou estupidez, deve ter feito exatamente o jogo da União Soviética. E Carter, o desastrado que não conseguiu retirar aquela famosa "brigada de combate" soviética de Cuba no ano passado, parece particularmente vulnerável a esse resistente sentimento. Daí a acusação de Reagan.

Nova Iorque/Foto AP

Ronald Prescott Reagan (E), 22 anos, filho do candidato republicano à Casa Branca, está ensaiando intensamente seu número com o Joffrey Ballet, para uma apresentação em 10 de outubro. Mas a estréia do jovem nos palcos de Nova Iorque não será assistida pelos pais. Ronald Reagan e sua mulher Nancy anunciaram esta semana que não poderão comparecer, devido aos compromissos da campanha presidencial. Comenta-se que Reagan não ficou muito satisfeito com a nova carreira do filho, que deixou os estudos há um ano para dedicar-se ao balé. Ron dançará Threads from a String of Swing, *com temas clássicos de jazz*

Volcker se opõe ao programa de redução de impostos nos EUA

Steven Rattner

The New York Times

Washington — O diretor do Banco Central dos Estados Unidos, Paul Volcker, manifestou-se contrário aos programas de redução de impostos, incluindo os apresentados recentemente pelo Presidente Jimmy Carter e seu adversário republicano, Ronald Reagan.

Em parte, a oposição de Volcker tem origem na convicção de que qualquer decisão sobre corte nos impostos deveria ser adiada até o final das eleições presidenciais de novembro, quando se poderá "ter uma visão mais clara das prioridades de gastos do Governo e do Congresso para o período que se seguirá".

Volcker acredita que nenhuma redução de impostos deveria ser considerada até que se obtenha uma contenção de despesas, e afirmou estar "sinceramente preocupado com a previsão do aumento dos gastos das últimas estimativas oficiais", feitas em julho pelo Governo Carter.

Mesmo com uma contenção dos gastos federais, Volcker disse que nenhuma das propostas para redução dos impostos coincidem com seu desejo de obter "medidas limitadas em relação aos impostos com o objetivo de satisfazer as necessidades prioritárias que são estimular o investimento, reduzir os custos e aumentar a produtividade".

Empresários criticam recuo do candidato

Washington — O plano econômico do candidato republicano, Ronald Reagan, para a década de 80, que ele expôs terça-feira, foi imediatamente criticado por alguns importantes grupos empresariais, porque o candidato adotou um esquema novo, e reduzido, de cortes nos impostos sobre as empresas.

Também o Governo Carter criticou o plano de Reagan — opção à política do Presidente para esta década — afirmando que os cortes orçamentários propostos não seriam possíveis, e que as reduções de impostos pendem demais a favor de indivíduos às custas do estímulo ao investimento empresarial. "Não funcionará. Ninguém aceitará. Seria incrivelmente inflacionário", disse o Vice-Presidente Walter Mondale, em campanha em Peoria, Illinois.

Reagan alterou sua proposta de acelerar a amortização do capital, que os defensores dessa política acreditam venha a encorajar o novo investimento empresarial necessário para ajudar modernizar a indústria americana. O republicano fez em vez disso uma proposta que significaria uma redução de impostos substancialmente menor para as empresas, uma medida que os opositores afirmam não ser tão simples.

Um porta-voz da maior associação de pequenas empresas, a Federação Nacional de Empresas Independentes, chamou a mudança pretendida por Reagan de "desastrosa". John Motley, da Federação, disse que os pequenos negócios "obteriam menos" sob a nova proposta de Reagan do que obtêm agora. A complexidade da nova proposta favorece os grandes negócios, que podem pagar advogados especializados em impostos, disse.

Cliff Massa, da Associação Nacional da Indústria, disse: "A mudança é um passo que lamentamos". Acrescentou que sua entidade continua apoiando a proposta de amortização que Reagan endossou em julho e uma ampla coalizão de empresas americanas vem apoiando há mais de um ano.

Proporção

Massa disse também que a concessão da maior parte das reduções de impostos a indivíduos — 172 bilhões de dólares, 192 bilhões no ano fiscal de 1985 — "não é proporção adequada" entre as empresas e os indivíduos. "Não ficamos impressionados com o volume total", explicou.

Mas um alto assessor de Reagan, que deu uma explicação do plano em Washington, apressou-se a defender a mudança do candidato. Charles E. Walker disse que Reagan ainda apóia o conceito de amortização acelerada, mas está sendo ao mesmo tempo realista, politicamente, porque a proposta que agora defende foi quase unanimemente aprovada pelo Comitê de Finanças do Senado.

A proposta de amortização acelerada que Reagan endossou reduziria a receita federal, no ano fiscal de 1985, quando as reduções de impostos se aproximarem do custo máximo, em 20 bilhões de dólares, em vez dos 50 bilhões projetados pela proposta anterior.

Num documento distribuído em Washington, os assessores de Reagan também afirmam que podem equilibrar o orçamento no ano fiscal de 1983 e obter um superávit de 39 bilhões de dólares no ano fiscal de 1985. A redução dos impostos das empresas é um passo importante para conseguir esse superávit.

Reagan gasta Cr$ 1 bilhão em comerciais

Bernard Weintraub

The New York Times

Washington — **O candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos, Ronald Reagan, abrindo uma discreta campanha de publicidade pela televisão, filmou uma série de comerciais moderados sobre as necessidades militares e a economia do país, numa tentativa de atrair eleitores independentes e normalmente democratas. O custo da campanha de Reagan pela TV é de 18 milhões de dólares (Cr$ 1 bilhão).**

Como o Presidente Jimmy Carter, Reagan e seus assessores de imprensa decidiram, no início da campanha de televisão, evitar ataques pessoais e acentuar as qualidades "positivas" do candidato. "Esperamos que as pessoas retirem desses comerciais uma idéia do homem, uma idéia de que há um homem confiante, em paz consigo mesmo, responsável", disse um dos consultores, Peter H. Dailey.

Dailey, executivo de uma empresa de publicidade de Los Angeles, disse que o objetivo dos comerciais para o candidato presidencial republicano, que começaram a ser mostrados recentemente na televisão em todo o país, é contestar a acusação democrata de que Reagan é um extermista de direita.

A meia dúzia de comerciais de Reagan começa, em sua maior parte, com uma musiquinha — "Chegou a hora, chegou a hora, na América..." — enquanto a câmara se movimenta para o candidato fazendo seu discurso de aceitação da indicação na convenção nacional republicana. Após um breve trecho do discurso, a câmara corta para o candidato sentado numa poltrona e falando firmemente ao telespectador.

Um anúncio de cinco minutos, no qual Reagan fala de sua ânsia de paz para o mundo, é um esforço direto para refutar a acusação de que ele é um linha dura militar. Ele diz no início que tem quatro filhos e um neto.

Washihgton/Foto UPI

Victoria, filha do locutor esportivo Frank Gifford, anunciou seu casamento com Michael, um dos filhos do falecido Senador Robert Kennedy

Boaventura agradece a Figueiredo e critica a Revolução

"Jamais pensei que depois de 15 anos o Brasil estivesse na situação em que está. Sonhei com uma revolução que resolvesse os problemas do país, e jamais estabelecesse ditaduras, privilégios, mordomias. Era a revolução da tranqüilidade, para acabar com a miséria, a concentração de riqueza. Apoiei a revolução dos meus sonhos, dos meus ideais. Não a revolução cheia de falhas e de orientações errôneas".

Ao negar, ontem, ter participado de articulações para derrubar o Governo do General Costa e Silva, motivo que teria levado o então Ministro do Exército, Aurélio de Lyra Tavares, a baixar um decreto transferindo-o para a reserva, como punição, o Coronel Francisco Boaventura Cavalcanti Júnior fez uma série de críticas à Revolução que diz ter-se desvirtuado e afastado de seus propósitos originais.

Afastado do Exército por decreto de 19 de maio de 1969, o Coronel Boaventura explica que na verdade foi vítima de um ato arbitrário. Na época, ele foi ouvido por uma comissão composta por três generais (a comissão de Investigação Sumária do Exército), que, com base numa série de cinco respostas a questões a ele formuladas, daria o seu parecer sobre o caso.

Mas só 10 anos depois, lendo o livro do General Jayme Portella (então Chefe da Casa Militar da Presidência), A Revolução e o Governo Costa e Silva, que tem duas páginas com referências ao seu caso, foi que ele começou a colocar em dúvida a atuação da comissão pela qual fora ouvido.

Ao procurar, então, o General Sílvio Frota, presidente da comissão que o ouvira, ele ficou sabendo que seu caso havia sido arquivado na época da punição. Seu afastamento, contou-lhe o General Frota, teria sido conseqüência de entendimentos diretos entre o Ministro Lyra Tavares e o Presidente da República.

Através de decreto do dia 9, foram cancelados os "considerandos" do decreto de 19 de maio de 1969, pelo qual o Coronel Francisco Boaventura Cavalcanti Júnior havia sido punido, com base no AI-5, e transferido para a reserva. Sobre o decreto que agora o beneficiou, declarou o Coronel Boaventura: "Considero o ato do Presidente João Figueiredo um gesto de nobreza que muito o engrandece, bem como os que o assistiram nessa decisão".

O que o senhor estava fazendo em 1964, na época da Revolução?

—Eu servia no Regimento de Artilharia de Curitiba. Na noite da Revolução eu estava lá. Fui transferido para lá depois de problemas na Guanabara, quando eu era comandante de um grupo de artilharia de pára-quedistas e recebi uma ordem para prender Carlos Lacerda, então Governador. A ordem partiu de um general cujo nome vou omitir, pois ele já é falecido. Recusei-me a cumpri-la e por causa disso fui punido com a transferência para Curitiba.

—Como foi dada essa ordem?

— A ordem que eu tinha era a de prender o Governador Carlos Lacerda durante uma visita que ele faria ao Hospital Miguel Couto no dia 4 de outubro de 1963. Eu deveria comandar um grupo de oficiais e sargentos para efetuar a prisão. Se houvesse resistência, a ordem era a de usar armas. Achei que a ordem era estranha e ilegal. Pedi então que me fosse mandado por escrito, com a explicação das razões para a prisão, como deveria ser feita etc. Não recebi a ordem por escrito e me neguei a efetivá-la. A operação não teve sucesso, e ficou por isso mesmo. Por isso fui afastado do comando daquela unidade.

— E depois?

— Eu já tinha sido informado de que seria punido se não cumprisse a ordem. Então ameacei denunciar publicamente o epsódio, caso fosse realmente punido. Ao ser afastado do meu comando, escrevi uma carta e a enviei ao Ministro do Exército na época, General Jair Dantas Ribeiro. Esta carta foi lida no Congresso e publicada em todos os jornais, o que me valeu uma prisão de 30 dias.

— Nos anos seguintes, o que o senhor fez?

— Recordar estes anos de atividade política, de 64 a 69, é muito difícil. Em abril de 64 fui mandado para a Casa Militar, quando Ranieri Mazzili ocupou a Presidência. Fiquei lá até a posse do Presidente Castello Branco, que assumiu o Governo no dia 15 de abril de 64. Continuei lá na Casa Militar, com o Presidente Castello. Permaneci durante o primeiro mês, e então saí.

— E como e por que o senhor punido anos mais tarde, em 69?

— Eu não era um elemento de braços cruzados. Meu comportamento na ocasião era o de um militar atento à situação nacional. Via os riscos que estava correndo na nossa situação. Fui afastado em 69 em conseqüência de uma interpretação dada pelo Presidente, assessorado por elementos de seu Governo. Quero mencionar o órgão que tinha sido criado na ocasião com a finalidade de esclarecer problemas político-militares, a Comissão de Investigação Sumária do Exército, composta de três generais, José Canavarro (o chefe), Esteliano Bastos de Aguiar e Sílvio Frota, que depois passou à condição de chefe da comissão, pela promoção dos outros dois generais, transferidos do Rio.

— O que deviam fazer os membros dessa comissão?

— Eles deviam tomar o meu depoimento por escrito, respondendo a cinco perguntas que me foram apresentadas em início de março de 1969. Respondi-as ao longo de quatro dias. Não me lembro das perguntas, mas eram todas ligadas às minhas atividades políticas de então. Em fins de março, a comissão não tinha ainda dado parecer sobre o meu depoimento. Com a transferência dos dois generais, Sílvio Frota passou a ocupar a presidência e reorganizou a comissão com mais dois generais: Fritz Manso e Celso Dalton Santos. Esta nova comissão ficou com o meu parecer em mãos, encarregada de examiná-lo e dar um parecer sobre ele ao Ministro Lyra Tavares.

— A nova comissão chegou a dar o seu parecer?

— Quando ela estava estudando o meu depoimento, em abril (entrando por maio) de 69, não tinha chegado ainda a nenhuma conclusão nem emitido qualquer parecer. Estas afirmações, faço-as escudado em carta que o General Sílvio Frota me mandou ano passado, na qualidade de presidente da comissão. Nesta carta, o General diz que o meu processo estava em estado embrionário, isto é, que jamais a comissão propôs ao Ministro do Exército a aplicação de qualquer punição contra mim, pois não havia concluído seus estudos sobre o caso. Mas em maio de 69, para surpresa da comissão, em conseqüência, provavelmente, de entendimentos diretos do Lyra Tavares com o Presidente da República, saiu o decreto que me transferiu para a reserva.

— O decreto menciona, a certa altura, "atividades subversivas e de contestação ao Governo da Revolução" que teriam sido praticadas pelo senhor. Isto corresponde à verdade?

— Não, minhas atividades não eram subversivas. Eram de um militar, mas de um brasileiro que acompanhava o quadro político nacional, e de forma não pública, mas natural, espontânea. Eu conversava com civis e militares, sem pedir reserva sobre meus pontos-de-vistas, porque não via neles nenhuma ação subversiva. Eu não era contra o Governo. Desejava era o pleno, completo e tranqüilo sucesso da Revolução pela qual trabalhei desde os seus primórdios.

— Quais eram os seus pontos-de-vista naquela época, 68/69?

— Tivemos problemas nacionais sérios com estudantes, problemas com Márcio Moreira Alves no Congresso, sentíamos os reflexos de maio de 68 na França, com estudantes, e em cuja solução De Gaulle teve papel preponderante. Via que o quadro nacional não era de tranqüilidade.

— E quais eram as soluções?

— Eu não propunha soluções. Apenas alertava para os riscos que a nação corria: desordem nacional, o Governo sem o controle da situação. Era o problema econômico que tinha que ser resolvido, para que depois não se criassem condições tão adversas como as que hoje estamos sofrendo, com uma inflação tão alta. Havia o problema social, não só o das desigualdades regionais, mas também o das desigualdades entre os homens em si: a concentração de riqueza, salários achatados, as dificuldades educacionais nas universidades — tudo constituía um elenco de preocupações sobre as quais eu, apesar de ser coronel da ativa, não me escusava de opinar, de discutir. Não tinha receio de que houvesse indivíduos que fossem comunicar aos órgãos de informação as minhas conversas. Apesar de alertado inúmeras vezes, nunca dei atenção, nem jamais me preocupei com minhas conversas telefônicas.

Foto de Rogério Reis

Boaventura diz que apoiou a Revolução dos seus sonhos

— Na sua opinião, quais os rumos que o Governo deveria ter tomado naquela época?

— Não estou preparado para dizer. Eu e outros éramos apenas sentinelas alertas da situação, mas não éramos os donos da verdade. Não dispúnhamos de assessoria técnica de economistas, sociólogos, para resolver os problemas da nação. Apenas opinávamos.

— Quais foram os motivos dessa atitude do Ministro do Exército, que o senhor classificou de arbitrária?

— Esta pergunta poderia ser respondida pelo próprio Ministro. Saí em 69 e só fui entender-me com o Sílvio Frota recentemente. Supunha que, a comissão tivesse julgado o meu depoimento, que foi corajoso, e sem uma palavra de mentira. Supunha que a comissão julgara severamente o meu depoimento e propusera ao Ministro uma punição, e que o Ministro tivesse levado o parecer ao Presidente e este houvesse baixado o decreto.

— O senhor ficou dez anos sem se interessar por saber o que de fato tinha acontecido?

— Como já disse, eu acreditava que tinha sido efetivamente julgado pela comissão, e nunca procurei o Sílvio Frota para saber sobre o comportamento dessa comissão. Mas ano passado soube que ele me receberia em sua casa para me esclarecer sobre o problema, caso eu estivesse interessado. Quando saiu o livro do Jayme Portella, em que o meu problema é mencionado, tive dúvidas e então resolvi tirar a limpo. Foi aí que procurei esclarecer o caso com o Frota.

— E como reagiu o General Sílvio Frota?

— Conversamos e, como ele é um homem de atitudes muito claras e definidas, me pediu para fazer uma carta solicitando esclarecimentos, comprometendo-se a respondê-la com uma outra carta e autorizando-me a fazer dela o que me parecesse melhor. Cheguei à conclusão de que a representação feita pelo Ministro do Exército, que deveria louvar-se no parecer da comissão, não se louvou, embora no decreto se diga textualmente, para fundamentar a decisão: "... conforme apurou a Comissão de Investigação Sumária do Exército". A comissão não apurou nada. Apenas recebeu as minhas respostas. Estava se preparando para dar o parecer.

— Como o senhor vê a situação brasileira atual?

— Me escuso de dizer, porque é difícil. No quadro geral, os resultados não são muito confortadores.

— Na sua opinião, a Revolução fracassou?

— Não digo que a Revolução tenha fracassado, mas acredito que, com a Revolução na mão, as coisas estivessem bem melhores do que estão. Não haveria incertezas políticas, dificuldades econômicas, problemas sociais e educacionais sérios, problemas, afinal, que nós tínhamos naquela época, antes da Revolução.

— Por que a Revolução não os resolveu?

— Não sei. Foram escolhidos homens de alta capacidade, que tiveram todos os poderes nas mãos para corrigir os erros. Agora, por motivos que desconheço, os resultados são esses que estamos vendo hoje.

— O que o senhor acha da anistia?

— É uma necessidade. Ela contribui para a pacificação do espírito nacional, de modo a que os brasileiros esqueçam os agravos passados. Foi uma medida de grande alcance.

E a abertura?

— Todas as ditaduras conduzem à corrupção. A abertura é uma necessidade. Também a liberdade de imprensa é muito importante. A impunidade é um incentivo à desonestidade, ao favoritismo, a coisas irregulares. Uma vez que a imprensa está aí para denunciar, as coisas mudam.

— O que o senhor pretende fazer agora, com a anulação dos "considerandos" do decreto?

— Não pretendo fazer nada. Devo ter sido ou serei anistiado. Não vi meu nome em nenhuma lista. Sendo anistiado, sou confirmado na reserva, no meu posto de coronel. Os anos que passei na reserva serão computados aos anos que passei no Exército, somando 41 anos, para fins de proventos, de acordo com a Lei de Anistia. Isso significa melhoria nos proventos, e é tudo o que eu quero.

Relator será favorável à nova Lei de Greve que dá 180 dias de estabilidade

Brasília — O projeto de uma nova Lei de Greve, de autoria do Senador Aloísio Chaves (PDS-PA), já aprovado no Senado, e que dá estabilidade de 180 dias aos grevistas, "terá parecer favorável" de seu relator na Comissão de Trabalho e Legislação Social da Câmara, Deputado Osmar Leitão (PDS-RJ). O parecer apresentado à Comissão para discussão e votação "nos próximos 15 dias", informou o Deputado do PDS, "com a recomendação de que seja aprovado".

Da Comissão, o projeto de lei será enviado à Comissão no Plenário da Câmara, provavelmente entre o fim deste e início do próximo mês, devendo ser votado até novembro. O projeto, apesar do parecer favorável do Sr Osmar Leitão, poderá ser modificado, na Comissão de Trabalho e no plenário da Câmara, por meio de apresentação de emendas de parlamentares.

O PROJETO

Pelo Senado, o projeto, depois de acordo entre as lideranças do Governo e das oposições na Casa, foi aprovado, no final do primeiro semestre, sem grandes alterações e problemas. Na Câmara deverá ocorrer praticamente o mesmo. Assim, excetuando-se a questão da estabilidade aos grevistas, que está gerando algumas controvérsias, o projeto não deverá ter alterações substanciais. Na Câmara há oposicionistas que defendem a estabilidade de um ano, enquanto alguns situacionistas pretendem retirar a estabilidade de 180 dias.

A estabilidade, pelo projeto, é assegurada pelo seu Artigo 15: "Terminada a greve, os empregados não poderão ser demitidos dentro de 180 dias." O projeto, de 16 artigos, estabelece uma série de normas para a deflagração da greve, semelhantes às atuais. Depois de ela ser decidida em assembléia-geral, o sindicato tem de conceder ao empregador "cinco dias para negociações diretas".

Não havendo conciliação, "poderão os empregados abandonar pacificamente o trabalho". Segundo o Artigo 7º do projeto, "o instrumento jurídico-processual para solucionar greve iminente ou já deflagrada será a ação, na Justiça do Trabalho, de dissídio coletivo". Poderá ser instaurado pelos sindicatos de trabalhadores ou de patrões, pelo Ministério Público, por qualquer das empresas atingidas pela greve ou pelo tribunal competente para julgar o dissídio.

A ação do dissídio coletivo, "em caso de greve, será instruída e julgada no prazo de 10 dias, contados de seu ajuizamento (...) proferida a sentença normativa, a greve deve cessar de imediato". Se a decisão não for respeitada, advirão as seguintes conseqüências: "Ilegalidade da greve; não admissão de recurso interposto pelo sindicato dos grevistas contra a decisão normativa; intervenção no sindicato, por decisão judicial, pelo prazo máximo de seis meses."

INTERVENÇÃO

Assim, o projeto retira do Governo, no caso o Ministério do Trabalho, a competência de intervir nos sindicatos, no caso de greves ilegais. A intervenção terá de ser pedida, num prazo máximo de 48 horas, pelo Ministério Público, que "representará ao juiz federal. (...) O recurso contra a decisão do juiz federal em nenhum caso terá efeito suspensivo".

Depois de dar sua decisão, o juiz federal poderá "decretar a intervenção no sindicato, revogável a qualquer instante, não podendo exceder seis meses". Ao juiz federal competirá também, designar o interventor no sindicato. Quando a intervenção cessar, estará "assegurada a reassunção dos legítimos titulares porventura afastados, desde que sobre eles não haja recaído condenação criminal impeditiva de tal exercício".

Pelo projeto, todas as categorias profissionais poderão fazer greve, menos as que trabalham "nos serviços públicos e atividades essenciais definidas em lei" — Artigo 162 da Constituição e Decreto 1 632, de agosto de 1978. Ou seja, mantém os mesmos dispositivos atuais, uma vez que proíbe greve nos seguintes setores, segundo a Constituição e o Decreto 1 632: serviços de água e esgoto, energia elétrica, petróleo e derivados, gás e outros combustíveis, bancos, transportes, comunicações, carga e descarga, hospitais, ambulatórios, maternidades, farmácias, drogarias e indústrias de material bélico.

"ABERTURA DEMOCRÁTICA"

Para o relator na Comissão de Trabalho, "o projeto segue na esteira da abertura democrática. Está a favor de uma abertura sindical capaz de inviabilizar os conflitos de grande intensidade, que apontam na fase de transição vivida pelo país, dentro da premissa de que as greves surgidas agora têm caráter eminentemente econômico".

"As greves do tempo de abertura", disse o Sr Osmar Leitão, "são diferentes daquelas de cunho político, quando se utilizavam os trabalhadores como objeto de pressão, criando crises artificiais de graves conseqüências. Mas não deve ser descuidado que a greve, sendo um direito, não é uma obrigação que possa ser imposta pelas minorias à maioria dos trabalhadores."

"O projeto", concluiu, "compatibiliza o direito sindical com o momento que vivemos, anulando as possibilidades de ocorrência de greves violentas para a solução dos conflitos coletivos, pela superposição de competência à Justiça do Trabalho para oferecer soluções aceitáveis às partes em litígio."

Lago de Sobradinho perde fauna

Salvador — Os pescadores do lago de Sobradinho, no Sertão do São Francisco, denunciaram ao Bispo de Juazeiro, Dom José Rodrigues, a depredação da fauna por pescadores do Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Paraíba, que utilizam redes de malha fina, matando milhares de peixes menores e as desovas, que são desprezadas por não terem valor econômico.

A pesca predatória vem ocorrendo há um ano, conforme relatou Dom José no programa — **Semeando a Verdade**, da Rádio Rural de Juazeiro. Os peixes maiores capturados são embarcados em caminhões frigoríficos, que saem diariamente do Município de Pilão Arcado sem qualquer fiscalização. Segundo Dom José, o fato já é de conhecimento da Capitania dos Portos e da Sudepe.

Dom José disse que os pescadores se dirigiram ao Capitão-dos-Portos de Juazeiro e ele admitiu que não tem condições de fiscalizar a pesca no lago, pois dispõe apenas de uma lancha e de um caminhão, que funciona precariamente. Além das redes de malha fina, número 10, 39 barcos estão operando em Sobradinho com esse sistema de pesca.

A denúncia foi encaminhada ao Bispo pela Sociedade de Amparo à Pesca do Município de Pilão Arcado, que congrega 50 pescadores da região. Informaram ainda que ocorreram desentendimentos entre os pescadores regionais e os responsáveis pela depredação, que se apropriaram de três redes dos moradores do local.

Senador quer remédios fora da TV

Brasília — O Senador Henrique Santillo (PMDB-GO) espera obter o apoio do Governo ao projeto que submeteu ao Congresso restringindo a propaganda de remédios a publicações especializadas. Isso evitará, segundo afirmou, que a propaganda indiscriminada pela televisão e outros órgãos de comunicação de massa continue aumentando os perigos aos consumidores.

Ele chamou a atenção do próprio Ministro da Saúde, Waldir Arcoverde, para o documento que lhe enviou o diretor da Faculdade de Farmácia e de Ciências Médicas de Belo Horizonte, José Elias Murat, denunciando o abuso da propaganda, seus efeitos nocivos e desafiando os laboratórios a provarem as "qualidades milagrosas" que atribuem aos produtos anunciados.

Parlamentares que integram as comissões de saúde do Congresso estão propensos a apresentar emendas, mas apenas para melhorar o projeto do Sr Henrique Santillo, que se refere somente à proibição da propaganda pelo TV, jornais, rádio e cinema, e à aplicação de multas de 50 vezes o salário-referência como medidas punitivas.

Pesca com bombas está mutilando os pescadores na Bahia

Paulo Renan

Salvador — "Rapaz, o total não dá **pra** calcular, mas **tinha** dias que a gente jogava até cinco bombas. Só sei que já matei muitas toneladas de peixe. A sensação é muito **bacana**. Você fica naquela expectativa do peixe aparecer. Vem vindo um bom cardume, você espera ele **espanar** ou **passar de cabeceira**, procura o meio e solta a bomba. Consciência dos perigos **pra** gente e **pros** peixes todo bombista tem. Mas é a luta pelo pão dos meninos, **né**?"

Aos 32 anos, casado, uma filha e trabalhando como auxiliar de pessoal numa empresa de segurança de um amigo de infância, José Isidoro Dunham Maia, o Zé Pequeno, já não faz parte das centenas de pescadores do bairro de Itapagipe que usam, ilegalmente, explosivos na pesca. Decidiu parar com tudo depois que perdeu quase todo o antebraço esquerdo, dilacerou vários dedos da mão direita e sofreu outras escoriações, quando explodiu uma bomba de pólvora que fabricava.

Salvador, BA — Fotos de Gildo Lima

Os pescadores que são contra o uso da bomba na pesca fazem um protesto

"Terrorista do mar"

É, porém, um entre as dezenas de **terroristas do mar** mutilados por acidentes com bombas nas pescarias de tainhas, xumbergas e guaricemas, nas águas mansas da baía de Todos os Santos. Não usa mais explosivos por medo — "quando a gente tem duas mãos pode perder uma, mas, quando se tem uma só, não é bom arriscar a perder a outra" — e pesca apenas por esporte, à base de linha, mergulho ou rede.

Ao contrário dele, contudo, existem os que, a exemplo de Manoel Cocó, de Ilha de Maré, continuam pescando com explosivos, mesmo tendo perdido os dois antebraços em duas explosões de bombas. A luta para sobreviver e a prática de longos anos fizeram com que ele aprimorasse uma técnica de utilizar as curvas do braço para, em uma prender o charuto aceso, e com a outra atirar a bomba na água.

Outros tiveram menos sorte: Bibi da Massaranduba, emocionado com um cardume de milhares de tainhas, atirou na água o charuto e deixou na mão a dinamite que explodiu e o estraçalhou. E, mais recentemente, morreram completamente desfigurados, Nilo e Ninhó, quando fabricavam uma bomba em um velho casarão no Bairro do Bomfim. Pior sorte ainda tiveram outras quatro pessoas que moravam naquele sobrado e morreram soterradas pela explosão.

Segurando a mercadoria

Depois desse último acidente, na madrugada do dia 27 do mês passado, a pesca com bombas reduziu bastante nas praias de Itapagibe. Além de uma maior pressão da Capitania dos Portos e da Sudepe, que proibiu esta atividade em 1967, os proprietários de casa de ferragens e drogarias "estão segurando a mercadoria até as coisas esfriarem", segundo revelou um bombista de Itapagipe que não quis se identificar.

Na explosão da bomba no velho sobrado, mês passado, quando morreram seis pessoas e outras seis ficaram feridas, no mais grave acidente do gênero que se tem notícia na Bahia, ficou, além da forte comoção durante a retirada dos corpos desfigurados, um grande sentimento de revolta na comunidade itapagipense.

Antigo local de veraneio, dotado de belas praias e agradáveis recantos, Itapagipe é hoje uma espécie de povoado encravado na Capital, onde quase todos se conhecem. Tem comércio e serviços próprios e antigos moradores que, há muitos anos, não vão ao Centro da Cidade. E foram alguns desses moradores que, revoltados, saíram da atitude passiva em relação ao problema — motivada pela conscientização do estado de pobreza dos pescadores — para a denúncia dos nomes dos mais famosos bombistas e dos locais onde costumam atuar.

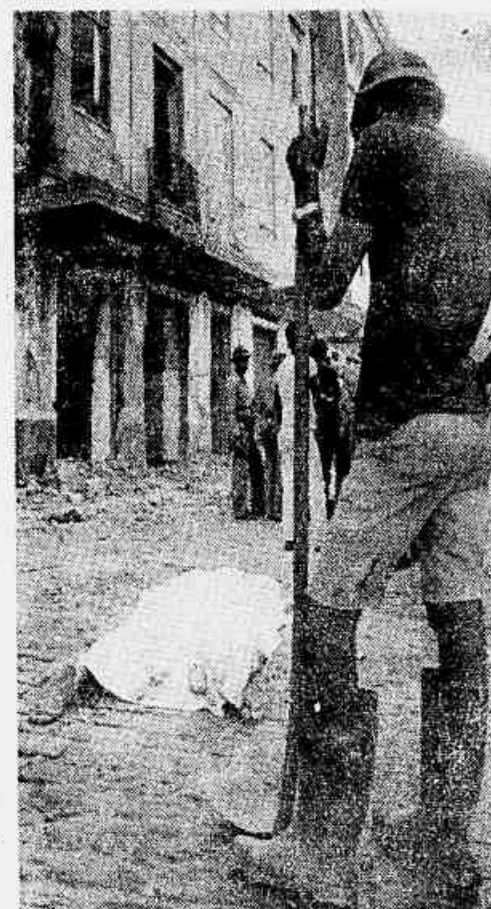
Assim, revelaram, por exemplo, o grande número de pescadores que utilizam antigos sobradões do Trecho do Bonfim — local onde fica a igreja do santo de maior devoção do Estado — e o interior dos pilares de sustentação de uma fábrica de produtos de cacau do grupo Barreto de Araújo, que fica localizada também no Bonfim, com os fundos para a praia.

"Dois traques"

Os moradores falaram ainda do pescador Vitinho, hoje o mais famoso **bombista da região** e que há muitos anos utiliza essa prática na pescaria. Vitinho foi o único que, certamente valendo-se de estoque próprio, soltou bombas nos últimos dias nas imediações da Pedra Furada — outra praia de Itapagipe.

"Mas foram dois traques (bomba de baixo teor explosivo), coisa de nada. Apenas para **pegar carrapato** (peixe pequeno e de pouco valor comercial), **pra** iscar grozeira (chamariz de peixe), **pra pegar** xaréu e meiro", segundo um seu colega que também não quer ter o nome revelado. Fora esse caso, conforme o mesmo bombista, ninguém está usando explosivos, e a pesca dos últimos dias está centrada na cata de peguari, espécie de búzio do qual utiliza-se o interior como alimentação e a casca como adorno, e é de fácil comercialização entre os feirantes do Mercado Modelo.

Em que pese ser acusado de "quando a perigo matar até pensamento", **Vitinho** tem a seu favor o depoimento de **Zé Pequeno**, para quem "aquele precisa mesmo porque não tem outro emprego. A vida dele é essa mesmo porque não tem outra e ele quer viver mesmo é nessa vida". Embora já afastado das atividades, **Zé Pequeno** defende a utilização da bomba como a maneira mais prática de se pegar o peixe. "Com as coisas do preço que estão você não pode perder o dia inteiro com a linha na mão, esperando que a maré, a lua e Nosso Senhor lhe favoreça", acrescenta.

Proibida pelo Decreto-Lei 221, a pescaria com bomba é considerada "coisa de marginal" pelo coordenador regional da Sudepe na Bahia, Sr Geraldo Cézar de Vinhaes. "O verdadeiro pescador tem consciência do mal que a bomba provoca, exterminando a fauna aquática, e por isso não a utiliza. Existem, entretanto, aqueles preguiçosos que, à guisa de ganhar dinheiro fácil, preferem pescar com bombas, mesmo se arriscando a um acidente grave devido à explosão antecipada, como freqüentemente acontece".

Pescador morreu quando fazia a bomba

O risco da luta pela sobrevivência

Zé Pequeno concorda com parte da afirmação do coordenador da Sudepe, mas destaca que a luta pela sobrevivência é ainda mais importante, e que não existe a intenção de destruir a fauna, mas apenas garantir o sustento.

— O pescador de bomba sabe das conseqüências da sua pescaria. Além de poder prejudicar uma desova, desperdiça muito peixe que fica inutilizado, e ainda mata muitos pequenos que não servem. Além disso, todo peixe de bomba fica com a pele do bucho preta. É batata, você pode olhar. O peixe de bomba escurece logo embaixo.

— O pessoal pode até dizer que não sabe, mas sabe. Se você põe uma bomba aqui e pode estar prejudicando uma desova a 100 metros. Mas você também não pode adivinhar que o peixe está desovando ali. E uma bomba forte dá impacto a pelo menos 100 metros. Mas é a luta pela sobrevivência, **né**?

Pescador com bombas desde os 10 anos, quando já costumava acompanhar os mais antigos, **Zé Pequeno** lembra que a quantidade de peixes há alguns anos era bem maior nas praias de Itapagipe, principalmente no Porto dos Tainheiros, onde se localiza também a maior favela do Brasil sobre as águas, os Alagados, com mais de 100 mil habitantes.

O nome Tainheiros, por exemplo, veio da grande quantidade de tainhas que apareciam na enseada do local para a desova e permaneciam num eterno vaivém para a alegria dos pescadores. Além disso, peixe de alto valor comercial, como o robalo, era comum aparecer por lá, principalmente devido ao rio do Cobre, que desemboca nos Tainheiros.

O motivo dessa redução, porém, na opinião de Zé Pequeno não é somente por causa da utilização de explosivos. Segundo ele, a poluição em alta escala em Itapagipe abalou sensivelmente a fauna e mais ainda nos tainheiros, devido ao mercúrio ali descarregado pela Companhia Química do Recôncavo, já implantada em outro local mas que, durante o período em que ali esteve em atividade, chegou a causar inúmeros problemas aos moradores dos Alagados.

— Antes você chegava na beira da praia e via logo três ou quatro **espano** (balançar da cauda na flor dágua), um atrás do outro. Hoje tem mesmo é uma besteirinha de peixe que está aí se virando para viver. Antes você sentava ali no cais do Postanhero e ficava tonto de ver tanto cardume passando.

— Hoje você passa e demora anos para ver um, **unzinho**, espanar. Ali no Aeroclube (clube mantido pela Aeronáutica onde até o início da década de 60 pousavam hidroaviões) era cada meiro grande que aparecia. Também, naquela época, embora menor, já havia perseguição.

Sem segredo

A pescaria com bombas não tem grandes segredos. Consiste em se preparar os canudos de pólvora ou bananas de dinamite, levar acondicionados numa sacolinha, acompanhados do **jereré** (pequena rede com cabo idêntica ao instrumento utilizado para caçar borboletas), tirar a canoa da amarração, partir para locais já previamente estabelecidos e esperar que o cardume dê o sinal.

Segundo os pescadores mais tradicionais, a canoa é a melhor embarcação para a pescaria com explosivos, pela sua facilidade de manejo, silêncio de navegar e velocidade para acompanhar o cardume. O primeiro sinal do surgimento do cardume é o escurecimento da água.

Vindo na direção da canoa, a primeira providência é abrir caminho silenciosamente e procurar acertar a bomba exatamente no meio do cardume. No bater na água os peixes se espalham, mas, principalmente a tainha, voltam curiosamente para observar o objeto e "aí o pau come recebem a bomba na cara", segundo Zé Pequeno. Depois disso é começar a catar com o **jereré** os que boiam e mergulhar no buraco para apanhar os que permaneceram submerso. Às vezes várias bombas (dobrada, como costumam dizer os pescadores) são atiradas em um mesmo cardume, caso se note que a primeira não foi suficiente para uma grande mortandade.

Na cata do fundo os bombistas enfrentam pelo menos dois problemas: o primeiro a possibilidade de surgimento de um cação atraído pelo cheiro forte de sangue, e o segundo o aparecimento dos chamados "corsários", que são os pescadores que permanecem na beira da praia, não investem na compra de explosivos e aguardam apenas a detonação para caírem ao mar e aproveitarem do investimento dos outros.

Embora sejam detestados e até hostilizados pelos bombistas, os "corsários" mantêm com eles uma espécie de pacto, em que divide-se o produto pescado, meio a meio. Há, porém, os que preferem não respeitar este trato centenário, e segundo Zé Pequeno, "não deixa nem encostar. A gente fica com o remo na mão e quando eles botam a cabeça a gente taca o remo neles".

O peixe mais visado pelos "bombistas" é a tainha, considerada de muito boa qualidade e que nada sempre em grandes cardumes. Esse tipo de peixe sofre variações de nome de acordo com o tamanho, sendo chamadas de chaveta ou curima, as maiores, e saúnas as menores. Fora estes existe o sambulo e o carrapato, encontrados mais nas rochas, e ainda a guaricema, chumberga ou o cabeçudo, de maior valor e hoje mais escassos na região de Itapagipe.

Encerrada com bons resultados, a pescaria tem sua comemoração iniciada **nas biroscas** de cachaça próximas do Mercado do Peixe na Ribeira, prosseguem com muqueca preparada em casa, pela mulher, e acompanhada de cerveja, e terminam, quase sempre, à noite na beira do cais com nova peixada, cachaça e violão, que normalmente entram pela madrugada. Depois de uma boa pescaria, o pescador leva pelo menos dois dias para retornar ao mar, o que só faz quando os mantimentos voltam a escassear.

O acidente

Iniciado aos 10 anos na pescaria por influência dos irmãos um dos quais, Valtinho Acarajé, foi um dos mais famosos mergulhadores da Bahia — e do próprio ambiente em que sempre viveu: a Praia da Ribeira, Ze Pequeno, além de pescar, aprendeu ainda a confeccionar bombas de pólvoras, principalmente depois do decreto proibindo a pesca com explosivos que tornou mais difícil a aquisição de dinamite, até então comprada facilmente.

E foi quando preparava uma bomba (só que desta vez para ser utilizada em um judas) no subúrbio de plataforma que ocorreu a explosão que levou parte do seu antebraço e causou outros ferimentos pelo seu corpo.

— Uns caras de plataforma me pediram para fazer duas bombas para o judas do bairro, no Sábado de Aleluia. Eu não queria porque o pessoal estava armando um **baba** (pelada). E porque o material estava na casa de minha mãe. Mas eles insistiram tanto que eu acabei dizendo que, se arranjasse uma bicicleta emprestada, iria buscar as coisas. Quando eu acabei de fechar a boca me apareceu uma desgraçada de uma bicicleta infeliz. Fui em casa, peguei o material e comecei a preparar, quando, por um descuido minha mão escorregou na última bomba e o judas acabou sendo eu.

— Na hora eu não senti nada. Depois passei a sentir o corpo dilatando, não enxerguei mais nada e a única coisa que eu consegui pensar na hora foi, veja só que pensamento, se eu ainda podia comer. Passei a língua nos dentes e sentia minha boca. Quando também conferi minha mão dei por falta dela. Aí, mais desesperado ainda, saí correndo para a rua e alguns vizinhos me pegaram e me deram socorro. Passei 1 mês e 17 dias internado, muitos deles sem enxergar nada, e quando fiquei bom decidi parar com tudo.

Hoje, mais de 10 anos depois — o acidente foi em abril de 1968 — Zé Pequeno diz não sentir nenhum complexo, e afirma fazer qualquer coisa que um homem fisicamente normal faz, e até deu a fórmula correta para a preparação de uma bomba de pesca. Só que, desta vez, com cuidados que não tomou na época da explosão.

— O mais importante é você não utilizar nada de ferro porque o atrito pode provocar a explosão. Depois juntar o clorato, que normalmente vem empedrado, colocar num papelão bem limpo, limpar uma garrafa e começar a amassar até deixá-lo bem fino. Depois pega o enxofre, peneira direito, também para evitar qualquer resíduo, mistura com o clorato e, por fim, pega o antimônio e o alumínio. Mistura e junta todas as substâncias, amassando na mão até eliminar qualquer sinal da presença do enxofre. Aí está pronta a pólvora. Depois é só fazer canudos de cartolina, furar antes, pois esse foi um dos meus erros — eu furava depois de cheio — encher, colocar o estopim e enrolar de cima a baixo com cordão.

O mais difícil

O material, segundo Zé Pequeno, é mais difícil de ser adquirido hoje, mas, conforme revelou, cidades do Recôncavo, como Cachoeira, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, têm casas de ferragens e drogarias em que se encontram os ingredientes. "Geralmente o proprietário nega-se a vender, mas a gente sempre "molha a mão" deles e o material sai." Dinamite, conforme informou, é mais difícil de ser encontrada hoje, mas ainda se consegue, principalmente através de empregados de pedreiras. Os locais exatos ele afirma não saber.

Além do seu próprio acidente Zé Pequeno diz não se recordar de nenhuma tragédia que tenha presenciado. Conta, porém que quase foi vítima de uma outra, quando foi atacado por um cação ao mergulhar no "bolão" — trecho da Baía de Todos os Santos — após a soltura de uma bomba.

Ele diz que, depois de catar os peixes que boiaram, mergulhou para apanhar o restante que, presumia, era em grande quantidade. Mas para sua surpresa ao descer notou muito poucos. Imaginou então tratar-se de um peixe grande e não pensou outra vez. Chamou o companheiro Mutuca — outro antigo bombista da região — e partiu para a canoa. "Quando subi o bichão apareceu na flor dágua, era um cação com pelo menos dois metros de comprimento, que quase me engoliu".

Em que pese os perigos a que já se submeteu, tanto pela repressão da Capitania dos Portos e Sudepe, como pelas conseqüências de uma explosão, ou ainda ataque de um peixe grande, Zé Pequeno não hesita em afirmar. "Se eu voltasse a ter as duas mãos não pensaria duas vezes: faria tudo de novo. E com o quilo do peixe hoje a quase Cr$ 200 olhe que eu até terminaria rico".

José Isidoro perdeu o antebraço

Corpo de Bombeiros abre inscrição

Estão abertas até o dia 30 deste mês as inscrições para o Curso de Formação de Oficiais (CFO) do Corpo de Bombeiros no Rio, informa o chefe da Assessoria de Relações Públicas da corporação, Tenente-Coronel Antonio Alves Ferreira.

Os interessados poderão fazer suas inscrições nos seguintes locais: Diretoria de Ensino, Praça da República, 45; Quartel de Campinho, na Rua Domingos Lopes, 336, em Campinho; Quartel de Niterói, na Rua Marquês do Paraná, s/n; Quartel de Nova Iguaçu, na Rua Teles Bittencourt, s/n, Nova Iguaçu; 5º GI, na Av. Rui Barbosa, 1 027, em Campos; 6º GI, na Praça da Bandeira, em Friburgo; e no 7º GI, na Av. Domingos Mariano, s/n, em Barra Mansa.

Artesanato vende Cr$ 2 milhões por "stand"

A 1ª Feira Brasileira do Artesanato, que funciona paralelamente à Feira de Utilidades Domésticas, no Riocentro, foi visitada por mais de 140 mil pessoas, público que ultrapassou em 50% o movimento total da UD do ano passado. O volume de vendas em cada um dos 47 **stands** já superou a casa dos Cr$ 2 milhões e a Feira funciona até 24 h de hoje.

O secretário-geral do Ministério do Trabalho, Sidney Aberle, diz que é impossível calcular o estoque de produtos trazidos para a Feira de todos os Estados, Territórios e entidades ligadas a artesanato, mas assegura que a quantidade de peças excedeu o depósito do Riocentro. A comercialização não é feita diretamente do artesão ao consumidor: a mercadoria é vendida através das Secretarias de Turismo ou Trabalho e Ação Social.

Vendas distintas

Segundo o Sr Sidney Aberle, as vendas se têm processado de duas formas distintas, na Feira de Artesanto: nos fins de semana há uma enorme afluência de público com tendência a comprar mercadorias de menores preços. Durante a semana, a afluência foi menor, "embora tenha superado nossas expectativas", e a característica de público tende mais para os que preferem o consumo de peças de maior valor, como bordados caros, esculturas, lençóis ou colchas.

Explicou que a Feira de Artesanato "é a primeira desse porte a se realizar no Rio e, além de promover o artesão, cria um canal de comercialização para os produtos nos grandes centros urbanos. Os **stands**, na sua opinião, são visitados igualmente, sem haver um ou outro que se destaque mais pelo volume de público. O volume de vendas, em cada um, "depende do dia e da técnica de venda empregada. Depois de alguns dias, o vendedor vai descobrindo que é melhor colocar determinados produtos mais à vista", diz o Sr Sidney. A maioria dos **stands** venderam mais de Cr$ 2 milhões (cada um), fora as encomendas, que serão pagas no ato de entrega.

Segundo ele, o público, em geral, "compra de tudo". Os **stands** já receberam também uma enorme quantidade de pedidos de butiques, lojas e há empresas internacionais interessadas em adquirir artesanato brasileiro. Uma cadeia de 340 lojas americanas, informou o Sr Sidney Aberle, que tem uma **trading** funcionando no Brasil, já organizou um mostruário de 400 peças selecionadas na Feira, para definir um pedido de compras. De um dos itens, pau de açuá, do **stand** do Amazonas, já foram encomendadas 5 mil peças a título de experiência. "A Feira é também uma oportunidade de se verificar o artesanato brasileiro em conjunto", diz o Sr Sidney. Uma cadeia francesa promoverá em maio, na França, uma feira de artesanato e está fechando os últimos contactos para importar cerca de 300 mil dólares de artesanato brasileiro.

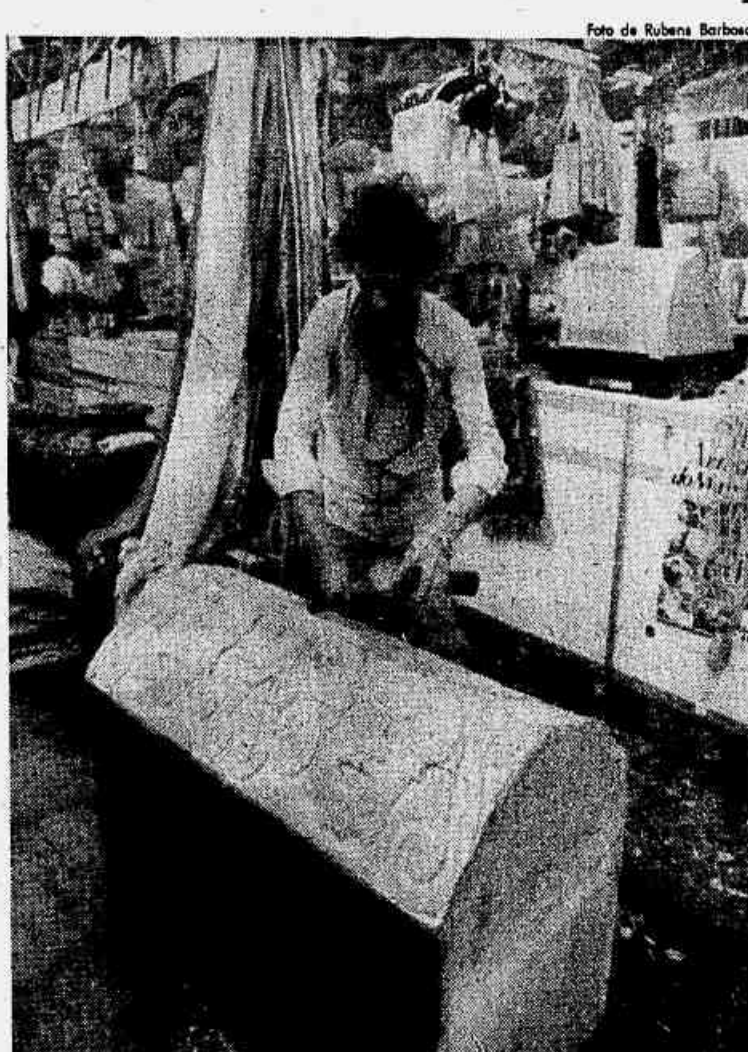



Foto de Rubens Barbosa

Uma arca entalhada por Deusdete custa Cr$ 20 mil

Desde as lixas de unha de escama de pirarucu, vendidas no **stand** do Pará, até os bordados de Caicó, do Rio Grande do Norte ou, os tapetes de arraiolo, de Minas Gerais, há de tudo e de todos os preços na Feira de Artesanato. Em um visão geral, fica difícil distinguir a preferência do público. Tanto nos **stands** onde predominam as palhas, como no Rio Grande do Norte, ou nos outros, como o de Brasília, que atrai pelo colorido das flores secas ou no de Minas, pelas colchas do Vale do Jequitinhonha, a procura é enorme.

Segundo os vendedores, os preços se assemelham muito aos dos locais onde os produtos são feitos, acrescidos apenas do preço do transporte, cerca de 10%, segundo a Secretária Estadual de Trabalho do Rio Grande do Norte, Mariuzia Saldanha. A bibliotecária Maria da Glória Dias Gomes, que comprou um tapete arraiole de Diamantina, Minas Gerais, por Cr$ 3 mil 500, garante que "o preço é o mesmo de lá". E sua irmã, Maria Teresa, que veio recentemente do Nordeste, assegura que as toalhas de bandeja bordadas na barra, são pouco mais caras. "Em Maceió estão por Cr$ 100 ou Cr$ 120. Aqui ficam de Cr$ 150 a Cr$ 200."

Do artesão à Feira, entretanto, o produto passa pelas Secretarias de Turismo ou de Trabalho e Ação Social. Antes, já passaram também pelas cooperativas e núcleos de produção artesanal. No **stand** do Rio Grande do Norte, por exemplo, os produtos vêm da Cooperativa Central da Secretaria Estadual de Trabalho que reúne 3 mil 200 artesãos, sem contar com o resto da família que também costuma trabalhar em artesanato. Esses artesãos pertencem a 47 núcleos de produção vinculados a seis cooperativas singulares e uma central, que tem a reponsabilidade de comercializar para fora do Estado.

No ano passado, o faturamento da Cooperativa Central do Rio Grande do Norte foi de Cr$ 10 milhões, com um retorno de Cr$ 2 milhões 700 mil para os artesãos. Segundo a presidenta Ieda Pessoa Cortez, a Cooperativa faz a comercialização do produto "divulgando, arranjando clientes e orientado as cooperativas singulares na produção, isso é, mostrando qual o tipo de trabalho que tem maior mercado."

Isso não interfere, segundo ela, na criação do artesão. "As cooperativas singulares recebem também todos os trabalhos de maior criatividade do artesão. "Esses produtos são igualmente aceitos no mercado e, na maioria das vezes, necessitamos dar apenas uma orientação no que toca à melhoria da qualidade do produto para que tenha maior aceitação no mercado."

Em somente dois dos 47 **stands** que compõem a Feira Brasileira do Artesanato, o visitante pode encontrar um verdadeiro artesão. Um deles é o entalhador Deusdete José da Silva, do **stand** do Maranhão. O outro, é a ceramista Raimunda da Conceição, do Rio Grande do Norte.

Deusdete tem 20 anos e trabalha há quatro em artesanato. Filho de carpinteiro, com quem trabalhava desde criança, decidiu se desligar do pai e aprender a praticar com um entalhador de Teresina, onde morava antes de ir para o Maranhão, há cinco anos. Trabalhou com o entalhador Martim Abreu Júnior durante um ano e foi para o Maranhão, trabalhar por conta própria.

Atualmente, Deusdete trabalha para a Casa do Artesão, da Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado do Maranhão. Dedica a semana inteira na produção de arcas trabalhadas e enormes vasos de madeira trabalhava. Da Casa do Artesão, recebe todo o material de trabalho e cobra, por uma arca de um metro de comprimento, Cr$ 3 mil 500 de mão-de-obra, levando 12 dias para completar uma. Essa mesma arca é vendida, em São Luís, por mais de Cr$ 12 mil, segundo ele. Na Feira, por Cr$ 20 mil.

Mas ele acha vantagem trabalhar assim, pois, como conta, "nos fins de semana posso trabalhar por conta própria". Além disso, ele diz que "eles me dão almoço, todo material de trabalho, apóiam **a gente** e quando **a gente** fica sem dinheiro, eles emprestam. Se trabalhasse por contra própria, somente, não tinha essa segurança".

Já Raimunda da Conceição, 46 anos, nascida em Caicó, no Rio Grande do Norte, não é de falar muito. Ela conta apenas que trabalha em cerâmica há 25 anos. "Comecei a fazer isso ao redor de minha mãe, para os menininhos bricarem, fazia panelinhas, tigelinhas e tinha sete anos de idade. Minha mãe fazia louça para vender na feira. Foi aos 19 anos que comecei a trabalhar de verdade fazendo estátuas de barro e jarros, a pedido de um padre que gostava de me encomendar esfinges. Também fazia louça para botar na feira. Como era bem acabado, comecei a receber encomendas e aí, começou tudo."

Raimunda trabalha para uma cooperativa singular do Rio Grande do Norte, mas diz que sua produção aumentou tanto — ela é ajudada pelo marido que faz o acabamento das peças — que agora "dá para trabalhar até para outros Estados. Já estou vendendo para uma loja em São Paulo e agora, vou vender para o Rio também."

Mapa de G. Campista

No Estado do Rio de Janeiro ainda existem 24 municípios onde não há postos de álcool

Morador deve apontar soluções para a Barra

A criação de uma associação de moradores que aponte os problemas da Barra da Tijuca à Administração Regional vai ser incentivada por Alaor Farias Santiago, administrador da região desde o dia 14 de agosto. "Estamos apenas começando a tomar contato com os problemas da Barra, mas já procuramos soluções à curto prazo mais urgentes".

A falta de ônibus circulares para uma população estimada em 70 mil pessoas, a ausência de infra-estrutura básica, principalmente no Jardim Oceânico, e a pavimentação das ruas foram os principais problemas apontados por Alaor Farias Santiago. "O que os moradores precisam entender é que a Administração Regional não decide. Apenas encaminha as reivindicações. Cabe aos moradores apresentarem as reivindicações."

Ciúme

Segundo Alaor Farias a Barra da Tijuca divide-se em duas áreas distintas: uma começa na Joatinga e se estende até o canal de Marapendi, e a outra começa no canal e se estende até Jacarepaguá. Os maiores problemas se localizam na área da Joatinga, onde foram construídas as primeiras casas da região.

"O crescimento foi desordenado, ao contrário da Grande-Barra da Tijuca. Isto criou vários problemas para os moradores que ainda não dispõem de ruas pavimentadas — o que faz com que o acesso às residências se torne quase impossível em dias de chuva — galerias pluviais e rede de esgoto", afirma Alaor Farias.

"Estes moradores", continua Alaor, "sentem ciúmes, acreditando que são relegados a segundo plano, apesar de serem pioneiros na região. Para que se tenha uma idéia dos recursos necessários, a construção de galerias pluviais e de um lago de equilíbrio, com vasos comunicantes, custaria hoje Cr$ 500 milhões".

Transporte

Alaor Farias Santiago considera que um dos problemas que afeta toda a população da Barra da Tijuca é a falta de ônibus circulares, já que para se locomover dentro da Barra é necessário utilizar frescões, com preços altos e que nem sempre servem aos itinerários necessários, pois o crescimento do bairro criou novas ruas e avenidas.

"A Barra já não é mais passagem. Muitos moradores ficam durante o dia dentro do bairro, fazendo compras principalmente. Por isso tenho audiências marcadas com diversos secretários municipais para a criação de um terminal de ônibus na Barra da Tijuca. isso vai servir não só para a população de baixa renda, como também para a de renda média, pois são poucas as famílias que possuem mais de um carro."

Outra área que vai ser atacada em breve é a das favelas. Existem 18 favelas na Barra da Tijuca e a idéia é que os melhoramentos sejam feitos com a mão-de-obra dos próprios favelados, em sistema de mutirão. "As favelas da Barra da Tijuca possuem uma característica própria, já que são planas, e não em encostas de morros. Não sei se por isso, mas o fato é que na única favela que tem uma elevação — a do Terreirão — existem marginais. Nas outras, eles praticamente não existem."

Motorista terá lista de postos com bomba de álcool

O número de postos com bombas de álcool hidratado tem aumentado tantos nos últimos meses, que o Sindicato Nacional do Comércio Atacadista dos Derivados de Petróleo vai elaborar um quadro com os endereços para fornecer aos motoristas que viajam. "É que atendemos a tantos telefonemas querendo saber onde encher o tanque na estrada, que pretendemos ter um roteiro completo para dar às pessoas interessadas", explica um funcionário do sindicato.

Em 30 dias — 1º a 31 de agosto passado — o número desses postos passou de 1 mil 774 para 2 mil 510, aumentando cerca de 25 postos por dia, segundo estatísticas do sindicato. Já se pode ir do Rio a Salvador sem susto de ficar sem combustível no meio do caminho.

Vantagens

Rio de Janeiro e São Paulo já possuem número suficiente de postos para atender à frota crescente de carros movidos a álcool (356 no Rio e 1 mil 179 em São Paulo). A maior parte dos usuários, porém são os automóveis das empresas estatais e das concessionárias de serviços públicos. Os fusquinhas, kombis e caminhões da Telerj e Eletrobrás se confundem com os táxis — particulares e de empresas — na corrida às bombas de álcool hidratado.

Há os que elogiam o advento do carro movido a álcool, e os que lamentam terem entrado na aventura da utilização do novo combustível. Motoristas de táxis reclamam que o álcool hidratado corrói as peças do motor. "Já estou no segundo motor", fala um deles, "e não sei se a economia que faço, porque o preço do litro do álcool é mais barato, vale a pena." A falta de desempenho dos carros é outro motivo de queixas. "O carro engasga muito, e logo fica gente atrás de mim buzinando, como se eu fosse barbeiro. Os outros não sabem que o carro a álcool não funciona direito como o carro a gasolina", fala um dos motoristas desgostosos com o novo combustível.

"O motor não tem lá grande potência", reclama o Sr José Carlos Barreiros que dirige um Brasília 1980 duas portas há quatro meses. "E não é tão econômico, pois faz a média de 7,5 quilômetros com um litro de álcool. Mas a despesa com combustível diminuiu 60%, e além disso a Taxa Rodoviária Única é bem mais barata", e mostra o recibo com o valor da cota paga: Cr$ 2 mil 142 (a TRU de um Volkswagen sedan 1973, movido a gasolina, é de Cr$ 2 mil 799).

Animado com as vantagens econômicas, o Sr Barreiros sugeriu à empresa em que trabalha testes com o Passat e o Belina movidos a álcool, e acrescenta que essa alternativa para a crise do petróleo "foi a melhor coisa que o Brasil poderia ter feito."

Com opinião semelhante, o professor Hélio Maurício Santos não hesitou em comprar seu Volkswagen 1980 a álcool. Diz que precisa do carro para se locomover com rapidez de um lado para outro na cidade, pois dá aulas em diversos lugares no mesmo dia, e que já não agüentava mais o preço da gasolina. "Só não comprei logo que saíram os primeiros carros porque em Cabo Frio não tinha posto para abastecer e, como vou sempre lá nos fins de semana, esperei abrir os postos lá para então comprar o fusca, movido a álcool."

Ele conta que um primo seu duvidava de que um automóvel se locomovesse normalmente com álcool hidratado. "Depois que esse meu primo experimentou meu carro, ficou surpreso. Disse até que anda melhor do que o fusquinha do pai dele", acrescenta Hélio Maurício.

Mesmo tendo ouvido falar da corrosão que o álcool hidratado provoca no motor, e na dificuldade de abastecer fora dos grandes centros, Hélio Maurício diz que sua maior alegria é "encher o tanque e só pagar Cr$ 890. Fico feliz em saber que não estou dando dinheiro para os árabes".

Miramar Gonçalves Peixoto, motorista há 22 anos, também está satisfeito. Ele dirige um Brasília quatro portas 1980 e afirma que com a economia na compra do combustível, "poderia pagar uma letra de Cr$ 5 mil todo mês."

Há uns 20 dias, o Sr Miramar teve de ir às presas a Muriaé, em Minas, e mesmo sem saber onde abastecer fora do Rio, encheu o tanque e seguiu em frente. Em Teresópolis tinha posto e ele perguntou em que outras cidades poderia comprar combustível. A partir das respostas, fez seu roteiro de viagem. Encheu o tanque em Porto Novo do Cunha, já em Minas, e foi direto até Muriaé. Na volta abasteceu em Santo Antônio de Pádua, no Estado do Rio, e depois em Teresópolis, antes de chegar ao Rio.

"Dizem que o álcool enferruja o motor, mas acho que não é assim tão fácil como falam por aí. É igual carro a gasolina. Se ficar muito tempo parado, na garagem, enferruja também."

Se, há alguns meses, poucos postos dispunham de álcool hidratado para atender ao consumo da pequena frota existente no Rio e em São Paulo, agora formou-se uma extensa rede de postos em quase todo o país. No Rio Grande do Sul, porém, não há como encher o tanque de álcool hidratado, mas no Mato Grosso já existe um posto e no Piauí estão funcionando três. Aos poucos o álcool vai chegando a todos os Estados.

No Estado do Rio 36 municípios já têm pelo menos um posto para fornecer álcool hidratado: Teresópolis, Petrópolis, Magé, Parati, Angra dos Reis, Campos, Macaé, Cabo Frio, Volta Redonda, Barra do Piraí, Miguel Pereira, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Barra Mansa, Três Rios, Resende, Valença, Mendes, Paraíba do Sul, Itaocara, Cachoeiras de Macacu, Rio Bonito, Niterói, São Gonçalo, Carmo, Nova Friburgo, Piraí, Casimiro de Abreu, Bom Jesus do Itabapoana, São Fidélis, Itaguaí, Santo Antonio de Pádua, Sapucaia, Silva Jardim e o Município do Rio de Janeiro.

Uma viagem longa pode ser feita sem problemas. Indo do Rio a Salvador, por exemplo, o carro a álcool poderia abastecer-se em Porto Novo do Cunha, Muriaé, Governador Valadares, Teófilo Otoni, Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Salvador.

O preço do litro do álcool hidratado é Cr$ 18,20 (o da gasolina é Cr$ 38).

FEEMA calcula que despoluir ar do Rio custa Cr$ 47 bilhões

A redução da poluição do ar no Rio, a níveis aceitáveis, custaria hoje US$ 848 milhões — cerca de Cr$ 47 bilhões 488 milhões — em equipamentos de controle. Enquanto o padrão nacional de partículas em suspensão na atmosfera é de 80 microgramas por metro cúbico, a maioria dos bairros do Rio apresentam médias bem superiores — em Copacabana, por exemplo, a média anual atinge a 112 microgramas.

Esses são alguns dos subsídios apresentados pela FEEMA num seminário realizado com representantes das indústrias cimenteira, usina de asfalto e fundições de metais. Ao final do trabalho, uma recomendação expressa: é preciso um conjunto de medidas para melhorar, de imediato, a qualidade do ar não só no Rio, mas nos demais municípios da Região Metropolitana.

Investimentos maciços

A estação de medição do ar da FEEMA acusa, em determinadas épocas do ano, sobretudo no inverno, um índice de até 165 microgramas por metro cúbico de partículas em suspensão em São Cristóvão. Neste caso, a FEEMA faz uma ressalva: a estação medidora fica próxima à Usina de Asfalto, o que pode influir nos aparelhos. Porém, Copacabana registra índices de 112 microgramas, ficando o Centro da Cidade com 110 microgramas por metro cúbico.

Esses números, capazes de deixar os técnicos de controle de poluição do ar na Região Metropolitana preocupados, poderiam ser reduzidos com investimentos do setor privado e público no valor de Cr$ 47 bilhões somente na cidade. Se a periferia for incluída, o total subiria para US$ 1 bilhão 222 milhões — cerca de Cr$ 68 bilhões.

Para que o Estado assumisse a função de financiador dos projetos de instalação de equipamentos controladores, seria necessário que mais de um quarto do seu Orçamento de Cr$ 200 bilhões fosse investido no setor. Uma perspectiva tão remota que, no próprio seminário, foi indicado um caminho alternativo: através do controle de emissões, com sua redução em 85,5%, ao custo de 168 milhões de dólares — cerca de Cr$ 9 bilhões 408 milhões — 14% do custo inicial. Bastaria, segundo a FEEMA, não incluir na estratégia o controle da gasolina (eliminação do chumbo) e da pavimentação de estradas.

Relocalização

De acordo com as conclusões, diante da limitação de recursos, o controle deve ser exercido a partir do pedido de licenciamento de atividades poluidoras — sobretudo, na instalação de novas indústrias. Sugere-se ainda que os órgãos governamentais — como a Finep, Codin, BD-Rio e Ceag — atuem no sentido de ajudar na relocalização de pequenas fundições, em geral instaladas em áreas de grande concentração urbana.

Segundo o Plano Diretor para Controle da Poluição do Ar por Partículas, da FEEMA, o padrão estabelecido é de 80 microgramas por metro cúbico (média anual geométrica), no mínimo; e, no máximo, 240 microgramas por metro cúbico, valor máximo diário que não pode ser excedido mais de uma vez por ano.

A redução mínima necessária para que os padrões até 1995 sejam aceitáveis, na Região Metropolitana, é estimada em 81%. Segundo os técnicos, após a análise custo/benefício, a aplicação de recursos deve ocorrer em áreas onde se produzam maiores benefícios em relação à saúde da população.

Para efeito de classificação, a FEEMA agrupa as fontes emissoras de partículas assim: fontes-ponto (indústrias mais relevantes) e fontes-aérea (grupo de fontes estacionárias com emissão individual pequena e transporte marítimo, aéreo e terrestre). O Rio apresenta um total de emissão de partículas — o que não é a mesma coisa que concentração no ar, através da qual é tirada o índice de poluição — que atinge a 81 247 toneladas/ano, sendo 14 462 toneladas/ano, constituídas de partículas respiráveis (aquelas que são absorvidas pelo sistema respiratório), enquanto a Região Metropolitana apresenta um total de 194 862 toneladas/ano de partículas, das quais 32 969 toneladas/ano são respiráveis. Concluiu-se que as pedreiras constituem a maior fonte de partículas totais e que a queima do óleo residual é a maior fonte de partículas respiráveis.

O seminário destacou ainda a importância da participação dos três setores — indústria cimenteira, usinas de asfalto e fundições secundárias — na luta pela melhoria da qualidade do ar na Região Metropolitana. Foram aprovados padrões para emissões de partículas a serem encaminhados à Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA), a fim de que sejam baixadas resoluções. Para técnicos da FEEMA, a participação de representantes da iniciativa privada, sobretudo desses setores, é fundamental, enquanto esperam contar com o mesmo número de adesões para outros seminários com atividades consideradas poluidoras.

Foto de Delfim Vieira

D Maria Aparecida reclamou, mas seu cachorro foi levado

"Carrocinha" captura cães sob os protestos de todos

Sergio Fleury

Dick, Boy, Capitão, Scooby e **Barão** são alguns dos 54 cães presos desde sexta-feira, à espera de seus donos. Eles estavam soltos nas ruas, muitas vezes abandonados, doentes e famintos — o elo perigoso na transmissão da raiva canina. A captura, ainda feita pela **carrocinha**, continua penosa porque os adultos não a compreendem e xingam os que fazem este trabalho, e as crianças também não a entendem e jogam pedras contra os "ladrões de cachorros para a fábrica de sabão". E todos torcem a favor do animal, contra os homens que o capturam.

Na cidade do Rio de Janeiro há 600 mil cães, dos quais cerca de 30 mil foram capturados nos últimos cinco anos por serem "vadios". Desses, apenas 22% foram reclamados e devolvidos à liberdade. Do restante, metade foi doada às instituições científicas para experiências (cobaias) e a outra, sacrificada. A maioria é contra a captura e não aceita o sacrifício, mesmo diante do argumento oficial de que na última década morreram no Rio 63 seres humanos e 3 mil 719 cães com hidrofobia.

Os focos da raiva

A **carrocinha** não é há muito tempo a antiga charrete do Rio que apanhava cachorro na rua "para fazer sabão". É um pequeno caminhão com várias gaiolas de grade na carroceria e que sempre é reconhecida de longe, principalmente pelas crianças. Três vezes por semana a **carrocinha** sai do Instituto Municipal de Medicina Veterinária, em São Cristóvão, para visitar as áreas de foco da raiva, atualmente Campo Grande, Bangu, Senador Camará, Cordovil, Realengo e Padre Miguel.

Na **carrocinha**, além do motorista, vão cinco funcionários daquele Instituto, que por apenas um salário-mínimo se arriscam a ser mordidos ou a levar pedradas. Eles saem sempre muito cedo e às 6h45m de sexta-feira já estavam no Parque Nova Holanda, junto à Avenida Brasil, área de baixa renda, muitos problemas sociais e centenas de cães soltos nas ruelas de buracos e muita lama.

A captura começa quando os funcionários localizam um cachorro preto andando calmamente na rua: a **carrocinha** pára e dela salta um funcionário com um fio de aço feito um laço. Rapidamente o animal está preso no laço que o aperta no pescoço. Ele se dabete, "chora", chama a atenção de todos, resiste à captura. Outro funcionário, com um outro laço de couro, aproxima-se e faz a substituição. Ao ser colocado dentro da gaiola, solta-se o laço do pescoço e o animal está preso.

"Os cães ladram"

Nesse anda-e-pára, a **carrocinha** vai chamando a atenção de toda a comunidade, que de repente se vê envolvida no problema, e chega a participar emocionalmente dos acontecimentos. Um dos primeiros animais a serem capturados na Nova Holanda é um vira-lata bem claro que cria o primeiro problema. Dona Maria de Lourdes vem em socorro do **Alemão** explicando que "o cão é do Cabo Moura e que só foi à rua para fazer suas necessidades". Os funcionários aceitam a explicação e soltam o animal, que tenta morder a senhora.

Acompanhada por uma verdadeira romaria de crianças, "a carrocinha passa e os cães ladram" cada vez mais. Junto ao portão da Escola Nova Holanda a romaria aumenta — agora são quase 50 crianças correndo atrás, malas nas costas, livros nas mãos. Munidos de pedras elas começam a se adiantar, espantando os animais para dificultar a captura.

Aos poucos, a casa parada, a **carrocinha** é cercada pelas crianças que procuram lá dentro os cachorros dos amigos e vizinhos ou até mesmo os seus. E na manhã de sexta-feira a **guerra** começou quando apanharam o **Capitão**, um cachorrinho preto, tinhoso, que deu muito trabalho para ser colocado dentro da **carrocinha**.

Ele pertencia à molecada da rua, que passou a perseguir a **carrocinha** atirando-lhe pedras de todos os tamanhos. "Dá um **teco** neles para aprenderem a não roubar cachorro dos outros" diz um garoto.

A guerra de pedras

E a **guerra** foi realmente perigosa, pois a criançada passou a perseguir o caminhão sem medir as conseqüências de suas pedradas, que atingiam casas, telhados, janelas e até mesmo pessoas.

A "chuva de pedra" aumenta progressivamente, e a **carrocinha** acaba por ter de ficar escondida atrás de um caminhão-carreta carregado de madeira. Brincadeira ou não, agressão ou não, esse é o protesto das crianças lideradas por dois meninos de uns 12 anos, os mais revoltados e que chegam a desafiar soldados da Polícia Militar João Bosco, que acompanha oficialmente a **carrocinha**.

O militar encara a criançada, tenta evitar o problema e seus prejuízos, mas se vê xingado por todos, com o apoio de grande parte dos adultos, que comentam, repetitivamente, que "apanhar bandidos, que é bom, não fazem". E durante os quase 60 minutos em que a carrocinha permaneceu no Parque Nova Holanda, 14 cachorros foram capturados. As pessoas comentam: "Aqui a gente pode morrer de qualquer coisa, mas não de raiva de cachorro".

"Lei do cão"

A Lei nº 2 291, de 6 de dezembro de 1973, a chamada **lei do cão**, é a que autoriza a captura dos cães soltos nas vias públicas e o sacrifício daqueles que não forem reclamados pelos seus donos no prazo de 48 horas, depois de paga multa de Cr$ 638 e de vacinado o animal. Essa mesma lei considera **vadio** todo cão encontrado na rua, mesmo com a coleira, pois o objetivo final é o de evitar a propagação da raiva, cujo principal elo é o cão que perambula na rua. Outro argumento oficial é o de que um cão solto pode mutilar uma pessoa com a sua mordida, principalmente as crianças.

Mas a **lei do cão** é bastante relaxada pelos funcionários encarregados pela captura quando o dono é educado e argumenta com tranqüilidade que vai prender o seu animal e que não é preciso levá-lo preso. Ao contrário, eles fazem valer ao pé da letra esse dispositivo legal quando são insultados. Foi o que aconteceu sexta-feira, na Rua Ponto Chique, na Cidade Alta, em Cordovil.

O cachorro de nome **Diou** estava dormindo embaixo de um carro quando a **carrocinha** parou perto. O funcionário aproximou-se despertando o animal, o que não evitou a laçada certeira. **Diou**, bastante irritado, começou a espernear e a latir desesperadamente, alertando seus donos, a Sra Maria Aparecida Barbosa e seu filho Carlos. Na confusão da captura, o cachorro ainda mordeu a mão do funcionário Guaracy, quase arrancando-lhe um dedo. Ao invés de dialogar, o rapaz Carlos disse que "ninguém ia levar o cachorro", mas isto entre diversos xingamentos e palavrões dirigidos aos funcionários e ao soldado da PM. Seu animal foi levado na **carrocinha**.

A vadiagem

Embora condenem em sua maioria, a existência da **carrocinha**, as pessoas têm, também, reações de bom humor. Não é raro o comentário de que "os animais são presos por não terem os documentos em dia", clara alusão às batidas realizadas pela polícia quando são presos por vadiagem os que não têm documentos. Os pais com filhos pequenos e que moram em locais pobres geralmente são a favor da captura porque acham que "os cães mal-alimentados e doentes são perigosos para as crianças". Outros os criam mesmo sem condições financeiras.

Enquanto não entram em ação as anunciadas novas viaturas que auxiliarão na captura, a **carrocinha**, única, que sai três vezes por semana, só vai aos chamados focos da raiva, e muitas vezes a pedido dos próprios moradores. Daí a visita ao Parque Santa Rosa, em Campo Grande, um imenso loteamento de baixa renda e que, entre os diversos problemas sociais que enfrenta, tem mais um, o da quantidade de cães soltos por suas ruelas.

Quem denuncia a existência dos cães fica logicamente no anonimato, e por isso a **carrocinha** é muito mal recebida: "Aqui não é Zona Sul, não, e por isso os nossos cachorros têm de perambular pela rua". Há também, as que xingam, como uma senhora, que sem conseguir soltar seu **Dengoso** de dentro da **carrocinha**, rogou sua praga: "Tomara que Jesus faça a carrocinha bater na primeira curva!"

Fábrica de sabão

A **carrocinha** não bate, prossegue no seu trabalho e captura um cachorro marrom, rabo entre as pernas, que tremia bastante e por isso possa a ser considerado suspeito e isolado numa das gaiolas do pequeno caminhão, o que não quer dizer muita coisa, porque, à chegada ao Instituto de Medicina Veterinária, todos são misturados — a separação é apenas de acordo com o sexo.

Ainda em Campo Grande, antes de sair do Parque Santa Rosa, a **carrocinha** para diante de uma padaria onde há dois cachorros: um preto, que é logo apanhado, e um outro, claro, que escapa porque seu dono o menino Flávio dos Santos, sai correndo da padaria, pão embrulhado, e protege o seu **Kojak**. Mas fica triste porque "o pretinho foi levado para a fábrica de sabão".

Supermercados sem feijão têm um dia tranqüilo

Os supermercados cariocas tiveram ontem um dia tranqüilo porque desde a véspera cartazes avisavam que não haveria feijão-preto importado para ser vendido no sábado. "Não vendemos feijão aos sábados para não tumultuar o movimento", explicou o Sr Jorge Ruiz, gerente do Sendas da Arquias Cordeiro, no Méier.

No Disco do Largo de Pilares, o Sr Arlindo Brás, sub-gerente, informou que "sábado o escritório central não manda feijão, para evitar tumulto". O dia de sábado, segundo o Sr Brás, é o de maior movimento na semana, e para aproveitar o fluxo de consumidores, o supermercado fica aberto de oito às 21h.

Ajuda da PM

Aos sábados o número de clientes aumenta muito nos supermercados porque é a única oportunidade que as pessoas que trabalham a semana inteira têm de fazer suas compras. O movimento é muito intenso de manhã e à tarde, diminuindo um pouco no período de 12 às 13h, "quando o pessoal está almoçando em suas casas", diz o Sr Brás, subgerente do Disco.

Na Casas da Banha da Dias da Cruz, em frente ao Cine Imperator, no Méier, as compras transcorriam sem problemas porque não havia filas de feijão-preto importado. "Aqui temos tido feijão três vezes na semana. Essa semana vendemos feijão segunda, quarta e sexta-feira, e, quando acaba, colocamos o aviso, para evitar tumulto", explica o Sr Geraldo, gerente da loja.

Ele conta que a venda do feijão é feita num dos cantos da loja, de modo que o freguês saia da fila direto para a rua. Não é permitido entrar na loja com o feijão, nem se pode pedir para guardá-lo enquanto se faz o resto das compras. "Fazemos isso porque tem cliente que não se conforma que o feijão acabou e, ao ver os sacos guardados, vai pensar que estamos escondendo e vai querer criar tumulto", diz o Sr Geraldo. "Aqui quem compra feijão não pode entrar na loja. Compra e vai embora."

No Disco do Largo de Pilares, a venda de feijão-preto é organizada por soldados e oficiais da Polícia Militar. "Temos tido feijão todo dia. Quinta tivemos seis mil quilos, e sexta-feira três mil, mas aos sábados o escritório central não manda feijão para evitar tumulto", diz também o Sr Arlindo Brás, subgerente.

Moinho regulado fará mais farinha com menos trigo

Uma adaptação na regulagem dos moinhos de trigo, para aumentar de 780 para 850 quilos a quantidade de farinha extraída de cada tonelada de trigo, a fim de permitir uma redução na importação do cereal em 600 mil toneladas, e uma economia de 123 milhões de dólares, é um dos projetos desenvolvidos pelo Centro de Tecnologia Agrícola e Alimentar (CTAA) da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias.

O Secretário Estadual de Agricultura e Abastecimento, Edmundo Campelo, visitou suas instalações ontem e se interessou pelas pesquisas a serem desenvolvidas com sementes do feijão-alado, trazidas da Nova Guiné, que é mais nutritivo do que o feijão-preto, equivalente a soja, e suas folhas e raízes são comestíveis.

Trigo e alternativas

O chefe do Centro de Tecnologia Agrícola e Alimentar, Sr João Fernando Marques, explicou que os resultados dos testes feitos com o protótipo de um moedor de trigo, regulado de maneira diferente dos atuais, foi enviado ao Ministério da Agricultura, que o encaminhou à Sunab, órgão com o qual o CTAA vem mantendo estudos sobre a viabilidade de usar a inovação na indústria.

Outra pesquisa desenvolvida no CTAA é a avaliação tecnologica do trigo nacional na fabricação de pães e massa, e a substituição da farinha de trigo por outros produtos.

O Sr João Fernandes Marques afirmou que há substitutivos que "só não foram ainda adotados devido ao subsídio do trigo. Uma das alternativas é a mistura de até 15% de farinha de milho em panificação e fabrico de massas com resultados excelentes".

Feijão e óleo

O Centro de Tecnologia Agrícola e Alimentar vai realizar pesquisas com sementes de feijão-alado, provenientes da Nova Guiné, para testar a possibilidade de plantá-lo no Brasil e seu valor protéico. Tem 34% de proteína (o feijão-preto tem 20 a 21%); 18 a 19% de óleo; vagens de 10 a 50 centímetros; folhas e raízes comestíveis e, quanto ao seu potencial de rendimento por grão, no Norte da Austrália e na Malásia, é de 4 mil 500 quilos por hectare.

Pesquisas são desenvolvidas para obtenção de óleos comestíveis, combustíveis e essenciais. Quanto ao último caso, o chefe do CTAA, João Fernando Marques, declarou que o Brasil exporta óleo de laranja bruto a Cr$ 18 o litro e importa óleo refinado a Cr$ 2 mil, mas o CTAA está realizando testes que permitam também a indústria nacional refiná-lo.

O centro está subordinado à Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, órgão ligado ao Ministério da Agricultura, e funciona à Rua Jardim Botânico, 1024, mas, até o final do ano, a sua nova sede começará a ser construída em Guaratiba, próximo à Barra de Guaratiba. Atua como coordenador-geral do Programa Nacional de Tecnologia Agroindustrial de Alimentos desenvolvido por órgãos governamentais e iniciativa privada; presta serviços de análises químicas e seu trabalho é voltado para a iniciativa privada. Tanto ajuda o produtor rural quanto desenvolve novas tecnologias para a indústria.

Poluição sonora ganhará um órgão

Até o mês que vem, o Prefeito Júlio Coutinho estará recebendo em seu gabinete uma proposta inédita, em termos municipais: a da criação de uma Superintendência de Acústica, ligada à Secretaria de Obras, com a atribuição específica de tratar dos problemas de poluição sonora, único tipo de poluição ambiental de que a FEEMA, órgão do Estado, não cuida.

A idéia faz parte de um relatório de sugestões preparado pela câmara técnica que desde maio estuda o assunto. Com representantes das Secretarias Municipais de Planejamento, Obras e Fazenda, do Instituto de Pesos e Medidas, da Associação Brasileira de Normas Técnicas, do Detran e do Metrô, o grupo concluiu pela necessidade de atualizar e detalhar melhor a legislação existente e de criar um órgão especial para aplicá-la.

G. Campista

Qualidade ambiental acústica no período diurno no Município do Rio de Janeiro

ENGENHO NOVO 100% — ANCHIETA 100% — MADUREIRA 50% 50% — MÉIER 71% 29% — RAMOS 50% 50% — S. CRISTOVÃO 50% 50% — CENTRO 40% 40% 20% — BOTAFOGO 42% 33% 25% — COPACABANA 69% 6% 25% — SANTA TEREZA 83% 17% — LAGOA 82% 18% — TIJUCA 28% 46% 10% 15%

Calmo	Moderado	Ruidoso	Muito Ruidoso	Excessivamente Ruidoso

35 — 45 — 55 — 65 — 75 — Acima de 75 — Leq. em dB(A)

Em alguns pontos do Rio, a poluição sonora é insuportável

Incomoda mais

O representante da Secretaria de Planejamento, engenheiro Fernando Alves de Almeida, observou que a poluição sonora é, dentre todas as formas de degradação do meio-ambiente, "a que mais incomoda, pois não deixa dormir, ouvir música ou estudar, reduz a capacidade de trabalho e é um dos principais causadores do **stress**. Não existe, porém, nenhum órgão responsável pelo seu controle: a FEEMA, que tem sob sua atribuição toda a poluição ambiental no Estado, só não atua sobre a poluição sonora; o Ipem, por sua vez, tem apenas os aparelhos com que medir os decibéis, em casos de reclamação, mas não possui nenhum poder coercitivo e se limita a enviar um laudo à Prefeitura, comunicando a irregularidade. É tanta burocracia que dificilmente o problema é sanado".

Segundo ele, o Prefeito Júlio Coutinho, que já foi Secretário Estadual de Indústria e Comércio — e portanto conhecedor dos problemas enfrentados pelo Instituto de Pesos e Medidas para, além de suas tarefas normais (e já intensas), medir a poluição sonora sempre que solicitado por um reclamante — "é o principal interessado em solucionar a questão. Ele tem dado todo apoio ao grupo de trabalho, que se reúne semanalmente com o objetivo básico de definir uma legislação adaptada à realidade e um órgão para implantar essa lei. Fizemos questão de abordar o tema sob todos os níveis: no aspecto técnico, contamos com a Associação Brasileira de Normas Técnicas; para que seja ouvido também o lado dos agentes provocadores de ruído, estão presentes o Detran e o metrô; a Secretaria de Fazenda orienta no referente à fiscalização, pois cabe a ela multar e punir".

Limites de ruído

Até o fim deste mês, o grupo apresentará suas conclusões ao Prefeito, mas já há uma série de sugestões definidas. Foram fixados, por exemplo, os índices de RMA (ruído máximo admissível) de acordo com o zoneamento da cidade, levando-se em consideração períodos diurnos e noturnos. ("Nós nos baseamos em portaria da Secretaria Especial de Meio-Ambiente SEMA".) Contou Fernando, "que fixa num máximo de 70 decibéis durante o dia e 60 à noite os limites de ruído. Partimos também de um levantamento, encomendado pela Prefeitura carioca à Cetesb, órgão paulista responsável pelo controle ambiental. Acabamos sendo mais rigorosos que a própria SEMA", acrescentou.

Quanto aos aparelhos medidores de ruído, o engenheiro explicou que está sendo estudada a possibilidade de utilização do equipamento do IPEM pela Superintendência de Acústica, a ser criada: para isso, basta um convênio, "mesmo porque não interessa ao IPEM continuar fazendo este trabalho, em detrimento de suas outras atribuições, todas muito importantes para a vida da cidade". Já no que se refere ao uso e aos tipos de protetores acústicos, necessários para redução do barulho, disse ele que "isso será detalhado depois pela Superintendência de Acústica, pois a lei em vigor — Regulamento nº 15 de 21 de junho de 1976 — está completamente obsoleta em função do desenvolvimento tecnológico: hoje já existem meios de reduzir a níveis suportáveis todos os ruídos industriais e da construção civil, com equipamentos adequados".

Grupo se une para salvar Parque Laje

Israel Tabak

Os moradores do Jardim Botânico resolveram assumir o Parque Laje: como o IBDF "condenou" o parque à morte por abandono, seus freqüentadores estão decididos a salvá-lo. Sábado que vem, a partir das 10h, vai haver um mutirão da limpeza, distribuição de mudas e um lazer orientado para as crianças, com a participação de professores e ecólogos.

O mato ocupou o lugar de muitos canteiros; um dos extremos do parque foi transformado em lixeira; os pequenos rios e lagos estão totalmente obstruídos por detritos e lixo; há árvores mortas; cercas destruídas; bancos quebrados; troncos e galhos obstruindo os caminhos; prédios maltratados; brinquedos velhos; falta de policiamento; assaltos constantes. Mas a Associação de Moradores e Amigos do Jardim Botânico não quer deixar o Parque Laje morrer.

Desde cedo

"Aqui tá muito abandonado". A frase, dita com dificuldade, não é de nenhum adulto, inconformado com a situação atual do Parque Laje, mas de Gustavo Bahiense Visconde, um menino de quatro anos, que mora no Jardim Botânico e há algum tempo vai ao Parque levado por sua babá, Maria da Penha.

"Ele está falando das outras crianças, amigas dele, que não vêm mais aqui. Antes vinha muito mais gente. Agora, com esse lixo e com os assaltos, os pais ficaram com medo. Por isso o Gustavo acha que o parque está abandonado" explica a babá.

Perto dali, o casal Paulo César Andrade e Nilzete Oliveira Andrade se distrai vendo quatro micos e um esquilo comendo um coco pequeno. Nilzete comenta: "Isso aqui está uma vergonha. Quando eu era criança, meus padrinhos sempre me traziam para cá e era uma beleza, tudo limpo. A gente até tomava banho na cachoeira grande. Hoje fomos lá e estava tudo imundo".

Caminho difícil

Na entrada, a ilusão: há um guarda simpático, que dá informações e ajuda a atravessar a rua, caso necessário. Quando se entra no parque, pelo caminho principal, ainda não se tem idéia do que virá depois. Mas quando se começa a percorrer uma aléia, as surpresas desagradáveis aparecem: os caminhos têm muitos buracos e depressões. As folhas secas das palmeiras não são recolhidas. As ervas daninhas fazem muitos canteiros perderem os seus contornos.

Os dois **playgrounds** têm brinquedos antigos e sem nenhuma conservação. Um deles, atrás do prédio da Escola de Artes Visuais, fica sobre uma elevação, e os gradis de proteção para as crianças estão quebrados. Basta um pequeno descuido dos pais para haver risco de um acidente grave.

Os lagos e rios estão praticamente estancados, cobertos por galhos, plantas, detritos, lixo, folhas e outros objetos. E uma das extremidades do parque foi literalmente transformada em depósito de lixo: como o caminhão da Comlurb demora a passar para recolher os detritos, os poucos guardas e funcionários vão amontoando o lixo num canteiro abandonado junto aos prédios limítrofes, para desespero de seus moradores.

A gruta e o antigo aquário em forma de caverna estão enlameados, com muitos detritos. É um pitoresco mirante, em forma de torre, além de sujo e danificado, como os demais equipamentos do parque, está todo pichado. E é com o mesmo spray usado pelos descontentes para divulgar suas reivindicações pelos muros, que foi feita a inscrição **homens** e **senhoras**, nos impraticáveis banheiros.

Protesto

A Associação de Moradores do Jardim Botânico, antes da manifestação marcada para sábado, está percorrendo o bairro com um painel de denúncias sobre a situação do Parque Laje. Hoje de manhã esse painel estará na Praça dos Jacarandás. Um abaixo-assinado com o título **Pela Salvação do Parque Laje** estará à disposição de quem quiser assiná-lo.

"O Parque Laje foi tombado em 1965 e desapropriado em 1967. Grande vitória para a população carioca, que dessa forma viu assegurada a sua preservação e utilização pela coletividade. Em 1977, foi subordinado ao IBDF com a finalidade de ser incorporado à área do Jardim Botânico. Infelizmente os novos responsáveis não lhe deram, desde então, nenhuma atenção", diz um trecho do abaixo-assinado. A manifestação prevista para sábado tem o **slogan** "Venha ajudar o Parque Laje a entrar na primavera".

Com mais de 500 mil metros quadrados, dos quais 174 mil de jardins e o restante da floresta nativa, o Parque Laje possui cerca de 1 mil 200 árvores, entre elas jequitibás, palmeiras imperiais, paus-ferro, mangueiras, jaqueiras, amendoeiras, **flamboyants**, jambeiros vermeiros, **li-chi** (espécie muito rara, originária da China) e o maior cipreste do Estado.

Foto de Bazilio Calazans

Nos lagos de águas paradas, acumulam-se os detritos e galhos

Professoras que dão aula na roça não recebem há 8 meses

As professoras que trabalham na roça pegam mais de uma carona para chegar à escola, onde às vezes dormem com medo. Hoje estarão reunidas, depois da missa, em Cachoeiras de Macacu (município a 100 quilômetros do Rio) para discutir se continuam em greve. Há oito meses elas não recebem o salário mínimo.

Cerca de 10 mil crianças na Zona Rural fluminense, dos Municípios de Magé, Bom Jesus, Barra Mansa, Cabo Frio e Cachoeiras de Macacu, estão ameaçadas de ficar sem aulas, por mais tempo, até que se esclareça quem deve pagar pela atuação das professoras em escolas de difícil acesso. Muitas delas viajam em lombo de mula ou utilizam canoas quando o rio enche. Em Macaé, a solução é subir num trator para chegar à escola.

LIÇÃO DE VIDA

Em São José da Boa Morte, um lugar marcado por questões de terra, o menino Antônio Francisco de Paula (aos 14 anos ainda cursando a 1ª série) disse para a professora Selma da Costa Coutinho: **"Tia, para que estudar, se a senhora que estudou não tem dinheiro para pagar o ônibus e vive andando de carona?"**

Na Zona Rural de Cachoeiras de Macacu — cuja área é equivalente à do Rio — em 48 escolas a jornada de 96 professores começa às 5h e prolonga-se até a tarde. A professora Maria da Conceição Moura, 22 anos, contou que só iniciava as aulas depois das 9h. Quando as crianças chegavam, às 7h, com fome e frio, ela mandava que ficassem duas horas se aquecendo ao sol. Depois iniciava o bê-a-bá.

Na semana passada a vida mudou em Cachoeiras de Macacu: as 96 professoras só foram às escolas na Zona Rural para explicar aos pais e alunos porque decidiram parar de dar aulas. E concentraram-se nas imediações da igreja-matriz e da Prefeitura onde colaram cartazes e contaram seu drama sentadas na calçada.

O relato de cada uma não se limita à falta de pagamento ou ausência de vínculo empregatício. Elas se queixam, principalmente, de um convênio entre o Estado e a Prefeitura, que não lhes assegura assistência médica, Fundo de Garantia, 13º salário ou licença para as gestantes. Desde 1976 vivem sob contratos precários e, agora, sob a promessa de passarem à condição de "estagiárias monitoras". E sonham com a efetivação.

Cachoeiras de Macacu, RJ — Foto de Bazilio Calazans

Nas calçadas, as professoras contam seu drama e decidem o que vão fazer sem o salário

Cachoeiras de Macacu desenvolveu

Cachoeiras de Macacu, com 17 mil eleitores, não pode mais ser definida como um ponto de parada no Bar Nabi, onde as pessoas jogavam no bicho e viam o trem passar — diz o Prefeito Manoel da Silva, lembrando uma frase de Antônio Maria, em crônica que provocou protestos e até abaixo-assinado. "Enquanto ele seguia de carro para Friburgo, eu era um trabalhador braçal na estrada" — comenta o prefeito, que se formou em Direito e foi eleito pela ex-Arena.

Sobre a mesa, um telegrama do Deputado Miro Teixeira pedindo para que se filie ao PP. Mas o Prefeito Manoel da Silva — que assumiu a defesa das professoras — preferiu o PDS. Uma correspondência com o Secretário de Educação, Arnaldo Niskier, revela a disposição em assinar o convênio com o Estado, "desde que haja o repasse imediato de verba", para pagar as professoras.

Terra encrencada

Com uma população estimada em 50 mil habitantes (dois terços na Zona Rural), Cachoeiras de Macacu sempre surge no noticiário dos jornais por questões de terra. O vigário Agostinho Van den Broek, natural da Holanda e há 11 mil anos em Cachoeiras, lembra o ressurgimento do latifúndio — "a compra de mais e mais terras, por uns poucos, sem nenhuma função social."

Missionário do Sagrado Coração, responsável por 11 comunidades rurais, onde reza missa em depósitos de banana ou na varanda das casas, Padre Agostinho também ficou ao lado das professoras. Em sua opinião, Cachoeiras é um lugar marcado "por terras encrencadas".

Há dias, 78 lavradores foram presos. Após sucessivas invasões de terra nos últimos 20 anos, muitas acabaram desapropriadas e entregues aos colonos, mas, aos poucos, estão sendo retomadas pelos que se diziam seus donos. A fazenda que pertenceu à família Coimbra Bueno hoje é disputada por seis pessoas.

Aventura e experiência na vida de 4 jovens

"A escola à noite parecia uma casa mal-assombrada, o frio entrando pelas frestas, as telhas ameaçando desabar sobre nossas cabeças. Éramos quatro inexperientes, com diplomas de professora, dormindo na secretaria da escola, sobre três colchões e jornais espalhados pelo chão. Fui a última a desistir, mas se pudesse voltava a repetir a experiência em Areal".

Maria da Conceição Moura, natural de Minas, conta como foi parar na Zona Rural de Cachoeiras de Macacu: "Meu pai é um agente de estação aposentado, e vivemos de um lado para outro. Queria, a todo custo, que eu seguisse a carreira do magistério. Até aí tudo bem. Só não sabia que era uma batalha receber em dia o salário mínimo".

PRIMEIRO IMPACTO

Lembra o dia em que acordou muito cedo, com as crianças já diante da escola, tremendo de frio. "Mandei que entrassem para a sala de aula e, quando surgiu o sol, mandei que fossem se aquecer, pulando no campo, como se fizessem ginástica".

A comida para a merenda havia sido roubada e os ladrões levaram também as bicicletas das quatro professoras. O jeito foi improvisar uma papa com açúcar. Antes do meio-dia, a colega que foi residir em Niterói, e trabalhar numa loja, voltou exibindo um grande osso e pedaços de carne. E a merenda foi uma sopa reforçada".

"Minha vida em Areal não era ruim. Os alunos eram a minha alegria e lamento até hoje não ter conseguido um aparelho de televisão para eles. Além de dirigente de escola, aprendi Economia Doméstica e me transformei numa enfermeira razoável".

As quatro moças dormiam em Areal, mas Maria da Conceição Moura deslocava-se para outra escola, de bicicleta até onde era possível, em um lugar chamado Estreito. A escola fica na divisa de Cachoeiras de Macacu com Teresópolis. As pessoas caminham cinco horas a pé quando querem chegar até Teresópolis.

A aventura das quatro jovens começou quando descobriram que era impossível comparecer todos os dias à escola, mesmo apanhando três caronas, caminhando a pé e, depois, utilizando suas bicicletas. "O esforço para obter uma nomeação, que não fosse um contrato de trabalho provisório, valia a pena". E decidiram morar na escola.

Niskier promete pagar os salários atrasados

O Secretário de Educação, Arnaldo Niskier, disse que as professoras conveniadas do Estado começarão a receber, a partir de segunda-feira, os salários atrasados há mais de oito meses. Somente as professoras de Cachoeiro de Macacu, Magé, Cabo Frio e outros municípios que não tiveram renovados os convênios com o Estado, no fim do ano, não receberão.

Nestes municípios, embora as professoras estejam recebendo os salários normalmente, através de convênios das Prefeituras com a Fundação Leão XIII, as aulas estão paralisadas. As professoras querem ser efetivadas nos quadros do Estado, para onde fizeram concurso.

Tarefas vão desde a educação até a saúde

Nas escolas da Zona Rural, além da função de professora em turmas agrupadas (várias séries em uma única sala de aula), as jovens professoras executam outras tarefas. Selma da Costa Coutinho descobriu, antes de familiarizar-se com sofisticados métodos de ensino (Piaget), que o caroço na testa de um aluno era berne — a larva de mosca que penetra na pele.

Nelsinéa Fonseca Salvaya aprendeu a lidar com fraturas. Um dia o carro que levava sete professoras capotou e sua colega, Norma, quebrou o braço. Outra professora — Conceição Ferreira Lima — ainda não se recuperou do acidente.

MAIOR DESAFIO

Juracy da Silva Nogueira, que mora na escola de Serra Queimada, aprendeu a remar, mas ainda assim atravessa a pé um outro rio quando tem de ir às compras para abastecer a dispensa da escola. No ano passado adoeceu.

Lidar com quatro turmas foi o maior desafio até hoje enfrentado por Rosania de Cassia Simão Regly, 24 anos. Depois, os ladrões que apareciam de vez em quando na escola perto de um lugarejo chamado Faraó. Eles queriam os bujões de gás. Seu dia começa com um pedido de **carona** e uma caminhada a pé ou a cavalo. Redigiu sete ofícios para que a escola fosse reformada. Não teve resposta.

A maior queixa das professoras que todos os dias comparecem à Escola Estadual Nova Ribeira é gastar, por mês, Cr$ 2 mil com a condução. Foi a forma de evitar certos motoristas de caminhão que não compreendem a missão de uma professora, que pede **carona** à beira da estrada.

Crezolice das Graças Vieira Silva, 27 anos, enfrentou cobras, em sua caminhada diária de três horas, para chegar à escola. Aprendeu a descobrir frutos silvestres, quando teve de alimentar-se com banana verde.

Cachoeiras de Macacu, RJ — Foto de Bazilio Calazans

Muitos obstáculos separam a escola da professora

Juiz quer ganhar mais em Minas

Belo Horizonte — Um desembargador do Tribunal de Justiça de Minas, em fim de carreira, ganha menos do que um juiz de primeira entrância do Rio de Janeiro e do Mato Grosso do Sul, enquanto os salários dos juízes do interior mineiro são menos da metade dos colegas cariocas e mato-grossenses. Eles iniciarão esta semana uma campanha pela melhoria salarial.

Pretendem mostrar ao Governador Francelino Pereira que o baixo nível de remuneração da magistratura mineira causa o êxodo de juízes para outros Estados e é responsável pela vacância de comarcas, como a de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha. Mesmo com o aumento de 25% no mês passado, seus vencimentos estão agora Cr$ 50 mil 55, enquanto os colegas de primeira entrância do Rio de Janeiro recebem Cr$ 109 mil 957 e os do Mato Grosso do Sul, Cr$ 105 mil.

O aviltamento da remuneração da magistratura em Minas chegou a tal ponto que os líderes da classe resolveram reunir-se extraordinariamente na próxima sexta-feira, na sede da Associação dos Magistrados de Minas Gerais, em Belo Horizonte, para discutir a questão e encaminhar suas reivindicações ao Governador Francelino Pereira. Desde já, sabe-se que eles pedirão vencimentos iniciais de Cr$ 80 mil e 30% de verba de representação.

A campanha pela melhoria dos níveis salariais é liderada pelo presidente da Seccional de Juiz de Fora, Juiz João Grinalson da Fonseca.

Macedo garante que essência da lei do salário não muda

"Na sua essência, a política salarial não sofrerá mudanças, isto é, continuará em vigor o reajuste semestral automático", garantiu em entrevista o Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, com a ressalva, no entanto, de que "de concreto, no momento, há apenas a dedicação do Ministério do Trabalho a estudos profundos e pesquisas minuciosas" sobre o assunto.

O Ministro do Trabalho diz estar convencido de que a presente política salarial do Governo trouxe paz social ao país, e deste modo "cumpriu a finalidade para a qual foi instituída. Por isso, só depois de exaustivos estudos e atentas verificações é que se poderá pensar em alterá-la: "Não podemos errar num assunto importante como este".

Na opinião do Sr Murilo Macedo, "a lei não é inflacionária". Ele preferiu, contudo, não fazer comentários sobre a limitação dos reajustes salariais das empresas estatais da Bahia, Goiás (até sete mínimos) e Minas Gerais (até 10 mínimos), segundo determinação dos Governadores Antônio Carlos Magalhães, Ari Valadão e Francelino Pereira. "Ainda não tive oportunidade de conversar sobre a questão", alegou.

Estudos

— O que há de concreto sobre mudanças na lei salarial?

Murilo Macedo — O que existe de concreto é a dedicação do Ministério do Trabalho a estudos profundos e pesquisas minuciosas. O Ministro Delfim Neto me informou que segmentos do empresariado alegavam rotatividade excessiva nas faixas salariais mais altas, com possibilidade de ela aumentar. Achei que o melhor a fazer era pesquisar tais informações e ampliar o campo da pesquisa para o maior número possível de empresas. E depois disto, se verdadeira a informação, num sentido numérico significativo, estudar alternativas para uma possível correção.

— Como estão sendo feitos os estudos e pesquisas?

— Posso adiantar alguns princípios e resultados. Estamos pesquisando as várias curvas salariais de empresas privadas, nos seus vários setores. Temos verificado, por exemplo, que há algum problema na área de serviços, mas que até agora não nos preocupa seriamente. É o problema dos altos salários.

— O que é, no seu entender, um alto salário?

— É difícil dizer o que é um alto salário, porque para um empresário é uma coisa, para outro é diferente. Mas os salários elevados de bancos, de publicidade, de serviços em geral, podem ocasionar, eventualmente, alguma rotatividade. O que se precisa verificar é se ela seria excessiva, se contornável por outros meios, ou se natural. Em função dos estudos profundos que estamos fazendo, vamos verificar se há necessidade de mudar a lei para atender a essas coisas.

— O que há mais sobre as pesquisas do Ministério do Trabalho?

— As curvas salariais das empresas estatais. Estamos verificando o que elas e as empresas privadas pagam, estudando seus mercados de trabalho. Temos feito reuniões com grande número de encarregados de pessoal das grandes empresas brasileiras, que nos trazem dados e fazem pesquisas para nós.

— Pode-se dizer, então, que a política salarial dificilmente mudará?

— Em resumo, eu diria que esta política salarial, que trouxe paz social e justiça salarial, cumprindo a finalidade para a qual foi criada, só pode ser alterada depois de um estudo profundo, de uma verificação muito atenta, porque não podemos errar num assunto tão importante quanto este. Não temos o direito de errar no Ministério do Trabalho. Por esta razão, a maioria dos economistas e dos sociólogos do Ministério está voltada quase exclusivamente para este assunto.

— Isto significa que, se houver alteração na lei salarial, ela demorará para ser concretizada?

— Se tivermos de modificar a lei, a alteração terá de esperar o término das pesquisas e dos estudos, que não têm prazo para conclusão. Quero concluí-los o mais rápido possível, mas sem que a rapidez comprometa a qualidade. Depois teremos de fazer uma análise dos estudos, o Ministro Delfim Neto e eu. Depois de discutirmos esta questão é que levaremos ao Presidente João Figueiredo as nossas conclusões. Aí, se acharmos que há necessidade de modificar a política salarial, teremos de elaborar um anteprojeto para ser enviado ao Congresso. Enfim, não temos ainda soluções.

— A alteração poderia ser a de limitar o reajuste semestral até determinada faixa salarial, 15, 20 ou 30 salários mínimos, por exemplo?

— Não há nada neste sentido, porque ainda não temos o estudo concluído.

— Pelas suas observações, pode-se supor que, se houver alteração na lei salarial, ela só deverá ocorrer no próximo ano?

— Isto vai depender das conclusões dos estudos. De qualquer maneira, teremos de enviar um projeto ao Congresso Nacional. O prazo para isto ainda não temos (NR — Para ocorrer alteração na lei salarial ainda este ano, o projeto terá de ser enviado até 15 de outubro. Depois desta data, mesmo tramitando em regime de urgência — 40 dias — o projeto só poderá ser votado em março de 1981, uma vez que no início de dezembro o Congresso entrará em recesso).

Heresia

— Há uma possibilidade de o Governo mandar o projeto ao Congresso antes de 15 de outubro?

— Não sei. Aí seria fazer futurologia, que eu não gosto de fazer.

— Que tipo de mudança o senhor admite na lei?

— Naquilo que é a sua essência, a política salarial não mudará, isto é, os reajustes continuarão semestrais. Se houver alguma coisa para mudar, será um ajuste, que ainda não sabemos qual poderá ser. Na minha opinião, o reajuste semestral automático continuará.

— O que o senhor acha da idéia de um sistema misto de reajuste, ou seja, semestral até determinada faixa e daí em diante por meio de negociações livres?

— Seria um processo inaceitável. Discordo inteiramente disto. Seria uma heresia. Conviver com esse sistema seria enfrentar a possibilidade natural de fazer com que uma grande parte dos assalariados, acima de cinco mínimos, de sete ou de 10, terminem a sua discussão na Justiça. Numa inflação como a de hoje, eu perguntaria o que seria concedido aos que ficassem fora do reajuste semestral: menos, a mesma coisa ou mais do que aos que continuariam com direito a ele? Isso inviabiliza qualquer processo. Seria preferível não termos política salarial. Aí voltaríamos para a situação anterior, onde se queria discutir salário na greve, em vez de se fazer como hoje, com racionalização. As discussões hoje estão cada vez mais para uma tranqüilidade absoluta.

— O senhor defende, então, integralmente a política salarial. O aumento de salário só poder ter como base a produtividade?

— É evidente, porque o reajuste já é automático. Nós vivemos dentro de uma economia de mercado — pelo menos é o que queremos, e por isso lutamos — que funciona através do trabalho, também. Mas vamos supor que estivesse havendo um processo muito agudo de rotatividade nos altos salários. Então, imaginaríamos um teto, que não sei qual seria. A partir dele, a pessoa só receberia o reajuste até o teto (determinada faixa salarial). O que iria acontecer é que, à proporção que o empregador não desse o reajuste além do teto, o empregado que se sentisse prejudicado, e sabendo que o mercado está pagando mais, mudaria de emprego. Aí o empregador poderia ter dificuldade de recrutar um outro empregado para o mesmo cargo, pagando o mesmo salário do anterior. Neste caso, o empregador iria preferir pagar além do teto, para não perder o empregado. Aí o mercado funcionaria.

Arquivo 1/8/80

Murilo Macedo

— Na prática isto tem ocorrido?

MM — Não estou sendo teórico. Se o JORNAL DO BRASIL fizer uma pesquisa, hoje, nas grandes empresas industriais, chegará à conclusão de que está acontecendo o que acabei de dizer. A lei atual já tem, de certa forma, este teto, porque acima de 10 mínimos o salário é reajustado na base de 80% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). O Ministério do Trabalho tem pesquisas que mostram que nas indústrias, na maioria das vezes, estão pagando mais do que 80% do INPC, porque o mercado funciona elevando o salário de determinados empregados qualificados.

— E como fica a questão da inflação, que para alguns setores do empresariado e do próprio Governo está sendo realimentada, em parte, pela lei salarial?

— Acho que um arrocho salarial pode ajudar a combater a inflação. Isso é completamente diferente de o salário provocar a inflação. Uma coisa é o salário provocar a inflação, outra é usá-lo como instrumento para combatê-la. Isto que é muito importante. O combate à inflação é prioridade, assim como paz social também é prioridade. Acho também que para se combater a inflação o sacrifício tem de cair sobre toda a sociedade. Concordo em que cada um de nós tem a obrigação de se sacrificar. O que não gostaria é de que esse sacrifício fosse em cima do operariado. Tem de ser dividido entre todos nós. Contra o arrocho salarial sempre tenho me batido.

— O que empregadores e empregados poderiam fazer?

— Eles têm de se convencer, cada vez mais, de que as suas discussões devem caminhar para a racionalidade, que já citei. As duas partes têm de se esforçar para fazer com que o aumento real, baseado na produtividade, seja, de verdade, um aumento que não contribua para a inflação. As negociações devem ter por base um desejo real de encontrar uma solução, que compatibilize o interesse dos dois lados mas que, acima de tudo, atente, também, para o processo inflacionário.

— Como está atualmente esta questão?

— Caminhamos para a racionalidade. Hoje, estamos vendo acordos entre empregados e empregadores na base de 3% e 4% de produtividade, aumentos que são absorvidos. Agora, se o aumento for de 10%, 15% ou 20%, não será absorvido pelo empregador. Vai ser tremendamente inflacionário.

Inflação

— O senhor tem afirmado que a lei salarial não é inflacionária. Como chegou a esta conclusão? Um dos estudos do Ministério do Trabalho indica que o peso dos salários na inflação é de 1,2%. Como se apurou isto? — Fazendo-se um quadro do que se está dando como reajuste semestral, chega-se à conclusão de que nos números da lei salarial, com um INPC ao redor de 30% a 35%, o peso na inflação é de 1,2%, ao semestre. Isto seria inflacionário. Mas injeta-se mais dinheiro, na base da pirâmide salarial, não no seu topo. A lei salarial contribui para a inflação com uma parcela muito pequena. Então eu diria que ela contribui. E o aumento com base na produtividade não entra na questão, por ser absorvido pelo empregador, que não pode repassá-lo para o preço de seus produtos. Só o reajuste é que pode ser repassado.

— O exemplo da Volkswagen de criar uma comissão de representantes de empregados será seguido por outras?

— A Volkswagen e a Mercedes Benz procuraram-me várias vezes. A Mercedes, por sinal, também criará brevemente sua comissão e será seguida por outras empresas. Apresentaram-me várias sugestões. Enfim, o Governo tomou conhecimento. O que elas alegaram, com justa razão, é que tinham de ouvir o Governo, dada sua dimensão e significação no contexto brasileiro.

— Como o senhor vê a experiência da Volkswagen?

— Tenho recebido de dirigentes sindicais insistentes pedidos para a formação de comissões de representantes de empregados. Vejo esta experiência da Volkswagen, que vai ser adotada por outras empresas, com muito bons olhos, porque me parece que será algo que facilitará a interação de empregados e empregadores dentro das fábricas.

— Os sindicatos poderão ser esvaziados?

— Acho que não. Nós vamos ter a solução de problemas existentes em qualquer fábrica com mais rapidez do que antes. Os representantes terão suas funções bem delimitadas, ou seja, cuidarão de problemas de alimentação, transporte, horários, seguro, assistências médica e outros, dialogando com a empresa. Será uma oportunidade de empregados e empregadores se entenderem melhor. Isso vai favorecer o processo administrativo, a gerência do empresariado. Agora, as tarefas do sindicato continuam a ser exercidas por ele. Não vejo nenhuma inteferência na vida do sindicato. O processo de escolha dos representantes é democrático (eleições por setores das fábricas), como o é também o de funcionamento da comissão. Em cada setor será eleito um representante sindicalizado e outro não sindicalizado. A comissão vai resolver problemas que dizem respeito aos funcionários de sua empresa. Não tem nada a ver com sindicato, com seu âmbito global.

— Ainda que tímido, a comissão pode ser um passo para a co-gestão?

— Absolutamente, não tem nada a ver com co-gestão. Sou radicalmente contra a co-gestão. Se não fosse por princípio, seria contra pela inoportunidade. A comissão de representantes é uma forma administrativa de bem gerir a empresa. Mas se alguém quiser transformar esta experiência em alguma outra coisa, vai encontrar-me contra esta tentativa de transformação. Sou a favor até a melhorar a experiência, mas restrita ao relacionamento do processo administrativo dentro da empresa.

— Esta experiência pode contribuir para acabar com a reivindicação da instituição do delegado sindical?

— Sou contra o delegado sindical. Não sei, até hoje, qual é o perfil do delegado sindical. E tenho muito medo de que o delegado sindical seja um cavalo de Tróia, querendo ser um princípio ou caminho para a co-gestão, que não aprovo. Sou a favor do incentivo da participação do empregado na gestão da empresa, que não tem nada a ver com co-gestão.

Assembléia conclui dentro de 60 dias relatório sobre agressão na Freguesia do Ó

São Paulo — O Deputado estadual Sérgio dos Santos, do PT, garantiu que dentro de 60 dias a Comissão Especial de Investigação da Assembléia Legislativa, que apura as violências praticadas na Freguesia do Ó, durante despacho do Governador Paulo Maluf, concluirá seus trabalhos e enviará relatório ao Ministério Público, que pedirá ou não a punição dos responsáveis pelos incidentes.

As sessões da CEI estão se realizando às quartas e quintas-feiras, e o Deputado Sérgio dos Santos, que a integra, admitiu ontem que se houver acúmulo de trabalho, ela deverá se reunir extraordinariamente, para que a apuração esteja concluída até a primeira quinzena de novembro. Constituída em meados de agosto, a Comissão tem o prazo regimental de 90 dias para concluir suas investigações.

DEPOIMENTOS

Quarta-feira comparecerão à Comissão, para depor, os Padres Pedro Curran e Ivo Paoloni, da Igreja do Jardim Damasceno, na Vila Brasilândia; os Srs Manoel Filgueira Barral e Roberto Laiolo, e o bancário Wilson, da Pastoral da Juventude da Freguesia do Ó, agredidos nos incidentes do dia 21 de junho.

O presidente da Cei, Deputado Fernando Moraes (PMDB), até a última sexta-feira não havia recebido resposta dos ofícios que enviou ao Comandante da PM, Coronel Arnaldo Braga, e ao Prefeito Reynaldo de Barros, convocando o Tenente Antônio Celso Rapacce, da Assistência Militar do Gabinete do Prefeito, e o funcionário Celso Amaral, da Administração Regional da Sé, para deporem na Comissão, no próximo dia 24.

Até o momento, a Comissão já apontou 26 funcionários da Prefeitura de São Paulo e três integrantes da Polícia Militar como participantes dos conflitos ocorridos na Freguesia do Ó. A Comissão tem, ainda, fotos que mostram o chefe do Serviço Reservado da PM, Major Carlos Carvalho (**Major Taturana**), e João dos Santos (o **Kojak**), que inicialmente foi dado como funcionário da Prefeitura e posteriormente se constatou ser agente policial, atuando juntos nos incidentes da Freguesia do Ó e na repressão à greve dos metalúrgicos do ABC, em abril e maio últimos.

D. Ivo apóia padre que negou missa

Porto Alegre — O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Ivo Lorscheiter, considerou uma "exorbitância flagrante a administração pública" marcar horários para que sejam rezadas missas, fazendo alusão ao problema ocorrido com o Padre Viton Miracapillo, que no dia sete de setembro se recusou a celebrar missa comemorativa e encomendada pelo Município pernambucano de Ribeirão.

Acrescentou que, em relatório enviado à CNBB pelo Bispo de Palmares, Pernambuco, Dom Acácio Rodrigues Alves, o bispo apóia a decisão do padre e esclarece que a recusa se deu em função da Prefeitura querer determinar o horário da missa. Dom Ivo Lorscheiter, que participa do 2º Congresso Estadual de Cáritas, salientou, ainda, que se for aberta alguma sindicância no caso do Padre Viton Miracapillo, "aparecerá muita coisa, mas não contra o padre".

O presidente da CNBB disse que os participantes do 2º Congresso Estadual de Cáritas tem uma "real angustia" com relação a obras sociais, no sentido de saber se "estamos chegando a alguma coisa, ou estamos consolidando com o esquemão dos que não se preocupam com a promoção do pobre".

Reafirmando que tanto o capitalismo como o socialismo são sistemas que não servem ao Brasil, Dom Ivo Lorscheiter lembrou as palavras de João Paulo II de que o Brasil deve ser o país que mostrará o novo caminho para superar os erros dos dois sistemas. Acrescentou que esse é o objetivo do 2º Congresso Estadual de Cáritas, ou seja, "descobrir o caminho que converterá a mentalidade das pessoas e produzirá efeitos em profundidade."

DOPS encerra 5ª-feira o caso Dalmo Dallari

O delegado Zildo José Heleodoro, que preside o inquérito no DOPS sobre o atentado contra o jurista Dalmo de Abreu Dallari, deverá concluir, na próxima quinta-feira, o relatório final das investigações, sem identificar os agressores do jurista.

A demora na apresentação do relatório é atribuída, no DOPS, à vinculação feita entre o atentado e a prisão do professor Dallari, no dia 19 de abril: o promotor que acompanha o inquérito já havia requisitado informações sobre os agentes que fizeram a prisão e, antes que houvesse qualquer resposta, o Procurador Hélio Bicudo pediu uma sindicância sobre o fato à Corregedoria da Polícia Judiciária. O Juiz-Corregedor Renato Laércio Talli se declarou incompetente, remetendo a sindicância à Justiça Militar".

Apresentado, por duas vezes, o ofício do promotor Walter de Almeida Guilherme — designado pelo Ministério Público para acompanhar as investigações — requisitava informações sobre Domingos Paladino, o "**Dr Henrique**" (nome com que os agentes se apresentaram ao professor Dallari no dia de sua prisão); pedia o boletim elaborado no DOPS referente à prisão, com o nome dos policiais que a realizaram, e solicitava a designação de uma data para que fosse ouvido o titular da Divisão de Ordem Social do DOPS, delegado Edesel Magnotti.

Dom Paulo cobra uma resposta do Governo

"A prova da sinceridade do Governo precisa ser dada, com urgência, sobretudo com a resposta daquilo que o público já conhece: a ligação entre os incidentes da Freguesia do Ó, do ABC e o seqüestro do jurista Dalmo Dallari", advertiu ontem o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns.

Segundo o Cardeal, "o brasileiro confia na sinceridade do Presidente da República e estranha a falta de coerência das pessoas encarregadas dos inquéritos sobre os atentados, de modo particular naqueles que conhecemos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro". Lembramos as informações contidas no telefonema anônimo recebido pelo professor Dalmo Dallari — ligando o Serviço Reservado da PM aos incidentes no ABC, na Freguesia do Ó e o atentado contra o jurista — Dom Paulo observou que "as pistas não foram devidamente consideradas e precisam ser retomadas o quanto antes".

Dom Paulo destacou, ainda, que, "numa democracia, é inadmissível que aqueles que devem proteger o povo possam se armar contra o povo em defesa de uns poucos. Como a democracia pertence ao povo, essas organizações também devem ser conhecidas desse povo".

Entidade estudantil é atacada em B. Horizonte

Belo Horizonte — Desconhecidos que arrombaram na madrugada de ontem a sede da União Municipal dos Estudantes Secundários de Belo Horizonte (UMES), na Rua Santa Maria, 204, no Bairro da Floresta, deixaram no local grande número de impressões digitais que poderão levar a polícia a identificá-los. Todos os cômodos da casa foram remexidos, principalmente arquivos de jornais e papéis, mas levaram apenas uma máquina portátil de calcular.

Os estudantes acreditam tratar-se de um atentado terrorista pois a entidade vinha recebendo ameaças anônimas e eles haviam deixado no prédio bolsas com documentos e dinheiro, que foram apenas vasculhadas. O representante do jornal **Movimento** em Minas, Vicente Cariri, foi ameaçado ontem por telefonema anônimo. "Cuidado quando sair na rua", disse ao telefone uma voz de homem.

Na sede da UMES, duas portas foram arrombadas com violência, uma nos fundos e outra da biblioteca, no segundo andar da casa. Documentos, livros, jornais e papéis foram jogados ao chão, arquivos abertos e remexidos, inclusive as bolsas que os estudantes haviam esquecido na sala do prédio.

Reitor vai a Ministro para comunicar que congresso da UNE será em Piracicaba

São Paulo — O Reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, (Unimep), Sr Elias Boaventura, terá uma audiência com o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, na próxima terça-feira, quando comunicará oficialmente a cessão do campus da universidade para a realização do congresso da UNE, o que já provocou telefonemas de pessoas que se dizem do CCC (Comando de Caça aos Comunistas), ameaçando explodir "uma bomba em cada sala de aula".

A decisão do Reitor foi o tema da reunião do Colégio Episcopal da Igreja Metodista, na última sexta-feira, havendo divisões entre os membros da Igreja. O Colégio Episcopal divulgou documento dizendo que "o fato de se hospedar o congresso não significa uma posição política e ideológica da Igreja Metodista, mas sim o seu posicionamento a favor do exercício da plena democracia".

DIVERGÊNCIAS

No documento, os bispos observam que não encampam as teses da UNE, mas destacam que "o direito à palavra e à livre manifestação de idéias é princípio inerente à democracia e, neste sentido, entendem que a universidade está desempenhando seu papel no processo de abertura a que se propõe o Governo e cujo processo apóiam".

O presidente do Conselho Regional da Igreja Metodista, Sr Carlos Wesley, considerou, entretanto, que "a Igreja Metodista encontra-se dividida em torno de um apoio a ser dado ao Reitor da Unimep, Elias Boaventura, e a política que vem desenvolvendo".

Ele acredita que, caso surjam pressões do Governo, contrárias à realização do congresso nas dependências da Unimep, a Igreja poderá recuar: "A Igreja tem medo do sistema, que poderá ameaçá-la ao discordar da realização do congresso."

Conselho de Segurança e SNI também responderão pelo índio

Brasília — O anúncio feito pelo Ministro Andreazza, após 4 horas de reunião com o presidente da Fundação Nacional do Índio e representantes do Serviço Nacional de Informações e do Conselho de Segurança Nacional, de que a partir de agora estas três instituições trabalharão juntas em questões indígenas é o primeiro indício, segundo observadores, de que a Presidência da República, diante dos últimos incidentes entre índios e brancos, chamou a si a responsabilidade de resolvê-los.

Embora esta vinculação direta da Funai com o Palácio do Planalto ainda não tenha sido formalizada por decreto, a fundação já está de fato sob a coordenação do Conselho de Segurança Nacional desde que o Presidente Figueiredo, dia 20 de dezembro do ano passado, criou a reserva indígena de Parabubure (MT). E a 4 de fevereiro deste ano ele autorizou a formação de um grupo de trabalho constituído por membros do Ministério do Interior, da Agricultura, da Funai, do INCRA, do Banco do Brasil e do Conselho de Segurança Nacional. Este grupo de trabalho elaborou também uma política indigenista para definir atribuições dos diferentes órgãos dentro das normas estabelecidas pelo Estatuto do Índio.

Complexidade

O que levou o Governo a tomar esta decisão foi a ameaça de conflito armado entre xavantes de Parabubure e Pimentel Barbosa às vésperas do Natal passado, com o reforço das críticas feitas por entidades civis e religiosas empenhadas em apoiar a causa indígena, ante o não cumprimento das metas estabelecidas pelo Estatuto do Índio — Lei 6 001/73 — que estipulava o prazo de cinco anos para a demarcação de todas as reservas indígenas do país.

O Ministro Mário Adreazza, ao anunciar a ação conjunta da Funai, Serviço Nacional de Informações e Conselho de Segurança Nacional (seus representantes são os Coronéis Lauro Melchiades Rieth, pelo SNI, e Paulo Moreira Leal, pelo CSN), revelou que, ao assumir a Pasta, "julgava que o problema de demarcações fosse bem mais fácil de resolver".

Ele verificou, à medida que os problemas chegavam a seu gabinete, que "essa demarcação é muito complexa". Ele considera antecipadamente "uma grande vitória" se ela ainda for concluída no Governo Figueiredo. Esta semana foi divulgada a demarcação de 15 reservas indígenas — nenhuma delas em áreas de conflito, à exceção da dos xavantes — e na próxima deverá sair uma nova lista de demarcações: no Sul do Pará, Alto Solimões, no Estado do Maranhão e no Território de Roraima.

Irregularidades

Na verdade, o Ministro do Interior e a atual presidência da Funai herdaram dos governos anteriores, um problema difícil de solucionar: só na área das reservas de Parabubure e Pimentel Barbosa, por exemplo, há 45 fazendeiros estabelecidos com certidões negativas emitidas pela Funai, além de 19 posseiros que esperam legalizar sua situação.

Estas duas reservas, tidas como motivo principal para o Governo integrar a Funai aos demais órgãos e coordenar pessoalmente a questão, segundo se comenta hoje na Funai, fez com que o ex-presidente do órgão, General Ismarth de Oliveira, não permanecesse no caso no atual Governo, porque três de seus funcionários — o consultor jurídico Getúlio de Barros Barreto, a diretora do Departamento de Terras, Laia Rodrigues, e Valdênio Lopes, do Departamento Geral do Patrimônio Indígena — foram demitidos por alterar os limites dessas reservas, chegando mesmo a trocar nomes de rios — Água Suja por Água Amarela — e, com isso, diminuir o território indígena.

Reforma administrativa

Diante deste quadro, e após ter sido surpreendido pela renúncia do Presidente da Funai designado no início do Governo Figueiredo, o engenheiro Adhemar Ribeiro da Silva, que se afastou por pressões de governadores de Estado, principalmente de Mato Grosso, cujo Secretário de Interior e Justiça, Domingos Savio Brandão, enviou carta ao Palácio do Planalto acusando a Funai de pretender, com a política de demarcação de reservas indígenas, transformar o Estado "num feudo" — o Ministro Mário Andreazza, em abril, nas comemorações da Semana do Índio, anunciou a reforma administrativa da Funai.

Esta reforma — ainda em andamento — visa sanear a Funai das irregularidades cometidas em gestões anteriores. Assim, órgãos que tinham poderes paralelos, como a Coordenação da Amazônia (Coama), dirigida pelo General Demócrito de Oliveira foram extintos, e outros, que enfeixavam muitas atribuições, reduziram-se a funções específicas. Este é o caso do Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI), tido como a maior fonte de lucros da Funai, porque geria todos os recursos provenientes das áreas indígenas, desde artesanato até arrendamento de terras. Hoje, o DGPI é encarregado apenas da demarcação de reservas.

Um ponto bastante discutido na reforma administrativa da Funai é o que transfere gradativamente aos Governos de Estado a responsabilidade pela tutela das comunidades indígenas, com vistas à sua integração. Indigenistas e missionários contrários à atual política chamam este projeto de "estadualização" e indagam qual será o futuro das comunidades indígenas se alguns governadores tiverem autonomia para decidir.

Membros do Grupo de Trabalho Interministerial, no entanto, falam em "interiorização" e justificam a medida por ser a Funai, no seu entender, um órgão "de cabeça grande e corpo pequeno", com a necessidade, portanto, de expandir-se, dando poderes aos Governos de Estado para criar projetos de desenvolvimento comunitário, sejam de educação ou agricultura. O primeiro destes convênios foi assinado com o Governo do Rio Grande do Sul.

Ausência

Há duas semanas, quando os índios calapó da Aldeia Gorotire mataram 20 pessoas na Fazenda Espadilha (PA), já se esperava o anúncio da fusão Funai-SNI-CSN, porque nenhum funcionário da cúpula do órgão compareceu à área dos conflitos, ao contrário do que houve com o massacre de 11 peões cometido por índios txucarramães, no Norte do Parque Xingu.

Naquela ocasião, há pouco mais de um mês, o presidente da Funai, Coronel Nobre da Veiga, visitou a área e presidiu uma reunião com fazendeiros estabelecidos perto do Parque Xingu.

Na Aldeia Gorotire, ao contrário, a Funai foi representada apenas pelo delegado regional de Belém, Paulo César de Abreu — um sociólogo de 32 anos, há cinco meses na Funai e sem nenhum conhecimento anterior dos calapós.

Quem coordenou todos os trabalhos e permitiu o acesso da imprensa à área foi o Major Marco Antonio Luchini, do Conselho de Segurança Nacional e do Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins (Getat), designado pelo Presidente Figueiredo.

Agricultura

Não fosse apenas pela necessidade de corrigir erros cometidos por administrações anteriores e pelos recentes incidentes entre índios e brancos, a problemática indígena passaria a ser coordenada pelo Conselho de Segurança Nacional também por uma questão de coerência com a política de governo do Presidente Figueiredo, que tem a agricultura como prioridade.

Com a expansão das fronteiras agrícolas, as migrações internas, novas vias para escoamento da produção, assentamento de posseiros, projetos agropecuários de colonização, uma coordenação direta do Palácio do Planalto torna-se mais do que necessária para não perturbar a paz das comunidades indígenas enquanto se processa a demarcação de suas terras.

CSN tem novas atribuições

O Conselho de Segurança Nacional, que se tornou conhecido por sua atuação nos tempos da vigência do AI-5, quando opinava e decidia sobre cassações de mandatos de deputados e senadores, está-se adaptando aos tempos da abertura política, e funciona hoje principalmente como assessoria técnica do Presidente da República para os mais variados assuntos, dos políticos aos econômicos, passando pelos relacionados com a defesa do meio-ambiente.

O mais recente sintoma dessa adaptação foi o decreto presidencial assinado quinta-feira, oficializando a abertura da Secretaria-Geral do Conselho à participação de civis. Oficiosamente, já vinham trabalhando para o CSN dois advogados e um diplomata. Pelo Artigo 87 da Constituição, "o Conselho de Segurança Nacional é o órgão de mais alto nível na assessoria direta do Presidente da República, para a formulação e execução da política de segurança nacional".

Assessoria

Um exemplo recente da amplitude de temas analisados pelo CSN é o polêmico Estatudo dos Estrangeiros, já aprovado pelo Congresso Nacional. O documento foi debatido durante sete anos pelo órgão, mas a opinião pública nunca teve acesso a qualquer informação a respeito e nem qualquer outra instituição civil foi convidada a dar parecer sobre o assunto.

Sempre que um determinado problema não pode ser resolvido pelos órgãos específicos, o Presidente da República avoca o tema à competência do CSN. Isto aconteceu recentemente, quando a CNBB enviou carta ao Ministério da Justiça reclamando da poluição provocada pela indústria Ponza S/A, do grupo Klabin, cuja fábrica de papel estava poluindo o rio Capiberibe-Mirim, na cidade pernambucana de Goiana. Depois de meses de debates, o Palácio do Planalto decidiu enviar uma equipe de assessores do CSN ao local, e logo surgiram as primeiras soluções.

Seca

No auge da seca que assolou grande parte do Nordeste, no decorter do primeiro semestre, novamente uma equipe do CSN foi enviada à região para colher subsídios visando uma nova política para o combate às secas.

Com base em relatório do CSN ao Presidente Figueiredo, o Governo decidiu mudar sua filosofia: para combater a seca, o objetivo agora é buscar os meios capazes de permitir a convivência do nordestino com o fenômeno, ao invés de "ficar adotanto medidas de emergência, do tipo frentes de trabalho quando a chuva escasseia", segundo afirmou o próprio Ministro do Interior, Mário Andreazza.

Terras

Também os litígios pela posse da terra, cujas soluções deveriam ser encaminhadas através do INCRA, estão sendo equacionados pelo Conselho de Segurança. O CSN está, aliás, fazendo um levantamento de todo o problema fundiário relacionado com as terras onde se desenvolve o Projeto Jari, na fronteira do Estado do Pará com o Território do Amapá, no vale do rio Jari.

Em futuro próximo a Presidência da República deve divulgar os resultados do trabalho e as sugestões feitas pelo Conselho.

O Presidente Figueiredo tem-se utilizado também da assessoria do Serviço Nacional de Informações (SNI) para tarefas pouco ortodoxas. O conflito social verificado na região de Alagamar, no Estado da Paraíba, em razão de disputa de terras entre posseiros e grileiros, foi solucionado depois da intervenção pessoal do atual chefe do SNI, General Octavio Medeiros. Recentemente o Presidente Figueiredo esteve na região distribuindo títulos definitivos de terras.

Política energética

A crise do petróleo também já chegou ao CSN. Alternativas para o Brasil superar o problema crônico de sua dependência externa de petróleo são analisadas por especialistas do Conselho de Segurança. Na maior parte das vezes esses estudos recebem o carimbo de "sigiloso" e a sua divulgação para o debate público é muito difícil.

O Artigo 88 da Constituição diz: "O Conselho de Segurança Nacional é presidido pelo Presidente da República e dele participam, no caráter de membros natos, o Vice-Presidente da República e todos os ministros de Estado." Mas a maioria dos integrantes da assessoria direta do Presidente Figueiredo que funciona no anexo do Palácio do Planalto é de oficiais do Exército, Marinha e Aeronáutica, ligados à chefia do Gabinete Militar.

Preconceitos

Um porta-voz do Palácio do Planalto reconhece que o CSN não é bem visto pela opinião pública, ao lembrar a fama adquirida "nos pareceres dados para cassações de mandatos". Mas o próprio assessor recorda que hoje o momento é outro e o CSN passou a funcionar como assessoria direta do Presidente Figueiredo para análises dos mais variados temas da vida brasileira.

É certo também que o Presidente Figueiredo introduziu no Palácio do Planalto um estilo diferente, se comparado com o seu antecessor no cargo, o General Ernesto Geisel. O General Figueiredo descentralizou as decisões, sendo visível que o Ministro Golbery do Couto e Silva coordena assuntos de natureza política; o Ministro Delfim Neto é o virtual ministro da Economia; e o Ministro Walter Pires responde pelas questões militares e de segurança.

Nessa descentralização, conseqüência do processo de abertura política, até o Serviço Nacional de Informações tem passado a atuar como assessoria direta para outros assuntos que não sejam os de informação e contra-informação. Um assessor presidencial lembra, contudo, que esse tipo de atuação não pode ser considerado novidade, e citou um exemplo: quando das eleições gerais de 1978, o SNI foi quem produziu ao então Presidente Geisel as melhores pesquisas sobre os resultados do pleito. O SNI previu a manutenção da maioria parlamentar arenista no Congresso, e, na Câmara dos Deputados, só errou por um parlamentar o número total de eleitos pela extinta Arena.

Setor financeiro investe em refeições para trabalhadores

Trajano de Moraes

As sete empresas que atuam como intermediárias no fornecimento de alimentação ao trabalhador urbano brasileiro são responsáveis por cerca de 400 mil refeições/dia, número que poderá crescer vertiginosamente a algo como 8 milhões de refeições/dia pois, na opinião de Ivã Pimentel, diretor administrativo da Refex, "somente 5% do mercado foram atingidos".

Quem mais rapidamente percebeu o potencial do setor foram os grupos financeiros, que hoje estão por trás da operação de algumas das principais empresas de intermediação. O fato é compreensível quando se sabe que, além das comissões que cobram dos clientes, elas auferem lucro a partir da aplicação financeira dos recursos que cobram pela venda dos vales, no período de 15 a 30 dias antes de repassá-los aos restaurantes.

A Ticket Restaurante do Brasil S/C Ltda, do grupo hoteleiro francês Jacques Borel, é a pioneira, tendo instalado seu escritório no Brasil em março de 1976 — um mês antes da publicação do Decreto nº 78 676, que concedeu às empresas incentivos fiscais ao fornecimento de alimentação aos empregados e propiciou o aparecimento do atual sistema de refeições-convênio.

A Jacques Borel — o maior grupo hoteleiro europeu — controla 50% da Ticket Restaurante. Os restantes 50% são da Seicor, **holding** no Brasil do grupo Espírito Santo que, antes da Revolução de 1974, tinha em Portugal o maior banco do país e um dos maiores da Europa.

Para o diretor-superintendente do grupo Jacques Borel no Brasil, Antônio de Souza Rego, a associação com a Seicor, que controla o Banco Interatlântico, é puramente circunstancial. "Queríamos dividir o negócio com um sócio brasileiro (o Banco Interatlântico é brasileiro), e nada mais natural do que procurar as mesmas pessoas com quem já operávamos em Portugal." Souza Rego já atuava pelo grupo Jacques Borel em Portugal, em associação com o grupo Espírito Santo (CUF), e quando veio para o Brasil implantou aqui a primeira empresa de intermediação de refeições, e reeditou a associação.

A Coupon Restaurante é considerada a 2ª empresa no mercado do Rio. Seu diretor, Nuno Lopes Alves, outro português, tem uma explicação para a compra de 70% da empresa, em 15 de junho deste ano, pelo grupo financeiro London-Multiplic, comandado pelo Bank of London.

— O credenciamento de restaurantes, para fornecimento de refeições aos trabalhadores e empregados de empresas brasileiras é uma atividade de dimensão nacional, e a Coupon teve de se valer da infra-estrutura do London-Multiplic para poder oferecer uma cobertura em todo o país.

A Coupon assinou um acordo de locação das instalações ociosas do grupo financeiro e vai estender seus serviços, disponíveis atualmente em 14 capitais. Além disso, usará todo o sistema de comunicação e processamento de dados de seu parceiro comercial.

A Refex Refeições Comércio e Indústria S/C é a única empresa carioca do sistema e tem participação da Open Corretora. Segundo o diretor Ivã Pimentel, uma empresa como a Refex tem todo o interesse numa associação com grupo financeiro, porque tem assim acesso privilegiado à clientela dele, além de contar também com sua infra-estrutura para ampliar os serviços. A Refex estava paralisada, foi vendida e reativada há nove meses e passou a operar com a Open há cerca de seis meses.

A ligação da Vale-Refeição com o grupo bancário Lavra, do Sr José Papa Jr, é apenas indireta e, garante seu representante no Rio, Ricardo Silva, sem qualquer efeito operacional. A Vale é controlada pelo Sr Abram Abe Szajman, tesoureiro da Federação de Comércio de São Paulo (presidida por Papa Jr. e tem como outro grande acionista o Sr Celso Manes, secretário particular do Sr Papa Jr. A paulista Vale instalou-se no Rio este ano e está obtendo sucesso na conquista de novos clientes.

A Cardápio S/C Ltda. que opera os Cheques-Cardápio, está preocupada em não se ter associada a nenhum grupo financeiro e seu representante no Rio, Alberto Barcaui, aproveita para vender a imagem da empresa declarando que "estamos tentando compensar a desvantagem com melhor atendimento e maior proximidade com o cliente".

Completam o mercado a Cheque-Restaurante, de São Paulo, que está sendo comprada pela empresa francesa Bon Apetit, do grupo Sodexho, e a Cheque-Refeição, cuja atividade está mais restrita ao Rio Grande do Sul.

Apesar de a maioria das empresas garantir que "há mercado de sobra para que briguemos", a concorrência tem incluído desde flertes a paqueras declaradas a clientes de terceiros, diversificação da estratégia de **marketing**, e pressões contra restaurantes para que não aceitem trabalhadores filiados a concorrentes.

A Jacques Borel considera ideal a existência de restaurante dentro da empresa. Quando isso

Foto de Vidal da Trindade

Antônio de Souza Rego

é impossível, ou não interessa ao empresário, atende com a Ticket, pelo sistema de fornecimento de vales que os usuários podem trocar por refeições numa rede de restaurantes credenciados. Para defender sua filosofia básica, no entanto, o grupo tem a GR do Brasil, que projeta e constrói restaurantes industriais e administra restaurantes de instituições (empresas, hospitais, clubes). A GR é responsável já pelo fornecimento de 40 mil refeições/dia.

Jacques Borel, que tem 52 hotéis em todo o mundo, sendo o mais conhecido dos brasileiros talvez o que fica no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, pensa em estender suas atividades no país para abranger tudo o que faz na Europa: dirigir hotéis, cadeias de restaurantes, centrais de compras. O grupo tem hoje, no Brasil, 1 mil 800 funcionários e a Ticket vende cerca de 180 mil refeições/dia.

A Cardápio tem sua matriz em São Paulo, presidida por Dirceu Azevedo Borges, e se diferencia das demais por se associar a outros capitais em cada grande cidade que atua, criando terceiras empresas. Aqui, atua através da Card-Rio, em sociedade com Alberto Barcaui e Jurema Jesus de Sá.

A Cardápio tem uma filosofia semelhante à da Ticket e amplia ainda mais o espectro de atendimento. Em São Paulo, opera a Cardápio (cheques para refeição), a VLC (gerenciamento de restaurantes) e a Compacta (fornecimento direto de refeições aos trabalhadores através de uma cozinha industrial). No Rio, somente estão em operação as duas fases iniciais (Card-Rio, cheques; Couvert, gerenciamento de restaurantes). Mas a instalação de uma cozinha industrial através da Couvert Refeições Industriais (em formação) já está decidida e deverá entrar em funcionamento em fevereiro ou março. Fornecerá, inicialmente, 5 mil refeições/dia. A Compacta está inaugurando outra cozinha industrial em São Paulo. A Cardápio fornece cerca de 140 mil refeições/dia.

Para enfrentar esse poderio, as demais usam criatividade. A Vale-Refeições introduziu o reembolso quinzenal, criando um atrativo para os restaurantes, que antes só se ressarciam das refeições servidas após um mês. E o cheque, ou vale, ou tíquete personalizado, com o nome e a empresa do usuário, o que também foi adotado pela Cheque Cardápio.

A Refex foi mais longe: implantou experimentalmente no Rio o sistema de reembolso diário, que pretende depois estender a todas as praças em que atua. E vai proporcionar ao cliente, já incluído na comissão de 3% que cobra, assessoria de Organização e Métodos e processamento de dados para implantação do sistema. A Refex quer definir-se como empresa de serviços. A Coupon está reformulando seu sistema operacional e equipe técnica, visando a aproveitar ao máximo a infra-estrutura de que passou a dispor após a associação com a London-Multiplic.

Para Souza Rego, da Ticket, o crescimento do sistema está ligado a uma abertura maior do empresário para os problemas sociais, o que vem ocorrendo. Lembra que, quando iniciou a empresa, em 1976, enfrentou o desinteresse dos empresários quanto ao fornecimento de alimentação aos empregados. "Isso é problema deles", era como reagiam, muitas vezes. Todos os diretores de empresas de refeições entrevistados destacam o efeito positivo do sistema para a imagem que os empregados fazem de seus empregadores, e os reflexos disso sobre a produtividade.

Foto de Geraldo Viola

Adesivos colados à entrada do restaurante indicam quais as empresas credenciadas para fornecerem refeições diárias a seus funcionários

Movimento aumenta com as refeições-convênio

De um modo geral, o movimento dos restaurantes no Centro do Rio aumentou, com o sistema de refeições-convênio, e seus proprietários exibem reações que vão desde o aplauso a uma certa reserva. "O que aconteceria se houvesse um abalo nas empresas de intermediação?", perguntou um deles, preocupado com seu reembolso.

Por isso, Joaquim Pereira, um dos sócios de uma rede de casas no Centro da Cidade (Churrascaria ao Vivo, Galeto Gaúcho, Galeto Vitória), informa que só credencia empresas de intermediação que exibam um grupo financeiro por trás de suas operações. Uma aparente desvantagem para a Cheque-Cardápio e a Vale-Refeição.

E declara que, em suas casas, não ocorreu um aumento da procura, mas apenas uma transferência: os que pagavam em dinheiro passaram a fazê-lo em papel (o vale, o cheque ou tíquete), o que representa, para ele, uma desvantagem.

Mas seu concorrente José Rodrigues, do Galeto São José, não tem dúvidas em apontar um aumento do movimento depois que passou a atender aos usuários da Ticket, Vale-Refeição, Coupon e Refex. "Se não fosse isso, o comércio de refeições estaria arrasado", afirma.

A Confeitaria Colombo resistiu o quanto pode. Mas, com todos os concorrentes aderindo, não teve outra saída. E não se arrepende: o movimento na lanchonete aumentou em pelo menos 50%. E o gerente Agostinho Machado só reclama do trabalho que dá contar e separar todos os tíquetes que recebe.

Governo banca 48% do custo do Programa

Brasília — O PAT (Programa de Alimentação do Trabalhador), instituído em abril de 1976, e subordinado ao Ministério do Trabalho, divide entre o Governo, a empresa e o trabalhador o custo da alimentação: 20% para o trabalhador, 48% para o Governo e 32% para a empresa. O custeio do programa empresa-Governo, de 77 a 79, foi de Cr$ 20 bilhões.

Segundo o Secretário de Promoção Social do Ministério do Trabalho, José Campelo Nogueira, o PAT pode ser adotado pelas empresas de três maneiras: a própria empresa fornecendo o serviço de cozinha e restaurante; por contrato entre a empresa e entidades fornecedoras de alimentação; e por meio de convênios com restaurantes para que os funcionários façam refeições mediante tíquetes.

No início de 81, disse Campelo Nogueira, o Ministério encerrará a pesquisa, realizada por sua Secretaria, que tem como finalidade a avaliação qualitativa junto às empresas do Programa de Alimentação do Trabalhador. Essa pesquisa avaliará, ainda, empresas que não adotaram o Programa e o motivo de sua não adoção. Revelou que hoje existem cerca de 2 mil 500 empresas credenciadas.

Ônibus muda para fazer economia de combustível

O Governo quer o setor de transporte de passageiros economizando 26 milhões de barris de petróleo por ano, a partir de 1985, em combustível, o equivalente a Cr$ 50 bilhões. Nesse sentido o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem promove em outubro reunião com as autoridades estaduais, objetivando reestruturar o sistema brasileiro de ônibus — o qual, na opinião do engenheiro Israel Fernandes de Oliveira, chefe em exercício da Divisão de Transporte de Passageiros do DNER, "deve ser posto sob um órgão coordenador".

As empresas de ônibus devem ser reestruturadas, tendo em conta a economia do país. Não se justifica mais empresa operando linha com apenas três carros — afirma o engenheiro Israel Fernandes. Para ele, é necessário unificar legislação e tarifas em todo o Brasil, melhorando a confiabilidade do sistema junto à população, de forma a elevar em 10% ao ano o número de passageiros — em 1979 quase 77 milhões de pessoas viajaram nos ônibus interestaduais e internacionais, contra 74 milhões no ano anterior. "A tarifa encarece com a má administração. Quanto melhor a administração do ônibus, menor a tarifa" — acrescenta o dirigente do DNER, ao sugerir a limitação do número de empresas.

Quem anunciou a meta de 26 milhões de barris de petróleo por ano, a serem economizados no transporte de passageiros, foi o presidente da EBTU — Empresa Brasileira de Transportes Urbanos — Jorge Guilherme Francisconi. Segundo ele, o Ministério dos Transportes propõe-se a executar um programa de investimentos que alcance, em 1985, a redução de 3 bilhões 500 milhões de metros cúbicos no consumo de gasolina por ano, com a diminuição do uso do automóvel, e uma redução no consumo de óleo diesel, em virtude da racionalização operacional do transporte coletivo, de aproximadamente 325 mil metros cúbicos por ano.

E como o DNER é responsável, apenas, pelo transporte interestadual e internacional, coletivo e regular, cabendo aos Estados, de forma autônoma, a concessão e fiscalização do transporte rodoviário de passageiros entre seus municípios, as autoridades federais consideram oportuna uma reunião para "identificar os problemas e encontrar as soluções no sentido de modificar o sistema de concessão de linhas e tarifas, bem como a fiscalização".

O engenheiro Israel Fernandes, da Divisão de Transporte de Passageiros do DNER, acha que as empresas continuarão melhorando sua **performance** na medida em que perseguirem o ideal de reduzir o número de viagens paralelamente ao aumento do número de passageiros. Isso diminuirá o consumo de óleo diesel, naturalmente subsidiado: as empresas de ônibus recebem o combustível, como atacadistas, a Cr$ 13,50 o litro, quando a gasolina para os automóveis está a Cr$ 38 nas bombas.

As tarifas — aumento nas passagens — são aprovadas pelo CIP — Conselho Interministerial de Preços e, segundo o DNER, a rentabilidade das empresas de ônibus é da ordem de 12%, com a ocupação de 75% dos carros.

Jélson, da 1001, já foi cobrador

Aos 12 anos de idade Jélson da Costa Antunes foi trabalhar como cobrador de ônibus na empresa do irmão, a Viação Popular, que fazia a linha Barcas—Santa Rosa, em Niterói, com seis carros. Aos 53 anos é o dono da Viação 1001 S/A, com 450 ônibus, que ligam as principais cidades do Estado do Rio e vão de Niterói a São Paulo.

"Órfão de mãe, com 11 irmãos para ajudar a criar, só tive tempo de fazer o ginásio. Mas aprendi cedo que a melhor maneira de se multiplicar é dividir. Minha empresa cresceu com o esforço dos que trabalham nela" — afirma o maior empresário fluminense do setor de transporte rodoviário. Aberto a novas idéias, ele está experimentando o **leasing** — arrendamento mercantil — e nesse instante roda 30 veículos do grupo Brascan.

"Não tenho, ainda, uma posição definida quanto a esse sistema. Nós fizemos o **leasing** quando se dizia que a inflação não passaria de 45%. Atualmente venho procurando comprar os ônibus com recursos próprios ou usando a carteira comercial dos bancos. Uma coisa é certa: os juros oneram muito os negócios, se se trabalha com recursos de terceiros" — acrescenta o presidente da Viação 1001.

A 1001 foi fundada há 34 anos. Há 12 anos o Sr Jélson decidiu comprá-la, fundindo em uma só suas cinco empresas de transporte de passageiros. Hoje ela tem 1 mil 700 empregados, cobre 49 linhas, e no ano passado faturou Cr$ 505 milhões.

"Empresa de ônibus é como fazenda. Vive-se pobre, para se acabar morrendo rico" — diz o Sr Jélson, ao explicar as dificuldades que o setor de transporte rodoviário de passageiros encontra para capitalizar-se. "Não tenho sócio estrangeiro; a 1001 cresceu como empresa de família. Tenho pensado em abrir o capital, mas na hora falta coragem."

Ele não nega, entretanto, que pretenda continuar a expandir seus negócios com ônibus, embora já tenha uma empresa de transporte rodoviário de produtos de petróleo — a Rodomar — e duas fazendas com 500 cabeças de gado. "Segundo o GEIPOT, 91% dos bens de consumo do país são transportados em rodovia. E o Ministro dos Transportes, Eliseu Resende, já lembrou que mesmo com o desenvolvimento da cabotagem o setor rodoviário é que fará a penetração da carga pelo interior do Brasil.

O presidente da 1001 está convencido de que o país sairia lucrando, pela economia de combustível, se as empresas de ônibus fossem autorizadas a seguir a sazonalidade das regiões de praia e montanha, aumentando e diminuindo o número de viagens nessas linhas de acordo com o movimento de passageiros.

"A 1001 tem os quatro meses de férias, no verão, com movimento acima da média, principalmente nas linhas para a praia, com terminal em Cabo Frio, ou para a montanha, com terminal em Friburgo. E oito meses abaixo da média. Em síntese, a questão é como capitalizar durante quatro meses para sobreviver os outros oito" — acrescenta o Sr Jélson.

Em sua opinião o reajuste no preço das passagens poderia ser alterado, de forma a facilitar a capitalização das empresas. Atualmente as passagens de ônibus aumentam a primeiro de janeiro e a primeiro de julho. Ele sugere que a majoração ocorra a primeiro de dezembro e primeiro de junho, para que possa operar com tarifa mais alta em todo o período de férias.

Isso — conclui o Sr Jélson da Costa Antunes — poderia modificar o quadro de achatamento da rentabilidade das empresas de ônibus. Ele, por exemplo, que já registrou rentabilidade de 30% em 1978, teve que se contentar com 9% no ano passado. E quanto a incentivos ou subsídios, assinala que apenas as empresas de transporte de massas, nas áreas metropolitanas, receberam óleo diesel subvencionado, por período de três a quatro meses.

CB completa 25 anos atuando em novas áreas

De uma pequena loja no Estácio — ligeiramente diferente das mercearias tradicionais e que, hoje, já não existe mais, devido às obras do metrô — a Casas da Banha Comércio e Indústria S/A mudou sua imagem e se transformou; ao longo de 25 anos, num complexo grupo empresarial, diversificando suas atividades. O Grupo CB está planejando a formação de uma empresa imobiliária, mercado onde atuará em breve.

A nova sigla CB deverá, no futuro, substituir totalmente o nome Casas da Banha, traduzindo o processo de modernização por que passa o grupo, intensificado, principalmente, nos últimos cinco anos. Ela também favorece o marketing em outros Estados, onde o nome Casas da Banha não ficou conhecido, como ocorreu no mercado carioca, como um moderno supermercado. Em Belo Horizonte, as lojas do grupo são CB-Merci.

Sofisticação

A diretoria do grupo explica que a transformação apenas acompanhou as novas condições do mercado, que hoje é tipicamente jovem. E destaca que quem se sofisticou foi o consumidor, tornando-se mais esclarecido e exigente. Em 1955, o nome Casas da Banha surgiu porque a banha era o produto essencial na cozinha da época — hoje já substituído pelos óleos vegetais.

O marketing utilizado pelo grupo durante o mês de comemoração de seu 25º aniversário (25 de julho) reflete a nova imagem das Casas da Banha: os dois porquinhos — seu símbolo publicitário desde a época do chá-chá-chá — já aparecem modernizados.

A partir da loja do Estácio, a expansão foi iniciada pelo Centro da Cidade e Catete e atingiu a zona suburbana carioca e o Grande Rio. Hoje, o grupo já tem lojas em quase toda a Zona Sul, mas a maior parte ainda é no subúrbio. A mais moderna é o hipermercado de Santa Cruz, onde quase todas as linhas de produtos podem ser encontradas, entre móveis, confecções, eletrodomésticos.

Para os 200 produtos básicos que compõem as vendas de um supermercado, o movimento é praticamente igual entre as lojas da área rural e da Zona Sul. Entretanto, no geral, elas diferenciam-se pelos tipos de produtos que oferecem — determinado tipo de inseticida ou cera para assoalho só vendem na Zona Rural, enquanto os produtos importados são mais consumidos na Zona Sul.

A venda dos produtos não comestíveis foi iniciada a partir de 1972, quando foi inaugurado o hipermercado do Méier e o Porcão, na Av Brasil. Praticamente, em todas as lojas de auto-serviço do grupo são vendidos brinquedos, artigos de cama, mesa e banho, de alumínio e plástico. O comércio mais sofisticado está nos hipermercados, também inaugurados em Nilópolis, Santa Cruz, Volta Redonda, dois em Brasília e em Belo Horizonte, onde o CB-Center é, tipicamente, uma loja de departamentos com um supermercado dentro.

Crescimento

Fundada pelos irmãos Pereira Velloso, a Casas da Banha é uma empresa de capital aberto, com ações negociadas na Bolsa de Valores, mas cerca de 80% de seu capital pertence aos sócios fundadores. Com menos de 20 empregados há 25 anos, o grupo emprega hoje cerca de 20 mil pessoas e possui 123 lojas em todo o país, sendo que 78 delas foram inauguradas nos últimos cinco anos. No Estado do Rio, o número de lojas soma 97, com 12 no interior do Estado e 85 na Cidade do Rio de Janeiro e Grande Rio. Em Minas Gerais, o grupo tem 16 lojas, em São Paulo, 7 e em Brasília, 3.

Seu faturamento no último exercício, encerrado em março deste ano, somou Cr$ 20 bilhões. E a previsão para o atual exercício atinge Cr$ 40 bilhões — um aumento de 100%, superior, portanto, às previsões do Governo para a inflação deste ano. Até março último, apenas a Casas da Banha, ou seja, os supermercados do Grupo CB, apresentaram um ativo de Cr$ 5 bilhões 629 milhões e um lucro líquido por ação de Cr$ 1,36.

Segundo informações de sua diretoria, a empresa ocupa o 2º lugar do país no ranking dos supermercados, que é liderado pelo Grupo Pão de Açúcar. No Rio, tem o primeiro lugar, após ter comprado o Merci, o Ideal e o Ensa. A diretoria admite que o ramo não é muito prejudicado pelas elevadas taxas de inflação, já que os produtos básicos para alimentação têm consumo garantido.

No entanto, a taxa anual de 109,1% da inflação anual até agosto leva o consumidor a substituir suas compras, adquirindo apenas os produtos essenciais e abandonando os supérfluos, o que ocorre mais acentuadamente nas lojas da zona suburbana.

Até 1975, além dos supermercados, o Grupo CB já fazia a torrefação do Café Cibele e controlava as empresas Conservas Colombo S/A e a Gatão Veículos S/A, concessionária Chevrolet. Nos últimos cinco anos, foram comprados três supermercados no Rio (o Ideal e o Ensa em 1977), um em Brasília e em Belo Horizonte, o Servebem e o Camponesa, respectivamente.

Além disso, em 78, o grupo abriu a Pavão Veículos S/A, uma concessionária Fiat, e instalou, no ano anterior, a Legrand Indústrias Químicas S/A, fabricante dos produtos Pala-Pala, dentre eles, o sabão de coco. O grupo também comprou o Frigorífico Bonapeti S/A, diversificando sua atuação na área industrial. Na agropecuária, atua através de suas Fazendas Reunidas N. S. de Fátima, em Três Rios, numa área de 340 mil hectares.

Em outros ramos, a CB criou a Brasil América Publicidade S/A, para sua promoção, e a Sociedade de Aplicações e Empreendimentos S/A, que cuida de seus investimentos. A curto prazo, estará atuando no mercado imobiliário.

Para sua expansão, os supermercados Casas da Banha estocaram uma área de 500 mil metros quadrados em todo o país, atingindo os bairros de Barra da Tijuca, Laranjeiras, Tijuca, Ilha do Governador e Av. Brasil, no Rio e as cidades de Niterói (Icaraí), Juiz de Fora e Volta Redonda. Para o próximo ano, estão programadas inaugurações de novos supermercados.

Foto de Delfim Vieira

De uma simples mercearia no Estácio, hoje inexistente, nasceu um complexo grupo empresarial com 123 lojas espalhadas em todo país

Paulistas querem aumentar vendas de açúcar em Minas

Belo Horizonte — Os usineiros de São Paulo estão pressionando o Instituto do Açúcar e do Álcool a revogar a Resolução 09/80, que impede a venda de açúcar paulista no mercado de Minas nos meses de setembro e outubro. Para disputar o mercado mineiro, os paulistas, além de gozarem de uma redução de 4% no valor do ICM, usam outros expedientes, como a não cobrança de frete e a venda do açúcar de qualidade superior pelo mesmo preço do produto comum.

A denúncia foi feita nesta Capital pelo presidente da Associação dos Usineiros de Minas, Sr Wladimir Arnaldo Mendes, que pediu ao Secretário de Indústria e Comércio, Sr José Romualdo Cançado, para interceder junto ao IAA, no sentido de que a resolução não seja revogada. Segundo o Sr Wladimir Mendes, os paulistas têm condições de oferecer melhor preço em Minas, porque estão lucrando muito com as exportações para o mercado internacional, onde o preço do produto está quase três vezes superior ao do mercado interno.

O presidente da Associação dos Usineiros de Minas informou ao secretário José Romualdo Cançado que, a pedido de vendedores de açúcar de São Paulo, algumas fábricas de doces, balas e de refrigerantes de Minas estão enviando telegramas ao IAA, pedindo a revogação da resolução para que "o açúcar de São Paulo continue a entrar indiscriminadamente no mercado mineiro".

Segundo ele, o açúcar paulista já entra em Minas mais barato, pois os vendedores de São Paulo recolhem 11% de ICM, ao passo que seus colegas de Minas recolhem 15% deste imposto. "Além disso, os vendedores paulistas já entregam o produto devidamente empacotado, dispensando mão-de-obra mineira, não cobram frete e chegam a vender o açúcar especial a preços do **standard**."

INDUSTRIA MECÂNICA S.A.

COMPANHIA ABERTA
REGISTRO DEMEC RCA 200-76/283
C.G.C. 33.051.186/0001-67

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas:

Completamos o 1º semestre do vigésimo quarto ano de operação e é com satisfação que apresentamos para exame e deliberação da Assembléia Geral o Relatório das Atividades Sociais nesse período, o Balanço Patrimonial elaborado em 30.06.80 com as Demonstrações Financeiras e Notas Explicativas e o Parecer dos Auditores Independentes.

1) — **QUADRO FINANCEIRO COMPARATIVO** (Cr$ 1.000)

Rúbricas	30.06.80	30.06.79
Capital Social	254.587	140.160
Patrimônio Líquido	832.000	482.071
Faturamento Bruto	864.505	401.383
—Impostos Faturados (IPI, ICM, ISS)	137.751	65.277
Faturamento Líquido	726.754	336.156
—Custo Produtos Vendidos	381.974	190.380
Lucro Bruto	344.780	145.776
Lucro Operacional	221.808	110.663
Lucro Antes do Imposto de Renda	155.919	90.771
Lucro Líquido Após Imposto de Renda	79.659	63.540
Lucro Líquido/Faturamento	11,0%	18,9%
Lucro Líquido por ação	0,48	0,58
Valor Patrimonial da ação	5,07	4,40

2) — **LUCRATIVIDADE**

A variação do lucro líquido deste semestre deve-se, essencialmente, a dois fatores:

a — Provisão do I.R. feita na alíquota de 40% contra 30% em junho/79.

b — Resultado da equivalência patrimonial aplicado neste semestre e não aplicado em junho/ 79.

Vale ressaltar que o custo dos produtos vendidos, tendo caído de 56% em junho/ 79 para 52% em junho/ 80, revela um substancial progresso na eficiência operacional.

3) — **DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO**

A CBV continua ampliando sua gama de produtos para a exploração submarina de petróleo e investindo em métodos e processos para reduzir o Custo dos Produtos Vendidos.

4) — **RESULTADOS ALCANÇADOS**

4.1 — **Faturamento Líquido**

Foi ultrapassado o objetivo traçado para o 1º semestre, de 41% do faturamento anual. O volume atingido representa 45,4% da meta global do ano, e em relação a 30.06.79 revela um aumento de 116%.

4.2 — **Encomendas Recebidas**

Até 30.06.80 atingimos a cifra de Cr$ 806.594.200, valor este que registra um acréscimo de 144% sobre o de 30.06.79.

4.3 — **Pedidos em Carteira**

Em 30.06.80 o valor desta carteira era de Cr$ 1.136.596,00, que comparado ao de 30.06.79, representa um aumento de 238%.

5) — **PROJEÇÕES**

Todas as projeções estabelecidas no Relatório anterior ficam mantidas. Como as metas de faturamento para o 1º semestre foram superadas em todas as empresas do grupo, podemos esperar ultrapassar também as metas traçadas para o exercício de 1980.

6) — **COMPANHIAS CONTROLADAS**

6.1 — A CBV-Nordeste alcançou um faturamento líquido de Cr$ 81.001.715,00, porém ainda com um resultado negativo de Cr$ 13.546.270,00.

6.2 — A CBV-Equipamentos alcançou um faturamento líquido de Cr$ 20.657.683,00, porém ainda com um resultado negativo de Cr$ 5.413.244,00.

6.3 — A IPB — Indústria de Produtos de Borracha Ltda. alcançou um faturamento líquido de Cr$ 24.311.055,00 com um resultado positivo, depois do imposto de renda de Cr$ 5.427.470,00.

7) — **PROPOSTAS À ASSEMBLÉIA GERAL**

A Diretoria vai submeter à aprovação da Assembléia Geral de Acionistas os seguintes assuntos:

a — Relatório das Atividades Sociais, Balanço Patrimonial com as Demonstrações Financeiras e Parecer dos Auditores Independentes, referentes ao exercício do 1º semestre de 1980.

b — Distribuição do lucro do exercício.

c — Aumento do Capital por incorporação de Reservas.

8) — **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos os funcionários pelo sua dedicação ao trabalho, e tornamos esses agradecimentos extensivos aos clientes, fornecedores, bancos e acionistas. Desejamos registrar também um agradecimento especial à Petrobrás pelo estímulo que tem dado ao constante crescimento da nossa empresa.

(ass.) PAULO VIRGILIO DIDIER BARBOSA VIANA — Diretor-Presidente
(ass.) HERMANO ALFREDO HERBERT VON SYDOW — Diretor
(ass.) WILLIAN SHEEHAN BARBOSA VIANA — Diretor
(ass.) ANTONIO CARLOS SHEEHAN BARBOZA VIANNA — Diretor
SYLVIO DA SILVA MOREIRA — Diretor

BALANÇO REALIZADO EM 30 DE JUNHO DE 1980

ATIVO

(Em Cr$ 1000)

	30.06.80	30.06.79
CIRCULANTE		
Bens Numerários	35	63
Deps. Bancários à Vista	79.961	43.173
Títulos Vinc. Mercado Aberto	57.418	172
ESTOQUES		
Matérias Primas	124.076	26.459
Peças Prontas	38.257	37.056
Produtos em Fabricação	77.666	60.631
Materiais Diversos	27.617	15.567
Mats. em Importação	12.708	2.870
Contas a Receber de Clientes	350.410	167.826
(-) Títulos Descontados	(114.628)	(30.892)
(-) Prov. p/ Devedores Duvidosos	(10.268)	(4.494)
Cert. Depósitos Bancários	34.608	73.910
Despesas Diferidas	330	3.835
Depósitos p/ Importação	2.725	6.036
Outras Contas a Receber	10.577	10.482
	691.492	412.694
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		
Adicionais Restituíveis	4.473	2.126
Depósitos e Cauções	187	331
Títulos e Obrigações	62	62
Créd. Empresas Controladas	38.032	91.539
Depósitos p/ Investimentos	785	9.392
	43.539	103.450
PERMANENTE		
Imobilizado	626.596	337.177
(-) Depreciações Acumuladas	(167.638)	(85.065)
Investimentos		
Empresas Controladas	152.029	48.553
C/ Incentivos Fiscais	1.072	690
Outras Empresas	1.444	828
Diferido		
Variação Cambial em Financ.	11.354	—
	624.857	302.183
TOTAL DO ATIVO	1.359.888	818.327

PASSIVO

(Em Cr$ 1.000)

	30.06.80	30.06.79
CIRCULANTE		
Débitos de Fornecedores	72.577	56.036
Dividendos a Pagar	27.361	31.723
Empréstimos e Financiamentos	56.915	96.037
Débitos de Clientes	44.379	21.969
Débitos p/Assistência Técnica	28.521	12.910
Contribuições a Recolher	13.373	6.588
Impostos a Pagar	113.821	55.526
Outras Contas a Pagar	10.408	1.531
Provisão p/ Imposto de Renda	76.260	13.616
Provisão de Férias a Vencer	16.635	—
	460.250	295.936
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO		
Empréstimos e Financiamentos	66.913	22.666
Débitos Dir. e Acionistas	725	4.039
Provisão para Imposto de Renda	—	13.615
	67.638	40.320
PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
Capital Integralizado	254.587	140.160
Reservas de Capital		
Ágio de Ações	140.717	49.498
Correção de Capital Realizado	59.534	24.626
Res. Cor. Ativo Imobilizado	46.159	43.496
Reserva Capital de Giro	—	28.284
Reserva de Lucros		
Reserva Legal	33.040	19.256
Reserva Especial	28.075	18.082
Reserva Inv. em Controladas	35.724	23.011
Lucros Acumulados	234.164	135.658
	832.000	482.071
TOTAL DO PASSIVO	1.359.888	818.327

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO SEMESTRAL

(Em Cr$ 1.000)

	30.06.80	30.06.79
RENDA OPERACIONAL BRUTA		
Venda dos Produtos	864.505	401.383
DEDUÇÕES DA RECEITA BRUTA		
Impostos Faturados (IPI, ICM, ISS)	137.751	65.277
RENDA OPERACIONAL LÍQUIDA	726.754	336.156
Menos: Custo dos Produtos Vendidos	(381.974)	(190.380)
Lucro Bruto	344.780	145.776
DESPESAS E RECEITAS OPERACIONAIS		
DESPESAS COM VENDAS	(23.387)	(10.650)
Salários, Encargos e Comissões	(15.573)	(6.685)
Propaganda, Public. e Promoções	(506)	(93)
Prov. Liq. p/ Devedores Duvidosos	(3.642)	(821)
Outras Despesas	(3.666)	(3.051)
GASTOS GERAIS	(99.585)	(24.463)
Honorários da Diretoria	(8.716)	(3.140)
Despesas Administrativas	(53.145)	(19.225)
Impostos e Taxas Diversos	(1.743)	(6.187)
Depreciações e Amortizações	(1.740)	(687)
Despesas Financeiras Líquidas	(34.289)	—
RECEITAS FINANCEIRAS LÍQUIDAS	—	4.746
RECEITAS DE PARTICIPAÇÃO	48	30
RESULTADO OPERACIONAL ANTES DA AVALIAÇÃO DE INVESTIMENTOS EM CONTROLADAS	221.808	110.663
Avaliação de Invest. Controladas	(34.730)	—
RESULTADO OPERACIONAL APÓS A AVALIAÇÃO DE INVESTIMENTOS EM CONTROLADAS	187.078	110.663
RECEITAS NÃO OPERACIONAIS	528	—
RESULTADO DA CORREÇÃO MONETÁRIA	(31.687)	(19.892)
Lucro Antes do Imposto de Renda	155.919	90.771
Provisão para o Imposto de Renda	(76.260)	(27.231)
Lucro após o Imposto de Renda	79.659	63.540
PARTICIPAÇÃO NO RESULTADO		
Participação dos Administradores Nos resultados dos semestres	(7.900)	(3.900)
LUCRO LÍQUIDO	71.759	59.640

DEMONSTRATIVO DE LUCROS ACUMULADOS EM:

(Em Cr$ 1.000)

	30.06.80	30.06.79
Saldo no Início do Semestre	147.188	79.763
Correção da Reserva Legal em 31.12.78	—	1.812
Correção do Saldo Inicial	36.872	15.140
Saldo Anterior Corrigido	184.060	96.715
Lucro Líquido do Exercício	71.759	59.640
Dividendo Propostos	(18.067)	(17.520)
Transferido para Reserva Legal	(3.588)	(3.177)
Lucro Disponível do Exercício	50.104	38.943
Lucros Acumulados	234.164	135.658
Dividendo por Ação	Cr$ 0,11	Cr$ 0,16

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS

(Em Cr$ 1.000)

I — ORIGENS	30.06.80	30.06.79
De Operação		
Lucro Líquido do Semestre	71.759	59.640
Depreciações e Amortizações	17.777	7.840
Avaliação de Invest. em Controladas	34.730	—
Resultado da Correção Monetária	31.687	19.983
Variação Cambial no Longo Prazo	5.420	5.908
Custo de Direitos do Imobilizado Baixados e Vendidos	1.101	325
Lucro Líquido Ajustado	162.474	93.696
De Terceiros		
Aumento do Passivo a Longo Prazo	20.063	7.783
Diminuição do Real. Longo Prazo	30.455	—
	50.518	7.783
De Acionistas		
Realização do Capital	23.745	11.750
Agio na Integralização do Capital	50.458	23.499
	74.203	35.249
	287.195	136.728

II — APLICAÇÕES	30.06.80	30.06.79
Alienação Direitos do Ativo Imobilizado	921	—
Aumento do Realizável a Longo Prazo	—	71.297
Aumento dos Investimentos	92.062	2.406
Aquisição do Imobilizado	36.494	53.533
Dividendos Propostos	18.067	17.520
Variação Cambial Diferida no Passivo Circulante	1.221	—
	148.765	144.756
III — VARIAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO	138.430	(8.028)

IV — DEMONSTRAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE

Em 30.06.1980	30.06.80	31.12.79	Variação
Ativo Circulante	691.492	478.822	212.670
Passivo Circulante	460.250	386.010	74.240
Capital Circ. Líquido	231.242	92.812	138.430
Em 30.06.79	**30.06.79**	**31.12.78**	**Variação**
Ativo Circulante	412.694	340.841	71.853
Passivo Circulante	295.936	215.965	79.971
Capital Circ. Líquido	116.758	124.876	(8.118)

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO EM 1980 E COMPARATIVO DE LUCROS ACUMULADOS

HISTÓRICO	CAPITAL INTEGRALIZ.	CAPITAL AUM. EM PROCESSO	RESERVAS DE CAPITAL	RESERVAS DE LUCROS	LUCROS ACUMULADOS-30.6.80	TOTAL	LUCROS ACUMULADOS-30.6.79
Saldo no Início do Exercício	182.208	13.397	143.312	74.569	147.188	560.674	79.763
Subscrição em dinheiro	—	74.203	—	—	—	74.203	—
Aum. de Capital, CFE. A.G.E.S.	72.379	(87.600)	15.221	—	—	—	—
Ajuste de Res. Legal	—	—	—	—	—	—	1.812
Cor. Monet. do Exercício	—	—	87.877	18.682	36.872	143.431	15.140
Lucro Líq. Exercício	—	—	—	—	71.759	71.759	59.640
Dividendos pagos e propostos	—	—	—	—	(18.067)	(18.067)	(17.520)
Reservas Constituídas	—	—	—	3.588	(3.588)	—	(3.179)
SALDO FINAL DO SEMESTRE	254.587	—	246.410	96.839	234.164	832.000	135.658

NOTAS EXPLICATIVAS SOBRE AS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE 30.06.80

NOTA 1 — **PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS ADOTADAS**

a — A empresa elabora Balanços semestrais, além das demonstrações financeiras ao fim de cada exercício;

b — As aplicações financeiras em títulos mobiliários, vinculados ou não ao mercado aberto, são demonstrados ao custo acrescido de correção monetária e juros incorridos até a data do Balanço;

c — A Provisão para Devedores Duvidosos é constituída segundo a prática usual de 3% sobre o total de Duplicatas a Receber de Clientes;

d — Os estoques são demonstrados aos custos médios de aquisição ou de produção, inferior ao valor de mercado. As importações em andamento se apresentam ao custo acumulado de cada importação;

e — Os investimentos em empresas controladas estão avaliados pelo seu patrimônio líquido na data do Balanço;

f — O imobilizado é demonstrado pelo seu custo de aquisição ou escrituração, corrigido monetariamente segundo as normas vigentes. As depreciações são calculadas pelo método linear, com contrapartidas no custeio de produção ou diretamente nos resultados, e as taxas adotadas são as indicadas na Nota 4;

g — Os financiamentos em moeda estrangeiras são corrigidos cambialmente às taxas na data do Balanço e os em moeda nacional incorporam a correção monetária computada até aquela data, quando contraídos com esta condição;

h — A Provisão para o Imposto de Renda é constituída com base no valor tributável estimado, à taxa de 35% até Cr$ 30.000.000,00 e de 40% além deste valor, até o total do lucro tributável.

NOTA 2 — **MUDANÇA NAS PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS**

A Empresa constituiu uma provisão para férias a vencer, em 30.06.80, com equivalente redução no resultado líquido do semestre, no montante de Cr$ 16.635.000,00.

NOTA 3 — **DESPESAS E RECEITAS FINANCEIRAS**

O montante líquido indicado na Demonstração do Resultado do Semestre se desdobra como a seguir:

Desps. c/ Empréstimos e Financiamentos	— Cr$ 61.859.624,18
Receitas Financeiras Diversas.	— Cr$ 27.570.708,16
Valor Líquido	— Cr$ 34.288.916,02

NOTA 4 — **CONTAS A RECEBER DE CLIENTES**

No total de Contas a Receber de Clientes, a parcela de Duplicatas a Receber está assim distribuída:

De Clientes	— Cr$ 336.839.449,41
De Contr. ou Colig.	— Cr$ 5.425.672,97
Total	— Cr$ 342.265.112,38

NOTA 5 — **IMOBILIZADO**

Contas	Valor Ativo	Deprec. Acumuladas	Taxa	Total
Prédios	111.630.050,66	17.709.748,04	4	93.920.302,62
Terrenos	29.864.484,33	—	—	29.864.484,33
Máqs. e Equips.	254.060.723,64	85.734.360,76	10	168.326.362,88
Inst. Prec. e Fornos	27.258.321,81	6.739.784,88	10	20.518.536,93
Inst. Permanentes	20.255.791,01	10.749.957,53	10	9.505.833,48
Móveis e Utensílios	36.090.435,84	10.023.870,54	10	26.066.565,30
Bib. e Equipº Méd. e Dentário	892.570,02	360.408,43	10	532.161,59
Ferramentas	6.414.854,25	5.418.273,60	15	99.580,65
Veículos	5.347.479,41	2.813.680,00	20	2.533.799,41
Mat. Modelos	40.510.134,01	28.087.986,30	20	12.422.147,71
Obras em Exec.	94.271.131,62	—	—	94.271.131,62
Total	626.595.976,60	167.638.070,08		455.957.906,52

NOTA 6 — **EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS**

BANCOS	DATA DO CONTRATO	LONGO PRAZO	TAXA	VENCIMENTOS	GARANTIAS
Unibanco	15.03.79	7.323.400,00	2%	09.03.81	03
Unibanco	15.10.76	1.528.065,92	9,94%	20.08.81	03
Unibanco	25.08.77	6.415.624,80	8%	01.08.82	03
Unibanco	24.05.77	644.656,93	8%	01.11.81	03
Unibanco	18.03.77	3.688.121,77	8%	01.05.82	03
Bozano	12.11.75	14.275.196,28	5%	30.06.81	05
Lar Brasileiro	02.07.79	3.500.000,00	5%	30.06.81	03
FINEP	05.12.78	7.091.528,80	12%	31.12.84	03
VEPLAN	23.02.79	3.181.114,73	—	06.12.81	04
CODIN	28.08.78	349.978,08	6%	31.07.81	04
Finasa	21.06.80	192.018,00	—	08.06.81	06
Itaú	30.06.80	18.000.000,00	4,88%	30.06.81	02
Boston	12.11.79	722.961,23	1%	06.01.81	01
		66.912.666,54			

Código das Garantias

01 — Caução de nota (s) promissória (s).
02 — Caução em duplicatas;
03 — Máquinas e equipamentos em alienação fiduciária;
04 — Hipoteca de bens imóveis;
05 — Hipoteca de bens imóveis e caução de nota (s) promissória (s) ou duplicatas.
06 — Reserva de domínio.

NOTA 7 — INVESTIMENTOS EM CONTROLADAS (em milhares de cruzeiros)

Denominação	Capital Social	Patrim. Líquido	Partic. da CBV — Quotas Ord.	Partic. da CBV — Quotas Pref.	Resultado Líquido	Cred. e Obrig. (Obs. B) Créd. Obrig.	Ajuste p/ Equivalência Patrimonial no Dem. Result.
			38.578.950	20.506.334			
CBV — Nordeste Ind. Mecânica S.A.	145.855	139.287	52%		(13.546)	7.004	(14.687)
			104.205.371	—			
CBV — Equipamentos Industriais S.A.	126.398	42.716	83%		(5.413)	23.539	(24.251)
			6.600.000	—			
IPB — Ind. Produtos de Borracha Ltda.	10.800	32.913	61%		4.896	351	4.059
			7.996.716	—			
SUL — Industria Mecânica Ltda	8.000	24.095	99,9%		—	213	148
TOTAIS	291.053	239.011			(14.063)	31.107	(34.731)

OBSERVAÇÕES

a — No Capital Social da IPB participa também a controlada CBV-NORDESTE com 29,6%; a parcela de Cr$ 800.000,00, subscrita por acionista minoritário, ainda não estava integralizada.

b — Sobre os saldos devedores das controladas são cobrados os mesmos encargos que a empresa incorre em suas obrigações por financiamentos.

c — Em relação a CBV-Nordeste e CBV-Equipamentos não foi constituída a provisão para perdas potenciais porque acreditamos serem boas as perspectivas de recuperação de ambas.

d — Não foram efetuados ajustes nas demonstrações financeiras das controladas para eliminação de eventuais resultados não realizados decorrentes de negócios com a controladora ou de negócios entre controladas. Julgam os administradores entretanto, que o seu efeito não é relevante.

NOTA 8 — **ATIVO DIFERIDO**

O saldo apresentado no Balanço refere-se à opção que a empresa fez em 1979, da parcela referente à variação cambial conforme Portaria 48 MF de 15.01.80 e Instrução CVM 08/80, a amortizar durante cinco anos.

NOTA 9 — **CAPITAL SOCIAL**

O Capital Social é constituído de 164.250.000 ações do valor nominal de 1,55 cada uma, sendo 54.756.000 ações ordinárias e 109.494.000 ações preferenciais, destas, 1.514.444 ações ordinárias e 757.218 ações preferenciais, pertencem a residentes no exterior. As preferenciais são garantidas a prioridade de um dividendo mínimo de 6%, prioridade no reembolso do capital e participação em aumento de capital decorrente da correção monetária.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1980

(ass.) PAULO VIRGILIO DIDIER BARBOSA VIANA — Diretor-Presidente
(ass.) HERMANO ALFREDO HERBERT VON SYDOW — Diretor
(ass.) WILLIAM SHEEHAN BARBOSA VIANA — Diretor
(ass.) ANTONIO CARLOS SHEEHAN BARBOZA VIANNA — Diretor
(ass.) SYLVIO DA SILVA MOREIRA — Diretor
(ass.) WALDIR DE VASCONCELOS DIAS — TC-CRC 006.749-9 — RJ

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

Aos
Administradores da
CBV — INDÚSTRIA MECÂNICA S/A.

1 — Examinamos o Balanço Patrimonial da CBV — INDÚSTRIA MECÂNICA S/A., levantado em 30 de junho de 1980 e as respectivas Demonstrações do Resultado do Semestre, das Mutações do Patrimônio Líquido e das Origens e Aplicações de Recursos correspondentes ao semestre findo naquela data. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas e, conseqüentemente, incluiu as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias.

2 — Anteriormente examinamos as demonstrações financeiras levantadas em 30 de junho de 1979, que são apresentadas para fins de comparação, sobre as quais emitimos parecer datado de 05 de outubro de 1979, contendo ressalva quanto a não avaliação dos investimentos em controladas pela equivalência patrimonial.

3 — Em nossa opinião as Demonstrações Financeiras citadas no parágrafo 1, lidas em conjunto com as Notas Explicativas que as complementam, representam adequadamente a situação patrimonial e financeira da CBV — INDÚSTRIA MECÂNICA S/A em 30 de junho de 1980, o resultado do semestre, as mutações do patrimônio líquido e as modificações da posição financeira correspondente ao semestre findo naquela data, de acordo com princípios de contabilidade geralmente aceitos — exceto, no que concerne ao atendimento desses princípios, da opção citada na Nota Explicativa nº 8 e aplicados, salvo quanto ao assunto mencionado no parágrafo nº 2 (dois), com uniformidade.

Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1980

WALTER HEUER AUDITORES INDEPENDENTES
CRC RJ 1.87 CGC 61.411.393/0001-10

ILMAR ALVES DOS SANTOS
Contador CRC RJ 34665.1

Informe Econômico

As obras dos Transportes

O Ministro dos Transportes, Eliseu Resende, considera que o aumento de apenas 36% nos novos investimentos de seu Ministério em 1981 não é motivo para deixar os empreiteiros apreensivos quanto à ameaça de ficarem sem contratações e serem obrigados a demitir empregados.

Segundo Resende, as obras já em andamento e alguns projetos que serão contratados por sua Pasta no próximo ano garantem "trabalho até 1982". Ele reconheceu, contudo, que as obras rodoviárias serão limitadas ao mínimo possível — sobretudo em trabalhos de recuperação de rodovias.

Em sua opinião, os empreiteiros estão apenas sendo forçados a diversificar suas atividades, atuando em Itaipu, Tucuruí, no Programa Nuclear, na Ferrovia do Aço — que promete estar funcionando a diesel em 1982 e já movida a eletricidade em 1983 —, no Programa Habitacional, no Programa do Carvão e na Ferrovia da Soja.

No programa do Carvão, o MT vai contratar alguns segmentos ferroviários ligando as zonas de produção em Santa Catarina e Rio Grande do Sul aos portos de escoamento, especialmente o de Rio Grande, onde será construído um terminal de embarque de carvão, que custará 500 milhões de dólares. A margem esquerda do Porto de Santos ganhará um terminal de desembarque orçado em torno de 50 milhões de dólares.

A única grande obra rodoviária que contratará será a construção da Cuiabá-Porto Velho, com 1 mil 500 km. O Porto de Praia Mole, no Espírito Santo, para atender a Siderúrgica de Tubarão, também será contratado em 1981.

Para o Ministro dos Transportes, o que ocorrerá é uma descentralização das obras públicas. Mas não se pode falar, necessariamente, numa ameaça de falta de contratos e desemprego no setor de obras públicas, onde a conclusão dos metrôs do Rio e de São Paulo prossegue até 1982.

Reação no "open"

As corretoras e distribuidoras já estão se mobilizando junto ao Banco Central — aparentemente com sucesso — para derrubar a cobrança pelos bancos comerciais que executam serviços de custódia nas operações de mercado aberto, da taxa equivalente a uma ORTN (Cr$ 644,23, atualmente) pelos serviços de transferência de custódia em negócios com Letras do Tesouro Nacional e Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional.

Produção direta

A Petrobrás está perfurando, desde julho deste ano, um poço de petróleo na área da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, Recôncavo Baiano, que, se oferecer produção, será a primeira perfuração no interior de uma refinaria petrolífera em todo o Brasil.

O poço — 7-C196 — já atingiu os 1 mil 400 metros de profundidade, e as esperanças são de que o óleo venha a jorrar aos 1 mil 700 metros, uma vez que se pretende atingir a camada Sergy, do poço de Candeias, cuja incidência de petróleo se dá àquela profundidade.

O ponto mais interessante da perfuração está no fato de se encontrar exatamente no interior do parque de armazenamento. Diz o superintendente da refinaria que, "dessa forma, será o petróleo jorrar e ser imediatamente armazenado, sem o mínimo custo de transporte".

As perspectivas de produção do poço são as mais otimistas possíveis, por se localizar na área do campo de Candeias, um dos de maior produção no Recôncavo.

Guarda de trânsito

A Secretaria da Receita Federal vai pedir ao Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, através da Cacex, a eliminação da guia de exportação para os produtos transportados pela fronteira de Foz do Iguaçu, entre o Brasil e o Paraguai. A nota fiscal seria a única exigência da Receita.

Além disso, a partir de agora, a fiscalização será feita por amostragem de dois entre 10 carros que transitam no local. O trânsito livre, antes prerrogativa de grandes empresas, como a Itaipu Binacional e algumas locadoras de automóveis, vai ser aberto a todos.

O Secretário da Receita Federal, Francisco Dornelles, explica que estas medidas estão sendo tomadas porque a Receita "vinha fazendo papel de inspetora de trânsito".

Irritação

As negociações em Varsóvia envolvendo a importação de navios têm irritado dirigentes de estaleiros, que consideram superada a fase de se trocar produtos agrícolas, matérias-primas, por manufaturados.

— Os poloneses podem usar o café e a soja que estão querendo trocar por seus navios, como lastro, ao mandar as embarcações para o Brasil, que ainda sairão ganhando — disse um deles.

Vendendo gravatas

A Nigéria liberou a importação de 72 produtos, entre os quais eletrodomésticos, cuja compra no exterior tinha sido interditada no início do ano passado.

A Interbrás, a trading company da Petrobrás, montou para o mercado nigeriano um pacote de eletrodomésticos, sob a marca Tama, que agora poderá ser reativado.

No primeiro semestre deste ano o Brasil vendeu à Nigéria 124 milhões de dólares, e de lá importou 40 milhões, com superávit de 84 milhões de dólares.

Na lista de produtos que podem ser importados, organizada pelo Ministério Federal do Comércio da Nigéria, estão as gravatas borboletas.

Ministros da OPEP se reúnem em Viena para propor nova estratégia

Viena — A mesma cidade que, há cinco anos, serviu de cenário para o espetacular seqüestro de 11 ministros da OPEP, será novamente o local de encontro dos Ministros de Petróleo, Finanças e Relações Exteriores da Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Eles se reúnem a partir de amanhã para discutir, sobretudo, uma proposta estratégica de longo prazo sobre preços e produção de óleo cru, incluindo planos para ajustar os preços trimestralmente de acordo com a inflação, as flutuações cambiais e o crescimento nos países consumidores industrializados.

Em Abu Dhabi, o Ministro do Petróleo dos Emirados Árabes Unidos, Mana Said Oteiba, disse ontem que a OPEP estudará a possibilidade de aumentar os recursos do Fundo Especial de Ajuda para Países em Desenvolvimento de quatro para 20 milhões de dólares. Oteiba disse também que os Emirados estão dispostos a diminuir a sua produção de petróleo, mas que não aceitarão uma redução no preço do produto, "ainda se isto significar que paremos a nossa produção".

A proposta estratégica, tema da Conferência triministerial que começa amanhã, foi elaborada no início do ano por uma comissão de Ministros de Petróleo da Venezuela, Arábia Saudita, Argélia, Kuwait, Iraque e Irã. Além do reajuste trimestral, acredita-se que a proposta também contenha o primeiro mecanismo da OPEP sobre um aumento e redução automáticos da produção para manter o que se considera uma "oferta ótima no mercado".

Circularam já versões segundo as quais o preço para um acordo entre os participantes poderia ser uma redução de até 1 milhão de barris diários na produção da Arábia Saudita, que, contrariamente aos outros membros da OPEP, tem-se negado a reduzir a sua produção apesar da diminuição na demanda mundial de petróleo depois que os preços do cru aumentaram 132% desde ano passado.

A imprensa vienense tem qualificado o encontro dos ministros da OPEP na Capital austríaca como uma "reabilitação" na cidade, depois da queda de seu prestígio com o seqüestro dos 11 ministros e de vários funcionários do prédio onde se realizou a reunião da OPEP em 1975 e que, aliás, está a uma distância de cerca de 1 km da sede da reunião que começa amanhã, o Palácio Hofburg, berço da dinastia dos Habsburg.

Naquela ocasião, guerrilheiros palestinos mataram um guarda da OPEP, um policial austríaco e um especialista em estatísticas líbio. Os terroristas acabaram viajando com os seus reféns até a Argélia, onde foram libertados. Para a reunião deste ano, o Governo austríaco mobilizou um verdadeiro exército de policiais.

OPEP: em vinte anos, da defesa ao ataque

Quando, há 20 anos, alguns senhores se despediram em Bagdá, Iraque, depois de quatro dias de reuniões, ninguém podia adivinhar que a organização que acabavam de criar haveria de transtornar mais tarde a economia mundial. Fundada a 14 de setembro de 1960 pela Arábia Saudita, Venezuela, Irã, Iraque e Kuwait, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo passou de uma posição puramente defensiva a cartel agressivo que hoje faz tremer os países mais ricos do mundo.

Os 13 países membros da OPEP dispõem hoje de mais de 60% das reservas mundiais de óleo cru, extraem 48% do petróleo mundial e fornecem 63% do consumo desta energia aos países ocidentais, e estão se transformando em verdadeiras potências financeiras: segundo o FMI, os seus lucros alcançam, este ano, 115 milhões de dólares, em detrimento dos balanços de pagamentos tanto dos países industrializados quanto das nações em desenvolvimento.

Em diversos países industrializados, os países da OPEP adquiriram hotéis, bancos, companhias de seguros e entraram com capital de risco em empresas automobilísticas e outros setores. Um banco suíço estima que, em meados do ano, a OPEP possuía 33 milhões de dólares em ouro e cerca de 30 bilhões em ações e outros papéis. Entre 160 e 180 bilhões de dólares estão depositados hoje em instituições bancárias e podem ser retirados a qualquer momento, o que é um fator de grande incerteza financeira.

Os responsáveis pela criação da OPEP foram as "sete irmãs" — BP, Royal Dutch Shell, Exxon, Texaco, Gulf, Standard of California e Mobil — que, em 1960, decidiram unilateralmente reduzir os preços básicos que pagavam por suas royalties. Em seus primeiros 14 anos, a OPEP não tinha unidade suficiente para fazer frente às poderosas multinacionais do petróleo. A situação mundial mudou radicalmente, quando, em 1973, a guerra entre Israel e Egito, os países árabes, conscientes de seu poder de barganha, impuseram o embargo de fornecimento de petróleo, o que causou a quadruplicação dos preços, que passaram de 1,62 dólares para 7,12 dólares o barril.

Governo quer acidente de Garoupa apurado com rigor e urgência

Graça Monteiro

O Palácio do Planalto e as autoridades de segurança do Governo determinaram à Petrobrás "rigor e urgência absoluta" na apuração das causas de rompimento na torre de processo do Sistema Provisório da Garoupa, na Bacia de Campos, que fez com que 1/5 da produção nacional de petróleo — 39 mil barris/dia — fosse paralisado.

Nem o Governo e, tampouco, a Petrobrás admitem oficialmente a possibilidade de sabotagem, mesmo porque não se sabe a quem atribuí-la, mas a diretoria da empresa tem expressado que considera o acidente "estranho". A pergunta feita pelo diretor de Produção, José Marques Neto, tem muito fundamento.

— Como uma torre de apenas dois anos e, mais ou menos, sete meses de vida pode quebrar-se sem nenhuma causa aparente? Ele mesmo responde que só uma análise muito minuciosa do material poderia esclarecer isso.

Acontece que o mar estava calmo. O funcionamento do sistema estava em ordem e, não mais que num repente, a tripulação do navio **Presidente Prudente** ouve um estrondo, a torre que se encontrava presa ao navio através de uma forquilha sobe do fundo do mar e joga um considerável volume de petróleo sobre a proa do navio que, ao contato com uma fagulha proveniente do rompimento dos cabos elétricos, causou um incêndio. Este foi logo debelado pela tripulação do navio.

Ontem, completou sete dias o acidente e nada ainda teve explicação. A torre, que pesa 2 mil 3 toneladas, está quebrada em três partes. A base, que inicialmente se separou de um pedaço de mais ou menos 83 m, segundo previsões da Petrobrás, às 9h25m de domingo ficou no fundo. Os 83 m — a torre toda mede 173,5 m — que estavam presos à forquilha por volta da zero hora de segunda-feira também se romperam e afundaram ficando um pequeno pedaço preso à forquilha.

O que a Petrobrás fez até o momento foi rebocar o navio até Angra dos Reis, para esta semana trazê-lo ao Rio para reparos, e estudar um plano de como resgatar a parte maior da torre que está no fundo do mar. Três técnicos da empresa construtora e projetista da torre, Chicago Bridge & Iron Company, chegaram ao Rio na quinta-feira e seguiram para o local do acidente. Mas, além da análise do navio, esses técnicos não vão poder ter maiores informações do que ocorreu porque a base e a torre propriamente estão a uma profundidade maior que 130 m.

Mas não só o acidente que ocorreu com a torre do Sistema Provisório de Garoupa é estranho. É estranho, ainda que num só projeto esse já seja o terceiro acidente, sem contar que o sistema nasceu sob protestos e teve vários erros de cálculos nas válvulas que controlam a produção dos poços que fizeram atrasar a sua implantação por mais de um ano.

Este projeto, da Lockheed, foi muito discutido nos anos de 1975 e 1976. A maioria dos técnicos da Petrobrás era contra porque se tratava de um projeto que nunca havia sido testado no mundo. A não ser num único poço no Golfo do México, que por ser um poço de extensão de um campo já em produção, não apresentava perigo de pressão, pois o controle da produção é todo feito por computador no fundo do mar. E, além disso, nesse caso o poço se encontrava em águas relativamente rasas.

O projeto para Campos era inteiramente diferente. Uma cápsula a mais de 130m de profundidade abriga uma válvula controlada por computador que por sua vez controla a produção do poço. Porém, são nove poços virgens, ou seja, que concentram uma capacidade incalculável de pressão. E essa produção é recolhida num **manifold central** (coletor) e, também através de tubos flexíveis, levada pela torre de carregamento, ao navio de processo (separador de água, gás e óleo). Depois, o petróleo volta pela torre de processo para o fundo do mar e sobe na torre de carregamento para os navios de carga.

Os técnicos da Petrobrás, inclusive o diretor José Marques Neto, que naquela época era superintendente da Produção do Nordeste, foram contra esse projeto por achar o processo, além de complicado, muito perigoso. Apenas o chefe do Departamento que controlava a produção da Bacia de Campos, Paulo Vasconcellos, que mais tarde foi distituído do seu cargo, e mais uns poucos assessores seus, aprovavam o projeto. A polêmica estava formada.

O então Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, hoje presidente da Petrobrás, depois de um contato com os técnicos da Lockheed resolveu determinar à Petrobrás que aprovasse o projeto e o executasse, para que entrasse em produção o campo de Garoupa até meados de 1977, com mais ou menos 45 mil barris/dia. Isso não aconteceu. Em 1977 houve o primeiro acidente, este com a torre de carregamento, que, ao ser transportada do canteiro de obras, em Mangaratiba, para Campos, também sem razão até hoje explicada, se quebrou e afundou. Logo depois foi consertada.

Em 1978, houve o segundo acidente no mesmo sistema. Um navio bateu com sua âncora numa cápsula de poço e a inutilizou.

Venezuela eleva vendas ao Brasil

O Ministro do Petróleo da Venezuela, Humberto Calderón Berti, disse ontem que a Venezuela aumentará em breve seu fornecimento de petróleo bruto ao Brasil em cerca de 10 mil barris diários. O aumento faz parte de um acordo comercial entre os dois países, que elevará o fornecimento venezuelano ao Brasil — atualmente de 50 mil barris/dia — para 100 mil barris diários de petróleo.

STF julga acusações a Galvêas no caso Vale

Brasília — O Supremo Tribunal Federal julga esta semana a denúncia apresentada pelo Deputado Alberto Goldman (PMDB-SP) contra o Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, acusado de negligência e lesão do patrimônio nacional com a venda em março deste ano de 143 milhões 588 mil ações da Companhia Vale do Rio Doce, sem divulgação antecipada, como determina a lei.

O processo será colocado em mesa para que o STF delibere sobre o recebimento ou a rejeição da denúncia, porém seguramente o plenário acolherá o parecer do Procurador-Geral da República, Firmino Ferreira, que se manifestou pelo arquivamento. No entendimento do Procurador, "essa denúncia popular pública proposta pelo Deputado Alberto Goldman inexiste".

Crime de responsabilidade

Explicou que o parlamentar não podia propor ação penal pública perante o STF, pois isso é privativo da Procuradoria-Geral da República. Daí a sua proposição de arquivamento da denúncia. Em sua ação, o Deputado Alberto Goldman acusa o Ministro da Fazenda por crime de responsabilidade, cuja pena, em caso de condenação, é a perda do cargo.

Se aplicada, essa pena seria inédita, pois nunca foi imposta pelo STF. O referido crime está previsto no Artigo 11, Inciso 5º, da Lei 1 079/50: "são crimes de responsabilidade contra a guarda e o legal emprego dos dinheiros públicos negligenciar a arrecadação das rendas, impostos e taxas, bem como a conservação do patrimônio nacional".

Segundo o parlamentar, o crime do Ministro da Fazenda "ficou caracterizado pela negligência com que se houve o Sr Ernane Galvêas no que respeita à conservação do patrimônio nacional, diante da confessada autorização para a venda em Bolsa, sem as cautelas legais".

"Como não se pode admitir — prossegue a denúncia — desconhecesse o ora acusado as conseqüências de seu ato, em face das normas disciplinadoras do mercado de ações, não há como deixar de reconhecer que o Sr Ernane Galvêas agiu negligentemente, ao determinar a operação de venda referida com os riscos por ele inegavelmente conhecidos, como também por lançar mão do patrimônio da união, de forma absolutamente desnecessária".

Essa ação contra o Ministro da Fazenda o Deputado Alberto Goldman requererá inicialmente à Câmara dos Deputados, que teve decisão contrária. A venda das ações foi feita através da corretora de títulos Ney Carvalho nos pregões da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Era um total de 143 milhões 558 mil que fazia parte de um lote de 200 milhões de ações da Companhia Vale do Rio Doce.

Essas operações autorizadas pelo Sr Ernane Galvêas fizeram com que no dia 11 de março, face à esmagadora pressão das vendas, caísse o preço da ação enquanto que as demais **blue-chips** estatais (Banco do Brasil e Petrobrás) recuperavam-se dos prejuízos de dias anteriores. Segundo o Deputado Alberto Goldman, "no dia imediatamente após a venda do último lote, os compradores passaram a realizar seus lucros na venda daquelas ações", o que caracterizou "o enriquecimento ilícito de alguns".

Ele exemplifica que se realizaram lucros de até Cr$ 1,64 por ação, "o que representaria num volume de cerca de 150 milhões de ações, lucros de mais de 200 milhões. E isto apenas nos dias imediatamente posteriores ao pregão do dia 11. Ele insiste em que "a venda das ações, da forma como se deu, contrariou norma da Comissão de Valores Mobiliários que determina, no caso de lançamento de grandes lotes no mercado, seja ele precedido de divulgação e informação sobre a operação, bem ainda de prévio registro dos títulos naquela comissão".

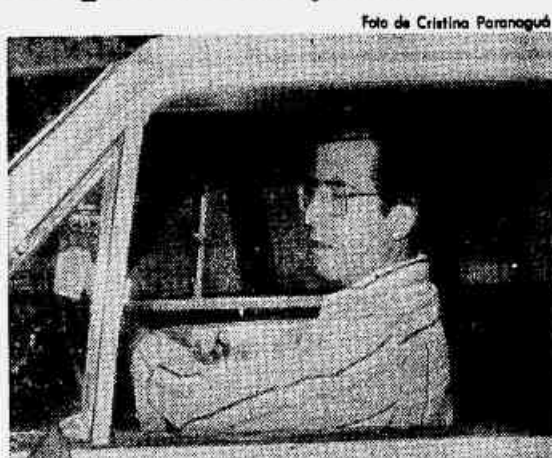
Rangel alega sigilo do processo para não falar

O ex-chefe do Departamento da Dívida Pública do Banco Central, José Paes Rangel, alegou ontem o "caráter sigiloso do processo" instaurado pela CVM (Comissão de Valores Imobiliários) sobre o Caso Vale, para afirmar que não poderia prestar nenhuma informação a respeito do documento enviado na véspera à Comissão, pelo presidente do BC, Carlos Geraldo Langoni.

Além das respostas de Rangel ao questionário com cinco perguntas formuladas pela CVM, sobre as vendas das ações da Vale do Rio Doce efetuadas entre os dias 5 e 11 de março (que somaram 150 milhões de ações), o documento contém informações adicionais do BC, que esclarecem "de forma definitiva, todos os aspectos da participação" do banco, segundo informara o presidente do órgão.

Foto de Cristina Paranaguá

José Paes Rangel

As perguntas foram formuladas por exigência da defesa, a cargo do advogado Antonio Salgado, do presidente da Bolsa do Rio, Fernando Carvalho, diretor da Corretora Ney Carvalho, que executou as ordens do Banco Central para a venda das ações. Dentre outras questões, elas pedem a explicação se a decisão de vender 90 milhões 800 mil ações da Vale, apenas no pregão do dia 11, foi do Banco Central ou da corretora e se Fernando Carvalho tinha conhecimento desse volume antes de começar a operação.

Elas foram dirigidas a José Paes Rangel, que na época ocupava a chefia do Departamento da Dívida Pública do Banco Central — hoje, num cargo voltado para a administração de empresas não financeiras de grupos sob intervenção — e, segundo depoimento de Fernando Carvalho, teria transmitido as ordens de venda, ditadas do gabinete de Langoni, em Brasília.

Investidor institucional participa mais nas empresas

Patrícia Sabóia

A exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, os grandes investidores institucionais, como Fundos de Pensão e seguradoras, tendem mais e mais a deter fatias expressivas do capital das empresas privadas. Embora a legislação estabeleça que eles não podem participar em mais de 20% do capital votante, o presidente da Internacional de Seguros, Celso da Rocha Miranda, lembra que "quando o capital da empresa é muito diluído, os 20% representam não de direito, mas de fato, uma tomada de comando".

Segundo Horácio Mendonça Neto, diretor da CVM — Comissão de Valores Mobiliários, as altas taxas de crescimento dos Fundos de Pensão tendem a fazer com que a "liderança dos Fundos 157 no mercado troque de mãos". Para o presidente da segunda maior fundação, a Petros, Helbert Rosa, essa liderança é duvidosa: "Uma vez que, se a remuneração de outros ativos for mais atraente, os fundos aplicarão o mínimo obrigatório".

Esse patamar mínimo, entretanto, já garantiu que os Fundos de Pensão, com patrimônio de Cr$ 100 bilhões, detenham carteiras de Cr$ 30 bilhões; e que as seguradoras, com Cr$ 48 bilhões em ativos, tenham outros Cr$ 33 bilhões, em ações e debêntures.

Como explicou o responsável pela administração da carteira da Internacional de Seguros, Roberto Terziani, o que se pode aplicar são as reservas técnicas — que vêm crescendo, em termos absolutos, numa média de 40% dos prêmios arrecadados pelas seguradoras.

No ano passado, o crescimento dos prêmios foi de quase 80%, atingindo um volume de Cr$ 63 bilhões. Para este ano, ele estima uma expansão de 68% a 70%, ou seja, algo entre Cr$ 105 a Cr$ 110 bilhões. Estes números significam, explica o analista, "que no final de 80 as seguradoras, como um todo, já terão investido uns Cr$ 40 bilhões".

No caso específico da Internacional, a carteira de empresas abertas soma Cr$ 340 milhões, e a de empresas fechadas — as controladas e coligadas, ou projetos de longa maturação, como empresas petroquímicas — vai a Cr$ 730 milhões.

Cr$ 600 milhões por semana

Terziani e o presidente do Fundo de Pensão da Petrobrás, Helbert Rosa, acentuam que o investidor institucional visa ao retorno a longo prazo. No momento, a Petros "está parada, esperando que as regras de avaliação de aplicação, estabelecidas pela Resolução 460, sejam alteradas". Hoje, a avaliação do papel é feita pelo seu custo, e não a preço de mercado, mudança que será decisiva no caminho a ser adotado pelos fundos.

Helbert Rosa revela que a Petros, que já aplicou Cr$ 500 milhões este ano, "poderá daqui por diante ficar no mínimo exigido por lei". Em 79, foram investidos Cr$ 350 milhões no mercado. Há uma carteira só com ações da Petrobrás e outra para empresas nacionais privadas, e tanto a Petros como a Internacional não detêm os 20% do controle de nenhuma empresa privada.

O presidente do segundo maior Fundo de Pensão — que em abril, segundo dados da CVM, já tinha uma carteira de Cr$ 1,4 bilhão — critica duramente a atitude de outros investidores institucionais, "que se empenham numa corrida ao mercado. A conseqüente elevação das cotações é uma distorção, garante ele, "pois o que interessa não é comprar a preços altos; o que importa é a remuneração do papel, os dividendos é que precisam melhorar".

Ele vê com "muita preocupação" o volume de recursos que os institucionais derramam no mercado e até mesmo as notícias de previsões do que se vai aplicar, e quando. Até mesmo porque, acentua, "se a correção monetária ficar congelada, esse dinheiro vai para a Bolsa; mas se a regra mudar, vamos para outros ativos", dentro dos limites legais.

De qualquer modo, e apesar de a lei exigir uma diversificação em ações e debêntures, cotas de fundos, CBDs, letras de câmbio e imobiliárias, imóveis, empréstimos aos participantes e títulos públicos, Horácio Mendonça lembra que as fundações têm operado, em média, Cr$ 600 milhões por semana — injeção, sem dúvida, que só tende a crescer.

O INVESTIDOR INSTITUCIONAL NA BOLSA

INSTITUIÇÕES	Nº	VALOR DOS ATIVOS Total (cruzeiros bilhões)	Parcela Aproximada Investida no mercado (%)
Fundos Mútuos	40	4,5	90
Fundos Fiscais	40	52,0	95
Sociedades de Investimento DL 1.401	16	2,0	70
Entidade de Previdência Privada:			
abertas	100	30,0	20
fechadas	110	100,0	30
Seguradoras	96	48,0	33
FPS		2,0	100
FINOR		30,0	100
FINAM		8,0	100
FISET		11,0	100
FIBASE		5,0	
EMBRAMEC		3,5	
IBRASA		3,0	

Fonte: CVM

Os maiores investidores por valor da carteira

	Em Cr$ milhões *
Bradesco	10.476
Itaú	7.282
Previ (FP)	6.875
Real	4.594
Unibanco	4.542
Nacional	2.681
Banespa	2.222
Petros (FP)	1.538
Funcef (FP)	1.507
Bamerindus	1.480
Finasa	1.460
Comind	1.198
Refer (FP)	1.010
Sul Brasileiro	1.001
Econômico	990
Crescinco Unibanco (M)	907
Sistel (FP)	761
Lar Brasileiro	752
Mercantil	683
Itaú (M)	632
América do Sul	572
Denasa	566
BCN	556
Cofimig	536
Banrisul	531
Noroeste	518
Brascan	512
Banerj	508
Banorte	507
The Brazil Fund (SI)	506

* Posição em abril de 80
(M) — Fundo Mútuo de Investimento
(SI) — Sociedade de Investimento — DL 1.401
(FP) — Fundo de Pensão
Os demais são Fundos Fiscais — DL 157
Fonte: CVM

Empresas tiveram perdas em 79 iguais às da crise de 29

São Paulo — Os prejuízos empresariais só atingiram proporções iguais às do ano passado durante a crise de 1929, segundo revela a pesquisa realizada pela **Revista Exame**, entre as 500 maiores empresas privadas do país. Desse total, 71 empresas apresentaram um prejuízo total de Cr$ 32 bilhões 311 milhões no ano passado. As demais 429 tiveram lucro de Cr$ 106 bilhões 79 milhões.

Segundo o professor Stephen Kanitz, supervisor do estudo, os prejuízos seriam maiores não fosse a resolução do Governo de proibir o lançamento de grande parte das perdas decorrentes da maxidesvalorização de dezembro de 1979. Os prejuízos empresariais vêm evoluindo nos últimos cinco anos, passando de 5,2% do resultado em 1974 para 32 no ano passado.

EVOLUÇÃO

O professor Stephen Kanitz observou que, apesar de as empresas com prejuízo representarem 14% do total, o montante de seus resultados negativos equivale a 30% do lucro das demais. Enquanto o total de lucros dessas 500 maiores empresas decresceu 17,3%, em relação a 1978, os prejuízos evoluíram 78,4%. Trinta e quatro das 71 empresas tiveram resultados negativos pela segunda vez consecutiva.

Das empresas estatais, 30% operaram no vermelho no ano passado. As estrangeiras vieram em seguida, com 22,1% do total apresentando prejuízos. E entre as privadas nacionais apenas 10,2% tiveram resultados negativos. O total do lucro das 50 maiores estatais representou, no ano passado, 55% da soma do lucro dos 50 maiores bancos com as 50 maiores empresas privadas nacionais e 50 maiores estrangeiras, indicando que sua participação vem crescendo sensivelmente desde a crise do petróleo.

ENDIVIDAMENTO

As dívidas das 500 maiores empresas privadas do país cresceram pouco em 1979: 5,4%, passando de 55,3% para 56,6%. As demais evoluíram de 56,6% para 58,8%. O número de empresas sem capital de giro próprio atingiu seu ponto mais alto dos últimos cinco anos: 174 empresas. Se forem incluídas mais 170 empresas que trabalham com capital de giro insuficiente, o professor Stephen Kanitz afirmou que praticamente 70% do total enfrentam problemas de recursos.

Ele observou que, se esta é a situação das 500 maiores empresas do país, as pequenas e médias devem estar vivendo problemas financeiros muito mais graves. Possivelmente de 80 a 85% deles enfrentam dificuldades de capital de giro.

QUEM GANHA MAIS

Num conjunto de 200 empresas, formado pelos 50 maiores bancos, empresas privadas nacionais e estrangeiras estatais, analisados desde 1974, verifica-se o seguinte: a participação do lucro das 50 nacionais se manteve praticamente estável, passando de 15,4% do bolo em 1974 para 15,9% em 79.

O lucro dos 40 maiores bancos, que representava 26% do total em 1974 e chegou a atingir 38,1% em 1976, caiu para 22,3% em 78 e apresentou ligeira recuperação no ano passado, aumentando para 23,1%.

QUEM ESTÁ GANHANDO MAIS

Análise comparativa dos lucros obtidos pelas 50 maiores empresas nacionais, 50 entrangeiras, 50 estatais e 50 bancos, em Cr$ milhões de 1979.

	1979 *		1978 *		1977	
Nacionais	21 308	15,9%	32 234	15,8%	20 946	13,0%
Estrangeiras	9.405	7,1%	27 637	13,5%	33 304	20,6%
Estatais	72 151	53,9%	98 744	48,4%	52 144	32,6%
Bancos	30 871	23,1%	45 329	22,3%	54 611	33,8%
Totais	**133 735**	**100,0%**	**203 944**	**100%**	**161 005**	**100,0%**

	1976		1975		1974	
Nacionais	22 424	14,4%	19748	11,9%	23 005	15,4%
Estrangeiras	32 129	20,6%	31 293	18,9%	28 468	19,1%
Estatais	41 992	26,9%	63 010	37,9%	58 713	39,5%
Bancos	59 392	38,1%	52 343	31,3%	38 679	26,0%
Totais	**155 937**	**100,0%**	**166 396**	**100,0%**	**148 864**	**100,0%**

* Depois do Imposto de Renda

Empresa de saneamento recebe dos Estados com grande atraso

Os empresários fabricantes de materiais e equipamentos para saneamentos estão alarmados com o débitos de certas companhias estaduais de saneamento que chegam a atrasar de 150 a 300 dias a liqüidação de faturas, havendo como que uma transferência de capital de giro do produtor para a companhia, a custo zero, pois os pagamentos, quando feitos, o são sem juros e correção monetária.

Ao fazer esta revelação, o secretário-geral da ASFAMAS (Associação Brasileira de Fabricantes de Materiais e Equipamentos para Saneamento), Luís Alberto Cavalcanti, acrescentou ser "fácil fazer figuração com chapéu alheio", exemplificando: "Se tomarmos o custo do dinheiro a 6% ao mês, e um atraso médio de cinco meses, teremos, por baixo, um prejuízo de 30%."

Ele disse, também, ter conhecimento do corte de verbas do BNH para saneamento que, no seu entender, pode acarretar graves repercussões sociais e econômicas. E, por isso, mostrou a apreensão dos empresários do setor. Citou, ainda, que somente a Sabesp (Superintendência de Água e Esgotos de São Paulo) teve seu orçamento para este segundo semestre cortado em mais de 50%, caindo de Cr$ 9 bilhões para Cr$ 4 bilhões 200 milhões de investimentos previstos. Lembrou que a Sabesp, sozinha, representa 55% dos investimentos em saneamento no Brasil.

METAS COMPROMETIDAS

"Tal posição (a do BNH em cortar investimentos através do Planasa — Plano Nacional de Saneamento), além de prejuízos de natureza econômica, com a ociosidade desse parque fabril, irá acarretar repercussões sociais extremamente graves", advertiu o engenheiro Luís Alberto Cavalcante, acrescentando ser dever dos empresários e integrantes da ASFAMAS alertar as autoridades para essas conseqüências porque o setor de saneamento básico é um dos poucos que tem a capacidade de absorver mão-de-obra em proporções maiores do que qualquer outro.

Disse, também, que a medida "irá comprometer seriamente as metas governamentais do Planasa". Lembrou que, em audiência à diretoria do ASFAMAS, em julho do ano passado, o Presidente da República definiu as metas básicas do Governo, dizendo-as consubstanciadas no trinômio **alimentação, saúde e habitação**. "Mas o Presidente entendia", acrescentou Luís Cavalcanti, "que não poderia ter êxito em tais metas sem que houvesse saneamento básico em primeiro lugar".

— Como ficamos — pergunta Cavalcanti — acreditamos nas palavras do Presidente Figueiredo ou nos cortes do BNH?

DE PIRES NA MÃO

O secretário-geral da Associação dos Fabricantes de Materiais e Equipamentos para Saneamento disse que a atual realidade desmente o princípio da Federação ("para um país forte é necessário Estados fortes e, para Estados fortes, municípios fortes"), pois "os municípios e, em conseqüência, os Estados, vivem de pires na mão, ou seja, na dependência das graças do Poder, entenda-se: benesses políticas".

Ele se referia à circunstância de que os Estados teriam de reunir condições para repor o Fundo do FAE (Fundo de Água e Esgotos) em contrapartida ao que o BNH coloca à disposição deles, uma vez que todos estão, praticamente, em situação financeira seriamente comprometida. "Como pedir reciprocidade se todos estão em penúria financeira?", pergunta Cavalcanti para em seguida afirmar: "A sistemática peca na totalidade, em suas bases e premissas".

ESTATIZAÇÃO

Para o secretário-geral da ASFAMAS, há uma contradição entre o que proclamam "arautos do Governo, quando enaltecem a iniciativa privada", e o procedimento na prática, que chega a ser exatamente o oposto. Exemplifica: "Na futura concorrência para a obra de Pedra do Cavalo, na Bahia, está-se arranjando um jeito de preparar o edital de modo a permitir a participação da Usimec".

— Ora, não é segredo para ninguém a situação financeira dessa empresa estatal. E é exatamente ela que pretende disputar o mercado de tubos de aço, já escasso, com a iniciativa privada. Que tradição na fabricação de tubos tem ela? Que atestado possui e que qualificação para fabricar cerca de 55 mil toneladas de tubos?

O engenheiro Luís Alberto Cavalcanti concluiu que "dessa forma e com tais atitudes não temos condições nem elementos para acreditar que exista seriedade diante do momento grave que vivemos. Não confiamos em paliativos, que, para nós, significam mistificação". Disse mais que até agora o sacrifício tem sido apenas da iniciativa privada e do povo.

Construtor fala em insolvência

São Paulo — "A falta de novos contratos de obras e serviços, a insuficiência de recursos creditícios e o atraso crônico no pagamento dos débitos das empresas sob controle do Governo, estão gerando uma situação extremamente difícil e de quase insolvência para algumas empresas do setor".

A análise é da Abecem — Associação Brasileira dos Construtores de Estruturas Metálicas), que encaminhou um memorial, esta semana, ao Presidente Figueiredo, relatando as dificuldades enfrentadas pelo setor. A entidade informou que a dívida das empresas estatais é elevada e um levantamento preliminar indicou débitos num total de Cr$ 2 bilhões. Os pagamentos costumam ter atrasos de seis meses a um ano, em média.

O setor é representado, no país, por mais de 40 empresas. Elas atuam, principalmente, em obras de grande porte do Governo, a exemplo de usinas hidrelétricas. As torres de transmissão representam um terço da produção do setor. A ociosidade do setor atingiu 40% em 1979.

A situação agravou-se este ano e a Abecem está preocupada com a possibilidade de as empresas de estruturas metálicas atingirem a insolvência. Nesta semana mesmo, uma das maiores empresas do setor, a Fichet Schwartz-Hautmont, requereu concordata na Justiça paulista.

No documento enviado ao Presidente Figueiredo, a Abecem destaca que "as dificuldades do setor são mais graves, diante do atual contexto econômico financeiro vivido pelo país, em que há falta de novos contratos de obras e serviços". Acrescenta: "Esses fatores aliam-se à debilitação crescente das estruturas financeiras das empresas e à insuficiência de recursos creditícios".

Obra pública já perde crédito

Belo Horizonte — O presidente do Sindicato da Indústria de Construção Pesada de Minas, Sr Marcos Santana, revelou que algumas instituições financeiras estão vetando aplicações e empréstimos às empresas do setor, "simplesmente por serem clientes do Governo". Disse que as empreiteiras sofrem graves restrições de crédito, que vão desde o custo alto do dinheiro ao aumento das garantias e ao mercado paralelo.

Considerou o empréstimo de 125 milhões de dólares contraído no exterior pelo DNER insuficiente para pagar as dívidas de Cr$ 6 bilhões com as empreiteiras, que se poderão elevar em breve a Cr$ 15 bilhões com o vencimento de novas faturas.

Segundo ele, a solução encontrada para prosseguimento das obras do DER-MG, que deve ao setor Cr$ 1 bilhão, foi a aquisição de empréstimos externos por parte das empreiteiras, que vão financiar o Estado, que está agora negociando o empréstimo no exterior.

O presidente do sindicato disse que, além do atraso de pagamento, as empreiteiras enfrentam problemas mais sérios com a paralisação de obras rodoviárias e o corte de orçamentos, comprometendo o passado, presente e futuro das empresas. Ressaltou que em Minas já estão desempregados mais de 10 mil operários da construção pesada.

Com o futuro empréstimo externo de 50 milhões de dólares para as empreiteiras, a ser pago pelo estado, "poderão ser reiniciadas das 18 das 24 obras paralisadas pelo DER MG. É preferível trabalhar financiando o estado do que deixar de trabalhar", acrescentou.

Para o Sr Marcos Santana, a política governamental é incoerente, pois está preocupada em criar 2 milhões de novos empregos por ano e ao mesmo tempo desativa o setor que dá mais emprego no país. Observou que a situação para as empreiteiras poderá agravar-se com o corte no orçamento dos programas habitacionais e de saneamento.

Expansão de bancos regionais visa a conter oligopólios

Gilberto Menezes Cortes

O anteprojeto do Banco Central, criando condições para a expansão das agências bancárias em 1981 e 82, com maiores facilidades para os bancos comerciais considerados regionais (90% das agências em três Estados limites) é, antes de tudo, um projeto contra a tendência de oligopolarização do sistema bancário brasileiro.

Sob o disfarçado rótulo de "fortalecimento dos bancos com vocação regional" e, sem contar o interesse de ampliar a assistência bancária que ainda não chegou em 1/3 dos municípios brasileiros e em alguns dos distritos de regiões já assistidas, a intenção das autoridades, arrecadando recursos para o BC, é permitir que os bancos médios e pequenos possam crescer. Privilégio que praticamente eram conquistado pelos gigantes bancários do país.

No momento, o Banco Central não concede autorização — salvo em casos especialíssimos — para a criação de novos bancos ou agências novas no país. Apenas, permite troca entre uma agência de categoria superior por outras de menor classificação.

Ocorre, então, que os bancos médios e pequenos jamais vão abrir mão das agências mais bem situadas para permitir a expansão de sua rede. Os 10 maiores bancos comerciais privados, que detêm 57% das 1 mil 811 agências especiais (situadas nas capitais do Rio e São Paulo), dominam 70% das agências especiais, ficando os 30% restantes entre os demais 70 bancos privados, entre nacionais (50) e os 20 estrangeiros ou associados a capital externo.

A tendência natural será um banco grande abrir mão de uma agência especial que não está rendendo bem para trocá-la por outra em cidades ou municípios que indiquem boas perspectivas econômicas para o futuro.

Os maiores

Só o Itaú possui 259 agências especiais, 106 acima do Bradesco — o maior banco privado do país. O Nacional tem 136 agências especiais; o Unibanco, 117; o Real, 82; o Bamerindus e o Mercantil de São Paulo, 73; o Comind, 52; o Auxiliar, 49 e o Econômico, 43. Em muutos casos as agências especiais representam 70% dos depósitos e empréstimos desses bancos, que já detêm 60% dos depósitos dos bancos privados e 57% de seus empréstimos.

Com a nova regulamentação, esses bancos (talvez a exceção seja o Econômico, que pode ser beneficiado por um tratamento favorável aos bancos sediados no Norte/Nordeste — que também atingiria o Banorte) não serão privilegiados com o desconto de 30% na aquisição de cartas patentes para os **bancos regionais**, segundo a classificação do Banco Central.

Em compensação, ela atinge, entre outros bancos privados, o Agrícola de Minas Gerais; o Agropecuário de Goiás; o Antônio de Queiroz (SP); o Boavista; o do Ceará; o Comercial Aplik (MG); o do Comércio (SP); o Comércio e Indústria do Rio de Janeiro; o Crédito Comercial (SP); o Crédito Real do RS; o Dantas Freire (SE); o F. Barreto (SP); o Geral do Comércio (SP); o Induscred (SP); o Industrial do Ceará; o Industrial de Pernambuco; o Itamaraty (SP); o Interatlântico (RJ); o Julião Arroyo (SP); o Maisonnave (RS); o Mercantil do Ceará; o Mercantil de Descontos (SP); o Mercantil de Pernambuco; o Mineiro; o Mossoró (RN); o Nacional da Bahia; o Nações (SP); o Noroeste; o Paranaíba; o Pinto de Magalhães (RJ); o Popular de Fortaleza; o da Produção (MG); o da Produção e Comércio (SE); o Real de SP; e o Regional (SP).

O Noroeste e o Boavista, além de poderem comprar novas agências no Rio e São Paulo (Cr$ 30 milhões) com desconto de 30%, vão poder ampliar seu campo de atuação. O mesmo ocorrendo com bancos praticamente desconhecidos do grande público, mas que estão acostumados a operar com os pequenos e médios empresários e têm poder político muito menor do que os gigantes bancários.

Evitar confrontação

É justamente este poder político, que tende a levar a uma confrontação entre os grandes do sistema bancário e as autoridades monetárias, que o Banco Central pretende evitar com esse projeto. Que, a médio e longo prazos, é garantia de sustentação dos próprios gigantes, pois a sociedade brasileira não ia aceitar ficar na alternativa desse oligopólio ou dos bancos do Estado para ter seu crédito.

Estrangeiros

Dos grandes bancos estaduais, apenas o Banespa, o quarto banco do país em depósitos e o terceiro em empréstimos, pode ser beneficiado pelos termos do anteprojeto. Os dois bancos de Minas não terão desconto e, certamente, terão sua expansão limitada ao próprio Estado, como já ocorre com o Banerj, também não enquadrado como **banco regional**. Dos bancos federais, além do BB, o Banco do Nordeste também não se classificou como **regional**.

A questão mais delicada diz respeito aos bancos estrangeiros. O anteprojeto não menciona seu caso. Muitos dos bancos estrangeiros seriam **regionais** e poderiam ampliar sua rede até com desconto. O que atemoriza os banqueiros brasileiros, pois só o Citibank, com 11 agências, é o segundo banco privado em empréstimos (face aos repasses externos).

As leis internacionais, no entanto, confinam os bancos estrangeiros ao princípio da reciprocidade. De um modo geral, há mais banco estrangeiro no Brasil do que bancos e agências brasileiras nos países de origem.

Ida de Delfim aos EUA não era esperada pelos banqueiros de N. Iorque

Armando Ourique
Correspondente

Nova Iorque — A vinda do Ministro Delfim Neto a Nova Iorque surpreendeu vários dos principais banqueiros desta cidade. O Morgan Guaranty Trust, por exemplo, só soube da chegada do Ministro quarta-feira passada e no fim da semana ainda desconhecia os motivos da viagem.

O Ministro, por sua vez, informou que manterá contatos particulares com alguns banqueiros amanhã e no dia seguinte antes de regressar ao Brasil de sua viagem à Europa. Mas dois importantes bancos ao serem indagados disseram que até o fim da semana não haviam sido procurados para eventuais encontros com o Ministro.

Eles ainda estavam considerando a possibilidade de serem convocados pelo Ministro à última hora para uma reunião conjunta de representantes dos principais credores norte-americanos do Brasil. Mas lembraram que um hipotético encontro desse tipo poderia não ser muito produtivo pois, pela falta de aviso prévio, no momento vários dos técnicos que acompanham o dia-a-dia dos compromissos com o Brasil não se encontram em Nova Iorque.

No Morgan Guaranty, por exemplo, o vice-presidente para a América Latina, Tony Guebauer, encontra-se aqui. Mas o principal especialista em Brasil, David Collins, estava pelo menos, até o fim da semana, no Brasil.

O Banker's Trust foi pego ainda mais desprevenido pela viagem do Ministro. Sua maior autoridade em Brasil, o diretor para a Bacia do Prata, Richard Bentley, no final da semana estava na Argentina com compromissos posteriores no Brasil.

O Ministro, ao falar por telefone com alguns correspondentes brasileiros anteontem à noite, não deixou claro o motivo dessa sua escala de mais de quatro dias em Nova Iorque. Esclareceu apenas que se encontraria com alguns banqueiros na segunda e na terça-feira.

Um dos principais bancos revelou que estava no meio do processo de rever as necessidades brasileiras do ano que vem e dos últimos meses de 1980. Um outro banco disse que está fazendo um cauteloso levantamento da situação brasileira.

Uma fonte deste banco disse que sua maior apreensão no Brasil é a inflação. Mencionou que o banco chegou a reduzir, nos últimos meses, seus empréstimos ao Brasil à espera de uma melhor definição sobre as tendências da inflação.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Hélio Taveira de Souza, 56, infarto do miocárdio, no Prontocor, carioca, casado com Mariza Dias de Souza, tinha dois filhos: Suely e Sônia, um neto, morava em Copacabana. (Será sepultado às 10 horas no Cemitério São João Batista).

Ney Bezerra de Oliveira Filho, 41, insuficiência cardíaca congestiva, no Hospital da Lagoa, carioca, desenhista de publicidade, casado com Fernanda Alves de Oliveira, não tinha filhos, morava em Botafogo. (Será sepultado às 9 horas no Cemitério São João Batista).

Olga Vieira Fernandes, 69, parada cardíaca, em casa, no Leblon, carioca, prendas do lar, viúva de Marcelo Fernandes, não tinha filhos. (Será sepultada às 9 horas no Cemitério São João Batista).

Antonieta Cardoso da Silveira, 75, arteriosclerose, no Asilo São Fernando, carioca, prendas do lar, viúva de Alvaro C. Silveira, tinha duas filhas: Célia e Cecília, três netos, morava em Vila Izabel. (Será sepultada às 10 horas no Cemitério São Francisco Xavier).

Paulo Cesar Carvalho da Silva, 50 infarto agudo do miocárdio, em casa, no Engenho Novo, comerciante — proprietário da farmácia Santa Maria, no Méier, casado com Nancy Macedo da Silva, tinha um filho: Luiz Carlos (Será sepultado às 11 horas no Cemitério São Francisco Xavier).

Ana Maria Ferreira Ribeiro, 66, caquexia, no Hospital Universitário, carioca, prendas do lar, casada com José Ribeiro, não tinha filhos, morava na Penha. (Será sepultada às 9 horas no Cemitério São Francisco Xavier).

Agenor Teixeira dos Santos, 83, parada cárdio-respiratória, em casa, em São Cristóvão, carioca, industriário aposentado, viúvo de Sandra Lessa dos Santos, tinha uma filha: Heloisa Santos de Freitas, três netos e cinco bisnetos. (Será sepultado às 9 horas no Cemitério São Francisco Xavier).

PM atira em lavador de carros

Depois de confundido com um ladrão de automóveis, o lavador de carros Paulo Ramos Mesquita, 29 anos, foi baleado no pé na madrugada de ontem pelo cabo Agripino Correia de Morais que junto com o soldado Avanel José Gonçalves, integrava a guarnição da RP-540652. A 12ª DP e o 19º BPM, onde são lotados os militares, investigam o caso.

O incidente ocorreu por volta das 6h, quando Paulo manobrava o Dodge Dart YP-6154, de Cássio Danilo Cruz Vasconcelos. Dois militares do policiamento a pé, soldados Luís Carlos e Batista, o confundiram com um ladrão e mandaram que parasse o carro. Paulo não atendeu e levou o veículo até uma vaga, voltando então para saber o que havia.

CONFUSÃO

Bastante conhecido na região, Paulo estacionou o Dodge e voltou para conversar com os policiais, esclarecendo o engano. Mas antes que ele retornasse, os policiais haviam pedido reforço, pois estavam certos que se tratava de um ladrão. Quando tudo parecia esclarecido, surgiu o reforço pedido: a RP-540652. O cabo Agripino e o soldado Avanel saltaram e iniciou-se a confusão.

Empresário é morto com 21 tiros

Desaparecido desde a noite de sexta-feira, quando deixou o trabalho, o empresário José Correia de Carvalho, casado, 42 anos, foi encontrado morto ontem de manhã, num terreno baldio da Rua Guilhermina, em Engenheiro Pedreira, distrito de Nova Iguaçu, com 21 tiros. A polícia ainda não determinou o motivo do crime.

Todos os documentos e o dinheiro do empresário, proprietário da empresa de ônibus Amigos Leopoldinenses, foram levados pelos criminosos, bem como o Corcel II, azul-metálico, placa ST 2 999. A polícia investiga um provável encontro do morto com uma mulher, na Rodovia Presidente Dutra.

ACHADO

O terreno baldio da Rua Guilhermina fica em local ermo e ninguém viu ou ouviu nada, segundo as autoridades da Delegacia de Queimados. O médico legista José Luís Abrão, do IML de Nova Iguaçu, informou que o corpo do empresário apresentava 14 perfurações de balas só nas costas. Após o crime, o corpo foi arrastado.

Os policiais foram informados de que a vítima havia saído da empresa de ônibus, no km O da Presidente Dutra, por volta das 20h de sábado. Teria ido ao encontro de uma mulher naquela rodovia, já que, segundo empregados, ele recebera um bilhete marcando o encontro.

Poucas vezes como ontem, um regente de música deve ter se sentido tão realizado. Depois das palmas que se sucederam ao toque das Danças Polovitsianas, *de Borodine, um grupo de alunos das Escolas Municipais Paraná, Cardeal Arcoverde e Rugendas se levantou e, antes de ir embora, achou por bem ir ao palco cumprimentar o maestro Mário Tavares — que regera o espetáculo — não só para felicitá-lo como fazer-lhe perguntas sobre o que tinham acabado de ouvir. E, durante alguns minutos, agradou ao músico dar aos pequenos ouvintes todas as explicações desejadas. Do programa, realizado em breves 45 minutos, constaram músicas também de Wagner, Tchaikowsky, Lírio Panicalli e Nepomuceno. Promoção do JORNAL DO BRASIL que, já este ano, levou àquela casa, duas vezes, a Orquestra Sinfônica Brasileira e, uma, o Balé Dalal Achcar*

Polícia atribui aumento de assaltos a bancos ao menor rigor na punição e às fugas

A desclassificação do crime da Lei de Segurança Nacional e as constantes fugas de bandidos do Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, são as principais causas apontadas pela polícia para os freqüentes assaltos a bancos. Dos 46 assaltos registrados de 1º de janeiro do ano passado até este mês, 40 aconteceram depois da retirada do delito da competência da Justiça Militar.

Este ano houve 14 assaltos, que renderam Cr$ 21 milhões 993 mil 27 — de janeiro a 3 de setembro — enquanto no ano passado ocorreram 32 assaltos, com o roubo de Cr$ 22 milhões 265 mil 820. Dentro de uma semana a Secretaria de Segurança Pública baixará resolução adotando novas medidas preventivas, capazes de neutralizar as novas técnicas de assaltos a banco.

FORAGIDOS

As investigações que a Divisão de Roubos e Furtos realizam para identificar os autores dos assaltos a bancos provam que quase todos são praticados por assaltantes perigosos, que fugiram da Ilha Grande. O delegado Arnaldo Campana está de posse da identificação de vários bandidos foragidos reconhecidos nos assaltos.

No princípio do ano, a polícia investigou o assalto a agência Mauá do Banerj — de onde foram roubados Cr$ 5 milhões 904 mil — e chegou até a quadrilha de Júlio César Diegues, o **Portuguesinho**, que com sete marginais, também foragidos da Ilha Grande, assaltaram vários bancos. Agora, a polícia de Itaguaí descobriu a participação de outra quadrilha de foragidos em assalto.

Trata-se do bando de **Mimoso**, que segundo o delegado José Roberto Vieira, de Itaguaí, assaltou a agência do Banco Bamerindus, na antiga Rodovia Rio—São Paulo, roubando Cr$ 359 mil. As fugas da Ilha Grande acontecem quase semanalmente, e a polícia não sabe como os presos, ao fugirem, já deixam a prisão levando armas e bastante munições. Há informações de que "as fugas são compradas".

Um dos integrantes da quadrilha do **Portuguesinho**, Luís Orlando Gomes, ex-soldado da PM do antigo Estado do Rio, revelou ao ser preso (acusado de participação no assalto ao Banerj), que ele mesmo confessou) que os fugitivos da Ilha Grande fazem grande assaltos para mandar dinheiro para a prisão, com o objetivo de ajudar seus companheiros. Dos Cr$ 5 milhões roubados do Banerj, disse Luís Orlando, Cr$ 400 mil foram para a Ilha Grande.

Durante os anos em que vigorou a Lei de Segurança Nacional para os assaltantes de bancos — eram julgados por Auditoria Militar — os roubos a estabelecimentos bancários diminuíram consideravelmente, a ponto de a polícia registrar apenas seis assaltos em um ano (1977). No ano passado, porém, o crime foi desclassificado da Lei de Segurança Nacional. Logo depois, ocorria a fuga de **Portuguesinho** e seu bando da Ilha Grande.

AUMENTOU

Em março de 1979, 23 assaltantes de banco fugiram da Divisão de Roubos e Furtos. A partir daí, recrudesceram os assaltos (a polícia registrou 32, com o total roubado estimado em Cr$ 22 milhões 265 mil 82). No mesmo ano, foram assaltadas 52 cadernetas de poupança, mas o total do roubo foi pequeno. Durante um assalto à agência do Banco Boavista em Bento Ribeiro, foi assassinado no ano passado o bandido Fernando Lisboa Brasil, que comandou a fuga dos ladrões da Divisão de Roubos e Furtos.

Este ano, os assaltos continuaram. A polícia registrou 14 roubos, quando foram levados Cr$ 21 milhões 993 mil 27. Houve ainda 26 assaltos a cadernetas de poupança. O Banco Itaú foi o mais visado, sendo assaltado quatro vezes. Depois, o Bamerindus e o Nacional, duas vezes cada um, e o Banerj, Bradesco, Real, Econômico, Comércio e Indústria do Rio de Janeiro e Banco Rio Grande do Sul, todos uma vez.

A incidência de assaltos passou a preocupar não só ao Departamento de Polícia Metropolitana (seu diretor, Delegado Eraldo Gomes, disse que queria saber quem assaltava os bancos), mas também o próprio Secretário de Segurança, General Edmundo Adolpho Murgel, que determinou maior rigor nas investigações.

Decidiu-se então, alterar a Resolução 129, que regula os serviços de segurança bancária. Os estudos foram realizados, concluídos e submetidos à apreciação de diversos órgãos, sendo aprovado pela Divisão de Controle de Órgãos de Sistemas e, finalmente, pelo Secretário de Segurança Pública. Vai ser publicado no **Diário Oficial** na próxima semana.

O teor da nova Resolução ainda é desconhecido, mas sabe-se que novas medidas vão ser adotadas para evitar assaltos a bancos. Entre elas, modificações na filosofia e critérios. E também novas técnicas para enfrentar os assaltantes, que a cada dia se aperfeiçoam, ao ponto de invadir os bancos com bombas, para atemorizar mais.

Poucos se utilizam do seguro contra roubos

Embora o noticiário policial indique que, a cada assalto, as importâncias levadas pelas **gangs** são expressivas, um relatório do Instituto de Resseguros do Brasil mostra uma situação bem diferente. Em 1979, as companhias seguradoras cobriram prejuízos no valor de Cr$ 9 milhões 876 mil.

Mesmo que os dados não sejam precisos, somando-se as quantias declaradas nos 32 assaltos ocorridos em 1979 chega-se a um total superior a Cr$ 22 milhões. Portanto, mais de Cr$ 12 milhões não estavam cobertos pelo seguro, o que mostra que os bancos utilizam pouco o recurso.

Apólice global

O relatório do IRB, intitulado Apurações Estatísticas sobre Operações de Seguros, mostra ainda que a cobertura de prejuízos em 77 chegou a Cr$ 1 milhão 212 mil; em 78, subiu um pouco mais: Cr$ 1 milhão 322 mil. O grande salto nos prejuízos ocorreu em 1979, quando atingiu o total de Cr$ 9 milhões 876 mil.

Os maiores conglomerados bancários do país são proprietários de seguradoras, mas a arrecadação das próprias seguradoras com prêmios — quantias pagas pelo seguro — não tem mostrado um crescimento expressivo. Em 1977, foi de Cr$ 20 milhões 854 mil; em 1978, Cr$ 40 milhões 82 mil; e, em 1979, Cr$ 52 milhões 133 mil.

Não há um seguro específico contra o assalto a banco. Existe a chamada apólice global de bancos, que inclui os mais diversos sinistros — furto, roubo (com violência), incêndio e desfalques. Segundo especialistas do mercado, esse último item é responsável pelos maiores danos. Outra explicação: as operações bancárias atingiram um excelente nível de rentabilidade, o que torna desnecessária a cobertura securitária. Cobre-se o prejuízo e declara-se que há seguro, a fim de manter a confiança do cliente inalterada.

A apólice global de bancos refere-se basicamente ao roubo e furto, permitindo ainda a cobertura adicional de fidelidade e falsificação de cheques e documentos. A cobertura do seguro é fixada pelo banco de acordo com sua necessidade, ficando a fixação da tarifa por conta da seguradora, que deve comunicar ao IRB e a SUSEP (Superintendência de Seguros Privados) o valor fixado. Para que o seguro seja feito, é imprescindível ainda que o banco se enquadre nas exigências do Decreto-lei nº 1 034, que dispõe sobre medidas de segurança para instituições bancárias.

Avião cai no mar com 33 a bordo

Miami — Um táxi-aéreo DC-3 da empresa Flórida Comuter caiu no oceano Atlântico na noite de ontem com 33 pessoas a bordo, quando fazia planos de vôo para descer no aeroporto de Free Port, Ilhas Bahamas. O aparelho procedia de Palm Beach, na Flórida.

Até o final da noite a Guarda Costeira norte-americana desenvolvia buscas mas não tinha notícias de sobreviventes. Onze corpos foram resgatados do mar e os helicópteros localizaram destroços do DC-3. As primeiras informações indicam que os 30 passageiros (três eram tripulantes) teriam fretado o avião para jogar nos cassinos de Free Port.

TESTE

Ainda na pista de Palm Beach, o aparelho apresentou defeito num dos motores, o que obrigou ao desembarque dos passageiros. Só com a tripulação foi feito um teste de decolagem simulada para verificar o estado dos motores. Como não houve problemas, os passageiros reembarcaram e o avião seguiu viagem. Devido ao mau tempo em Free Port, o pouso estava sendo feito por instrumentos, com controle da torre.

Busca a avião reúne dois mil

Belo Horizonte — Apesar da intensificação das buscas nas serras do Cipó e do Espinhaço, no Alto Jequitinhonha, numa operação que envolve mais de 2 mil homens, entre soldados da Polícia Militar e operários, além de 13 aviões e um helicóptero, até ontem a noite não havia sido encontrado o avião bimotor **Navajo**, prefixo PT-EUZ, da Construtora Tratex. O aparelho desapareceu na manhã de quinta-feira, na rota Belo Horizonte—Guanhães, com seis passageiros.

Os policiais encarregados das buscas receberam ontem várias informações falsas sobre sua localização. No avião, estavam o piloto Geraldo Lúcio de Oliveira Passos, o empresário Milton Villas Boas, da Engenharia Representações e Comércio Ltda. e ex-marido de Ângela Diniz, e os engenheiros do DER-MG Manuel Elias de Aguiar, Wady José Alan, Otacílio Barbosa de Sousa e José Afonso Gonçalves.

As buscas recomeçaram ontem, logo ao clarear do dia, mobilizando um helicóptero da FAB e 13 aviões particulares. As patrulhas terrestres, formadas por soldados dos destacamentos da Polícia Militar na região, funcionários das residências do DER-MG e operários de contrutoras, também não obtiveram sucesso. Segundo o Major Sarmento, da Base Aérea de Belo Horizonte, as buscas aéreas foram encerradas às 17h48m, ao pôr do sol, e serão reiniciadas às 7h de hoje, com um helicóptero e um avião da FAB.

Women's Club dá creche à Vila Kennedy

A comunidade de Vila Kennedy tem, desde ontem, uma creche-casulo capaz de abrigar 80 crianças, com funcionamento previsto em dois turnos e fornecimento gratuito de refeições. Construída em mutirão pelos moradores, a creche foi erguida com doações e a supervisão do **Women's Club of Rio de Janeiro**, que promoveu uma festa para a inauguração.

Na solenidade, da qual participaram membros da comunidade e associadas do **Women's Club**, entre elas, a presidente, D Doris de Pacli, a principal incentivadora da construção, D Celita Coutinho, disse, em seu discurso, que a obra "é um exemplo revigorante da participação atuante e voluntária de homens e mulheres unidos numa legítima luta: a melhoria da qualidade de vida".

PARTICIPAÇÃO

Construída num terreno ao lado da sede do Centro Comunitário Irmãos Kennedy, na Rua Sargento Miguel Filho, 371, a creche custou Cr$ 500 mil, obtidos através de doações de associadas do **Women's Club**. "Na realidade, os custos não seriam inferiores a Cr$ 1 milhão e 600 mil se não fosse a participação da comunidade, evitando os gastos com mão-de-obra", disse D Celita Coutinho.

E foi com emoção que D Doris descerrou a placa do **Women's**, ontem à tarde, doando a creche-casulo ao Centro Comunitário. São quatro salas — duas para aulas e duas para ensino profissionalizante. Segundo D Celita Coutinho, o trabalho comunitário deve ser destacado: na sede, ministram-se aulas de datilografia, corte e costura, copeiro, culinária, bordado à máquina, manicure, pedicure e pintura em tecido, além do supletivo noturno.

No ano passado, o Centro prestou assistência médica e dentária, através do seu ambulatório, a 12 mil moradores da Vila Kennedy. Mantinha, até ontem, uma outra creche com 70 crianças, fornecendo merenda escolar — repassada pela Prefeitura — suplementada com carne e frutas.

Marginais matam PM na favela

O cabo PM Israel da Silva Rocha, 35 anos, foi morto na madrugada de ontem em tiroteio com marginais na favela Baixa do Sapateiro, em Bonsucesso. O cabo, do 16º BPM, era o subcomandante do Destacamento de Policiamento Ostensivo (DPO) na favela de Nova Holanda, nas proximidades.

Israel e mais dois soldados faziam a ronda normal na favela quando depararam com várias pessoas reunidas num beco, que, sem qualquer aviso, começaram a atirar. Os policiais revidaram e feriram Luís Severino da Cruz — internado em estado grave no Hospital da Ilha do Fundão — e Antônio dos Anjos Medeiros — que está no Hospital Getúlio Vargas. Os outros marginais fugiram.

DOIS FILHOS

O cabo foi levado ainda com vida para o Hospital Getúlio Vargas, mas morreu quando era operado. Era casado, tinha dois filhos e morava na Rua Victor Fronde s/nº, apartamento 401, Fazenda Botafogo, em Acari. Estava há 13 anos na Polícia Militar. Será sepultado às 11h de hoje no cemitério Jardim da Saudade.

Soldados foram enviados à favela Baixa do Sapateiro para tentar prender os marginais que escaparam, no que foram auxiliados por policiais do 21º DP. Detiveram várias pessoas para averiguação, mas não encontraram nenhum dos bandidos.

Mãe ameaça matar as 4 filhas

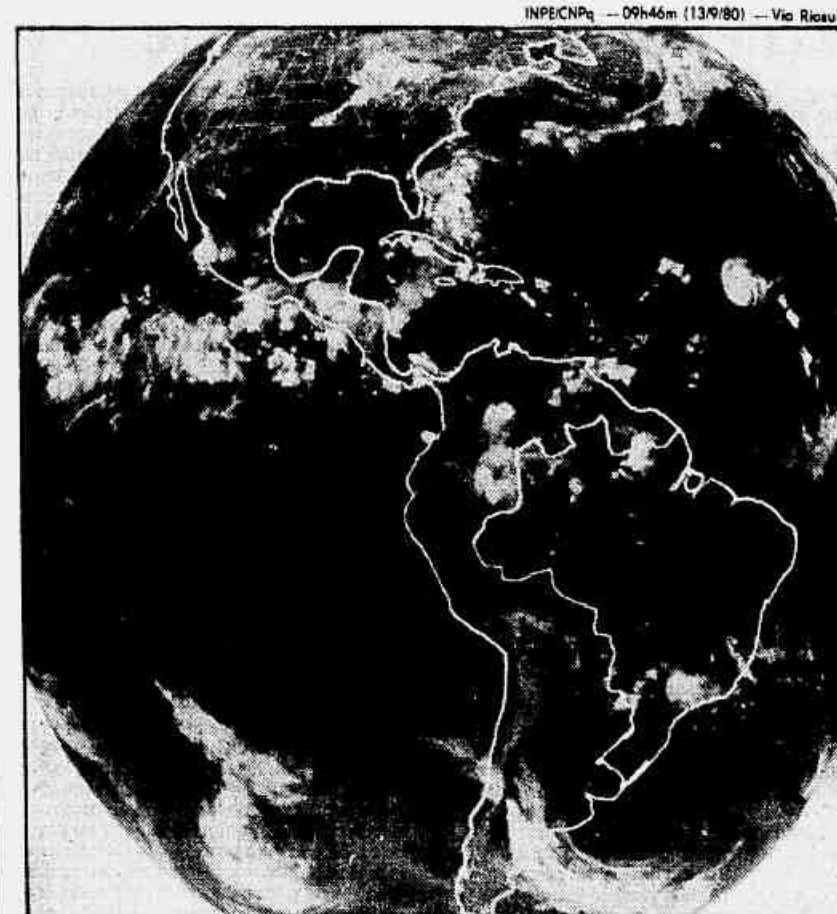
Vitória — Com quatro filhas menores, Maria Alves do Carmo, 28 anos, procurou ontem o jornal **A Tribuna** para implorar que pusessem um anúncio que levasse alguma família a adotar as crianças. Disse que se não encontrar quem fique com elas vai matá-las, pois não tem condições de sustentá-las e o marido está preso.

Caso semelhante ocorreu recentemente nesta Capital, quando o casal Valdecir Álvaro dos Santos e Genilda de Oliveira do Rosário, ainda foragido, matou a filha porque não tinha meios de alimentá-la. Maria disse que há muito vem procurando quem fique com suas filhas, mas até agora não conseguiu ninguém.

Prêmio da Federal é para 65 551

O primeiro prêmio da extração da Loteria Federal de ontem, no valor de Cr$ 4 milhões, saiu para o bilhete nº 65 551. O segundo prêmio, de Cr$ 500 mil, para o bilhete nº 30 531; o terceiro, de Cr$ 300 mil, para o bilhete nº 09 626; o quarto, de Cr$ 200 mil, para o bilhete nº 18 685; e o quinto, de Cr$ 120 mil, para o bilhete nº 11 151.

Tempo

INPE/CNPq — 09h46m (13/9/80) — Via Ricsat

Uma área branca bem definida está sobre o oceano Atlântico, na posição 18 graus de latitude Norte e 42 graus de longitude Oeste, indicando nebulosidade e chuvas associadas a um ciclone tropical.

Uma frente fria com pouca atividade está no litoral Sul da Bahia, ondulando como quente, pelo Espírito Santo, Rio de Janeiro, interior de Minas, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Uma nova frente fria está localizada no Sul da Argentina, na altura de Baia Blanca.

As imagens do satélite meteorológico SMS são recebidas diariamente pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE/CNPq), em São José dos Campos (SP), transmitidas em infravermelho. As áreas brancas indicam temperaturas baixas e as áreas pretas, temperaturas elevadas.

Conhecendo-se a temperatura das áreas brancas e das áreas pretas, pode-se, com uma escala cromática, determinar as temperaturas da superfície da Terra, das massas de ar e do topo das nuvens.

NO RIO

Nublado com instabilidade ocasional no início do período. Ventos: Sul a Sudeste fracos. Temperatura estável. Máx: 28.7, em Bangu; mín: 17.2, no Alto da Boa Vista.

O SOL

Nascer:	05h49m
Ocaso:	17h47m

AS CHUVAS

PRECIPITAÇÃO (mm)

Últimas 24 horas	0.2
Acumulada este mês	26.9
Normal mensal	74.0
Acumulada este ano	503.7
Normal anual	1075.8

O MAR

Marés

Rio/Niterói — Preamar: 00h16m/0.5m, 12h48m/0.5m e 21h47m/0.6m. Baixamar: 05h08m/1.2m e 17h21m/1.1m. **Angra dos Reis** — Preamar: 00h00m/0.5m; 12h16m/0.4m e 21h43m/0.5m. Baixamar: 04h22m/1.2m e 16h38m/1.1m. **Cabo Frio** — Preamar: 04h55m/1.1m e 17h00m/1.0m. Baixamar: 11h25m/0.4m e 23h36/0.3m.

Temperaturas

Dentro da baía:	21
Fora da barra:	21
Mar calmo	
Corrente: Leste para Sul	

A LUA

Fase	Data
CRESCENTE	17/9
CHEIA	24/9
MINGUANTE	1/10
NOVA	9/10

NOS ESTADOS

Amazonas — Nublado com chuvas esparsas ao Norte. Demais regiões parcialmente nublado a nublado. Temperatura estável. Máxima: 32.1; mín: 22.1. **Acre/Rondônia** — Claro e parcialmente nublado. Temperatura estável. **Pará** — Nublado com chuvas na Foz do Rio Amazonas. Parcialmente nublado nas demais regiões. Temperatura estável. Máx: 31.4; mín: 22.2. **Piauí/Maranhão/Ceará/Rio Grande do Norte** — Claro a parcialmente nublado. Temperatura estável. Máx: 36; mín: 25. **Amapá** — Parcialmente nublado a nublado sujeito a chuvas esparsas. Temperatura estável. Máx: 32.5; mín: 24.7. **Paraíba/Pernambuco/Alagoas/Sergipe/Bahia** — Parcialmente nublado a nublado com chuvas ocasionais no litoral. Parcialmente nublado no interior. Temperatura estável. Máx: 28; mín: 20.4. **Mato Grosso** — Claro a parcialmente nublado. Temperatura estável. Máx: 36.4; mín: 22.5. **Mato Grosso do Sul** — Nublado ainda sujeito a chuvas no CentroSul do Estado. Temperatura estável. Máx: 23; mín: 19. **Roraima** — Nublado com chuvas esparsas. Temperatura estável. **Goiás** — Claro a parcialmente nublado com névoa seca, temperatura estável. Máx: 32.8; mín: 17.8. **Brasília** — Claro a parcialmente nublado com névoa seca. Temperatura estável. Máx: 28; mín: 15. **Minas Gerais** — Nublado ainda sujeito a chuvas no Sul melhorando no decorrer do período. Demais regiões nublado. Temperatura estável. Máx: 24.8; mín: 16.4. **Espírito Santo** — Nublado ainda sujeito à instabilidade principalmente no litoral. Temperatura estável. Máx: 27.1; mín: 20. **São Paulo** — Encoberto ainda sujeito a chuvas esparsas principalmente no litoral. Temperatura estável. Máx: 20.2; mín: 15.4. **Paraná** — Encoberto ainda sujeito a chuvas esparsas melhorando no período. Temperatura estável. Máx: 19.1; mín: 11.8. **Santa Catarina** — Claro a parcialmente nublado. Temperatura em elevação. Máx: 20.9; mín: 16.9. **Rio Grande do Sul** — Parcialmente nublado a nublado, passando a instável com chuvas no Sul. Nublado sujeito a chuvas nas demais regiões. Temperatura estável. Máx: 29.3; mín: 15.8.

NO MUNDO

Amsterdã, 16, encoberto; **Assunção**, 22, encoberto; **Atenas**, 27, claro; **Beirute**, 28, claro; **Berlim**, 14, tempestade; **Bruxelas**, 15, encoberto; **Buenos Aires**, 19, claro; **Cairo**, 30, claro; **Chicago**, 14, claro; **Copenhague**, 14, chuva; **Estocolmo**, 16, nublado; **Genebra**, 19, claro; **Lima**, 16, chuvisco; **Lisboa**, 27, claro; **Londres**, 18, encoberto; **Los Angeles**, 19, neblina; **Madri**, 30, claro; **Miami**, 28, encoberto; **Montevidéu**, 15, claro; **Moscou**, 15, nublado; **Nova Iorque**, 23, chuvisco; **Paris**, 19, encoberto; **Pequim**, 20, nublado; **Roma**, 26, claro; **Sófia**, 22, claro; **Tóquio**, 25, claro; **Toronto**, 13, encoberto; **Varsóvia**, 16, chuva; **Washington**, 24, claro.

Artilharia comemora o 1º tiro

O 21º Grupo de Artilharia de Campanha comemora dia 16, às 13h30m, o 36º aniversário do primeiro tiro disparado pela artilharia brasileira na Itália, junto ao Monte Bastione, onde os pracinhas enfrentaram as primeiras tropas inimigas. A data é recordada todos os anos no quartel da Avenida Bartolomeu de Gusmão 585, em São Cristóvão, onde o Cabo Adão Silva dispara um canhão de 105 milímetros, como fez na Itália no dia 16 de setembro de 1942. A solenidade contará com a presença do Comandante do I Exército, Gentil Marcondes Filho, Marechal Cordeiro de Farias, e outras autoridades civis e militares.

Caribou, irmão de African Boy, vence na estréia

Caribou, irmão inteiro de African Boy — Felício em Lisellote — de criação e propriedade dos Haras São José e Expedictus, ganhou com muita autoridade em sua primeira atuação, na segunda carreira da prorrogação, em 1 mil 300 metros, pista de areia, que se encontrava úmida. Caribou levou a direção do bridão chileno Gabriel Meneses, que em momento algum precisou exigir todas as reservas do corredor, que deixou na segunda colocação Sinister, dirigido por Talvane Barcellos Pereira. Farec, inscrito na corrida noturna de segunda-feira, não será apresentado, em virtude de ter se machucado na cocheira do treinador Carlos Adelino Morgado.

Resultados

1º PÁREO — 1300 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 95.000,00

1º	Galbar, E. Ferreira	55	3,50	12	4,30
2º	Superavit, A. Oliveira	56	1,90	13	3,10
3º	O'Brien, J. Ricardo	55	2,70	14	4,30
4º	Nougat, E. Freire	54	18,80	22	24,90
5º	Elomar, J. Escobar	55	5,80	23	4,70
6º	Tujubá, G. F. Almeida	55	29,10	24	4,70
7º	Billon, J. Pinto	56	11,00	33	30,10

Dif. — Pescoço e 3/4 de corpo — Tempo — 1'21" — venc. — (2) 3,50 — Dup (12) 4,30 — placê — (2) 2,00 e (1) 1,50 — Mov. do páreo Cr$ 905.400,00 CALBER — M. C. 3 anos — RS — Albor e Sanca — criador — Haras São Clemente — Propr. — Stud América — Treinador — A. Araújo.

2º PÁREO — 1300 metros — Pista — AU — Prêmio Cr$ 95.000,00.

1º	Caribou, G. Meneses	56	1,30	11	76,40
2º	Sinister, T. B. Pereira	56	7,50	12	13,00
3º	Magabaro, A. Oliveira	56	8,20	13	17,20
4º	Que Sueño, A. Abreu	56	8,40	14	3,80
5º	Flower Spring, G. Alves	56	5,29	22	53,00
6º	Virtuoso, R. Macedo	56	8,40	23	7,60
7º	Beau Ardan, J. Malta	56	14,90	24	3,00
8º	Ellihas, J. Ricardo	56	19,70	33	22,90
9º	Batinho, G. F. Almeida	56	24,40	34	2,20
10º	Lord Bank, F. Araújo	50	19,00	44	8,80

N/C. CLEMENSEAU. — DUPLA EXATA (10-06) Cr$ 9,00 — DIF — 1 1/2 e 3 corpos — Tempo — 1'21"4 — venc. — 10) 1,30 — Dup. — (34) 2,20 — pl (10) 1,10 e (6) 2,10 — Mov. do páreo Cr$ 1.373.600,00. CARIBOU — C. — 3 anos — SP — Felício e Liselotte — criador e Propr. — Haras José e Expedictus — Treinador — F. Saraiva.

3º PÁREO — 1200 metros — Pista — AU — Prêmio Cr$ 85.000,00. (PROVA ESPECIAL)

1º	Barra Barreta, G. F. Almeida	54	5,10	12	2,70
2º	Brigitta, G. Meneses	57	2,10	13	4,20
3º	Ully, J. Escobar	54	4,10	14	3,90
4º	Salteada, E. Ferreira	53	12,70	22	15,10
5º	Hitty Hoo, A. Ramos	54	3,70	23	5,90
6º	Ilang, J. Ricardo	58	6,50	24	6,10
7º	Mandona, J. F. Fraga	55	10,00	33	24,20

N/C BARBARINA.
Dif. — vários e 1/2 corpo — Tempo — 1'14"3 — venc. — (2) 5,10 — Dup. — (12) 2,70 — placê — (2) 2,60 e (1) 1,50 — Mov. do páreo Cr$ 1.589.100,00. BARRA BARRETA — F. C. 4 anos — RS — Kamel e Grand Girl criador — Haras Santa Ana do Rio Grande — Propr — Stud Seguro — Treinador — A. Palm Fº

4º PÁREO — 1500 metros — Pista — AU — Prêmio Cr$ 85.000,00.

1º	Olden Times, J. Pinto	55	10,60	11	85,40
2º	Uci, G. F. Almeida	53	1,60	12	20,00
3º	Cahill, J. Ricardo	54	3,10	13	5,70
4º	Degallium, F. Silva	58	10,30	14	20,30
5º	Bi-Cobalt, J. Malta	52	12,80	22	57,60
6º	Meluza, E. R. Ferreira	54	10,30	23	4,20
7º	Cadenciado, T. B. Pereira	52	3,20	24	11,60

N/C BAHRUSCH.
Dif. — 2 corpos e 2 corpos — Tempo — 1'34" — venc. — (2) 10,60 — Dup. — (23) 4,20 — placê — (2) 3,10 e (4) 1,30 — Mov. do páreo Cr$ 1.514.470,00. OLDEN TIMES — M. C. 5 anos — PR — Sillage e Jala — criador — Haras H. Oliva — Propr. — Stud Vidlon — Treinador — P. Morgado.

5º PÁREO — 1600 metros — Pista — GU — Prêmio Cr$ 250.000,00 (DIA DO ADMINISTRADOR — PROVA EXTRAORDINÁRIA DE LEILÃO)

1º	Cabochon, W. Costa	55	1,70	11	14,70
2º	Crackshot, F. Pereira	56	2,80	12	2,20
3º	Pert, A. Oliveira	56	13,70	13	5,00
4º	Em Kifalá, J. Malta	52	20,70	14	11,50
5º	Hitter, J. Ricardo	56	7,10	22	9,40
6º	Hurdler, J. Pinto	56	8,60	23	5,30
7º	Caimão, G. Meneses	56	2,80	24	3,60
8º	Quinn, G. F. Almeida	56	22,30	33	25,50
9º	Randon, J. M. Silva	56	7,20	34	17,60

Dif. — 3 corpos e 1/2 corpo — Tempo — 1'37" — venc. — (2) 1,70 — Dup. (12) 2,20 — placê — (2) 1,10 e (1) 1,10 — Mov. do páreo Cr$ 2.069.250,00. CABOCHON — M. C. 3 anos — SP — Kublai Khan e Pavane — criador Haras São José e Expedictus — Propr. — Stud Hudson — Treinador — J. A. Limeira.

6º PÁREO — 1000 metros — Pista — AU — Prêmio Cr$ 78.000,00.

1º	Any-Sin, R. Carmo	57	4,30	11	17,20
2º	Aiuiamirim, J. F. Fraga	57	16,70	12	9,00
3º	Bali Hai, E. Ferreira	57	2,10	13	3,80
4º	Miss Ojiga, C. Morgado	57	5,00	14	5,30
5º	Bariska, F. Lemos	57	9,50	22	42,60
6º	Lady-Lady, D. F. Graça	55	4,30	23	4,20
7º	Giabilu, J. Ferreira	54	9,20	24	8,50
8º	Koraba, T. B. Pereira	57	15,30	33	9,70
9º	Beware, F. Araújo	54	38,00	34	3,00
10º	Gay Eyes, J. Ricardo	57	7,00	44	14,5[illegible]
11º	Zingaresco, C. Xavier	57	40,50		
12º	Dodoya, E. B. Queiroz	57	29,10		
13º	Halurica, A. Ramos	57	37,00		

DUPLA EXATA (01-05) Cr$ 100,20 — DIF — pescoço e 1 corpo — Tempo — 1'03"4 — venc. — (1) 4,30 — Dup. — (12) 9,00 — placê — (1) 3,20 e (5) 7,90 — Mov. do páreo Cr$ 2.031.650,00. ANY-SIN — F. C. 4 anos — RS — Sin Olvido e Melange — criador e Propr. — Haras Capela de Santana — Treinador — J. Marchant.

7º PÁREO — 1600 metros — Pista — AU — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º	El Mercurio, J. Malta	56	3,40	11	8,40
2º	Vol-au-Vent, E. Freire	57	5,10	12	6,40
3º	Blu, G. Meneses	57	6,50	13	9,20
4º	Bas-Fond, G. Alves	58	10,90	14	2,60
5º	Trifle, A. P. Souza	52	7,10	22	18,80
6º	Aducon, J. Ricardo	55	7,10	23	9,70
7º	Tambi, G. F. Almeida	54	7,30	24	4,80
8º	Shelby, J. Ferreira	52	2,20	33	48,80
9º	Rueck, E. R. Ferreira	58	19,60	34	4,80

Dif. — vários corpos e paleta — Tempo — 1'40"1 — venc. — (1) 3,40 — Dup. — (14) 2,60 — placê — (1) 2,00 e (7) 2,10 — Mov. do páreo Cr$ 2.130.400,00 EL MERCURIO — M. A. 5 anos — SP — Adônio e Estileta — criador — Haras Itaguaçu — Propr. — Stud Anuska — Treinador — A. P. Silva.

8º PÁREO — 1200 metros — Pista — AU — Prêmio Cr$ 58.000,00

1º	Gororoba, A. P. Souza	50	1,90	11	34,60
2º	Ibitioca, J. Ricardo	55	2,10	12	18,70
3º	Mixórdia, C. Valgas	56	5,20	13	5,10
4º	Origine, J. Ferreira	51	5,20	14	3,40
5º	Reta, J. R. Oliveira	56	8,60	22	55,30
6º	Elange, E. Santos	51	17,20	23	9,80
7º	Xabanga, Jz. Garcia	58	10,50	24	8,90
8º	Taiaia, D. Guignoni	55	10,50	33	18,40
9º	Praça de Maio, R. Marques	55	15,20	34	2,30

Dif. — 1 corpo e 2 corpos — Tempo — 1'17"2 — venc. — (3) 1,90 Dup. — (34) 2,30 — placê — (3) 1,30 e (7) 1,30 — Mov. do páreo Cr$ 1.913.550,00. GORORÓBA — F. C. 6 anos — RS — Goias e Caracalina — criador — Haras da Figueira — Propr. — Paulo Salas — Treinador — J. Silva.

9º PÁREO — 1.000 metros — Pista — NU — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º	Flower Doll, R. Marques	58	6,20	11	38,50
2º	Iania, J. Ferreira	55	15,40	12	5,30
3º	Floriade, G. Alves	58	3,60	13	5,20
4º	Naughty Girl, A. Ramos	58	17,00	14	19,20
5º	Coroado Skiddy, J. Ricardo	58	4,50	22	4,20
6º	Model, E. R. Ferreira	58	8,20	23	2,20
7º	Tinhosa, P. Vignolas	57	18,80	24	7,40
8º	Amendoeira, J. Pinto	58	2,90	33	18,00
9º	Epífora, H. Cunha	58	41,80	34	8,10
10º	Aroeira, M. Peres	58	26,00	44	28,00
11º	Jacometta, C. Amestely	58	7,10		

Dif. — 2 corpos e 2 corpos — Tempo — 1'04"2 — venc. — (1) 6. Dup. — (14) 19,20 — placê — (1) 4,00 e (11) 9,10 — Mov. do páreo 2.011.050,00. FLOWER DOLL — F. C. 5 anos — SP — Bandar e Flora Bacriador e Propr. — Haras Santos Eduardo — Treinador — R. Marques.

10º PÁREO — 1.600 metros — Pista — NU — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º	Baleine, G. Alves	56	3,00	11	49,10
2º	Colaborador, J. Ricardo	56	5,50	12	5,60
3º	El Caramelo, P. Vignolas	55	61,70	13	5,60
4º	Vida Boa, R. Macedo	55	3,50	14	17,20
5º	Anatóv, C. Morgado	55	24,20	22	7,20
6º	Fankaro, J. Pinto	56	3,20	23	2,30
7º	Light as Air, T. B. Pereira	56	3,00	24	4,90
8º	Bondjar, A. Oliveira	56	3,90	33	4,90
9º	Calovodes, D. Neto	28,60	34	12,20	
10º	Miss Encerramento, A. P. Souza	50	39,70	44	64,90
11º	Anfitrião, C. Amestely	56	31,80		

DUPLA EXATA (04-02) Cr$ 45,10 — DIF. 3 corpos e vários corpos Tem 1'42" — venc. — (4) 3,00 — Dup. — (12) 5,60 — placê — (4) 2,20 (2) 2,40 — Mov. do páreo Crp 1.861.750,00. BALEINE M. A. 5 RJ — I Say e Lingfiel — criador — Haras São Luiz — Propr. — Lu Paulo Fragoso Pires — Treinador — S. Morales.

APOSTAS Cr$ 20.506.915,00 — PORTÕES Cr$

Aron corre com poucas possibilidades de vencer

Fotos de José Camilo da Silva

Tuyupins tenta no clássico de hoje se recuperar da má corrida no Grande Prêmio Major Suckow

Tuyupins e Dobrão decidem o clássico

O ligeiro alazão Tuyupins aparece como o principal nome da carreira mais importante desta semana no Hipódromo da Gávea, o clássico Adhemar de Farias, no quilômetro, em pista de grama, com a dotação de Cr$ 200 mil ao proprietário do vencedor. O paulista Dobrão, que correu melhor em Cidade Jardim, e Vasador, que vem de derrota inexplicável são outros nomes perigosos na carreira.

Páreo a páreo

1º Páreo: *Apesar da distância um pouco curta, 1 mil 300 metros, Careless Love aparece em boas condições de vencer a prova. Haik, de volta à pista de areia, aparece como a sua maior rival. Chance ainda para Vissage. Num nível mais baixo, pode ser lembrada Very Orbit.*

2º Páreo: *Quatro competidoras aparentemente têm algum destaque nessa carreira muito equilibrada. Xandoquinha, Barasha, Big Passion e Bless My Star, todas com muitas possibilidades de vitória. Mesmo no quilômetro, Big Passion pode levar a melhor sobre Bless My Star e Xandoquinha.*

3º Páreo: *De volta à sua verdadeira turma, Abala tem grandes condições de vencer, bastando que repita sua penúltima atuação. Last Arrow é um rival muito perigoso. Ainda com possibilidades de figurar aparecem Lança-Perfume e Devilish Khan, num páreo equilibrado.*

4º Páreo: *Uma análise fria do retrospecto obrigaria a marcar Pyllatos, mas como seu segundo lugar se deu em condições extraordinárias (teve um páreo completamente favorável, correndo sempre na frente com três corpos), pode ser que agora, se for guerreado na frente, ele corra menos. Jamur, com bom retrospecto na grama de São Paulo, é o melhor nome. A seguir Talando e Dalcino.*

Bocherini venceu as duas últimas e participa de seu primeiro GP

5º Páreo: *Por suas últimas apresentações, Tuyupins deve ser considerado como a força dessa carreira. Dobrão, que mostrou melhoras em seu padrão de carreira, aparece como o maior candidato à dupla. Vasador, melhor corrido, pode confirmar a corrida do Suckow e chegar lutando pela colocação principal.*

6º Páreo: *o franco retrospecto do páreo é o tordilho Vallon que pode ser o vencedor agora, mas não será surpresa se perder novamente. Xis Crack, melhor na pista de grama, Valdo, com filiação para grama, e Moraes Rosé são outros nomes perigosos na prova.*

7º Páreo: *Melhor colocado na distância e mais aguerrido, Petizo tem boas condições de vencer essa carreira sobre o provável favorito Broncho Billy, que vem de dois segundos lugares. Num nível mais baixo aparecem o estreante Bonano, Able To Run e Trajan.*

8º Páreo: *Uma prova onde o baixo nível técnico dos concorrentes dá uma característica de equilíbrio. Al Pique, voltando de Campos com campanha regular, parece ser o melhor nome. Operador, que correu muito bem na última, aparece como seu maior rival. Chance ainda para Quemandeur, Menilmontant e Narlo.*

9º Páreo: *Jaroslav Skaia foi corrida com precipitação na última e agora com um aprendiz mais experiente, J. Ferreira, pode ser mais poupada e vencer. Maria Carmem, que também correu bem, é outra candidata muito perigosa. Ainda com possibilidades Cerva e Good Story.*

10º Páreo: *Estimado Amigo volta em turma muito fraca e em condições das melhores de lutar pela vitória. Geller, vindo de uma série de boas corridas aparece como o seu maior rival. Oxiquito e Lagos também têm possibilidades.*

No Handicap, Abala é a melhor indicação

1º PÁREO — às 14h00 — 1300 metros — Yard — 1m18s 3/5 — (Areia)

1—1	Haik, J. Malta	1	55	2º (9) Salteada e Sumaré	1300	AL	1m21s2	A. P. Silva
2—2	Cleobela, J. Ferreira	2	56	11º (14) C. D'Oeuvre e Valley Of Princess	1300	AU	1m23s1	N. P. Gomes Fº
3	Kannabis, U. Meireles	3	55	9º (12) G. Mare e Cordoda (CJ)	1300	GL	1m18s2	W. Meirelles
3—4	Tipica, J. Pinto	4	55	1º (15) Sulista e Jaicaster	1100	NP	1m09s4	S. Morales
5	Careles Love, G. Meneses	5	55	2º (7) Vat e Decolette	1600	GU	1m36s3	F. Saraiva
4—6	Very Orbit, G. F. Almeida	6	55	4º (9) Salteada e Haik	1300	AL	1m21s2	W. Aliano
7	Vissage, J. Ricardo	7	56	3º (14) C. D'Oeuvre e V. of Princess	1300	AU	1m23s1	W. Penelas

2º PÁREO — às 14h30 — 1000 metros — Solylux — 56s2/5 — (Grama) DUPLA EXATA

1—1	Xandoquinha, E. Marinho	1	57	2º (8) News e Kimber	1100	AL	1m09s	G. Ulloa
2	Bivertida, G. F. Almeida	2	57	6º (8) Erlanka e Dama Sinistra	1200	NL	1m16s3	W. Aliano
3	Barasha, R. Macedo	3	57	8º (11) Retilho e Sallamah	1100	NL	1m02s3	I. C. Barioni
2—4	Layuca, R. Freire	4	57	11º (11) Bela Strega e Xandoquinha	1000	NP	1m04s2	I. Amaral
5	Big Passion, J. Pinto	5	57	2º (9) Ussage e Kismet	1400	GU	1m24s3	Z. D. Guedes
"	Full Girl, J. Ferreira	7	57	7º (8) Raramente e Ustion	1200	NP	1m16s	Z. D. Guedes
3—6	Bless My Star, G. Meneses	6	57	1º (10) Fiule e Sabia Laranjeiras	1200	NL	1m15s2	F. Saraiva
7	West Bird, A. Ramos	8	55	1º (8) Kimber e Bizaria	1000	NP	1m02s1	F. Madalena
8	Miss Bruleur, J. Ricardo	9	57	3º (8) Samayana e Klaus	1300	NL	1m22s1	P. Morgado
4—9	Happy Climax, C. Xavier	10	57	7º (11) Bela Strega e Xandoquinha	1000	NP	1m04s2	R. Morgado
10	Sambarella, F. Araujo	11	57	10º (11) Bela Strega e Xandoquinha	1000	NP	1m04s2	S. M. Almeida
11	Lagoa do Abaete, A. Ferreira	12	57	5º (8) Samayana e Klaus	1300	NL	1m22s1	S. França

3º PÁREO — às 15h00 — 2400 metros — Lohengri — 2m25s 1/5 (Grama) 6º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE — HANDICAP EXTRAORDINÁRIO

1—1	Lança Perfume, G. Alves	1	58	6º (10) Artung e Mathc Point Again	2100	NU	2m14s2	S. Morales
2—2	Abala, G. Meneses	2	53	9º (13) Big Chief e Elais	2000	GL	2m01s1	A. Morales
3—3	Devilish Khan, J. Mendes	3	50	2º (5) Ornarello e King Braza	2000	GU	2m01s4	R. Costa
4—4	Last Arrow, G. F. Almeida	4	53	3º (6) El Tatan e Abala	2400	GL	2m27s3	L. Acunã
5	Estearol, J. Ricardo	5	56	3º (6) Bambur e Bauc	1600	NL	1m42s	S. Morales

4º PÁREO — às 15h30 — 1000 metros — Solylux — 56s 2/5 — (Grama) 7º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE — INÍCIO DO CONCURSO DE 7 PONTOS

1—1	Pyllatos, F. Silva	1	57	2º (11) F. D'Enfre e Dalcino	1200	NL	1m14s	H. Cunha
"	Viva-Vida, J. Mendes	3	56	11º (11) Joeiro e Talanco	1300	NL	1m21s2	S. França
"	Rokatan, R. Marques	5	57	6º (11) F. D' Enfre e Pyllatos	1200	NL	1m14s	S. França
2—2	Great Bliss, J. Escobar	2	56	6º (11) Joeiro e Talanco	1300	NL	1m21s2	J. B. Silva
3	Yrhalla, E. R. Ferreira	4	57	7º (9) Sarrazani e Renapo	1200	NP	1m15s	J. Coutinho
3—4	Dashing Gal, G. Meneses	6	55	3º (8) Tangência e Queen Beatriz	1000	GL	1m00s2	S. P. Gomes
5	Jamur, C. Valgas	7	56	12º (12) Escudo Real e G. Doodle	1000	NU	1m03s2	O. J. M. Dias
6	Florero, J. R. Oliveira	8	55	8º (8) Amboré e Rei da Noite	1500	GL	1m31s3	J. Pedro Fº
4—7	Talanco, P. Rocha Fº	9	56	2º (11) Joeiro e Resquier	1300	NL	1m21s2	C. Rosa
8	Laço Firme, J. Garcia	10	57	11º (11) F. D'Enfre e Pyllatos	1200	NL	1m14s	A. V. Neves
9	Dalcino, J. Ricardo	11	58	3º (11) F. D'Enfre e Pyllatos	1200	NL	1m14s	F. Abreu

5º PÁREO — às 16h00 — 1000 metros — Solylux — 56s 2/5 — (Grama) GRANDE PRÊMIO ADHEMAR DE FARIA — 8º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1	Vasador, J. Pinto	1	59	2º (6) Tuareg e Aciano	1200	NP	1m15s2	Z. D. Guedes
2	Tuyupins, J. M. Silva	2	59	1º (6) Gucci e Aron	1000	GL	56s4	S. Morales
"	Eglefim, G. Alves	11	54	6º (7) Barter e Albernoz	1300	AL	1m19s2	S. Morales
2—3	Aron, J. Ricardo	3	59	3º (6) Tuyupins e Gucci	1000	GL	56s4	I. C. Barioni
"	Boccherini, W. Costa	8	59	1º (8) Argozal e Up Royal	1200	NL	1m15s4	I. C. Barioni
4	Maina, F. Pereira Fº	4	57	1º (7) Lady First e Oitentinha	1000	GL	58s	A. Vieira
3—5	Dobrão, G. Meneses	5	59	9º (11) Haffers e Evolution (CJ)	1000	GL	55s2	W. Garcia
6	Gucci, G. F. Almeida	6	59	2º (6) Tuyupins e Aron	1000	GL	56s4	G. Feijó
4—7	Tutankon, T. B. Pereira	7	59	5º (9) Gucci e Tuyupins	1000	AU	1m00s4	G. Feijó
8	Totsu, F. Esteves	9	54	1º (8) Escala e Yasser	1200	NL	1m14s1	W. Aliano
9	Cognac, E. Ferreira	10	59	1º (7) Tom Sawyer e B. Skiddy	1000	NL	1m00s3	R. Tripodi

6º PÁREO — às 16h30 — 1300 metros — Caroatá — 1m15s 4/5 — (Grama)

1—1	Xis Crack, J. Escobar	1	56	7º (10) Docker e Vallon	1200	AU	1m15s	W. Aliano
2	Petit Parisien, J. Ricardo	2	55	12º (12) Goblin e Skopelos	1600	AU	1m14s2	R. Nahid
"	Clivers, J. Ricardo	7	55	8º (10) Docker e Vallon	1200	AU	1m15s	R. Nahid
"	Bando, A. Ramos	15	55	8º (9) Decálogo e Skopelos	1600	NL	1m43s1	R. Nahid
2—3	Súdito, J. Malta	3	58	10º (10) Docker e Vallon	1200	AU	1m15s	A. Hadecker
4	Valdo, J. Mendes	4	56	4º (10) Varlandi e Voigier	1600	AL	1m41s	S. França
5	Guitarrista, E. R. Ferreira	5	55	4º (10) Docker e Vallon	1200	AU	1m15s	G. Ulloa
"	Simão, G. F. Almeida	10	54	6º (7) Tamarana e Embalador (CP)	1600	NP	1m51s	A. Orciuoli
3—6	Marcolino, R. Marques	6	55	8º (12) Odynerus e Inscrito	1300	NP	1m21s4	P. Duranti
7	Sotor, R. Freire	8	55	1º (12) Saint Soleil e King Blue	1300	GL	1m19s2	A. Vieira
8	Saint Soleil, E. B. Queiroz	9	55	1º (9) Zosimus e Fabino	1000	NL	1m02s4	O. Cardoso
4—9	Vallon, E. Ferreira	11	57	2º (1) Docker e Edgard	1200	AU	1m15s	F. Saraiva
10	Kama, J. F. Fraga	12	55	1º (12) Ephessos e King Blue	1200	NP	1m16s	J. L. Pedroso
11	Moraes Rose, C. Amestely	13	57	6º (12) Futurosa e Rei Mago	1100	NL	1m08s4	S. Morales
12	Fanvil, J. Ferreira	14	55	6º (6) Sois de Bolongne e Michel (CP)	1000	NL	1m04s1	B. Silva

7º PÁREO — Às 17h00 — 1300 metros — Caroatá — 1m15s 4/5 — (Grama) 10º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1	Broncho Billy, G. Menezes	1	56	2º (8) Lucrativo e Petiza	1500	GL	1m30s4	W. O. Valgas
2	Bonano, J. Pinto	2	56	9º (14) Douss e King of King (CJ)	1400	AU	1m29s4	E. Coutinho
3	Adorado, A. Oliveira	3	56	10º (13) Flamar e Standar	1300	NL	1m22s3	J. Pedro Fº
2—4	Petizo, J. Ricardo	4	56	3º (8) Lucrativo e B. Billy	1500	GL	1m30s4	Z. D. Guedes
5	Able To Run, R. Macedo	5	56	2º (10) Great Deed e Lord Black	1200	NL	1m15s2	G. Feijó
"	Occitan, A. Abreu	7	56	Estreante	Estreante G. Feijó			
3—6	Furore, P. Vignolas	6	56	9º (9) Barter e Humboldt	1100	NU	1m08s3	S. P. Gomes
7	Vingo, A. Ramos	8	56	12º (13) Cedron e Virtuoso	1400	GP	1m27s4	R. Tripodi
4—8	Trajan, G. F. Almeida	9	56	4º (11) Exemple e Cajou	1000	NL	1m03s	G. L. Ferreira
9	Ialer, G. Alves	10	56	14º (16) Latex e Cyrille	1100	NP	1m09s4	S. Morales
10	Off-Side, J. Mendes	11	56	Estreante	Estreante F. Abreu			

8º PÁREO — Às 17h30 — 1600 metros — Farinelli — 1m37s 2/5 — (Areia) 11º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1	Al Pique, G. Meneses	1	57	4º (9) D. Secret e F. Spring (CP)	1100	NL	1m10s2	C. I. P. Nunes
	Menilmontant, G. F. Almeida	2	57	5º (10) Ubim e Charo	1300	NL	1m22s4	O. M. Fernandes
2—3	Operador, C. Amestely	3	57	3º (17) Busilis e Assomado	1300	GL	1m19s	A. Ricardo
4	Judge Himes, J. Malta	4	57	10º (10) Digola e Esaro	1200	NP	1m15s4	A. P. Silva
3—5	Geraid, A. Ramos	5	57	2º (6) Revuelta e Sagaris	1600	GL	1m38s3	G. L. Ferreira
6	Quemandeur, J. Escobar	6	57	9º (9) Pinstar e Tulo	1400	GL	1m24s4	E. Cardoso
4—7	Narlo, J. Ricardo	7	57	4º (8) Lagos e El Chris	1500	AP	1m34s	R. Tripodi
8	Mirão, J. F. Fraga	8	57	5º (10) Irlile Light e Hraduvá	1200	NP	1m15s2	W. Pedersen
9	Badour, J. Pinto	9	57	14º (17) Busilis e Assomado	1300	GL	1m19s	J. B. Silva

9º PÁREO — às 18h00 — 1000 metros — Recorde Tom Sawyer — 1m00s — (Areia) 12º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1	Maria Carmen, J. C. Castillo	1	56	3º (7) Duinha e Jaroslav-Skaia	1200	NL	1m16s	R. Morgado
"	Good Story, M. Vaz	7	58	12º (15) Lady Girl e Sgaliata (CJ)	1300	GL	1m20s1	R. Morgado
2—2	Jaroslav-Skaia, J. Ferreira	2	57	2º (7) Duinha e Maria Carmen	1200	NL	1m16s	A. A. Silva
3	Talanda, A. Oliveira	3	57	7º (7) Aristareta e La Noticia	1200	GL	1m13s	M. Sales
3—4	Tuyuvan, M. Andrade	4	58	7º (9) Czar Piotr e Es Manolo (CP)	1200	NP	1m18s	W. Andrade
5	Cerva, J. Ricardo	5	57	4º (11) Barrarla e Jaroslav-Skaia	1100	NP	1m09s4	R. Nahid
4—6	Juga, F. Araujo	6	56	6º (11) Barrarlas e Jaroslav-Skaia	1100	NP	1m09s4	F. Madalena
7	Tailina, G. Meneses	8	57	11º (11) Barrarlas e Jaroslav-Skaia	1100	NP	1m09s4	P. Morgado
8	Chispeado, T. B. Pereira	9	58	4º (6) African Star e Snosuka	1000	NL	1m03s3	S. R. Cruz

10º PÁREO — às 18h30 — 1600 metros — Farinelli — 1m37s 2/5 — (Areia) 13º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE — DUPLA EXATA

1—1	Geller, J. Ricardo	1	56	3º (9) Milanez e Oxiquito	1600	AU	1m41s	P. Morgado
2	Kambary, F. Araujo	2	57	10º (12) Itaperuçu e Gomming	1200	NU	1m15s3	F. Madalena
3	Gibson, A. Ramos	3	57	12º (12) Brentano e Kazan	1400	GL	1m23s2	A. M. Caminha
2—4	Estimado Amigo, G. Alves	4	57	3º (9) Yasmine e Kyrika (CP)	1200	NL	1m16s2	S. Morales
5	Lagos, P. Cardoso	5	57	5º (9) Milanez e Oxiquito	1600	AU	1m41s	O. Cardoso
6	Humming Bird, G. Meneses	6	57	9º (11) Tuviento e Fino Trato	1400	AP	1m27s2	P. Morgado
3—7	Ikleryx, H. Arruda	7	56	1º (8) Atchim e Visca	1000	GL	1m00s1	J. D. Moreira
8	Kiba, C. Xavier	8	57	10º (12) Brentano e Kazan	1400	GL	1m23s2	A. Ricardo
9	Agog Sin, F. Silva	8	57	3º (9) Corberg e Todavia No	1200	NL	1m15s4	A. Orciuoli
4-10	Espaço Sideral, E. Marinho	10	56	8º (9) Milanez e Oxiquito	1600	AU	1m41s	A. Garcia
11	Upset, A. Oliveira	11	57	4º (9) Milanez e Oxiquito	1600	AU	1m41s	A. Morales
12	Oxiquito, J. Pinto	12	56	2º (9) Milanez e Geller	1600	AU	1m41s	W. Meireles

RETROSPECTO

1º Páreo: Careless Love — Haik — Vissage
2º Páreo: Big Passion — Bless My Star — Xandoquinha
3º Páreo: Abala — Last Arrow — Lança Perfume
4º Páreo: Jamur — Talanco — Dalcino
5º Páreo: Tuyupins — Dobrão — Vasador
6º Páreo: Vallon — Xis Crack — Valdo
7º Páreo: Petizo — Broncho Billy — Able To Run
8º Páreo: Al Pique — Quemandeur — Menilmontant
9º Páreo: Jaroslav-Skaia — Maria Carmem — Cerva
10º Páreo: Estimado Amigo — Geller — Oxiquito

Alex e Lars vencem Classe Tornado em São Paulo

São Paulo/Foto de José Carlos Brasil

Na primeira regata disputada no Brasil após a conquista do título olímpico, a dupla Alex/Lars venceu com facilidade na Classe Tornado

São Paulo — Após vencer, ontem à tarde, a primeira regata do Campeonato Paulista da Classe Tornado, na Represa de Guarapiranga, a dupla campeã olímpica, Alex Welter (timoneiro) e Lars Bjorkstrom (proeiro), anunciou que ela será desfeita, por alguns meses, depois da regata de hoje. Isso ocorrerá porque Alex Welter viajará na semana que vem para a Alemanha Ocidental, onde trabalha como engenheiro.

Ontem, a dupla que ganhou a medalha de ouro nas Olimpíadas de Moscou, utilizou o mesmo barco **Jacaré II**, com o qual competiu nas regatas de Tallin. Alex e Lars participaram das duas regatas iniciais do campeonato paulista, com o objetivo de dar uma motivação maior aos velejadores da Classe Tornado, que ainda não é muito popular no Brasil.

Alex e Lars não tiveram problemas para vencer a regata de ontem, disputada com ventos regulares. Em segundo lugar ficou a dupla paulista Fernando Botton/Luis Carlos Ballarini. Em terceiro lugar chegou a tripulação carioca formada por Rof Tambke/Volton W. Swan. Disputaram a regata sete barcos.

Alex e Lars aproveitaram a participação no campeonato paulista e discutiram, com os demais velejadores da classe, as dificuldades enfrentadas, principalmente na modernização dos barcos e dos equipamentos. Explicaram que o maior entrave para essa modernização é a proibição da importação de equipamentos, velas e acessórios.

"Carro-Chefe" quebra mastro na Sul-América

A quebra do mastro do modernissimo **one-tonner Carro-Chefe**, de Lauritz Von Lachmann, acabou constituindo a maior sensação da segunda etapa da Sul-América Cup, competição organizada pelo Iate Clube do Rio de Janeiro, e disputada ontem à tarde, em área próxima às Ilhas Rasa, Pai e Cotunduba.

O vento era forte de Leste, com velocidade de 20 nós e o **Carro-Chefe** velejava normalmente e bem situado na regata, quando uma atravessada de **spinnaker** — o barco ficou totalmente adernado — resultou na quebra do mastro, pouco acima da retranca, e as velas acabaram na água. Nenhum dos tripulantes se machucou e o barco voltou ao cais do Iate Clube do Rio de Janeiro, a motor. O acidente ocorreu a 100 metros da bóia de través.

"INDIGO", O DESTAQUE

O **Indigo**, de Ivan Botelho, que não disputou a Sardenia Cup, porque o navio cargueiro que o transportaria para a Itália sofreu avaria na altura de Salvador, foi o vencedor no tempo real, ganhando ainda no corrigido, entre os barcos de oceano inscritos na Classe I. O **Tuna**, de Stan Haynes, ficou em segundo, enquanto a terceira colocação pertencia ao **Neptunus**, de Sérgio Myrsk.

Na Classe III, o **Barco**, de Mario Simões, obteve a primeira colocação, seguido do **Tiki**, de José Alvaro de Carvalho; do **Nica**, de Leopoldo Antunes Maciel; e do **Allesgut**, de Jacques Aubry. O campeão brasileiro da Classe Oceano, **Five Stars**, de Roberto Pellicano, ganhou na Classe V, classificando-se a seguir: **Flop**, de Augusto Gonzaga; **Ruth Show**, de Geraldo Castro; **Kaúna**, de José Carlos Vaz; **Brenda**, de Tadeu Corseuil; **Slocum**, de José Luis Reis; e **Uni Du Nitê**, de Ronaldo Nogueira.

Na Classe VI, a vitória pertenceu ao **Traboule**, de Nelson Faria, com o **Xukrute**, de Carlos Mario Almeida, em segundo; e o **Kalema**, de José Avelino, terceiro lugar. A Sul-América Cup termina hoje, com largada prevista para as 13 horas.

Roteiro

Golfe

Marcos Vinicius Aragão foi destaque ontem, no campo do Itanhangá, ao assumir a liderança da categoria 0 a 9 de **handicap** da Taça Arthur Porto Pires, que teve início ontem e prossegue hoje, totalizando 36 buracos, na modalidade **stroke play**. Ele cumpriu o percurso com 68 **net** e tem a seguir Ricardo Daudt e Arthur Barbosa, empatados com 71.

Entre os golfistas da categoria 10 a 17, o melhor escore foi o de Carlos Bocaiuva, com 67 **net**, classificando-se em segundo lugar Phillipe Fantois, com 68, e, em terceiro, Ivano Veloso Junior e Fred Angelis, empatados com 69 **net**. Na categoria 18 a 24, a liderança coube a Carlos Eduardo Silva Pinto, Alfredo Abregu e Alberto Ferreira da Costa, todos empatados com 68 **net**.

Surfe

Num disputado confronto final, Jefferson e Cauli, da equipe US Top, acabaram comprovando seu favoritismo e venceram ontem, na praia do Arpoador, o Campeonato de Duplas de Surfe, deixando Daniel Friedman e Cassio, apesar das boas exibições, em segundo lugar. Leleco e Murilo garantiram o terceiro lugar e Malibu e Relson o quarto.

Esporte na TV

A TV bandeirantes, canal 7, voltará hoje a dedicar a maior parte de sua programação ao esporte, como ocorre habitualmente aos domingos. A primeira atração será a transmissão direta do Grande Prêmio da Itália, às 9h30m, em que Nélson Piquet disputará com Alan Jones a liderança do Campeonato Mundial de Formula-1.

A programação esportiva completa é a seguinte: 12h, **O Melhor Futebol do Mundo**, com o compacto de Corintians 4 x 0 Guarani; 13h, **Conversa de Arquibancada**; 14h30m, **Gol, o Grande Momento do Futebol**; 16h, **Bandeirantes Esporte especial**; 16h30m, **Esporte e emoção**; 17h, **Aqui a Bola**; 19h50m, **Loteria e Gols da Rodada**; 23h, **Bola na Mesa**; 0h30, video-tape completo do Fla-Flu. Entre 13h e 18h50, vai ao ar o **Jogo dos 7 Gols**, juntamente com os demais programas do horário.

Motociclismo

Paris — Um defeito no virabrequim da moto dos brasileiros Walter Barki (Tucano) e Edmar Ferreira resultou na desclassificação da dupla na Bol D'Or, a prova mais longa do motociclismo mundial.

Ciclismo

Divonne Les Bains, França — O colombiano Alfonso Florez passou a líder da Volta Ciclística do Futuro, ao terminar a quinta etapa disputada entre Saint Triver e Divonne Les Bains, com 174 quilômetros, na sexta colocação. A etapa foi vencida pelo polonês Krystof Sujka.

Gamão

São Paulo — José Gomes de Castro venceu o torneio de Gamão realizado no Clube Harmonia, após derrotar, na final, Sérgio Dacache por 15 a 14. O certame reuniu os melhores jogadores do país e foi encerrado ontem.

Participaram 64 jogadores, sendo cinco do Rio. Na semifinal, Sergio Dacache venceu Fuat Mattar, por 11 a 7, enquanto José Gomes de Castro venceu Mariana Rodrigues, por 11 a 9.

Cavaleiros protestam e não saltam 2ª prova do Estadual

Em protesto pelo que consideraram uma pista fácil demais para os conjuntos com reais chances de conquistar o título, os cavaleiros Luís Felipe de Azevedo, Jorge Carneiro, José Marcos de Souza Batista, João Alberto Malik de Aragão, José Paulo Amaral e Marcelo Blessman e a amazona Cláudia Itajahy negaram-se a saltar, ontem à tarde, no Fazenda Clube Marapendi, a segunda prova do Campeonato Estadual de Saltos para seniores, dentro do IV Torneio Tapecar de Hipismo.

Apenas Elizabeth Assaf — segundo o grupo, a mais beneficiada com o percurso de obstáculos baixos e fáceis, pois seus cavalos não se encontram no melhor de sua forma — participou da prova e, entre aplausos e vaias, ficou em primeiro lugar com **Primer Agua** — 0 ponto em 90s5 — e em segundo com **Para Bellum** — 4 em 79s2 — passando a liderar o campeonato.

O protesto

A grande confusão que se formou ontem no Marapendi logo após a prova preliminar — vencida por Elizabeth Assaf, com **Pirro** quando foi armada a pista para a Prova General Darcy de Mattos, segunda do Campeonato Estadual liderado até então por CLáudia Itajahy, que na sexta-feira vencera a primeira prova com **Mar Sol** e era apontada como a que melhores montarias apresenta neste Estadual.

Durante o reconhecimento da pista alguns cavaleiros mediam a altura e a distância dos obstáculos com sorrisos irônicos e saltos debochados pois percebiam que só quatro obstáculos — além do rio, em sua distância máxima, 4,20m — obedeciam ao programa do Campeonato que **chamava** os conjuntos para a provas a 1,50m x 1,80m.

Foi feito então um pedido ao Coronel Jerônimo Fonseca, delegado técnico da Federação Eqüestre do Estado do Rio de Janeiro, no sentido de que este aumentasse a altura e a largura de alguns obstáculos, já que se tratava de um campeonato estadual que deveria testar ao máximo os conjuntos inscritos. O Coronel, entretanto, defendeu-se, alegando que obedecia a um problema de consciência e que armara a pista que achara melhor para o tipo de Campeonato.

Os ânimos se esquentaram então e os cavaleiros, já na pista de distensão, reuniram-se e começaram a discutir a validade da prova. E, liderados por Luís Felipe de Azevedo e Jorge Carneiro — que logo afirmou: "Nesta pista eu não entro" — pesaram a ameaça da perda do patrocínio — logo afastada pelo diretor da Tapecar, Paulo Guerreiro, que assistiu a tudo — e a falta de respeito com o bom público presente às arquibancadas do Marapendi e com o patrono da prova. Todos consultaram-se uns aos outros — Cláudia Itajahy, a maior prejudicada, foi uma das chamadas a decidir — e chegaram à conclusão que o melhor seria não participar de "mais uma farsa patrocinada pela FEERJ".

Enquanto isso, os alto-falantes do Marapendi anunciavam a entrada na pista do primeiro concorrente da prova, Jorge Carneiro, com **Jota**. Àquela altura já desmontado, Jorte deixou que se esgotassem os 60 segundos regulamentares e não entrou na pista, sendo eliminado. Ouviram-se então os primeiros aplausos. O concorrente seguinte, José Paulo Amaral, com **La Garçonne**, também não compareceu, o mesmo acontecendo com os outros que eram vaiados e aplaudidos — o público pressentira já que alguma coisa de errado estava acontecendo.

Chamada à pista, Elizabeth Assaf montou — nervosa — **Para Bellum**, perdendo quatro pontos entre vaias e aplausos. Outros conjuntos foram chamados e também não foram à pista. Beth entrou então com **Primer Agua** fazendo um percurso perfeito e vencendo a prova. Agora ela lidera o Campeonato com **Para Bellum**, com 28 pontos, e **Primer Agua**, com 20. Todos os outros concorrentes de ontem não somaram pontos mas poderão participar da última prova de hoje — dois percursos a 1,50m x 1,80m — embora sem nenhuma chance de conquistar o título que ficará mesmo com a atual campeã brasileira de saltos.

As opiniões

— Joguei meu compeonato fora. Mas fiz isso consciente e com a certeza de que tomei a melhor atitude em benefício do esporte que abracei e levo a sério e de meus companheiros.

Assim Cláudia Itajahy, 19 anos, favorita para o título desse ano, justificou sua negativa em entrar na pista do Marapendi. Amazonas dos dois melhores animais inscritos no campeonato — **Puma** e **Mar Sol** atravessam excelente forma física além de Cláudia, treinada por Lúcia Alegria Simões, demonstrar a cada prova sua indiscutível categoria — ela foi das primeiras a acatar a decisão de seus colegas de campeonato.

Um dos mais exaltados desde o princípio, Luís Felipe de Azevedo, também um dos melhores cavaleiros do país, disse que não pretende, como homem e esportista, continuar aceitando decisões absurdas de dirigentes.

— Medi cada obstáculo da pista. Nenhuma paralela tinha 1,50m conforme prometia o regulamento do Campeonato. Havia uma paralela com uma vara a 1,50m e outra a 1,40m. Isso a Nadia Comanecci chama de barras assimétricas. Além disso, depois da pista ridícula de sexta-feira, esperava hoje um percurso que medisse as reais possibilidades dos conjuntos inscritos. Não vou mais aceitar esse tipo de coisas na minha carreira. Estou cansado de ser joguete nas mãos de dirigentes e não vou saltar um campeonato com cartas marcadas, feito para que uma amazona vença.

Os protestos prosseguiram mesmo depois da prova com todos os cavaleiros de acordo com o que chamaram de farsa. Os chefes de equipe Joberto Pio da Fonseca, da Sociedade Hípica Brasileira, e Heraldo Nunes de Souza, do Fazenda Clube Marapendi, deixaram a decisão nas mãos dos cavaleiros, não sem antes lembrar-lhes os deveres com o público, o patrocinador e o próprio hipismo carioca.

A defesa de Valente

Impassível na arquibancada do Marapendi, o presidente da FEERJ, Pedro Valente, proprietário dos animais montados por Elizabeth Assaf, afirmou que confiava no Coronel Fonseca e que estava de acordo com a pista armada, não considerando-a tão fácil como alegavam os cavaleiros. Sobre a decisão de Beth de saltar a prova, Valente disse que deixou para ela.

— Desde que comecei no hipismo, há oito anos, sempre emprestei meus cavalos para Luís Felipe de Azevedo, Gerson Monteiro, João Alberto Aragão e muitos outros deixando com eles a decisão de participar ou não de provas. O mesmo aconteceu hoje com a Beth. Ela me disse que tinha uma obrigação moral perante seus alunos e que deveria saltar a prova.

Aborrecido com as criticas e o movimento que acabou, segundo ele, **melando** o campeonato, Valente lembrou a ameaça da perda de um patrocínio num momento importante para o hipismo carioca.

— Quando assumi a FEERJ ela tinha um passivo de Cr$ 49 mil. No ano passado distribuímos prêmios no valor de Cr$ 4 milhões em vários torneios. Agora querem diminuir tudo que conseguimos até agora. Fui avisado logo que assumi que, certos cavaleiros, quando estivessem sem bons cavalos, criariam problemas para mim. Acho que foi isso que aconteceu hoje.

E continuou:

— Apoio meu delegado técnico e concordo com a pista armada por ele. Em pelo menos dois obstáculos — o rio e a estacionata — poucos conjuntos passariam sem faltas. Além disso, o que esses cavaleiros querem? Uma prova do tipo **mata-cavalo** às vésperas de um Campeonato Brasileiro em que nossos animais terão que fazer uma longa viagem de caminhão até São Paulo para enfrentar cavalos fortes e bem preparados, além de cavaleiros de categoria?

Hoje

Em meio à confusão que se formou ontem no Marapendi, ninguém sabia dizer ao certo o que vai acontecer hoje. Estão programadas duas provas: uma da série preliminar, denominada RÁDIO CIDADE — normal, tabela C, 1,30m x 1,60m — e outra válida, um grande prêmio pelo campeonato. O delegado técnico da Federação prometeu armar o Grande Prêmio nos moldes do dos Jogos Olímpicos de Moscou, só quem com os obstáculos a 1,50m — lá eles estavam a 1,60m.

A prova preliminar de ontem apresentou estes resultados: 1. Elizabeth Assaf — **Pirro** — 0 em 51s8; 2. Elizabeth Assaf — **Primo** — 0 em 54s5; 3. Carlos Eduardo Palhares — **Mike** — 0 em 54s7; 4. Paulo Stewart — **Tacatan** — 0 em 55s7; 5. Jorge Carneiro — **Urutu** — 0 em 58s8; 6. Rita Bezerra de Mello — **Eau Sauvage** — 0 em 60s5.

Na Hípica

Carlos Vinicius da Motta venceu duas das provas disputadas ontem pela manhã na Sociedade Hípica Brasileira, a primeira montando **Leopardo**, para animais estreantes, e a segunda, para seniores, com **Leão** Na primeira, fez o percurso sem faltas, em 34s8; na segunda, também sem faltas, marcou 73s5.

Na prova para cavaleiros em formação ou readaptação venceu Cristina Beloni Nogueira, com **Cambalacho**, zero em 38s3. Na de mirins, 1,10m, tabela A, ao cronômetro, venceu Gustavo Adolfo Carvalho, com **Tristão** — 4 em 64s9. A de júniores foi ganha por Mauro Mendonça, com **Dobradilho** — zero em 65s9; a outra de mirins, 1,20m, tabela A, um desempate, ficou com Alex Manhãs, com **My Way**, zero pontos em 33s8.

Foto de Cynthia Brito

Elizabeth Assaf foi a única a saltar e venceu a prova com Primer Agua

Petersen ganha fácil regata em Copacabana

Pedro Paulo Petersen, do Clube dos Caiçaras, confirmou seu favoritismo ao vencer a Regata Forte de Copacabana, organizada pelo Clube dos Marimbás, em homenagem ao 66º aniversário do estabelecimento militar. A regata foi disputada na praia de Copacabana, próximo ao Posto Seis e competiram 16 barcos divididos nas categorias senior e junior, da Classe Laser.

Os ventos de Leste, força três para quatro, rondaram para Nordeste e contribuíram para que a regata fosse muito rápida — durou apenas 35 minutos — apesar do mar se apresentar com muitas ondas, dificultando a atuação dos timoneiros.

O Clube dos Marimbás mais uma vez foi prejudicado pela realização de uma regata paralela, no caso a do campeonato universitário, que impediu a participação de alguns dos melhores iatistas brasileiros da Classe Laser, como Pedro Bulhões e José Paulo Barcelos. Entretanto, ainda assim, a regata foi um sucesso técnico e de organização, comprovando que a raia de Copacabana é uma das melhores do Rio.

Além da lancha que serviu aos integrantes da Comissão de Regatas, o Clube dos Marimbás forneceu uma de apoio e segurança para os iatistas, tripulada por mergulhadores experientes, com a finalidade de evitar qualquer acidente durante a prova.

Pedro Paulo Petersen, ex-campeão mundial da Classe Pinguim, venceu com grande facilidade, na categoria geral e na senior, ficando em segundo, seu companheiro do Caiçaras, Antonio Geraldo Cavalcanti, enquanto a terceira colocação pertencia a José Ripper Kós, do Clube Naval, que também obteve a vitória entre os iatistas inscritos na categoria junior.

Os resultados da Regata Forte Copacabana foram os seguintes: **Geral** — 1º Pedro Paulo Petersen (CC), 2º Antonio Geraldo Cavalcanti (CC), 3º José Ripper Kós(CN), 4º Antonio Francisco Sampaio (CN), 5º Carlos Augusto Sampaio(CN), 6º Carlos Eduardo Marques Nunes (Iate Clube do Rio de Janeiro), 7º Sérgio Augusto Ferreira (Clube dos Marimbás).

Categoria Senior) — 1º Pedro Paulo Petersen, 2º Antonio Geraldo Cavalcanti, 3º Antonio Francisco Sampaio. **Categoria Junior** — 1º José Ripper Kós, 2º Carlos Augusto Sampaio, 3º Sérgio Araujo.

Barcelos e Bulhões dominam JB/Delfin

José Paulo Barcelos, vice-campeão mundial da Classe Laser, e Pedro Bulhões Carvalho da Fonseca, o Chorão, venceram ontem, na Baía de Guanabara, as duas regatas da segunda fase do Campeonato dos Jogos Universitários JORNAL DO BRASIL/Delfin.

A competição promovida pela Federação de Esportes Universitários do Rio de Janeiro (FEURJ), com apoio do Iate Clube Brasileiro e da Marina da Glória, termina hoje, com mais duas regatas, e os resultados serão somados às classificações obtidas pelos iatistas na primeira fase, disputada no primeiro semestre deste ano.

As duas regatas foram corridas com ventos fracos de Leste, com velocidade aproximada de seis nós, e levaram à raia do tipo triangular olímpica, 25 barcos representando 12 faculdades filiadas a FEURJ.

Com um primeiro e um segundo lugares, Pedro Bulhões superou José Paulo, que nas duas regatas obteve uma vitória e uma terceira colocação. Os resultados das provas foram: **1ª Regata** — 1º José Paulo Barcelos (UERJ), 2º Pedro Bulhões Carvalho da Fonseca (UFRJ), 3º Nelson Alencastro Guimarães (UFRJ). **2ª Regata** — 1º Pedro Bulhões, 2º Ricardo Stabille (FTESM), 3º José Paulo.

Cano vence Copa Itaú de tênis em Campinas

São Paulo — O argentino Ricardo Cano conquistou a quarta etapa da Copa Itaú Internacional de tênis, realizada na Sociedade Hípica de Campinas, ao vencer o uruguaio José Luis Damiani por 6 3, 4 6 e 6 2.

Piquet e Jones largam juntos no GP da Itália

Imola, Itália — O Grande Prêmio da Itália, de Fórmula-1, a ser corrido hoje no Autódromo Dino Ferrari e que a TV Bandeirantes transmitirá diretamente para o Brasil a partir das 9h30m, tem tudo para ser um dos mais emocionantes dos últimos tempos. Isso porque Nélson Piquet e Alan Jones, os mais prováveis campeões da temporada, largarão lado a lado, na terceira fila, o que fez crescer enormemente a expectativa em torno da prova e aumentou bastante a tensão entre os dois.

No treino de ontem, também dominado pelos Renault, que mantiveram as duas primeiras posições, mas não têm praticamente nenhuma possibilidade de conquistar o título, Piquet e Jones demonstraram mais uma vez, como na véspera, que estão preocupados e tensos. O público que presenciava o treino chegou até a aplaudir as derrapadas sofridas pelos dois, no mesmo lugar.

POSIÇÃO INVERTIDA

Uma evidência de que os dois pilotos estão-se marcando e pilotando sem se preocupar com os demais, está na inversão das posições, com relação ao treino da véspera. Anteontem, Alan Jones tinha obtido, com seu Williams, o quarto tempo, enquanto Piquet, com Brabham, conseguiu o quinto. Ontem, o brasileiro fez melhor treino, ficando com o quinto tempo, enquanto Jones caía para sexto.

A derrapada que os dois deram ocorreu numa curva a quase 90 graus, que desemboca na reta principal, onde fica uma arquibancada que, àquela hora, estava repleta de torcedores que os aplaudiram, prevendo que toda a tensão e o duelo travado já no treino, entre Piquet e Jones, certamente se repetirá hoje, até com lances mais emocionantes.

Jones, que precisa terminar a prova na frente de Piquet para aumentar a diferença que os separa — 47 pontos de Jones contra 45 de Piquet, restando três corridas, inclusive a de hoje — reclamou muito ontem de problemas com o motor de seu Williams, além dos freios.

Para os supersticiosos, Piquet está com vantagem, se não para conseguir sua terceira vitória na temporada — venceu em Long Beach e há 15 dias na Holanda — pelo menos para chegar à frente de Jones e ficar mais perto do título. É que a última corrida aqui em Imola, em 1979, foi ganha por um Brabham, pilotado por Niki Lauda. Outro fato que vem sendo citado é a atuação do mexicano Hector Rebaque, que obteve também aqui sua melhor posição num **grid** desde que corre em Fórmula-1. Ele pilota um Brabham.

Além disso, Piquet conquistou ontem o título da Procar, deixando Jones em segundo lugar e reeditando o feito de Niki Lauda, também da Brabham, que venceu a última prova dessa categoria aqui.

Tudo isso, entretanto, só faz aumentar a expectativa em torno do GP de hoje e seu resultado após as 60 voltas previstas, que marcarão a despedida de Jody Scheckter do público italiano. O piloto sul-africano, campeão de 79, por pouco não estava impossibilitado de se apresentar hoje. Seu Ferrari bateu no **guard-rail** da curva Doutor Dosa, uma repentina forquilha ao fim da reta principal, a 250 km por hora. O carro danificou-se seriamente, enquanto o sul-africano se queixava de dores nas costelas e na nuca. Ele voltou à pista com o carro reserva e conseguiu, porém, se classificar.

Imola, Itália/AP

Além de ter tido seu contrato renovado para 81, Renê Arnoux levou seu Renault turbo mais uma vez à pole position, com tempo excepcional

Classificação do Mundial

	Piloto	Pontos
1	Alan Jones, Autrália,	47
2	**Nelson Piquet, Brasil**	45
3	Carlos Reutemann, Argentina	33
4	Jacques Lafitte, França	32
5	Rene Arnoux, França	29
6	Didier Pironi, França	23
7	Jean Pierre Jabouille, França	9
8	Elio de Angelis, Itália	7
	Ricardo Patrese, Itália	
10	Jean Pierre Jarier, França	6
	Derek Daly, Irlanda	6
12	Alain Prost, França	5
	Emerson Fittipaldi, Brasil	5
14	Keke Roseberg, Finlândia	4
	Gilles Villeneuve, Canadá	4
	Bruno Giacomelli, Itália	4
17	John Watson, Irlanda	3
18	Jody Scheckter, África do Sul	2

Ordem de largada

1. Rene Arnoux, França — Renault, 1m33s988
2. Jean-Pierre Jabouille, França — Renault, 1m34s411
3. Carlos Reutemann, Argentina — Williams, 1m34s686
4. Bruno Giacomelli, Itália — Alfa Romeo, 1m34s912
5. **Nelson Piquet, Brasil** — Brabham, 1m34s960
6. Alan Jones, Austrália — Williams, 1m35s109
7. Riccardo Patrese, Itália — Arrows, 1m35s618
8. Gilles Villeneuve, Canada — Ferrari, 1m35s751
9. Hector Rebaque, México — Brabham, 1m35s872
10. Mario Andretti, EUA — Lotus, 1m36s084
11. Keke Rosberg, Finlândia — Fittipaldi, 1m36s091
12. Jean Pierre Jarier, França — Tyrrell, 1m36s181
13. Didier Pironi, França — Ligier, 1m36s422
14. John Watson, Irlanda — McLaren, 1m36s450
15. **Emerson Fittipaldi, Brasil** — Fittipaldi, 1m36s758
16. Eddie Cheever, EUA — Osella, 1m36s884
17. Elio de Angelis, Itália — Lotus, 1m36s919
18. Vittorio Brambilla, Itália — Alfa Romeo, 1m36s929
19. Rupert Keegan, Inglaterra — Williams, 1m37s169
20. Derek Daly, Irlanda — Tyrrell, 1m37s215
21. Marc Surer, Suiça — ATS, 1m37s270
22. Jacques Laffite, França — Ligier, 1m37s306
23. Alain Prost, França — McLaren, 1m37s541
24. Jody Scheckter, A. do Sul — Ferrari, 1m37s571

Na Procar, título já é do brasileiro

Tudo indica, dizem os comentários, que este é o ano de mais um brasileiro na Fórmula-1. E desta vez, de Nélson Piquet, que corre nessa categoria há dois anos. Ele conseguiu ontem o título da Procar, ao vencer pela terceira vez consecutiva a prova que tradicionalmente antecede as corridas de Fórmula-1.

Na corrida de ontem, no mesmo circuito em que será disputado o GP de hoje, e que reuniu pilotos de Fórmula-1 e outros, no volante de BMW-M1, Piquet tomou a dianteira desde o início e, apesar da pressão de Alan Jones, conseguiu vencer e conquistar o título, deixando Jones em segundo na prova e na classificação geral.

Piquet, que havia ganho também as duas provas anteriores, em Zeltweg e Zandvoort, largou na **pole position** e só foi ameaçado por Jones, já que seus principais adversários na luta pelo título, o alemão Hans Stuck e o holandês Jan Lammers, chocaram-se. Stuck teve de abandonar a prova, enquanto Lammers ainda tentou permanecer na pista. Andou mais de cinco quilômetros sem pneu na roda traseira esquerda mas acabou perdendo uma parte da carroçaria.

A classificação final do Campeonato Procar foi a seguinte: 1º **Nelson Piquet, Brasil**, 90 pontos (três vitórias, Imola, Zandvoort e Zeltweg; terceiro em Mônaco, quarto em Hockenheim e quinto em Donnington).
2º Alan Jones, Autrália, 77.
3º Hans Stuck, Alemanha OC., 70.
4º Jan Lammers, Holanda, 69.
5º Carlos Reutemann, Argentina, 64.
6º Manfred Schurti, Liechtenstein, 48.
7º Hans Meyer, Alemanha Oc., 41.
8º Marc Surer, Suiça, e Jacques Laffite, França, 37.

Fittipaldi e Rosberg melhoram suas posições

Embora sem o mesmo entusiasmo de Piquet, Emerson Fittipaldi saiu no treino de ontem com uma fisionomia diferente das de outras ocasiões. Estava sorrindo e visivelmente satisfeito com a **performance** dos dois Fittipaldi-Skol Brasil, no treino de ontem. Seu companheiro de equipe, Keke Rosberg, e ele mesmo melhoraram suas posições. Na véspera tinham obtido, respectivamente, o 13º e o 23º tempos; ontem, conseguiram o 11º e o 15º.

Esses tempos, na opinião de Emerson, mostraram que prossegue o processo de adaptação dos F-8, que ele continua julgando uma boa base para fazer um bom F-1.

No treino na véspera, Fittipaldi tinha conseguido, a duras penas, colocar-se entre os 24 melhores. Na sessão matinal de ontem, sem cronometragem, teve que parar inesperadamente na altura da nova chicana por causa de um problema no sistema elétrico, que cortou o funcionamento do motor. Teve de retornar ao boxe no carro de um jornalista.

De volta à pista, acompanhado do irmão, Wilsinho, e de dois mecânicos, Emerson conseguiu reparar o carro e prosseguir os testes, o que o deixou mais tranqüilo com relação ao futuro do Fittipaldi F-8.

Giaffone larga na frente em Guaporé

Porto Alegre — O paulista Jose Giaffone foi o mais rápido na tomada de tempos, ontem, no autodromo municipal de Guaporé, a 211 km desta capital, e vai largar na pole-position da 7ª etapa do Campeonato Brasileiro de Chevrolet Stock-Car, que se realiza, nesta manhã, com a presença de 15 pilotos.

José Giaffone obteve tempo de 1m27s10, com média horária de 130 Km. Ingo Hoffman, que lidera o Campeonato com 105 pontos, largará na segunda posição, com um tempo de 1m27s17, segundo por Alencar Junior (Segundo colocado, na classificação geral, com 90 pontos), que ontem conseguiu um tempo de 1m27s18. Afonso Giaffone foi o quarto colocado, com um tempo de 1m27s30, seguido de Marcos Troncon, 1m27s74.

O carioca João Palhares lagará na 12ª posição — 1m28s69 enquanto o português Pedro Queiroz Pereira, O Pequete fez 1m30s62 obtendo a última posição. As provas de hoje começam às 10h com a largada da primeira bateria, às 12h, larga a segunda. Cada bateria terá um total de 22 voltas.

Foto: Luiz Carlos David

Silvio Renato de Sena vem aos poucos melhorando no salto triplo

Gama Filho ganha Troféu José Teles por antecipação

Com diferença de 118 pontos do Vasco, segundo colocado, a Agremiação Atlética da Universidade Gama Filho garantiu por antecipação o título da terceira etapa do II Troféu José Teles disputada na tarde de ontem na pista do Estádio Célio de Barros perante menos de 100 pessoas. Esta manhã será cumprida a jornada conclusiva da terceira competição com favoritismo absoluto dos atletas da Gama Filho.

No aspecto técnico, a melhor marca pertenceu a Cláudio da Matta Freire que venceu o salto em altura com 2,15m e tentou 2,20m que seria o novo recorde sul-americano. Cláudio esteve em Moscou nos Jogos Olímpicos e comentou que já esta "colocando em execução o que viu de melhor lá". Foram assinalados três recordes do Troféu.

ÍNDICE FRACO

À exceção da marca de Cláudio Matta na altura os demais resultados estiveram abaixo de qualquer avaliação por se tratar de provas inclusive para atletas seniores. O atletismo carioca passa por uma fase negativa apenas com a Agremiação Atlética Gama Filho com equipe preparada para competir. As demais (Vasco, Fluminense e Flamengo) perderam os seus melhores valores e os novos ainda não têm nível para bons resultados.

Também lamentável para o atletismo do Rio é o interesse que ele está despertando no público. Ontem, por exemplo, dia de uma boa competição com nomes que estiveram em Moscou (Cláudio Matta, Altevir Araáujo, Geraldo Pegado) podia-se contar nas arquibancadas o número de torcedores, em sua maioria atletas e seus parentes.

Visto atrapalha João e Altevir

João Carlos de Oliveira e Altevir Araújo não mais viajam para Tóquio. Na manhã de ontem eles tentaram embarcar fazendo conexão em Nova Iorque mas foram impedidos pois não tinham visto de entrada no Japão.

Os dois foram convidados para o Torneio Internacional de Atletismo, quarta e quinta-feira em Tóquio, mas as passagens só foram colocadas à disposição deles na noite de sexta-feira, quando deveriam embarcar pela Varig. Perdido o vôo, a Confederação de Atletismo tentou enviá-los mas não houve tempo para preparar a documentação de entrada no país.

A segunda Maratona Internacional do Rio de Janeiro será disputada hoje a partir das 6 horas da amanhã com saída na pista da Escola de Educação Física do Exército, na Urca. Estão inscritos 750 atletas, inclusive representantes de Portugal e de vários Estados do país. O grande favorito é o paulista Elói Rodrigues, seguido de perto por Hélio Aguiar, vencedor da primeira competição.

O percurso será iniciado dentro da pista da EEFE, seguindo Praia Vermelha, as avenidas Pasteur, Beira-Mar, Vieira Souto, Delfim Moreira, Vieira Souto, Francisco Bhering, Rua Francisco Otaviano, Avenida Atlântica (até o Leme), Princesa Isabel, Túnel Novo, Túnel do Pasmado, Aterro do Flamengo, Museu de Arte Moderna, novamente Aterro, Avenida Pasteur, Urca, Avenida Portugal e chegada na Escola.

Vasco vence Jacarepaguá no basquete

Com 39 pontos marcados por Edinho, cestinha do jogo, o Vasco derrotou ontem o Jacarepaguá TC por 74 a 49, em partida do 1º Torneio dos Grandes Astros de Basquete (Veteranos). No outro jogo de ontem, o Tijuca, um dos três únicos invictos da competição — os outros são Botafogo e Canto do Rio — venceu o Funcionários de Volta Redonda por 78 a 70.

Jogaram e marcaram pelo Vasco: Medeiros (16), Zeze (4), Paulo Roberto (2), Tião (2), Cianela (19), Edinho (39) e Paulista (24). Pelo Jacarepaguá: Nemes (23), Serginho (2), Valter (9), Sigmar (4), China (10) e Feijão (1). Após o jogo, o Jacarepaguá ofereceu um churrasco de confraternização a delegação do Vasco, que ficou sensibilizada com a recepção.

Resultados

Juvenil

100m barreiras:

	Atleta	Clube	Marca	
1.	Vera Lúcia Oliveira	Gama Filho	17s0	
2.	Rosita Nascimento	Vasco	18s3	
3.	Luiza Araujo	Vasco	18s7	

600m

	Atleta	Clube	Marca	
1.	Márcia Maria Santos	Vasco	1m44s2	
2.	Irina Guerreiro	Gama Filho	1m51s8	
3.	Giovana Rosa	Gama Filho	1m54s6	

4 x 400m (feminino)

	Equipe	Marca	
1.	Gama Filho	4m07s6	Recorde Trofeu
2.	Vasco	4m14s9	
3.	Fluminense	4m59s9	

Dardo

	Atleta	Clube	Marca
1.	Liege Paiva	Gama Filho	23,88m
2.	Luiza Araujo	Vasco	20,66m

200m

	Atleta	Clube	Marca
1.	Sheila de Oliveira	Gama Filho	25s6
2.	Juraciara Pereira	Gama Filho	26s0
3.	Celia da Costa	Gama Filho	26s0

1.500m

	Atleta	Clube	Marca
1.	Joece Felipe	Gama Filho	4m52s4
2.	Mônica Tobias	Gama Filho	4m58s8
3.	Nadia Oliveira	Gama Filho	5m22s6

Distância

	Atleta	Clube	Marca
1.	Jurema Henrique	Gama Filho	5,74m
2.	Irenilta Pereira	Gama Filho	5,37m
3.	Rosângela Hermengilda	Vasco	5,24m

Infantil
75m

	Atleta	Clube	Marca
1.	Marcelo Trindade	Flamengo	10s4
2.	Marcelo Malavotti	Fluminense	10s7
3.	Luiz Henrique Armond	Gama Filho	10s8

Infanto-juvenil
1.500m obstáculos

	Atleta	Clube	Marca	
1.	Elias Pereira	Gama Filho	4m27s9	Recorde troféu
2.	José Paulo Nobrega	Fluminense	4m47s6	
3.	Carlos Alberto Silva	Gama Filho	4m48s0	

Juvenil
800m

	Atleta	Clube	Marca
1.	Marcos Aurélio Vieira	Fluminense	1m58s3
2.	Roberto Carlos da Costa	Gama Filho	1m59s8
3.	Paulo Ramon	Fluminense	2m00s5

Peso

	Atleta	Clube	Marca
1.	Ronaldo Cristiano	Gama Filho	13,62m
2.	Valmir Araujo	Gama Filho	13m45m
3.	Anisio Pereira	Gama Filho	12,51m

4x400m (masculino

	Equipe	Marca
1.	Gama Filho	3m16s5
2.	Fluminense	3m29s2
3.	Vasco	3m34s5

Altura

	Atleta	Clube	Marca	
1.	Claudio Matta Freire	Gama Filho	2,15m	Recorde Troféu
2.	Ubiratan Xavier	Gama Filho	1,85m	
3.	Sérgio Muniz	Gama Filho	1,85m	

Triplo

	Atleta	Clube	Marca
1.	Luis Carlos de Souza	Flamengo	14,70m
2.	Silvio Renato Sena	Fluminense	13,70m
3.	Marcelo Dias	Fluminense	13,55m

Classificação

	Equipe	Pontos
1.	Gama Filho	217,5
2.	Vasco	99,5
3.	Fluminense	68
4.	Flamengo	31

Os grandes ídolos do Fla

têm sempre um lugar a mais no coração da torcida

Fernando Calazans

LUÍS Pereira estréia hoje no Flamengo. Sua contratação é uma tentativa do clube de alimentar a paixão de sua torcida com mais um ídolo. Uma torcida que, ao longo da história, sempre teve a necessidade de fabricar ídolos — ou de destruí-los. Muitas vezes, um único lance — um gol heróico ou uma falha irremediável — foi o suficiente para que se erguesse ou se derrubasse um ídolo.

Não era necessário ser um craque autêntico. A garra e a valentia sempre empolgaram a torcida do Flamengo, que idolatrou Biguá, Pavão, Reyes e Rondinelli. Mas os torcedores — mesmo os mais exigentes — tiveram razões de sobra para aplaudir e vibrar com jogadores da categoria de Amado, Fausto, Domingos da Guia, Leônidas, Vevé, Zizinho, Rubens e Dida. Uns mais do que outros, mas todos craques e — o que é mais importante — ídolos da massa rubro-negra.

Amado

O aparecimento do goleiro Amado, por uma feliz coincidência, deu-se quase que paralelamente à popularização do futebol, na década de 20. Até então, era um esporte de elite, das famílias tradicionais do Rio antigo, que iam ao estádio mais como um compromisso social do que levadas pela paixão.

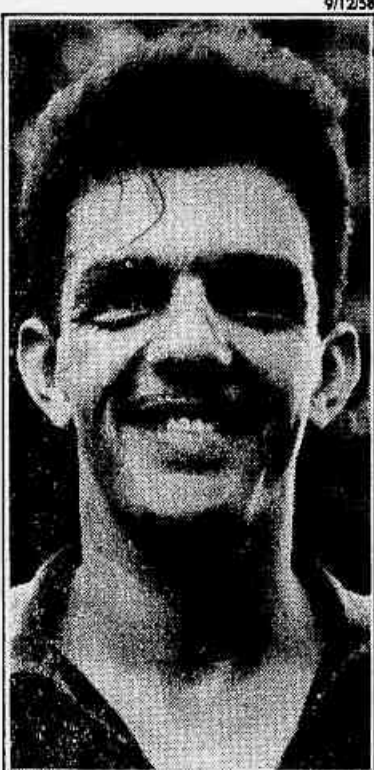
Quando o futebol começou a conquistar o grande público, surgiu então Amado que, ao lado de Marcos de Mendonça, pode ser considerado o grande goleiro do Brasil na época do amadorismo. Ídolo do Flamengo e da Seleção Brasileira, Amado distinguia-se pela elegância. Muito alto — com um físico privilegiado para a posição — foi campeão pelo Flamengo em 1927, o que só fez aumentar sua popularidade e a do próprio futebol.

Quando o esporte começou a conquistar as páginas dos jornais, Amado era o símbolo dos goleiros brasileiros. Ninguém poderia imaginar que seu fim seria tão trágico: minado pela solidão, já na década de 60, atirou-se do oitavo andar de um edifício na Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

Fausto

FAUSTO, A Maravilha Negra, cuja carreira se confunde com o advento do profissionalismo, parece que não estava preparado para ele. Centro-médio do melhor estilo — um dos jogadores mais clássicos de sua época — foi derrotado pela boêmia de uma época em que, também no futebol, predominava o romantismo. Jogador eminentemente técnico, grande distribuidor de jogo, teve carreira curta, embora brilhasse não só no Flamengo, mas também no Vasco.

Numa época em que os departamentos médicos não tinham a organização e os recursos de agora e em que a preparação física era incipiente, Fausto não deu ouvidos aos conselhos de que deixasse a vida boêmia. Seu futebol de estilo clássico foi cortado em pleno campo, em 1938, por uma crise de hemoptise. Levado à cidade de Palmira, para gozar os benefícios do clima, nem assim resistiu: morreu 15 dias depois.

Caso semelhante aconteceria mais tarde, na década seguinte, com o brilhante Vevé — um dos melhores pontas-esquerdas da história do futebol brasileiro. Também ele teve uma carreira gloriosa mas curta no Flamengo, até que foi destruído pela bebida no fim dos anos 40. Mas era um ponta-esquerda como não existe mais: incisivo nos dribles, perigoso quando fechava para o meio em diagonal, corajoso para chegar à linha de fundo e preciso nos cruzamentos.

9/12/58

Dida, o artilheiro

Foto de Ari Gomes 5/11/75

Zizinho, Mestre Ziza, e Rubens, o Doutor Rúbis

1939

Leônidas, o Diamante Negro

Foto de Rogério Reis/13/7/80

Zico, o maior goleador

Domingos e Leônidas

DOIS dos maiores jogadores do futebol brasileiro, dois dos maiores ídolos da história do Flamengo: Domingos da Guia e Leônidas da Silva tiveram muitos pontos comuns em suas carreiras. Ambos se projetaram na Copa Rio Branco de 1932, que o Brasil conquistou em Montevidéu, derrotando o Uruguai — então campeão do mundo — por 2 a 1.

Leônidas, um crioulinho baixo e de extraordinária habilidade, então no Bonsucesso, fez os dois gols do Brasil. A repercussão — não só para o artilheiro Leônidas, mas também para o zagueiro Domingos — não poderia ter sido maior: afinal, aquele foi o primeiro jogo internacional transmitido para o Brasil por uma emissora de rádio.

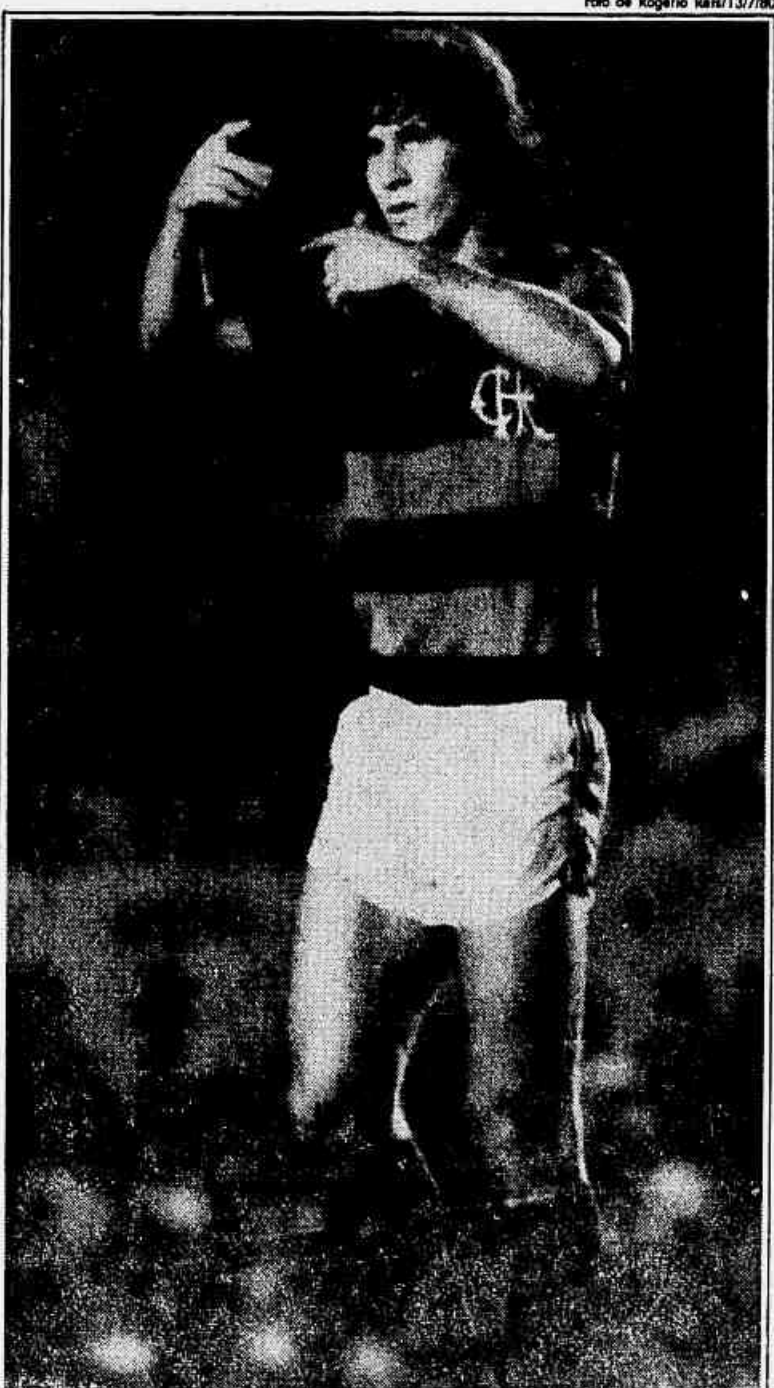
O crioulinho baixo, mais tarde chamado de Diamante Negro e de Homem-Borracha, já era ídolo quando pisou de volta no Brasil. Veio para o Botafogo, mas não foi feliz ali, perseguido por problemas de racismo. O clube de General Severiano era um clube de elite, de famílias tradicionais. Pelo mesmo motivo — o racismo velado — o Fluminense, na época o mais rico dos clubes cariocas, também não quis Leônidas e tampouco se interessou por Domingos.

Leônidas foi vendido pelo Botafogo ao Flamengo por um preço baixíssimo. Na Gávea, Leônidas consagrou-se em definitivo, como se consagraria também na Seleção Brasileira: foi o artilheiro da Copa do Mundo de 38, na França, levantada pela Itália. Como se não bastasse, foi campeão pelo Flamengo no ano seguinte.

Inventor da bicicleta, que executava à perfeição, com extraordinária visão de jogo, chute infalível com os dois pés, vivo e veloz, Leônidas fez a desgraça dos melhores goleiros do mundo. Dele costumam dizer os que o viram jogar: melhor, só Pelé.

Domingos da Guia, o mais clássico de todos os zagueiros nascidos no Brasil, logo depois de fazer nome na Copa Rio Branco de 32, transferiu-se para o Nacional do Uruguai e, depois, para o Boca Juniors da Argentina. Foi ídolo nos dois países.

Jogou no Vasco e no Flamengo. Quase não corria, mas a bola parecia sentir um estranho, inexplicável fascínio, pelos seus pés, onde invariavelmente ia se aninhar, fugindo dos pés dos atacantes. Um estilo que jamais se veria depois: bola alta na área, ele matava no peito, driblava o atacante e saia como se estivesse passeando. Por causa dele, criou-se a expressão **domingada** para caracterizar a jogada em que outros zagueiros tentavam imitá-lo e que quase sempre acabava em fracasso. Para ele, criou-se o apodo de **Divino Mestre**.

1938

Domingos, o Divino Mestre

Leônidas e Domingos deixaram o Flamengo pelo futebol paulista, no momento em que este tentava acabar com uma longa hegemonia carioca não só na parte técnica como na financeira. Os paulistas construíram o Pacaembu, no início da década de 40, e começaram a roubar os principais jogadores cariocas. Leônidas foi para o São Paulo, Domingos para o Corintians. A torcida do Flamengo nunca os esqueceu.

Zizinho

NUMA época em que o futebol brasileiro era freqüentemente surrado pelos argentinos, o técnico Flávio Costa lançou no time do Flamengo, num amistoso em 1939, contra o Independiente, em São Januário, um garoto de 19, 20 anos. Naquele dia, o estreante dominou o estádio, levando o Flamengo à vitória, e na manhã seguinte os jornais só falavam em seu nome, afirmando todos que um novo craque nascia no futebol brasileiro: Zizinho.

Todos acertaram. Dali em diante, durante toda a década de 40 e boa parte da de 50, Zizinho — Mestre Ziza, como era chamado — foi o grande ídolo do Flamengo e o maior jogador do Brasil. Foi, mesmo, o símbolo do Flamengo — pelo qual se sagrou tricampeão em 42/43/44 — aliando as duas qualidades que sua torcida mais aprecia: a técnica e a garra.

Apesar de tudo, foi vendido ao Bangu em 1950, depois da Copa do Mundo, da qual saiu tragicamente derrotado mas, ainda assim, como um de seus maiores jogadores. O Bangu comprou seu passe, na maior transação do futebol brasileiro até a época.

O prestígio de Zizinho era tão grande que pouco adiantou anunciar que deixaria o futebol em 56. O técnico Bela Gutman, do futebol húngaro que então deslumbrava o mundo, foi contratado pelo São Paulo e proclamou:

— Quero um único jogador: Zizinho.

Mesmo odiado em São Paulo — onde corria um processo contra ele na Justiça Comum por ter quebrado a perna do zagueiro Agostinho — Zizinho foi contratado. No ano seguinte, em 57, o São Paulo foi campeão — com Bela Gutman e Zizinho.

1936

Fausto, a Maravilha Negra

Rubens e Dida

QUANDO Rubens chegou à Gávea, em 53, fazia nove anos que o Flamengo não vencia o Vasco. As apostas corriam a cidade: conseguiriam os vascaínos completar o decênio? Na primeira vez que os dois times se enfrentaram, naquele ano, Rubens estreou e, com um gol de falta, bem ao seu estilo — uma bola cheia de veneno — fez o gol da vitória, quebrando a escrita: Flamengo 2 a 1.

Não foi o suficiente para torná-lo um ídolo, mas o bastante para que a torcida rubro-negra passasse a prestar atenção naquele crioulo baixinho. Com o passar dos jogos foi-se firmando diante dos companheiros e da torcida, até que passou a ser o dono do time, ao lado de seu companheiro de meio-campo Dequinha. A categoria e o estilo lhe conferiram o grau de **doutor**; o jeito de moleque e a malandragem lhe deram o apelido de Rubis: **Doutor Rúbis**, como passou a ser chamado carinhosamente pela torcida.

Foi tão importante que passou a concentrar em torno de si todas as ações do Flamengo: organizava o jogo, driblava curto infiltrando-se em ziguezague pela defesa adversária e, como se não bastasse, chutava bem — colocado e forte. Uma falta, nas proximidades da área, era meio-gol, quando **Doutor Rúbis** se preparava para bater. Foi tricampeão em 53/54/55. Deixou o Flamengo pelo Vasco, mas não chegou a brilhar como antes: foi um ídolo tipicamente rubro-negro.

Dida foi o exemplo mais feliz da filosofia do velho treinador Fleitas Solich: lançar os jovens, conduzir a equipe em permanente renovação. A filosofia, em suma, que deu ao Flamengo o segundo tricampeonato. A sorte do Feiticeiro — como Solich era chamado — e de Dida se casaram na noite de 4 de abril de 1956, quando foi disputada, no Maracanã, a terceira partida da melhor de três, contra o América, que deu ao Flamengo o tricampeonato (decidia-se, então, o campeonato de 55).

Reserva de Índio durante quase toda a competição, Dida foi lançado no time, juntamente com o meio-armador Duca. Duca fez o primeiro gol, Dida fez os outros três: 4 a 1, Flamengo tricampeão. De físico franzino — que nem de longe podia sugerir o goleador que era de fato — Dida distinguiu-se pela habilidade e velocidade. Era tão ágil que, ao matar a bola, já tirava o adversário do lance; tão veloz que o beque, ao chegar na jogada, não o encontrava mais. Chegou à Seleção Brasileira e só não foi titular na Copa de 58 porque o destino o escalou em época errada: ali começou a aparecer Pelé.

Dida foi durante anos — quase duas décadas — o maior artilheiro da história do Flamengo, sendo superado somente agora por Zico, cujo nome também já está inscrito na galeria de grandes craques que defenderam a camisa rubro-negra. A torcida espera que Luís Pereira seja o próximo.

Vasco contrata Silvinho e joga em Petrópolis

Serrano x Vasco Local: Estádio Atílio Marotti. **Horário**: 16h. **Juiz** Luís Carlos Félix. **Serrano**: Acácio, Paulo Verdun, Paulo Ramos, Herval e Humberto; Israel, Moreno e Wellington; Gilberto, Luís Carlos e Bernardo. **Vasco**: Mazaropi, Marco Antônio, Orlando, Léo e João Luís; Pintinho, Paulo Cesar e Marco Antônio II; Wilsinho, Roberto e Peribaldo.

A contratação do ponteiro-esquerdo Silvinho foi acertada definitivamente ontem à noite pelo Vasco, que pagará Cr$ 10 milhões parceladamente ao América. Hoje à tarde, em Petrópolis, Zagalo lança contra o Serrano o mesmo esquema ofensivo utilizado para derrotar o Olaria no segundo tempo por 3 a 1, com Peribaldo ao lado de Roberto.

Zagalo afastou Paulo Roberto para alterar o esquema do meio-campo, com a entrada de Marco Antônio II pela ponta-esquerda e dar a Roberto maior auxílio na luta com os zagueiros, onde estava muito isolado e agora terá Peribaldo. Com a ausência de Guina e Paulo César mais preso à armação, o time se ressentia de maior poder ofensivo.

ESQUEMA

Com Peribaldo formando a dupla de pontas-de-lança com Roberto, Zagalo arma o meio-campo hoje com Pintinho em sua posição normal, na cabeça-de-área, Paulo César a direita e Marco Antônio II na ponta esquerda, em lugar do tripé habitual pela faixa central do campo que permite a presença de um ponteiro-esquerdo ofensivo. Com isso, também Catinha perdeu o lugar e ficará no banco hoje, pois o ponta-direita será Wilsinho.

Na defesa, apesar de Paulinho Pereira ter sido aprovado no teste feito ontem de manhã em São Januário, Zagalo preferiu poupá-lo hoje por temer uma nova contusão. Por isso, manteve Marco Antônio na lateral direita e João Luís na esquerda, enquanto Orlando e Léo continuam no meio da área. Paulinho Pereira só deverá retornar contra o Bonsucesso, quarta-feira, quando Marco Antônio voltará à sua posição e João Luís terá que ficar no banco se não for novamente deslocado para a ponta esquerda.

Os cinco reservas escolhidos por Zagalo são Jair, Juan, Ivan, Dudu e Catinha. Paulo Roberto não foi relacionado, segundo o técnico, porque ele já conta com Dudu, embora ainda fora de forma, e preferiu ter mais opções na zaga para uma emergência, quando poderá até deslocar Orlando para sua antiga posição e lançar um dos dois reservas. A entrada de Ivan, que ele ainda não viu jogar desde que assumiu a direção do time e deseja testar ao lado de Orlando, pode ocorrer durante o jogo com o Serrano.

A contratação do ponteiro-esquerdo Silvinho foi, finalmente, acertada em novo encontro entre o jogador e os dirigentes do Vasco. O América concordou em receber Cr$ 10 milhões pelo passe, em parcelas mensais de Cr$ 1 milhão e Silvinho abriu mão dos 15% a que tinha direito, principal obstáculo para a transferência. O ponteiro pediu para treinar ontem em São Januário, mas Calçada não concordou porque a situação não estava resolvida. Ele receberá Cr$ 1 milhão de luvas, Cr$ 80 mil mensais até 31 de dezembro de 1981 e se apresenta ao Vasco amanhã.

NOVO RECORDE

Os dirigentes do Serrano esperam superar hoje o recorde de público e renda obtido no ano passado, quando o Vasco jogou pela primeira vez no Estádio Atílio Marotti e a arrecadação foi de Cr$ 860 mil. O Estádio tem capacidade para 22 mil pessoas sentadas e as bilheterias serão abertas às 12h. Não houve venda antecipada de ingressos, pois um atraso na entrega da gráfica à Federação impediu que eles fossem remetidos para Petrópolis com antecedência, segundo os dirigentes locais.

Nos três jogos que disputaram até hoje, o Vasco não conseguiu vencer o Serrano. Em 1946, foi goleado por 7 a 3, e no ano passado perdeu por 2 a 1 em Petrópolis e empatou de 1 a 1 em São Januário. Com a quota de hoje, a diretoria do Serrano pretende pagar os atrasados que ainda restam dos salários dos jogadores, num total de Cr$ 180 mil. Eles estavam há dois meses sem receber mas o clube conseguiu ontem saldar 80% dos débitos o que deixou o elenco mais tranqüilo.

Para o técnico Ronaldo Bastos, entretanto, a situação não é tranqüila. A dupla de área titular, Renato e Eurico Sousa, cumpre suspensão por ter sido expulsa na última partida com o Americano, em Petrópolis. No lugar de Renato, joga o juvenil Paulo Ramos e Herval substitui Eurico.

Como supervisor do time, Ronaldo Bastos substituiu provisoriamente o técnico Milton Barreto e vai dirigir a equipe somente contra o Vasco, pois o Serrano contratou ontem o ex-técnico do América, Luís Carlos Quintanilha, que receberá salários de Cr$ 50 mil, que observa o jogo hoje e assume terça-feira.

Foto de Ari Gomes

Apesar da improvisação de Marco Antônio na direita, ele e Pintinho confiam numa boa atuação

Rodada

Rio de Janeiro

Flamengo x Fluminense
Goytacaz x Botafogo
Serrano x Vasco
Olaria x Niterói
Bonsucesso x Bangu

Ontem

Americano 2 x 0 Volta Redonda

São Paulo

Santos x Palmeiras
P. Desportos x XV de Nov.
Juventus x Comercial
Marília x São Paulo
Ponte Preta x América
Botafogo x Ferroviária
Noroeste x Francana
São Bento x Taubaté

Ontem

Corintians 4x0 Guarani

R.G. SUL

Grêmio x Inter. SM
Bagé x Internacional
Farroupilha x Novo Hamburgo
Gaúcho x São Paulo
Juventude x Brasil
São Borja x Lajeadense

Minas Gerais

Uberaba x América

Paraná

Colorado x Pinheiros
Maringá x Coritiba
Londrina x Toledo
Cascavel x U. Bandeirante
Pato Branco x Iguaçu
Umuarama x Guarapuava
Apucarana x Rio Branco
Matsubara x Operário
União x Paranavaí

Santa Catarina

Joinville x Figueirense
Avaí x Paisandu
Juventus x Blumenau
Caçadorense x Chapecoense
Carlos Renaux x Joaçaba
Marcílio Dias x Rio do Sul

Bahia

Bahia x Vitória
Atlético x Humaitá
Fluminense x Redenção
Jequié x Leônico
Itabuna x Botafogo

Ceará

Tiradentes x Guarany (Sobral)
Ceará x Fortaleza
Guarani J x Ferroviário

Pernambuco

Santa Cruz x Náutico
América x Ferroviário

Goiás

Goiás x Atlético
Rio Verde x Vila Nova
Anapolina x Goiânia
Goiatuba x Itumbiara

Brasília

Brasília x Tiradentes
Gama x D. Bandeirante
Guará x Taguatinga
Sobradinho x Ceilândia

Mato Grosso do Sul

Operário x Atlântico
Aquidauna x Comercial

Mato Grosso

Misto x Operário VG
Barra do Garças x Palmeiras
Humaitá x Dom Bosco

Espírito Santo

Rio Branco x América
Colatina x Vitória
Estrela x Desportiva
Guarapari x Barrense

Amazonas

Nacional x Fast
Olaria x Penarol

Pará

Liberato x Izabelense

Alagoas

C R B x C S A
A S A x C S E

Maranhão

São José x Expressinho
Vitória do Mar x Boa Vontade

Paraíba

Auto Esporte x Santa Cruz
Campinense x Santos
Nacional C x Nacional (Patow)

Piauí

Auto Esporte x Picos
River x Tiradentes

Rio Grande do Norte

Baraunas x América
Potiguar x ACB

Sergipe

Olímpico x Estanciano
Propriá x Confiança
Maruinense x Itabaina
Santo Cruz x Sergipe

Oton quer Botafogo mais ofensivo contra Goitacás

GOITACÁS X BOTAFOGO. Local: Campos. **Horário**: 16h. **Juiz**: José Aldo Pereira. **Botafogo**: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Zé Eduardo e Carlos Alberto; Almir, Mendonça e Rocha; Volnei, Hamilton e Jerson. **Goitacás**: Jorge Luís, Totonho, Willer, Valdir e Serginho; Forra, Vanderlei e Pio; Rogerio Vescovis, Índio e Nivaldo.

A necessidade de vitória contra o Goitacás, para continuar com esperanças de lutar pelo título do primeiro turno do Campeonato Estadual, fez com que o técnico Oton Valentim, do Botafogo, que deve dirigir o time pela última vez, alterasse o esquema de jogo que vinha adotando, tornando-o mais ofensivo. Luisinho não melhorou da contusão e foi substituído pelo juvenil Almir.

Mesmo contrariando alguns dirigentes, Oton escalou um ataque totalmente novo, formado pelos jogadores Volnei, Hamilton e Jerson, que tiveram bom rendimento durante os treinos. Silva teve sua oportunidade e não se saiu bem e Marcelo, que fica no banco de reservas, está sem condições físicas ideais. O ponta Edson não teve boa atuação no treino.

Como o presidente Charles Borer está reclamando das atuações do time e não reconhece que o clube precisa de reforços, em caso de derrota hoje, pode tomar a decisão de afastar o técnico Oton Valentim, mesmo com as dificuldades que encontrou. Sobre isto, Oton comentou:

— Volto a repetir: se os dirigentes me demitirem, saio de cabeça erguida e com a consciência tranqüila porque fiz um bom trabalho. Sempre disse que, se o time sofresse alguma alteração, seria difícil reestruturá-lo. Mas, pedir minha demissão, eu não o faço.

Devido ao clima de tensão política dentro do clube atualmente e com a responsabilidade de vencer o Goitacás, o ambiente entre os jogadores é de preocupação. Mas Mendonça, que é o capitão da equipe, disse que, depois da reunião que fizeram, o ambiente melhorou um pouco.

— Esta situação não é nada boa para nós jogadores que vamos entrar em campo precisando vencer. Acho que o fundamental para isso é a tranqüilidade e não se importar com a torcida.

Os jogadores participaram ontem de um treino recreativo e logo após seguiram para a cidade de Campos, em ônibus especial. Além dos titulares, Oton Valentim relacionou os jogadores Luís Carlos, Edson, Serginho, Gérson e Marcelo.

O zagueiro Renê, afastado da equipe, não foi relacionado porque não participou dos treinamentos da semana. Esta foi a afirmação do técnico Oton Valentim, que não convenceu. Renê disse que estava sentindo dores musculares, mas ontem se considerava bem.

— Não entendi por que fui afastado do time, pois em outras vezes, mesmo contundido, o técnico me escalou. Tive uma conversa com o Oton, que pediu que eu viajasse, mas como não fui avisado anteontem não trouxe o material e já tinha firmado um compromisso com minha mulher. Não me neguei, quero que fique esclarecido.

A versão de Oton Valentim:

— Não relacionei Renê porque ele não treinou durante a semana, mas se um dos zagueiros se contundir, eu coloco o Serginho na lateral-esquerda e desloco Carlos Alberto para o meio da zaga.

A torcida do Botafogo que vai a Campos hoje fará uma "missa de sétimo dia" para o presidente Charles Borer, que foi enterrado simbolicamente na partida contra o Campo Grande, em Ítalo Del Cima.

América empata outra vez

América 0 x 0 Campo Grande. Local: São Januário. **Renda**: Cr$ 69 mil 330. **Público**: 555 pagantes. **Juiz**: Pedro Carlos Bregalda. **América**: Jurandir, Uchoa, Marinho Peres, Eraldo e Alcir; Celso, Álvaro e Nelson Borges; Carlos Henrique (Serginho), Luisinho e Porto Real. **Campo Grande**: Jorge, Nei, Panzarielo, Paulo Siri e Jacenir; Vilmário (Pantera), Serginho (Bras) e Edu; Luís Carlos, Caio e Luís Paulo.

Os dirigentes do América responsabilizaram o ex-técnico Luís Carlos Quintanilha pela má fase do time e colocaram o supervisor Luís Mariano em seu lugar. Mas, em campo, o clube voltou a apresentar um futebol decepcionante e não conseguiu passar de um empate sem gols contra o Campo Grande ontem a tarde em São Januário.

Os 555 pagantes presentes à partida viram um futebol de má qualidade técnica, com o América confuso em todos os setores e tendo, ainda, o lateral-esquerdo Álvaro improvisado em meio-de-campo, enquanto o Campo Grande limitava-se a se defender e tentar alguns contra-ataques sem oferecer perigo.

O principal defeito do América foi no meio-de-campo, com uma formação inteiramente nova, já que Celso, Álvaro e Nelson Borges nunca conseguiram se entender — e nem podiam — pois jamais chegaram a treinar sequer uma vez juntos e acabaram por transmitir apenas insegurança e nervosismo aos demais jogadores. Luisinho Lemos ainda tentou algumas jogadas no ataque, mas a defesa do Campo Grande, bem armada, anulava todas as tentativas. O resultado final fez justiça ao que apresentaram as duas equipes.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

SERIA demais pedir uma boa atuação do juiz no jogo de hoje? Não sei ainda o nome do árbitro. Vocês poderão encontrá-lo no noticiário da partida. E não estou preocupado com o que Fluminense e Flamengo possam apresentar. Mas peço ao juiz o favor de deixar os jogadores fazerem o que sabem: praticar o futebol.

Há muitas maneiras de segurar uma partida, para que ao fim o juiz saia de campo com aquela que parece ser a sua maior glória: levar o espetáculo a um bom termo. E tomem média, acomodação, compensação. Pobres juízes: eles também são vítimas dos muitos interesses, das grandes pressões, embora neste particular louvem-se as duas partes até o momento, pois nenhum dirigente deitou ainda falação acusando o árbitro de ter má vontade com sua equipe.

Mas é na marcação dos impedimentos que os juízes podem mais facilmente segurar um jogo, evitando gols polêmicos. Salvam a sua pele, mas sistematicamente prejudicam o futebol, nesta época em que tantos times praticam a armadilha do off-side.

A beleza do futebol é o gol, está no gol. Não o gol artificialmente facilitado, como nos Estados Unidos, mas o gol trabalhado com técnica, produto de uma manobra coletiva arduamente ensaiada durante a semana. E, entretanto, quando as equipes conseguem pôr em plano a tática ensaiada e vê-se um jogador, penetrando de tras, receber livre à frente dos zagueiros que se adiantaram propositadamente, lá está o bandeirinha para assinalar e lá está o juiz para fazer o que é mais fácil: matar o lance no nascedouro, antes que lhe cause maior problema.

Não peço aos árbitros que ignorem a lei do impedimento. Peço simplesmente que a apliquem, mas que a apliquem como ela é, não como julgam lhes ser mais conveniente.

■ ■ ■

A partida tem ingredientes para ser boa, pois reúne dois times velozes, em boa fase, com jogadores de talento: Luís Pereira, Júnior, Adílio, Zico, Edinho, Mário, Cláudio Adão, Zezé. A lista soa mais ilustre do lado rubro-negro, mas o Fluminense tem alternativas, tem armas para complicar a vida do adversário.

A essas armas eu, que já falei em Zezé, acrescentaria o nome do extrema-direita Robertinho. Gosto do futebol desse rapaz, deslocado por Zagalo para a extrema, onde revelou excelente capacidade de adaptação, além de raro desprendimento. Se vocês notarem, Robertinho incorporou-se de corpo e alma à nova função. Ele não é um desses centroavantes contrariados que volta e meia são pilhados incursionando pelo meio, com saudade ou teimosia. Não, escalado como extrema, Robertinho tem feito desde então, com grande aplicação e elogiável técnica, a jogada do extrema: vai à linha de fundo e cruza para trás, para os companheiros com melhor ângulo de chute.

O Flamengo é ainda o melhor time do Rio de Janeiro, embora atravesse um momento de transição, marcado pelas ausências cada vez mais constantes de Paulo César Carpegiani em seu meio-campo. Jogador que para mim figura entre os dois ou três melhores que atuaram em toda a década de 70, Carpegiani foi importantíssimo para a armação do atual time do Flamengo. Lembro-me ainda do dia em que Carlinhos Niemeyer, com sua alma de aviador, foi apanhá-lo com os desses pequenos e, em minha opinião, perigosos aparelhos, em um ponto qualquer do território nacional, para apresentá-lo à torcida no Maracanã.

A compra foi então muito criticada, mas não por mim. Dizia-se que Carpegiani tivera problemas sérios nos dois joelhos, o que era verdade, uma distensão séria, o que era verdade, e uma infecção complicada, o que também era verdade. Tudo verdade, como de verdade era o seu talento. Carpegiani é um desses jogadores que, com sua lucidez, arma qualquer equipe em que entre para jogar. Tenho para mim que, feito supremo, ele conseguiria armar até a do Botafogo.

O problema agora já não é de contusão mas de anos. Dizendo melhor, de anos que agravam os efeitos de contusões do passado em um futebol, como o brasileiro, onde o talento de tantos jogadores é caçado em campo sob as vistas complacentes dos juízes.

Vejo que, inconscientemente, volto ao tema original de minha crônica. Pensando em Paulo César Carpegiani, cuja ausência todos lamentamos hoje à tarde, peço aos juízes: preocupem-se mais com o espírito das leis do futebol, que é o de permitir as jogadas inteligentes e preservar os jogadores capazes de criá-las.

■ ■ ■

DE PRIMEIRA: *A revista inglesa Shoot! espanta-se com o fato de que, jogando com a Seleção do Qatar, a equipe do América conseguiu aqui no Rio um público de apenas 729 pagantes. Ora, ora. Outro dia, em pleno Campeonato Carioca, apenas 422 pessoas foram ver o América jogar.*

Luís Pereira faz hoje seu primeiro Fla-Flu

João Saldanha

O açougueiro de Viena

FOI bem interessante o jogo do Olaria contra o Vasco da Gama na quinta-feira. E merece um estudo. O Olaria é um time modesto, mas vez por outra arruma coisas. Ora bons jogadores pintam por Bariri, ora vão buscar por aí. Dizem que alguns dos que estão jogando vieram de Minas Gerais. Turma juvenil que estourou idade. Mas o Olaria também resolveu mexer em assuntos muito complicados. Um deles, complicadíssimo e perigoso: sistema tático. É uma parada este negócio aqui no Brasil. Apesar de nossa técnica revolucionária, taticamente somos conservadores. Jogávamos no sistema do 2-3-5 mesmo depois da lei do impedimento ter alterado esta tática em todos os outros países do mundo. O 2-3-5 era aquele dos dois beques; três halfes e cinco linha. Pois não é que todos já tinham se modernizado em 1924-26 e nós fomos à Copa de 1938 com nosso sistema antiquado?

Depois, logo em seguida, apareceu por aqui um homem muito inteligente: Dori Kruschner, que ousou fazer o WM. Levaram-no à loucura. Exatamente o homem que nos ensinou o futebol moderno. Chegaram a inventar uma tática chamada Diagonal que nada mais era do que o WM. Mas o atraso de nossa gente fazia "ver" uma coisa que não existia. Como a roupa do Rei nu. Passamos para o 4-2-4 que a lentidão do futebol da época permitia. Já faziam isto na Europa, como alternativa, desde 1924-25-26. Bastava um time do WM estar perdendo para tentar mais agressividade. E passavam para o 4-2-4, empurrando mais um homem do meio para a frente. Depois passamos ao 4-3-3, que fazemos até hoje, com a alternativa do "cabeça-de-área", o que significa um recuo ou um atraso em nosso desenvolvimento tático. Mas Kruschner trouxe também o sistema da marcação homem-a-homem, com um líbero, para certos casos. Recuou Fausto, o Maravilha Negra, nosso maior jogador em sua época, para zagueiro de área, pelo meio. Achava que Fausto não tinha mais condições físicas para correr no meio como "center-half" clássico. Fizeram uma onda enorme. O "alemão" queria estragar nosso futebol!

"Espião europeu!", "Açougueiro de Viena!" Dori Kruschner ficou muito triste. Além do mais era húngaro e quem tinha um açougue em Budapeste era seu sogro. Mas este homem salvou nosso futebol do atraso em que se encontrava. Quanto a Fausto, o Maravilha Negra, morreu pouco depois. Estava tuberculoso. Os times não tinham médicos e quando o "alemão" sentiu que ele cansava à toa, foi crucificado pela ignorância. Mas, a duras penas, saímos do buraco. Agora andamos voltando. Nosso futebol é empírico. O aprendizado de nossos jogadores é visual. O garoto entra no time de cima imitando o jogador ídolo da posição. E repete tudo, mesmo que o jogo seja diferente.

E vem o Olaria, metido a besta, e enrasca o Vasco, time muito melhor mas que só deu um chute a gol no 1º tempo. Roberto, marcado por Salvador, recuava para o meio-campo e o cara vinha atrás. Claro! Osmar estava sobrando. E o Olaria engrossando. Lá na Espanha, o Gijon (o Olaria da Espanha) fez isto e Nunes vinha para o meio do campo trazendo seu marcador e o transformando de defensor em atacante. Tanto no Maracanã como em La Coruña, Zagalo e Coutinho perceberam o negócio. Mas como explicar em noventa minutos o que os caras não aprenderam em vários anos? Um ou outro percebe a coisa. O intervalo salvou o Vasco. Não em explicações sobre o que estava acontecendo. Seria perder tempo. Bastou falar: "Você, fulano, joga lá na frente em cima daquele crioulo". E o Peribaldo foi para cima do Osmar. Ou então: "Nunes, vai para cima daquele grandão". E Nunes foi marcar o líbero, lá dentro da área dele. O Olaria, malandro, aplicou esta e quase pega o Vasco. A verdade é que nossos jogadores não sabem nada sobre teoria do futebol. Não distinguem um sistema de outro. Têm grande capacidade técnica mas nada sabem de tática. Lhes asseguro que é impressionante. E posso garantir que em todo o meu tempo como treinador apenas sabiam qualquer modificação tática que acontecesse no campo. Vou contar sobre o assunto. Muitos estão vivos e nada sabem até hoje. E olhem que tive grandes craques trabalhando juntos. Monstros é a verdade. Capacidade e inteligência incomum mas, saber o que o adversário estava fazendo, não sabiam.

O Vasco ganhou do Olaria mas no fim do jogo o Zagalo ficou mais cansado do que o time inteiro de tanto gritar o óbvio.

Zagueiro mantém frieza de sempre

Antonio Maria Filho

Luís Pereira, 31 anos, ex-integrante da Seleção Brasileira, ídolo do Atlético Madri (sua transferência causou uma grande discórdia entre a torcida e a diretoria do clube espanhol), faz hoje sua estréia no Flamengo. Será o centro das atenções de quem comparecer esta tarde ao Maracanã e sua presença levará ao estádio torcedores até mesmo de outros clubes.

Sua responsabilidade, portanto, é enorme, mas quem o acompanha nestes momentos que antecedem a partida perceberá logo que, por maior que seja esta responsabilidade, não é suficiente para abalar Luís Pereira, um jogador frio, de grande personalidade e que em todas as entrevistas faz questão de deixar claro que não haveria melhor oportunidade para estrear do que no Fla-Flu, o clássico mais tradicional do futebol carioca.

A frieza de Luís Pereira é impressionante. Para ele, mais importante que esquemas táticos é a confiança que tem no seu futebol. Sabe que uma má atuação pode marcá-lo negativamente junto à torcida, mas não pensa nesta possibilidade.

— Por que pensar em me sair mal, se me considero um bom jogador? Por que temer um grande clássico, se é num grande clássico que os jogadores se consagram. Por que temer estrear numa grande equipe como a do Flamengo?

As indagações de Luís Pereira mostram exatamente o seu estado de espírito: a certeza de que sairá vitorioso de campo e de que veio para o Flamengo para somar.

Ao chegar ontem à Gávea, Luís Pereira estava tão tranqüilo quanto nos dias anteriores. As críticas feitas à defesa do Flamengo pelos erros cometidos no coletivo de sexta-feira (em especial a ele), não o abalaram em nada.

— As falhas têm que acontecer nos treinos. E em coletivos não existe espírito de competição. Vai-se a campo exclusivamente para treinar. Os jogadores não entram com aquela determinação de vitória. Por isso, muitas jogadas são feitas pelos reservas, que têm mais motivação que os titulares. O que se passou no coletivo já era esperado. Mas não há condições de repetir os erros durante a partida. Num jogo valendo dois pontos, as jogadas são disputadas com vigor e não existem facilidades. A torcida do Flamengo pode ir ao estádio despreocupada. Ela não verá apenas Luís Pereira, pois o Flamengo tem jogadores de excelente nível. Sei que por se tratar de uma estréia, serei uma das atrações do jogo, mas com todo o tempo de futebol que trago em minhas costas nada mais me intimida.

APOIO DO TIME

Às vezes uma contratação é mal recebida pelo time. Mas a de Luís Pereira alegrou a todos. Sente-se perfeitamente que toda a equipe está feliz com a vinda do zagueiro e, ainda em Madri, no fim da excursão, os jogadores torciam para que a negociação se concretizasse.

E percebendo isso é que Luís Pereira se motivou ainda mais a se transferir para o Flamengo. Percebeu que não adiantaria continuar na Espanha, onde, mesmo adorado pelos torcedores, dificilmente teria uma chance enquanto Hector Nunez permanecesse no cargo de diretor técnico da equipe.

Os problemas de Luís Pereira começaram quando, numa partida importante, o técnico Hector Nunez lançou o jogador prematuramente e meio ao jogo o retirou. Quando a equipe voltou para o vestiário, Luís Pereira questionou o problema com o treinador e então começou uma discussão. A diretoria do clube deu razão ao jogador e afastou Hector Nunez.

Entretanto, houve eleições no Atlético Madri e a nova diretoria trouxe Hector Nunez de volta. Quando aconteceu isso, os torcedores sentiram imediatamente que Luís Pereira seria afastado do time e foi realmente o que aconteceu. Começou a temporada e seu nome não foi inscrito. Vieram os torneios de verão e Luís Pereira, mesmo em forma, treinando diariamente, não foi escalado em nenhuma partida.

A torcida passou a protestar, mas a diretoria preferiu prestigiar o treinador. Os próprios jogadores do Flamengo perceberam o quanto Luís Pereira era querido pelos torcedores do Atlético na ocasião em que passaram por Madri. Em todos os lugares, era festejado e muitos torcedores davam total apoio à sua transferência para o Flamengo (os jornais espanhóis já especulavam sobre esta possibilidade), por reconhecerem que aquela situação era tremendamente injusta.

Outra prova da popularidade de Luís Pereira ocorreu durante o embarque da delegação do Flamengo de volta ao Brasil. O zagueiro foi ao aeroporto e levou o time quase até o avião, passando pelo portão de embarque, acompanhado de Marilu, sua mulher, sem que fosse necessário justificar nada aos policiais que examinavam os passaportes dos passageiros. Ao contrário, de todos recebia uma palavra de carinho e desejo de que entrasse num acordo com o Atlético Madri.

Essas manifestações de solidariedade impressionaram a todos os integrantes da delegação do Flamengo, que tiveram então a certeza de que Luís Pereira era ainda um jogador de grande prestígio no futebol espanhol. A partir daí, ainda no aeroporto, sua contratação começou a ganhar forma e ficou acertado um telefonema seu para o presidente Márcio Braga.

VOLTA À SELEÇÃO

A delegação do Flamengo embarcou e Luís Pereira já estava decidido a deixar o Atlético de Madri, independente do que a diretoria decidisse.

— Além de estar há cinco anos no Atlético, quero voltar à Seleção Brasileira. O Flamengo é um grande clube e se tenho condições de integrar sua equipe, também tenho de ser chamado para a Seleção. Acho que vale a pena me transferir mesmo que perca dinheiro e, pelo que estou sentindo, só voltarei à Espanha em 1982 para disputar a Copa do Mundo — disse Luís Pereira, momentos antes de deixar o aeroporto acompanhado de sua mulher.

Por tudo que passou nestes dias, concendendo uma infinidade de entrevistas, submetendo-se a uma série de exames físicos e de laboratório e tendo ainda que se adaptar a um esquema de jogo em curto espaço de tempo, Luís Pereira se considera pronto para a estréia.

— Quando cheguei no Galeão, disse que estaria em condições de estrear no Fla-Flu. Mantenho o que disse. Foram dias muito cansativos para mim, mas estou em condições de mostrar meu futebol. Não creio que haverá problemas de desentrosamento com os companheiros de defesa. O que se passou no treino só aconteceria mesmo no treino. No jogo, todos se empregam e se esforçam mais. Assim, o trabalho fica fácil para todo mundo.

Sobre a tarefa de marcar Cláudio Adão, um atacante habilidoso, artilheiro do Campeonato, Luís Pereira não parece preocupado:

— Não estou preocupado com o Cláudio Adão, como não fico preocupado com qualquer que seja o atacante. Considero-o um excelente jogador, muito técnico. Mas, sinceramente, não estou preocupado com ele. Confio no meu futebol e espero apenas estar num dia bom para retribuir à torcida do Flamengo o carinho que recebi nestes quatro dias de Rio de Janeiro.

Todo o time confia no novo companheiro

Raul:

"É um jogador de alto nível. Traz uma bagagem de experiência e técnica que nos ajudará muito nesta campanha do tetracampeonato".

Carlos Alberto:

"Luís Pereira é um jogador de muita personalidade e tornará o Flamengo ainda mais forte."

Rondinelli:

"Fiquei satisfeito com sua contratação por se tratar de um grande jogador. Disse-lhe inclusive, na Espanha, que o Flamengo era atualmente o único clube brasileiro em que o jogador é tratado como um profissional".

Júnior:

"Acho desnecessário analisar as qualidades técnicas de Luís Pereira. É um jogador em nível de Seleção Brasileira e conhecido em todo o país. Sua contratação foi excelente".

Andrade:

"O prestígio de Luís Pereira na Espanha ainda é muito grande. Isso prova que está em grande forma e em condições de jogar no Flamengo".

Tita:

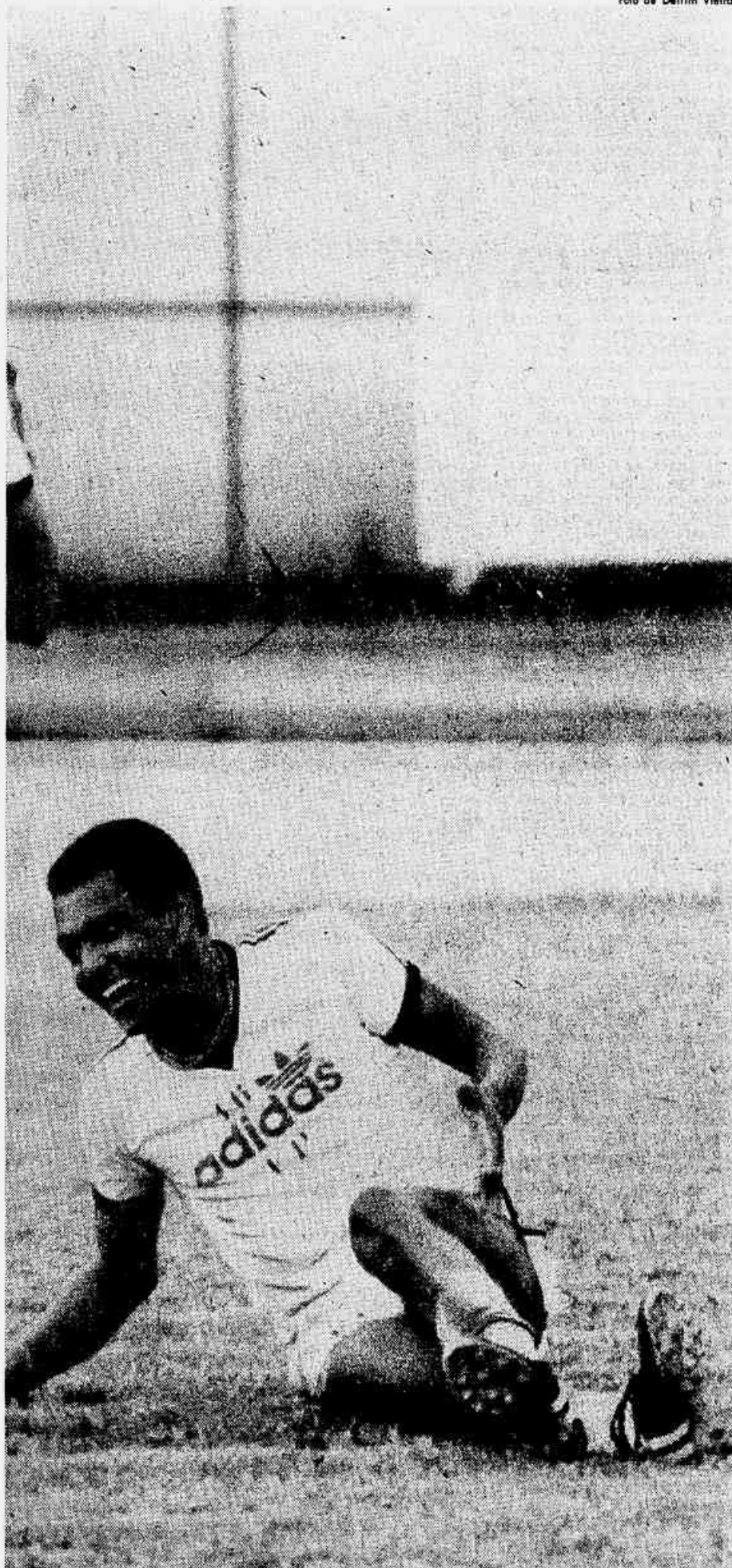
"Temos que aplaudir as grandes contratações e a do Luís Pereira foi excelente. Estamos cada vez mais fortes. Além dos titulares, temos um excelente banco de reservas, formado por jogadores em condições de atuar em qualquer time do Brasil".

Zico:

"Luís Pereira é um jogador completo. Defende e ataca com perfeição, e sua presença em campo aumentará ainda mais a nossa confiança e, ao mesmo tempo, as preocupações dos nossos adversários. Além de tudo isso, o prestígio internacional do Flamengo será ainda maior".

Júlio César:

"É um jogador que certamente voltará à Seleção Brasileira e isso já diz tudo".

Foto de Delfim Vieira

Luís Pereira está ansioso para sentir a força da torcida do Flamengo

Flamengo x Fluminense: **Local**: Maracanã. **Horário**: 17 horas. **Juiz**: Wilson Carlos dos Santos. **Flamengo**: Raul, Carlos Alberto, Rondinelli, Luís Pereira e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Júlio César. **Fluminense**: Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe; Delei, Mário e Gilberto; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé.

Mais que sua tradição e a rivalidade entre as duas equipes, o Fla-Flu desta tarde será marcado pela estréia de Luís Pereira, um jogador que participou apenas de um treino de conjunto no Flamengo, mas que tem a seu favor a experiência adquirida no Palmeiras, na Seleção Brasileira e no futebol europeu.

O técnico Cláudio Coutinho escalou Luís Pereira como líbero, mas explica que não será a primeira vez que o Flamengo adotará este tipo de marcação, não sendo portanto uma novidade para os jogadores. Caberá a Rondinelli dar o primeiro combate a Cláudio Adão, ficando Luís Pereira na sobra e na cobertura de todos os jogadores da defesa.

A estréia de Luís Pereira aumentou a expectativa em relação ao Fla-Flu. Tanto na Gávea quanto nas Laranjeiras, o ambiente é de muita confiança. Enquanto os jogadores do Flamengo se sentem fortalecidos pela presença de Luís Pereira, os do Fluminense estão certos de que saberão tirar partido do pouco tempo que o zagueiro teve para se adaptar ao esquema da equipe.

Os dirigentes do Fluminense, empolgados com a possibilidade de uma arrecadação superior a Cr$ 15 milhões, oferecem um prêmio de Cr$ 80 mil por uma vitória sobre o Flamengo (a equipe terá direito a 25% da cota líquida do clube).

Na Gávea e nas Laranjeiras, houve apenas um leve treinamento. Outro jogador do Flamengo está agora bem mais motivado: Raul. Chegou a um acordo com o clube para a renovação do contrato e, de Cr$ 48 mil que ganhava entre luvas e ordenados, foi reajustado para Cr$ 225 mil mensais. O Flamengo, que tem o mando do campo, atuará com seu atual uniforme número um, devendo o Fluminense usar o branco.

Cláudio Adão quer provar seu valor

Marcos Penido

De jogador criticado no Flamengo, porque perdia muitos gols, tudo mudou na vida profissional de Cláudio Adão: ele agora já é ídolo da torcida do Fluminense, pois em apenas quatro jogos já é o artilheiro do Campeonato Estadual, com seis gols.

E sem revanchismos, embora deva dar tudo pela vitória que poderá ajudar seu time na conquista do primeiro turno do Campeonato, é que Cláudio Adão vê sua participação no primeiro Fla-Flu de sua vida vestindo a camisa tricolor. É a primeira vez também que enfrenta o Flamengo.

— A mim não interessa se do lado de lá esta o Luís Pereira ou o Rondinelli me marcando. Não tenho nada contra o Flamengo, clube que sempre cumpriu suas obrigações comigo e me tratou corretamente. Mas, na hora do jogo, vou tratar é de vencer a partida, se possível com gol meu. Sinto que estou tão bem como na época em que jogava pelo Santos e acho que chegou a minha vez, agora no Fluminense.

A tranqüilidade que conseguiu no Fluminense, onde a torcida sempre o trata com carinho, ao contrário da do Flamengo, que nunca o deixava em paz quando perdia gol, é o principal motivo da mudança de Adão, que chega a comentar em tom irônico:

— É engraçado que, quando estive lá, sempre fui o segundo artilheiro do time, perdendo apenas para o Zico, que ganhava de todos sempre. Mas, se perdia um gol, lá vinham as críticas. Chegaram a contratar uns 10 jogadores para disputar a posição comigo, mas eu sempre acabava ficando. Hoje, o Nunes erra e ninguém fala nada. Não dá para entender.

O futebol surgiu na carreira de Cláudio Adão quase que por acaso. Uma viagem de férias de Volta Redonda para São Paulo, onde foi visitar seu primo, fez com que realizasse um treino na Portuguesa Santista. Aos 14 anos foi contratado para jogar nos juvenis.

Com apenas um ano de atividade, foi convidado para jogar no Santos passando a titular aos 16 anos, ao lado do Pelé, sempre fazendo gols e sendo campeão. Do Santos, onde sofreu uma séria contusão na perna direita, foi contratado pelo Flamengo, voltando ao Rio em 1978, para ser tricampeão até ser emprestado ao Botafogo.

A passagem pelo Botafogo Adão não gosta nem de lembrar, mas acha que não pôde mostrar seu futebol, pois jogou apenas 10 vezes e se contundiu. Para ele, foi um período confuso, só foi solucionado com sua saída para o Fluminense, onde encontra agora a tranqüilidade para jogar.

Esta tranqüilidade mostra um Cláudio Adão bem diferente: alegre, extrovertido e com prazer de jogar futebol. Ele agradece também o apoio de sua mulher, Paula, e de seu sogro, o produtor de cinema Luís Carlos Barreto, ambos torcedores do Flamengo, com os quais ele faz questão de brincar, dizendo que sofrerão o sabor de uma derrota com "um gol de Cláudio Adão".

E é brincando com o sogro, ou patinando na Lagoa ao lado de Paula, sempre com roupas modernas compradas nas melhores **boutiques** do Rio, que Cláudio Adão está encontrando a tranqüilidade que sempre gostou de ter para provar que, além de ser um goleador, é um jogador de técnica refinada, que está no Fluminense para ajudar na conquista do título de campeão, como é da tradição do clube. E dele também.

Um técnico muito humilde

— Em futebol, para se conseguir um gol é preciso arriscar, mesmo que se corra o perigo de deixar a defesa desprotegida.

A frase é de Nelsinho, antigo meio-campo do Flamengo, onde formou com Carlinhos, de 1962 a 68, uma dupla que marcou época, e que hoje dirige o Fluminense pela primeira vez contra seu ex-clube.

De temperamento introvertido, o que não o impede de ter idéias precisas sobre tudo o que acontece em futebol, Nelsinho procura transmitir aos jogadores a honestidade que sentiu em Flávio Costa, o trato pessoal que aprendeu com Armando Renganeschi e suas próprias idéias no plano tático.

De sua época, onde apenas uma dupla apoiava e defendia no meio-campo, aos dias de hoje, onde os espaços estão cada vez mais reduzidos, muita coisa mudou:

— Antigamente, o futebol era mais bonito como espetáculo, pois tínhamos mais espaços para executar as jogadas, dávamos maior número de dribles e fazíamos jogadas de efeito. Hoje em dia, devido à melhor preparação física e à evolução tática, estes espaços foram se reduzindo e o jogo não está tão bonito. Em compensação, apresenta uma luta maior e até mais vibração quando bem executado.

Aos 42 anos, eterno morador de Madureira, onde está sua Portela e que não troca por bairro nenhum, pois lá sempre viveu com a família e seus amigos, Nelsinho está casado com Valcinéia, que depois de 19 anos de vida em comum, lhe deu seu melhor presente há 10 meses, com a chegada do Júnior.

Foi em Madureira, junto com seus irmãos Heitor e Nestor, que o caçula Nelsinho começou a jogar bola, sendo o primeiro campeão carioca de futebol de salão, jogando pelo Imperial Basquete Clube, o atual Madureira.

E do futebol de salão para o campo foi um pulo, mesmo com a oposição dos pais, que achavam o futebol um esporte perigoso, que podia inutilizar uma pessoa até mesmo para a vida comum.

Mesmo com a oposição dos pais, que só cessou quando fez seu primeiro contrato como profissional, Nelsinho foi para o infantil do Madureira em 1954 e do clube só saiu em 1962, contratado pelo Flamengo:

— Me lembro que nessa época os dirigentes queriam que viesse morar na zona Sul para ficar mais perto do clube, mas nunca vim pois sempre preferi ficar em Madureira.

No Flamengo, conseguiu dois títulos de campeão, entre eles, o do IV Centenário do Rio de Janeiro, com o seguinte time: Marco Aurélio, Murilo, Jaime, Ditão e Paulo Henrique; Carlinhos e Nelsinho; Neves, Almir, Silva e Rodrigues.

Em 1968, Nelsinho passou a auxiliar técnico dos juvenis do Flamengo, ao lado de Modesto Bria. Em 70, resolveu parar para dirigir sua loja de Loteria Esportiva, mas no ano seguinte voltava ao Madureira para dirigir o time de profissionais, ao mesmo tempo em que fazia o curso de Educação Física e um curso técnico com o professor Ernesto Santos.

No Madureira ficou de 71 até 76, quando foi dirigir o Volta Redonda. De lá foi para o Desportivo Ferroviário, em Vitória, sendo esta a primeira e única vez que saiu do Rio. Em 1979, foi convidado para dirigir o Fluminense no Campeonato Nacional, até a vinda de Zagalo. Depois, o convite para dirigir a Seleção de amadores, campeã em Toulon, e, novamente, o Fluminense, que enfrenta o Flamengo pela primeira vez sob sua direção:

— Dirigir o Fluminense contra o Flamengo faz parte de uma rotina de trabalho. O importante são os resultados a longo prazo, ou seja, o título de campeão. E é para lá que estou caminhando.

caderno B

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Domingo, 14 de setembro de 1980

HELDER COSTA, DO TEATRO PORTUGUÊS PARA O BRASIL

"OS ATORES NÃO SÃO MEROS FUNCIONÁRIOS DO ESPETÁCULO"

Sergio Brito, dirigido por Helder Costa, passa de louco a juiz que investiga o "suicídio" de um preso

Fotos de Ronaldo Theobald

Cleusa Maria

A Morte Acidental de Um Anarquista, que estréia amanhã às 21h 30m, no Teatro dos Quatro, traz duas novidades ao palco carioca. O texto do autor italiano Dario Fô, que embora desconhecido do público brasileiro é considerado um marco no teatro europeu, e a direção do português Helder Costa, a convite de Sérgio Brito que lidera o elenco da peça.

Esta é a primeira viagem de Helder ao Brasil. Ele veio dirigindo o grupo português A Barraca, durante uma curta temporada no Rio. Entre as peças trazidas pelo grupo estava **Preto no Branco**, título de **A Morte Acidental de Um Anarquista**, em Portugal. O convite para dirigir a montagem brasileira foi imediato. O entusiasmo pela idéia, também.

Foram vários os motivos que me levaram a aceitar o convite diz Helder com uma seriedade que contrasta com a descontração do macacão de brim cáqui e as sandálias de couro rústico.

A afetividade que em Portugal se sente pelo Brasil; a formação cultural também baseada em Graciliano Ramos e Jorge Amado; a admiração pelo trabalho das companhias teatrais (Maria Della Costa, Bibi Ferreira, Tuca, que estiveram em sua terra, foram apontados por ele como alguns desses motivos.

— Além disso, há a possibilidade de uma troca de experiências e de enriquecimento pessoal — acrescenta Helder Costa.

Aos 41 anos de idade, tendo estreado no teatro profissional em 1974, com a versão portuguesa de **Liberdade, Liberdade**, Helder Costa dirigiu o primeiro espetáculo de A Barraca, em 1976. Também autor de textos teatrais, foi o vencedor de alguns concursos dramatúrgicos que floresceram em Portugal, após o 25 de abril. Com **D. João VI**, ele ganhou um prêmio também na Espanha e, com **Um homem é um homem**, ganhou o Grande Prêmio da Televisão, concorrendo com 400 textos.

Sempre sério, quase circunspecto, Helder fala do que entende ser a melhor maneira para se dirigir uma peça teatral:

— **A Morte Acidental de Um Anarquista** tem de ser realizada com uma grande dose de consciência, afetividade e emoção. Aliás, esses são meus parâmetros no trabalho com os atores. Esse trabalho flui naturalmente com os componentes do grupo A Barraca. Com os atores brasileiros, precisamos passar por um período de adaptação, já que ainda não nos conhecíamos.

Essa adaptação se fez com muita conversa e discussão de idéias, às vezes no próprio teatro, às vezes "a beber um copo."

— Assim se conseguiu uma unidade ideológica que é a força de todo espetáculo teatral. Quando se diz que o teatro está vivo e não morto tem muito a ver com essa unidade. Não se trata de fazer dos atores meros funcionários do espetáculo.

Para ele, existem duas questões — chave num trabalho teatral. A disciplina e a criatividade. Helder não vê contradições nesses dois aspectos.

— Não só é possível conciliar os dois, como é até necessário. Para isso é preciso muita troca de idéias. Sou contra o trabalho coletivo que mantém um espírito de grupo fechado. Não acredito nisso, porque as pessoas se desviam do mundo, da realidade. O resultado é um trabalho seco, elitista, frio que só pode gerar a crise no teatro.

Na sua opinião, o trabalho coletivo fechado é como o desvio das "organizações político-revolucionárias" que pretendem mudar o mundo sem sair de casa.

— O trabalho coletivo, como entendo, requer uma direção que não seja artificial, nem conquistada burocraticamente. Ela deve ser conquistada por um desenvolvimento natural do trabalho. É preciso dar autoconfiança às pessoas, dar-lhes o sentimento de que são úteis e não **meros verbos de encher**. Isso é que vai levar à criatividade e, em conseqüência, dar vida ao teatro.

Da situação e do teatro brasileiro, Helder demonstra ter uma idéia clara. No seu entender, o teatro nacional está saindo de uma crise, "pois o próprio país vive o fim de uma ditadura".

— É evidente que só agora começarão a surgir os textos, os espetáculos que correspondem à liberdade, pois só em liberdade se pode criar a sério.

A ditadura e a censura não poderiam funcionar como pretexto para uma real crise de criatividade?

— Isso foi muito discutido em Portugal, há algum tempo. Nós sabemos que a dificuldade aguça o engenho. Mas, na verdade, são poucas as pessoas que sobrevivem às dificuldades. Por outro lado, também sabemos que só do confronto de várias experiências é que se pode evoluir. Ou, a quantidade é que gera a qualidade.

Helder argumenta ainda que a qualidade criada ("ou autorizada") numa ditadura, é necessariamente alusiva, jamais direta. E elitista e não popular.

— Isso, porque as censuras existem precisamente para evitar que um maior número de pessoas seja esclarecido, já que o esclarecimento gera a liberdade. A liberdade, por sua vez, é a verdadeira consciência das necessidades. As ditaduras e censuras servem para alienar e, em conseqüência, estou em desacordo com a hipótese levantada.

Ele acrescenta que a idéia é também perigosa, porque pode conduzir à passividade, "a escudos de defesa para quem não quer dizer as coisas que devem ser ditas."

Para Helder Costa, não há contradição entre disciplina e criatividade. "Não só é possível conciliar os dois, como é até necessário"

UMA FARSA GROTESCA SOBRE UM TEMA SÉRIO

A Morte Acidental de um Anarquista, *de Dario Fô, traz de volta a* Sessão das Cinco *ao* Teatro dos Quatro. *De quarta a sábado, o espetáculo começa às 17h, nas segundas e terças se inicia bem mais tarde, às 21h30m.*

A história se baseia num fato verídico acontecido em Milão: a explosão de uma bomba, no Banco da Agricultura, que matou 20 pessoas e feriu cerca de 100. O personagem principal, um louco vivido por Sérgio Brito, está sendo interrogado numa delegacia de polícia. A certa altura é expulso, mas se esconde e consegue passar por um juiz que estaria realizando a revisão de um processo da morte de um anarquista.

Assim, na medida que ouve os policiais, vai tornando claro para o público que o anarquista, até então tido como um suicida, não havia se matado. Fora atirado pela janela da delegacia. Também a bomba que ele teria explodido no banco fora detonada por um grupo fascista.

Com esse fato real, Dario Fô vai desmontando e desmascarando o mecanismo policial e judicial. Apesar do tema violento, trágico, a peça é toda construída numa linguagem cômica, grotesca, chegando a situações de verdadeiro apocalipse, em que se pode perguntar quem é louco e quem é são. "É uma farsa grotesca", define o diretor Helder Costa, "sobre um tema muito sério".

Na montagem brasileira, não foi incluída qualquer referência direta ao caso Herzog. "Mas a semelhança é tão óbvia", diz o diretor, "que cada espectador vai recorrer à memória. Ou talvez nem precisem disso".

O autor, Dario Fô, é dramaturgo bastante conhecido na Itália e na Europa de modo geral. Desenvolveu uma carreira muito parecida com a do homem de circo. Foi ator, cenografo, diretor, sempre ligado ao teatro popular. Homem de esquerda, militante, durante os anos 60 aderiu a uma posição política e estética de atuação direta, promovendo espetáculos nas ruas, nas fábricas. A Morte Acidental de um Anarquista *foi escrita em 1972.*

INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIA

Noticiário sob a responsabilidade de Léo Christiano Editorial

Georgina Uchoa, realiza a primeira exposição individual na Galeria Eucatexpo, dia 2 de outubro. ★ ★ O Projeto PORTINARI, que trabalha há mais de um ano fazendo o levantamento da obra do maior Pintor do Terceiro Mundo, já fotografou e classificou mais de 800 desenhos, pinturas, painéis e documentos na área do Rio de Janeiro. Pelo telefone 246-5005 (DDD 021) ou através do endereço Rua S. Clemente, 134 — CEP 22.260, Rio, você pode ajudar este trabalho, informando sobre quadros que ainda não foram classificados ou documentos (cartas, publicações, etc) ligados à vida e à obra do artista. ★ ★ Paulo Roberto Levrille de Carvalho toma posse amanhã na presidência do Sindicato das Agências de Propaganda do Rio de Janeiro.

Para anunciar aqui ligue 288-5414 — correspondência para Caixa Postal 25.026 / 20.670 — Rio.

Climeni de Almeida volta de longa viagem aos Estados Unidos com duas grandes exposições de pintura brasileira marcadas para a sede a OEA, em Washington, e no "Coliseum" de Nova Iorque. ★ ★ Novas marcas de preço alcançadas no último leilão do Palácio dos Leilões de Ernani, promovido pela Galeria Borghese: Aurélio D'Alincourt Cr$ 170.000,00, Latini Cr$ 46.000,00, Manoel Santiago Cr$ 205.000,00, Armando Vianna Cr$ 80.000,00 e Mabe Cr$ 230.000,00. Uma jóia da Timotheo da Costa (19 x 13) foi arrematada por Cr$ 145.000,00. Os leitores que quiserem adquirir este catálogo com os preços extraídos das notas fiscais do leiloeiro, devem escrever para a R. S. Clemente, 385.

Setembro 14 — 1980 — Edição 283 — Ano VI

Galeria de Arte Banerj

José de Dome "Figuras e símbolos" - Têmpera e acrílico/tela - 205 x 236 - 1976

JOSÉ DE DOME
Pintura

31 obras de pintura, de 1964 às mais recentes, inclusive dois grandes painéis do acervo BANERJ.

De 18 de setembro a 11 de outubro
Avenida Atlântica, n.º 4066
Dias úteis: das 10:00 às 22:00 horas
Sábados: das 16:00 às 22:00 horas

Cartaz-catálogo e depoimento do artista sobre os quadros expostos, à disposição dos interessados.

GALERIA DE ARTE
BANERJ

Seleção de Peças
(Última Semana)

Estamos avaliando e recebendo obras de arte para o nosso 1º Leilão em Outubro. Seleção de peças na Galeria Bahiart de segunda à sexta das 10 às 20 h.

GALERIA BAHIART
R. Carlos Góis, 234 G/ H
Tel: 239-4599 — Leblon — Rio de Janeiro

MARIA AUGUSTA
Galeria de Arte

Expõe seu Acervo a partir de 16 de setembro com obras de Bianco, Bustamante Sá, Carybé, Carlos Bastos, Di Cavalcanti, Emidio Magalhães, Floriano Teixeira, Fernando Lopes, Grauben, Ganem, Gotuzzo, José Maria, Mabe, Mário Cravo, Romanelli, Rescala e outros.
Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica, 4240 loja 113 — Tel: 227-8461

Pinturas e desenhos datados de 1837 a 1980 e representando a obra de setenta artistas ativos no Brasil durante este período.

Exposição das obras:
De 8 a 14 de setembro de 1980 entre 14 e 22 horas.

Licitação das obras:
Dia 15 e 16 de setem[bro] às 21 horas.

Leiloei[ro] ...

Lote 108 — Johann GEORG GRIMM
Praia de Túnis, 1887 - óleo sobre cartão - 34x28cm

LEILÃO DE OBRAS D[E] ARTE SELECIONA[DAS] PEQUENO FORM[ATO]

Local:
acervo galeria de arte
Rua das Palmeiras, 19 — Botafogo
Rio de Janeiro.

MONET Galeria de Arte
10º Leilão de Niterói
2ª Quinzena de Outubro, na Hebraica
Estamos selecionando obras para este próximo leilão
Tel: 710-3047
R. Moreira Cesar, 150 — Loja 109
Icaraí — Niterói
Paulo Brame leilões de arte

Luiz Aquila da Rocha Miranda
Cláudio Kuperman
Charles Watson
Exposição única de 3 grandes telas.
De 15 a 27 de setembro
galeria Paulo Klabin
Vernissage: Amanhã, 15 às 21h
R. Marques de S. Vicente, 52/204
Tel. 274-2644 — Rio de Janeiro

Ruy S. Barreto
Pintor, Escultor e Restaurador da S.B.B.A.
Atelier — Fones:
236-6589
255-6037

artefact MOLDURAS
R. Gen. Caldwell, 216 — Rio
224-3601 e 224-4935

Pancetti

pelo telefone 266-5837
Livro-álbum editado pela Fundação Conquista ilustrado com 150 reproduções à cores. Apresentação de luxo.

CASA OBJETO 1900 ART DÉCO ART NOUVEAU
De segunda a sexta: das 15h às 19h
As quintas: das 15h às 21h
Aos sabados: das 10h às 13h
RUA PACHECO LEÃO, 110 — JARDIM BOTÂNICO
Tel.: 286-0313 — Rio de Janeiro

Comunicado a Artistas, Colecionadores, Titulares de Galerias e Antiquários

A partir do dia 17 estará aberta ao público uma casa destinada à compra, venda e consignação de obras de artistas nacionais e estrangeiros, pratarias brasileira, portuguesa e inglesa, porcelanas orientais e européias, cristais, imaginária brasileira e portuguesa, móveis Brasileiros de época, D. João V. D. José, Dona Maria, Império, móveis europeus e tapetes persas.

Villa Bernini Objetos de Arte
Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica, 4240 — loja 214 — CEP: 22070 — Tel: (021) 247-5198

VENDO
Por motivo de viagem vendo **Obras de Arte Africana** — madeira e bronze. **Tel: 236-4968** — Horário de visitas pela manhã.

LEONE
8º Grande Leilão
Outubro — 1980
Captação
Recebemos peças para avaliação e catalogação

LEONE Leilões de Arte
Centro de Avaliações e Leilão
Rua Francisco Otaviano, 132 — Ipanema
Tel.: 287-4758 — Rio de Janeiro

BRASIL ARTE TURISMO
1º Salão de Artes SEMANA DA ASA

O Clube de Aeronátuica comunica a realização do 1º Salão de Artes SEMANA DA ASA. As inscrições estarão abertas até 11 de outubro de 1980, podendo concorrer artistas em pintura (tela ou porcelana), tapeçaria, desenho, escultura e gravura. Prêmios em dinheiro, viagem ao exterior, troféus, medalhas e menções honrosas. Informações: Clube de Aeronautica — Rua Santa Luzia, 651 — 4º andar — Telefones 220-3691 e 240-1222 ramal 185.

Coordenação técnica: BRASIL ARTE TURISMO

QUADROS ANTIGOS
BRASILEIROS E ESTRANGEIROS
COM MAIS DE 40 ANOS — COMPRAMOS E CONSIGNAMOS — ÚNICA GALERIA INTEIRAMENTE DEDICADA À COMPRA E VENDA DE PINTURA ANTIGA.
Maurício Pontual Galeria de Arte
RUA MARIA ANGÉLICA, 7
(esquina com a Lagoa)
2ª a 6ª, das 14 às 19 h e 3ª e 5ª, até 22 h.
286-2997 e 226-2995

Villa Bernini Inaugura, Klabin Libera vendas, Max Faz Leilão na Acervo e Morre Odorico Tavares

★ Mesmo com o MAM-Rio ainda se preparando para grandes acontecimentos, a inauguração dos desenhos eróticos de José Zaragoza ultrapassou expectativas. Muito bem montada, a exposição mostra apenas 10% das obras que vieram de S. Paulo, num total de 500. Colecionadores, gente de sociedade e artistas bem representativos da comunidade carioca lá estiveram. Entre eles, **Augusto Rodrigues, Abelardo Zaluar, Astréa-El-Jaic, Angelo de Aquino, J. Bezerra, Márcia Barrozo do Amaral, Ciro e Albery**, todos amigos do **Zara**. Vendas significativas, fato não muito comum no MAM: **Cláudio Chagas Freitas** comprou um par de nus belíssimo. Ao todo, mais de 10 aquisições. Chamava atenção, depois dos quadros, um grupo de modelos comandados por **Marie-Claude Lemoine**. ★★★ Amanhã, os 10 críticos que trabalharam na escolha dos 10 artistas que mais se destacaram na década de 70 farão entrega dos prêmios. Cada um receberá Cr$ 150.000,00 (veja anúncio maior), ao mesmo tempo em que o MAM receberá 10 obras importantes como doação da Souza Cruz ao seu novo acervo. A iniciativa mexeu com outras grandes empresas, que já se movimentam no sentido de ajudar o MAM a recompor, de certa maneira, o patrimônio perdido no incêndio.

★ Perto de 100 livros vendidos na noite do lançamento de "Milton Dacosta" de **Antonio Bento**. A Galeria B-75 Concorde e as Livrarias Kosmos continuam a receber os cupons que valem Cr$ 1.500,00 de desconto, na compra de cada exemplar.

★ Os amigos de **Dorinha e Samuel Silva Araujo** terão 10 dias para cumprimentá-los pela nova Villa Bernini, que inaugura dia 17, no Shopping Cassino Atlântico. Preferiram esta fórmula com a intenção de receberem melhor, poucos amigos de cada vez, durante o período inaugural. A loja está bonita, as peças de boa qualidade e o projeto é de **Cleso de Oliveira**.

★ Na noite de inauguração, **Grover Chapman** vendeu 13 dos 29 quadros expostos na Galeria Lebreton.

★ Encontro da semana: **Gilberto Chateaubriand** esteve com **Yolanda Penteado**, no Leme Palace Hotel, onde está hospedada.

★ Sugerido ao novo Prefeito o tombamento ambiental ativo de todo o Posto 6 de Copacabana, pelo crítico **Jayme Maurício**. O projeto inclui o Forte, o Marimbás (monumento à boemia) e o Arpoador.

★ O escritório do Deputado **José Sarney**, em Brasília, recebendo manifestações de apoio de todo os setores ligados à cultura pelo projeto que deverá ser aprovado ainda este ano. O projeto estimula e dá vantagens a quem aplicar recursos em arte e projetos culturais e científicos.

★ Procurando inspiração para a boate que vai inaugurar em dezembro, no Rio Palace, **Jean Castel** passou uma tarde conversando com **Márcio Roiter**, na Casa Objeto 1900. Não esperava encontrar um acervo (art-nouveau e art-deco) de tal nível no Rio.

★ Dos 22 quadros da exposição de **Rapoport**, que inaugura dia 25 próximo, 16 já têm dono. Continua a romaria à Galeria Trevo, para alegria de Dora Basílio e de alguns colecionadores. ★★ Uma nova pintora recomendada pela Galeria Trevo: **Edineusa.**

★ Vai se chamar MAURÍCIO PONTUAL SÉCULO XX — Galeria de Arte, a nova galeria de arte contemporânea a se inaugurar no início de 81 em local já escolhido. **Maurício Pontual** vai trabalhar, sob rigoroso critério de seleção, com artistas consagrados.

★ Um painel eletrônico registrando os lances que as obras vão alcançando, muito conforto aos compradores e uma seleção de obras em pequeno formato da mais alta qualidade, eis como **Max Perlingeiro** planejou comemorar o primeiro aniversário da Galeria Acervo, aberta hoje das 14 às 22h, dia que antecede o início do leilão, que começa amanhã, com o martelo de Ernani. A exposição durou toda a semana, com mais de 1.000 pessoas.

Israel Klablin lidera as vendas na Galeria de Arte BANERJ.

★ **Evandro Carneiro** de partida, hoje, para Nova Iorque. Na Bolsa de Arte fica o **José Coimbra** e seu bom humor.

★ A Galeria BANERJ toma novo impulso com o Banco do Estado sob a presidência de um empresário que é artista plástico. **Israel Klabin**, já fez boas esculturas e, segundo **José Paulo Moreira da Fonseca**, seria artista respeitado, caso se aplicasse no ofício. **Klabin** deu toda a força a **Ronaldo do Valle Simões**, Vice-Presidente e principal inspirador da Galeria. A exposição de **José de Dome** nos traz de volta o grande pintor, com a chancela de Clarival do **Prado Valladares**. Será a primeira exposição da Galeria, com as obras à venda.

★ Os 38 quadros vendidos na exposição da Galeria Wildenstein, de Tóquio, confirmaram mais uma vez o interesse internacional pela obra de **Sérgio Telles**. É o único pintor brasileiro vivo programado para todas as galerias dos marchands **Wildenstein** no mundo. O outro artista brasileiro que tanto interessou aos **Wildenstein** foi **Portinari** que expôs na Galeria de Nova Iorque, durante o Governo Kubistchek e com a apresentação de **Jayme de Barros**.

★ **Clarival Valladares** usou o seu tempo para falar de **Odorico Tavares** na última reunião do Conselho Federal de Cultura. **Odorico** foi o maior colecionador de **Pancetti** e consta que sobe a 20, o número de obras de Portinari, guardadas em sua casa da Bahia. Como a idéia de constituir uma fundação cultural com este patrimônio foi afastada, não será surpresa que estes quadros venham a mercado dentro de pouco tempo. Sabe-se do cuidado e do grande zelo com que **Odorico Tavares** formou esta coleção. A produção do livro PANCETTI ficou parada 2 anos à espera que ele e sua mulher autorizassem fotografar algumas obras, consideradas indispensáveis à publicação, inclusive o auto-retrato da capa. Estima-se em 100 (cem) o número de telas de Pancetti em poder da família.

★ O pintor Francisco Petit, o centro P da DPZ, tem exposição marcada para 22 de outubro em Nova Iorque, na Hasting's Gallery do Instituto Hispânico. Anotem o endereço: Park Avenue, 684.

★ Esta é a última semana da exposição de Ciro, na Galeria maior da FUNARTE. Muitas vendas, excelente trabalho e parabéns a quem já comprou e ainda vai comprar.

★ Uma página dupla a cores, com as melhores opções de investimento no mercado de arte será publicada na Revista de Domingo do JB. O resultado do anúncio de Ernani provou que a RD é ótimo veículo.

★ Como sempre acontece, **Flávio de Aquino** faz o melhor pequeno texto [da] imprensa sobre exposições de artistas plásticos. No caso de Gretta, que expõe na Galeria de Anna Maria Niemeyer (últimos dias), ele prova seu poder de síntese, mais uma vez. E ainda deixa a bela artista gritar o seu protesto contra o machismo: — Com este meu trabalho, quero assinalar a constante, perene e cotidiana agressão imposta à mulher, à sua feminilidade, à sua sensualidade, à sua possibilidade de ser apenas mulher — não uma comparsa e sim uma protagonista da sua maneira de ser e da sua autonomia.

Zózimo

Dilema

• Por mais paradoxal que possa parecer, a redução do consumo de gasolina está prestes a colocar (se ainda não colocou) o Governo num dilema: o que fazer com a gasolina que passou a sobrar.

• Duplamente reduzidos os gastos de gasolina, pela queda do consumo e pela mistura a ela de 20% de álcool, os excedentes aumentaram na mesma proporção.

• A situação coloca o Governo diante de duas hipóteses: ou pára de adicionar álcool à gasolina, passando a exportá-lo, ou tenta exportar a gasolina que está sobrando, o que é mais difícil de vez que os outros países também conseguiram reduzir seu consumo.

Preocupação

• *A conclusão a que chegou um grupo de urbanistas de que Rio e São Paulo serão, por volta do ano 2000, uma única cidade, está fazendo com que alguns preocupados cidadãos cariocas comecem a se mobilizar para enfrentar a situação com o máximo de proveito e o mínimo de prejuízo.*

• *Por enquanto, só conseguiram pensar nas vantagens: trabalhar e jantar lá (onde se ganha mais e se come melhor e mais barato) e morar aqui.*

• *O que mais preocupa os cariocas é que com a futura fusão o Rio, por imposição geográfica, será obrigatoriamente a Zona Norte da nova cidade.*

REFILMAGEM

• Já está definida a volta de Brigitte Bardot ao cinema, depois de quase 10 anos de aposentadoria.

• Ela vai estrelar a refilmagem de um clássico, Rain, desta vez produzida por Sir Lew Grade.

• Para dirigir a nova versão cinematográfica do romance de Somerset Maugham, não se conseguiu a colaboração de Roger Vadim, como se pretendeu a princípio. Bardot será dirigida por John Schlesinger.

Pedido de ajuda

• A Associação de Moradores de Santa Teresa, a exemplo do que foi feito no Cosme Velho, vai pedir à Prefeitura um reestudo das autorizações para construção no bairro.

• Pretendem os moradores conseguir uma redução do gabarito dos prédios para evitar a descaracterização do bairro.

• Há, aprovados, 26 projetos de construção de edifícios em Santa Teresa que contrariam os interesses dos moradores — justamente os mesmos que estão motivando a ação.

• • •

Mais lazer

• A Lagoa vai ganhar brevemente mais uma área de lazer, menor que a do Parque da Catacumba, instalada na praça plantada à saída do Túnel Rebouças.

• A área, hoje abandonada, ganhará uma quadra de futebol e outra de vôlei, além de um novo jardim.

• Espera-se que com a nova urbanização os participantes dos jogos de pelada passem a respeitar os gramados da praça.

A Princesa triste

• Ao contrário de Philippe Junot, que continua a viver a vida indiferente à separação, a Princesa Caroline, abalada com o triste e rápido desfecho de seu casamento, renunciou pelo menos temporariamente aos apelos e pompas da vida social, preferindo recolher-se a um rancho de propriedade da família no Norte da França.

• Afastada dos amigos, recusando receber visitas, elegendo como companheira inseparável a irmã mais moça, Stéphanie, Caroline divide seus dias entre longos passeios a pé e partidas de tênis na quadra da propriedade.

• Quanto a voltar a residir em Paris, não tem por enquanto nenhum plano, embora em breve ela vá perder a companhia da irmã — a única ao lado da qual ela se sente bem — que deverá voltar aos estudos por vontade do pai.

• Tão cedo, porém, os alegres e elegantes ambientes que movimentam a noite de Paris não receberão a visita da Princesa, em quem os amigos mais íntimos percebem uma amargura da qual ela levará algum tempo para se livrar.

Haja público

• Os organizadores do carnaval do ano que vem estão otimistas quanto ao público que assistirá ao desfile das escolas de samba: o número de lugares nas arquibancadas será aumentado em 12 mil e os camarotes em 25

• Além disso, será criada uma área para espectadores vizinha ao local de onde partirão as escolas: esse espaço será liberado para o público não pagante.

• Quanto ao pagante, espera-se em 81 uma nova tabela de preços, baseada na desse ano, mas com uma correção de quase 100%: vão ser postos à venda, e certamente vendidos, camarotes de até Cr$ 300 mil.

• • •

Rumo à China

• Não será surpresa se vier a ser anunciada nos próximos meses uma visita do Presidente da República à China.

• O convite oficial foi feito ao Itamarati e especifica a data da viagem — 1982.

RODA-VIVA

• A posse de Dalal Achcar como diretora da Divisão de Dança e Música da Funarj está marcada para terça-feira. Pelas mãos do Secretário Arnaldo Niskier.

• **Começa amanhã, na sede de O Sol, um ciclo de palestras sobre Parapsicologia a cargo do professor Silvio Lago.**

• A noite de jazz do Clube 21 recebeu o reforço inesperado de uma dupla que, se paga, custaria uma fortuna: Stan Getz e Wayne Shorter. E amanhã, segundo promessa dos dois, tem reprise.

• **O chef Gaston Lenôtre estará voando amanhã, não de volta a Paris, mas para Nova Iorque, onde inaugurará nos próximos dias um grande stand com sua griffe no famoso Bloomingdale's.**

• O Embaixador Walder Sarmanho movimentando-se para festejar dia 18 seu 80º aniversário.

• **Hoje, na Sala Cecília Meireles, é dia de concerto, reunindo a pianista Maria Luiza Corker e o maestro Marlos Nobre. Ambos embarcam semana que vem para a Europa, ela, para a Alemanha; ele, para a Itália.**

• A cantora Simone terminando a gravação de um novo disco antes de voltar, em outubro, ao palco do Canecão.

• **Já chegou, agora para ficar, o tape da decisão do U S Open. Seu proprietário prefere manter o nome em segredo para evitar o assédio.**

Zózimo Barrozo do Amaral

Cinema

Estréias da semana

- Decameron
- As Heroínas do Mal
- Bububu no Bobobó
- Patrick
- O Bordel — Noites Proibidas

Cotações
★★★★★ *EXCELENTE*
★★★★ *MUITO BOM*
★★★ *BOM*
★★ *REGULAR*
★ *RUIM*

★★★★
OS ANOS JK (Brasileiro), documentário de longa-metragem de Sílvio Tendler. Narração de Othon Bastos. **Caruso** (Av. Copacabana, 1.362 — 227-3544): 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m. (Livre.) O filme narra a história política brasileira a partir de 1945 até os dias recentes. Seu título não configura nenhum partidarismo com o ex-Presidente Juscelino Kibitschek, que é alvo de uma visão crítica. Do trabalho de pesquisa, resultaram entrevistas com nomes expressivos da vida política brasileira nos últimos 35 anos.

★★★★
O SHOW DEVE CONTINUAR (All That Jazz), de Bob Fosse. Com Roy Scheider, Jossica Lange, Ann Reinking, Leland Palmer, Cliff Gorman, Ben Vereen, Erzsebet Foldi e Michael Tolan. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (16 anos). Joe Gideon é um famoso diretor teatral e está montando mais um dos **seus shows** na Broadway. O tema gira em torno da morte mas, antes que ele possa terminar o trabalho, sofre um ataque cardíaco que o deixa hospitalizado. Durante a cirurgia, ele coreografa a sua própria morte numa alucinatória extravagância, deitado num leito de hospital, cercado por dançarinas deslumbrantes. Oscar nas categorias de melhor direção artística, de desenho de vestuário, montagem e melhor trilha sonora. Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1980. Produção americana.

★★★★
GAIJIN — CAMINHOS DA LIBERDADE (brasileiro), de Tizuka Yamasaki. Com Kyoko Tsukamoto, Antônio Fagundes, Jiro Kawarosaki, Gianfrancesco Guarnieri, Álvaro Freire e José Dumont. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). Premiado no Festival de Gramado como o melhor filme, melhor ator coadjuvante (José Dumont), melhor roteiro, melhor cenografia (Yurika Yamasaki) e melhor trilha sonora (John Neschling). No Festival de Cannes ganhou o prêmio especial da Associação dos Críticos Internacionais. Cerca de 800 imigrantes japoneses chegam ao Brasil em 1908, durante o período da expansão cafeeira. Entre eles, Yamada e Kobayoski são contratados para trabalhar na fazenda Santa Rosa, em São Paulo, onde enfrentam a hostilidade do capataz, que exige sempre um ritmo inalterável de trabalho. O tratamento humano só é sentido através de outros imigrantes — italianos e nordestinos. Sem alternativas, os japoneses sofrem as consequências de uma vida quase animal: a maleita, o suicídio e a degradação determinam o desaparecimento dos mais fracos.

★★★★
TERRA DOS ÍNDIOS (Brasileiro), documentário de Zelito Viana. Narração de Fernanda Montenegro. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). Documentário de longa-metragem em torno da luta dos índios brasileiros por suas terras, cultura e sobrevivência física. Realizado inicialmente como piloto de uma série planejada para a televisão. Fotografia de Affonso Beato. Montagem de Eduardo Escorel. Consultoria de Darcy Ribeiro e Carlos Moreira Neto. **Reapresentação**.

★★★
ALLONSANFAN (Allonsanfan), de Paolo e Vittorio Taviani. Com Marcello Mastroiani, Bruno Cirino, Laura Betti, Lea Massari e Mimsy Farmer. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m (16 anos). Itália, 1816. Fúlvio é um revolucionário que, após contrair doença, procura refúgio na casa paterna que oferece possibilidade de modificar a sua vida. Encontra Charlotte, antiga namorada, que chega com um grupo de revolucionários. A partir daí, o comportamento de Fúlvio se altera radicalmente. Tentando abandonar a causa política, acaba provocando um incidente que leva Lionello, seu melhor amigo, a morrer afogado e se apropria do dinheiro que lhe tinham confiado para comprar armas. Quando o grupo desembarca no Sul tenta a última traição: faz circular na cidade que se trata de um bando de ladrões e assassinos. Produção italiana realizada pela dupla de irmãos que dirigiu **Pai Patrão**, Palma de Ouro e Prêmio da Crítica do Festival de Cannes de 1977.

★★★
DUAS MULHERES, DOIS DESTINOS (L'Une Chante, L'Autre Pas), de Agnès Varda. Com Thérèse Liotard e Valéri Mariesse. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994): 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m. (18 anos). Duas personagens que descobrem, "cada uma por seu lado, a coletividade das mulheres". Suzanne tem uma ligação com um homem casado, torna-se mãe solteira e se sente atraída por um médico. Pauline, cantora, descobre sua sexualidade e seus impulsos de maternidade. Produção francesa. **Reapresentação**.

★★★
CONTOS ERÓTICOS (Brasileiro), filme dividido em quatro episódios dirigidos por Roberto Santos, Roberto Palmari, Eduardo Escorel e Joaquim Pedro de Andrade. Com Joanna Fomm, David José e Cassio R. Martins (1º episódio: **Arroz e Feijão**), Paulo Ribeiro, Carmem Silva e Eva Rodrigues (2º episódio, **As Três Virgens**), Liza Vieira, Lima Duarte e Castro Gonzaga (3º episódio: **O Arremate**) e Cristina Aché, Cláudio Cavalcanti e Carlos Galhardo (4º episódio: **Vereda Tropical**). **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h (16 anos). **Arroz e Feijão**, de Roberto Santos: o **suspense** do relacionamento entre uma mulher de 30, casada, e um rapaz inexperiente. **As Três Virgens**, de Roberto Palmari: o caso amoroso de uma jovem com o rapaz que ama provoca sua prisão na casa de três amáveis tias solteironas: **O Arremate**, de Eduardo Escorel: drama da filha de um colono cedida pelo pai a um proprietário rural. **Vereda Tropical**, de Joaquim Pedro de Andrade: relato de insólito humor sobre um rapaz que mantém relações sexuais com melancias. **Reapresentação**.

★★★
SEMANA RODOLFO ARENA — Hoje: **Chuvas de Verão** (brasileiro), de Carlos Diegues. Com Jofre Soares, Gracinda Freire, Jorge Coutinho, Lurdes Mayer, Marlene Severo, Rodolfo Arena, Miriam Pires, Regina Casé e Roberto Bonfim. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 19h, 21h (18 anos). A pequena humanidade suburbana concentrada na vida de um velho funcionário público que, nos dias que se seguem à sua aposentadoria, sofre profundas tranformações pelos fatos que ocorrem à sua volta. **Reapresentação**.

★★★
OS SETE GATINHOS (Brasileiro), de Neville d'Almeida. Com Antônio Fagundes, Ana Maria Magalhães, Lima Duarte, Cristina Aché e An[illegible] Tijuca (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). O processo de desintegração de uma família do Grajaú. Seu Noronha, continuo da Câmara dos Deputados; a mulher solitária; as filhas, em sua maioria vivendo longe do controle dos pais — mas todos concordando com a pureza de Silene, a caçula. A crença na pureza e na virgindade de Silene é algo trascendental para o pai — um valor em torno do qual a menor dúvida lhe parece ignóbil e ameaça de tragédia. **Reapresentação**.

★★
DECAMERON (Il Decameron), de Pier Paolo Pasolini. Com Franco Citti, Ninetto Davoli, Angelo Luce, Patrizia Capparelli, Jovan Jovanovic, Gianni Rizzo e Pier Paolo Pasolini. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541), **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999): 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1 095 — 201-1299): de 2ª a 6ª, às 17h10m, 19h20m, 21h30m. Sábado e domingo, a partir de 15h (18 anos). Segundo Pasolini, sua idéia de filmar **Il Decameron**, de Boccaccio, se deve, em parte, às semelhanças que encontrou entre o mundo contemporâneo e aquele em que vivia o autor: o princípio da Renascença. Ambos os períodos se caracterizam por um estado de transição: a época de Boccaccio representa a ascensão paulatina de uma nova classe social, dinâmica e empreendedora, a burguesia; a nossa época se traduz pelas transformações que ameaçam esta mesma classe. A idéia de Pasolini nunca fora a de apresentar uma pequena antologia de contos baseados no livro. Optou por uma estrutura que permitisse as histórias fluírem superpostas. Prêmio Urso de Prata no Festival de Berlim de 1973. Produção italiana

★★
AS HEROÍNAS DO MAL (Les Héroines du Mal), de Walerian Borowczyk. Com François Guetary, Marina Pierro, Gaelle Legrand, Pascale Christophe e Assan Fall. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 275-4546), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-6019), **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (18 anos). Filme em três episódios ambientados em épocas diferentes, realizado por diretor polonês radicado na França. **Margherita**, filha de um padeiro, na Roma do Papa Leão X, torna-se amante do pintor Rafael; **Marceline**, abandonada pelos pais, tem como única companhia o seu coelho de estimação que um dia vira ensopado com batatas; **Marie** é sequestrada diante da indiferença do marido. Produção francesa.

★★
BUBUBU NO BOBOBÓ (brasileiro), de Marcos Farias. Com Ângela Leal, Rodolfo Arena, Nelson Xavier, Nélia Paula, Michele Naili, Carvalhinho, Silva Filho e Gracinda Freire. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira): 14h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). A montagem de uma peça de teatro de revista enquanto três casais de atores vivem uma dramática história de amor e conflitos, que revelam os bastidores, discutindo a decadência deste gênero e as possibilidades de um teatro popular.

Ana Maria Magalhães em *Como Era Gostoso o Meu Francês*, de Nelson Pereira dos Santos: no *Cineclube Neiva* que funciona, em sistema itinerante, na Ilha do Governador

★★
TERROR E ÊXTASE (Brasileiro), de Antônio Calmon. Com Denise Dumont, Roberto Bonfim, André de Biasi, Otávio Augusto e Anselmo Vasconcelos. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835, **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Rian** (Av. Atlântica, 2.964 — 236-6141), **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h, 15h, 17h, 19h, 21h. **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745): 14h30m, 15h50m, 17h40m, 19h30m, 21h20m. **Olaria, Vitória** (Bangu), **Palácio** (Campo Grande): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Leninha é uma garota típica do Baixo Leblon e faz parte do novo e sombrio grupo das grandes cidades brasileiras: os viciados em drogas. **1001** é um desses marginais que estão diariamente nas manchetes que descrevem a insuportável violência do Rio de Janeiro. Ele a sequestra e ambos acabam se envolvendo numa trama amorosa e em situações violentas.

★★
GIGOLÔ AMERICANO (American Gigolo), de Paul Scharader. Com Richard Gere, Lauren Hutton, Hector Elizondo, Nina Van Pallandt, Bill Duke e Brian Davies. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1 426, tel. 274-7999): 20h, 22h30. (18 anos). Julian Kay é um tipo especial de homem. Ele fala cinco idiomas, tem um Mercedes conversível, faz compras em lojas sofisticadas e mantém casa de praia em Malibu e apartamento luxuoso em Westwood. Ele está sempre em busca de companhia. Uma vida movimentada, mas sem incidentes graves. Até que um dia é procurado pela polícia que investiga um assassinio. Produção americana. **Reapresentação**.

★★
DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (Brasileiro), de Bruno Barreto. Com Sônia Braga, José Wilker, Mauro Mendonça e Nelson Xavier. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1291), **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610): 14h30m, 16h40m, 18h50m, 21h. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 14h, 16h20m, 18h40m, 21h. **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889), **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 16h20m, 18h40m, 21h (18 anos). Versão do romance de Jorge Amado. De como Dona Flor, professora de culinária baiana, e seu marido Vadinho, jogador, bebedor e amante infatigável, são separados pela morte e voltam a encontrar-se de maneira insólita após o casamento da mulher com um respeitável farmacêutico. **Reapresentação**.

★★
SEMANA RODOLFO ARENA — Hoje: **Maneco, o Supertio** (brasileiro), de Flávio Migliaccio. Com Flávio Migliaccio, Rodolfo Arena, Cleide Blota, Paulo Fortes, Canarinho e Virginia Valle. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 13h, 15h, 17h. (Livre). Continuação da série destinada ao público infantil e iniciada com **As Aventuras do Tio Maneco**. No sítio do Vovô Camargo, onde pretendem passar as férias, Maneco e seus sobrinhos descobrem que, através de experimentos científicos, o velho viajou para o passado (1926). A única maneira de recuperá-lo é localizar uma fotografia da mesma época e local em que Vovô se encontra mas, para isso, precisam desvendar o mistério de uma cidade destruída pela poluição. **Reapresentação**.

★
PATRICK (Patrick), de Richard Franklin. Com Robert Helpmann, Susan Penhaligon, Bruce Barmann, Rod Mulliry e Julia Blake. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (18 anos). Depois de um trauma familiar, Patrick é internado em estado letárgico em uma casa de saúde, onde permanece três anos. Uma enfermeira aos poucos descobre que ele pode comunicar-se através de poderes paranormais. Grande Prêmio do Festival Internacional de Cinema Fantástico e de Horror de Siges, Espanha. Produção australiana.

★
O BORDEL — NOITES PROIBIDAS (brasileiro), de Osvaldo de Oliveira. Com Mário Benvenutti, Rossana Chessa, Fabio Villalonga, Alvamar e Ruy Leal. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. **Imperador** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982): 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h (18 anos). Pornochanchada.

★
A NOITE DAS TARAS (brasileiro), de David Cardoso, Ody Fraga e John Doo. Com Arlindo Barreto, Patrícia Scalvi, Vandi Zachias, Arthur Rovedeer e Matilde Mastrangi. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h50m, 16h30m, 18h10m, 19h50m, 21h30m. (18 anos). Três marinheiros de navio cargueiro, atracado em Santos, saem para 24 horas de folga. Rumam para São Paulo, onde pretendem encontrar divertimentos na vida noturna, a fim de compensar o muito tempo de isolamento no mar.

★
O DESTINO DO POSEIDON (The Poseidon Adventure), de Ronald Neame. Com Gene Hackman, Ernest Borgnine e Red Buttoms. **Ilha Auto-Cine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador, 393-3211): 20h30m, 22h30m. Até terça. (14 anos). Um naufrágio e o drama de um punhado de personagens em busca de salvação. Produção americana. **Reapresentação.**

★
MEU AMIGO O DRAGÃO (Pete's Dragon), de Don Chaffey. Com Sean Marshall, Helen Reddy, Jim Dale, Mickey Rooney, Red Buttons e Shelley Winters. **Jacarepaguá Auto-Cine 2** (Rua Cândido Benício, 2 973 — 392-6186): hoje, às 18h30m, 20h30m, 22h30m. Amanhã e 3ª, às 20h, 22h. (Livre). Menino foge da casa dos pais adotivos no dorso de um dragão voador, Elliot, seu amigo secreto. Vão para uma cidade onde, involuntariamente, Elliot provoca inúmeros transtornos e corre o risco de (apesar de seu dom de invisibilidade) ser capturado por vilanesco personagem. Produção americana com inserções de desenho animado. Dublado em português. **Reapresentação**.

★
O REI E OS TRAPALHÕES (Brasileiro), de Adriano Stuart. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Zacarias, Mussum, Mario Cardoso, Heloisa Milet, Carlos Kurt e Phillipe Levy. **Jacarepaguá Auto-Cine 1** (Rua Cândido Benício, 2 973 — 392-6186): de 2ª a 6ª, às 20h, 22h. Sábado e domingo, às 18h30m, 20h30, 22h30m. Até terça. (Livre). Comédia na linha habitual dos **Trapalhões**, com argumento inspirado na história do **Ladrão de Bagdá**. O príncipe Amad, herdeiro do trono, é aprisionado pelo grão-vizir. Foge com ajuda de quatro atrapalhados aventureiros. Conhece a Princesa Alina, filha do sultão, cujo mão é disputada pelo grão-vizir. Há uma temporária passagem à época atual, por obra de um gênio que se faz aliado dos heróis. **Reapresentação**.

★
HISTÓRIAS QUE NOSSAS BABÁS NÃO CONTAVAM (Brasileiro), de Osvaldo de Oliveira. Com Adele Fatima, Costinha, Meiry Vieira, Denis Derkian, Xandó Batista e Sérgio Hingst. Programa complementar: **As Feras do Kung Fu**. **Rex** (Rua Alvaro Alvim, 33, tel. 240-8285): de 2ª a 6ª, às 12h30m, 15h55m, 19h20m. Sábado e domingo, às 14h15m, 17h40m, 19h30m. (18 anos). Adaptação **pornô** da história de **Branca de Neve e os Sete Anões**. **Reapresentação.**

OS RAPAZES DA DIFÍCIL VIDA FÁCIL — (Brasileiro), de José Miziara. Com Ewerton de Castro, Silvia Salgado, Elizabeth Hatmann e Guilherme Correa. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). Um rapaz pobre, com muitas dívidas e sem possibilidades de pagar as prestações do apartamento que comprara pelo BNH, resolve empregar-se numa cantina italiana, onde rapidamente passa a prostituir-se, para ganhar dinheiro. **Reapresentação.**

UM HOMEM DE ALUGUEL — De Cláudio de Molinis. Com Lili Carati e Mircha Carvem. Complemento: **Os Dedos de Ferro de Bruce Lee**. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 6ª, às 10h, 13h35m, 17h10m, 19h10m. Sábado e domingo, a partir das 13h35m (18 anos). Carlo ganha a vida interpretando **shows sexuais** em boates de Copenhague, aluga-se a casais em busca de novas aventuras e é amante da dona de um estúdio de fotografia. Apaixona-se por uma jovem sem saber que é enteada de sua amante e filha de um cliente. Produção italiana. **Reapresentação**.

UMA ESTRANHA HISTÓRIA DE AMOR (brasileiro), de John Doo. Com Ney Latorraca, Selma Egrei, Lady Francisco e David José. **Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 229-1222): 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos). A distribuidora não forneceu maiores informações. **Reapresentação**.

MATINÊS

FESTIVAL DE DESENHOS — Ilha Auto-Cine: amanhã e domingo, às 18h30m. (Livre).

MEU AMIGO O DRAGÃO — Lagoa Drive-In: amanhã e domingo, às 18h30m. (Livre).

Extra

★★★
SÃO BERNARDO — (brasileiro), de Leon Hirszman. Com Othon Bastos, Isabel Ribeiro, Nildo Parente, Vanda Lacerda, Jofre Soares e Mário Lago. Às 20h, no **Cineclube Cantareira**, Rua São Lourenço, 78 (14 anos). Baseado na obra de Graciliano Ramos. A história gira em torno da fazenda São Bernardo cobiçada obsessivamente por Paulo Honório (Othon Bastos).

★★★
COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS (Brasileiro), de Nelson Pereira dos Santos. Com Arduino Colassanti, Ana Maria Magalhães, Mandredo Colassanti e Alfredo Imbassahy. Às 20h e 22h, no **Cineclube Cícero Neiva**, Rua Ericeiras, 16 — Cacuia. (Livre). Visão da história da colonização, na qual, para variar, o índio leva a melhor.

ENCONTROS COM O CINEMA DE ANIMAÇÃO (XV) — Programa Walt Disney apresentando **Na Gandaia (The Whoopee Party)**, **Como a Doença se Propaga (How Disease Travels)** e **Alô Amigos (Saludos Amigos)**. Às 16h30m e 17h45m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº — bloco-escola.

A ÉPOCA DE SHAKESPEARE (VIII) — Exibição de **Henrique VIII (Henry VIII)**, de Kevin Billington. Com Claire Bloom, John Stride e Timothy West. Às 19h, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº — bloco-escola. Versão original, sem legendas.

CICLO DO CINEMA ALEMÃO — Exibição de **John Gluckstadt (John Gluckstadt)**, de Ulf Miehe. Com Dieter Laser e Marie-Christine Barrault. Às 20h, no **Cineclube do Leme**, Rua General Ribeiro da Costa, 164.

O BANDIDO DA LUZ VERMELHA (brasileiro), de Rogerio Sganzerla. Com Paulo Vilaça, Helena Inês e Pagano Sobrinho. Complemento: **A Vingança do Além**, de Miguel Oniga. Às 20h, no **Cineclube Santa Teresa**, Rua Monte Alegre, 306.

DESENHOS CANADENSES — Exibição de vários desenhos. Às 10h, no **Cineclube Carioca**, Rua das Laranjeiras, 232. Haverá sorteio de brindes para as crianças.

CURTAS SOBRE ECOLOGIA — Exibição de **Ponto Final**, de José de Anchieta. **O Grito do Rio**, de Roland Henze e Itauna: **Desastre Ecologico**, de Orlando Bonfim, neto. Às 18h30m, no **Cineclube Jean Renoir da Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Após a sessão haverá debates.

CICLO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO CANADENSE — Exibição de **Modulações (Modulations)**, de Judith Klein, **Evolução (Evolution)**, de Michael Mills, **Uma Velha Caixa (An Old Box)**, de Paul Driessen, **Zikkaron (Zikkaron)**, **Syrinx (Syrinx)**, de Ryan Larkin, **O Que se Passa na Terra (What on Earth)**, **Espólio (Espolio)**, de Sidney Golosmith, **TV-Vendas (TV-Sale)** e **Four Line Conics**, de T. J. Fletcher. Às 19h e 21h, no **Cinema Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Entrada franca. Último dia.

Grande Rio

NITERÓI

ALAMEDA (718-6866) — **Terror e Êxtase**, com Denise Dumont. Às 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos).

BRASIL — **Dona Flor e Seus Dois Maridos**, com Sônia Braga. Às 14h, 16h20m, 18h40m, 21h. (18 anos).

ICARAÍ — (718-3346) — **Dona Flor e Seus Dois Maridos**, com Sônia Braga. Às 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (18 anos).

CENTRAL (718-3807) — **O Bordel — Noites Proibidas**, com Mário Benvenutti. Às 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. (18 anos).

CINEMA-1 (711-1450) — **Os Anos JK**, documentário de Silvio Tendler. Às 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m (livre).

ART-UFF — **Gaijin — Caminhos da Liberdade**, com Antônio Fagundes. Às 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

EDEN (718-6285) — **As Cinco Bonecas de Shaolin**, às 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. (14 anos).

CENTER (711-6909) — **Decameron**, com Franco Citti. Às 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (18 anos).

NITERÓI — (719-9322) — **A Noite das Taras**, com Arlindo Barreto. Às 13h10m, 14h50m, 16h30m, 18h10m, 19h50m, 21h30m (18 anos).

DRIVE-IN ITAIPU — **Gaijin — Caminhos da Liberdade**, com Antônio Fagundes. Às 20h30m. Amanhã e domingo, às 20h30m, 22h30m. (14 anos). Matinê: **Festival de Desenhos**. Às 18h30m. (Livre).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO (2659) — **O Bordel — Noites Proibidas**, com Mário Benvenutti. Às 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. (18 anos).

PETRÓPOLIS (2296) — **Decameron**, com Franco Citti. Às 15hs, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (18 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA (742-2131) — **O Inseto do Amor**, com Angelina Muniz. Às 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h (18 anos). Matinê: **O Gato Que Veio do Espaço**. Às 14h. (Livre).

Curta-metragem

ANNA LETYCIA — De Eunice Gutman e Regina Veiga. Cinema: **Roma-Bruni**.

IDEOLOGIA — De Luiz Rosemberg Filho. Cinema: **Bruni-Tijuca**.

INFINITAS CONQUISTAS — De Enrico Bernardelli. Cinema: **Ricamar**.

IRIK-ARAH — De Lula Campello Torres. Cinema: **Baronesa** (do dia 12 ao dia 17).

TEATRO RECREIO — De Jurandyr Noronha. Cinema: **Cinema-3**.

O MILAGRE DE IEMANJÁ — De Erley José. Cinema: **Ilha Autocine** (do dia 10 ao dia 16).

Show

VIRA-VIROU — Show de pré-lançamento do Lp do grupo vocal e instrumental MPB4 acompanhados de Ricardo Simões (guitarra e viola), Luiz Antônio (teclados), Omar Cavalheiro (baixo), Elcio Cafaro (bateria) e José Firmino (percussão). Direção de Wellington Luis. **Colégio Assunção**, Rua Mal. Rondon, 270 (711-1522), S. Francisco, Niterói. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$200, à venda no local e nas lojas A Samaritana e Cantão 4, Icaraí.

SÁ E GUARABIRA — Apresentação da dupla de cantores e compositores acompanhados da banda Ponte Aérea. **Grajaú Tênis Clube**, Rua Engenheiro Richard, 83. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$150.

PROJETO SOCIALIZARTE — Apresentação do **show Simplicidade** dos compositores e sambistas Aluísio Machado, Cyro Baiano, Dellano, Jorge King e Mnarcazzinho. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Hoje, às 15h, entrada franca.

BAMBAMOLEQUE ESPECIAL — Show de música afro-brasileira com o grupo formado por José Carlos II (baixo e violão), Antônio Krismas (flauta, viola e cavaquinho) e Luiz da Costa (percussão). **Escola de Artes Visuais**, **Parque Lage**, Rua Jardim Botânico, 414. Hoje, às 21h.

BIAFRA — Show do cantor e compositor. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Manoel de Abreu, 16 (718-7645). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 150.

PROJETO FIM DE TARDE — Show da cantora Marisa Gata Mansa. **Teatro Arthur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454, Campo Grande. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 150.

TEMPERO FORTE — Show de música popular brasileira com os cantores Ethni Yanke, Tania Machado e Chico Donadone acompanhados de Jofre (clarinete), Russo (cavaquinho), Walmir (surdo), Renato (reco-reco) e Merica (pandeiro). **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 18h30m.

PELAS MARGENS — Show dos cantores e compositores Sérgio Rojas e Claudio Latini, acompanhados de Alexandre de la Peña (bandolim), Paulinho (flauta), Oswaldo (violino) e Paraíba (percussão). **Teatro da CEU**, Av. Rui Barbosa, 762. Hoje às 21h. Ingressos a Cr$ 80.

FORRÓ DO AVANÇO — Apresentação do cantor e compositor Edgar Ferreira acompanhado do grupo formado por João do Rosario (sanfona), Zezinho (triângulo), Antônio (zabumba), Coquinho (viola e contrabaixo), Flávio (flauta) e Mineirinho (vocal e percussão). **Teatro do Sesc de Ramos**, Rua Teixeira Franco, 38. Hoje, às 15h30m. Entrada franca.

JOÃO DE AQUINO — Show do cantor, compositor e violonista acompanhado de conjunto. **Espaço ABC**, Parque da Catacumba, Lagoa. Hoje, às 17h30m. Entrada franca.

STAN GETZ — Show de **jazz** com o saxofonista acompanhado de Chuck Loed (guitarra), Mike Hyman (bateria), Brian Bromberg (baixo) e Mitch Forman (piano). **Caesar Park Hotel**, Av. Vieira Souto, 400 (287-3122). Hoje, às 23h. Ingressos a Cr$ 2000 e Cr$ 3000, com direito a jantar, a partir das 20h.

TEREZINHA DE JESUS — Show da cantora acompanhada de Dodó (contrabaixo), Zé América (acordeão), Fernando Moura (piano), Ronaldo Alvarenga (bateria) e Hilton (violão e guitarra). **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 150, estudantes.

RAÍZES DA AMÉRICA — Apresentação de lendas e poemas latino-americanos com Aryclê Perez e **show** de músicas e danças folclóricas. Direção de Flavio Rangel. **Conecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044 e 295-1047). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 500. Até dia 28.

DIVIRTA-SE COM BERTA LORAN — Apresentação da atriz acompanhada dos bailarinos Jean Paul e Otan Rocha Neto. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 350.

DEVAGAR TAMBÉM É PRESSA — Show do sambista Agepê. Direção de Haroldo Costa. Participação da Ala das Baianas da Portela. **Cine-Show de Madureira**, Rua Carolina Machado, 542. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200. Último dia.

MASSA — Show do cantor, compositor e violinista Raimundo Sodre acompanhado de Jorge Degas (baixo), Jorge Amorim (viola), Afonso Correa (bateria), Isaac Reis (acordeon) e Djalma Correa (percussão). **Teatro da Galeria** — Rua Senador Vergueiro, 93. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 21.

REVISTA

HOLLYWOOD GAY — Show de travestis com Angela Leclery, Kiriki, Fugica e Edson Farr. Participação especial de Ana Lupez. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). Hoje, às 23h15m. Ingressos a Cr$ 300.

TEM XAVECO NO TABLADO — Revista musical com Brigitte Blair, Martha Anderson, Eduardo, David Varella e outros. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 200.

MIMOSAS ATÉ CERTO PONTO Nº2 — Show de travestis, com texto e direção de Brigitte Blair. Com Monique Lamarque, Marisa, Sabrina, Katia, Camile, Alex Mattos e outros. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Hoje, às 19h15m e 21h15m. Ingressos a Cr$ 200.

GAY GIRLS — Revista musical com Nelia Paula, Verusko, Maria Leopoldina, Jane, Claudia Celeste e Eduardo Allende. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 150, estudantes.

Dança

BALETEATRO DE MINAS — Programa: **Onde Tem Bruxa, Tem Fada e Confidências Mineiras.** Direção geral de Sylvia Calvo e Dulce Beltrão. Direção e coreografia de Klaus Vianna. Textos de Bartolomeu Campos Queirós. Música de Cecilia Conde. **Teatro João Caetano**, Pça Tiradentes (221-0305). Hoje às 18h e 21h. Ingressos 1ª sessão a Cr$ 200 e Cr$ 150; 2ª sessão a Cr$ 200. Último dia.

JORNADA DA DANÇA — Apresentação do Balé Oficina do Rio de Janeiro, sob a direção de Edmundo Carijó. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17. Hoje, às 21h, vesp. às 18h. Ingressos a Cr$ 100. Último dia.

III CICLO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA — Programa: **Solo**, com Graciela Figueiroa e **M'Boiuna**, com o grupo experimental de dança da UFBA. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 18h. Ingressos a Cr$ 100. Último dia.

Teatro

UMA NOITE EM SUA CAMA — Comédia de Jean de Letraz, adapt. de Armindo Blanco. Dir. de Antônio Pedro. Com Vera Gimenez, Nelson Caruso, Lupe Gigliotti, Pedro Paulo Rangel, Luca de Castro, Elienne Narduchi, Melise Maia. **Teatro do América F.C.**, Rua Campos Sales, 118 (234-8155). Hoje, às 18h30m e 21h15m. Ingressos vesp. a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes; e 2ª sessão a Cr$ 300.

BLUE JEANS — Texto de Zeno Wilde e Wanderley Aguiar. Dir. de Wolf Maya. Com Fábio Massimo, Júlio Cesar, Luís Carlos Niño, Alexandre Regis, Miguel Conano, Luciano Sabino, José Roberto Figueiredo, Fernando Cesar, Rogério Corrêa. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641). Hoje, às 18h30m e 21h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200 estudantes.

FESTANÇA — Roteiro de Fernando Augusto e Nilson de Moura. Dir. de Fernando Augusto. Bonecos de Fernando Augusto e Tereza Eugênia. Com Nilson de Moura, Walter Holmes, Carlos Carvalho, Mauricio Ramos, Fernando Augusto. **Teatro de Bonecos Aurimar Rocha**, Rua Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Hoje, às 17h e 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 100 (criança até 10 anos e estudante).

BRASIL: DA CENSURA À ABERTURA — Texto de Jô Soares, Armando Costa, José Luiz Archanjo e Sebastião Nery. Dir. de Jô Soares. Com Marília Pera, Marco Nanini, Sílvia Bandeira, Geraldo Alves. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999 e 274-7748). Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 350 e Cr$ 200, estudantes. (14 anos).

TRANSAMINASES — Texto de Carlos Vereza. Dir. de Paulo José. Com Armando Bogus, Antônio Pedro, Carlos Vereza. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudante.

TOALHAS QUENTES — Comédia adaptada por Bibi Ferreira de um original de Marc Camoletti. Dir. Bibi Ferreira. Com Suely Franco, Otávio Augusto, José Augusto Branco, Tamara Taxman e Maria Pompeu. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42/56 (240-6141). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos, a Cr$ 250 e Cr$ 150 (estudantes).

HOJE É DIA DE ROCK — Texto de José Vicente. Dir. de Carlos Wilson Silveira. Com Ticiana Studart, Dila Guerra, Antonio Breves, Eduardo Bruno e André Pizzolante. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (226-4555). Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 100.

RASGA CORAÇÃO — Texto de Oduvaldo Vianna Filho. Dir. de José Renato. com Rogério Fróes, Débora Bloch, Ana Lúcia Torre, Ary Fontoura, Richard Riguetti, Isaac Bardavid, Elizio José, Guilherme Karan, Oswaldo Louzada, Sidney Marques **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695) Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

À DIREITA DO PRESIDENTE — Comédia de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Dir. de Alvaro Guimarães. Com Gracindo Júnior, Arlete Sales, Jorge Botelho, André Villon e Bento. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos, a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes.

CABARÉ VALENTIN — Coletânea de textos de Karl Valentin. Dir. de Buza Ferraz. Mús. e dir. musical de Caique Botkay. Com Ariel Coelho, Beatriz Bedran, Carlos Alberto Bahia, Gilda Guilhon, Luís Felipe Pinheiro, Nena Ainhoren. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angelica, 63. Hoje, às 21h30m. Ingressos, a Cr$ 180 e Cr$ 120, estudante.

QUANTO MAIS GENTE SOUBER MELHOR — Texto de João Siqueira. Direção coletiva do Grupo Dia-a-Dia. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66 (756-4615). Hoje, às 20h30m. Ingressos a Cr$ 100 e Cr$ 30, comerciários. Até dia 27.

GERAÇÃO 477 — Texto e dir. de José Maria Rodrigues. Com Francisco Sobrinho, Léo Silva, Paula Fernandez, Elizabeth Nascimento, Ângela Loureiro. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 100 e Cr$ 80 estudantes. Até dia 28.

OS ÓRFÃOS DE JÂNIO — Texto de Millôr Fernandes. Dir. de Sérgio Britto. Com Tereza Rachel, Suzana Vieira, Stella Freitas, Claudio Corrêa e Castro, Milton Gonçalves e Hélio Guerra. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 2º (274-9895). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos Cr$ 250 e Cr$ 150 estudante.

OS JUSTOS — Texto de Albert Camus. Dir. de Etienne Le Meur. Com Ana Lucia Bruce, Paulo Dalcal, Richard Roux, Pierre Astrié, Helber Rangel. **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 54. Reservas pelo telefone 286-4248, diariamente, das 10h às 18h. Proibida a entrada após o início do espetáculo. Hoje, às 19h e 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 120, estudante.

AS 1001 ENCARNAÇÕES DE POMPEU LOREDO — Comédia musical de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Mús. de Duardo Dusek e Luis Carlos Góes. Dir. de Jorge Fernando. Com Ricardo Blat, Luís Sérgio Lima e Silva, Duse Nacaratti, Diogo Vilela, Stella Miranda, Eduardo Machado, Marcus Alvisi e outros. **Teatro do BNH**, Av. Chile, 230 (262-4477). Hoje, às 19h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

LIBERDADE, LIBERDADE — Texto de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Dir. de Roberto Azevedo. Com Fred Gouveia, Gê Menezes, Iracema Nascimento, Neca Terra, Octacílio Coutinho, Rodney Mariano, Suli. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (258-8142). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudante; sócio do Sesc, Cr$ 30. Último dia.

QUEM CASA QUER CASA... E OUTRAS COUSAS MAIS — Texto de Martins Pena, transformado em comédia musical, com música de Ubirajara Cabral. Dir. de Wolf Maia. Com Agnez Fontoura, Osmar Prado, Nelson Dantas, Claudia Costa, Cininha de Paula, Maneco Bueno e outros. **Teatro Gláucio Gill**, Praça Cardeal Arcoverde (237-7003). Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes. (Livre).

NAVALHA NA CARNE — Texto de Plínio Marcos. Direção de Odilon Wagner. Com Gloria Menezes, Roberto Bonfim e Edgar Gurgel Aranha **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (239-8595 e 274-7246). Hoje, às 19h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes.

O CHICOTE — Texto de Elias Daniel dos Santos. Direção de Roberto Luiz Barreto. Com o grupo Astral. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 100. Até dia 28.

HORÓSCOPO PARA OS QUE ESTÃO VIVOS — Texto de Thiago de Mello. Direção de Pedro Jorge. Musicas dos Beatles, Janis Joplin, **Hair, Godspell** e **Jesus Cristo Superstar**. Com Alexandre de Paula, Marco Antonio Santos e Monique Alves. **Teatro Pedro Jorge**. Espaço de Dança e Ginástica, Rua Visconde de Pirajá, 540, sala 307 (259-3596). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 100.

MOSTRA DE TEATRO AMADOR — Promoção da Fundação Rio, apresentando em quatro locais descentralizados uma amostragem da produção dos grupos amadores do Município. Hoje, às 20h. **Severina Campeã e Mártir**, no **Centro de Artes e Criatividade**, Méier; **A Dor da Gente que não Sai no Jornal**, na **Escola Municipal Bélgica**, Guadalupe; **As Desgraças de Uma Criança**, no **Teatro 29 de Junho**, Campo Grande; e **A República dos Mendigos**, pelo grupo Apocalipse, no Ginásio Gama e Souza, Bonsucesso.

A FILHA DA... — Texto de Chico Anísio. Direção de Antônio Pedro. Com Lutero Luiz, Iolanda Cardoso e Maria do Rocio. **Teatro Arthur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 20.

Crianças

PAPITOCO — Musical de Mauro Menezes e Lu Maia. Direção de Ivan Merlino. Com Ricardo Blat, Fatima Maciel, Lu Maia, Fernando Wellington e Rafael Sanchez. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 150.

RISO, CHORO E CUÍCA — Criação coletiva dos Bufões. Direção de Zeca Ligiero. Com João Gomes, Carlota Maria, Fátima Rezende e João Napomuceno. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60 e Cr$ 30, comerciários.

NÃO SEI SE É FATO OU SE É FITA. NÃO SEI SE É FITA OU SE É FATO — Criação coletiva do Grupo Travalíngua. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 388 (265-9933). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 70, até dia 28.

O GATO E A PANTERA COR DE ROSA — Texto de Eliseu Miranda. Direção de Ricardo Lavalhos. Com o grupo A Nossa Turma. **Teatro do Instituto Abel**, Av. Estácio de Sá, 29, Niterói. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 70.

FESTANÇA — Teatro de bonecos. Ver detalhes em **Teatro**.

SONHO, SÓ SONHO — Musical infanto-juvenil de Ronaldo Ciambroni. Direção de Maithê Alves. Com Isa Fernandes, Silvio Fróes, Gilberto Britto, José Roza e Gilson Hostilio. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 70.

GENERALZINHO DE SAIAS — Texto de Stella Leonardos. Direção de Maria Lina Rabello. Com o grupo Serrote. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Manoel de Abreu, 16. Hoje, às 16h. Até dia 28.

QUEM QUER CASAR COM A DONA BARATINHA — Direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Cde. de Baependi, 69. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80.

A BRUXINHA QUE ERA BOA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Malvina Fernandes. Com o grupo Ensart. **Teatro Santos Rodrigues**, Rua Henrique Dias, 25, Rocha. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40. Até dia 5 de outubro.

DANÇANDO NO ARCO-ÍRIS — Texto e direção de Leonardo Alves. Com Ana Luiza Fally, Sérgio Martins, Jefferson Zanon, Luzio Costa, Lereto Pastene e outros. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

Ricardo Blat, protagonista de *Papitoco*, peça de atores e bonecos que estréia no Teatro Villa-Lobos

MANHAS E MANIAS — **Show** de variedades. Criação coletiva do grupo Manhas e Manias. Com José Lavigne, Carina Cooper, Chico Diaz, Marcio Trigo e outros. **Escola de Artes Visuais, Parque Lage**, Rua Jardim Botânico, 414. Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 100. Até dia 28.

NO PAÍS DA PROSOPOPÉIA — Texto, direção e música de Lauro Benevides. Com o grupo Boca do Túnel. **Teatro Dirceu de Mattos**, Rua Barão de Petrópolis, 897, saída do túnel da Rua Alice, Santa Teresa . Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

O MISTERIOSO SEQÜESTRO DO PRÍNCIPE NÃO SEI, — De Jurema Penna. Produção e apresentação do Grupo Rodete. **Teatro CEU**, Av. Rui Barbosa, 762 (265-8817). Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 70. Até o dia 30 de outubro.

O GATO DE BOTAS E A BAILARINA ENFEITIÇADA — Produção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Cde. de Baependi, 69. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Alarcon Chamarelli. Com o grupo teatro Crismaran. **Sala Crismaran**, Rua Ferreira Pontes, 285, Grajaú. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50.

PEQUENINOS MAS RESOLVEM — Texto de Licia Manzo. Direção coletiva. Com Flávia Klinger, Rogerio Fabiano Junior, André Mauro, Claudio Villela e outros. **Teatro Rio-Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240. Hoje, às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 80.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU — Texto e direção de Jair Pinheiro, **Teatro Brigitte** Blair, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

CHAPEUZINHO AMARELO — Texto de Chico Buarque de Holanda. Adaptação e direção de Zeca Ligiéro. Com Chica Sergio, Jana Castanheira, Juliana Prado, Marcia Galvão, Felipe Pinheiro e Zezé Palessa. Direção musical de Chico Sá e Ricardo Pavão. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 120.

CRESÇA E APAREÇA — Texto de Alexandre Marques. Direção de Marco Antônio Palmeira. Com Eduardo Azeverdo, Eliana Dutra, Francisco Sztockman, Marco Antônio Palmeira e Maria Alice Mansur. Música de Dirney Machado e Mauro Dellal. **Teatro Gláucio Gil** Rua Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

COM PANOS E LENDAS — Musical de José Geraldo Rocha e Vladimir Capella. Direção de Ivan Merlino e Vladimir Capella. Com Angela Dantas, Marco Miranda, Nadia Carvalho, Otávio Cesar e outros. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 150.

...E O BEIJA-FLOR VIROU LENDA — Texto e direção de Eugenio Santos. Músicas de Paulinho Guimarães. Com Priscila Camargo, Ricardo Peixoto, Miguel Arcanjo, Frida Richter e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 30, comerciários. Até dia 26.

ROSALICE, DUQUESA DE COISA NENHUMA — Comédia musical infantil de Marcio Luiz. Direção de Fernando Fernandes. Com o grupo Mantra/ Mistério Crescente. **Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80. O espetaculo é apresentado ao ar livre.

CHAPEUZINHO QUASE VERMELHO — Texto, cenários, figurinos e direção de Luiz Sorel. Com Cida Amado, Edna Mayo, Sheila Carvalho, Alexandre Miranda e Elias Musauer. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 100. Último dia.

EU CHOVO, TU CHOVES, ELE CHOVE — Texto e direção de Sylvia Orthof. Produção de Adalberto Nunes, Com Bia Sion, Claudia Richer, Everardo Sena e Jorge Maurilio. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45. Hoje, às 17h30m. Ingresso a Cr$ 200. Hoje, 50% de abatimento para as crianças que levarem o desenho de um elefante.

O JARDIM DOS GIRASSÓIS COR—DE—ROSA — Texto de Pedro Veludo. Direção de Eudes Berg. Com Walter Costa, Sergio Britto, Maria Gryner, Ely Moreno e outras. **Sala Monteiro Lobato, Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80. Até dia 30 de novembro.

SUPER-HERÓIS CONTRA MULHER-GATO E CIA. — Musical com texto e direção de William Guimarães. Com Fabiana Gouveia, Jorge Eliano, Tom Aguiar e Rosa Isabel. **Teatro Alasca**. Av. Copacabana 1.241. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80.

A BELA ADORMECIDA — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Tereza Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

OS TRÊS PORQUINHOS E GASPARZINHO O FANTASMINHA LEGAL — Direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras,** Rua Cde. de Baependi, 69. Sáb às 17h. Ingressos a Cr$ 80.

EMÍLIA, SACI E VISCONDE CONTRA ASTERIX, O GAULÊS — Musical com texto e direção de William Guimarães. Com Katia Regina, Roberto dos Santos e Ricardo dos Santos. **Teatro Alaska**, — Av. Copacabana, 1241 (247-9842). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80.

ZÉ COLMEIA E A PANTERA COR DE ROSA NA FLORESTA ENCANTADA — Direção de Roberto de Castro, com o Grupo Carroussel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Conde de Baependi, 69. Hoje, às 10h30m. Ingressos a Cr$ 80.

CINDERELA, A GATA BORRALHEIRA — Texto e direção de Jayr Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 H (521-2955). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jayr Pinheiro. **Teatro Serrador,** Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto e direção de Jair Pinheiro **Teatro Teresa Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

Música

DON GIOVANNI — Ópera de Mozart, com libreto de Lorenzo da Ponte. Direção, cenários e figurinos de Gianni Ratto. Com o Coro e Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, sob a regência do maestro David Machado. Intérpretes: Nicola Ghiuselev, Gianfranco Pastine, Nelson Portella, Marita Napier, Maria Helena Buzzelin, Lella Cuberli e Wilson Carrara. **Teatro Municipal** (262-6322). Assinatura C: hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil 100, frisa e camarote, a Cr$ 350, platéia e balcão nobre, a Cr$ 200, balcão simples, e a Cr$ 100, galeria. Assinatura B: dia 17, quarta-feira, às 21h. Ingressos a Cr$ 700, frisa e camarote, a Cr$ 450, platéia e balcão nobre, a Cr$ 250, balcão simples, a Cr$ 150, galeria.

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL — Concerto sob a regência do maestro Marlos Nobre. Solista: Maria Luiza Corker. No programa, obras de Beethoven, Marlos Nobre e Schumann. **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Hoje, às 21h. Entrada franca.

DOUGLAS IURI — Recital de piano. Programa **Sinfonia nº 3**, de Bach,**Sonata nº 52**, de Haydn,**Intermezzo Op. 117 nº 2**, de Brahms-**Jongo**, de Lorenzo Fernandez e peças de Chopin.**Auditório da Reitoria da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9. Niterói. Hoje, às 10h. Ingressos a Cr$ 40.

TEATRO

O SINUOSO TRAJETO ENTRE AS PORTAS E A CAMA

Yan Michalski

MAIS uma peça tendo uma cama por epicentro e paredes cheias de portas por periferia. Inútil insistir nos detalhes da ação; basta dizer que a comédia de Jean de Letraz mergulha na convenção do **boulevard** com bastante coerência para que ninguém se incomode com as implausibilidades da trama; que o vaivém entre as portas e a cama é costurado com adequada precisão de sincronização; e que um certo anacronismo (a peça é de 1950 mais ou menos, mas a ação parece situada numa remota e indefinida **belle époque**) confere às habituais bobagens do gênero um certo encanto nostálgico.

Encanto este que a adaptação de Armindo Blanco multiplica, ao assumir e reforçar o anacronismo às últimas conseqüências, dinamitando qualquer resquício de unidade temporal, com pequenas referências que projetam a ação para a atualidade, mas sem retirá-la da sua elegância passadista. É claro que isto não basta para conferir interesse a essa monótona contradança de casais sucessivamente trocados; mas já dá para entregar ao encenador a sugestão de um caminho capaz de levar ao alvo único do empreendimento — o desencadeamento mecânico de um número satisfatório de risadas, a "fuga pelo riso" a que o adaptador se refere no programa.

Antônio Pedro leva esse grão de loucura anacrônica um pouco mais adiante, fazendo da incoerência um fator de coerência, e construindo um espetáculo que debocha permanentemente de si mesmo, jogando simpáticas piscadelas de cumplicidade à platéia. Num cenário de Pernambuco de Oliveira que parece concebido para um **boulevard sério**, e vestindo figurinos de Tessy Callado que oscilam entre **o boulevard sério** e a farsa escrachada, transitam personagens cujo comportamento tende sempre mais para o **nonsense** e o absurdo do que para qualquer outra coisa. A mistura revela-se bastante digestiva, e o diretor tira leite de pedra no sentido de manter a dinâmica da ação sempre trepidante. Mesmo assim, o óbvio e o previsível característicos do gênero fazem com que o tédio paire sobre não raros trechos da brincadeira, não fosse para tão longas tentativas de adultério tão curta a vida. Em vários outros trechos, porém, a malícia típica do temperamento de Antônio Pedro, e que aqui se apresenta sem os chavões de vulgaridade que prejudicaram alguns de seus trabalhos congêneres, fornece um divertimento à altura das expectativas de um espectador que investe seu dinheiro no ingresso para um programa teatral intitulado **Uma Noite em Sua Cama**.

Em última análise, o interesse da iniciativa resume-se à sua qualidade enquanto exercício de estilo. Exercício de estilo que a **mise en scène** defende galhardamente; mas que depende, evidentemente, da capacidade dos atores de embarcarem na jogada proposta pela direção. E neste sentido se o espetáculo mostra dois trabalhos individualmente brilhantes, fica longe da homogeneidade ideal; e esta acaba sendo a razão principal da sua parcial frustração.

Poucas vezes, talvez nunca, vi um **boulevard** em que o mordomo praticamente **rouba** o espetáculo. É verdade que o mordomo da peça é um falso mordomo, que proporciona ao ator um material melhor do que costumam fazer os mordomos verdadeiros. Ainda assim, o desempenho de Pedro Paulo Rangel é faiscante de humor e exatidão, e explora até a última gota todas as mais remotas chances de fazer graça que o papel oferece. Se a sua participação não vira um solo, é porque Luca de Castro também mostra uma composição estilisticamente afiada, de um desenho gestual minuciosamente elaborado. Já Nelson Caruso encontra-se e desencontra-se sucessivamente com aquilo que poderia ser a linha da sua composição definida com estilo, sendo os desencontros mais freqüentes do que os encontros. E o trio feminino — Vera Gimenez, Eliene Narduchi e Melise Maia — só brilha pelo visual, sem dúvida gratificante, e pela simpatia pessoal; mas falta-lhe por completo, já em decorrência da sua visível inexperiência no gênero, aquela picardia e noção do gesto e do tempo exatos que fazem o encanto dos desempenhos de P. P. Rangel e Luca de Castro. A empostação caricata de Lupe Gigliotti, que parece uma bruxa de teatro infantil perdida num universo lúbrico, é um equívoco que desequilibra ainda mais o conjunto da interpretação.

O PRATO DO DIA

VATAPÁ

Ruth Maria

LEITE de dois cocos, oito pãezinhos sem casca, 1kg de peixe em postas (a garoupa é o mais usado), 1/2kg de camarões secos e a mesma quantidade de camarões frescos, suco de limão, sal, azeite, cebola ralada, quatro tomates batidos no liquidificador, uma xícara de amendoim torrado e moído, uma xícara de castanhas de caju torradas e moídas, noz-moscada e gengibre a gosto, uma xícara de azeite de dendê.

Modo de preparar: Pôr os pãezinhos de molho no leite de coco por meia hora e passar depois por peneira. Temperar o peixe e os camarões frescos com limão e sal, cozinhar e refogar depois no azeite, cebola e tomates. Reservar. Juntar ao refogado os camarões secos sem a casca, a castanha do caju, o amendoim, a massa dos pães, o gengibre e a noz-moscada. Adicionar o azeite de dendê aos poucos, mexendo até obter um creme grosso. Acrescentar ao creme o peixe e os camarões reservados. Misturar e servir acompanhado de arroz branco ou de Acaçá.

Carlos Eduardo Novaes

A DEMOCRACIA DA GRAVATA

ENFIM, os nossos congressistas deram uma contribuição efetiva para a consolidação da abertura democrática: proibiram o traje esporte nas dependências do Congresso. Vocês, muito naturalmente, perguntarão: por que proibiram? Respondo em nome dos congressistas — porque as pessoas que usam trajes esporte não têm um mínimo de educação nem de boas maneiras. Pelo menos, foi o que os parlamentares constataram semana passada quando o pau comeu nas galerias (e no plenário) durante a votação da emenda que prorrogava o mandato dos prefeitos. Vai daí a Mesa do Congresso resolveu baixar um ato exigindo que o público passasse a usar traje passeio completo, na certeza de que assim os tumultos desaparecerão das galerias. Agora me respondam: o que se pode esperar de um Congresso que ainda pensa que a gravata faz o homem?

A exigência do uso da gravata torna claro algo que estava apenas subentendido no quadro político brasileiro: nós vivemos a "democracia" da gravata. Quem tem gravata pode participar desse baile pré-democrático. Quem não tem, só pulando o muro e penetrando. A decisão dos congressistas bem demonstra o caráter pretensamente aristocrático, conservador e elitista do Congresso, que alguns políticos, por descuido ou demagogia chamam de Casa do Povo. Além disso, revela uma ótica inteiramente estrábica da realidade do país: boa parte dos 420 parlamentares que aprovou o traje passeio completo parece esquecer que muitos de seus eleitores jamais tiveram dinheiro para comprar um terno e só conhecem a gravata de fotografia.

Dois dias depois da Mesa ter baixado o ato para tentar melhorar a freqüência do Congresso (pelo menos a roupa da freqüência), Matias, o Homem do Povo, que fazia uma excursãozinha por Brasília acompanhado de sua mulher, resolveu conhecer o Congresso. Matias, como um bom brasileiro, estava de traje esporte completo: bermudas, camiseta e sandálias havaianas. Ao tentar entrar, foi interceptado pelo porteiro.

— Onde é que o senhor pensa que vai? — perguntou o porteiro olhando Matias de cima já no pressuposto de que com aquelas roupas ocupava na hierarquia social brasileira um posto inferior ao de porteiro de Congresso.

— Eu vou assistir a uma sessão da Câmara.

— Nesses trajes? — tornou a perguntar o porteiro medindo-o com desdém.

Matias assustou-se. Olhou para a própria roupa, botou a mão nos fundos da bermuda pra verificar se estava rasgada, conferiu a braguilha, e notando que estava tudo em ordem indagou:

— Que que tem?

— O senhor pensa que isso aqui é o quê? Um alojamento de metrô? A entrada pra geral de algum campo de futebol? Isso aqui — disse o porteiro com a boca cheia, como se fosse o Presidente do Congresso — é a Câmara dos Deputados! O Poder Legislativo! O Congresso Nacional!

Matias olhou-o meio atônito, olho arregalado, boca aberta.

— Pô... mas é tudo isso?

O porteiro assentiu orgulhoso com a cabeça.

— E você não pode entrar — completou — você não está convenientemente vestido.

Matias tornou a se olhar um tanto perplexo imaginando que o ônibus da excursão talvez tivesse se enganado e agora ele estava batendo na Câmara dos Lordes na Inglaterra.

— E como é estar convenientemente vestido?

— É estar de traje passeio completo — disse o porteiro ajeitando a própria gravata só para provocar Matias.

— Mas eu estou em traje passeio... eu tô passeando, tô fazendo turismo. Que que falta pra ser completo? Um chapeuzinho?

A resposta embananou o porteiro.

— Isso... isso não é traje passeio, meu amigo. Falta a gravata, o paletó...

— Mas eu não passeio de paletó e gravata!

— Mas o passeio aqui dentro da Câmara tem que ser de paletó e gravata — respondeu o porteiro já meio agressivo — e eu não quero mais falar sobre isso! O senhor não pode entrar! Só de paletó e gravata!

Matias tornou a fazer uma expressão de estranheza, olhou para a mulher, olhou para o porteiro, pensou um pouco e perguntou:

— Paletó e gravata? Só de paletó e gravata? Não. O senhor me desculpe, mas eu não vou entrar aí sem calça...

O porteiro bufou irritado.

— Escuta, meu amigo. Paletó e gravata é o principal, é o indispensável, mas tem que botar o resto também: calça, cueca, camisa, sapato, cinto, meia e o no futuro vai precisar de abotoadura e alfinete de gravata.

— Mas... mas o Congresso não é a Casa do Povo?

— Era. Até semana passada era. Agora é só do povo que se veste convenientemente.

— Quer dizer que eu não posso falar com o deputado que eu ajudei a eleger?

O porteiro já não estava agüentando aquele papo. Sua vontade era de chamar a segurança da casa e mandar prender o Matias. Certamente, com aquela roupa, pensou o porteiro, ele já devia ter cometido alguma contravenção na vida.

— Eu já não disse que é só de paletó e gravata? Seu deputado não vai recebê-lo assim.

— Mas na hora de votar, ele me arrastou de pijama pra cabine — o porteiro ameaçou se afastar. Matias segurou-o — E minha mulher não pode entrar?

O porteiro mediu-a de alto a baixo.

— Não, senhor.

— Ela também tem que estar de paletó e gravata?

O porteiro então explicou por que a mulher de Matias também não podia entrar. Ano passado, o Congresso baixou um ato (depois que a Emmanuele esteve por lá) esclarecendo que as mulheres poderiam entrar de calça comprida.

— Desde que — ressalvou o porteiro — tenham cores sóbrias, comprimento normal, largura de boca não ultrapassando o tamanho do sapato e que não seja muito justa ao corpo. Como é que eu posso deixar sua mulher entrar com essa calça roxa, marcando o corpo todo?

— Mas qual é o problema? — perguntou a mulher do Matias, que era banco no time das mulatas do Sargenteli.

— Bem, a senhora sabe, os congressistas são muito sensíveis... vão olhar pra senhora e ficar tumultuados... com a senhora lá dentro o pessoal do PDS vai acabar votando contra o Governo... e a culpa vai cair em cima de mim.

Matias quis saber o que deveria fazer para poder entrar e assistir a uma sessão do Congresso. O porteiro disse que ia ver se dava um jeito. Chamou um colega que estava na portaria.

— Zé, vem cá! — Zé aproximou-se com cara de sonso (já estava tudo armado desde que o Congresso baixou o ato) — Zé, quebra um galho aqui pro meu amigo, vende uma daquelas gravatas que você recebeu de troco do Muamba.

Zé foi para um canto da entrada do Congresso, abriu uma mala cheia de gravatas e vendeu uma para Matias.

— E o paletó? — perguntou Matias.

Zé fez um gesto para que esperasse.

— Rosemiro — gritou — quebra um galho aqui pro meu amigo. Você ainda tem algum paletó aí?

Rosemiro chamou Matias num outro canto e mostrou-lhe os paletós. Matias disse que talvez não tivesse dinheiro para comprar paletó.

— Não, não — corrigiu Rosemiro — o paletó é alugado. Cinqüenta pratas a hora.

Matias colocou a gravata, vestiu o paletó, pediu a mulher para esperar, entrou e sentou-se quietinho na galeria. Mal ajeitou-se na poltrona, escutou um grito vindo do plenário.

— Vossa Excelência é uma besta!

— E Vossa Excelência é um quadrúpede! — respondeu o outro deputado saltando por cima da mesa e se atracando com seu correligionário.

Os dois passaram a trocar socos. Matias, indignado, levantou-se, começou a vaiar e jogar bolinha de papel. Os dois interromperam a briga, olharam para a galeria e imediatamente pediram a presidência da Mesa que retirasse do recinto aquele cidadão que estava tumultuando os trabalhos legislativos. Ato contínuo, recomeçaram a briga que já envolvia vários outros parlamentares. Matias saiu gritando, esperando, seguro pelos seguranças enquanto na Mesa do Congresso o presidente tratava de baixar um outro ato proibindo nas galerias as pessoas em traje passeio completo. Daquele momento em diante só seria permitido o traje a rigor.

O SOM NOSSO DE CADA DIA

EM CARTAZ

Tárik de Souza

DOMINGO, dia de fechar temporadas. Depois de uma participação atípica no noticiário de música (desentendimento com Tom Jobim; rusgas com João Gilberto, que teria assaltado sua galeria) e polícia (2 mil 500 dólares roubados no hotel), Stan Getz, o saxofonista de jazz que popularizou a bossa-nova nos EUA, encerra hoje sua permanência no Caesar Park de Ipanema. Os ingressos custam Cr$ 2 mil por pessoa ou Cr$ 3 mil, com direito a jantar. Numa inovação inteligente, o hotel ainda oferece aos espectadores dos outros Estados, um "pacote", que inclui show, jantar, hospedagem e café da manhã, ao preço de Cr$ 9 mil 950, para casal, e Cr$ 6 mil 350, para solteiros.

● **Outros encerramentos de hoje: Terezinha de Jesus, acompanhada de quinteto, no Teatro Ipanema, às 21h30m, com roteiro de Abel Silva. lançamento de seu disco,** Caso de Amor. **No mesmo caso (não de amor, mas de lançamento discográfico), encontra-se o MPB-4, último dia no Colégio Assunção, em Niterói, onde tudo começou há 16 anos. O grupo afro Bambamoleque, lançando um novo ritmo, "misturadinho carioca", por sua vez, despede-se do Parque Lage, às 21h, No Teatro da Casa do Estudante Universitário, na Rui Barbosa, a dupla Sérgio Rojas e Claudio Latini termina** Pelas margens. **No Seis e Meia do Teatro Ipanema quem sai de cena é o trio Tempero Forte, dois cantores e uma cantora "que dão ênfase ao samba". Depois de abarrotar a AABB de Niterói, o compositor Biafra fica este fim de semana no Leopoldo Fróes. Dias 20 e 21 virá para o Planetário da Gávea.**

● Segunda-feira costuma ser dia de espetáculos únicos e aberturas de temporadas, mas é o último dia da retrospectiva **Impressões**, do artista gráfico Elifas Andreato, na Galeria Funarte Sérgio Milliet. Na seção dos espetáculos únicos, o partideiro (o também bamba no coco e nos ritmos nordestinos) Bezerra da Silva lança seu disco **Um Partido Muito Alto** na Noitada de Samba, que agora ocupa o palco do Tereza Rachel. Participações dos conjuntos Nosso Samba e As Gatas. Às três da tarde de amanhã, na Biblioteca Regional da Penha, o conjunto Opus Canorum toca Pixinguinha, Nazareth e Anacleto de Medeiros, entre outros.

● **Inaugurações: no Planetário da Gávea, o espaço da cobertura, com 1 mil 600 lugares, ao ar livre, será ocupado com uma programação versátil e sistemática, fornecida pelas firmas Planarte e Solares. O espetáculo de estréia, a partir das 21h30m, terá renda destinada à Casa dos Artistas e conta com as adesões da Banda BR-1, Banda Black Rio, Raimundo Sodré, Djalma Correa, Elza Maria, Cidinho, Mariana, Grupo Palmares, Moreno,**

Bezerra da Silva: bamba em vários ritmos

Macalé e Roberto Guima. Outro território a ser tomado pela música a partir desta semana é o Villa-Lobos, antes afamado pelo luxo de suas três cozinhas, na Princesa Isabel. Todas as segundas, Nana Caymi estará recebendo convidados, a começar com Claudio Nucci e Hélio Delmiro e mais o grupo Viva Voz (dia 22), Agnaldo Timóteo (29) e até dezembro, entre outros, Ivan Lins, Emilio Santiago, Sueli Costa, Gonzaguinha, Francis Hime, Clara Nunes, Edu Lobo, Paulinho da Vila, Isaurinha Garcia e Carmem Costa.

● Na série Concerto no IBAM, terça-feira, no auditório do Instituto, em Botafogo, os violões de Nicanor Teixeira e Sérgio de Pina, num repertório que inclui Canhoto (**Abismo de Rosas**), Dilermando Reis (**Serenata, Recordando, Tempo de Criança**) e João Pernambuco (**Lágrima, Mimoso, Brasileirinho**). Programa grátis.

● **Com o roteiro de Aidir Blanc, cenários de Mauro Monteiro e direção de Ligia Ferreira, a cantora Aline exibe o repertório de seu primeiro LP independente, em** Esta é a sua Vida, **no Teatro Ipanema, de quarta a domingo.**

● Neide, a porta-estandarte nota 10 da Mangueira, recentemente falecida, é a musa mais constante das concorrentes ao 6º Encontro Nacional do Compositor de Samba, promoção da Riotur que encerra suas inscrições no Pavilhão de São Cristóvão na próxima quinta-feira. Em três músicas, ela é citada: **Porta-Bandeira**, de Sebastião Ribeiro de Carvalho; **Neide**, de Cláudio J. Pinho e J. Carlos Peçanha; e **Tributo à Porta-Estandarte**, de Silvio Claudio e Buquinha. As semifinais serão realizadas entre 26 e 28, na quadra da Escola de Samba Caprichosos de Pilares. E as finais, de 10 a 12 de outubro, no Pavilhão de São Cristóvão. A Riotur premiará cinco compositores (valores de Cr$ 50 mil, para o primeiro a Cr$ 15 mil para o quinto) e o melhor intérprete. Mangueira, Morro do Pinto, Padre Miguel, Guadalupe, Santo Cristo, Méier e Boca do Mato são os locais do Rio que até agora apresentaram maior número de candidatos.

● **Sexta-feira, às seis e meia, na Central, a Fundação Rio promove seresta com o cantor lírico Paulo Fortes, o conjunto Noites Cariocas e participação especial de Zé da Velha (trombone), Eugênio Martins (flauta) e Lucio de Souza (violoncelo). Às nove da noite, um especial da TV Globo apresenta as músicas do novo LP** — Cauby, Cauby — **dos 25 anos de carreira de um dos maiores ídolos da Rádio Nacional, o Professor Cauby Peixoto. Também lança seu novo LP** — Só Nos Resta Viver — **a compositora, pianista e cantora Angela Rô Rô, de sexta a domingo no Planetário da Gávea. No Teatro Lemos Cunha, na Ilha do Governador, Robertinho do Recife, guitarrista, e sua banda (baixo, teclados, bateria e percussão) homenageiam Jimi Hendrix nas noites de sexta e sábado. No domingo, dia 21, o Lemos Cunha inicia uma série intitulada Perspectiva, com artistas novos. Já programados: Lucila, cantora & conjunto (21), Sandra Sá, cantora e compositora (28); Roberto Guima, clarinetista e grupo (5/10); João Boa Morte, cantor e autor (12/10).**

● Marcado para o próximo domingo, 21, às 21 horas, na Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, o espetáculo em benefício dos funcionários da Rede Tupi, coordenado por Adelzon Alves, Norma Blum e Sergio Cabral, já conta com as seguintes adesões na área musical: Agnaldo Timóteo, João Nogueira, Emilinha Borba, Ademilde Fonseca, Nana Caymmi, Marlene, Miucha, Fábio, Joyce, Marisa Gata Mansa, Sônia Santos, Bezerra da Silva e Vital Lima.

● **No seis e meia da Sala Sidney Muller, um extraordinário mestre e seus discípulos de equivalente valor: o partideiro Aniceto do Império, remanescente da difícil arte do improviso, e a dupla de compositores Wilson Moreira e Nei Lopes, consolidadores do samba tradicional e dos ritmos de descendência africana. O trio fica na sala somente até sábado.**

● Atrações da noite: sempre às sextas e aos sábados, até o fim do mês, a cantora Sônia Santos, no Rincão Tijuca. O Teclado, da Lagoa, contratou para nova temporada a cantora Marisa Gata Mansa, que se apresenta durante a semana inteira, com seu repertório romântica, incluídas as faixas de seu primeiro LP independente. No Biblos Bar, também na Lagoa, a atração, também grata aos noctívagos, é a volta dos Tamba Trio, de Luis Eça, Bebeto e Helcio Milito, pilar da bossa nova.

● **Nas telas:** 1 X Flamengo (leia-se Uma Vez Flamengo), **fotografia e montagem de Luiz Carlos Saldanha, com o discotecário Dom Pepe, Carlinhos Pandeiro de Ouro, Wilson Grey e o artista plástico Helio Oiticica, em sua última aparição, além do compositor Macalé e a escola Acadêmicos do Salgueiro. O tema musical é do rubro-negro Jorge Ben. Com pré-estréia prevista para o dia 25,** Música para Sempre **mostra "o melhor do 1º festival de jazz realizado em São Paulo", em 78. A direção é de Neville D'Almeida (A Dama do Lotação), Guaracy Rodrigues e Dudi Guper.**

CONTRAPONTO

EM segredo, num apartamento do Leblon, próximo ao Jardim de Alah, trama-se um disco que pode mudar o ano musical. O idealizador do encontro, aliás, cultiva o plano desde sua estada no Brasil em 71, quando gravou um especial de TV, ao lado dos comparsas. Um disco que promete uma reavaliação da contribuição baiana à MPB, o conclave de João Gilberto, Caetano Veloso, Gal Costa e provavelmente Maria Bethania e Gilberto Gil. Por enquanto, o projeto está parado: Caetano em excursão; Gil doente na Bahia. Afinal João Gilberto nunca foi de pressas, mas o produtor, Guto Graça Melo, está de sobreaviso: pode acontecer a qualquer momento, como um parto. Para a Bahia ficar completa falta apenas o convite ao pai de todos, o venerando Dorival Caymmi. Bahia com H e sem agá.

● **Aprovados os novos estatutos do ECAD (Escritório Central de Arrecadação de Direitos), que reorganizam o escritório em 64 artigos e antecedem a aprovação urgente do regimento interno, do regulamento da distribuição de Direitos de Autor e conexos e a fixação de cretérios, sistemas e valores. O diretor do Conselho Nacional do Direito Autoral detecta antecipadas resistências" de grupos minoritários do ECAD contrários às medidas saneadoras". Entre elas, o novo estatuto reafirma o direito ao autor de filiar-se direta e exclusivamente ao ECAD (já existem 500 compositores nessa situação), sem necessidade de recorrer às entidades de direito autoral.**

O Sindicato dos Músicos, muito a propósito, em associação com a Cebrade (Centro Brasil Democrático) está organizando o I Encontro Nacional de Músicos, sob o tema: O Músico: Organização, Direitos e Lutas. Na programação, organizada por Nelson Macedo (presidente do Sindicato dos Músicos do RJ), Aquiles do MPB-4, Chico Buarque, Turibio Santos e Mauricio Tapajós, estão programadas palestras de Roberto Menescal, Aldir Blanc, Hermineo Bello de Carvalho, Antônio Adolfo, Guerra Peixe, José Vieira Madeira (Censura), Joyce e outros. Estão também convidados a falar o presidente do PT, Luis Inácio da Silva (Organização Sindical e Estado) e o antropólogo Darci Ribeiro (A Importância Política do Músico na Sociedade Brasileira).

● Desaparece do mercado o selo Tapecar, depois de quase uma década de atividades. Sua fábrica continua ativa, mas a etiqueta muda sua denominação para Aycha, sociedade do dono da Tapecar, Manoel V. Camero, o Manolo, e o produtor Márcio Moura (ex-Aquarius, ex-CBS). O novo selo propõe-se a incentivar o aparecimento de novos nomes, do sertanejo ao urbano. O primeiro lançamento previsto é Tuckley, ex-integrante da dupla Ponto e Vírgula, paulista que parte agora para a carreira solo. A programação visual da nova etiqueta, que terá sede no Jardim Botânico, é de Noguchi, capista, entre outros, de Milton Nascimento, Simone e Wanderléa.

● **Escândalo inglês: investigam-se acusações de suborno aos programadores do programa Top of the Pops, influente parada de sucesso da BBC-TV. Segundo as denúncias que estão sendo apuradas, compactos de artistas como Fleetwood Mac, Gary Numan e Pretenders teriam suas vendas artificialmente fomentadas nas lojas pesquisadas pelo programa. Como costuma acontecer nesses casos, por enquanto ainda não foram encontradas provas concretas. Lá como cá, ninguém assina recibo, mas, segundo o jornal Melody Maker, quem está no banco dos réus, como suspeitas, são as gravadoras.**

● Há mais de cinco anos calado, enviando telegráficas e esotéricas mensagens aos fãs através de anúncios pagos nos jornais, desta vez John Lennon foi flagrado quando entrava no estudio nova-iorquino The Hit Factory. Uma cena engraçada: Lennon todo de preto, óculos escuros, chapéu mexicano e pastinha 007. Sua mulher, a infatigável Yoko Ono, de conjunto claro tipo safári, short e bonezinho. Por enquanto, sabe-se da convocação dos músicos Klaus Voorman e Jim Keltner. Lennon está sem contrato: o LP **Rock and Roll** saldou sua dívida para com a inglesa EMI. A série de canções de amor que compõe o novo repertório, provavelmente, sairá em selo Epic, na dianteira da corrida entre as gravadoras.

Simone: com *backing vocals*

EM ROTAÇÃO

CONHECIDO no setor como **backing vocals** (vocal de fundo), o coro costuma revelar cantores importantes. Chico Alves foi corista, João Gilberto começou num conjunto vocal e assim por diante. Alguns discos recentes, no entanto, contam com um coro tipo "poeira de estrelas", como é o caso do novo LP de Simone. Em duas faixas, **Novo Tempo** (Ivan Lins-Vitor Martins) e **Música, Música** (Sueli Costa-Abel Silva), acompanham a voz de Simone as vozes de Clara Nunes, Nana Caymmi, Fátima Guedes, Sueli Costa, Abel Silva, Mauricio Tapajós, Ronaldo Resedá, Claudio Nucci, Paulo Cesar Pinheiro e os Goldens Boys, o diretor Flavio Rangel e funcionários da Odeon, como Chiquinho Rodrigues, Tadeu e Rachel. A previsão de vendas da gravadora para esse disco oscila em torno de 600 a 800 mil cópias.

● **Oitenta e quatro choros famosos,** entre eles André de Sapato Novo, Homenagem à Velha Guarda, Tico-Tico no Fubá, Os 8 Batutas, **estão reunidos num álbum que a Editora Vitale colocou no mercado. Os títulos ressaltam a imaginação instrumental dos autores:** Intrigas no Boteco do Padilha, Estes São outros Quinhentos, Tigre da Lapa, Pé de Elefante, Não Chaquala, Moço, Tangará na Dança **etc. Por sua vez, a editora Todamérica abre o baú de seus velhos sambas, em duas edições de** Melhores: **de** O Pé de Anjo **e** Ora Vejam Só, **ancestrais maxixes de Sinhô, ao bolero** Lama, **regravado há mais de 10 anos por Bethania, tudo é samba.**

● Pronto para lançamento no final do mês o LP de estréia da guitarrista Lucia Turnbull. **Aroma**, o título do disco, teve produção de Perinho Santana e conta com inéditas de Gilberto Gil (**Sete Sílabas**), duas parcerias com Rita Lee (a recem-liberada **Bobagem** e **Perto do Infinito**), uma especial do Gonzaguinha (**Luminosa**), além da regravação de uma composição de Sinhô (**Burucuntum**), finalmente lembrada pela nova geração.

TELEVISÃO & RÁDIO

GRETA GARBO AOS 75

ENQUANTO A TV REVIVE SEUS FILMES, ELA GUARDA NA SOLIDÃO O SEU MISTÉRIO

No papel de Cristina da Suécia — e provavelmente no melhor de seus filmes — Greta Garbo estará esta noite no vídeo carioca. Para as novas gerações, a chance de conhecer aquela que foi um dos maiores mitos da história do cinema. Para os mais velhos, um reencontro oportuno: na próxima quinta-feira, em seu isolamento voluntário, quase sem ser vista em sua residência de Nova Iorque (e deste modo cultivando o mistério que sempre a cercou), ela fará 75 anos. Como Cristina, a rainha, Greta Garbo é uma personagem fascinante. Seus admiradores — homens e mulheres — definiram-na de várias maneiras: atriz e mulher, símbolo e lenda, musa e esfinge. Uma esfinge que nunca quis ser decifrada.

Arquivo/1976

Solitária, com seus eternos óculos escuros, Garbo passeia incógnita em rua de Nova Iorque.

"Nada no mundo se compara ao rosto humano. É um terreno que nunca cansamos de explorar. Não existe maior experiência, num estúdio, do que contemplar a expressão de uma face sensível sob o misterioso poder da inspiração."

Carl Dreyer

Hugo Gomez

O emissário de Louis B. Mayer subiu a bordo do navio ancorado no porto de Nova Iorque para dar as boas-vindas a Mauritz Stiller, que criara sensação na Europa, um ano antes, ao dirigir **A Saga de Gösta Berling**. Cumprimentou efusivamente a nova aquisição da Metro e, apenas polidamente, a jovem a seu lado, que, como não ignorava, obtivera também um contrato de seu estúdio exclusivamente pela insistência do realizador sueco.

Relativamente baixa para uma sueca (não chega a 1,68m), um tanto gorda pelos padrões hollywoodianos (sarcasticamente, Mayer dissera a Stiller, quando este o tentava convencer a contratar sua pupila, que "na América os homens não gostam de mulheres rechonchudas") — Greta Louisa Gustafsson, aos 20 anos, não chamava particularmente atenção. Mas quem olhasse detidamente para aquele rosto que Simone de Beauvoir disse "conter uma espécie de vazio no qual tudo pode ser projetado", perceberia uma testa generosa, dois olhos cinza-azulados, nariz fino, reto, terminando numa curva suave, boca pequena, delicada, e o que talvez fosse seu mais belo atributo físico: um pescoço que emergia, altivo, de ombros soberbos.

Nenhum dos três, e muito menos o tirânico chefe da Metro, no outro lado da América, na Costa Oeste, imaginava que ali, naquela manhã do ano de 1925, começava a ser escrita uma página até hoje inigualável na história da cinematografia mundial.

Durante um ano, tanto Stiller como Garbo mofaram, sem ter o que fazer. Hollywood vivia sob a influência espanhola. Os galãs eram ou tinham aparência latina, as mulheres sofriam invariavelmente em vestidos de babados e às vezes usavam mantilhas. Foi assim que a atriz sueca estreou em 1927, ao lado de Ricardo Cortez, em **The Torrent**. Devido a um desentendimento com o **wonder boy** da Metro, Irving Thalberg, Stiller acabou sendo substituído na direção por Monta Bell.

Louis B. Mayer não dera muita atenção à protegida de Stiller e foi com surpresa, e evidente satisfação, que viu público e crítica se entusiasmarem com sua contratada. Mas, ao assistir à projeção do filme em cabina privada, o diretor sueco teve um ataque de raiva. Era uma trama desconexa, baseada vagamente em obra de Vicente Blasco Ibañez, que em absoluto não estava à altura de Garbo. Do maior mau gosto.

Sem perda e tempo, Mayer convocou Stiller para dirigir a sueca em seu segundo filme, **The Temptress**, mas seu estilo europeu, excessivamente lento e detalhista, além dos atritos com o galã (Antonio Moreno), levaram a Metro a substituí-lo por Fred Niblo, que dirigira Ramon Novarro em **Ben Hur**, um dos maiores sucessos de bilheteria do estúdio no silencioso. As filmagens, então, eram rápidas, e nesse ano de 1927 Garbo dividia o estrelato de **A Carne e o Diabo** com John Gilbert, um ídolo feminino em ascensão. Vivendo uma mulher infiel que destruía a vida de dois amigos, Garbo tinha cenas de grande carga erótica que revolucionaram os padrões da época. Para salientar esse ângulo, o diretor Clarence Brown recorreu a uma série de provocantes **close-ups**.

O romance de Garbo com Gilbert continou fora das telas. A princípio apaixonado, quando eram vistos sempre juntos, era um amor arrebatado que assustava a nórdica, comedida em suas atitudes. Seus rompantes, as loucuras que cometia para impressioná-la, acabavam por ter o efeito oposto e Garbo nunca se animava a aceitar suas propostas de casamento. Ocorriam, então, períodos de frieza, que desconcertavam Louella Parsons e outros cronistas cinematográficos.

Em 1929, quando voltou a ter Gilbert como galã, pela terceira vez, em **A Woman of Affairs**, Garbo já era uma legenda viva. Seus silêncios introspectivos, seu olhar distante, sua vida particular cercada de um muro quase intransponível de sigilo, seu estilo espartano de viver — a pequena casa em que morava tinha apenas dois aposentos mobiliados, e assim mesmo esparsamente — sua dieta severa (espinafre, iogurte e cenoura, pratos diários), tudo contribuía para criar uma atmosfera de mistério propícia à manutenção do mito.

Cansada da doçura piegas de Lillian Gish e de sua eterna **namorada**, Mary Pickford, a América descobria, depois das **vamps** de Theda Bara, Nazimova e Pola Negri, um novo tipo de mulher, que reunia, numa fusão perfeita, todas essas qualidades.

Homem sagaz e de visão, Louis B. Mayer sabia que os **talkies** se aproximavam a passos largos e tinham vindo para ficar. Ordenara que todos os seus contratados tomassem aulas de dicção para escapar desse dragão de apetite insaciável que devoraria dezenas de vítimas, sendo a mais trágica delas, talvez, o próprio Gilbert, que acabrunhado com o fim irremediável de uma carreira por todos os motivos promissora, morreu de um ataque cardíaco aos 36 anos.

Em 1930, Garbo enfrentou sua prova de fogo em **Anna Christie**. Com roteiro baseado em peça premiada de Eugene O'Neill, era também outro desafio para a atriz, obrigada a viver uma prostituta, embora no final o amor a redimisse. O público a aceitaria nesse papel? Na noite da estréia, a platéia aguardava, ansiosa, para ouvir a voz de Garbo. À medida que o tempo passava, o **suspense** crescia. Após 34m de projeção, a atriz entra finalmente em cena — mas não fala. Aumenta a tensão. Só sete minutos mais tarde é que finalmente pronunciaria suas primeiras palavras: "**Gimme a whisky with a ginger ale on the side. And don't be stingy, baby**". ("Me dá um uísque e um **ginger ale**, e capricha, benzinho").

Sua voz, descrita como grave, rouca, abaritonada e até de **basso profundo**, mas ao mesmo tempo feminina, com um leve e delicioso sotaque, é recebida com palmas. Casava-se maravilhosamente com sua imagem cinematográfica. Os críticos falaram em "queixume de pinheiros nas florestas suecas", num "timbre entre zombeteiro e desesperado", em "correnteza que nos atrai para suas profundezas". Mayer respirou aliviado. Garbo passara com brilho no teste duplo.

Romance, **Inspiração**, **Susan Lennox**, os sucessos se sucediam. Neste último, trabalhou com **Clark Gable**, que para muitos **roubou** o filme num papel que se ajustava ao seu tipo físico. Como a espiã **Mata Hari**, ao lado de Ramon Novarro, apareceu seminua numa cena de dança; em **Grande Hotel**, cercada de grandes estrelas da Metro, interpretou uma bailarina temperamental; em **Como Me Queres** foi uma heroína de Pirandello. Finalmente, em 33, chegava ao ápice de sua carreira com **Rainha Cristina**, considerado seu melhor filme.

Requisitada, amada, venerada, Garbo se escondia atrás de um muro de privacidade. Não ia a restaurantes ou à praia, fazia compras ocasionais usando grandes óculos escuros e às vezes um turbante, moda lançada por Marlene Dietrich, de quem também copiara o uso de **slacks** (calças compridas). Não freqüentava festas nem as dava. Não ia a estréias, nem mesmo de seus próprios filmes. Fugia de fãs, curiosos e repórteres, sempre com a mesma frase, que já se tornara um **motto: I want to be alone (Quero ficar só)**. Nada importava. Era um mito indestrutível. Os homens a desejavam por sua sensualidade latente; as mulheres a amavam por sua dignidade e riqueza emocional. Seu meio-sorriso fora comparado ao da Gioconda; indecifrável. Era uma nova esfinge, mas, ao contrário do ser mitológico, não queria ser decifrada. Queria viver em paz.

Sem ligar muito para bens materiais, sabia, no entanto, se valorizar. Dos 600 dólares semanais de seu contrato inicial, em 1926, passara para 5 mil dólares semanais em 1927 — que a Metro acabou pagando, após sete meses de rebeldia da atriz, uma atitude inédita que lhe causou grandes prejuízos — e ganharia a partir de 1936 a incrível soma de 250 mil dólares por filme, na época o maior salário pago a uma mulher nos Estados Unidos.

Para ter o privilégio de comprar um filme de Garbo, os distribuidores aceitavam lotes de produções secundárias e sem valor.

Seus filmes atraíam multidões em todas as partes do mundo. Em 35 refilmou **Anna Karenina** — que no silencioso, fora da época em que Tolstoi a situara, se chamara **Love**. A cena final, em que avança para um trem em marcha, num suicídio trágico, emocionou as platéias, que chorariam sua morte em **A Dama das Camélias**, nos braços de Robert Taylor, e se penalizariam com seu abandono por Napoleão em **Madame Waleska**.

Em *Rainha Cristina*, o rosto famoso valorizado pela fotografia de William Daniels. Nos braços de Robert Taylor, lançado em *A Dama das Camélias*, comove platéias, e dança, exuberante, no último filme *Duas Vezes Meu*

Em 1939, com a guerra às portas, na Europa, o clima era outro. Supersensível, como um sismógrafo, Mayer sentiu que sua estrela máxima precisava mudar. Garbo sempre fora moderna em sua imagem, em permanente evolução. Assim como atendera ao idealismo ingênuo da época de seu lançamento, atendia ao realismo inquisitivo do início da década de 40. Num golpe de audácia, decidiu-se lançá-la como comediante. A notícia pegou a todos de surpresa, precisamente o que a Metro visara. A curiosidade atrairia antigos e criaria novos fãs. Um imenso anúncio instalado na estratégica Times Square, no coração de Nova Iorque, dizia apenas: **Garbo Laugs! (Garbo Ri)**. Já rira antes, em outras produções, com maior ou menor discrição, mas agora era para valer.

Ninotchka revelou uma Garbo inusitada. Atriz dramática por excelência, a etérea, a divina dama, convertia-se, por obra e graça de Ernst Lubitsch, com seu toque mágico, numa comediante capaz de rir e fazer o público gargalhar. Na camarada comunista que um certo chapéu seduziria, fazendo-a esquecer seus princípios ideológicos, a atriz conheceria, sem o saber, seu último sucesso.

Cometendo um erro capital, agravado pelas imposições da Legião da Decência, que levou a modificação e cortes, por considerar a versão "imoral e anticristã", a Metro a lança numa segunda comédia, **Duas Vezes Meu**. Obrigada a dançar, ela se mostra dura, sem molejo; forçada a usar um maiô preto e touca, ela revela um corpo gracioso e seus famosos pés grandes, que sempre escondera. (Muitos anos antes, Eric Von Stroheim, apreciador do belo, lhe dissera uma frase que muito a gratificara: "Sabe, até que seus pés não são tão feios assim").

Fracasso de bilheteria e de crítica, Garbo se fechou num mutismo absoluto e não quis fazer comentários sobre **Two-Faced Woman**. Pouco depois, tomava a decisão que chocaria o mundo: deixava o cinema. Para seus fãs, era uma bofetada. Ela não podia fazer isso. Tão grande era o seu carisma que eles se sentiam privados da satisfação de vê-la nas telas. Mas Garbo não recuou. Recusou ser **Madame Curie** vivida afinal por Greer Garson), que fora comprado para ela pela Metro em 39; Sarah Bernhardt, para Selznick; George Sand, para Walter Wanger, o produtor de **Rainha Cristina**; **La Duchesse de Langeais**, novamente para Wanger, com Max Ophüls na direção. Para este último chegaram a fazer testes em **tecnicolor**, o que alvoroçou seus fãs, mas problemas de ordem financeira, pouco explicados, fizeram abortar o projeto. Em 51, Salvador Dali disse que Garbo seria sua Santa Teresa d'Ávila. Não foi.

Errante, solitária, mortos seus outros três amores, depois de Gilbert — o diretor Mamoulian, o regente Leopold Stokowski, com quem teve um idílio em Capri, e o dietista Gaylord House — a **divina** foi vista ocasionalmente, nos primeiros anos de sua defecção, em Nova Iorque, sua residência oficial, Paris e na Riviera, onde às vezes Onassis a hospedava em seu iate.

Nos últimos 10 anos, aquela que conheceu a glória e a fortuna e teve o mundo aos seus pés, vive no mais completo isolamento, vítima, talvez, da arteriosclerose, que a teria levado, há poucos meses, a pedir assistência às autoridades previdenciárias de sua pátria, por se achar na miséria. Verdade ou lenda? Quase octogenária — completa 75 anos no próximo dia 18 — o paradeiro de Garbo é motivo de ... cturas, mas o mito permanece.

Cartas

Respeito a Lobato

É um misto de nostalgia e tristeza o que se sente quando, no televisor, surgem os queridos personagens criados e imortalizados por Monteiro Lobato. A nostalgia toma logo conta de todos — e são muitos — os que em criança viviam, nas páginas de seus livros, aventuras e sonhos. Mas a tristeza, essa, infelizmente, é a última impressão que fica.

Não me parece nada justo com o querido escritor o que vemos no vídeo. De semelhante aos personagens originais só restam o nome e a aparência. É penoso ver-se Emília, Narizinho, Visconde e Pedrinho evoluírem em histórias e situações jamais sonhadas por Lobato, de tão vazias, sem mensagem, sem o que se aproveite para a educação e cultura de nossos filhos. Recebíamos, nos livros dele, lições de História, Geografia, Matemática, Ciências, Português. Mas, acima de tudo, aulas de vida. Tudo isso entremeado tão naturalmente naquele mundo de fantasia e sonho que o aprendizado vinha naturalmente, sem a gente sentir, como a viagem fantástica ao mundo do Pica-Pau-Amarelo.

Será que a televisão, com seus imensos recursos técnicos, é incapaz de fazer brotar dos livros imagens condizentes com o espírito da obra original? Será que as crianças de hoje são diferentes e não aceitam nada além de violências e baboseiras? Não acredito. Acho, isto sim, que a televisão de hoje é dominada pelo comercialismo e a indiferença quase total ao poder e à influência que ela exerce sobre a formação infantil, oferecendo ao seu público espetáculos dos quais nada se aproveita.

Não podemos desprezar o imenso potencial da obra lobatiana em termos de educação. Nenhum outro escritor soube como ele ensinar coisas tão concretas em meio a devaneios tão belos. Não adianta prêmios no estrangeiro, ou alegações de que os autores se baseiam em Lobato e adaptam suas histórias ao "ritmo televisivo", segundo um esquema de livre criação. É preciso respeitar o autor.**Luiz Augusto Queiroz — Jardim Botânico (Rio).**

Rádio Jornal do Brasil FM Estéreo

ZYD-460
99,7MHz

A programação de música clássica para hoje é a seguinte:

HOJE

10h — **Guia dos Jovens para a Orquestra**, de Benjamin Britten (Orquestra de Chicago e Seiji Ozawa — 17:00); **Momentos Musicais, Op. 94**, de Schubert (Kempff — 28:00); **Ballet de la Merlaison**, de Louis XIII da França (Chailley — 12:39); **Três Movimentos do Ballet Petrouchka**, de Strawinsky (Pollini — 15:15); **Sinfonia nº 4, em Fá Menor, Op. 36**, de Tchaikowsky (Filarmônica de Berlim e Karajan — 41:44); **Sonata nº 8, em Sol Maior, para Violino e Piano, Op. 30/3**, de Beethoven (Menuhin e Kempff — 18:29); **Capricho Espanhol, Op. 34**, de Rimsky-Korsakoff (Orquestra de Moscou e Konstantin Ivanov — 15:47); **Salve Regina, em Dó Menor**, de Vivaldi (contralto Marga Hoeffgen, Coros e Orquestra do Teatro La Fenice, regência de Vittorio Negri — 18:51).

20h — **Danças de Marosszek**, de Kodaly (Ormandy — 13:06); **Introdução e Allegro para Harpa, Quarteto de Cordas, Flauta e Clarinete**, de Ravel (Zabaleta e solistas da Orquestra Paul Kuentz — 11:15); **Fantasia sobre um tema de Thomas Tallis**, de Vaughan Williams (Ormandy — 15:04); **Concerto em Lá Menor, para Piano e Orquestra, Op. 54**, de Schumann (Arrau e Dohnanyi — 33:37); **Missa em Lá Maior, BWV 234**, de Bach (Flamig — 32:45); **Sonata nº 1 em Si Bemol, para Violoncelo e Piano, Op. 45** de Mendelssohn (Lodéon e Hovora — 21:13); **Der Rosenkavalier — Suite**, de Richard Strauss (Ormandy — 22:52); **Aubade, para Piano e Dezoito Instrumentos**, de Poulenc (Tacchino e Prêtre — 20:14).

AMANHÃ

20h — **Transmissão Quadrafônica — SQ — O Moldávia**, de Smetana (Karajan — 12:52); **Concerto nº 2, em Dó Menor, para Piano e Orquestra, Op. 18**, de Rachmaninoff (Dmitri Alexeev — 35:03); **Sinfonia nº 104, em Ré Menor**, de Haydn (Karajan — 25:35); **Concerto para Violão e Orquestra**, de Villa-Lobos (John Williams — 18:51); **Sinfonia nº 4, em Lá Menor, Op. 63**, de Sibelius (Karajan — 38:31).

22h15m — Stereo, 2 Canais — Sonata em Lá Maior, D. 959, **de Schubert (Kempff — 35:26)**; Suite para Orquestra nº 1, **de Strawinsky (CBC e o autor — 4:35).**

TELEVISÃO

Vera Fischer, como sempre bonita, como sempre "mulher rejeitada"

ATORES DE TALENTO, PERSONAGENS NEM TANTO

Maria Helena Dutra

SÃO os que carregam o piano. Para o público, movimentos de câmara, inspiração de autores e até cenários bonitos importam pouco. Quem os leva pelos caminhos da telenovela são apenas os personagens capazes de provocar os amores apaixonados e ódios profundos, imediatamente estendidos aos seus intérpretes.

Parece uma brincadeira esta identificação ou repulsa, mas é meridiana verdade que há anos se repete sem a menor alteração. Por isso sempre foi e continua a ser uma **barra** trabalhar como ator nestas produções, pois uma antiga carreira pode despencar num minuto mal interpretado, ou uma sublime mediocridade virar ídolo em idêntico espaço de tempo por um acerto inesperado. E, ao entrar na máquina, é necessário esquecer brilhos intelectuais porque apenas é pedido uma apressada composição, geralmente de uma só tônica dominante. E esquecer também qualquer resquício de vaidade individual, porque as estações querem vender personagens caros ao público, feitos por profissionais que não custam tanto. E sem pagar o direito de intérprete, como manda a santa lei.

Mas é preciso ser forte. E a televisão paga, pelo menos, o salário, de modo que uma novela dá seis meses de estabilidade. Em nosso estágio atual de mercado de trabalho, essa coisa mínima compensa até o esforço de participar numa produção na qual se sabe como o papel começa, mas ninguém tem idéia, nem o autor, de como vai acabar. Fica difícil interpretar a sério personagens de indefinição congênita. Mas é necessário. Mesmo sabendo que o sucesso independe de seu controle como aconteceu com Sônia Braga. Que vira estrela e capa de revista em **Gabriela e Dancin' Days**, quando tudo dá certo, e é pessoa ignorada quando integra o elenco de **Espelho Mágico** ou **Chega Mais**, em que tudo deu errado.

A gangorra é fogo. Mesmo assim, pela extrema importância que tem como catalizadores de tanta emoção, não se pode ser gentil em avaliar seus desempenhos. Principalmente agora em que tantos talentos andam compondo personagens tão insípidos. Vamos a eles.

■ ■ ■

Embora muitos ignorem, na Bandeirantes há três novelas em andamento. **A Deusa Vencida** é refilmagem de história que já era antiga na estréia. Mistura **Senhora**, de José de Alencar, com longa trama desencadeada por cartas anônimas. Nesta produção de época, tudo é muito postiço. Até os atores de melodramáticas caretas e duras expressões corporais. Agnaldo Rayol, Altair Lima e Roberto Pirilo, entre outros, parecem tentar mostrar de maneira didática como era o teatro brasileiro antes de João Caetano.

Bem melhor é a situação no **Cavalo Amarelo**. Embora o texto também não seja lá essas coisas, as interpretações são convincentes. Principalmente Yoná Magalhães, Roland Boldrin e Carminha Brandão. Mas quem está ótima, mesmo, até surpreendente no gênero, é Dercy Gonçalves. Mais dosada que no teatro, ela faz rir mesmo em todas as suas intervenções. Espero que ganhe todos os prêmios, menos o de revelação, como já aconteceu com Lima Duarte depois de muitos anos de carreira. De lamentável, apenas, a pobre Wanda Stefania fazer uma mulher que se passa por homem. Só cego e surdo pode ser enganado.

Em Homem Muito Especial retorna a desolação. As tentativas de terror, nesta estação, são tão pífias que nem chegam a ser engraçadas. E agora nem a seriedade de Cleyde Yaconis e Isabel Ribeiro salva este horror literal, que outra vez tem Piazzola na trilha sonora, por quase todos interpretado com total timidez.

■ ■ ■

Na Globo, todos sabem, também há três novelas. **Marina** empata com **Gina** na pior colocação das produções pseudamente adaptadas da literatura brasileira. E, à exceção de Milton Moraes, o nível de interpretação é de absoluta mediocridade.

Plumas e Paetés está começando, mas tem tudo para ser um grande sucesso popular. Muita gente não concorda com avaliação de novela pelos seus primeiros capítulos. Esquecem a antiquíssima estratégia global de dar tudo no início, em episódios que não têm sequer muitos anúncios para prender o público. E esta produção pinta leve, mas não idiota, como as outras do horário das sete, apesar do já cansado truque de troca de identificação. Está bem realizada, vide a perfeita encenação do acidente de carro, e capaz de todos os **merchandinsings** do planeta. Nos seus intervalos, elenco tipo afiado e bem escolhido para as características dos personagens. Pode ser que me engane, mas acho que vão ser, dentro em pouco, capas de revistas, intérpretes de anúncios e entrevistados diários do rádio.

Coisas que estão acontecendo com o pessoal do **Coração Alado**, acho eu, ainda pela força apenas do horário. Apesar de ser o **filé-mignon** (ou feijão-preto) da casa de vez em quando por lá acontecem escolhas de elenco absolutamente indecifráveis. No **Gigantes** parecia ter sido por sorteio. Ao contrário, em **Água Viva**, foi perfeita. A novela pode ter tido erros, mas em termos de atores foi total esplendor.

Agora parece que voltou a escolha lotérica. A família nordestina é de intérpretes sulistas. Walmor Chagas deve ter sido o pai mais precoce do mundo. Barbara Fazio não tinha experiência noveleira para o papel tão difícil. Jardel Filho tem toda a razão em não ser fiel a Aracy Balabaniam porque a filha que ela diz ser dele é a própria índia. E o ator é louro, de olhos azuis. Nívea Maria permanece estudando Medicina. Carlos Vereza faz de novo um marginal arfante, e Vera Fischer, a mais bonita da turma, é outra vez a mulher rejeitada. Ney Latorraca e Leonardo Vilar completam o quadro como os mais inconvincentes vilões do mundo.

Pode ser, mas todo este desacerto não permite esperanças de grandes vôos. Só o interesse por saber "quem matou", me parece, pode salvar esta produção. E como sempre dá sorte a vítima ter nome complicado, nunca matam Zé da Silva, e sim Salomão Hayalla, Miguel Fragonard ou Silvana Karani, é capaz de tudo dar certo outra vez. Pena que com tantos talentos desperdiçados.

Nei Latorraca, dividindo com Leonardo Villar as honras dos menos convincentes vilões da história

Manhã

8.00 [11] — Escala.
05 [4] — Santa Missa em Seu Lar.

9:00 [4] — Globo Rural.
[11] — Papa-Léguas.
15 [7] — Jesus, a Verdade Que Liberta. Religioso.
30 [2] — Ginástica. Com Yara Vaz.
[7] — Bandeirantes na Fórmula 1. Grande Prêmio da Itália, ao vivo.
[11] — A Pantera Cor-de-Rosa. Desenho.

10:00 [2] — Telecurso 2º grau.
[11] — Piu-Piu. Desenho.
15 [2] — Telecurso 2º grau.
30 [11] — Johnny Quest. Desenho.

11:00 [4] — Esporte Espetacular.
[11] — Popeye. Desenho.
30 [2] — Palavras de Vida.
[11] — Programa Sílvio Santos. Variedades.

Tarde

12.00 [2] — Futebol Compacto.
[4] — Clube Hanna Barbera. Desenho.
[7] — O Melhor Futebol do Mundo. VT compacto de Coríntians x Guarani.

1.00 [2] — Vôo Livre.
[4] — Fred e Barney Show.
[7] — Conversa de Arquibancada. Esportivo.
30 [4] — Espinafre 80.

2.00 [2] — Turma do Lambe-Lambe. Programa com Daniel Azulay.
[4] — Festival de Desenhos Inéditos.
30 [7] — Gol, o Grande Momento do Futebol.

3.00 [2] — Teatro Infantil. Hoje: A Cigarra e a Formiga.
[4] — Esquadrão Resgate.
30 [7] — Bandeirantes Esporte Especial.

4.00 [2] — Cineviagem. Hoje: West and Soda.
[7] — Bandeirantes Esporte. Depoimento.
[4] — Sessão de Domingo. Filme: Gunga Din.
30 [7] — Bandeirantes Esporte Especial.

5.00 [7] — Aqui a Bola.
30 [2] — Penso e Pensei. Desenhos animados.

Noite

6.00 [2] — Nossa Ciência. Hoje: A Saúde do Brasileiro — Longe da Cidade Grande.
[4] — O Incrível Hulk.
50 [7] — O Melhor do Jazz.

7.00 [2] — Momento. Hoje: Futebol.
[4] — Os Trapalhões.
45 [2] — Espaço 2.
50 [7] — Bandeirantes Esporte Especial. Resultados da loteria esportiva.

8.00 [4] — Fantástico. Música e jornalismo.
[7] — Programa Hebe Camargo. Variedades.
[11] — Nosso Domingo. Variedades.

9.00 [2] — Esporte Total.

10.00 [7] — Canal Livre. Hoje: Entrevista com Fernando Gabeira.
15 [4] — Os Gols do Fantástico.
30 [4] — Cinema Especial. Filme: Rainha Cristina.
[11] — O Homem do Sapato Branco.

11.00 [7] — Bola na Mesa.
30 [4] — Cinema Especial. Filme: Jesse James.

Madrugada

0.30 [4] — Campeões de Bilheteria. Filme: Presas Brancas.
[7] — O Melhor Futebol do Mundo. VT do jogo Flamengo x Fluminense.

Os filmes de hoje

UM MITO DO CINEMA NA HISTÓRIA DE CRISTINA

NO auge da popularidade, com uma bagagem de 17 filmes norte-americanos e definitivamente estabelecida como um mito, Garbo era, em 1933, ao se apresentar no set de filmagens de Rainha Cristina, *não somente a rainha incontestável de seu estúdio, a Metro, mas também a mulher-símbolo de sua geração.*

Reunida pela quarta e última vez com John Gilbert, Queen Christina *assinalou também o primeiro e único encontro da dupla no cinema sonoro, porque o advento do som arruinou a carreira do ator. Sua voz tinha um timbre estridente, desagradável. A Metro tentou impor um novo galã, Laurence Olivier, mas a atriz, valendo-se de suas prerrogativas reais, não se deixou intimidar. O estúdio acabou cedendo e o ator britânico, humilhado, jurou que jamais voltaria a pôr os pés em Hollywood (mas o sagaz Samuel Goldwyn saberia convencê-lo, em 39, a esquecer as mágoas, ao acenar-lhe com o cobiçado papel de Heathcliff em* O Morro dos Ventos Uivantes*).*

Produzido por Walter Wanger, com roteiro de Salka Viertel e H. M. Harwood, Rainha Cristina *apresentava uma curiosidade: os diálogos eram de outro autor, S. N. Berhman, que colocou na boca de Garbo, pela primeira vez, frases mais condizentes com a sua personalidade, e não com a de seu personagem. Para dirigi-la foi escolhido o russo de ascendência armênia, Rouben Mamoulian, que vinha de um sucesso nesse mesmo ano,* Cântico dos Cânticos, *com Marlene Dietrich. Mas o maior trunfo era a presença de William Daniels, cameraman de seu primeiro filme americano (*Torrent*), seu favorito e que a fotografou em 19 produções. Até hoje continua sendo motivo de admiração a luminosidade com que aureolou Garbo, chegando a um extraordinário virtuosismo na seqüência do quarto, com Gilbert, à luz da lareira.*

É tão majestosa a presença de Garbo, sente-se tanta realeza em seus menores gestos, que mesmo os familiarizados com a verdadeira história da soberana sueca aceitarão como de facto *a versão que lhes é impingida. A cena final, com a atriz na proa do navio, os cabelos esvoaçantes ao vento, o olhar triste e inescrutável fixado na escuridão da noite, é uma imagem de beleza imperecível* (H. G.)

Henry Daniell, Charlie Chaplin e Jack Oakie em *O Grande Ditador* (quarta-feira, às 23h35m, no Canal 4)

GUNGA DIN
TV Globo — 16h

(Gunga Din) — Produção norte-americana de 1939, dirigida por George Stevens. Elenco: Cary Grant, Douglas Fairbanks Jr., Victor McLaglen, Sam Jaffe, Montagu Love, Eduardo Cianelli, Joan Fontaine. Preto e branco.

★★★★ **Índia, Século 19. Três sargentos ingleses (Grant, Fairbanks, MacLaglen), sempre às voltas com brincadeiras e sem levar muito a sério suas tarefas, finalmente se compenetram de suas responsabilidades ao enfrentar fanáticos sanguinários, e com a ajuda de um aguadeiro, Gunga Din (Jaffe), partem à procura de fabuloso tesouro.**

RAINHA CRISTINA
TV Globo — 22h30m

(Queen Christina) — Produção norte-americana, de 1934, dirigida por Rouben Mamoulian. Elenco: Greta Garbo, John Gilbert, Ian Keith, Lewis Stone, Elizabeth Young, C. Aubrey Smith, Reinald Owen. Preto e branco

Compelida por motivos dinásticos a casamento sem amor com um príncipe (Owen), a Rainha da Suécia (Garbo) deixa Estocolmo para uma viagem pelo interior do país, a fim de recuperar seu equilíbrio emocional. Numa taverna, vem a conhecer o novo Embaixador espanhol (Gilbert), que por ela se apaixona, mas sem conhecer sua verdadeira identidade. Quando Magnus (Keith), o antigo amante da soberana, descobre o idílio, fomenta uma rebelião popular contra o emissário de Madri. Inédito.

PRESAS BRANCAS
TV Globo — 0h30m

(Zanna Bianca) — Produção ítalo-franco-espanhola de 1974, dirigida por Lucio Fulci. Elenco: Franco Nero, Virna Lisi, Fernando Rey, Misale, John Steiner, Raimund Harmsdorf, Rick Battaglia, Maurice Poli. Colorido

★★ **As aventuras de um cachorro valente, famoso por sua ferocidade, quando provocado, e seu relacionamento com dois donos, um índio e um jornalista (Nero). Baseado na obra de Jack London.**

Os da semana

UMA CARMEM QUE VOLTA, UM CHAPLIN QUE SE REPETE

SEMANA fraca, sem atrativos, com uma única reapresentação digna de destaque, O Grande Ditador, *que devido às constantes reprises já está começando a cansar.*

Única indicação de segunda-feira, Para Todo o Sempre *(no 7, às 15h) é a biografia de humilde irlandês que chega a capelão do Senado norte-americano. O desempenho de Richard Todd é da maior empatia. Sua mulher é vivida por Jean Peters, que foi casada com Howard Hughes.*

Na terça, salienta-se O Peregrino da Esperança *(no 7, às 0h15m), relato sentimental de Fred Zinnemann com algumas externas filmadas na Austrália, onde se desenrola a ação. Deborah Kerr e Peter Ustinov têm dois excelentes desempenhos. A fotografia a cores é outro pólo de atração.*

Primeiro filme falado de Chaplin, O Grande Ditador *(no 4, às 23h35m) é uma sátira arrasadora, ridicularizando as figuras de Hitler e Mussolini, interpretadas, respectivamente, por Chaplin e Jack Oakie. A seqüência com o globo terrestre, numa espécie de balé grotesco, é famosa. Sua mulher na vida real, Paulette Goddard tem pequena participação. Na quarta.*

Pela presença de Carmem Miranda e a beleza de Elizabeth Taylor, aqui recém-saída da adolescência, O Amor de Meus Sonhos *(no 4, às 23h35m) merece uma olhada, e Brigitte Bardot, ainda em forma, é o atrativo de* As Mulheres *(no 7, às 0h15m), que desperdiça Maurice Ronet, o grande ator de* Feu Follet. *Na quinta.*

Em Sonhos de Estrela *(no 4, às 14h30m), recomendação de sexta-feira, Carmem Miranda consegue suplantar, com sua vivacidade, a experimentada Vivian Blaine, que a Fox importou da Broadway, e em* O Expresso da Morte *(no 4, a 1h35m), produção modesta, Richard Fleischer faz um exercício de* suspense. *(H.G.)*

Segunda-feira, 15:
14h30m — Canal 4 — A Maior Aventura de Tarzã (Tarzan's greatest Adventure). **Americano (59) de John Guillermin, com Gordon Scott, Sara Shane. (Cor)**
15h — Canal 7 — Para Todo o Sempre (A Man Called Peter). **Americano (55) de Henry Koster, com Richard Todd, Jean Peters, Jill Esmond. (Cor)**
21h — Canal 11 — A Máquina de Matar (Welcome Home, Soldier Boys). **Americano (72) de Richard Compton, com Joe Don Baker, Paul Koslo. (Cor)**
23h35m — Canal 4 — Os Crimes no Mosteiro (Judge Dee in the Monastery Murders). **Americano (74) de Jeremy Kagan, com Khigh Alx Dhiegh. (Cor)**
0h15m — Canal 7 — Onde os Espiões Estão (Where the Spies Are). **Britânico (65) de Val Guest, com David Niven, Françoise Dorléac. (Cor)**

Terça-feira, 16:
14h30m — Canal 4 — A Garota do Interior (Small Town Girl). **Americano (53) de Leslie Kardos e Busby Berkeley, com Jane Powell, Farley Granger. (Cor)**
15h — Canal 7 — Hoa Binh (Hoa Binh). **Francês (70) de Raoul Coutard, com Phi Lan, Huynh Cazenas, Zuan Ha, Danièle Delorme. (Cor)**
21h — Canal 11 — A Bordo da Morte (The Proud Ones). **Americano (56) de Robert D. Webb, com Robert Ryan, Virginia Mayo, Jeffrey Hunter. (Cor)**
23h35m — Canal 4 — Paço de Ódio (Oakloma Crude). **Americano (73) de Stanley Kramer, com Faye Dunaway, George C. Scott, John Mills. (Cor)**
0h15m — Canal 7 — O Peregrino da Esperança (The Sundowners). **Anglo-australiano (60) de Fred Zinnemann, com Deborah Kerr, Robert Mitchum. (Cor)**

Quarta-feira, 17:
14h30m — Canal 4 — Esperto contra Esperto (Callaway Went Thatway). **Americano (51) de Norman Panama/Melvin Frank, com Fred MacMurray. (Cor)**
15h — Canal 7 — A Máquina do Amor (The Honeymoon Machine). **Americano (61) de Richard Thorpe, com Steve McQueen, Jim Hutton, Dean Jagger. (Cor)**
21h — Canal 7 — Os Aventureiros (Les Aventuriers). **Franco-italiano (66) de Robert Enrico, com Alain Delon, Lino Ventura, Joanna Shimkus. (Cor)**
23h35m — Canal 4 — O Grande Ditador (The Great Dictator). **Americano (40) de Charles Chaplin, com Charles Chaplin, Paulette Goddard. (P&B)**
0h15m — Canal 7 — A Caçada Final (The Last Hunt). **Americano (58) de Richard Brooks, com Robert Taylor, Debra Paget, Stewart Granger. (Cor)**

Quinta-feira, 18:
14h30m — Canal 4 — Don Juan Era Aprendiz (Under the Yum-Yum Tree). **Americano (63) de David Swift, com Jack Lemmon, Carol Lynley, Dean Jones. (Cor)**
15h — Canal 7 — Primavera do Amor (April Love). **Americano (57) de Henry Levin, com Pat Boone, Shirley Jones, Dolores Michaels. (Cor)**
21h — Canal 11 — Entre Dois Fogos (Prisoner in the Middle). **Americano (70) de John O'Connor, com David Janssen, Karen Dor, Chris Stone. (Cor)**
23h35m — Canal 4 — O Amor de Meus Sonhos (A Date With Judy). **Americano (48) de Richard Thorpe, com Jane Powell, Elizabeth Taylor, Carmem Miranda. (Cor)**
0h15m — Canal 7 — As Mulheres (Les Femmes). **Francês (69) de Jean Aurel, com Brigitte Bardot, Maurice Ronet, Annie Duperey, Karin Holm. (Cor)**

Sexta-feira, 19:
14h30m — Canal 4 — Sonhos de Estrela (Doll Face). **Americano (45) de Lewis Seiler, com Carmem Miranda, Vivian Blaine, Martha Stewart. (Cor)**
15h — Canal 7 — O Mundo Perdido (The Lost World). **Americano (60) de Irving Allen, com Michael Rennie, Jill St. John, Claude Rains. (Cor)**
21h — Canal 7 — A Volta do Conde Yorga (Return of Count Yorga). **Britânico (71) de Bob Kelljan, com Robert Quarry, Marietta Hartley. (Cor)**
21h — Canal 11 — Terra Selvagem (The Young Country). **Americano (70) de Roy Huggins, com Walter Brennan, Pete Duel, Roger Davis. (Cor)**
23h35m — Canal 4 — O Fogo Diabólico (The Possessed). **Americano (77) de Jerry Thorpe, com James Farentino, Joan Hackett, Ann Dusenberry. (Cor)**
0h15m — Canal 7 — O Fim de Sheila (The Last of Sheila). **Americano (73) de Robert Ross, com Richard Benjamin, Dyan Cannon, James Coburn. (Cor)**
1h35m — Canal 4 — O Expresso da Morte (The Narrow Margin). **Americano (52) de Richard Fleischer, com Charles McGraw, Marie Windsor. (Cor)**

Madame Francine, a mulher que escapou do fogo

UM TIPO VERDADEIRAMENTE INESQUECÍVEL

Fotos de Aguinaldo Ramos

No escritório, Madame Francine espalha no chão gravuras raríssimas totalmente inutilizadas. Na estante, ao lado da televisão e entre objetos orientais, um rosto de Sócrates.

Na parede, um painel chinês do século XVI; ao centro, quadros repousando sobre um autêntico tamborete turco; em primeiro plano, uma pedra linga indu — parte do tesouro remanescente.

Uma carranca do São Francisco, uma escultura de Moriconi e, ao fundo, um Trimurti do século XIII.

Susana Schild

DO apartamento de 400 metros quadrados, o que ficou em condições razoáveis de habitação não vai além de 1% da antiga extensa área. E se muita coisa sobrou de uma fortuna incalculável em objetos de arte, muita coisa também se perdeu. Há cômodos que têm como chão um palmo de cinza, carvão e fios e, nas estruturas que serviam de janelas, nenhum vidro. Dezenas de objetos transformaram-se em metal retorcido. Os livros — os que resistiram ao fogo ou à água — estão de mudança para o pequeno quarto que Madeleine Francine Biberia, Madame Francine, como é conhecida, passará a ocupar em condições precaríssimas. Em casa, ela dispõe de uma pequena geladeira na qual há queijo, mortadela, água mineral. Sobre a pia, biscoito integral e café solúvel.

Seria natural encontrar uma pessoa no mínimo deprimida, depois de uma agressão tão global, tão radical. As intenções de Manoel dos Anjos, que se candidatou a copeiro, não poderiam ser mais extremadas: matar, queimar, não deixar vestígios. Amarrou uma mulher de 61 anos, trancou-a num armário, jogou um **spray** sobre os objetos e sobre ela. E tocou fogo.

Uma semana depois, no meio da sala, Madame Francine procura vestígios, no monte de carvão e cinzas. A vida inteira dedicada à arqueologia, não poderia imaginar que em sua casa teria objetos soterrados. Veste seu único vestido — o que estava na lavanderia por ocasião do incêndio que destruiu inteiramente dois quartos, dois **closets**, dois banheiros, atingiu os três andares de cima do prédio e, quando os bombeiros chegaram, fez água descer infiltrando-se por 11 andares abaixo.

Meia perna enfaixada, cobrindo queimaduras de até terceiro grau, três costelas quebradas, muitos pontos no corpo em conseqüência de ferimentos a faca, Madame Francine, com voz grave e algum sotaque, fala do acidente, do passado e, sobretudo, do futuro. Não é a primeira vez que foi roubada nem que, de alguma forma, se sente recomeçando. Há muita dor, mas sobretudo energia e coragem. Sem qualquer desânimo e com um senso de humor surpreendente, Madame Francine enfrenta mais uma ironia de sua fascinante biografia.

— Comigo — afirma — nunca aconteceu nada normal. Sempre conheci extremos. Mas pensei que, depois dos 60 anos, me estariam reservadas coisas banais, como furar um pneu do carro, por exemplo. Jamais uma coisa tão dramática.

Recostada numa cadeira, Madame Francine relembra o ocorrido. Seus gestos são calmos, mas os olhos e a entonação da voz dão sinais evidentes de toda a sua vitalidade.

— Ficar meia hora com um louco é uma eternidade, equivale a 30 anos de horror. Não há meios de defesa. Nem palavras, muito menos força. O tempo todo eu pedia que ele me matasse, que levasse tudo. Mas ele não me ouvia. Percebi que eu só tinha uma arma: não desmaiar. E fiz a respiração iogue. Quando ele me amarrou no armário, me dei algum tempo para pensar. Mas quando senti o fogo, fiquei uma **fera**, louca de pensar que poderia ser queimada viva. Não sei de onde tirei forças para sair, amarrada, no meio do fogo. Felizmente conseguiram prendê-lo, porque é tudo tão inacreditável que poderiam achar que eu inventei tudo.

Mesmo gemendo, com as costelas quebradas, com a perna doendo, Madame Francine começa a dar provas de um humor que revelará ainda tantas vezes:

— Escapando do incêndio, me senti o Incrível Hulk. Fiquei surpresa, porque os primeiros a chegar foram os jornalistas. Mas depois entendi. O ar condicionado caiu, furou a marquise do prédio e todo mundo só pensou em bomba. Depois dos jornalistas, a polícia. E, meia hora depois, os bombeiros. A campainha tocou às 13h5m, e às 14h10m eu estava no banco, reconhecendo o assaltante. Desci nua, me escondendo com o cachorro. Emprestaram-me uma roupa e uns chinelos de rendinha e fitinha. Nem sei quem foi.

Madame Francine é, indiscutivelmente, uma milionária. Mesmo que não tenha uma fonte de renda para manter sua fortuna. E agora, menos ainda, para reconstruir o apartamento e restaurar a maioria dos objetos. Os que não foram destruídos, foram danificados em graus variáveis. Nada estava no seguro.

— Nunca tive dinheiro para fazer seguro de nada nem estou no seguro. Meu marido nunca pagou INPS e eu só tenho um título da Golden Cross. O prédio, felizmente, estava no seguro e por isso parte do apartamento vai ser refeito. Dificilmente, porém, vou ter meios de reconstruir tudo. Meu banheiro (do qual não há um sinal) era todo branco, de mármore. Parecia o da Mae West.

Desde a morte do marido, o psicanalista Gerson Borsoi, há dois anos, Madame Francine vendia tapetes para viver. Vendeu mais de 50, o fogo destruiu outros 30, e assim se foram todos, comprados durante toda uma vida.

Tentar traçar a biografia de Madame Francine parece totalmente impossível. Nascida na Romênia, filha de nobres, tem o título de baronesa. Educada na França, fez o curso de Museologia no Louvre e tem três doutorados na Sorbonne — Economia Política, Direito Internacional e Arqueologia, com a especialização em Egiptologia. Fugiu da Romênia, a pé, em 1948, depois da chegada dos russos e de ter sido presa quatro vezes. E essa fuga ela relatou no livro **Je Fuis Bucarest** (do incêndio, sobrou um exemplar), **best-seller** na Europa no lançamento, vendendo 18 edições pela Arthème-Fayard. Sem um tostão, foi para o Egito, onde trabalhou durante sete anos, em cinco empregos, dia e noite, com um só objetivo: ter dinheiro para comprar todos os objetos que amava. Casou três vezes, a primeira com 14 anos, e tem um filho na Romênia.

No apartamento, o cheiro de queimado persistia, mesmo uma semana depois. Numa sala, os objetos que sobraram amontoados, uns sobre os outros, budas do século XII misturados com carrancas do São Francisco. E em outra salinha, Madame Francine fala de uma paixão intensa, avassaladora, que lhe motivou a vida inteira.

— O amor à arte é uma doença, você nasce com ela, é um vício que se instala. Fico louca quando vejo um objeto, uma peça de arte. Para mim, essas peças têm vida, calor, vibração. Faço tudo para obtê-las. Não existe limite para mim quando quero um objeto. Depois que o consigo — às vezes demora anos — levo para a cama, durmo com ele. Pode ser um objeto grande ou pequeno, não importa. E, depois de algum tempo, como se fosse um parto, o objeto vai e tem um lugar para ele na casa.

Madame Francine mostra uma pequena escultura egípcia — apenas um rosto, de no máximo quatro centímetros — em argila. E nesse rosto, ela vê toda uma civilização, uma cultura, e a sua própria vida, o passado. Ela ama tanto o sarcófago egípcio de três mil anos aC abrigando um feto mumificado quanto uma pequena bola de vime — a bola de futebol da Tailândia. Cada objeto é uma preciosidade, não apenas por si, como pelo que lembra das viagens, das condições em que foi adquirido.

Durante os sete anos que viveu no Egito, dirigindo museus, trabalhando para o Governo, coletou tantos objetos que transformou sua casa numa galeria. Durante 38 anos trabalhou como consultora do Instituto de Arqueologia Francês e para o Museu Ghimet, especializado em arte oriental e asiática. E, por essas instituições, viajou incontáveis vezes aos lugares mais imprevisíveis. Conhece Cabul, por exemplo, melhor do que Copacabana. E de cada viagem trazia alguma coisa, tapetes, objetos. Quando veio do Egito, trouxe não malas, mas numerosos **lift-wagons**, repletos de objetos.

FOI no Egito que teve os primeiros contatos com brasileiros, o Embaixador Temístocles Graça Aranha. Chegou ao Rio, em missão diplomática, pelo Egito, em 1955. Pouco depois encontrou Gerson Borsoi, com quem viveu, durante 22 anos, a maior aventura de sua vida.

— Como reclamar da vida, se há tantas mulheres que nunca tiveram 22 dias de felicidade ao lado de um homem, e eu tive 22 anos? Encontrá-lo foi a maior loteria que tirei na vida. Em 22 anos não falamos nem 10% de tudo que tínhamos para falar. Raramente saíamos ou recebíamos visitas, e durante os fins de semana nem atendíamos o telefone, para conversar, conversar.

Até a morte do marido, Madame Francine viajava pelo Instituto Arqueológico Francês, e assim tinha uma fonte de renda. Desde que ele morreu, porém, ela não viajou mais, e durante um mês e meio trancou-se no quarto, pensando no futuro.

Ele trabalhou até o fim, não teve aposentadoria, nada. O apartamento será pago em sete anos. Eu poderia vender tudo, mas não tem sentido me desfazer de toda uma vida. Não posso esperar a morte sentada, fazendo crochê, vendo televisão. Afinal, quem tem cabeça, dois braços, duas pernas, deve trabalhar. E fiquei pensando, pensando, no que poderia fazer. Abrir uma galeria de arte, ficar atrás do balcão de uma boutique, fazer decoração não tem sentido. Como conheço bem as questões de transformação políticas e sociais, a interferência da inflação, sei também que em tempos de crise há uma verdadeira psicose com comida. Quando você está nervosa não abre a geladeira o tempo todo para comer alguma coisa?

E assim, durante meses, Madame Francine procurou uma casa que servisse aos seus propósitos: servir pratos populares de países "exóticos". Negociou o ponto do antigo Chica da Silva, na Rua da Matriz, e esperava inaugurar o seu restaurante até o final do mês, data adiada por alguns dias.

— Será um restaurante diferente — garante — e não mais um igual aos 150 que existem por aí.

Cardápios fixos, com preços fixos, ou seja, o cliente saberá, antes, quanto pagará por tudo. Cada dia um prato de um país diferente, Romênia, Egito, Hungria, Turquia, Grécia, Rússia. Antes do prato principal, entradas, saladas. Depois, pelo menos duas sobremesas. Na cozinha, a própria Madame Francine.

— O charme do restaurante sou eu — brinca. "Quando pensei em abrir o restaurante — pequenino, não cabem mais de seis mesas — imaginei que as pessoas falariam: vamos ao restaurante da baronesa que virou cozinheira. Ou então: a mulher do Dr Borsoi agora é cozinheira. Atualmente, acho que as pessoas vão dizer: vamos ao restaurante da mulher que escapou do fogo."

Madame Francini tem apenas 1m55 de altura, e nem as costelas quebradas ou a perna queimada lhe tiram a vitalidade. Foram dois encontros — um à noite, outro dois dias depois, à tarde. E nos dois, o contato com uma pessoa fascinante, envolvente, que se queixou apenas da falta de tempo para fazer tudo o que queria e ainda quer.

Impossível esperar algo tradicional de Madame Francine. À tarde, por exemplo, oferece um café frio. Retifica: frio não, gelado. Diante de uma hesitação, bastante compreensível para padrões normais, insiste: é um café gelado, misturado com água mineral, uma delícia, você vai ver. E é. Uma colher de café solúvel, água mineral gasosa, dietil (não tinha açúcar), e está pronto o delicioso (mesmo) **mazagrin**, preparado exemplarmente por Beto.

Qualquer referência feita por Madame Francine a pessoa ou objeto vem sempre não só acompanhada de uma história, muitas vezes curiosa e divertida, mas sobretudo de uma imensa afetividade. Beto, por exemplo.

— Ele trabalhou comigo dez anos, cuidou do meu marido doente, dizia com seu jeito maravilhoso: "Deixa comigo, doutor". Depois que o Dr Borsoi morreu, não pude mais manter os empregados (eram quatro) e o Beto passou a ser porteiro do prédio. Com o incêndio, o síndico, tão gentil, perguntou desolado o que poderia fazer para me ajudar. Eu pedi então o Beto por uma semana, ele conhece cada peça como eu mesma.

Foi Beto quem primeiro chegou ao apartamento durante o incêndio, entrando, conta Madame Francine, como um louco com o extintor, querendo entrar no apartamento, salvá-la, e aos cachorros, de qualquer forma.

— O que mais me dói é a morte da cadela **Iônica**. Queria tanto que ela se salvasse. Há três meses ela teve 11 filhotes; dei todos. Jamais vendi um cachorro — ninguém vende filhos, por que venderia cachorrinhos? **A Iônica** chorou tanto quando meu marido saiu carregado numa maca, sabia que ele não voltaria. Já tivemos 11 cachorros em casa, todos adultos, e agora só restou um.

Beto e outro rapaz tentam arrumar a casa, levar as peças intactas para uma sala. Não há um vidro na casa que não se tenha partido. Um bar, cujas portas eram de espelhos turcos, virou carvão. No seu quarto, uma parede inteira era coberta por jóias turcomanas. Sobraram alguns pedaços retorcidos. Aqui, ela lembra, tinha um peixe japonês, de madeira. Um metal curvo era um instrumento musical javanês. Impossível saber tudo que perdeu — tinha um museu em casa, mas nenhum catálogo, nenhuma relação.

— Queria as coisas perto de mim, não queria fazer um museu, catalogar. Mas, em termos proporcionais, tinha um MAM aqui. Nem tudo, porém, custou muito dinheiro. Sabendo comprar, na fonte, e a maioria foi comprada há muitos e muitos anos, não sai tão caro. É importante saber o que se quer e onde procurar.

Todas as suas roupas se queimaram, e de um xale que custou 700 dólares, da última vez em que esteve no Afeganistão, há apenas alguns centímetros.

— Toque — pede. — É o verdadeiro **cashemere**, feito de fio de barba de cabra. Nada esquenta tanto, esperei anos para comprar, e na última viagem tomei coragem.

Como filosofia de vida, Madame Francine adotou o princípio de que havia dois caminhos: não ter nada ou ter do melhor. Teve castelo na Romênia, passou fome no Egito. Recuperou a fortuna, perdeu novamente. Quando foi para a Inglaterra, viver três anos com Gerson Borsoi, esperou muito tempo até comprar o primeiro copo: um Baccarat autêntico.

— Se você começa com copo de plástico, nunca vai chegar ao Baccarat. Por isso, é melhor não ter copo nenhum, esperar para ter o de cristal, e depois comprar o de plástico. É uma questão de objetivo. Já passei fome para ter o objeto que queria. É uma necessidade, uma loucura, uma enfermidade, um mal que não tem remédio. Nasce-se com isso.

Já aos seis anos Madame Francine colecionava ícones, e ia de casa em casa procurando trocar o que conseguia por um mais antigo. Agora, anda pelo que resta do apartamento, apontando uma máscara da Nova Guiné, uma mandala tibetana escrita em sânscrito, pedras lingas (falo indus), quadros da ilha Bali, um painel chinês do século XVI. Lembra que não há vestígios de escudos enormes que trouxe da Nova Guiné, e se dispõe a vasculhar uma escrivaninha. Cartas e fotos se queimaram, ou se molharam, e se desfazem ao contato com as mãos. Numa caixa de metal, porém, uma surpresa, saudada com efetiva alegria: a certidão de naturalização.

— Imagine, a esta altura perder esse papel e ser expulsa do país com essa nova lei dos estrangeiros.

— De tantos destroços, outra felicidade: os documentos se salvaram. Perdê-los, e ter que tirar outros, aí sim, a desgraça seria completa — avalia Madame Francine.

SEM ser agitada, Madame Francine é muito ativa. Avisa ao rapaz que cuida das estantes:

— Pelo amor de Deus, cuidado com essa cerâmica, ela quebra só de olhar.

E enquanto abre uma arca espanhola do século XVI, queixa-se de dor nas costelas:

— Se pelo menos tivesse sido do lado esquerdo, não me atrapalharia tanto.

No meio dos destroços, Madame Francine se define:

— A vida é assim, chorar não adianta. Há que se varrer o que ficou, separar o que ainda presta, e começar de novo. Não se deve pensar no passado, apenas para se aprender através da experiência, reunir forças e recomeçar.

Talvez a maior excentricidade de Madame Francine seja a sua disposição para a vida.

— Nunca tive medo de nada, que é a pior coisa do mundo. Uma invalidez paralisa as pessoas. Sei que há perigos, mas não quero ter medo.

E também nunca teve solidão ou tédio.

— Vivi 22 anos com um psicanalista e juro que nunca entendi o significado das palavras fossa e angústia. Tenho um mundo dentro de mim, como ter tempo para isso?

Forte, certamente, e só deseja ter condições para trabalhar até o fim. Por mais que ame seus objetos, não chora a perda. Mas chora, de fato, ao lembrar a solidariedade recebida desde o acidente. Como do dono da loja Scala, por exemplo, de quem ela comprou um sofá há dez anos, e a quem nunca mais viu, e que apareceu e se prontificou a restaurar, a recompor o que puder, de graça. Ele disse a Madame Francine que há dez anos, quando entregou o sofá, ele, um rapazinho, foi ver como ficou e durante uma tarde ela lhe falou de coisas orientais, e ele nunca mais esqueceu. Chora também ao falar de Henrique Mellman, construtor do prédio, que se dispôs a ajudar no que for possível, assim como o dono da Tuperman. E ainda os vizinhos — surpreende-se por ninguém ter reclamado dos estragos, ela que os conhecia tão pouco.

As mãos pretas de fuligem seguram a maior parte do tempo cigarros mentolados (Madame Francine fuma perto de três maços por dia). Mesmo tendo queimado os pés, tem uma pulseira de prata em volta do calcanhar que não está enfaixado. No coque, preso na nuca, uma fitinha de veludo. Nas orelhas, um par de brinco de lápis-lázuli, no pulso um velho relógio com correia de plástico. Confessa sua preocupação em ficar com a perna queimada com a pele escurecida, pois admite ser muito, muito vaidosa. Seus vestidos se queimaram, todos, mas dois **visons** em outros quartos resistiram ao fogo, mas não à fumaça. De brancas viraram cinza, e foram para lavar.

— Assim que tiver tempo, vou comprar alguma roupa, porque acho que quanto mais por baixo, melhor a gente deve se vestir. Deve-se ter pouca roupa, mas sempre da melhor qualidade. Assim, elas duram, e acaba se gastando menos.

Se por um lado, Madame Francine procura salvar o que fôr possível do que chama uma ruína total, por outro pensa no restaurante, telefona para o carpinteiro Cipriano para ver como vão as coisas. Em casa, espera que seu único empregado volte de uma sessão com o pai-de-santo, e lembra que apesar de todos os ricos objetos, o que tem de mais valioso é a sua cultura e a força de trabalho.

O nome do restaurante já está escolhido. Não será mais Chica da Silva, pouco teria a ver com ela. Francine, suspeita, levaria as pessoas a pensar num prostíbulo. Escolheu, assim, o nome de Butz, como ela e o marido se chamavam.

— Esse nome não significa nada para ninguém, mas é tudo para mim.

Conta que depois da morte do marido guardou todas as suas coisas, conservou tudo como se estivesse vivo. Ele tinha um guarda-roupa imenso, muita roupa, dezenas de pares de sapatos. E prateleiras imensas cheias de livros de psicanálise.

— Com o incêndio, sobraram apenas os livros e um par de sapatos. Decidi doar os livros à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Assim, jovens poderão aproveitar. E fiquei pensando qual seria a simbologia possível desse par de sapato. Talvez fosse uma forma dele me dizer: "Vai, segue adiante, vai fazer outra coisa, larga esse apartamento, grande demais e que dá tantas despesas". Isso tudo é verdade, mas eu, sozinha, antes não teria coragem. E agora, não tenho escolha.

Madame Francine, numa foto de seu álbum, e o único exemplar parcialmente salvo de seu best-seller.

JORNAL DO BRASIL

ESPECIAL

RIO DE JANEIRO, DOMINGO,
14 DE SETEMBRO 1980

TERROR VERMELHO E NEGRO

A AVENTURA DA LUTA ARMADA NA ITÁLIA

Marco Boato
Le Monde Diplomatique

AS condições mínimas para a eclosão de uma guerra civil nunca existiram na história mais recente da Itália. E a península continua imune às causas religiosas, étnicas ou regionalistas que, noutros países, são a razão de ser do terrorismo ou pelo menos lhe fornecem uma oportunidade histórica.

No entanto, há uma dezena de anos que o terrorismo — a princípio de direita, com a direta cumplicidade do Estado, depois essencialmente de esquerda — tornou-se na sociedade italiana uma espécie de fenômeno endêmico. Fenômeno que põe em relevo fatores políticos, econômicos, sociais, institucionais, ideológicos (e até psicológicos), militares e até internacionais.

A multiplicação dos testemunhos de "terroristas arrependidos" — vindo tanto das Brigadas Vermelhas quanto da **Prima Linea** ou de organizações secundárias — permitiu trazer à luz importantes dossiês judiciários. A análise desses documentos mostra que a fórmula do "partido armado" é uma metáfora: constata-se que na realidade há uma pluralidade de partidos armados e de diferentes grupos terroristas, ora em contato, ora em concorrência, os quais nunca se ligaram a um único "cérebro", a uma única "central" de operações ou "direção estratégica", como acreditaram de início numerosos observadores e mesmo alguns magistrados, sobretudo em Roma e Pádua.

Um sistema bloqueado

Sem dúvida o terrorismo de esquerda teria tido uma incidência política menos considerável se, durante cinco anos, de 1969 a 1974, a **estratégia da tensão**, do massacre e do golpe de estado não se desenvolvesse quase impunemente, implicando não só as organizações paramilitares de extrema direita, mas também, diretamente, certos setores sensíveis do Exército, da polícia e dos serviços secretos do Estado.

De 1969 a 1974, os massacres, as provocações terroristas e as tentativas de golpe de estado foram derrotados sobretudo por uma crescente mobilização popular e graças também ao extraordinário engajamento de alguns jornalistas democratas e de esquerda, aos quais a imprensa italiana deve talvez sua fase mais florescente desde o final da guerra. Mas a impunidade quase absoluta de que se beneficiaram os principais responsáveis pela **estratégia da tensão** foi sem dúvida a primeira e a principal legitimação para todos que, perdendo a confiança nas lutas democráticas, passaram a admitir que a única via praticável era a clandestinidade, da luta armada, do terrorismo.

O que se chama de salto qualitativo do terrorismo de esquerda — sua extensão e radicalização — ocorreu em seguida à fase culminante do terrorismo de direita, em 1974: massacres de Bréscia e de Bolonha, projeto de golpe de estado de Borghese e da **Rosa dei Venti**. Esse salto resultava também da agravação da crise econômica, cujas conseqüências se faziam sentir no mercado de trabalho, com a redução da produção e a marginalização de importantes camadas da população, sobretudo entre os jovens. Durante esses anos, decerto, poderosos movimentos políticos de massa compostos

Giangiacomo Feltrinelli

por jovens e não tão jovens souberam desenvolver práticas de oposição ao atual sistema, sem por isso adotar uma estratégia de luta armada ou as formas de combate sangrento do terrorismo.

Esses movimentos e seus novos protagonistas sociais representavam para a sociedade italiana um enorme potencial para renovar o diálogo democrático e a participação conflitual. Mas encontraram pela frente um sistema político bloqueado, uma barreira institucional cada vez mais rígida e intransponível. A **demonização** ideológica e a criminalização judiciária foram a única resposta que se lhes deu.

A partir de 1977, sobretudo, verificou-se uma espécie de "curto-circuito". Muitos jovens, que de início haviam acreditado no Movimento e na participação direta nas lutas sociais e de massa, optaram pela clandestinidade. Decidiram armar-se, individual e coletivamente, entrando para um dos grupos existentes que já praticavam o terrorismo, ou então entregar-se ao célebre "terrorismo difuso", em particular nos grandes centros urbanos.

A lógica do desespero e do aventureirismo da luta armada reforçou-se em muitos casos graças às teorizações ideológicas e às atividades mais concretas de recrutamento das diferentes organizações que às vezes concorriam entre si. Quanto ao poder, ele se contentou em aplicar uma política "de terra queimada" para isolar os movimentos de radicalização que se tinham até então desenvolvido de maneira aberta e legal, embora nem sempre legalista.

No fim da guerra, houve uma escalada de terror na Sicília separatista, reprisada na região do alto Ádige (Tirol do Sul) desde o fim da década de 50 até a metade da seguinte. Mas foi só na década de 70 que o terrorismo se tornou na Itália um fenômeno de envergadura nacional, ganhando todos os principais centros do país. O que não quer dizer — como ultimamente se afirmou tanto — que o terrorismo seja um produto dos movimentos de 1968 na Itália.

Do ponto-de-vista histórico e político, a questão é muito mais complexa. Na realidade, os dois **anos vermelhos**, 1968-1969 — o dos estudantes e o dos operários, cujo auge foi o famoso **outono quente** — marcaram um verdadeiro período, de ruptura na história italiana dos últimos 30 anos. No decorrer desse período, começou-se a perceber a existência de uma profunda crise do sistema em todos os níveis: nas relações de produção, nas instituições e na reflexão ideológica.

Se o terrorismo de direita, ou **estratégia da tensão**, dominante nos anos 1969-1974, representou uma tentativa sistemática para dar a essa crise uma resposta reacionária, o terrorismo de esquerda, que se impôs nos anos 1975-1980, representou um papel desestabilizador. Mas, em vez de acionar um processo de insurreição revolucionária, ele de fato estimulou e legitimou uma forte tendência à transformação da sociedade e do Estado num sentido autoritário; o que acarretou a instauração de uma espécie de "democracia tutelada" ou de "Estado autoritário de direita", segundo as diferentes definições dos juristas e dos politicólogos. Se as práticas da **estratégia da tensão** direitista são agora bem conhecidas, não se pode dizer o mesmo das diferentes fases históricas e da "geografia política" do terrorismo de esquerda.

Golpe institucional

Nos meses que se seguiram ao massacre de 12 de dezembro de 1969 em Milão, a Itália sofreu um pesado golpe institucional e social. À margem dos grandes movimentos de massa e das forças políticas da nova esquerda, assistiu-se então ao nascimento das primeiras tentativas de teorização ideológica e de elaboração prática de uma resposta "político-militar" à tentação golpista da direita e aos riscos de um golpe de estado, como aconteceu na Grécia em abril de 1967.

As duas primeiras organizações a agir nesse sentido foram os GAP (Grupos de Ação Partisana) e as Brigadas Vermelhas, que começaram suas atividades clandestinas no fim de 1970. Os GAP, fundados pelo editor Giangiacomo Feltrinelli, inspiram-se numa ideologia da Resistência, como seu nome indica, mas também nas experiências de luta armada guevaristas e terceiro-mundistas. Seu principal objetivo consiste em preparar-se para responder "militarmente" a um eventual golpe de estado fascista.

As Brigadas Vermelhas — formadas a partir de um grupo político chamado de início Esquerda Proletária, depois Nova Resistência — têm também na origem uma forte tendência antifascista, embora se definam sobretudo como grupo "marxista-leninista" que aspira em última análise a uma hipotética revolução comunista.

Em 1979, houve importantes reconstituições judiciárias, em seguida à operação "7 de abril", efetuada pelos magistrados de Pádua. Em 21 de dezembro, elas foram confirmadas pelas famosas "memórias" de Fioroni (o primeiro de uma longa lista de terroristas arrependidos, detido desde 1975 por cumplicidade de assassínio). Com base nessas reconstituições, outra organização clandestina de esquerda se formaria por volta de 1971-1972: uma espécie de célula subterrânea do grupo **Potere Operaio**, dirigido por Antonio Negri, Franco Piperno e Oreste Scalzone.

Há porém uma diferença profunda entre o **Potere Operaio**, de um lado, e os Grupos de Ação Partisana e as Brigadas Vermelhas, do outro. O primeiro não se apresenta como organização terrorista clandestina, contentando-se em teorizar publicamente sobre um projeto revolucionário de tipo "insurreicional", ao passo que os últimos são desde o início grupos armados clandestinos que não só teorizam, mas também praticam a luta armada.

A explosão de Segrate, onde em 14 de março de 1972 morreu o editor Feltrinelli, marca o primeiro tempo de uma mudança radical na história do terrorismo de esquerda. Dias antes, 3 de março, as Brigadas Vermelhas tinham feito seu primeiro seqüestro político, aprisionando Hidalgo Macchiarini, um dos dirigentes da Sit-Siemens em Milão. Sempre em Milão, a 11 de março, o conjunto de esquerda **legal** saiu às ruas para protestar contra o fascismo. Depois de choques violentos, houve uma forte repressão policial, com numerosas prisões e um escandaloso processo.

Todos esses acontecimentos se deram às vésperas das eleições gerais, após a dissolução antecipada do Parlamento, que dariam uma grande vitória às forças centristas e de direita. A morte de Feltrinelli acarretou de imediato a debandada total dos GAP e sua fusão parcial com as Brigadas Vermelhas. Mas essas sofreram no início de maio uma primeira e severa repressão judiciária, passando definitivamente de uma forma de semiclandestinidade para a clandestinidade total.

Em 18 de abril de 1974 — pouco antes do referendo sobre o divórcio, que iria assumir o aspecto de uma contenda política — as Brigadas Vermelhas seqüestraram em Gênova o Juiz Sossi, célebre por sua dureza em processos contra a esquerda e um pequeno grupo clandestino genovês, o "28 de Outubro", que se associara aos GAP em 1971-1972.

O seqüestro de Sossi, que terminou com sua libertação, reavivou a imagem das Brigadas Vermelhas como o "Robin Hood do proletariado": justiceiros armados, é certo, mas "cavalerescos" e jamais cruéis. Tudo isso não durou muito: em 17 de março, após o massacre fascista de Bréscia de 28 de maio de 1974, as Brigadas Vermelhas fazem fogo pela primeira vez e matam dois fascistas na sede do MSI, um partido de extrema direita, em Pádua. Este duplo homicídio abre uma nova fase, sobretudo porque em setembro do mesmo ano foi preso o principal fundador das Brigadas Vermelhas, Renato Curcio.

Entre 1973 e 1974, um novo grupo fez sua aparição em cena: os NAP (Núcleos Armados Proletários). Era uma organização clandestina composta essencialmente de detentos e ex-detentos, formada após o fracasso dos movimentos de luta nas prisões da Itália. Tais movimentos, chamados Os Danados da Terra (alusão a Franz Fanon), mantinham estreitos contatos com a **Lotta Continua**, uma das organizações de extrema esquerda.

Recusando a linha da **Lotta Continua**, que achavam muito legalista, os NAP manifestaram-se através de incidentes e provocações que fizeram mortos e feridos em suas próprias fileiras e entre os adversários. As fuzilarias, atentados e homicídios redobraram, pondo definitivamente termo à fase sem derramamento de sangue do terrorismo de esquerda, enquanto o terrorismo de direita — após o massacre de Bréscia — lançou-se a um novo crime horroroso, o atentado contra o trem Italicus, perto de Bolonha, em 14 de agosto de 1974.

A virada da esquerda

O ano de 1974 marca pois uma virada decisiva. O referendo sobre o divórcio foi uma vitória da aliança democrática e progressista. Paralelamente, os massacres fascistas e os projetos militares de golpes de estado se intensificaram. O mais temível desses projetos — chamado de **Rosa dei Venti** — revelou a existência de uma forte penetração fascista nas unidades do Exército e nos serviços secretos.

No outono de 1974, as especulações sobre um golpe redobraram de intensidade entre as forças de esquerda e no seio do movimento operário, inspirando numerosas investigações jornalísticas após a prisão, por **conspiração política**, do ex-chefe dos serviços secretos, o General Vito Micelli. Essa prisão foi obra dos juízes de Pádua, que suspeitavam que Micelli fosse o líder da **Rosa dei Venti**. Mesmo o então Presidente da Câmara dos Deputados e hoje Presidente da República, Sandro Pertini, falou explicitamente, numa entrevista à **Europeo**, das possibilidades de um golpe de direita e da necessidade de a ele se opor com armas, como na resistência antifascista de 1943-1945. No começo de novembro de 1974, numerosos dirigentes políticos e sindicais de esquerda tomavam a precaução elementar de não dormir em suas casas. Onde estava o perigo real, onde principiava a psicose? Ainda hoje se discute isso.

Num tal clima, o debate sobre a luta armada envolveu toda a esquerda italiana, enquanto as Brigadas Vermelhas e os NAP prosseguiam suas ações. Os últimos acabariam por desmantelar-se, em 1976-1977, como acontecera com os GAP, fundindo-se também em parte com as Brigadas. Ao mesmo tempo, grupos de militantes deixavam as principais organizações da nova esquerda e, segundo a prioridade dada à luta armada, constituíam outras formações clandestinas.

Convém levar em conta que em 1974 e 1975 houve a queda do fascismo na Grécia, em Portugal e na Espanha; a derrota dos Estados Unidos no Vietnam e Camboja; o fim do domínio colonial em Angola, Guiné e Moçambique; o escândalo de Watergate com a conseqüente queda de Nixon. No fim de 1973, os golpes de estado militares no Uruguai e sobretudo no Chile não haviam, de resto, tido uma influência menor sobre a situação da Itália.

"Nunca mais sem um fuzil" — essa era a palavra de ordem que se propagava entre os grupos italianos dispostos a cair na clandestinidade. O mais importante deles, excluindo as Brigadas Vermelhas, era a Prima Linea, ideologicamente mais próxima do Potere Operaio. No mesmo momento surgiu o único grupo armado italiano de tendência anarquista: a Azione Rivoluzionaria, que em dois a três anos estaria desmantelada.

Em 16 de março de 1978, na manhã da apresentação ao Parlamento do novo Governo de unidade nacional presidido por Giulio Andreotti, Aldo Moro foi seqüestrado. Em 9 de maio, seu cadáver foi achado na Via Caetani, em Roma, a poucos metros das sedes do PCI e da Democracia Cristã. Encerravam-se assim os 55 dias mais longos, difíceis e trágicos de toda a história da república italiana. Mas o caso Moro continua a influir até hoje na vida política e institucional do país, tendo marcado o início de um verdadeiro **boom** do terrorismo de esquerda. A extrema direita, ao mesmo tempo, manifestou-se através de novas organizações terroristas clandestinas, a principal das quais era o NAR (Núcleo de Ação Revolucionária).

Os depoimentos do terrorista arrependido Fabrizio Peci, líder das Brigadas Vermelhas em Turim, revelaram que, quando do assassínio do Juiz Coco em Gênova, em 1976, essa organização atravessava uma fase de extrema fraqueza. Pode-se, portanto, dizer que 1977 foi o ano em que as Brigadas conseguiram fortalecer sua política e, sobretudo, seu sistema de organização, recrutando maciçamente novos militantes e ampliando suas áreas geográficas de intervenção.

Competição macabra

O ano de 1977 é muito importante porque corresponde ao momento em que o abismo aberto entre o PCI, que entrou para o Governo sob o signo da "unidade nacional", e os novos movimentos de massa da juventude, à sua esquerda, se tornou mais profundo; ao momento em que a oposição entre eles foi a mais violenta. Essa oposição atingiu seu ponto culminante com a grande manifestação "contra a repressão" em Bolonha, em setembro de 1977, com mais de 30 mil participantes. Não é por acaso que ainda há dúvidas, na Itália, para saber se o "Movimento de 77" constituiu o **background** ideal do terrorismo de esquerda — tese sustentada pela esquerda histórica e sobretudo o PCI — ou se foi a "barreira institucional" erguida contra esse movimento pelas forças políticas e sindicais que, condenando-o e estrangulando-o, suscitou o reforço do famoso "partido armado", como afirma com freqüência a nova esquerda.

Seja como for, o certo é que depois de 1977 assistiu-se a um importante fortalecimento político e militar das principais organizações terroristas já existentes e ao nascimento de um fenômeno praticamente inédito, o "terrorismo difuso", que se manifestou nas principais cidades italianas e sobretudo em Pádua.

Em 1978-1979, instaurou-se uma espécie de competição — medida em termos muito macabros pela quantidade e a qualidade política dos cadáveres — entre as Brigadas Vermelhas e a **Prima Linea**, ou seja, entre o terrorismo "stalinista" e o terrorismo "operário".

Por outro lado, 1979 foi também o ano em que o consenso em relação ao terrorismo de esquerda começou a baixar, sobretudo após o assassínio pelas Brigadas Vermelhas do operário comunista Guido Rossa, em Gênova, e do assassínio do juiz democrático Emilio Alessandrini pela **Prima Linea** em Milão, ambos no mesmo mês de janeiro.

Ano passado e mais ainda no começo de 1980, a progressiva diminuição da "legitimação" popular dos grupos armados foi acompanhada por uma impressionante "elevação" dos tiros (das pernas para o coração) e um espasmódico aumento do "volume das metralhas". Além disso, o espectro de alvos alarga-se cada vez mais, com marcada predileção pelos que, no Estado ou na imprensa, assumem posições que não são reacionárias nem de direita, mas sim de esquerda. É nessa ótica que se deve situar os assassínios, no começo de 1980, do Vice-Presidente do Conselho Superior da Magistratura, Vittorio Bachelet, dos juízes Minervini e Galli (os dois primeiros pelas Brigadas Vermelhas, o último pela **Prima Linea**) e, bem recentemente, do jornalista Walter Tobagi.

Onde está a saída?

Há seis anos que a principal resposta do poder à criminalidade política em geral e sobretudo ao terrorismo de esquerda consiste quase exclusivamente em aplicar a pretensa "legislação de exceção".

"O Estado respondeu às rajadas das metralhadoras unicamente com rajadas de leis" — declarou no Parlamento um deputado do Partido Socialista Italiano, que no entanto é um Partido do Governo. Numerosos juízes democráticos denunciaram a instauração de um verdadeiro processo de destruição constitucional que não poderá vencer o terrorismo, mas que terá por conseqüência restringir cada vez mais as liberdades democráticas e constitucionais, favorecendo o advento de um Estado autoritário de direita.

Nesses últimos meses, o terrorismo conheceu graves fracassos após uma espécie de invulnerabilidade que durara anos. Mas foi menos afetado pelas leis de exceção, que pelas "confissões" de um número crescente de terroristas arrependidos saídos das Brigadas Vermelhas e da **Prima Linea**. Notou-se simultaneamente uma impressionante extensão da chamada "cultura da suspeita", devido à qual foram efetuadas numerosas prisões arbitrárias e, sobretudo, milhares de inquirições sistemáticas em quase todos os meios da nova esquerda, como também entre militantes do PCI e dos sindicatos.

Após se achar durante anos na espiral do terrorismo e do antiterrorismo, a Itália vislumbra agora a possibilidade de uma alteração da tendência. Mas a evolução será difícil e cheia de contragolpes, como o deixa prever o novo atentado de Bolonha, cometido em agosto pela extrema direita.

Seja como for, parece que uma convicção se forma tanto entre as forças políticas da oposição, quanto nos meios governamentais e mesmo na magistratura: o problema do terrorismo exige sem dúvida alguma uma violenta resposta repressiva; mas ele não pode ser exclusivamente resolvido por uma radicalização do confronto militar entre o aparelho clandestino do terrorismo e o aparelho policial do Estado. A questão central agora, em todos os debates na Itália, é saber como — politicamente — sair do terrorismo.

Marco Boato é Deputado do Partido Radical Italiano.

No enterro das vítimas do atentado direitista de Brescia, milhares de italianos foram às ruas, num protesto que se repetiria muitas vezes. O seqüestro e execução de Aldo Moro foi o auge do terrorismo de esquerda, que teve vários de seus líderes presos e julgados, como os brigadistas Maurício Ferrari (E), Alberto Franceschini, Renato Curcio e Torino Paroli. Este ano, o terror negro ganhou nova expressão, com a bomba na estação de Bolonha

A ESTRATÉGIA MILITAR PARA OS ANOS 80

Robert Dervel Evans

LONDRES — O Terceiro Conflito Mundial e a Segurança Internacional foi o tema escolhido pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, sediado em Londres, para sua conferência anual em Stresa, de 11 a 14 de setembro. A escolha assinala uma significativa mudança dos tópicos discutidos em conferências anteriores da organização.

No passado, a ênfase incidiu na estratégia nuclear, nas armas sofisticadas e no tipo de guerra a ser eventualmente travado numa grande frente européia. Na conferência de 1977, alguns participantes, entre os quais importantes generais do Exército britânico, admitiram que a instauração do absurdo estava cada vez mais próxima. Por quê? Documentos lidos por fabricantes americanos de armas modernas e sofisticados componentes militares eletrônicos sugeriam que as guerras futuras iriam ser travadas por aviões sem pilotos e artilharias antimísseis postadas em **bunkers**, sem nenhum ser humano à vista.

Não haveria soldados em combate, nem ataques de tanques com pessoas a bordo, e nunca um dos lados em conflito poderia vislumbrar o inimigo em qualquer momento das batalhas.

A teoria foi porém rejeitada, como **nonsense**, por um general britânico que é autor de numerosos estudos sobre a história bélica e que lutou na II Guerra e, depois, na Palestina, na Coréia e em Chipre. Ao fazer o discurso de encerramento da conferência, ele concluía dizendo que ao final das batalhas, quando os comandantes emergissem dos abrigos subterrâneos desde os quais haviam dirigido por controle remoto uma guerra microeletrônica, os vitoriosos iriam talvez achar o campo ocupado por homens totalmente despidos, usando porretes como armas.

Foi essa a pitoresca maneira encontrada pelo General Anthony Farrar-Hockler para dizer aos estrategistas de gabinete e aos defensores de armas e métodos cada vez mais sofisticados e caros que tanto os veículos blindados conduzidos por soldados, quanto as armas convencionais de terra e ar ainda são essenciais. E acrescentou que não há uma alternativa eficaz para o sistema tradicional de comando, no qual as próprias necessidades ditadas pelo transcorrer das batalhas inspiram aos oficiais as ordens diretamente transmitidas a seus homens em campo.

Por mais rápidos e eficientes que sejam os sistemas de controle e comando baseados nos últimos engenhos microeletrônicos de comunicação instantânea, o controle tático não pode ser apartado dos oficiais em campo e transferido para comandantes bem protegidos em abrigos subterrâneos.

A obsessão de enfrentar futuras guerras com quantidades maciças de armas sofisticadas operadas por controle remoto, que era então sustentada pelos fabricantes, granjeou a simpatia de alguns generais do Pentágono, em Washington. Ansiosos quanto ao crescente custo do potencial humano — com os soldados a exigirem no **front** o fornecimento regular de Coca-Cola e outros luxúrios — minados em sua confiança pelo desastroso desfecho no Vietnam e obsecados pela perspectiva de a próxima guerra eclodir na frente da OTAN na Europa, eles foram tentados a adotar os novos sistemas que lhes eram impostos pelos fabricantes e seus aliados das indústrias aeronáuticas.

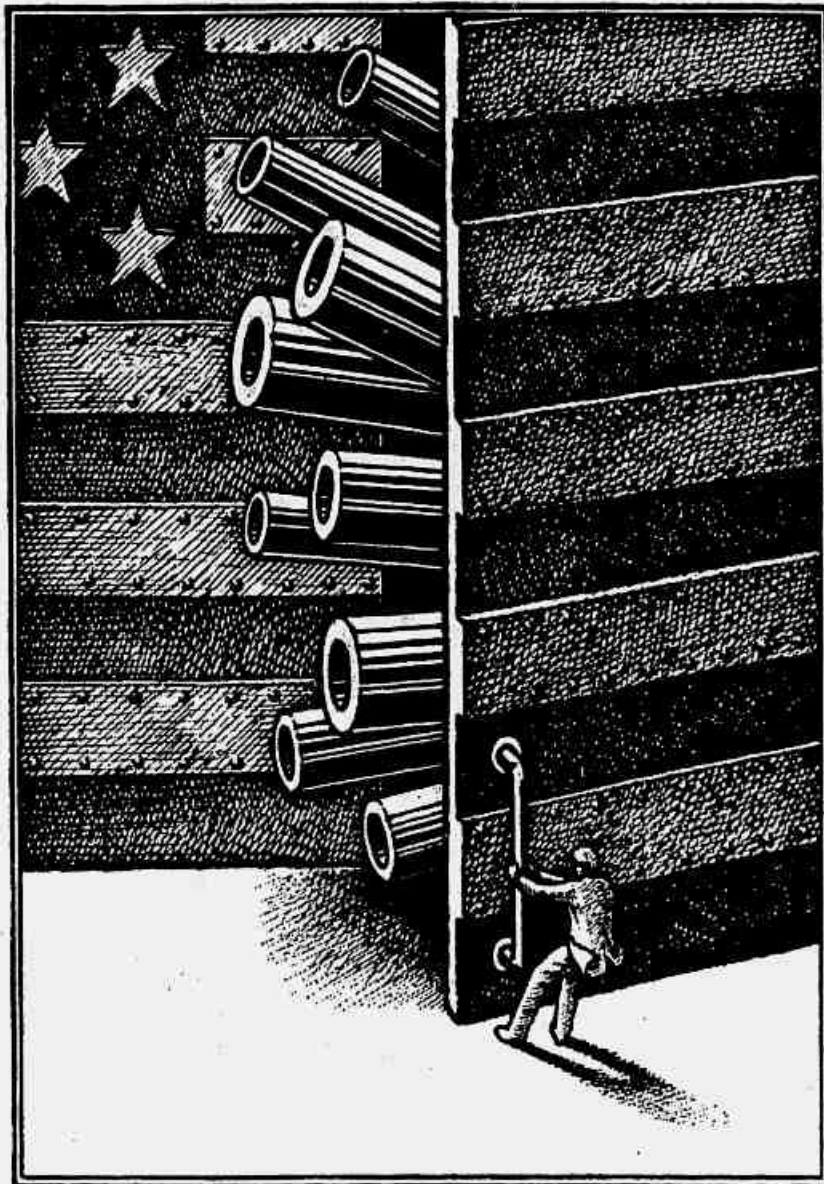
Flanco vulnerável

Com muitos dos especialistas em questões militares arrebatados pelo entusiasmo por algumas das novas teorias, enaltecidas por cientistas e engenheiros a soldo dos fabricantes, o "complexo industrial-militar americano" esqueceu as lições do Vietnam e, no processo, expôs um flanco vulnerável à União Soviética, que não titubeara em retê-las. A euforia causada pelos desembarques na Lua e o notável progresso nos sistemas de coleta de dados, baseados em satélites espaciais munidos de câmeras, aumentaram naturalmente a autoconfiança americana na capacidade de travar uma guerra eletrônica desde seguros abrigos subterrâneos.

É verdade que a concentração de sistemas bélicos avançados produziu o míssel **Cruise** e a bomba de nêutron, cujo valor é inegável. Mas essas também são armas para uma guerra em larga escala, que envolva as grandes potências. Seu desenvolvimento fez parte das políticas de "dissuasão e distensão", que em comum produziram o equilíbrio de poder do qual depende a paz entre a aliança da OTAN e o Pacto de Varsóvia.

Mas essas políticas defensivas, nas quais os líderes do Pentágono reconheceram as vantagens de controlarem recursos financeiros e tecnológicos maiores que os da União Soviética, não levaram em consideração a vulnerabilidade dos Estados Unidos noutras frentes, sobretudo nos países periféricos do Terceiro Mundo. O Ocidente expôs um flanco vulnerável na África, no Golfo Pérsico e outras áreas do Oriente Médio. Em conseqüência, o equilíbrio mundial do poder correu o risco de oscilar a favor do bloco do Leste, devido à fraqueza americana na periferia, onde o número de países instáveis tem crescido.

Outros fatores que agravaram essa fraqueza foram a incerta e vacilante política exterior do Presidente Carter, a perda temporária da superioridade americana em potencial nuclear e o enorme crescimento da capacidade soviética de estender seu poder a lugares muito remotos.

Há um ou dois anos que tais evoluções passaram a merecer cada vez mais a atenção dos estrategistas do Ocidente.

Cresceu a consciência de que a segurança já depende em grande parte da salvaguarda do Ocidente em áreas muito afastadas da Europa, vista até então como o cenário tradicional da dissuasão e da competição Leste-Oeste.

Evidências de um repensamento estratégico continuaram a provir dos Estados Unidos durante os últimos meses. Em meados de agosto, em seu discurso à Associação Americana dos Veteranos de Guerra, o ex-comandante-em-chefe da OTAN na Europa, General Alexander Haig, referiu-se a novas possíveis incursões em áreas do Terceiro Mundo, a serem eventualmente inspiradas e apoiadas pela União Soviética durante os anos 80, ao mesmo tempo em que sublinhava a necessidade de uma "liderança pós-Vietnam" para enfrentar esse tipo de ameaça.

Antes, o Secretário de Defesa dos Estados Unidos, Haroldo Brown, num discurso há seis meses, falou da necessidade de contrapor-se à agressão em "vários níveis" e de fortalecer o potencial americano em forças convencionais, tendo em vista a "disposição do Exército Vermelho de afirmar seu poder militar e político fora das fronteiras da União Soviética".

A linha de pensamento por trás dessas e outras declarações de líderes militares americanos foi decerto estimulada pelos acontecimentos no Irã e no Afeganistão. Tornou-se claro que até pequenos países podem agora humilhar uma potência como os Estados Unidos sem temer as conseqüências. A queda do Xá também demonstrou a falibilidade da outrora popular doutrina de patrocinar alianças regionais baseadas em aliados secundários bem armados.

As antigas restrições que dissuadiam as pequenas nações de fazer a guerra entre si já não existem, e isso agravou a instabilidade no Terceiro Mundo, criando mais pontos perigosos.

A distensão e a dissuasão nuclear já não excluem a necessidade de controlar ou influenciar os conflitos regionais — ou seja, as guerras entre países que não são membros das duas principais alianças militares, nem aliados de uma das duas superpotências. Sob certos aspectos, a capacidade de intervir em conflitos do Terceiro Mundo tornou-se uma extensão do equilíbrio militar do qual depende a paz mundial. Noutras palavras, o poder de impedir, dissuadir, controlar ou isolar guerras locais tornou-se essencial para não deixar que esses países lancem-se numa gradativa escalada ao uso de armas nucleares táticas e estratégicas, o que causaria um holocausto mundial. Diante disso, voltou-se a dar atenção às armas convencionais, as únicas realmente válidas nas guerras regionais entre países pobres.

A lição do Vietnam

O Pentágono não aprendeu a lição do Vietnã. Tendo-se convencido de que a guerra foi perdida por razões políticas e não militares, os líderes militares norte-americanos recusaram-se a admitir a superioridade dos norte-vietnamitas na manutenção de uma luta bem-sucedida contra forças muito maiores e mais bem armadas. Esse ponto veio à baila num artigo do **Daily Telegraph**, de Londres, poucos dias após o discurso do General Haig em Chicago.

Escrito por um general-brigadeiro inglês reformado, Michael Calvert, da elite militar de seu país e com vasta experiência em guerras de guerrilhas, o artigo em pauta explica em detalhes como a guerra do Vietnã foi perdida pelos americanos, apesar de sua superioridade em homens e armas.

Reportando-se a uma conversa que tivera com o Presidente Thieu, o qual se queixou de que seus exércitos haviam sido treinados pelos americanos para fazer uma "guerra de milionários", e indagado se ele teria tempo para ensinar-lhes uma "guerra de pobres", idêntica à do inimigo norte-vietnamita, o General Calvert se punha a esclarecer como o General Giap, com ajuda russa, conseguiu impor uma humilhante derrota ao país mais poderoso do mundo.

Em meados do conflito — e depois de os americanos terem lançado suas próprias tropas na guerra — o General Giap partiu para Moscou com uma extensa lista de compras baseada em cuidadosos cálculos para dominar ou destruir os pontos fortes dos americanos, chamados de **bases de fogo** e distribuídos ao longo da fronteira como uma linha defensiva.

Essas **bases de fogo**, como explicou o General Calvert, achavam-se geralmente em posições elevadas, dominando grandes áreas e sendo sempre abastecidas, inclusive de água, pelo ar. Com base em sua superioridade em helicópteros, os americanos julgavam-se capazes de conservar indefinidamente esses pontos fortes. Contra um inimigo convencional, provavelmente seria o caso.

Mas o General Giap não era um soldado convencional. Pediu e obteve dos russos armas muito simples, facilmente operáveis por tropas sem treinamento. Entre elas estavam mísseis terra-ar para abater os helicópteros que abasteciam as "bases de fogo"; lança-foguetes para hostilizar os homens que as compunham; e armas antitanques para impedir que forças blindadas fossem ao socorro das guarnições sitiadas. Além de acentuar a importância da simplicidade e do fácil manuseio, o General Giap insistiu em dois outros pontos: a rápida entrega das armas em grandes quantidades e o imperativo de que fossem de transporte viável pelas trilhas da selva, tendo pouco peso e podendo ser montadas e desmontadas sem maiores problemas.

A guerra dos pobres

Assim que receberam a encomenda, as forças do Vietcong assediaram as **bases de fogo** ao longo do paralelo 17 com mísseis terra-ar SAM-7. Essas armas pequenas, mas altamente eficazes, que podiam funcionar sobre os ombros, logo isolaram as guarnições fortemente armadas, impedindo que os helicópteros se aproximassem com as provisões básicas. Hostilizados ainda em seus pontos fortes pelos lança-foguetes, os inimigos eram obrigados a se render, dando-se conta de que seria impraticável um abastecimento por terra que chegasse a tempo de os salvar da inanição.

Os americanos estavam repetindo táticas que se haviam mostrado muito eficazes contra os japoneses, nas campanhas insulares no Pacífico. Na época, os ingleses admiravam o modo pelo qual seus aliados transatlânticos eram capazes de mobilizar imensos recursos para estabelecer faixas aéreas no meio da vegetação de ilhas sem transporte terrestre, que iam sendo abastecidas pelo ar e serviam de trampolins para um avanço progressivo em direção ao Japão.

Mas essa tática se mostrou infrutífera nas condições em que a guerra do Vietnam foi travada. Já as táticas do General Giap, as mesmas que ele empregou para forçar à rendição a guarnição francesa de Dion Dienphun, eram coroadas de êxito. Com a linha defensiva das **bases de fogo** americanas destruída, as colunas blindadas norte-vietnamitas puderam orientar-se para o Sul, transpondo o pararelo 17, para ocupar a cidade de Hue, a caminho de eventualmente atingir Saigon.

A campanha interna contra a guerra enfraqueceu sem dúvida a disposição do Governo e do povo americano para prosseguí-la, levando enfim à retirada das tropas, mas não há como ocultar o fato de que um "exército de pobres", com armas bem menos sofisticadas, impôs a forças bem equipadas uma derrota militar muito típica.

Essas mesmas armas, segundo o General Calvert, foram encontradas por ele em mãos de guerrilheiros da Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e Rodésia. Embora manejadas por iletrados campesinos da África, eram usadas com eficácia para abater helicópteros e aviões das forças inimigas e para impor a rendição ou a retiradas das guarnições responsáveis por seus pontos fortes nas fronteiras.

A conclusão a que chega o general inglês é que a União Soviética aprendeu rapidamente as lições do Vietnã: passou a fornecer as mesmas armas encomendadas pelo General Giap aos assim chamados "exércitos de libertação" de muitas partes do Terceiro Mundo, introduzindo de tal forma em elemento novo na cena bélica moderna.

Os perigosos anos 80

Os Estados Unidos decidiram aumentar seu gastos defensivos, mas o perigo ainda não passou. Lorde Chalfont, escrevendo em **The Times** de 1º de setembro, adverte sobre os "perigosos anos 80", referindo-se às "previsões dos analistas estratégicas que calculam que num breve mas significativo período da segunda metada da década a União Soviética atingirá uma clara superioridade em armas nucleares sobre os Estados Unidos, de modo a criar uma diferença que não poderia ser transposta nem mesmo se o Presidente americano se lançasse desde já a um programa maciço de rearmamento".

Lorde Chalfont propôs uma aproximação ainda mais íntima das nações européias, particularmente da Inglaterra e da França, para que, juntas com a Alemanha Ocidental, elas possam opor uma frente coletiva e sólida à agressão soviética, seja na própria Europa ou noutras partes do mundo. Isso é ainda mais importante, a seu ver, porque as eleições americanas indicam que não se pode esperar além-Atlântico, no primeiro ou nos dois primeiros anos da atual década, uma política coerente e uma firmeza de propósitos.

Apesar de tudo, nota-se algum progresso nos preparativos para conter possíveis incursões instigadas e apoiadas pela União Soviética em países periféricos do Terceiro Mundo. No fim de agosto, um jornal americano noticiou que 100 homens do famoso regimento inglês SAS — **Special Air Service** — estavam treinando unidades americanas em Fort Bragg, na Carolina do Norte. O SAS adquiriu notoriedade por seu ousado assalto à embaixada iraniana em Londres, há alguns meses, para liberar reféns, mas sua verdadeira importância decorre de 30 anos de experiência em guerrilhas em selvas da Malaia, nas montanhas de Oman e nas áreas fronteiriças da Irlanda do Norte, infestadas de terror.

Outra evidência de que os Estados Unidos tentam livrar-se da obsessão por guerras espetaculares travadas por controle remoto é o interesse que seu Governo agora demonstra pelo Harrier VTOL, o caça-bombardeiro britânico de decolagem e aterrissagem verticais.

Falando à impresa na Feira Aeronáutica de Farnborough, em 2 de setembro, o Dr Hans Mark, Secretário da Força Aérea dos Estados Unidos, disse que o Harrier pode ser comprado em grande escala por seu país. O aparelho, que há 10 anos presta serviços à RAF, é adequado para guerras de fronteiras em lugares remotos.

Dispensando a clássica pista, o Harrier pode ser escondido em clareiras florestais e isolado em vales de regiões montanhosas, o que o torna ideal para o tipo de conflito que agora desperta a atenção dos estrategistas do Ocidente. Uma esquadrilha desses jatos baseou-se no interior de Beliza desde uma ameaça de invasão do território pela Guatemala, há dois anos atrás, e parece ter sido muito dissuasório eficaz.

Outro aspecto da nova abordagem estratégica é o crescente interesse americano pelas táticas de intervenção em países do Terceiro Mundo. A Inglaterra e, sobretudo, a França têm um bom registro de êxitos em operações desse tipo. A França mandou tropas para restabelecer a ordem ou supervisionar mudanças de regime na África em nada menos de 12 ocasiões, durante a última década, e não há indícios de que essa política tenha sido alterada.

Até aqui, desde o trauma do Vietnam, os Estados Unidos estiveram virtualmente sozinhos a evitar possíveis complicações decorrentes de intervenção no Terceiro Mundo, deixando o campo livre para a União Soviética, em aliança com a Cuba de Castro, explorar as oportunidades surgidas nos países periféricos.

Essa abstenção dos Estados Unidos e a preocupação do Presidente Carter com os direitos humanos e outras causas válidas pouco ou nada contribuíram para a estabilidade no Terceiro Mundo. Foi o contrário que ocorreu, de fato, em certas áreas da periferia não européia.

Estrategistas e analistas, na Inglaterra e alguns outros países europeus membros da OTAN, receberam com agrado os sinais manifestados nos últimos 12 meses — desde a invasão soviética do Afeganistão — de que os Estados Unidos agora estão fazendo preparativos para se necessário intervir em áreas do Terceiro Mundo onde instabilidades ou conflitos ameacem os interesses ocidentais.

A disposição de intervir pressupõe a capacidade militar de o fazer com as armas e as táticas certas e com homens treinados para as guerras de guerrilha e fronteiras. Finalmente os Estados Unidos se movem nessa direção, depois de reconhecerem tardiamente que a segurança internacional na década de 80 depende da capacidade de "gestão das crises" em áreas do Terceiro Mundo.

Robert Dervel Evans é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Londres

MAIS DINHEIRO NÃO PRODUZ MENOS ARMAS

Paul C. Warnke
The New York Times

WASHINGTON — Ronald Reagan propôs uma nova abordagem para o controle de armas. Diz ele, com evidentes sinais de seriedade, que um aumento de monta nos gastos defensivos americanos não pode ser e não será igualado pela União Soviética, à qual não restará outra escolha senão desistir da competição armamentista e aceitar um acordo de armas estratégicas que beneficie acentuadamente os Estados Unidos.

O argumento estipula assim que basta os Estados Unidos descartarem-se dos limites impostos a seus gastos defensivos para obterem tanto um acordo de armas estratégicas quanto a superioridade militar. A tese em suma não é nova, nem o tempo a tornou mais pertinente: ela se mostra contrária à lógica, à experiência e à inexorável matemática do equilíbrio nuclear estratégico.

Curiosamente, o candidato republicano à Presidência e outros proponentes dessa política estão entre os que, por muitos anos, fizeram grande estardalhaço sobre a ameaça soviética. Agora, contudo, a fim de justificarem seus planos para aumentos em larga escala nos gastos militares, eles pintam a União Soviética como um tigre de papel ou um ursinho de pelúcia; dizem que ela não tem alternativa senão aceitar o predomínio militar americano, desde que Washington se incline a novos investimentos maciços nesse campo.

Nada na história das ações soviéticas dá qualquer credibilidade a essa proposição. Nada sugere que os russos reajam com uma redução de seus próprios gastos a uma grande escalada militar americana. E nada, a não ser a racionalização de um desejo, justifica a conclusão de que a União Soviética dará mais atenção às necessidades de seus consumidores do que à competição pela supremacia militar.

O fato é que nem os Estados Unidos, nem a União Soviética podem chegar à superioridade militar, a menos que um dos lados esteja propenso a se abster da competição. A liderança soviética da indisputada capacidade de determinar prioridades para gastar o que julga necessário a fim de evitar a inferioridade militar. Uma simples continuação de seus gastos, no ritmo atual, bastaria para esse objetivo, ainda que os Estados Unidos somassem muitos bilhões a seu orçamento defensivo.

A história das negociações sobre armas estratégicas também não confere legitimidade à teoria de que uma incessante acumulação de mísseis nucleares americanos tornará os negociadores soviéticos mais propensos às concessões. Nenhum dos lados há de querer ratificar uma posição de desvantagem estratégica. Só quando uma situação de paridade nuclear aproximada fosse atingida a liderança soviética daria realmente começo às conversações nessa linha.

Por conseguinte, o apelo para "gastar mais e reduzi-los à inferioridade" é na verdade um apelo a uma corrida armamentista ilimitada que há de intensificar mais ainda as pressões inflacionárias, estrangulando os programas internos e deixando os americanos com menos, e não com mais segurança. No tocante às armas nucleares estratégicas, nenhuma adição à força americana irá causar uma diminuição qualquer no arsenal soviético de mísseis. Pelo contrário, um incremento assim impeliria apenas a um aumento expressivo do número de armas nucleares da URSS capazes de serem lançadas sobre alvos militares e civis dos Estados Unidos.

Mesmo a aquisição de uma capacidade americana para atacar primeiro — objetivo teórico e não realista, ao que tudo indica — seria uma futilidade, a menos que os Estados Unidos estivessem dispostos, num momento de crise aguda, a correr o risco de desencadear uma guerra nuclear. Os americanos aumentariam de fato seu próprio perigo mortal, caso o equilíbrio oscilasse para a exeqüibilidade de um ataque antecipado que destruísse as forças soviéticas de represália. Os planejadores soviéticos seriam forçados a considerar um primeiro ataque com a compreensão de que seus próprios dissuasórios nucleares haviam sido carcomidos. A aparente e recente ressurreição, pelo Governo Carter, de uma estratégia baseada na capacidade de lutar uma guerra nuclear "controlada" já suscita esse risco, pelo menos em potencial.

Na rivalidade entre as superpotências, há apenas um campo — o da mão-de-obra e dos equipamentos militares — onde os Estados Unidos não podem concorrer com a União Soviética. A idéia de que com mais dinheiro os americanos serão capazes de comprar sua superioridade não passa de uma grande ilusão.

Para atender às necessidades de segurança dos Estados Unidos, o melhor é continuar no encalço de acordos significativos sobre o controle de armas nucleares e convencionais. Enquanto o processo se desenvolve, devemos naturalmente dar seqüência ao preparo de nossas forças militares, segundo a maneira mais bem calculada para acentuar ao máximo sua eficácia de dissuasão. Mas isso requer uma abordagem sofisticada e seletiva para nossas autênticas necessidades de defesa. Botar dinheiro nos problemas da segurança nacional, com a vã esperança de que a União Soviética chegue primeiro à falência, é o mesmo que desperdiçar o dinheiro, comprometendo com isso a segurança.

Paul C. Warnke, advogado em Washington, foi diretor da agência para o Desarmamento e o Controle de Armas de março de 1977 a outubro de 1978

A mais agressiva mobilização política desde abril de 1974

Juarez Bahia

LISBOA — Com intervalo de 60 dias, 7 milhões 124 mil 707 portugueses vão eleger um Parlamento com poderes constitucionais e mandato de quatro anos, e um Presidente com mandato de cinco anos. O novo Governo sairá da maioria parlamentar. As eleições legislativas serão no dia 5 de outubro e as presidenciais no dia 7 de dezembro. Desde a revolução de 25 de abril de 1974, não havia uma tão grande mobilização eleitoral e nem uma campanha política tinha atingido os níveis de agressão, deslealdade e virulência desta.

As pesquisas de opinião conferem uma pequena vantagem (10%) à Aliança Democrática, atualmente no poder, nas eleições legislativas e dão uma grande margem de diferença (30%) a Ramalho Eanes contra Soares Carneiro, para a Presidência. São sete os candidatos à Presidência, incluindo Otelo Saraiva, mas cinco estão fora da disputa. Os socialistas e sua Frente Republicana e Socialista — toda a esquerda, menos os comunistas — têm esperanças de **virar** as previsões e, beneficiando-se do apoio a Ramalho Eanes, desalojar do poder a centro-direita.

A Aliança Democrática está em dificuldades para repetir os bons resultados das eleições **intercalares** de 2 de dezembro, quando afastou a esquerda da administração portuguesa e conquistou no Parlamento uma maioria governamental de cinco deputados. Essas dificuldades decorrem da intensa mobilização de massas realizada pela esquerda socialista e comunista, que identifica na centro-direita um retorno ao passado anterior à Revolução de 25 de abril, apontando como perigosa a consolidação da direita.

Bipolarização

Há, no entanto, ponderáveis argumentos no panorama político nacional que atribuem à centro-direita um crescimento sistemático, embora reconheçam que também a centro-esquerda recupera o terreno perdido. Nesse sentido, qualquer que seja o vitorioso nas eleições gerais de 5 de outubro, a centro-direita ou a centro-esquerda, nenhuma governaria só com um Partido, nenhum Partido alcançaria a hegemonia política no Parlamento.

Premier *Sá Carneiro*

A sociedade portuguesa está diante de uma situação de bipolarização como nunca esteve antes. De um lado, a centro-direita, com o apelo conservador, quer alterar profundamente a Constituição e reverter as regras do jogo para que seja extinto o Conselho da Revolução, reformulada a economia, anulada a nacionalização e reincorporada a iniciativa privada nos negócios do Estado. De outro lado, a centro-esquerda, com o apelo da Revolução de 25 de abril, quer manter a Constituição com apenas pequenas alterações, consolidar o poder popular, estender o mandato do Conselho da Revolução e garantir com a nacionalização da economia o acesso das classes menos favorecidas aos benefícios sociais.

Essa disputa deixa em posição singular as Forças Armadas, que no entanto não se manifestam e estão conscientes do seu papel profissional. Nenhuma das duas principais zonas ideológicas do sistema político vigente pode contar com uma reviravolta constitucional por meio da intervenção armada.

No impasse

Se a centro-direita ganhar as eleições gerais, formando um Governo de maioria, e a centro-esquerda ganhar as eleições presidenciais, reconduzindo Ramalho Eanes à chefia do Estado e alterando pouco o quadro atual, a primeira conseqüência é que Portugal permanecerá no impasse político, como agora, em que o Governo é **oposição ao Presidente**, com freqüentes ataques entre si e o emperramento de diretrizes político-administrativas importantes pela falta de **entendimento** entre os dois.

A Aliança Democrática, ao contrário do que sugere o seu projeto de sociedade pluralista e livre, faz restrições essenciais ao Presidente Eanes em um segundo mandato. Só governará com ele reeleito em condições excepcionais, sendo que nem o Primeiro-Ministro Sá Carneiro e nem o Vice-Primeiro-Ministro Freitas do Amaral aceitarão formar governo. Sá Carneiro e Freitas do Amaral são os dois líderes dos dois maiores Partidos da coligação de centro-direita, o Partido Social Democrata e o Centro Democrático Social.

"Se Eanes for reeleito" — dizem frontalmente Sá Carneiro e Freitas do Amaral — "não chefiaremos o Governo". Mais do que uma manobra política que visaria a favorecer aos olhos do Eleitorado o candidato da AD, General Soares Carneiro, a afirmação de Sá Carneiro e Freitas do Amaral constitui um dogma partidário, um dado irremovível do xadrez Político da centro-direita, inspirado pela tática do impasse político, para obrigar Eanes a nomear um Governo presidencial, como lhe permite a Constituição, mas de difícil sobrevivência por falta de base parlamentar sólida.

Essa indisposição da centro-direita com o General Ramalho Eanes nasceu há pouco menos de um ano, por volta das eleições **intercalares**, convocadas pelo Presidente numa tentativa de superar as dificuldades de então. Eanes nomeava seguidos Governos presidenciais, mas todos se defrontavam com problemas de relacionamento político num Parlamento hostil. A centro-direita, que havia apoiado Eanes na primeira eleição presidencial, reclamara dele uma ação de isolamento da esquerda. Eanes recusou-se e indicou Maria de Lourdes Pintasilgo para Primeira-Ministra, ao mesmo tempo que convocou as eleições **intercalares**. Foi aí que se deu o rompimento entre a centro-direita e o Presidente.

Formada a oposição conservadora a Eanes, seus três Partidos (Partido Social Democrata, Centro Democrático Social e Partido Popular Monárquico) lançaram a Aliança Democrática com seu **slogan** de fim a Democracia tutelada, numa alusão direta ao Conselho da Revolução, do qual o Presidente é o mesmo Eanes. O eleitorado privilegiou a AD com a vitória nas **intercalares** e o primeiro Governo eleito de centro-direita, desde 1974, tomou o Poder perante uma esquerda perplexa, convencida de ter administrado mal os sonhos de abril.

Dois países

O Governo de centro-direita da Aliança Democrática em nove meses tentou sem o conseguir reformular a estrutura da sociedade portuguesa. Suas iniciativas para desnacionalisar as empresas básicas, criar o referendo, alterar a lei eleitoral, reinstalar a iniciativa privada na economia de gestão e preparar uma nova Constituição fracassaram, bloqueadas pelo Conselho da Revolução, que declarou inconstitucionais leis aprovadas pela Assembléia da República.

A Aliança Democrática cometeu o equívoco de abrir múltiplas frentes de batalha nas suas relações com a Presidência, em um regime que, sendo predominantemente parlamentarista, ainda reserva alguma soma de decisões ao Presidente da República. A esse equívoco somou-se a tendência perfilhada pela centro-direita de superestimar a empresa privada e subestimar a força dos sindicatos e das organizações comunitárias, considerando erroneamente irrelevante o fato de socialistas e comunistas estarem bem estabelecidos em um grande número de municípios.

Aliada da Igreja na sua vitória nas eleições intercalares a centro-direita pouco a pouco foi perdendo a confiança do clero até chegar a situação atual de um diálogo de surdos com a hierarquia católica. A acusação dos sindicatos e das organizações comunitárias à Aliança Democrática de não dar ouvidos às reivindicações populares e de só atender às exigências do capitalismo industrial e dos proprietários rurais, encontra uma adesão prudente da Igreja. O único ponto de identidade da centro-direita com a hierarquia ainda é o comum combate ao comunismo, mas o Partido Comunista Português, não obstante a boa soma de mandatos parlamentares (40 no Parlamento que terminou agora), não representa no país qualquer alternativa de Governo.

Segundo o Bispo de Bragança, D Antonio José Rafael, há em Portugal dois países dentro de um país e que praticamente se ignoram. De um lado, o país urbano, que "nunca perde porque os seus preços e salários sobem sempre, nunca dá, só sabe reivindicar, onde tudo está a saque, onde todos são reis mas ninguém trabalha, onde é mais fácil desfazer um contrato matrimonial do que um contrato de trabalho".

O outro país, o rural, "nunca deixa de perder e diminuir, porque os seus preços e rendimentos nunca são seguros, nunca recebe, é responsável até das dívidas que não contraiu, tem coragem de poupar e ser honrado nos seus débitos. Sabe dizer-se proprietário só do que agenciou do seu suor, nunca pode trabalhar menos horas do que sol a sol".

Essas palavras de um Bispo do Nordeste transmontano, a zona mais pobre do país, representam uma visão extrema de Portugal mas refletem também um certo protesto generalizado nas populações do interior, dirigido ao poder instalado em Lisboa. Para a Igreja, o poder se afasta progressivamente das comunicações, sem que seus problemas mais agudos sejam resolvidos ou tenham promessas concretas de solução.

O caso da reforma agrária é bem típico. Uma questão dramática nas administrações de esquerda, com invasão da propriedade e conflitos armados, transformou-se com a centro-direita em um simples caso de polícia, em torno do qual toda veleidade dos camponeses em garantir a posse da terra é respondida com a ação policial, a força e o arbítrio. Uma exceção a essa regra foi a decisão do Governo, às vésperas das eleições, de elevar para 9 mil escudos o salário mínimo nacional.

Democracia

Os Partidos da centro-esquerda, sem exclusão dos comunistas, reclamam agora o fim da lua-de-mel da centro-direita com o Poder, sob alegação de que chegou o momento de consolidar a democracia portuguesa, construir a sociedade democrática dos propósitos da revolução de 25 de abril e não ceder aos caprichos de uma classe dirigente menos interessada em erigir o Estado como expressão de sociedade civil do que em materializar os desejos e as intenções de grupos sociais restritos, reacionários e comprometidos só com o Poder.

A centro-direita vincula as eleições gerais às presidenciais na tentativa de ganhar as duas para tornar imbatível, nos próximos quatro anos, o projeto de modificações políticas e administrativas profundas, de forma a forjar uma nova Constituição sem veleidades socialistas e retificar o rumo da revolução democrática portuguesa. A centro-esquerda reage e conta neste particular com um aliado importante que é o Presidente Ramalho Eanes, com sua possibilidade de vitória nas presidenciais com maioria absoluta.

Esse antagonismo é expresso nos jornais, na rádio e na televisão, nos impressos, volantes e cartazes de propaganda, também nos grupos, por **slogans** que não respeitam limites para atingir seus objetivos. O Primeiro-Ministro Sá Carneiro é acusado de escândalo financeiro por alegada dívida de 33 milhões de escudos a um banco nacionalizado. A centro-direita contra-ataca chamando o Presidente de "grande traidor" e a esquerda de "o lobo mau" que se prepara para devorar a nação. O candidato da Aliança Democrática à Presidência não fica de fora, é cognominado de "o Himmler de Angola".

As hipóteses de **virada** da esquerda encontram alguns obstáculos de percurso, entre os quais a divisão entre socialistas e comunistas. Os comunistas, que deverão ter candidato próprio à Presidência, poderão na segunda volta, se houver, apoiar o General Eanes. Mas, não é isto o que os preocupa. Eles estão interessados em um acordo "historicamente inevitável" com o Partido Socialista, que, no entanto, os socialistas recusam-se a formalizar, isolando o PCP e retirando-lhe a oportunidade de uma alternativa de Governo.

Juarez Bahia é o correspondente do JORNAL DO BRASIL em Lisboa.

A esquerda: Álvaro Cunhal (PC) e Mário Soares (PS)

General Soares Carneiro

Presidente Ramalho Eanes

NAS PRAÇAS, A GUERRILHA DOS CAMELÔS DA POLÍTICA

NO Rossio, praça maior de Lisboa, a multicolorida atividade dos propagandistas políticos é quase uma cena brasileira. Com certeza, é uma carnavália portuguesa, sem tambores e cuícas, mas com cerveja, guitarras e palavras-de-ordem.

Cada Partido possui uma zona de influência bem demarcada. Há, porém, um momento em que tudo se mistura, e por cima das mesinhas com farto material impresso e megafone em punho, ou com potentes alto-falantes, os mercadores de legendas lançam-se na guerrilha oral. A multidão em volta observa, ri, aplaude, vaia.

Os apelos mais comuns são o Watergate português, *um tiro de canhão comunista no Governo Sá Carneiro, ou a escandalosa dívida de Sá Carneiro à banca. Folhetos ilustrados e apoio verbal emolduram a ação dos propagandistas. Haja pulmão para lançar longe a voz, porque oradores não faltam. A Aliança Democrática, a centro-direita no Poder, não fica atrás e aciona o caso da espionagem vermelha em Portugal e de como um líder socialista pode manter em Paris uma vivenda luxuosa.*

O clima é de feira popular do Nordeste brasileiro, e nem falta o calor destes últimos dias de verão europeu, uma intervenção ou outra, esporadicamente da assistência, lembra também os grupos que antigamente se reuniam na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, quando era mais regular a ocorrência de eleições no Brasil.

"Viva o Dr Sá Carneiro", gritam uns. "Viva o Dr Mário Soares", imediatamente respondem outros. Quando os comunistas insinuam a desonestidade do Primeiro-Ministro, os centro-direitistas afirmam aos berros a sua honestidade, capacidade, integridade e inteligência. E desfecham acusações, no mesmo tom, ao secretário-geral do PC, Álvaro Cunhal. Então ouvem-se exortações: "Viva o Dr Álvaro Cunhal".

Essa atividade intensa dos camelôs da política portuguesa no Rossio, ou em qualquer outra praça de grande movimento em outras cidades, obedece a um bem dirigido emprego de energia física. Os Camelôs têm horário. Começam sua faina por volta das 10 da manhã, observam três horas de repouso para o almoço, das 12h às 15h, e retornam com todo vigor até as 19h. Seriam funcionários zelosos? Não, são voluntários militantes que, no entanto, praticam as regras do bom senso, evitam os conflitos, nunca dão razão à polícia para intervir.

Aliança Democrática busca votos no Brasil

Jorge Pontual

"OU nós ou a crise". Este é o **slogan** da campanha da Aliança Democrática, lançada no Brasil esta semana pelo Deputado Carlos de Macedo, presidente da Comissão Política Nacional do Partido Social Democrático português. Em contatos com a comunidade portuguesa em São Paulo e Rio, ele trouxe esclarecimentos sobre a atualidade política portuguesa e preparou o terreno para a próxima visita dos candidatos a deputados pelo PSD.

O visitante constatou que desde as eleições parlamentares de dezembro passado já dobrou o número de eleitores inscritos em São Paulo e Rio, sinal do interesse despertado pelo debate político em Portugal. Como promessa específica aos emigrantes, o Primeiro-Ministro Sá Carneiro garante que, se vitorioso em 5 de outubro, fará aprovar imediatamente as leis que passam de quatro para 10 o número de deputados eleitos pelos 3 milhões de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo.

Mobilizar os emigrantes para o voto em 5 de outubro não é suficiente para o enviado da AD (Aliança Democrática). A eleição presidencial de 7 de dezembro é tão ou mais importante, pois, se o General Ramalho Eanes for reeleito Presidente, o atual impasse político vai aprofundar-se, no entender da AD.

Daí, a preocupação do Sr Carlos de Macedo de desfazer a imagem que o General Eanes mantém em alguns setores da comunidade portuguesa. "Sei que até em certos setores brasileiros o Gen. Ramalho Eanes tem a imagem de um Presidente moderado, que tem colaborado extraordinariamente com os setores democráticos portugueses. Isto não é verdade: o foi quando de sua eleição. Eleito na maioria pelos setores democráticos, portanto os atuais Partidos do Governo e uma parte do Partido Socialista, a partir de 1977, gradualmente, o Presidente da República foi se afastando do eleitorado que o elegeu e aproximando-se dos setores socialistas marxistas e tendo o apoio dos comunistas, que combateram sua eleição."

O Sr Carlos de Macedo trabalhou como assessor muito próximo do Presidente Ramalho Eanes, em sua Casa Civil, até maio de 1977, quando se afastou por entender que o General sofrera uma "mutação" política. "Esse desvio", explica, "resulta de uma falta de informação política por parte do General Ramalho Eanes. É uma pessoa relativamente mal preparada do ponto-de-vista político. Não tinha no início do seu mandato, nem hoje tem, uma bagagem cultural política capaz de resistir às pressões de uma sociedade que estava numa mutação, numa dinâmica extraordinariamente interessante. Por isso se deixou confundir, se deixou levar para além dos compromissos existentes, para zonas que são de fato contrárias àquilo que nós inicialmente julgávamos ser a sua forma de pensar."

O líder da Oposição de esquerda em Portugal, segundo o Sr Macedo, não é o chefe do Partido Socialista, Sr Mário Soares, e sim o General Ramalho Eanes. Ele seria o responsável por todos os vetos que o Conselho da Revolução impôs a leis introduzidas pela AD. "MUitos portugueses e brasileiros julgam que o Conselho da Revolução, por ser um órgão colegial, está pressionando continuamente o Presidente da República. Ora, é precisamente o contrário. A ala esquerdista, com socialistas, marxistas e outros até comunistas, é aquilo que o Presidente quer que ela seja. Nunca toma posições contrárias à sua vontade".

A hipótese de reeleição de Eanes é descartada pelo Deputado do PSD, médico e ex-Secretário de Estado da Saúde no quarto e no sexto Governo provisórios, em 1975. Ele tem certeza da vitória da aliança Democrática em 5 de outubro, e acha que quem ganhar a primeira leva a segunda eleição. Mas admite discutir dois "cenários" que considera improváveis: vitória da AD e de Eanes, mantendo-se a atual divisão Governo vs. Presidência; ou derrota da AD e de seu candidato presidencial, General Soares Carneiro, dando ao "bloco de esquerda" Governo e Presidência.

No primeiro caso, o Deputado Macedo prenuncia o agravamento do atual bloqueio às iniciativas do Primeiro-Ministro. "Isso levaria a uma situação de instabilidade democrática e institucional bastante grande. O desfecho dessa situação não posso dizer qual seria, não sou futurologista. Com certeza não seria uma saída democrática. Iríamos atravessar novamente um período de grande confusão política, semelhante em certa medida a 1975. E digo em certa medida porque o domínio comunista não seria tão acentuado como foi em 1975."

Na segunda hipótese, ele crê que Portugal iria entrar "num confusionismo esquerdista liderado por um General de quatro estrelas que se diz partidário da NATO, do Ocidente e da Europa, mas que é apoiado por forças socialistas marxistas, com alguns setores que não concordam com a NATO, e por um Partido Comunista que não concorda de todo nem com Europa, nem com liberdade, nem com o Ocidente. Deve ser um caso único no mundo ocidental, um General de quatro estrelas, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Presidente da República, liderar um bloco com este colorido político".

Pelo fato de que não se formaria uma maioria parlamentar de esquerda — pois "o PS nunca se juntará formalmente ao PCP, devido a um mecanismo de defesa típico do Dr Mário Soares" — o Sr Macedo prevê "uma crise de estabilidade, com impossibilidade de Governos coerentes com maioria parlamentar, tentando apoios à esquerda e à direita para **épater le bourgeois** e demonstrar que não estão tão ligados à esquerda como se diz".

Daí o **slogan** de campanha, "ou nós ou a crise". Não haver alternativa para a Aliança Democrática "é infelizmente desagradável em termos democráticos, mas é a realidade", diz o Sr Carlos de Macedo. Para reforçar essa tese, a campanha eleitoral aberta nesta última sexta-feira vai destacar o que o Governo Sá Carneiro fez ao longo destes oito meses, embora suas principais promessas, como a abertura de setores-chaves da economia à iniciativa privada, tenham sido bloqueadas.

Se vitoriosa em 5 de outubro, e com o General Eanes afastado da Presidência em 7 de dezembro, a Aliança Democrática dará início à revisão constitucional que acredita necessária para estabilizar a democracia em Portugal. Primeiro, introduzindo na legislação o referendo, como instrumento de mudança da Constituição. Depois, submetendo a referendo popular a supressão do atual Artigo 290, que exige a maioria de dois terços para emendas que alterem pontos essenciais da Lei Base. A partir daí, o Parlamento eleito em outubro teria poderes constituintes, e a Maioria poderia rever em profundidade a atual Constituição.

"Queremos uma constituição desdogmatizada, tocando no essencial quanto aos direitos, liberdades e garantias, apontando no setor econômico para uma economia de mercado, sem estar espartilhada a um modelo. Economia de mercado já diz tudo, retirando todos os aspectos do socialismo marxista de que a atual Constituição está impregnada. Para o setor político, queremos manter o sistema semipresidencial, mantendo alguns poderes do Presidente da República, mas não tantos quanto hoje. Não deverá ser ele o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, e não poderá destituir um Governo majoritário, só aqueles de sua iniciativa ou minoritários" adianta o Deputado.

Quanto às ameaças de golpe contra o Governo Sá Carneiro (o Major Vasco Lourenço disse, recentemente, que entraria para a clandestinidade caso fossem eliminadas as conquistas do 25 de Abril), o Sr Macedo é incisivo: "A perspectiva de golpe é por nós encarada como uma atitude incrível, antidemocrática, que, só da cabeça completamente vazia do Conselheiro Vasco Lourenço, se pode conceber. Uma hipótese de golpe por parte desse setor político-militar, o setor melo-antunista, não tem qualquer viabilidade. Em primeiro lugar não teria o apoio da larga maioria do povo português, e não teria a mínima viabilidade no seio das Forças Armadas". "Portanto, isso é um floreado político de um homem desesperado que está a chegar ao fim de seu reinado e que gostaria de manter uma posição de privilégio, que a revolução lhe proporcionou e que não corresponde às suas capacidades, quer intelectuais, quer políticas. Se o Sr Vasco Lourenço quer ir para a clandestinidade, para nós é completamente indiferente. Até é mais fácil porque era a maneira de não o encontrarmos diariamente nas ruas de Lisboa".

Frente às várias declarações do General Eanes de que se disporia a destituir o Governo Sá Carneiro, há cerca de dois meses, o Sr Carlos de Macedo insiste que não causaram preocupação à AD: "É evidente que isso para nós seria ótimo. Se o Presidente da República tivesse demitido o primeiro Governo majoritário eleito democraticamente em Portugal pós-25 de Abril, isso só nos traria dividendos eleitorais".

A bipolarização que se observa na política portuguesa, com um bloco à direita e outro à esquerda, sem possibilidade de composições, também não assusta o presidente da Comissão Política Nacional do PSD: "Temos defendido a bipolarização. Esta é fundamental para a vida política portuguesa, dado que, como a concebemos, não se trata de uma fratura no tecido social, nem de um maniqueísmo, mas, sim, de um processo de clarificação das forças políticas nacionais".

"Tendo nós uma concepção de sociedade diferente da que atualmente ainda existe em Portugal, e havendo outras forças políticas como o PS e o PC, que apontam de uma forma mais ou menos acentuada para um projeto coletivista, temos a obrigação de esclarecer o eleitorado, de dizer que Portugal de fato tem dois modelos que são defendidos por dois blocos políticos".

Essa bipolarização da política portuguesa parte de uma causa mais profunda, para o Sr Carlos de Macedo: "Temos em nossa Constituição duas legalidades, uma democrática e outra revolucionária. O Poder revolucionário, que se herdou do golpe de 25 de abril, tem como expressão, como símbolo, o atual Conselho da Revolução, que é um órgão de soberania mas não é um órgão democrático, já que não foi eleito pelo povo português. Só depois da revisão constitucional na próxima assembléia legislativa estaremos em plena fase democrática porque será extraído da Constituição tudo aquilo que foi adquirido durante o período revolucionário".

Jorge Pontual é o editor de Internacional do JORNAL DO BRASIL

Foto de Evandro Teixeira

Carlos de Macedo veio ao Brasil para expor aos portugueses a situação política, do ponto-de-vista da Aliança Democrática

A LEI ORGÂNICA DA MAGISTRATURA E A FEDERAÇÃO

Balthazar G. Barbosa

NA primeira Constituinte republicana, um dos temas mais discutidos foi a Federação. Dois pontos eram principais no debate: a organização dos poderes e a distribuição de competência tributária. Houve quem pretendesse fosse a Justiça somente federal, mas a reação foi pronta e vitoriosa. Entendiam os primeiros que a dualidade da magistratura só era essencial na confederação, mas a opinião prevalente foi a de que era necessária na federação. Disse o constituinte Leopoldo Bulhões, referindo-se ao conselheiro Saraiva, que este era federalista e como tal não podia votar contra a dualidade, "uma necessidade na federação". **(Anais Const. República**, 2ª ed. 1926 — Imprensa Nacional, vol. II p. 133).

Campos Sales, então Ministro da Justiça, depois de frisar a independência do Legislativo e do Executivo estaduais disse: "O Poder Judiciário também não tem superior hierárquico fora dos limites territoriais do Estado"... "É certo, portanto, que, segundo este mecanismo, os poderes do Estado não se acham subordinados aos da União". **(Anais cits. p. 241).**

Tão importante foi julgada a independência dos poderes estaduais em relação com a União que se admitia a sua prevalência, para a Federação, sobre a distribuição de rendas. Assim discursou Serzedelo Corrêa: "A meu ver, o princípio federativo é muito mais amplo (do que o problema da discriminação de rendas), ele gira, especialmente, em torno da independência, da autonomia dos poderes locais; ele depende mais dessa questão da magistratura (dualidade) do que dessa questão de renda". **(Anais, III/ 129).**

Em exposição de motivos dirigida ao Chefe do Governo Provisório, o então Ministro Campos Sales escrevia: "... é substancial e característico de um regime federativo a coexistência de um Poder Judiciário Federal, e de um Poder Judiciário local, cada um desenvolvendo a sua ação dentro da respectiva esfera de competência, sem subordinação, porque são soberanos, e sem conflitos, porque cada um conhece a natureza dos interesses que provocam a sua intervenção". (Agenor de Roure — **A Constituinte Republicana** — Publicação do Senado, 1979 — p. 5).

Essas foram as idéias que prevaleceram na Constituinte.

Referindo-se aos princípios do direito constitucional brasileiro adotados na primeira constituição republicana, já com as emendas de 1926, disse Paulo Lacerda: "Considerando o Poder Judiciário estadual como integrância da autonomia do respectivo Estado, de acordo com o princípio básico do sistema federativo adotado pela constituição federal, resultou a norma da sua separação e independência em face do Poder Judiciário federal, firmada no art. 61 e implicitamente contida no art. 59, 1, hoje 60, 1: as decisões dos juízes e tribunais dos Estados, nas matérias da sua competência, porão termo aos processos e às questões. E a regra ficou reafirmada pelos seis casos de recurso extraordinário que, exatamente porque exceções, necessariamente a supõem." **(Princípios de Dir. Constitucional Brasileiro,** vol. II — s/d — n. 666, p. 506).

Carlos Maximiliano explicava que "de modo geral permitiu-se que os Estados organizassem, como entendessem, o seu governo e administração; estabeleceu-se uma ressalva **apenas** — a do respeito aos princípios constitucionais da República" **(Coment. à Const. Brasil., ed.** 1918, p. 644).

Comparando a federação com a descentralização nos estados unitários, afirmou Manoel Gonçalves Ferreira Filho: "Há (...) federação e não apenas descentralização, toda vez que a Constituição estabelecer para uma coletividade de interna autonomia com órgãos próprios não subordinados aos centrais, e com um número irredutível de competências". **(Coment. à Const. Brasil.**, 1º vol., 1972, p. 53).

PARA proteção da forma federativa adotada, proibiu a Constituição fossem admitidos projetos de reforma tendentes a abolir a forma republicana federativa ou a igualdade da representação dos Estados no Senado (art. 90, 4º).

As Constituições posteriores, com exceção da de 1937, mantiveram a proibição. Diz a em vigor, no art. 47, que a Constituição poderá ser emendada, e no primeiro parágrafo: "Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir a Federação ou a República." A Emenda n. 1 limitou-se a copiar o parágrafo primeiro do Artigo 50 da Constituição de 1967.

Seria grosseira a interpretação que admitisse como vedada apenas a proposição que estabelecesse: é extinta a Federação; ou declarasse: o Brasil é uma República Unitária; ou propusesse outra fórmula semelhante. A proibição constitucional inclui toda e qualquer emenda **tendente** a abolir a Federação. Aliás, como disse Francisco Campos, as emendas constitucionais não podem alterar e, muito menos, mudar o sistema e o espírito da Constituição.

Sustenta ele que o dispositivo proibitivo de aceitação de proposta tendente a abolir a Federação e a República não exclui outras limitações ao poder de emendá-la e que a finalidade daquela proposição constitucional foi dar ênfase especial a possíveis projetos tendentes a abolir a Federação e a República, e que a Constituição "se restringiu a prescrever para tais projetos uma cominação singular, a de serem recusados pela própria mesa da Câmara Legislativa a que forem apresentados". (R.F. 221/37.)

Em várias passagens acentua que a emenda não se confunde com reforma e que aquela é uma expressão de conotações mais limitadas e mais modestas. (Rev. cit., p. 35.) O parecer citado referia-se à Constituição de 1946, cujo art. 217, § 6º, tinha dispositivo idêntico ao do art. 47, § 1º, da Constituição em vigor.

Não há dúvida de que nem será objeto de deliberação a proposta de emenda que **tenda** a abolir a Federação. A própria redação do texto constitucional mostra com clareza que a emenda inadmissível não é apenas a que tenha por fim abolir a Federação, mas a que tenda, que se incline, que propenda, que se encaminhe, que se aproxime do fim proibido, que é a abolição da Federação.

AS federações existentes atualmente não são iguais mas estão na extensão do termo. Há, por conseguinte, traços comuns e traços distintivos.

Segundo Burdeau, "...**les États membres disposent d'une compétence propre fixée par la constitucion fédérale, en matière législative, executive ou juridictionnelle. La discrimination des compétences entre le gouvernement fédéral et les gouvernements locaux se fait soit par enumération des compétences respectives, soit par enumération des compétences fédérales, ce qui implique présomption que les matières non visées sont de la compétence des États membres, soit enfin par énumération des compétences des États membres, ce qui emporte la présomption inverse**". (Georges Burdeau — **Droit Constitutionnel et Institutions Politiques** — 16ª ed., 1974 — p. 52.) Na competência reservada aos Estados-membros está ínsito o poder de legislar livremente sobre as matérias que lhes foram deixadas pela Constituição. (Ob. cit. p. 52.)

As Constituições republicanas, no Brasil, deixaram aos Estados-membros a competência para se organizarem e eles se regerão pelas Constituições e leis que adotarem, respeitados os princípios estabelecidos na Constituição federal (Art. 13 da Const. em vigor). E quanto à Justiça estadual, diz o Art. 144 que os Estados a organizarão, observados os dispositivos constitucionais federais expressamente citados. Quanto a essas regras não houve solução de continuidade na história republicana do país. E a intervenção federal só cabe nos casos expressamente consignados na Constituição. (Const. de 1891, Arts. 6 e 63; de 1934, Arts. 12 e 104; de 1937, Arts. 8, 9 e 103; de 1946, Arts. 7, 18 e 124; de 1967, Arts. 10, 13 e 136; E. C. n.1, de 1969, Arts. 10, 13 e 144).

Quando a Constituição proíbe emenda que tenda a abolir a Federação está vedando que se altere o modelo constitucional de Federação, isto é, que se modifique o que é essencial à federação adotada pelo Brasil. Não permite, portanto, que se altere, em primeiro lugar, o que é essencial ao sistema federativo, ou seja, aquela autonomia com órgãos próprios não subordinados aos centrais, e, depois, tudo aquilo que, segundo o modelo brasileiro, é essencial ao sistema.

Ficam proibidos, portanto, pelo Art. 47, § 1º, emendas que subordinem um dos poderes estaduais aos federais, assim como as que atribuam à União competências exclusivas dos Estados-membros.

Por emenda à Constituição não é possível subordinar administrativamente a Justiça dos Estados a Tribunal federal, ainda que seja o Supremo. Também não é possível editar normas sobre organização judiciária estadual, pelo mesmo motivo. Segundo a Constituição, os Estados organizarão a sua Justiça, observados os dispositivos que o Art. 144 da mesma Constituição determina. Aliás, os Estados se organizarão e regerão pelas Constituições e leis que adotarem, respeitados os princípios estabelecidos na Constituição Federal (Art. 13) e aos Estados são conferidos todos os poderes que, explícita ou implicitamente, não lhes sejam vedados pela Constituição. (§ 1º Art. 13).

Esses poderes são essenciais à Federação brasileira. Não podem ser modificados por emenda constitucional. Emenda a respeito não será objeto de deliberação. (Art. 47, 1º).

PARA edição da Emenda nº 7 foi invocado o AI-5, de 13.12.1968, no seu Art. 2, parágrafo primeiro, segundo o qual, decretado o recesso parlamentar, o Poder Executivo (federal, estadual ou municipal) "fica autorizado a legislar em todas as matérias e exercer as atribuições previstas nas Constituições ou na Lei Orgânica dos Municípios".

Deixando de lado a discussão sobre se o Executivo assume também o poder de emenda durante o recesso do Legislativo, o que já foi contestado com fortes argumentos — ver artigo de José Afonso da Silva, professor na Faculdade de Direito da USP, in Rev. For., 259/73 e segs. — e tomando como hipótese de trabalho que tenha essa competência, é evidente que a terá com a limitação que a própria Constituição dá ao Legislativo.

O AI-5 deu ao Executivo, no inciso por este invocado, apenas o poder de substituir o Legislativo durante o recesso deste. Disse o legislador da E. C. nº 7: "O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o § 1º do Artigo 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1938", e diz o § 1º do Art. 2 do AI-5: "Decretado o recesso parlamentar, o Poder Executivo correspondente fica autorizado a legislar em todas as matérias e exercer as atribuições previstas nas Constituições ou na Lei Orgânica dos Municípios".

Como se vê, não deu o AI-5 ao Executivo poder maior de legislar do que o que normalmente cabe ao Legislativo. Substituindo o Legislativo está o Executivo limitado pelas limitações deste. E isso vale tanto para as limitações explícitas, como a referente à Federação, como para as implícitas, como para as referentes aos direitos fundamentais e suas garantias que não podem ser diminuídos, podendo apenas ser ampliados, (Const. Art. 153, § 36 — V. R. F. 259/73).

NÃO há regra proibitiva da decretação da inconstitucionalidade. É inincovável, no caso em exame, o Artigo 11 do AI-5, segundo o qual "excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato Institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos". O próprio legislador chamado revolucionário colocou limites às suas atividades.

Em primeiro lugar, aceitou a hierarquia das leis, conservando a superioridade da Constituição e mantendo o poder do Judiciário de declarar a inconstitucionalidade das leis e de atos do poder público (Const. Art. 116). Fiel ao princípio da hierarquia e advertido da distinção entre poder constituinte e poder de emenda, o Presidente da República, entendendo necessário modificar a competência do Supremo, baixou o Ato Institucional nº 6, de 1.2.69, invocando o poder constituinte revolucionário, pois considerou que "como órgão máximo do Poder Judiciário, o Supremo Tribunal Federal é uma instituição de ordem constitucional, recebendo da Lei Maior, devidamente definidas, sua estrutura, atribuições e competência".

Já para as modificações constitucionais feitas na E. C. nº 7, de 13.4.1977, invocou o seu autor o poder de emendar a Constituição: "Considerando que a elaboração de Emendas à Constituição compreendida no processo legislativo (Art. 46, I) está na atribuição do Poder Executivo Federal, promulga a seguinte Emenda ao texto constitucional". Não se confunde o poder de emenda com o poder constituinte originário.

Invocando o poder constituinte em um caso e o de emenda em outro, mostrou claramente o legislador revolucionário acatamento ao sistema jurídico hierárquico e isso ficou ressaltado nas considerações que antecedem um e outro ato legislativo. Se não houvesse superioridade da Constituição sobre as leis — uma e outra editadas pelo Governo revolucionário — não teria sentido que se editasse ora legislação de categoria constitucional, ora legislação de categoria inferior.

O ordenamento jurídico deve ser consistente. O Artigo 1º do AI-5 diz que é mantida a Constituição de 24 de janeiro de 1967 com as modificações constantes do próprio ato. Não aboliu a regra de deverem as leis inferiores conformar-se com a lei maior, nem a de apreciação da constitucionalidade das leis pelo Judiciário. O que o Artigo 11 exclui da apreciação judicial é o mérito dos atos praticados sob invocação do ato institucional.

O AI de 9 de abril de 1964 determinava investigações sumárias para o fim de demissão, dispensa, disponibilidade ou aposentadoria dos que tivessem garantia de vitaliciedade ou de estabilidade e dizia no parágrafo quarto: "O controle jurisdicional desses atos limitar-se-á ao exame de formalidades extrínsecas, vedada a apreciação dos fatos que os motivaram, bem como da sua conveniência ou oportunidade." Esse é o espírito do Artigo 11 do AI-5: subtrair ao Judiciário o exame do mérito dos atos, mas não a sua legalidade, isto é, a sua adequação às normas legais que o próprio autor do ato reconhece como vigorantes.

O Artigo 173 da Constituição de 1967 distingue os atos legislativos dos não legislativos. Diz: "Ficam aprovados e excluídos de apreciação judicial os atos praticados pelo Comando Supremo da Revolução de 31 de março de 1964, assim como: I) pelo Governo federal, com base nos Atos Institucionais n.1...2...3...4... e nos Atos Complementares dos mesmos Atos Institucionais; II) ..., III) os atos de natureza legislativa expedidos com base nos Atos Institucionais e Complementares referidos no item II".

A distinção é clara: quando se fala em atos, simplesmente, são os não legislativos; quando se trata destes, vai o adjetivo junto. Comentando o Artigo 173, III, diz o egrégio Pontes de Miranda: "Quando lei (ou decreto-lei), ou decreto, ou regulamento, ou qualquer outra espécie de regra jurídica viola algum princípio constitucional, a **nulidade** de tal regra jurídica resulta de haver infringido o que o sistema jurídico reputa protegido pela rigidez da Constituição". **(Comentários à Const. de 1967**, t. VI, p. 415). O que se disse aplica-se ao Art. 181 da E.C.n.1, de 17 de outubro de 1969.

TUDO, na E.C. n.7, que violou as normas sobre a federação é inconstitucional por desrespeitar a proibição do parágrafo primeiro do Art. 47. Não pode a Emenda submeter a Justiça estadual a poder disciplinar federal, não pode dar regras diferentes das constantes da Constituição de 1967 sobre a organização judiciária dos Estados-membros. Vale ainda o que disse então o Ministro da Justiça do Governo Provisório, acima citado: "... é substancial e característico de um regime federativo a coexistência de um Poder Judiciário Federal, e de um Poder Judiciário local (...) sem subordinação".

Não pode, também, a Emenda dar ao Supremo competência para avocar qualquer ação da competência da Justiça estadual, pois pelo sistema federativo, como disse Paulo de Lacerda na citação acima a respeito da primeira Constituição republicana, "... as decisões dos juízes e tribunais dos Estados, nas matérias da sua competência, porão termo aos processos e às questões", com a só exceção dos recursos extraordinários nos casos fixados na Constituição.

A denominada Lei Orgânica da Magistratura Nacional baseia-se na emenda inconstitucional. Tudo o que dispõe violando as regras constitucionais sobre a federação é inconstitucional. Assim, as normas que edita sobre a subordinação disciplinar da Justiça dos Estados a um Tribunal federal, as que distribuem competência dos órgãos judiciários estaduais, a que cria casos de interferência do Supremo nos julgamentos das Justiças locais, além dos casos previstos na Constituição de 1967, são inconstitucionais.

NEM se pode falar em tendência para a centralização. Em primeiro lugar, não pode haver concessões a respeito, enquanto vigorar o parágrafo primeiro do Art. 47. Em segundo, está havendo reação veemente contra o excesso de centralização, inclusive no que se refere à renda das entidades menores, Estados-membros e municípios. Em terceiro, não há nada que justifique a subordinação dos poderes estaduais aos federais, pois isso seria terminar definitivamente com a federação.

Balthazar G. Barbosa, desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, é o relator-geral do anteprojeto de Constituição em elaboração pela OAB.

A CRISE E O ESTADO DE DIREITO

Marcio Correia Vianna

A Crise do Direito é a expressão pela qual se pretende traduzir um amplo espectro de inadequações do Direito às necessidades e aspirações plausíveis da sociedade brasileira. Embora se manifeste em escala internacional, facilmente se constata que essa crise vem entre nós alcançando proporções mais graves e, conseqüentemente, impondo custos sociais, políticos e econômicos mais drásticos.

Poucos são os que a negam e, mesmo assim, em razão de uma distorcida visão do Direito como simples instrumento de coação social, sem qualquer substrato moral ou axiológico. Ainda que largamente reconhecida, a crise tem contornos de difícil percepção, ensejando acirradas divergências doutrinárias.

Muitos sustentam que é um reflexo direto e necessário de crises mais abrangentes: a do homem, em seu desencontro interior, e a sociedade, em sua aflitiva desorganização massificada. Se ambos estão em crise, o Direito, que lhes é inerente, não poderia estar imune a uma crise própria.

Outros preferem explicá-la como resultante lógica de outra crise específica, a da ciência jurídica, que estaria padecendo de um doloroso conflito entre a imensa relatividade de seus pressupostos e "verdades" e a crescente ânsia de objetividade e certeza jurídica.

Porém, é sobretudo na trilha do pensamento de Max Weber que devem ser centradas as reflexões sobre a crise do Direito, abordando-a sob o relevante aspecto de sua aplicabilidade. A questão básica a ser dirimida versa sobre a eficiência da "administração" do Direito, sensivelmente comprometida com a "patologia da burocracia" que tanto aflige a sociedade moderna.

Evite-se, preliminarmente, o enfoque simplificado tendente a reduzir a solução do problema a algumas medidas casuísticas de cunho essencialmente formal e acessório, tipo "programas de desburocratização". Impõe-se endereçar a crítica às pródigas manifestações patológicas da burocracia em sentido lato, ou seja, às denominadas **disfunções burocráticas.**

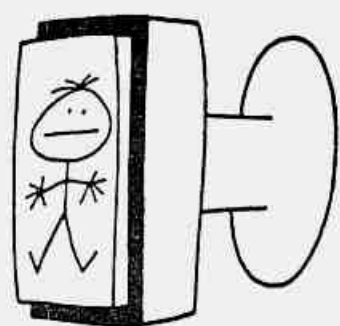
Dentre tais disfunções destacam-se o automatismo dos trâmites inúteis e o abuso de autoridade, por sua vez geradoras de morosidade nos procedimentos e de criação de condições favoráveis à indústria da corrupção.

Parece-nos inaceitável a interpretação fatalista dessas disfunções, numa conivente acomodação crítica que as justifica como uma mal irremediável das macroorganizações. Não resta dúvida que essas disfunções beneficiam excusos interesses individuais. Lamentável, ainda, que delas também se aproveitem, dolosamente ou não, substanciais interesses políticos.

Isto porque os trâmites inúteis e os abusos de autoridade se propagam em todas as fases da "administração" do Direito: na legislativa, através da edição sistemática de normas jurídicas casuísticas, outorgando na prática amplos poderes decisórios notadamente a agências governamentais; na executiva, através de uma administração autoritária e discricionária dos ditames preconizados nas referidas normas; e na judiciária, através de uma aparelhagem judicial cara e morosa, dificultando especialmente o controle dos atos governamentais e a reparação dos abusos perpetrados, enfim, consagrando a impunidade.

O termômetro mais rudimentar a aferir essa crise do Direito é a própria opinião pública e a deterioração da confiança no Direito, em seu sentido axiológico, como sinônimo de justiça, já é acentuada. Difunde-se, entre os advogados, o exercício de fé no **Estado de Direito**, o **Rechtsstaat** tão defendido pelos juristas alemães, como solução efetiva e já tardia para a crise do Direito.

Às disfunções burocráticas, aos trâmites inúteis, aos abusos de autoridade, à morosidade, à corrupção e à truculência devem ser opostos o primado da lei e a obstinada perseguição da justiça. Esses ideais deixarão de ser utópicos e acadêmicos quando o Estado efetivamente estiver dominado e limitado pelo Direito. Este então melhor se adequaria às plausíveis aspirações de nossa sociedade.

Marcio Correia Vianna é professor de Direito Econômico e Comercial da PUC-RJ

CO-GESTÃO E OUTRAS MODALIDADES DE PARTICIPAÇÃO

Geraldo Bezerra de Menezes

CONQUANTO, a rigor, não se possa falar em co-gestão no plano do direito individual do trabalho, ou seja, da livre contratualidade, são freqüentes os casos de antigos empregados admitidos em postos modestos e que atingem, com o correr dos anos, posição de relevo e mando na empresa: gerentes, diretores de departamentos, diretores gerais e outros. O que não impede a nomeação de novos empregados, diretamente para essas funções de alto nível. Num e noutro caso, participa o titular o chamado cargo de direção, técnica ou administrativa, de largo poder de coordenação, de disciplina e controle.

O tema, de ressonância sociológica, econômica e jurídica, vem suscitando questões novas na disciplina trabalhista, entre elas a da função diretiva como profissão e o conseqüente aparecimento de nova categoria profissional diferenciada — a de dirigentes de empresa — assim como a distinção e relacionamento entre empresários proprietários e gerentes profissionais, estes, de "colaboração imediata" e "responsabilidade direta", segundo Pergolesi.

A visão do problema sob duplo ângulo também ocorre com a participação nos lucros, em que se distingue a coletiva da individual, decorrente, esta, do contrato de trabalho.

Tipo de participação do pessoal através de **comissões internas**, nós o temos no setor de acidentes do trabalho. Segundo o disposto no Art. 82 do Decreto-Lei 7 036, de 10/11/44, "os empregadores cujo número de empregados seja superior a 100, deverão providenciar a organização em seus estabelecimentos, de **comissões internas com representantes de empregados**, para o fim de estimular o interesse pelas questões de prevenção de acidentes, apresentar sugestões quanto a orientação e fiscalização das medidas de proteção ao trabalho, realizar palestras instrutivas, propor a instituição de concursos e prêmios e tomar outras providências tendentes a educar o empregado na prática de prevenir acidentes".

Naturalmente, esta disposição pouco significa no plano da representação do pessoal. Entretanto, em alguns países, as comissões de segurança e higiene constituíram, historicamente, o ponto de partida de uma colaboração coletiva mais extensa dos empregados.

Duas antigas manifestações ocorrem-me de pronto. Tristão de Ataíde, em artigo publicado no JORNAL DO BRASIL a respeito da co-gestão, declara que "o princípio já constava do programa da Liga Eleitoral Católica de 1933". Por outro lado, o 2º Congresso Brasileiro de Direito Social, realizado em São Paulo, em 1946, pelo Instituto de Direito Social, então dirigido pelo famoso Cezarino Júnior, aprovou recomendação reconhecendo que "a participação dos empregados na gestão da empresa é um ideal a ser atingido por etapas, subordinando-se a sua efetividade à preparação dos trabalhadores e à sua gradativa integração na administração da empresa". E indicou "os conselhos de empresa como meio eficiente para chegar gradativamente a este ideal".

No projeto de lei regulamentar da sindicalização, apresentado ao Congresso em 48 pelo Deputado João Mangabeira, cogitou-se "dos delegados e das comissões de empregados". A Câmara, contudo, suprimiu-lhe a parte relativa às comissões de empregados.

No anteprojeto do Código de Trabalho do eminente Evaristo de Morais Filho, no título **Organização da Empresa**, há um capítulo dedicado aos respectivos conselhos.

Os comitês e a desconfiança

Entre nós, pesava a suspeita de que tais órgãos — postos, com o advento dos Governos comunistas de Kerenski e Lenine, a serviço da anarquia revolucionária — perturbassem as boas relações entre empregados e empregadores. Posteriormente, na própria Rússia, os sindicatos se insurgiram contra os comitês, julgando-os capazes de lhes usurpar prerrogativas e enfraquecer a luta de classes.

Em numerosos sistemas legislativos, a criação da comissão interna não teve outro objetivo senão a harmonia das relações entre trabalhadores e empresas. São tidos como instrumento válido e construtivo da paz social.

No meu livro **O Direito do Trabalho e a Seguridade Social na Constituição**, aduzi comentários ao texto constitucional brasileiro. E posso resumir o meu pensamento.

A Constituição de 1967 (Art. 158) especificou no rol dos direitos que tendem a melhoria de sua condição, "a integração do trabalhador na vida e no desenvolvimento da empresa, com participação nos lucros e, excepcionalmente, na gestão, nos casos e condições que forem estabelecidos".

A Emenda Constitucional nº 1, de 69, alterada a redação, manteve a norma. Leia-se o seu inciso V do Art. 165: "integração na vida e no desenvolvimento da empresa, com participação nos lucros e, excepcionalmente, na gestão, segundo for estabelecido em lei". O preceito foge à boa técnica de elaboração legislativa. É desnecessário o complemento "segundo for estabelecido em lei", substancialmente o mesmo na redação primitiva e na atual. Sem ele, permaneceria o inciso em ambos os pontos — lucro e gestão — à mercê da lei vitalizadora, pois o dispositivo não seria **self acting**. Tanto um quanto outro, por sua natureza e complexidade, não podem prescindir de regulamentação, ao menos para definir os critérios. Acrescente-se no tocante à gestão: se o direito tem caráter excepcional, incumbe à lei especificá-lo.

Os autores da Lei Magna excederam-se em preocupações ao emprestar categoria constitucional à outorga. Não foram sóbrios. Foram tímidos e, além do mais, imprecisos. Com a restrição imposta à gestão, possibilitaram o entendimento de que a participação nos lucros não sofreria limitações.

No teor em que a questão foi colocada, o silêncio seria mais aconselhável, a exemplo do que ocorrera na Carta de 46. O preceito, tal como redigido, não representa uma conquista. Ao contrário. Pode conduzir o legislador a limites inconcebíveis. Omisso o texto, não impediria, pois não o coibiu na vigência do Estatuto Supremo de 46, a regulamentação da matéria, através de lei, em algumas áreas da atividade econômica: sociedades de economia mista e outras. Afinal, o Art. 165 deixa claro que os direitos assegurados aos trabalhadores nos seus 20 incisos, não excluem "outros que, nos termos da lei, visem à melhoria de sua condição social".

A vitalização da lei

Temos o direito de insistir, realisticamente, num truísmo: se a norma existe — e está enunciada na Lei Magna há 13 anos — é para ter vigência. A Constituição do Brasil concedeu à co-gestão um título de legitimidade. O legislador ordinário não pode usurpá-lo com seu silêncio. Ou deixá-lo no terreno vulgar do anúnico, da promessa e, na melhor das hipóteses, da sugestão de mudança. A pura verdade é que os vazios constitucionais são comprometedores, acarretam natural desconfiança à formação e à sensibilidade jurídica de um povo. Num estado de direito — outra verdade trivial — não se marginalizam preceitos constitucionais.

Aos que assumem posição contrária à co-gestão e persistem em divulgá-la, advirto que não é o instituto que está em jogo, e sim, a sua regulamentação. Não obstante, avanço um juízo. Para os objetivos em vista, tenho por improcedente a alegação, mal humorada, de falta de preparo ou maturidade profissional do trabalhador brasileiro. Ele tem dado milhares de provas de capacidade de organização e direção. Impossível ignorar, também, que os trabalhadores compreendem categorias que vão do empregado manual ao mais altamente qualificado, todos sujeitos à remuneração em suas múltiplas formas. E mais. Leve-se em conta que os empregados, ao lado dos empregadores, há muito participam dos órgãos decisórios, tanto da OIT como da Justiça do Trabalho e da Previdência Social

É de esperar ainda — tendo em conta a realidade jurídico-social dos grupos econômicos, regulados, entre nós, pela Lei das Sociedades Anônimas — que tal participação não se restrinja às empresas controladas, mas se estenda à empresa controladora, **caput** ou tronco-mestre do grupo, que, aliás, já foi alcançado pela legislação de outros países (Suíça e Alemanha, por exemplo) e na regulamentação da Comunidade Econômica Européia. Na França, a inclusão foi ditada por forças de jurisprudência.

A despeito de atualíssima, a Lei das Sociedades Anônimas deixou **in albis** a co-gestão. Nada acrescentou ao simples relacionamento dessas sociedades e grupos com os empregados no plano dos direitos e obrigações. A omissão é estranha, se atentarmos que já dispúnhamos do Art. 2º da CLT e da Lei do Trabalho Rural, reportando-se à matéria sem grande precisão.

A Lei das SA dispõe sobre "a associação e os grupos de sociedades". E os ilustres autores do projeto, na justificação, enfatizaram este ponto crucial: "no seu processo de expansão, a grande empresa levou à criação de constelações de sociedades coligadas, controladas, grupadas — o que reclama normas especiais que redefinam, no interior desses agrupamentos, os direitos das minorias, as responsabilidades dos administradores e a garantia dos credores". Tudo isso, e um silêncio completo sobre os trabalhadores. Claro está, que a lacuna é injustificável, tanto mais quanto foi frisada a mudança, no plano social, por que passa o capitalismo. A visão democrática do problema deve ser devidamente equacionada, a ponto de alcançar a relação capital-trabalho.

Quando se afirma e reafirma que, nas grandes empresas, "homens se agrupam e se associam para a consecução de seus objetivos", não há razão plausível para que, dessa perspectiva empresarial, dessa conjugação de esforços, se omitam ou excluam os empregados. Permanecemos presos à temática da exploração industrial ou ao terreno estritamente econômico, considerando completo o quadro com a só substituição, já operada entre nós, do "monopólio regalista" pela "soberania societária", através da assembléia-geral dos acionistas, aspecto este sempre destacado pelos autores do projeto e outros juristas no exame da Lei das SA.

A renovação da empresa

Vê-se, com realismo e clareza, que a empresa está sujeita a um processo de redefinição, ou melhor, de renovação social e jurídica. A mudança do seu conteúdo, num crescendo de adaptação e criatividade, emerge não só de pressões externas, sociais especialmente, mas de sua própria expansão e dos imperativos da economia moderna. Michel Despax é claríssimo ao advertir que "a empresa deve ser analisada não em termos individualistas e contratuais, mas institucionais e comunitários".

Nesse quadro, as suas responsabilidades no campo social, aqui e alhures, envolvem novas metas, que se sobrepõem à seqüência dos conhecidos "programas de caridade" ou "cometimentos semifilantrópicos" que não correspondem às exigências modernas. Com essas revelações não se pretende aniquilar o dinamismo e a energia da livre iniciativa ou transformar a unidade da produção num mero instrumento do Estado. Longe disso.

Outro aspecto: distinguem-se nas grandes empresas de nossos dias a propriedade e o controle. É o que prevalece nas sociedades anônimas e nos grupos econômicos em que os pequenos acionistas não participam do controle ou das decisões. Em regra, esse poder é transferido a terceiros, administradores ou técnicos, que assumem a direção da empresa. O professor William Letwin, da Escola Econômica de Londres, no estudo sobre "O passado e o futuro do empresário americano", chegou a ponto de aludir, com evidente maldade, "aos gordos, lustrosos e empoados executivos".

Relativamente aos técnicos, situando-os na empresa contemporânea, são conhecidos os estudos especializados de James Burnham e John Galbraith. Ao mesmo tempo, no que concerne aos grupos, convém realçar o poder abusivo da sociedade dominante, tal a sua capacidade de absorção e de criar e recriar firmas ou sociedades-satélites. Em fase da justaposição interna-externa, é o mesmo que dizer da dicotomia **investimentos estrangeiros-objetivos nacionais**, a questão ganha relevo quando se trata de multinacional. Todos estes fatos têm conduzido a uma legislação, quanto possível, rigorosa e com precessos mais equânimes, mais flexíveis, mais democráticos de administração.

Ponto pacífico na doutrina e na legislação — importantíssimo na visão moderna da empresa — é o de que, para o Direito do Trabalho, com os critérios de objetivação da responsabilidade, não importa a pessoa particular do empresário, senão a entidade empresa, a que o empregado se vincula, subsistindo tais laços quando se produz a troca na sua titularidade.

Além do mais, predomina entre os doutrinadores, a refletir uma realidade substancial, o reconhecimento de que a empresa moderna, embora atenta aos problemas específicos da produção, custos e lucros, procura fortalecer os vínculos da relação do trabalho com a pessoa humana do trabalhador, processando-se essa relação mediante liames comunitários de pessoas e interesses. E tudo a concorrer para que, aos choques e às divergências, prevaleçam a harmonia e a paz no seio da empresa. Acorde com essas perspectivas, encarecendo-as, veja-se a análise objetiva de João XXIII na **Mater et Magistra**.

Finalmente, registre-se o consenso, expresso na Constituição e na legislação ordinária de diferentes países, a fim de que se acolha, sem sobressaltos, a nova concepção de empresa, unitária, integrativa, institucionalista, partilhada do bem comum e capaz de favorecer a ação conjunta. Aí está, não esmiuçado, mas simplesmente delineado, o processo de democratização da empresa, que os europeus preferem designar de democracia industrial.

A co-gestão brasileira

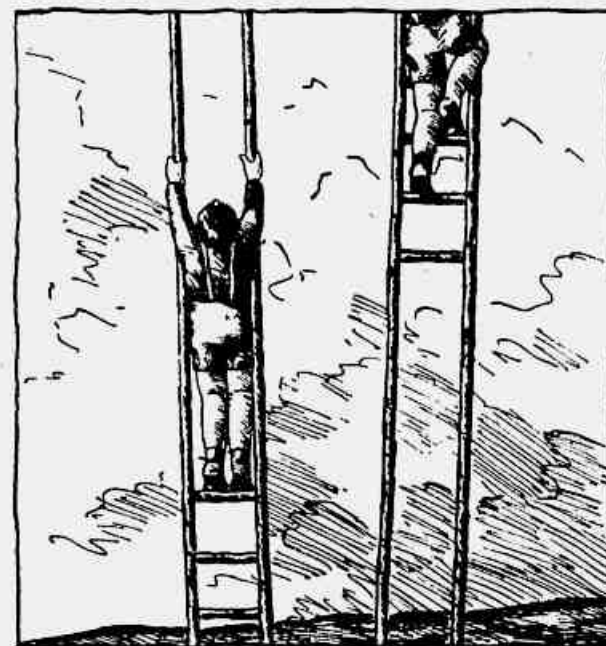
Nesta fase de transição social, enfretamos um desafio. Felizmente, a questão em pauta ou **sub judice** é considerada, no caso brasileiro, longe de infiltrações ideológicas, de radicalismos, de impulsos insensatos ou de intolerância. Antes assim. Se o Direito do Trabalho, na lição esclarecedora de Camerlynk e Lyon-Caen, sujeita-se à "conjuntura e à infra-estrutura econômicas", mais acentuada é a dependência tratando-se da co-gestão.

Embora atentos, como devemos estar, à experiência de outros povos, não podemos importar modelos. Seria um erro, de sérias conseqüências, transplantar para um país de tantos contrastes na ordem econômico-social e de desenvolvimento **in fieri**, regimes de co-gestão ensaiados em países de economia complexa e grande produtividade, dotados de outras condições culturais.

Quer pela diversidade da política social e econômica a que, necessariamente, se ajusta, o que deve ser repetidamente acentuado, quer ainda por sua complexidade, não há um projeto único no terreno da co-gestão. Haverá semelhantes. Idênticos, não.

O importante é encontrar, na regulamentação da norma constitucional, uma solução brasileira, gradual, imune a desvios, adequada à nossa realidade, ao espírito e grau de desenvolvimento de nossa gente.

Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes é catedrático de Direito do Trabalho da Universidade Federal Fluminense, membro do Conselho Federal de Cultura e autor dos livros Dissídios Coletivos do Trabalho e Direito de Greve e O Direito do Trabalho e a Seguridade Social na Constituição. **Foi o primeiro presidente e organizador do Tribunal Superior do Trabalho; autor do projeto de lei que deu a atual estrutura da Justiça do Trabalho; e membro da comissão que fez o projeto de lei sobre os dissídios coletivos e a regulamentação do direito de greve.**

Transferência de tecnologia e o Acordo Nuclear Brasil-Alemanha

Joaquim F. de Carvalho

EMBORA sabendo que o autor de qualquer análise crítica sobre o assunto, por mais construtiva que seja, corre o risco de ser catalogado, por determinados "intelectuais" e estrategistas do Acordo, como agente da CIA ou da KGB, escrevo estas linhas porque acho que cada cidadão responsável é obrigado, na medida de suas possibilidades, a dar uma contribuição desinteressada — seja ela material ou intelectual — para esclarecer a coletividade sobre questões de tão relevante importância para todos.

Assim, desejo voltar a um ponto que abordei em depoimento prestado à CPI do Senado Federal sobre o Programa Nuclear, e que é o seguinte: "os países que hoje estão na vanguarda da tecnologia e da indústria nuclear (França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha e Japão), desenvolveram-se nesse campo mediante um esforço de adaptação concentrado nas empresas industriais dos setores metal-mecânico e de bens sob encomenda, que há mais de meio século acumulavam experiência na fabricação de componentes para centrais termoelétricas convencionais a carvão e a óleo".

Trata-se da constatação, para um caso específico, de um conceito amplo, já enunciado, por exemplo, em excelente trabalho do Grupo de Política Científica e Pesquisa, da Universidade de Sussex, preparado por encomenda do Secretariado da UNCTAD, em 1967; qual seja, o de que "sendo as atividades de pesquisa e desenvolvimento tecnológico pesadamente concentradas nos países industrializados, as características monopolísticas do sistema tendem a restringir o fluxo de **know-how** aos países avançados, dificultando o acesso dos países em desenvolvimento a esse fluxo" (ver pág. 32 do documento **Trends and Problems in World Trade-Development**, preparado em 1967 para a Conferência da UNCTAD, que teve lugar em Nova Iorque, em Jan/Fev. de 1968).

Na verdade, cada país tem dois caminhos para desenvolver sua tecnologia, a saber:

1. Realizar, de modo organizado, suas próprias atividades de pesquisa, desenvolvimento de produtos e processos e inovação tecnológica; em coerência com as próprias necessidades do desenvolvimento econômico e social.

2. Absorver e difundir para a indústria local os avanços científicos e tecnológicos de outros países. Neste caso, deve-se assinalar que a capacidade de absorção de tecnologia estrangeira está diretamente relacionada com a própria capacidade local de criação de tecnologia voltada para a solução de problemas específicos do país e, evidentemente, com a estrutura dos estabelecimentos industriais e com o número de pesquisadores e técnicos trabalhando diretamente nesses estabelecimentos ou em instituições de pesquisa por eles contratadas.

A melhor estratégia a ser adotada consiste na combinação ótima para cada país das duas alternativas mencionadas, em função de sua posição na escala do desenvolvimento e de sua dotação de recursos naturais.

Os países subdesenvolvidos costumam, sem maiores considerações, adotar a alternativa nº 2, enquanto os países um pouco mais adiantados no processo de desenvolvimento devem concentrar mais esforços na alternativa nº 1, isto é, na realização, de modo organizado, de suas próprias atividades de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e processos, necessários ao progresso econômico e social da coletividade, sem, entretanto, deixar de lado a segunda alternativa, **para casos em que essa opção não prejudique a estratégia de boa utilização dos recursos naturais próprios.**

Quanto aos países desenvolvidos, observa-se que eles dão ênfase a duas alternativas, pois têm capacidade de criação de tecnologia própria, mas também competência **para absorver e adaptar às suas necessidades**, as tecnologias de outros países.

Ora, a transferência de tecnologia — que foi usada, pelo lado alemão do acordo, como um eficaz argumento de vendas — caracteriza exatamente a adoção, pelo Brasil, da **2ª** alternativa mencionada, isto é: absorção e difusão de avanços científicos e tecnológicos de outros países. Mas, como vimos, essa alternativa costuma ser adotada, precipitadamente, pelos países subdesenvolvidos, ou que ainda estão nos primeiros passos do desenvolvimento, e ela nunca produziu os resultados esperados. Por outro lado, essa alternativa apresenta o inconveniente de frustrar os nascentes esforços locais, aplicados no desenvolvimento de tecnologias necessárias para resolver os problemas do país, utilizando, da melhor maneira possível, os recursos naturais disponíveis.

Desse modo, ao aceitar os argumentos do vendedor e escolher o modelo de "transferência de tecnologia" incluído no **pacote** alemão, o Brasil adotou o caminho seguido pelos países subdesenvolvidos. **Mas então**, argumentariam os intelectuais e estrategistas do Acordo, **como é que a Alemanha, que é um país desenvolvido, adotou com sucesso a mesma alternativa, quando comprou dos Estados Unidos a tecnologia que agora nos vende?**

Ocorre que a Alemanha não adotou essa alternativa por pressão de vendas dos norte-americanos, mas sim por necessidade vital. Sendo praticamente toda a energia elétrica, naquele país, gerada em centrais termoelétricas a carvão e a óleo, a antevisão da crise de combustíveis fósseis, e os problemas sociais e ecológicos associados à mineração do carvão, obrigaram o Governo e as empresas industriais alemãs a concentrarem o máximo de esforços coordenados na busca de alternativas para substituir o petróleo e o carvão na geração termoelétrica, uma vez que o potencial hidroelétrico alemão, que é muito pequeno, já estava todo aproveitado.

Por outro lado, havia na Alemanha uma sólida base industrial apta a absorver a tecnologia de reatores nucleares PWR desenvolvida nos Estados Unidos. Como se sabe, a Siemens, empresa da qual nasceu a KWU, tinha mais de 70 anos de experiência em projeto e construção de termoelétricas a carvão e a óleo, de modo que a passagem para as centrais nucleares PWR — nas quais os componentes do circuito água-vapor e do grupo turbogerador são praticamente iguais aos das termoelétricas a carvão e a óleo — constituiu-se num salto relativamente pequeno.

Além disso, o Governo mobilizou suas principais instituições de pesquisa, como os centros de Karlsruhe e Jülich, no esforço de absorção, e adaptação da tecnologia do PWR norte-americanos, esforço esse que foi desenvolvido em íntima cooperação com a Siemens, a AEG, a GHH, a KSB, a Balke-Dür, a Noell, a Krupp e tantos outros estabelecimentos industriais de larga experiência em centrais térmicas convencionais e possuidores de bem organizados e poderosos departamentos de pesquisa/ desenvolvimento e engineering.

Mas aqui a situação é completamente diversa: primeiro, porque as centrais nucleoelétricas ainda não são vitais para o Brasil. Na realidade, elas são perfeitamente dispensáveis, à vista do enorme potencial hidroelétrico disponível. Em segundo lugar, porque a estrutura dos estabelecimentos industriais brasileiros é totalmente diferente da dos alemães. São raríssimas as empresas nacionais que dispõem de departamentos de pesquisa/ desenvolvimento e **engineering**. Em terceiro lugar, porque ainda não temos experiência em projeto e construção de centrais termoelétricas convencionais a carvão; o que tornaria mais gradativo e mais eficiente o processo de absorção de tecnologia para centrais nucleoelétricas.

Para concluir desejo ponderar que se o modelo de transferência de tecnologia incluído no pacote nuclear alemão não for abandonado a tempo, teremos a lamentar, em futuro próximo, os seguintes prejuízos:

1º) O Brasil não terá absorvido satisfatoriamente a tecnologia dos reatores nucleares PWR que estamos comprando da KWU a preços elevadíssimos, e continuará dependente de importação de tecnologia, mesmo para pequenas modificações no projeto básico original.

2º) O desvio de recursos vultosos para a execução do programa nuclear com a Alemanha atrofiará o desenvolvimento das tecnologias hidroelétrica e termoelétrica convencional, que poderiam fortalecer técnica e economicamente as empresas industriais brasileiras; pois há um enorme mercado à sua disposição, praticamente sem concorrência, nos setores hidroelétrico e térmico convencional.

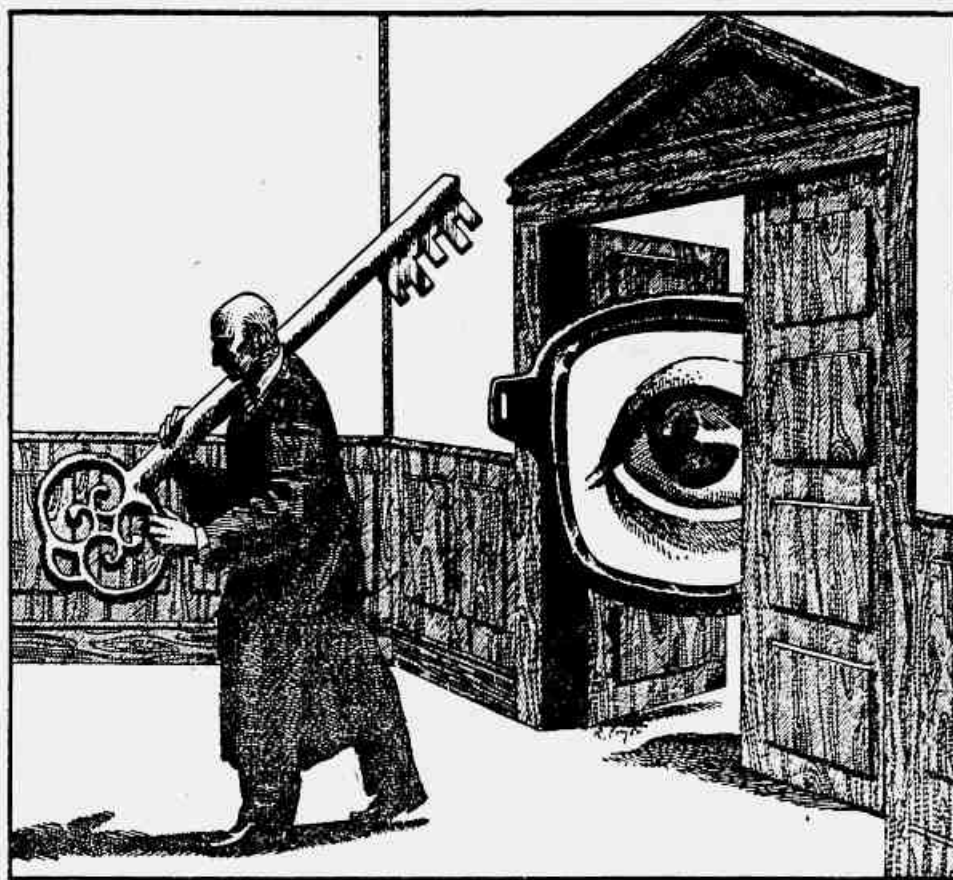
3º) Concentrando no programa nuclear um enorme esforço organizacional e financeiro, estamos frustrando importantes e sérios esforços de determinadas instituições e grupos de pesquisa brasileiros, que ficarão à míngua de recursos para darem prosseguimento a seus trabalhos. Isso fará com que, no campo da tecnologia, o Brasil regrida e assuma a postura de país subdesenvolvido.

Algumas instituições de pesquisa brasileiras estão seriamente empenhadas na criação de tecnologia especificamente destinada a solucionar os problemas energéticos brasileiros, tirando o melhor proveito dos recursos naturais disponíveis e abundantes no país. Dentro essas instituições, merecem destaque os IPT (Institutos de Pesquisas Tecnológicas) e de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), bem como a Companhia Energética de (CESP),São Paulo; a Universidade Estadual (Unicamp) e a Companhia de Desenvolvimento Tecnológico (Codetec) de Campinas; o Departamento de Ciências de Materiais, da Universidade de São Carlos, e, ainda, as Universidades Federais de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e da Paraíba.

Seria um grave erro, e um imperdoável desserviço ao Brasil, permitir que os esforços dessas instituições e grupos de pesquisas se frustrem à míngua de recursos, enquanto canalizamos milhões de dólares para a KWU, através do Acordo Nuclear, para a implantação de um programa que não é vital para o nosso país.

O Brasil já tem instituições de pesquisas e base industrial para desenvolver sua própria tecnologia nuclear, de maneira muito mais autônoma do que através dos contratos com a KWU; e a custos muito menores. Com uma fração dos recursos que estão sendo dispendidos nesses contratos, o IPT, juntamente com o Grupo de Ciências de Materiais da Universidade de São Carlos e o IPEN, poderiam, com segurança, desenvolver — num programa integrado com empresas industriais como a Villares, a Cobrasma, a Bardella, a Confab e outras — um protótipo de reator nuclear a fissão, inteiramente brasileiro, em prazo perfeitamente aceitável, face à imensidão de nossas reservas hidroelétricas. Em outras palavras, se temos reservas hidroelétricas por mais 30 ou 40 anos, por que não utilizar uns 20 anos para desenvolver um protótipo de central nuclear brasileira e mais uns 10 anos para industrializar e comercializar esta central?

Por que tanta pressa em executar o programa de centrais com a KWU, que, ao preço anunciado por Furnas de 2 mil 600 dólares por quilowatt instalado, nos custará 26 bilhões de dólares (não incluindo as usinas de enriquecimento e reprocessamento, nem a Nuclep), se sabemos que a energia elétrica produzida pelas centrais nucleares é dispensável; e que não haverá uma satisfatória transferência de tecnologia?

Joaquim Francisco Carvalho é engenheiro, foi diretor da Nuclen (Nuclebrás Engenharia S.A.) e cursou a Escola Superior de Guerra.

GOVERNADOR TARCÍSIO BURITY

A Constituinte em 1982 coroaria a abertura

Rogério Coelho Neto

"CREIO que a essa altura existe um consenso, tanto da parte do Governo como da Oposição, relativamente à necessidade de uma nova Carta política", observa o Governador da Paraíba, Tarcísio Burity, um professor de Direito que conseguiu ser acatado pelas lideranças mais antigas do PDS no Estado, mesmo sem ter uma carreira de político.

Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Altos Estudos Internacionais de Genebra, 41 anos, pai de quatro filhos homens, o Sr Tarcísio Burity era eleitor da UDN e da Arena, mas só com o PDS assumiu uma militância política ativa. As lideranças mais antigas o respeitam, assim como a maioria dos líderes oposicionistas no Estado.

O Governador Burity tem princípios claros, a começar por um irrestrito respeito à lei, o que o levou a enfrentar os desmandos da polícia no Estado. Na administração, é contra importações: a Paraíba tem problemas que "cabem aos próprios paraibanos ordenar e solucionar".

Como político, o Governador não esconde a grande dificuldade que encontrou para escrever discursos em linguagem acessível, mas velhos líderes do Estado, que se alinhavam nas correntes chefiadas por Ruy Carneiro e João Agripino, asseguram que o obstáculo já foi ultrapassado. Agora, as lideranças municipais, que começam a se identificar com sua liderança, o consideram um bom candidato a deputado federal em 1982.

Foto de Aguinaldo Ramos

"Quem me conhece de perto sabe que a violência sempre me irritou"

O Sr resolveu partir, desde a posse, para uma correção de rumos na administração pública da Paraíba. O setor de segurança, no caso, era o mais crítico?

— Era o que apresentava, junto com o setor econômico, maiores problemas. Eu sempre julguei que a violência — e falo dela em suas diferentes frentes — não pode conviver, de maneira nenhuma, com os anseios maiores das sociedades modernas. Não conseguia entender a razão determinante dos assassínios de casais nos bairros periféricos de João Pessoa, nem como os autores de crimes de empreitada podiam permanecer impunes. No Alto Sertão paraibano, por exemplo, **gangs** organizadas comandavam assaltos e cometiam assassínios. Sabia-se quem eram os seus integrantes, mas nenhuma ação era tomada. Como Governador, eu achei que deveria e teria de enfrentar o problema de frente.

— Mas onde a polícia entra em tudo isso?

— Não é novidade nenhuma que havia, em muitos casos, a omissão policial. E isto não é um privilégio da Paraíba. A violência aqui estava indo longe demais, não sei se pelo afrouxamento do setor de segurança ou pela sofisticação do marginal ou das quadrilhas organizadas. A lei, em qualquer ação policial, não pode ser desprezada e hoje a polícia sabe que não pode invadir nenhuma residência, de pobre ou de rico, para promover diligências, sem se munir antes de um mandado judicial. Sinto que os exageros, se não acabaram de todo, nesta eterna disputa entre marginal e policial, pelo menos diminuíram.

— O seu conceito de segurança, que comporta o respeito à lei, a qualquer preço, sofre reações dentro da polícia?

— Creio que não. A polícia não pode ser julgada por minorias desgarradas, mas por suas maiorias compostas de servidores públicos honestos e destemidos. Eu sei que a ação empreendida pelo Governo já oferece, um ano depois, bons resultados. No Alto Sertão muitas **gangs** foram desfeitas e crimes até então misteriosos, na Capital e interior, acabaram sendo desvendados. O mau policial sabe que nenhum poder é superior ao da sociedade. O meu compromisso contra a violência, em quaisquer de suas frentes, é claro. Quem me conhece de perto sabe, e isto não é novidade, que a violência sempre me irritou.

— Governador, a Paraíba não corre, com essa sua ação contra a Polícia, o risco de criar um aparelho de segurança temeroso e incapaz de discernir qual deve ser a sua exata missão?

— Não. O bom policial, maioria na nossa instituição de segurança, sabe que a sua presença, nas ruas, deve ser um fator de tranqüilidade e não de intranqüilidade pública. A violência policial não leva a nada e o grande atingido é sempre o cidadão de baixa renda, porque eu nunca soube de nenhum caso de arbitrariedade cometido contra pessoas de grandes posses. Na Paraíba, eu quero a polícia agindo com coragem, mas dentro da lei.

— Uma polícia integrada por diplomatas...

— Uma polícia que possa, ao mesmo tempo, reprimir uma ação criminosa de grande vulto, descobrindo e prendendo os culpados, mas que no exercício de uma missão, que é sobretudo social, não se acanhe em ajudar um cego, um aleijado, uma criança ou um velho, a atravessar um perigoso sinal de trânsito. Eu não desejo mais é tomar conhecimento de casos como o de um policial, punido sumariamente, que a pretexto de socorrer, no interior de um ônibus, uma senhora que ameaçava se suicidar, saiu arrastando-a, como troféu, pela corda que ela enrolou ao pescoço para se matar. Essa senhora tinha 70 anos.

— O Sr, então, acabou com a versão paraibana do Esquadrão da Morte, que sempre agiu livremente dentro das polícias do Rio e de São Paulo?

— Se ele não acabou, pelo menos reduziu a sua ação. Uma cópia do **Mão Branca** carioca que agia desenvolto em Campina Grande já sumiu de circulação. Qualquer ação dolosa que envolva policial civil ou militar é apurada aqui pela Procuradoria de Justiça do Estado, e o promotor designado para este ou aquele inquérito sabe que terá o seu parecer acatado. Eu balizo os meus atos por esses pareceres. Não vou ignorar, por princípio, até o último dia do meu mandato, nenhuma arbitrariedade. Como deixar na instituição policiais que, a pretexto de prenderem um perigoso assassino, matam uma criança de cinco anos, filha do criminoso? Houve um fato desses no Município de Catolé da Rocha e os três policiais implicados foram punidos.

— O que o Sr pretende provar, afinal, com esse seu programa de combate à violência?

— Que a lei sempre tem de prevalecer. Que tanto é criminosa a ação do marginal que a desrespeita, matando ou assaltando, como a ação policial que conduz ao abuso de autoridade. Eu não quero que a população continue a temer o policial, a vê-lo como um inimigo, mas que saiba que ele é fator primordial, peça chave no complexo da segurança coletiva. Pretendo, apenas, com boa vontade e energia, valorizar a instituição policial no meu Estado, pois ela é uma grande instituição do mundo civilizado. Aos olhos do povo todo e qualquer policial precisa voltar a ser visto como um herói. Por que somente o bombeiro? Sou partidário da dupla **Cosme e Damião**, que em alguns centros vigia a cavalo o sono dos outros e que aqui anda de bicicleta. Estou fazendo com que eles, aos poucos, voltem às ruas.

— E a contrapartida do Governo, em termos de vencimentos, corresponde às exigências que o Sr faz à polícia?

— Quando assumi, há pouco mais de um ano, um coronel da Polícia Militar ganhava 27 mil cruzeiros mensais, com as vantagens, e agora percebe 62 mil. Um delegado de carreira ganha bem mais que isso. Estou partindo, ainda, para uma reestruturação geral nos quadros da Polícia Civil, e para um programa de formação de recursos humanos e de aquisição de modernos equipamentos para a Secretaria de Segurança. O funcionalismo, no geral, não pode-se queixar de mim. Os professores de licenciatura plena (curso universitário) trabalhavam por Cr$ 5 mil 300 mensais e hoje chegam a receber entre 19 mil e 24 mil; se tiverem mestrado, podem ir a 37 mil cruzeiros. Dentro da realidade da Paraíba, acho que ninguém pode-se considerar mal pago.

— Como está seu entrosamento com o PDS, levando-se em conta que o senhor emergiu da área técnica para a área política?

— Não posso me queixar, pois até hoje sempre ganhei todas as questões na Assembléia Legislativa, em decisões unânimes da bancada do PDS. Como no caso da violência, eu acredito que, também no caso político, a lei deve ser colocada em primeiro lugar. Há tempos, o Tribunal de Contas do Estado recomendou a intervenção no Município de Sapé, dominado pelo PDS. Eu fiz a intervenção. Agora ocorreu um caso idêntico no Município de Taperuá, onde manda o PMDB. Tirei o prefeito, porque era do meu dever.

— Como um Governador apolítico pode conviver com os remanescentes de um caciquismo fincado em profundas raízes?

— O Governador dialoga e entende que o diálogo é a grande arma para qualquer ação política. O PDS tem seis deputados federais contra três do PMDB e dois do PP; na Assembléia contamos com 19 cadeiras, o PMDB 10 e o PP quatro; e dos 171 municípios do Estado, o nosso comando é absoluto em 140. Somos minoria somente no Senado, onde, dos três senadores, dois são do PMDB. Mas a cadeira que estará em jogo em 1982, em eleições diretas, será nossa. Penso ter contribuído para aumentar a força do Partido na Paraíba. Eu não gosto de perder e nunca perdi até aqui nenhuma parada política.

— E os caciques?

— A Paraíba está tentando viver uma nova realidade. Busca melhor papel no contexto do Nordeste e do país. A partir da reforma partidária que extinguiu Arena e MDB, a política passou a reclamar um cunho nitidamente ideológico. O PDS está preparado aqui para esses novos tempos.

— O Sr não acha muita pretensão buscar, no campo ideológico, um espaço para o PDS?

— Não, desde que a política seja encarada no que tem de melhor. O PDS pode perfeitamente valorizar o S que compõe a sua sigla. Será um grande Partido, sem dúvida, desde que parta para a adoção, no campo da prática, de tudo aquilo que preconiza o seu programa no campo social e econômico. O Brasil já não comporta mais Partidos que se fundem nos interesses das minorias. O seu grande desafio, a meu ver, é encontrar mecanismos que diminuam a concentração de renda do país, pois a nação de hoje, emergente, reclama uma participação de todos nos frutos da civilização.

— Como poderia o Partido, agora, se fazer notar no campo social?

— Desfraldando a bandeira da reforma agrária e partindo para a defesa intransigente dos interesses da classe média. No primeiro caso, o grande caminho seria o do meio termo, uma ação que passe tanto pelo latifúndio como pelo minifúndio. O ideal para um país, como o Brasil, é a média propriedade. A nação não pode mais é viver dentro de um processo que continue a fazer da terra um fator de especulação. Quanto à classe média, o Partido deve encará-la como um grande fator de estabilidade política. É assim em qualquer lugar.

— Mas tudo isso que o Sr prega não teria de passar por uma Assembléia Nacional Constituinte?

— A Constituinte tem a sua importância, pois seria o coroamento da abertura democrática, uma grande saída. Creio que a essa altura existe um consenso, tanto da parte do Governo como da Oposição, relativamente à necessidade de uma nova Carta política. Por que não a Constituinte em 1982?

— O atual Congresso pode antecipar as coisas, fazendo a reforma da atual Constituição. O Sr não apóia essa iniciativa?

— Legalmente o Congresso tem poderes para reformar a Constituição. Mas ninguém pode negar que este, em virtudes de fatos anteriores, já discutidos até à exaustão, inviabilizou-se por si mesmo.

— Uma Constituinte pressupõe rutura da ordem jurídica vigente e este não é o caso do Brasil. Como convocá-la, então?

— Eu não vejo a questão assim. A convocação da Constituinte é uma decisão política alta. Insisto em que as eleições de 1982 poderiam ser conduzidas no sentido da sua convocação.

— O seu ponto-de-vista é rígido?

— Não. Do ponto-de-vista jurídico o atual Congresso pode reformar a Carta, ou o que vier a sucedê-lo. Mas as mudanças reclamadas pela atual Constituição se inserem num contexto que exige decisão política. Eu admitiria, fora da Constituinte, uma única saída: a que De Gaulle adotou na França, preparando uma nova Carta e submetendo-a ao referendo popular através de um plebiscito. O importante, nesse período de transição, é sanar toda e qualquer dúvida referente à legitimação da abertura.

— O Sr gostaria de integrar uma Assembléia Nacional Constituinte?

— Minha única ambição é atingir metas determinadas e com elas ajudar o PDS a ganhar as eleições de 1982. Estou me dedicando a um projeto de construção, até 1981, de 60 mil silos metálicos (caseiros). Na Paraíba quem mais construiu estradas asfaltadas chegou a 400 quilômetros. Eu quero atingir os 800 quilômetros. Vou construir 50 mil casas populares até o final do mandato e espero estender os benefícios da eletrificação rural a mais de 5 mil propriedades agrícolas. Os Distritos Industriais de João Pessoa e Campina Grande também serão duplicados e eu entendo que todo planejamento administrativo, de grande ou pequeno porte, é uma ação política. Se vou continuar, no entanto, na vida pública, diria, sem nenhuma demagogia, que o futuro a Deus pertence.

— Quais são, na sua opinião, os grandes problemas da Paraíba?

— O maior deles é vencer a barreira de sua posição econômica em relação ao Nordeste, que registra uma grande queda, sem que o Estado, contudo, parasse de crescer. Basta atentar para o fato de que em 1959, bem antes da Sudene, a nossa posição era melhor do que hoje. A Paraíba andou, mas outros Estados andaram mais depressa. O grande desafio, pois, é melhorar essa posição, acelerando o ritmo de industrialização e recuperando economias tradicionais (algodoeira, sisaleira, açucareira e alcooleira).

— E os grandes problemas do Nordeste?

— Tem o Nordeste a obrigação de crescer, em ritmo tal, que possa diminuir, a curto prazo, as disparidades entre a sua economia e a do Sul e Sudeste. Apesar dos progressos e dos esforços que ninguém nega, em termos relativos, a situação do Nordeste é hoje a mesma de 1945.

— E os grandes problemas do país?

— Inflação, desequilíbrio da balança de pagamentos e encarecimento dos custos com a importação do petróleo. Julgo conveniente para o enfrentamento desses problemas a união nacional. É importante, para o êxito do que a nação reclama, que as oposições não assumam somente uma posição crítica. O país, na verdade, espera, em todos os setores em crise, sugestões válidas dos líderes oposicionistas. Por que não, uma oposição construtiva?

— O Sr apóia essa espécie de guerra permanente entre o Nordeste, o Sudeste e o Sul?

— Essa guerra não existe. O Nordeste luta somente pela modificação de diversas políticas nos campos econômico, financeiro e fiscal. Essas políticas de que falo são importantes para o país, como um todo, mas dificultam particularmente o progresso da região em que a Paraíba se situa. O Nordeste exporta mais do que importa, mas, infelizmente, o saldo é gasto com as compras que temos de fazer no Sul, a preços mais altos do que os internacionais.

— Há queixas, pelo menos, ou um sentimento crescente de marginalização regional...

— O que existe são evidências. O Nordeste produz, por exemplo, 90% do petróleo nacional e só consome 12%. No tocante à inflação, a fragilidade e a pequenez da região são de tal ordem que a sua participação nas causas inflacionárias é insignificante. Antes de queixas, o Nordeste prefere expor as distorções. E lutar por um objetivo: o tratamento diferenciado.

— As causas determinantes do desenvolvimento do Nordeste têm na seca um fator de desequilíbrio. As soluções não lhe parecem assim bem mais difíceis?

— Essa é uma retórica que precisa ser desfeita. Não são a seca e muito menos o homem nordestino as causas do subdesenvolvimento da região. As causas — e isso precisa ser dito — são políticas. Vêm desde o século passado, quando o café se tornou a principal fonte de divisas do Brasil e se iniciou a desagregação da economia açucareira do Nordeste. No momento existe uma conscientização de políticos e povo para as mudanças reclamadas. As verdades têm de ser ditas e os problemas da região não resultam, como querem fazer crer, do fatalismo da natureza. Eles são produtos de erros acumulados do planejamento econômico. Erros, portanto, de caráter político, frutos da ação humana. É bobagem culpar por eles a ação sempre imprevista da natureza.

Rogério Coelho Neto é repórter da Editoria Política

O PDS domina a Paraíba

NO novo quadro político da Paraíba, não estão cabendo o PTB da Sra Ivete Vargas, o PDT do Sr Leonel Brizola e o PT de Lula, embora o líder metalúrgico do ABC paulista tenha, numa incursão por João Pessoa, há 15 dias, conseguido reunir alguns estudantes e profissionais liberais descompromissados, em torno de um pequeno embrião do seu futuro Partido.

Os grandes espaços políticos do Estado foram ocupados, desde a primeira hora da reforma partidária, pelo PDS, que conseguiu atrair, além da grande maioria dos ex-udenistas que seguiam o Sr João Agripino, alguns pessedistas fiéis à liderança plantada pelo Senador Ruy Carneiro (já falecido). O PMDB desponta como segunda força e o PP como a terceira.

A sucessão do Governador Tarcísio Burity, embora os Partidos ainda estejam em fase final de organização, já está nas ruas. A Oposição confia em que, unida, através de uma coligação capaz de reunir as forças do PP e do PMDB, possa virar situação na Paraíba, em 1982. Quem conversar, porém, com os principais líderes oposicionistas do Estado vai sentir que a grande dificuldade reside na falta de desprendimento dos que se julgam mais cotados para cabeça de chapa.

O elenco de candidatos do PMDB conta com o Senador Humberto Lucena, o ex-Deputado Cunha Lima, o ex-Governador Pedro Gondim e até o jovem Deputado federal Marcondes Gadelha. O PP posiciona-se em torno do Deputado Antônio Mariz, que chegou a disputar o Governo, em eleição indireta, com o Sr Burity, contestando à época (1978) a solução dada pelo Planalto à sucessão paraibana.

O PDS detém o domínio absoluto de 140 dos 171 municípios do Estado, tem maioria expressiva nas bancadas federal e estadual e só leva desvantagem no tocante ao Senado, o PMDB tem duas das três cadeiras. Dividida, a Oposição pode facilitar as coisas para o PDS, que já tem candidato francamente em campanha: o Deputado Wilson Braga, 1º-Secretário da Câmara, participa de comícios e já distribuiu na Capital e interior mais de 1 milhão de prospectos e folhetos de propaganda.

A Oposição não chega a aprofundar, a não ser através do Sr Antônio Mariz, movimentos de contestação à ação política e administrativa do Governador Tarcísio Burity, principal articulador do PDS.

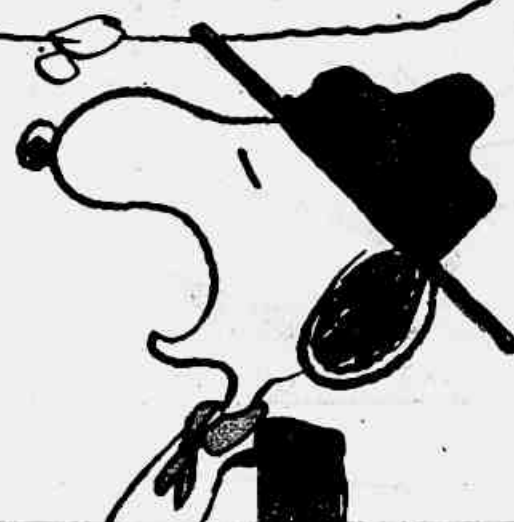
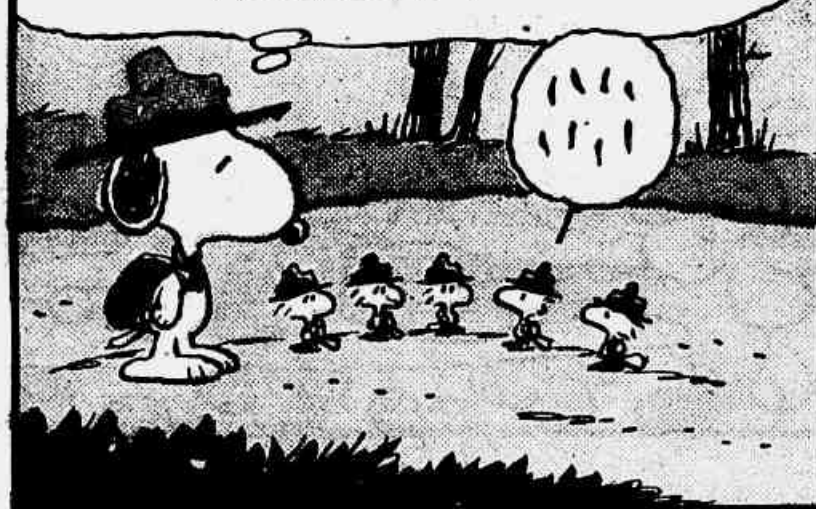
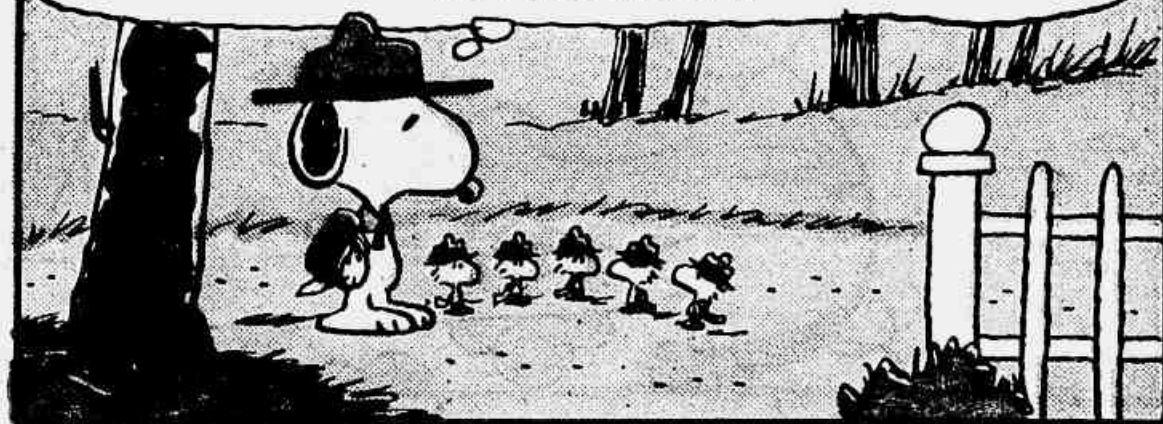
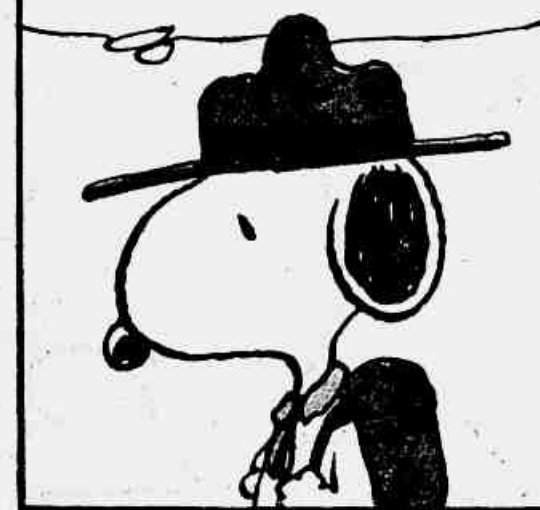
Nas 13 maiores cidades da Paraíba, onde as eleições majoritárias se definem, o PDS tem o comando em João Pessoa (Capital, com prefeito nomeado), Campina Grande, Cajazeiras, Itaporanga, Itabaiana, Sapé e Conceição; o PMDB em Guabira e Baieux; e o PP em Souza, Patos, Santa Rita e Catolé do Rocha. A Oposição acha que sua mensagem dará para atingir a maioria absoluta do eleitorado desse conjunto de municípios, a ponto de suportar, ganhando aqui e ali, grandes derrotas no interior.

Os irmãos Gaudêncio, que se dão ao luxo de eleger, a cada novo pleito, um deputado federal e outro estadual em Campina Grande, figuram no novo quadro político da Paraíba como uma espécie de dique às pretensões da Oporição de conuistar a maior cidade do Estado, salto importante para quem se dispõe a chegar ao poder.

O quadro partidário, praticamente definido, revela algumas contradições. Uma delas é a nítida vantagem que o Sr Tarcísio Burity, saído da áre técnica, leva dentro do PDS sobre lideranças mais antigas. Uma outra é a diferença de imagem entre o Deputado Antônio Mariz, organizador do PP, e o Deputado Marcondes Gadelha, um dos líderes mais acreditados do PMDB: o primeiro tem mais presença no Estado — é assim uma espécie de boa mercadoria para consumo interno — o segundo, apegado a vôos mais altos no plano nacional — já se dispõe a disputar a liderança pemedebista na Câmara — perde muito em atuação tipicamente regional.

As presenças do Sr João Agripino e do Sr Pedro Gondim, que marcaram importantes lideranças no passado recente da Paraíba, figuram no novo quadro político como incógnitas. Sobra o Senador Humberto Lucena, que se mostra como o único líder realista das oposições, a ponto de acreditar que o seu PMDB e o PP do Deputado Antônio Mariz só têm um caminho para marcar presença na política paraibana: o da união, "acima de pequenas e passageiras veleidades eleitorais."

CADERNO DE
QUADRINHOS
Nº234 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 14 de Setembro de 1980 **Não pode ser vendido separadamente**

PEANUTS®
Charlie Brown e sua patota
por SCHULZ

ATENÇÃO! SENTIDO!

ARCA dos BICHOS de Addison

CEBOLINHA
MAURICIO

MAIS RÁPIDO! MAIS RÁPIDO!
E LEMBREM-SE: QUANDO ELA MENOS PERCEBER, VOCÊS PEGAM O COELHINHO E O DIÁRIO DELA!
© 1980 MAURICIO DE SOUSA PROD

MAURICIO
ATENÇÃO! AÍ VEM ELA!

FUJA, SEU COVARDE! PODE FUGIR! COM MEU CÃOZINHO NINGUÉM PODE!
?
AU, AU!

DE QUEM É ESSE CACHORRO, FRANJINHA?
É MEU! E É MUITO VALENTE!
ACABOU DE ENXOTAR UM BANDO DE MOLEQUES QUE ESTAVA ME AMOLANDO!
389

PUXA! VOCÊ ME EMPRESTA UM POUCO, ELE? QUEM SABE ASSIM O CASCÃO E O CEBOLINHA PARAM DE ME ENCHER!

PORQUE EU JÁ TINHA DECIDIDO: O PRÓXIMO PLANO QUE ELES ARMAREM CONTRA MIM...
... VÃO APANHAR COMO NUNCA!

EU NÃO TERIA NENHUMA PIEDADE E...
NÃO SE PREOCUPE MAIS COM ISSO!
ELE É TODINHO SEU!

TODINHO?!

WALT DISNEY MICKEY

Distributed by King Features Syndicate.

VERISSIMO
AS COBRAS
80-37
COMO SEGUNDO NÚMERO, LUDMILA, A PULGA BAILARINA, FARÁ UM PAS-DE-DEUX COM SEU PARTENAIRE, IGOR
C'EST ÇA

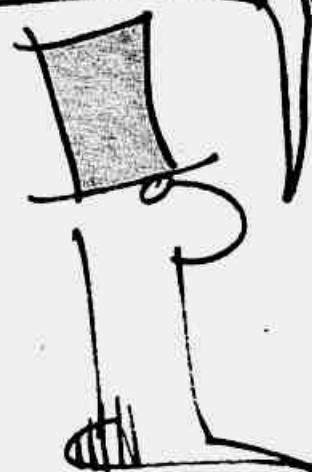
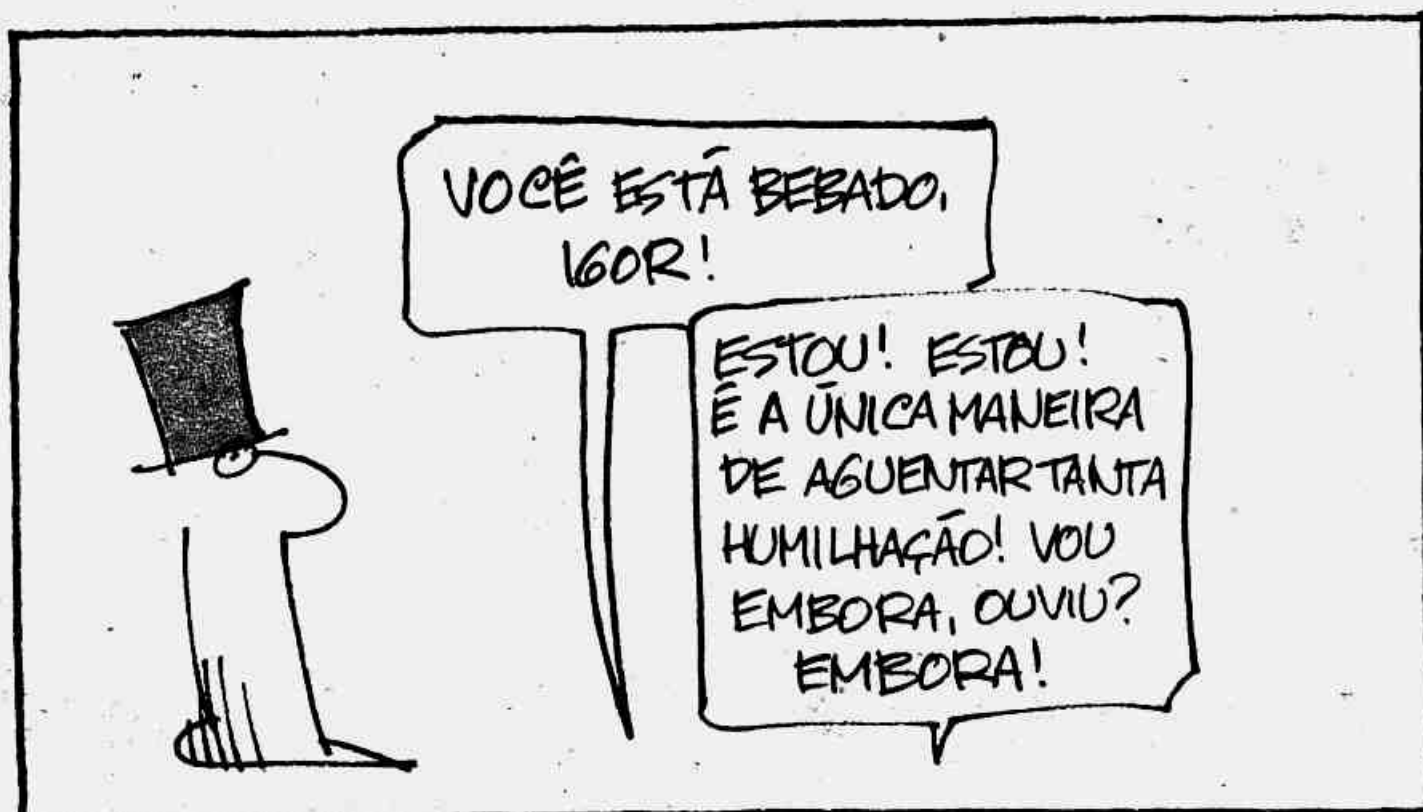
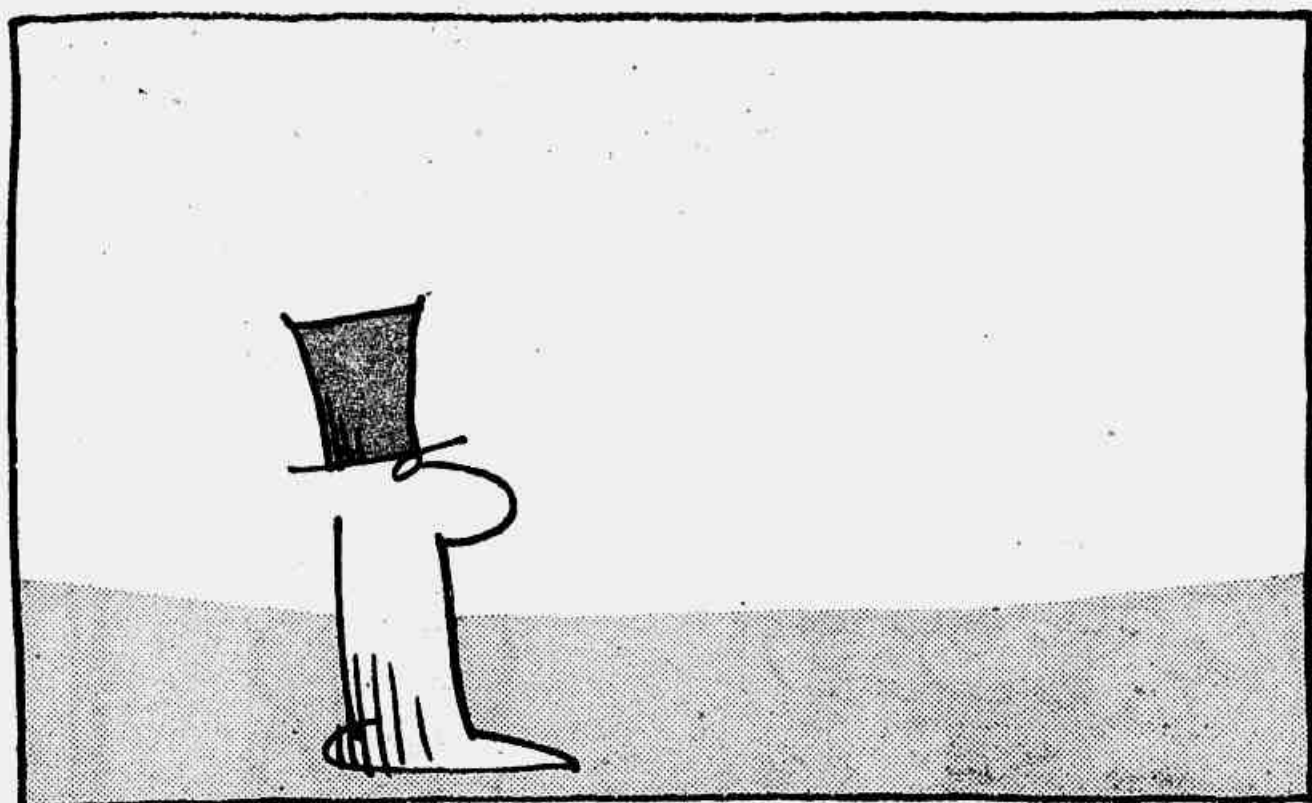
O QUE É QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO, IGOR?
EU...

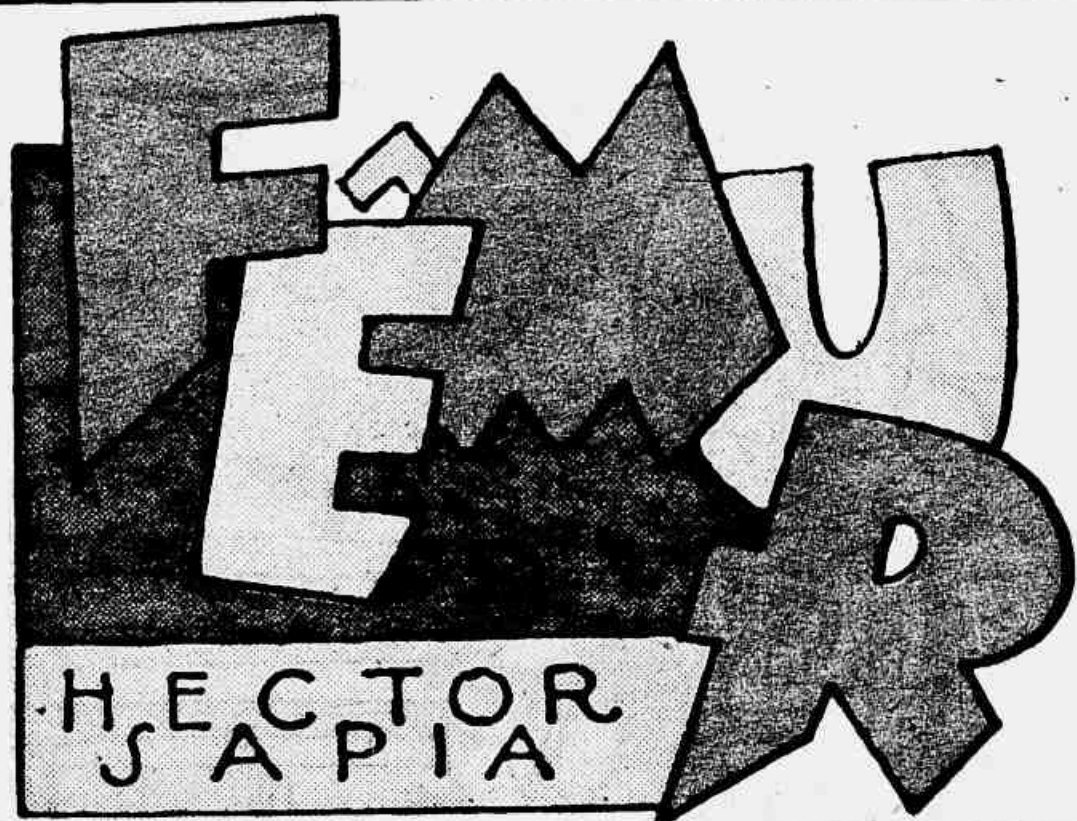
VOCÊ NADA! SETE MESES DE ENSAIO E AGORA ISTO?
É QUE...

VOCÊ ESTÁ BEBADO, IGOR!
ESTOU! ESTOU! É A ÚNICA MANEIRA DE AGUENTAR TANTA HUMILHAÇÃO! VOU EMBORA, OUVIU? EMBORA!

EI!

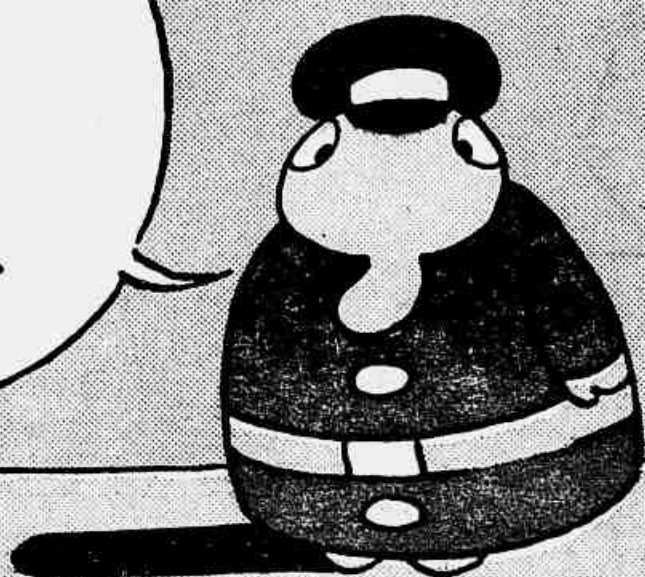
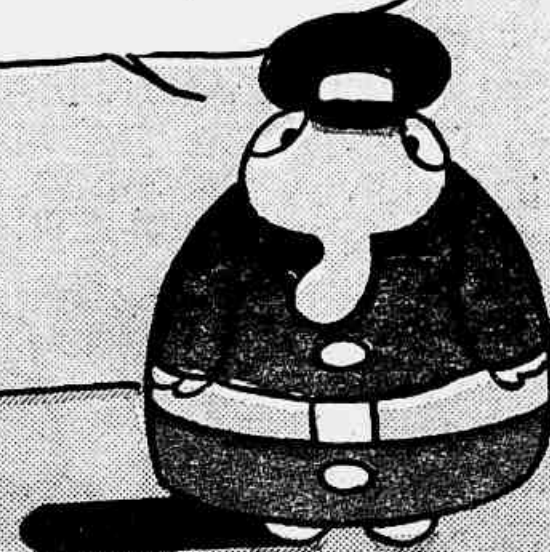
O QUE?

DEVOLVE AS SAPATILHAS

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

FÊMUR
HECTOR SAPIA
...
NÃO PRECISA FALAR, VOCÊ E' UM NOVO PERSONA-GEM.

PELA ROUPA, SE VÊ QUE E' UM GUARDA...
...QUE VEIO PARA CUIDAR DA HISTO-RINHA.

NADA DISSO!
SOU O PORTEIRO DA REDAÇÃO...

E ESTOU AQUI PARA AVISAR AOS QUERIDOS LEITORES...
QUE NÃO SE ESQUEÇAM DE VIRAR A PÁGINA, ASSIM QUE ACABAREM DE LER ESTA HISTORINHA.
116
SAPIA

KID FAROFA de Tom K. Ryan

FRANK e ERNEST

© 1980 MAURICIO DE SOUSA PROD

BELINDA
de YOUNG e RAYMOND

MINHAS CALÇAS PRECISAM SER PASSADAS.

VÁ TOMANDO CAFÉ ENQUANTO ISSO!

O QUE MEU CHAPÉU ESTÁ FAZENDO AÍ?

BEM, ESCREVI PARA A MIRIAM...

E PUS A CARTA NO CHAPÉU, PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA DE PÔ-LA NO CORREIO.

ISSO É UM INSULTO!

PENSA QUE SOU UMA CRIANÇA?

NÃO VÊ QUE SOU UM ADULTO RESPONSÁVEL?

DESCULPE, MEU BEM... EU NÃO DEVIA TER FEITO ISSO.

NUNCA MAIS FAÇA UMA COISAS DESSAS, CERTO?
PODE DEIXAR.

TOME SUAS CALÇAS.

NINGUÉM GOSTA DE SER TRATADO COMO UM BOBO.
ÔNIBUS
YOUNG RAYMOND 3-23

O MAGO DE ID
PARKER E HART

© Field Enterprises, Inc., 1980

MMMMNFFFFF
7·13

PUFE PUFE
ARF ARF
ARFE ARFE
PUFE

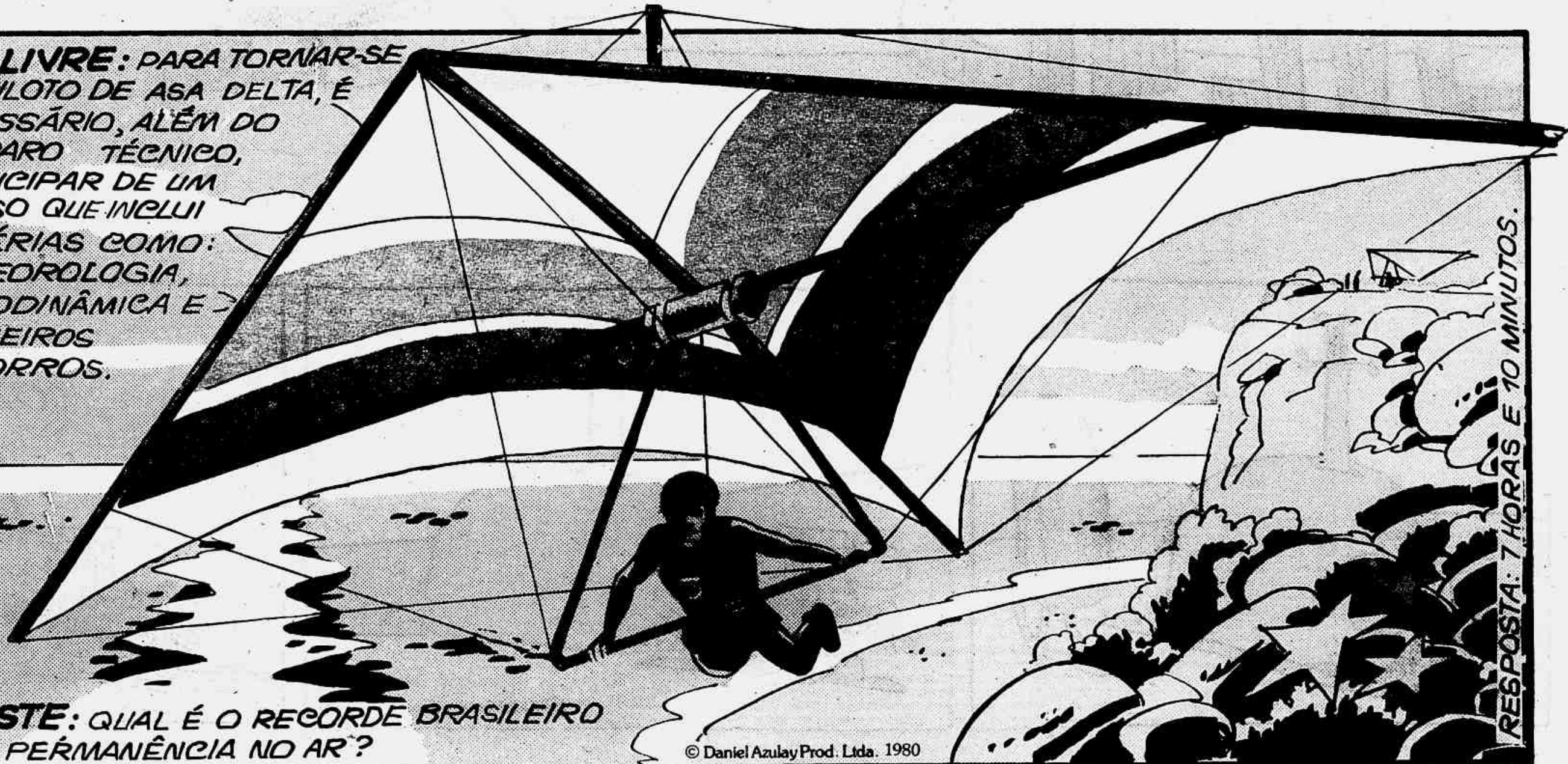
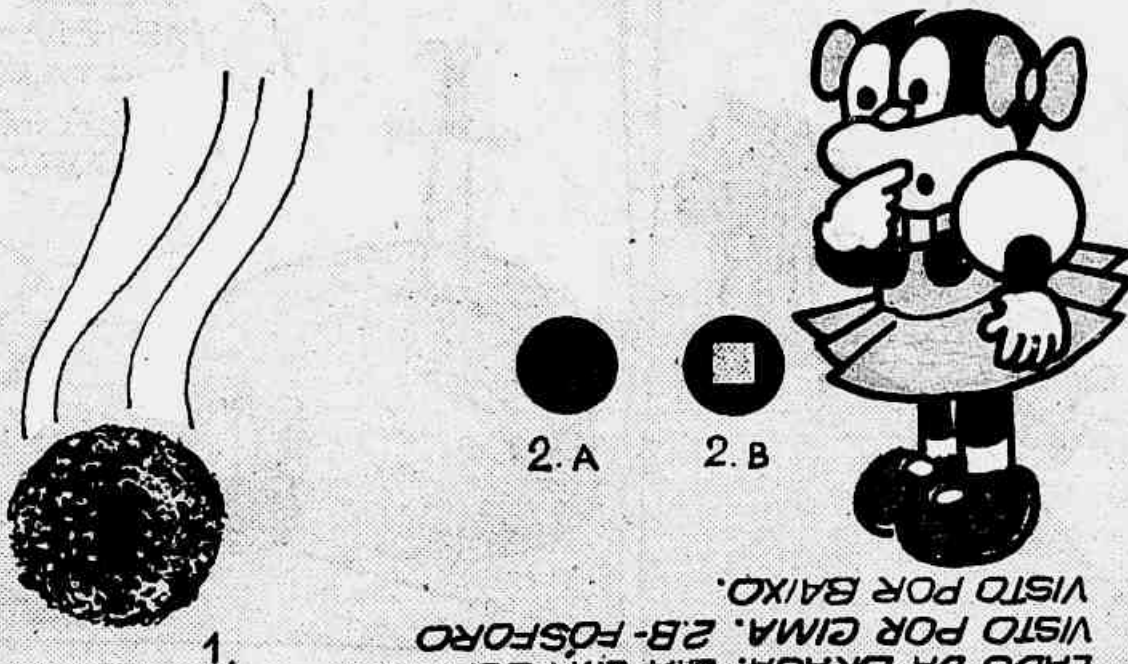
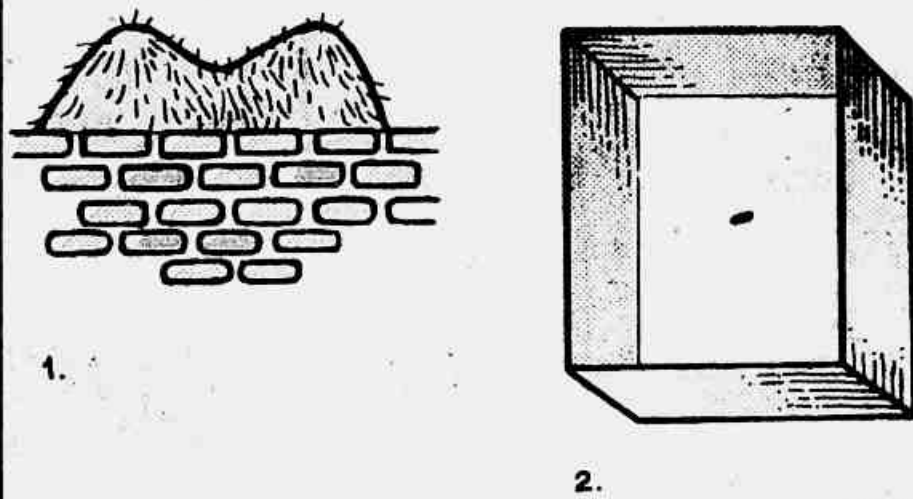
PODE ME EMPRESTAR A SUA FAQUINHA?!

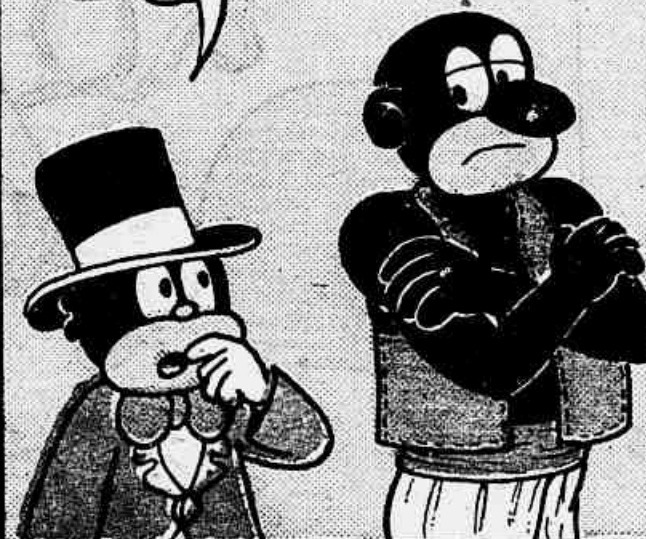
IANC

PIL
PIL
PIL

NHOQUE
NHOQUE
NHOQUE

RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
É ISSO AÍ, COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?
Daniel Azulay
O CIRCO LAMBE-LAMBE

VÔO LIVRE: PARA TORNAR-SE UM PILOTO DE ASA DELTA, É NECESSÁRIO, ALÉM DO PREPARO TÉCNICO, PARTICIPAR DE UM CURSO QUE INCLUI MATÉRIAS COMO: METEOROLOGIA, AERODINÂMICA E PRIMEIROS SOCORROS.
TESTE: QUAL É O RECORDE BRASILEIRO DE PERMANÊNCIA NO AR?
RESPOSTA: 7 HORAS E 10 MINUTOS.
© Daniel Azulay Prod. Ltda. 1980

AJUDE A DAMIANA A DESCOBRIR O QUE SIGNIFICAM AS FIGURAS ABAIXO.
1.
2.A
2.B
R.1 UM CIGARRO ACESO, VISTO DO LADO DA BRASA. 2.A-UM FÓSFORO VISTO POR CIMA. 2.B- FÓSFORO VISTO POR BAIXO.

ADIVINHE SE PUDER... O QUE REPRESENTAM ESTAS FIGURAS?
1.
2.
R.- 1) UM CAMELO ATRÁS DE UM MURO. 2) UMA PULGA DORMINDO NUMA CAIXA DE FÓSFORO.

ESTOU PRONTO PARA PEDIR EMPREGO DE MÁGICO AO DONO DO CIRCO, TRISTINHO!
ÓTIMO! SÓ QUE VOCÊ TERÁ QUE ENTRAR NA FILA DE CANDIDATO ÀS VAGAS DO CIRCO!

EI, MOÇO! O QUE É QUE O SENHOR FAZ?
©DANIEL AZULAY 1980

EU SOU MÁGICO! E VOCÊ?
OH! EU SOU APENAS CARREGADOR DE ÁGUA! EH! EH!

JORNAL DO BRASIL • Não pode ser vendida separadamente — Ano 5 — Nº 230

Revista do Domingo

SUCESSO DO BAIRRO FIDALGO

Entre o velho e o novo, Botafogo expande seus negócios

mod. Roller
mod. Spazzio
B. RIDZI & LM
O que vai acontecer
em óculos (*)
você encontra
agora em
di occhiali
(*) design e cores exclusivas
Pronta entrega
as opções da moda
Di Occhiali — Rio Sul Shopping Center, 3º andar — loja 10
Visconde de Pirajá, 330 — loja 114 — Ipanema — tel.: 287-8677
Conde de Bonfim, 344 — loja 107 — Pça. Saens Peña — tel.: 248-9188
Camarim Visconde de Pirajá, 330 — loja 305 — Ipanema — tel.: 267-3845
Optiboutique — Visconde de Pirajá, 444 — loja 106 — Ipanema — tel.: 267-5871

Domingo
JORNAL DO BRASIL

RIO, 14-09-80, ANO 5 — Nº 230

4 QUEM

10 PERTINÁCIA NAS VOZES
Os rostos que integram o coro do Teatro Municipal podem ser familiares; nem tanto as dificuldades de um conjunto, que, em excelente fase, exige muito de seus cantores e pouco os gratifica

14 RECICLAGEM NO BAIRRO
Botafogo, que já foi o bairro residencial por excelência da Zona Sul, vai, aos poucos, atraindo empresas e negócios, com a saturação do Centro e de Copacabana

22 SIMON E SEU DESAFIO
Paul Simon adere ao cinema como diretor — depois de atuar como ator e fazer trilhas sonoras — para diversificar sua carreira na canção

24 LUXO DE OCASIÃO
O aluguel de trajes de gala, eterno motivo de gracejos, é um negócio alternativo para alfaiates: ninguém mais manda fazer casacas

28 HORÓSCOPO

30 "JEANS" PARA CRIANÇAS
Submetida a duras provas em *playgrounds* ou pistas de patinação, a roupa resistente por excelência mostra a que veio

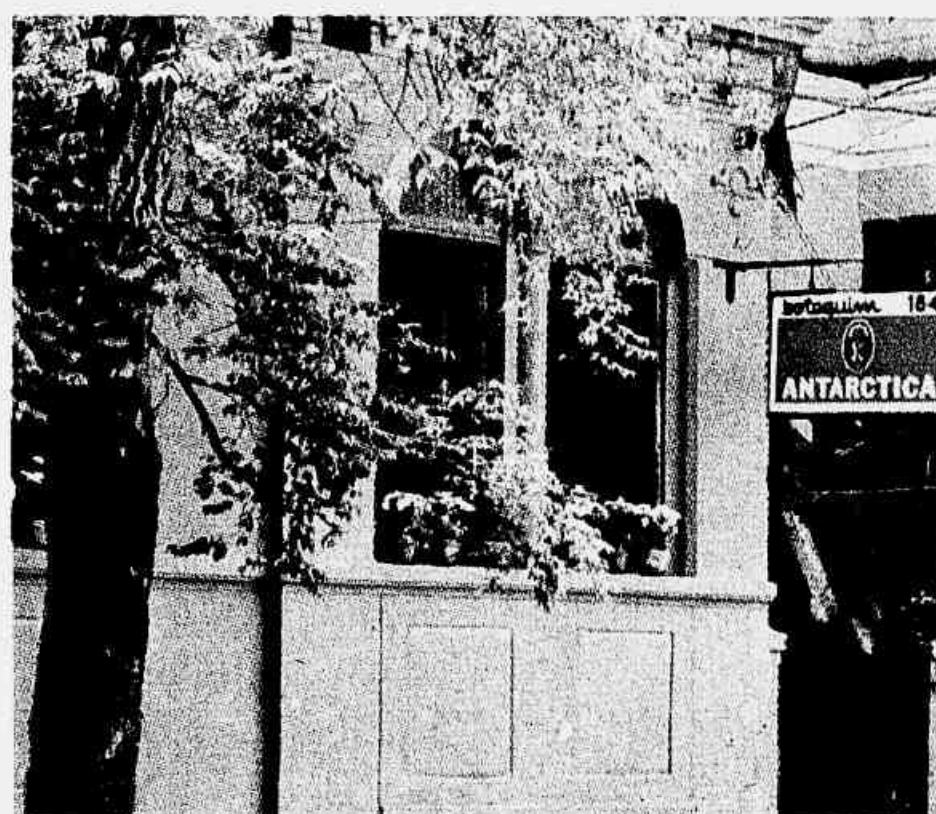
36 BRIDGE

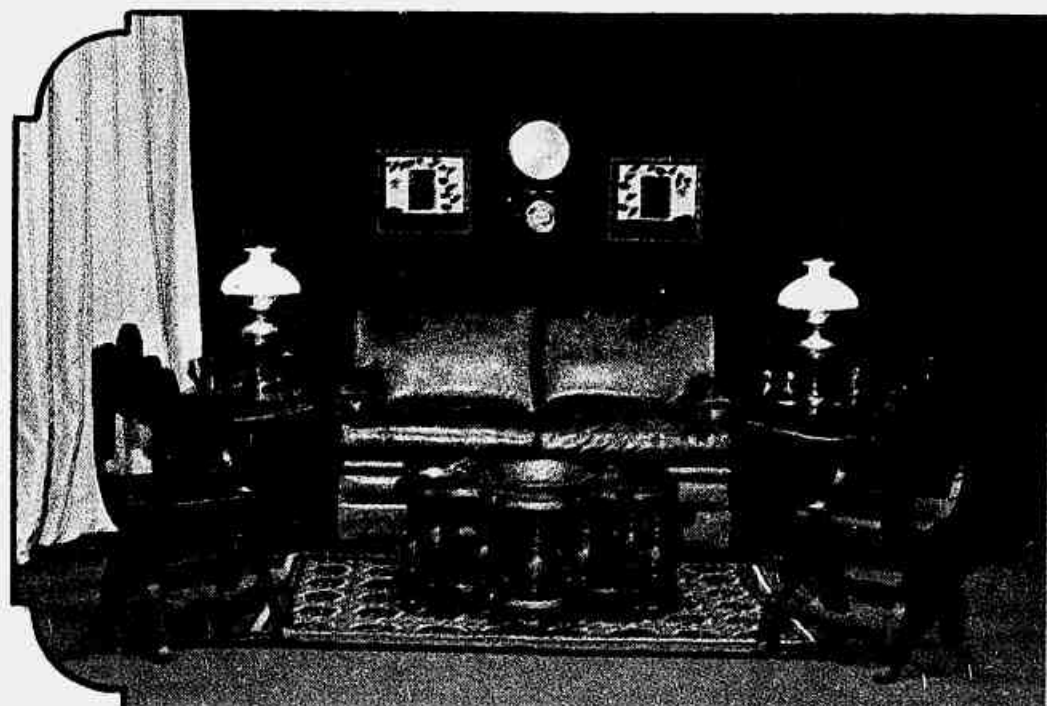
37 GAMÃO

38 VERÍSSIMO
Lentejoulas

CAPA:
Cenas de Botafogo, fotos de Geraldo Viola

IVC
Revista de Domingo figura no IVC (Instituto Verificador de Circulação), através do JORNAL DO BRASIL. Consulte as Notas Explanatórias.

Elegância por um dia

Força do velho charme

Resistência para vestir as crianças

Ghiuselev, de pintor a Don Giovanni

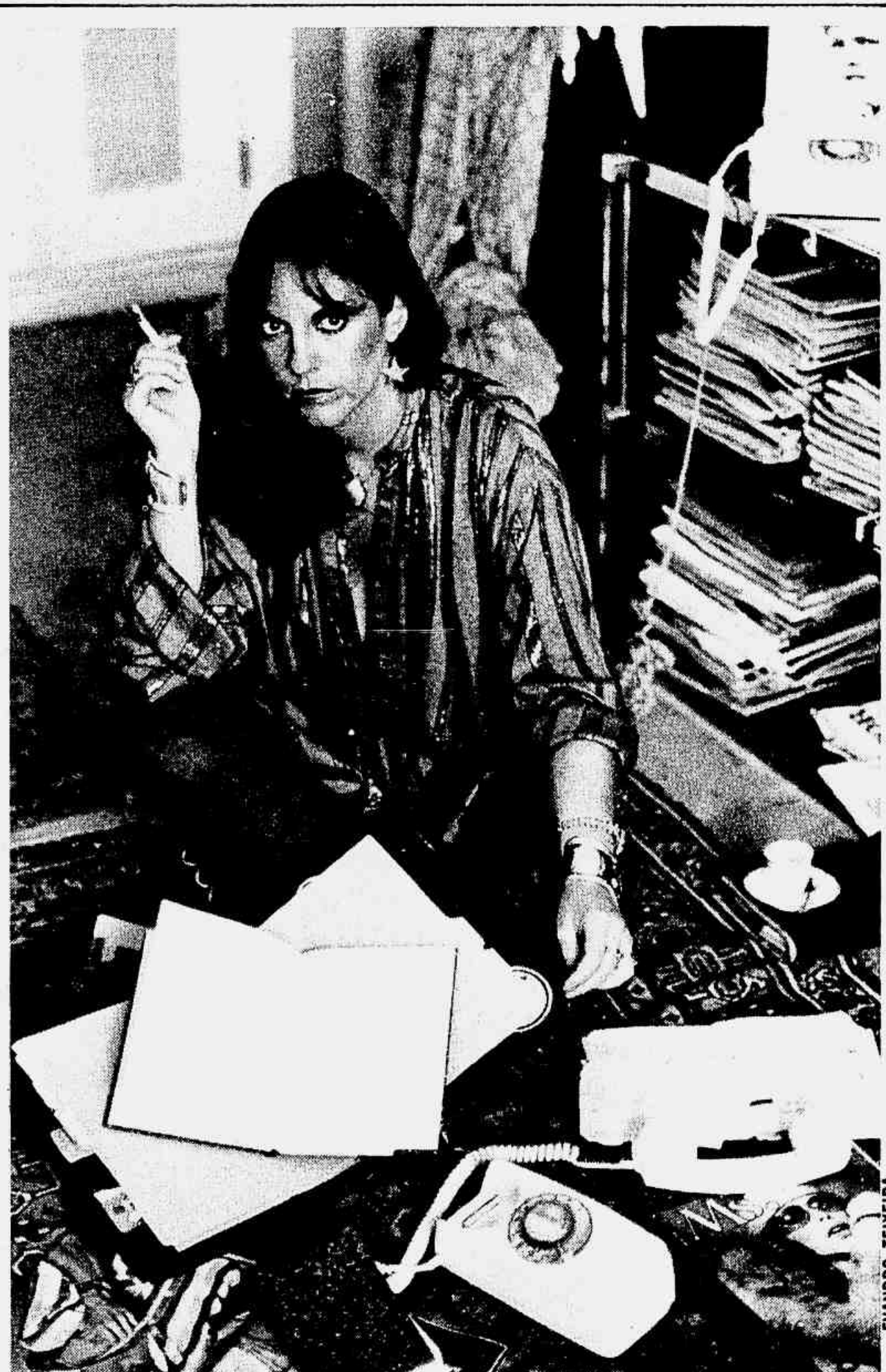
Aos 44 anos, aparência jovem, alto e esbelto, Nicola Ghiuselev tem o *physique du rôle* do *basso cantante* tradicional. Nos bastidores do Teatro Municipal do Rio, durante os ensaios da ópera *Don Giovanni*, que estreou anteontem, ele fala alto, voz empostada, evoluindo com igual facilidade pelo italiano, francês, russo e búlgaro, sua língua natal. Nesse cenário que alguém poderia comparar a uma das cenas de *La Luna*, faz uma revelação surpreendente: "Nunca entrei num conservatório para estudar música, fiz a Escola de Belas Artes, queria ser pintor".

É a segunda vez que vem ao Brasil — a primeira foi há sete anos — e agora retorna depois de ter pisado os palcos do Scala de Milão, Covent Garden, Opera de Paris, Cólon de Buenos Aires, entre outros, mostrando um repertório variado que vai de *Bóris Godunov* a *Fausto, Dom Carlos, I Lombardi, Aida*. Nada demais para quem canta praticamente desde que se entende por gente, e aos 11 anos, ao mesmo tempo em que pintava, já se apresentava nas festas de fim de ano de sua escola, na cidade de Pavlikeni, na Bulgária, e representava um melodrama, *O Pequeno Violinista*. Seu *début* foi em junho de 1961 e desde então vem correndo mundo.

Casado com Vassilia Papantoni, soprano lírica, atualmente na Bulgária, Ghiuselev tem mais de 20 discos gravados, entre óperas completas e árias, sob diversos selos, e dois filhos. "Eles têm jeito para a pintura, que abandonei quase totalmente", comenta entre orgulhoso e nostálgico. Uma forma de arte que teve de deixar de lado quando o maestro Hors Steim, de Berlim, convidou-o para cantar na Alemanha, em 1960. (JOËLLE ROUCHOU) ■

GERALDO VIOLA

Nicola Ghiuselev, "nunca no conservatório"

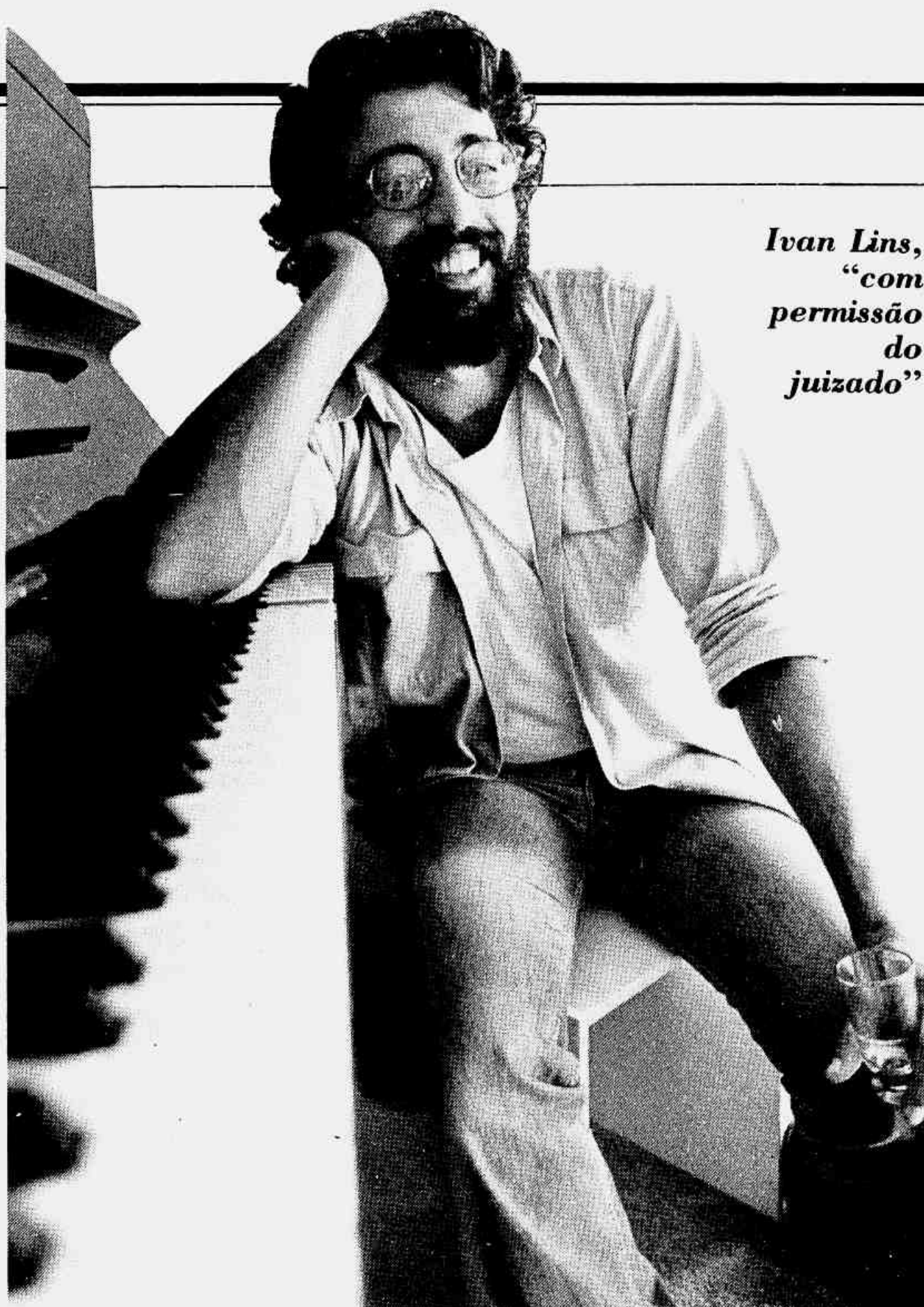
EVANDRO TEIXEIRA

Yonita Salles Pinto, "promoções promissoras"

Yonita acha o primeiro emprego

Yonita Salles Pinto encontrou para seu enorme apartamento da Praia do Flamengo outra função que não seja a de receber bem e morar com os três filhos, dezenas de quadros e centenas de fotografias. No amplo escritório atapetado, com os dois telefones e seus manuseados cadernos de endereço, atende clientes que procuram a marca do costureiro Markito, de quem ela será a partir desta semana a única representante no Rio.

É o primeiro emprego dos 33 anos da vida movimentada de Yonita. Pelo menos, o primeiro a lhe aumentar a renda, porque os *bicos* que pegou aos 16 anos — vender assinaturas da revista *Senhor* e cantar num coro do CPC, ainda adolescente nos anos 60 — não foram propriamente atividades lucrativas. Sequer idealistas, porque onde ela se sente mais à vontade é no universo das roupas exclusivas, do luxo atraente, da sensualidade notada.

Ela conhece Markito há quatro anos e desde então, à noite, só usa seus vestidos, elaboradamente bordados por um grupo de dedicadas senhoras de Uberaba — onde nasceu o costureiro. Desfile, promoções e estoque — inclusive a infraestrutura de ligação entre Rio e São Paulo — estão agora nas mãos de Yonita. Agitada, ela acredita na fórmula e fala com desembaraço da sociedade "com um grande amigo" — que lhe traz promissora percentagem nas vendas. (RM). ■

CYNTHIA BRITO

Ivan Lins, "com permissão do juizado"

Ivan apura música em novo tempo

Na gíria dos músicos, *cozinha* significa o acompanhamento, a base orquestral que destaca o cantor, a linha melódica, enfim toda a produção do disco. Do muito que se pode dizer dos discos de Ivan Lins, o mínimo será que a cozinha é caprichada ao extremo. Assim ele prepara o próximo, *Novo Tempo*, com lançamento previsto para 22 de setembro: senta no piano, na casa do arranjador Gilson Peranzetta — um dos mais completos tecladistas destes quadrantes — e faz marcação na pauta, repetindo os arranjos, buscando a perfeição.

O lançamento está previsto, no Rio, para 22 de setembro, com a mesma banda que vai a São Paulo. "Temos sangue novo", conta Ivan, "Gerson, que toca sax alto e baixo tem 14 anos e vai ter de atuar com permissão do Juizado de Menores e a mãe na platéia. Miguel, trompete e flauta, tem 18 e o guitarrista Márcio Cortes está com 21". Como no *show A Noite*, não haverá maiores preocupações com cenários. O que não impediu uma temporada de sucesso em várias cidades do Brasil e a venda de 90 mil cópias do disco.

Com isso, é claro, sobra pouco tempo para os filhos: "Quando estou no Rio, nós jogamos, vamos à praia, conversamos. Mas a música me absorve muito". Na realidade, aos 35 anos, com nove discos gravados, ele é considerado um dos compositores e intérpretes de produção mais consistentes no Brasil. Depois do lançamento do novo disco, Ivan pensa em fazer mais um *show* no Rio, desta vez no Casa Grande. Em *Novo Tempo*, ele canta música de Caetano Veloso, Suely Costa, João Bosco, Zé Kéti e composições suas em parceria com Vitor Martins.
(DORIS MOULLY) ■

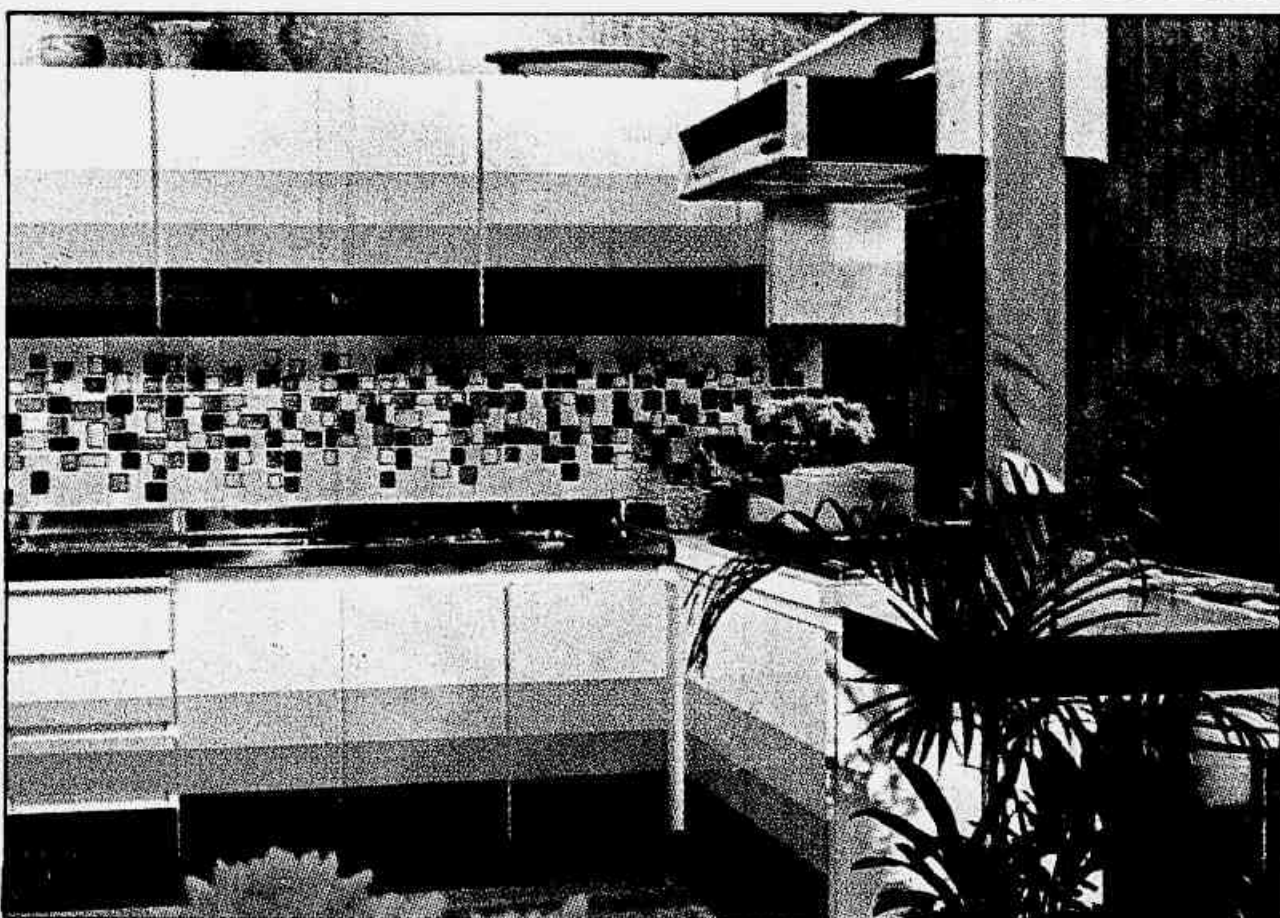
EVANDRO TEIXEIRA

Antônio Bernardo, "prender num ponto e soltar no resto"

Antônio põe mais beleza no funcional

Os brincos em forma de raio, estrela ou Lua que ele criou para a última temporada foram sucesso absoluto. O exemplo do pingente como espaço aberto para a criatividade — "ao contrário do anel, é só prender num ponto e soltar o resto" — ilustra a maneira como Antônio Bernardo aborda seu *métier*, o de artesão da joalheria. Depois de abandonar o curso de Engenharia, de trabalhar com o cunhado e o pai numa oficina de jóias, de montar uma confecção e uma loja em sociedade, ele resolveu investir em seu próprio talento. Primeiro, inspirando-se em *griffes* como Cartier, depois, "fazendo um curso de desenho, começando a criar minhas próprias peças, com minhas mãos".

A importância da experiência direta do artesão é isso: trabalhar materiais que Bernardo não reputa pela nobreza, necessariamente. A prata, o ouro, tudo é uma questão de fases, de moda. Com um atelier montado em casa mesmo — onde recebe hoje, por telefone, verdadeiras baterias de encomendas — ele vai pesquisando texturas, empregos diversos para materiais orgânicos como a casca de côco — "aquela que os índios usam para fazer seus enfeites" — que podem ser misturados até mesmo ao ouro, ao coral.

"A jóia é uma peça fundamental, em contato com o corpo", frisa ele mostrando uma singela folha que colheu em Nova Iorque e que tenta imitar para algum delicado lóbulo. Antônio não esconde sua insatisfação com o mercado local: "Nos Estados Unidos", conta, "grandes joalheiros fazem peças de madeira, acrílico e outros materiais não nobres, e são respeitados pela beleza da peça, apenas." — Talvez por isso ele inclua atualmente em seus problemas a abertura, não de uma loja, mas de uma galeria, "onde as peças possam ser vistas, como quadros". (JOËLLE ROUCHOU) ■

TRAGA O CUPOM E PAGUE MENOS PELO CHÁ QUE VOCÊ MAIS GOSTA

Agora você pode economizar dez cruzeiros na compra da
de 48 saquinhos do chá Tender Leaf.
E para isso, basta apresentar o cupom
Aproveite. Pois não é todo dia que aparece

quem

Liêdo e a arqueologia do ferro

Velhas dobradiças, ferrolhos, grades ou cantoneiras, trilhos, longarinas ou discos de arados recuperados em demolições e montados sem maior manipulação: com suas esculturas de ferro artesanal, Liêdo Maranhão não só ajuda a reconstituir a memória arqueológica do Recife, denunciando o estado de calamidade para onde o descaso e a depredação encaminham o patrimônio artístico e cultural, como dá continuidade a sua inclinação para o cuidado com as manifestações populares. "Dentista de obturação", como é conhecido por seus serviços do INAMPS, Liêdo alia agora o empenho de "mostrar a beleza do ferro" a um antigo trabalho de identificação fotográfica e literária dos tipos humanos do Nordeste. Sua coleção de 4 mil folhetos de cordel é das maiores do país. Com dois livros publicados sobre o assunto, ele lança agora, inspirado nos tipos do mercado de São José, um terceiro, que pretende ir de encontro à banalização do erotismo contando o que é a sexualidade popular. (FÉLIX FILHO, Recife) ■

NATANAEL GUEDES

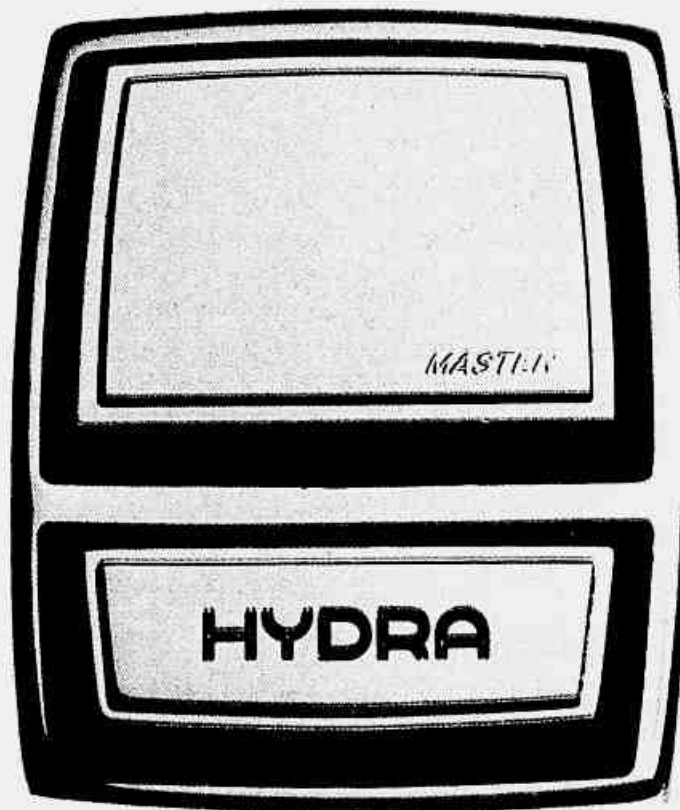
Liêdo Maranhão, "dobradiças, grades e arados"

Dominique, primeira na gastronomia

Quando criança, ela acostumou-se a viajar até 300 quilômetros com o pai, entusiasta da gastronomia, para buscar um ingrediente especial destinado a entrar na preparação de um prato também especial. Agora, à testa do restaurante Olympe, em Motparnasse, Dominique Nahamias, 29 anos, pode arvorar o título de único *chef de cuisine* do sexo feminino distinguido com as três *toques* — chapéu de cozinheiro — com que o guia gastronômico Gault et Millau premia os profissionais de exceção (a cotação máxima é de quatro *toques*).

Ninguém a verá, contudo, em sua cozinha usando o tradicional e alto chapéu. Avessa a atitudes e receitas preestabelecidas, ela trabalha ao sabor da inspiração de momento e ervas e temperos jamais se encontraram em quantidades iguais duas vezes nas iguarias que prepara. (GILL MARAIS, Paris) ■

KEYSTONE

Dominique Nahamias, "jamais duas vezes"

A Deca apresenta um elemento inédito para a decoração do seu banheiro: o silêncio de uma válvula de descarga bem-educada. No meio do silêncio, tudo fica mais bonito no seu banheiro. Até o espelho. E a silenciosa Hydra Master reflete exatamente isto: seu estilo de vida, seu bom gosto. Com Hydra Master, a Deca acabou com o tempo em que as pessoas bem-educadas eram obrigadas a conviver com válvulas de descarga sem um pingo de educação.

Visite nosso Show-Room à Praça Oswaldo Cruz, 39 - SP.

Um produto **Deca**

Bravura

VETERANOS MENINOS DO CORO

Os cantores estáveis do Municipal não têm as glórias do estrelato, mas vivem um momento de apogeu

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU
FOTOS DE GERALDO VIOLA

São familiares esses rostos que preenchem a manhã da sala praticável do Teatro Municipal. Cento e dezesseis seria o total exato, mas os ensaios da ópera *Don Giovanni* os reduzem a menos da metade, de acordo com sexo e registro. E o que mais surpreende não é a forma fácil como esses rostos tão comuns — "onde foi mesmo que já nos vimos?", é a primeira reação — emitem sons tão altivos, grandiosos e nobres. Impressiona, sim, o jeito como eles já parecem grudados na memória antes mesmo de serem capturados pelo binóculo; já existem na lembrança de um sinal fechado no Centro da Cidade, de um ônibus mais apertado, antes ainda de a cortina se levantar e neles revelar o coro do Municipal.

A sala vibra com a marcação de pé que o maestro argentino André Maspero dá à complicada passagem que estão ensaiando. Apenas os homens, dessa vez. Os barítonos entram errado. Recomeça tudo outra vez, alternando piano, pé e palmas na marcação. Dona Marina Marques sorri de pernas cruzadas, um pouco de suor marcando as têmporas grisalhas, e sussurra com hálito de batom, respeitosa. "Aumentou assustadoramente o interesse pelo coro", diz ela, "de todas as partes". Mais parece uma orgulhosa diretora de colégio público assistindo à peça do encontro anual de pais, mas dona Marina é a administradora do coro, há dois anos. Refere-se, sem citar nomes, à mudança operada nos corpos estáveis do Municipal: o balé, a orquestra e o coro. Lembra, sempre com discrição de mãe, que o que move essa massa heterogênea de notas não é o dinheiro. Se fosse por ele, nada ocorreria. Ela trata o coro de "os meninos" e os atiça como se fossem crianças.

O coro já foi famoso, caiu no esquecimento e agora retornou à forma tal que chega a ser emparelhado com os cinco melhores do mundo, de acordo com as qualificações do jornal *The Times* e da revista *Opera News*. Mérito espantoso para esse corpo estável do Municipal que, em passado recente, era constantemente preterido pela Associação de Canto Coral em seu próprio território. "Antes, o coro era mais burocrático", diz Luiz Paulo Horta, crítico de música do JORNAL DO BRASIL, "e, claro, se não se usa o coro, ele fica lá criando mofo. Agora, no entanto, com a valorização do conjunto, com estímulos através de salários melhores, o coro do Municipal inverteu a situação. Chega a ser um luxo deixar encostado um coro tão bom num país sem cultura, não é verdade?" O fechamento do Municipal para reparos, em 1977, culminou uma crise político-financeira que já se arrastava por cerca de três anos e que teve um dos seus pontos altos no afastamento do maestro Santiago Guerra da regência do coro, após 50 anos de serviço desde sua fundação.

A paga era ínfima, de acordo com os sempre baixos padrões menores do funcionalismo público. O mercado era restrito já pela própria natureza do público, pouco dado agora à gorda temporada lírica de tempos não muito antigos, o que se agravava pelas portas fechadas de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Esta última praça, num canhestro exercício de matemática geográfica, dava preferência aos talentos canoros importados do Uruguai ou da Argentina para economizar na passagem de avião. Por outro lado, os outros teatros espalhados pelo país — nunca em número considerado satisfatório — foram sistematicamente sendo desativados ou "desacelerados", queixa-se um barítono.

Destacado entre os melhores do gênero, o coro reúne profissiona

E de todos esses problemas, apenas o financeiro amenizou-se, quando o Teatro Municipal foi transformado em fundação, obteve maior autonomia administrativa e injetou nos salários do servidor uma compensação que elevou o piso a algo em torno dos Cr$ 23 mil. O que, ainda, é muito pouco para quem desejar dedicar-se exclusivamente à arte do canto. Os outros obstáculos permaneceram, sólidos, irremovíveis.

"Além do mercado restrito para o cantor lírico", conta Ronaldo Miranda, também crítico de música, "há uma falta total de incentivo no sentido de se investir dinheiro no coro e no artista brasileiro. Os mesmos 50 mil dólares pagos a Grace Bumbry para uma pequena temporada dariam e sobrariam para um ano de treino com bons profissionais para o coro". Ele lembra que o quase desconhecimento do artista lírico nacional pode atingir proporções anedóticas. "Quando Áurea Gomes veio se apresentar no Brasil, depois de longa ausência", recorda, "hou-

is de vários setores. Este ano, voltou a exibir-se fora da temporada de ópera

ve muita gente, mas muita gente mesmo que pensou que ela fosse portuguesa".

Longe vão os tempos em que estrelas esbarravam umas nas outras na cochia do Municipal, em que a Tupi transmitia óperas diretamente do teatro. O maestro Guerra lembra-se bem. Tem tudo documentado, em recortes guardados carinhosamente por seu pai — empresário espanhol que o queria longe da música para que não morresse de fome — e, mais tarde, por sua mulher. Não era como agora, quando há meses até para se preparar uma ópera. "Tínhamos a temporada nacional, a francesa, a italiana e a alemã", lembra-se o maestro Guerra, "e fazíamos de 60 a 70 espetáculos por ano dentro de um repertório de 12 a 15 óperas. Fazíamos também oratórios, e trabalhávamos com o repertório russo".

"Trabalhava-se muito e ganhava-se pouco", continua o maestro, de repente soando contemporâneo demais. Logo ele, que durante oito exatos anos trabalhou de graça para o Municipal com um coro que, "honra seja feita, jamais decepcionou", mesmo que se tenha originado — conta a lenda da classe — de tacanhos italianos recrutados à galega no Rio de Janeiro por suas poderosas vozes. "Era melhor ter que ensinar solfejo do que usar pessoas que não cantavam nada", concede o maestro.

Três maestros mais tarde, nas mãos do argentino Maspero, o coro do Municipal pode ser chamado de mais sofisticado, em comparação a suas primeiras formações. Pelo menos é o que faz supor a unanimidade no conhecimento de teoria, de ópera, de arte. Mais curioso, o coro comporta um folclore de pequenas sagas, de fugazes glórias de solista, que o próprio formato de coletividade anônima ajuda a ofuscar. E a culpa pelo esquecimento desses poucos momentos — e até por sua exígua freqüência — recai, quase sempre, sobre a bilheteria. "Um nome de fora vende mais ingressos", vocifera taxativo um barítono. O que não deixa de ser verdade. Quando a sorte chega, os solistas do coro — e não são poucos — não estrelam: substituem. Para isso, precisam estar sempre em forma, preparadíssimos, e ter o mais amplo dos repertórios.

José Roque, por exemplo, barítono atarracado e gentil, já se acostumou a ser o substituto. "Acho que nasci para ser o fantasma da ópera", dizia há um ano, quando substituiu Benito di Bella como o Conde di Luna do *Trovador*, de Verdi. Ainda agora, em *Don Giovanni*, ensaia a parte de Mazzetto para qualquer emergência. Até mesmo no leve musical *Hello Dolly* Roque substituiu o ator Milton Carneiro. Mas fica lá, no coro, "que é a estaca, mesmo."

Há 18 anos no coro, Roque começou a cantar garoto ainda, inspirado em Vicente Celestino, em Bicas, Minas Gerais. Sua voz sobressaía entre as dos colegas de escola e, em 1955, já em Juiz de Fora, Roque iniciou sua carreira lírica. Treinado pelo maestro Mario de Bruno, Roque estreou em *Os Palhaços* e logo entrou para a Escola de Canto Lírico do Teatro Municipal, que funcionava no anexo, hoje demolido. Como todos os colegas atestarão, Roque lamenta a falta de tradição lírica no país. Ainda mais quando os horizontes de progresso em carreira terminam logo ali na esquina. "É um trabalho hercúleo. Para ganhar a vida, tenho que ir para o coro. E olhe que já chutei a sorte. Ganhei bolsa-de-estudos em Viena, fui convidado para estágio em Frankfurt, mas não fui. Não que esteja reclamando do casamento — sou muito feliz — mas depois de um certo tempo de nossa vida, as coisas não podem mais ser feitas com tanta facilidade e despreocupação". Roque não pensa em sair do coro.

"Viver de cachê é muito difícil", concorda o tenor Zacharia Marques, desde 56 no Municipal como solista, no coro desde junho passado. "A conjuntura não está fácil". Ex-pretendente à música popular, esse mineiro de Muriaé chegou ao Rio em 1948 e logo agregou-se ao coro de igreja na Tijuca. Depois de passar pelo Teatro Experimental de Ópera fundado por Paschoal Carlos Magno e Alda Pereira Pinto, 12 anos mais tarde Zacharia já era convidado para papéis secundários, até estrear como solista ao lado de Mario del Moncaco. À época, Zacharia trabalhava como bancário.

"Você veja o Paulo Fortes, por exemplo", conta Zacharia, envolvido na percussão intrometida de um vibrafone no camarim ao lado. "Ele é obrigado

Zacharia: dó de peito em comerciais

Roque: eterno fantasma da ópera

Mesmo inconformados com a falta de estímulos, reservados ao talento estrangeiro, eles vão ficando, dedicados

hoje a ter uma série de atividades para poder viver. Não dá apenas para ser cantor lírico. Eu já cantei na Argentina, na Venezuela, nos Estados Unidos, Chile, Itália, mas atualmente a atuação tem sido pouca. Esse ano, como solista, fiz apenas três programas na TVE." Pára e pensa. "Fiz também um comercial para a campanha do "Seu Talão Vale um Milhão". Precisavam de alguém que desse um dó natural de peito. Fui lá e em minuto e meio faturei um cachê de Cr$ 12 mil."

Os mais novos integrantes do coro parecem mais precavidos do que seus antecessores. O soprano Isabel Porciúncula, por exemplo, não abre mão da advocacia, mesmo tendo engordado suas credenciais com sete anos de curso na Escola de Canto Carmen Gomes. "Não temos condições de viver da arte", diz Isabel. "É um círculo vicioso que dificilmente acabará, porque não temos nenhuma tradição cultural. E, ainda por cima, ópera ainda é uma coisa bastante cara; ninguém pode se dar ao luxo de ser assíduo". Porciúncula não tem ressentimentos da

Isabel: apesar de tudo, o sentimento de integração

Guerra: colaboração histórica, hoje dispensada

profissão. "Ainda não tive tempo. Mal comecei a carreira. Não penso em trabalhar como solista, quer dizer, não me preocupo com isso. Estou satisfeitíssima com o coro, sinto que faço parte, que sou uma nota na pauta que não pode ser dispensada."

O barítono Hélio Paiva também não se ressente de seus 30 anos de coro. Desde sua aprovação em 1º lugar no concurso para o corpo estável do Municipal — "só precisei me adaptar à clave de fá e decorar um trecho de ópera" — ele exercita sua teoria de que o "coro dá agilidade ao solista". Já solou em *Carmen, Schiavo, Barbeiro de Sevilha*. Foi o cantor principal de *My Fair Lady* — chegou a gravar o tema *On the Street Where You Live*. Foi cantor de rádio nas antigas Tamoio e Tupi, trabalhou por 14 anos consecutivos como *crooner* da Orquestra Tabajara. "Nunca me poupei", diz Hélio sério, num forte contraste com o bufão que assusta os colegas durante os ensaios, "pra acordar todo mundo". Nos seus 56 anos, Hélio pensa numa *reentrée* na música popular, porque, além do desejo, mesmo após três décadas de coro, ele não consegue uma renda que represente sequer a metade do que seu filho, engenheiro, ganha por mês.

Mas ele não deixa o coro. Irado com injustiças, com poucas perspectivas, salário baixo. Mas fica. Roque também fica, apesar das injustiças ("Zeffirelli só queria jovens bonitos para a *Traviata*. Foi preciso que o maestro Nicola Rescigno desobedecesse à ordem para me dar a parte do barão"), apesar da agenda magra de solos, apenas um, em oito meses.

Ficarão todos. Estáveis.

"É uma das formas mais sublimes de se fazer música", dirá a *mezzo* Yara Porto, ex-funcionária do Ministério da Indústria e do Comércio e hoje professora. De música.

Mais, além disso. Disse uma vez um fotógrafo que uma pesquisa americana escalou as profissões que mais matam. O jornalista ficou em segundo lugar. O músico ficou em último. E ouvindo-se Hélio Paiva e seu fiel escudeiro Paulo Alberto Mattos recordarem, às gargalhadas, a vez que um figurante "morreu" em cena sem sequer ser atingido, não é difícil entender por que, para dona Marina Marques, eles são, sempre serão, "meninos". ■

Toulon: Avenida Copacabana, 978, loja e pronta-entrega no mesmo local apresentando a nova coleção primavera/verão: jeans, cáquis, os tons pastéis e as cores vivas nos lançamentos masculinos e femininos da Toulon.

Cena Urbana

VIDA NOVA NO VELHO REDUTO DO SOSSEGO

Tema de Machado e Marques Rebelo, Botafogo ganha uma efervescência cheia de bons e maus prenúncios

DANÚSIA BÁRBARA ■ FOTOS DE GERALDO VIOLA

"Eu chegara a Botafogo há dois dias. Desci para comprar refrigerantes, pedi ao português do bar para me dar um vale sobre os cascos. Ele me olhou espantado, disse que levasse e depois trouxesse, confiava em mim. Aí quem levou o susto fui eu. Vinha de Copacabana, 20 anos habituada a só funcionar com vales, apesar de o homem da padaria me conhecer desde menina. Assim fui descobrindo Botafogo: mais provinciano e mais gostoso. Não tem as esquadrias metálicas de Ipanema, ainda há um certo calor humano nos relacionamentos".

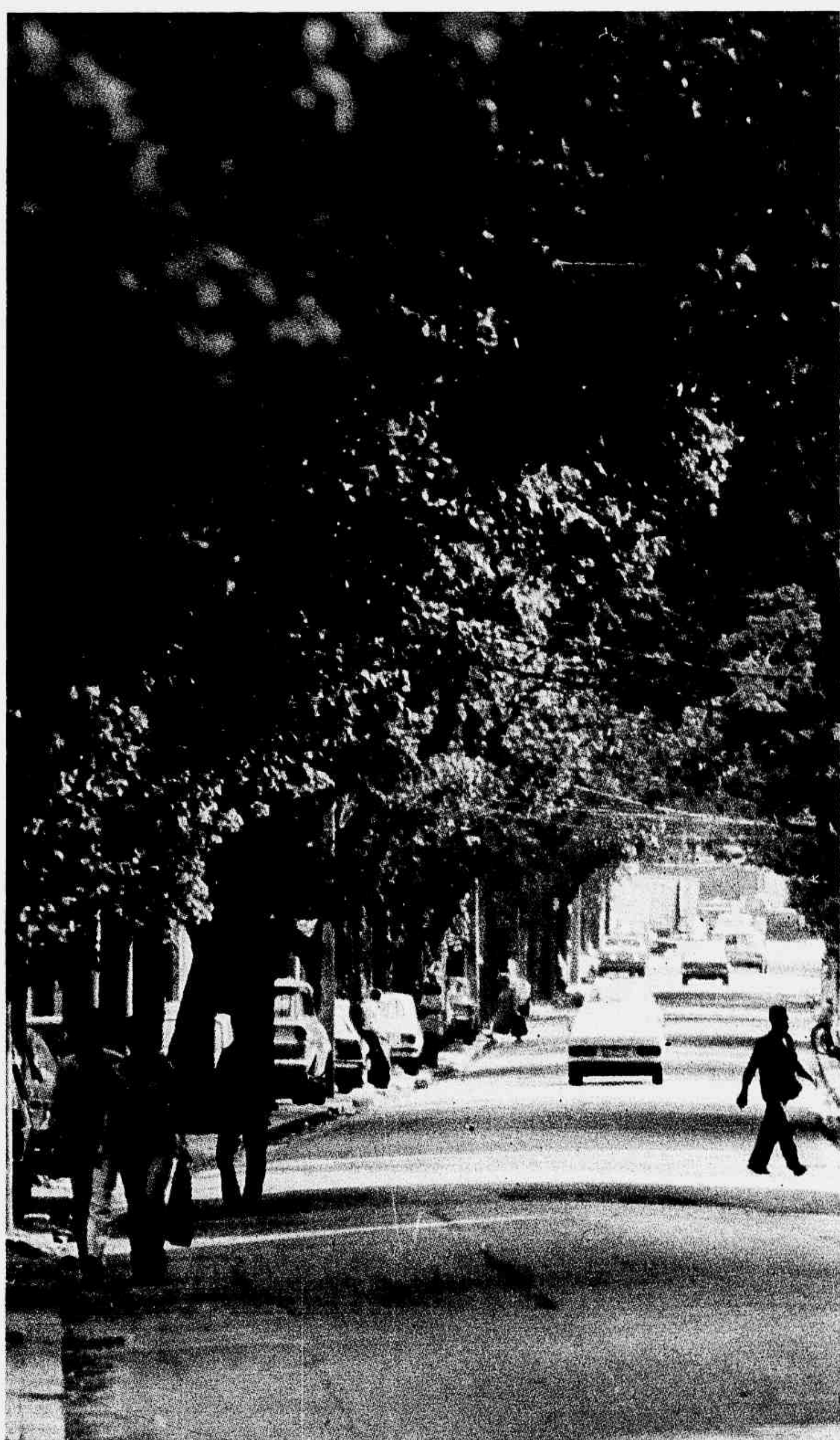
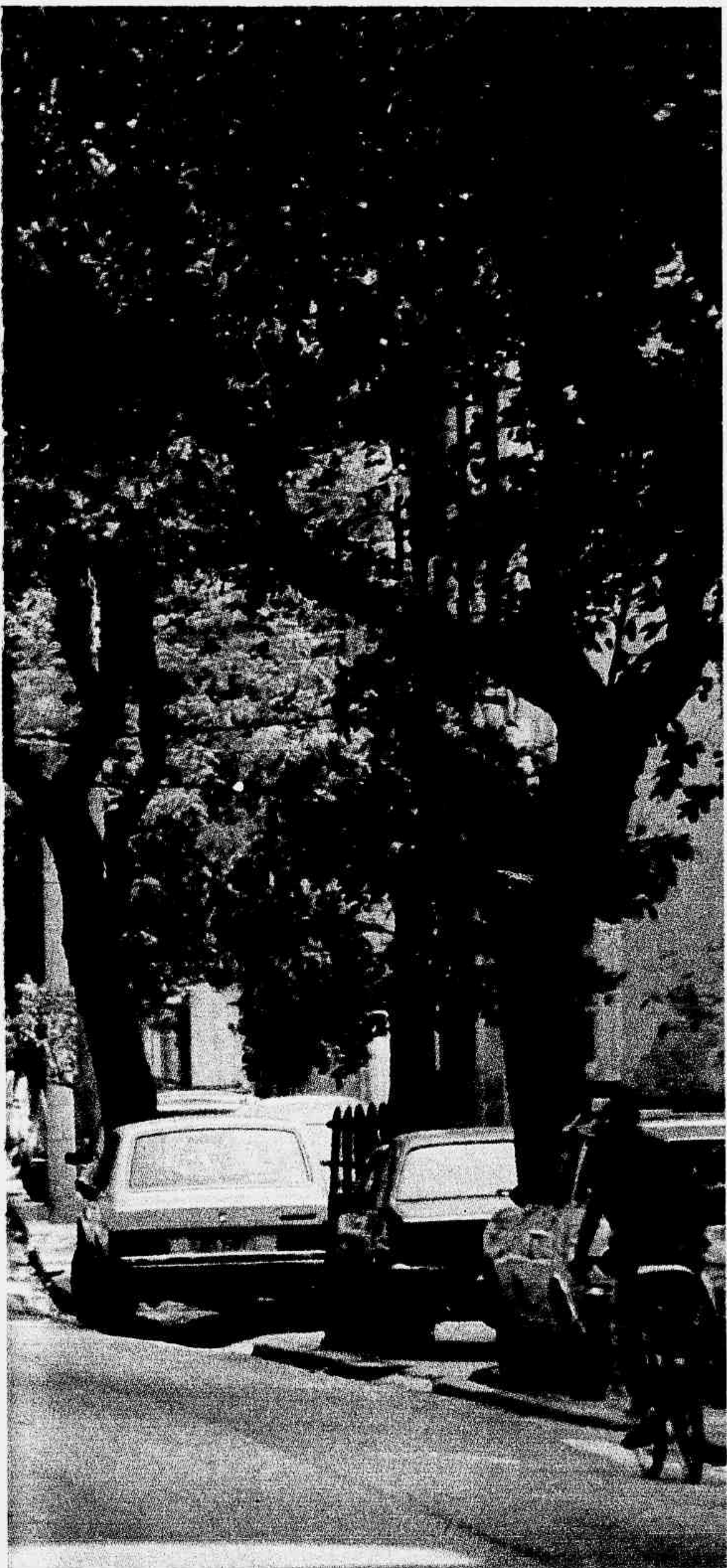
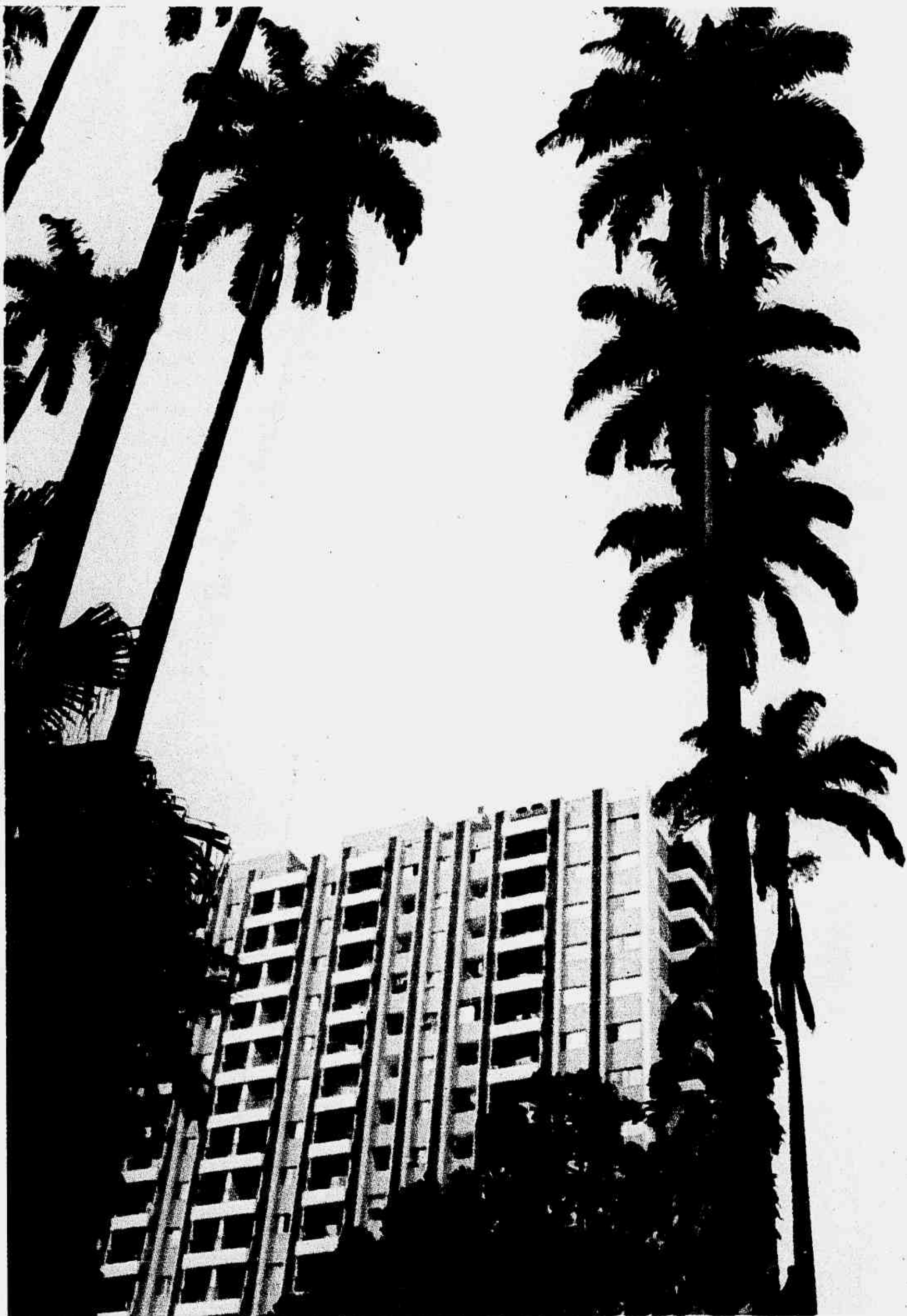
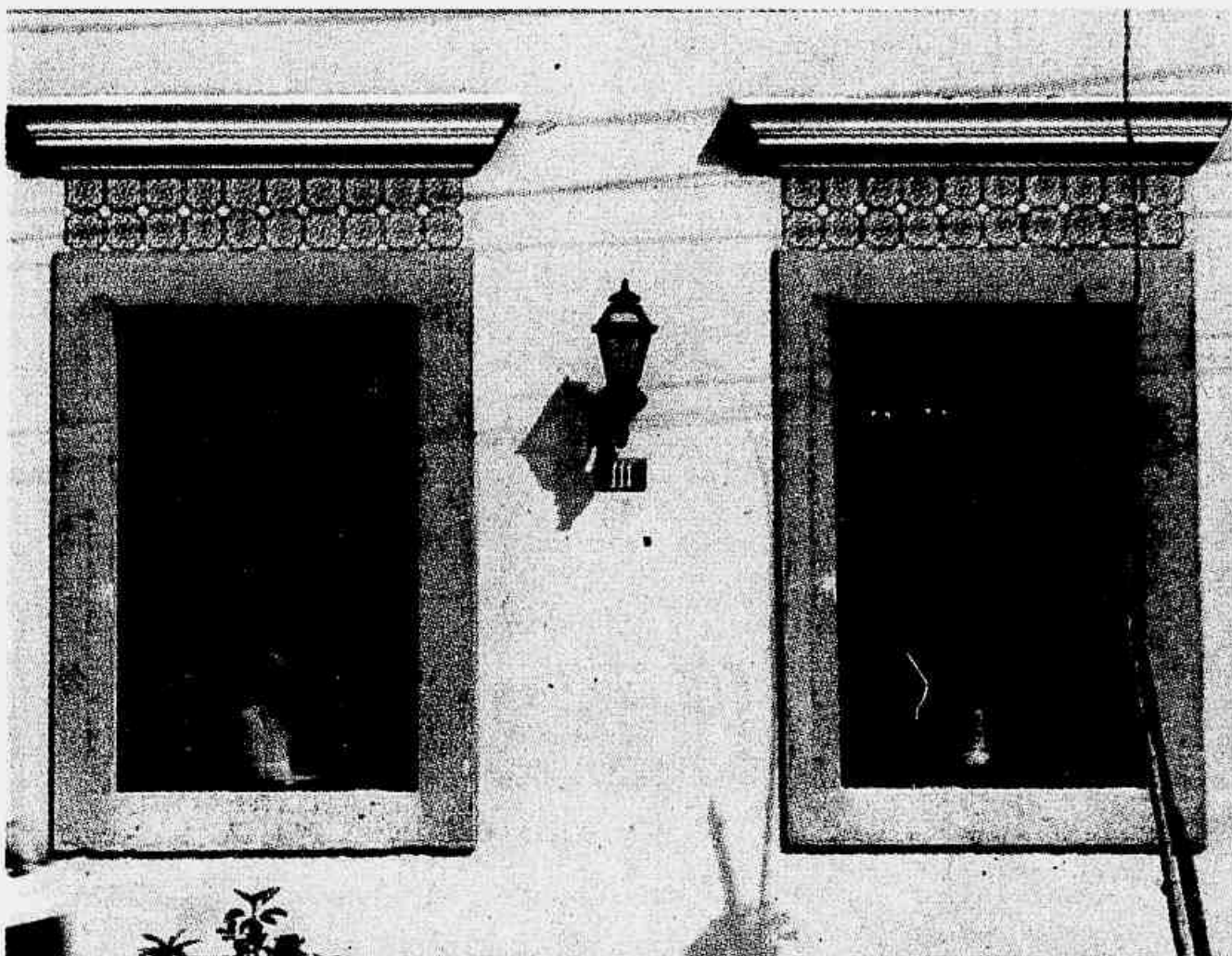
A descoberta de Maria Clotilde Santoro, arquiteta, moradora há 11 anos em Botafogo, se repete nos depoimentos dos que moram ou convivem no bairro. Muitos atribuem o seu espírito mais humano, mais próximo, às tradições patrícias, fidalgas, que se conservam nos casarões como o de Ruy Barbosa, os atuais de Paula Machado e de Afonso Arinos de Mello Franco. Contribuiria, para isso também, a memória da residência real de D Carlota Joaquina, a imagem dos viscondes, condes e marqueses olhando do alto de molduras ovais nas salas de penumbra.

Mas o fotógrafo Humberto Franceschi discorda:

"Este negócio de aristocracia, das mansões da São Clemente, já era desde 1910. Botafogo resistiu, aguentou à devassa do consumo, porque foi bairro de chorões, de vilas, de classe média fazendo serenatas e um código tácito de convivência entre malandros e *janotas*."

"Na década de 50, só na Rua da Passagem contei 60 artesões diferentes, de ourives a florista de papel. Hoje isto cedeu lugar aos colégios, clínicas, firmas de publicidade; mas olhe uma caricatura do Hermes Lima mostrando o pessoal dançando um maxixe em Botafogo: define o clima, o espírito do bairro que ainda tem caráter."

Humberto Franceschi nasceu, trabalha e mora em Botafogo há mais de 40 anos. Sua casa na Rua D Mariana surpreende a quem atravessa os portões. Plantas, espaço, biblioteca com raridades, um magnífico estúdio fotográfico. Na sala de discos de 78 rotações, uma coleção de tangos de Carlos Gardel, comprada para um dia trocar com algum argentino que tenha Pixinguinha gravado na Argentina. Há também o único disco de Sarah Bernnardt prensado no Brasil, além de outras raridades. Francesco desfia histórias sobre seu bairro: "Não foi pré-fabricado como Ipanema ou Leblon."

Como explicar a concentração de 117 escolas, 202 consultórios médicos, 33 restaurantes, nove consulados, cinco clubes, quatros bibliotecas, uma universidade, uma escola de samba, três gafieiras, um museu, sete cinemas, um cemitério, quatro galerias de arte, 21 bancos, 63 bares, duas salas de concreto, um antiquário em espaço tão exíguo? A Prefeitura tem lá sua sede, o Palácio do Governo estadual fica em seus limites, e o bairro abriga em seu ventre duas favelas, ao lado dos escritórios de pequenas, médias e grandes empresas, do porte de Furnas, Nuclebrás, Docenave, IBM, Light, Chase Manhattan Bank, MPM Propaganda. São 150 mil moradores e mais o

Ruas ainda arborizadas, marca registrada numa cidade em que

a depredação deixa marcas

As palmeiras tradicionais convivem com prédios modernos

Um temido colapso na infra-estrutura afetaria tanto a movimentada Voluntários quanto os velhos casarões

fluxo incalculável de uma população migratória diária, a cruzar suas 132 ruas, onde cerca de 10 mil carros lutam por uma vaga.

Em 1580 Botafogo era passagem obrigatória dos que iam da cidade para as margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em 1980, Botafogo continua *in*: Bocuse e Troisgros decretam a necessidade de comprar frutas e legumes na Cobal, e é moda almoçar, jantar ou *esticar* pelo Bismarque, Aurora, Botequim, Queen's, Gosto Bom, Natural, Antigamente. Segundo os entendidos, "Baixo Leblon já era, o *quente* agora é o Baixo Botafogo". Já existem as butiques originais, como a que só vende especiarias e chás na Rua Capitão Salomão, mas o gostoso é *curtir* os armarinhos empoeirados como o Miscelândia, a Casa Imperial, o Hospital das Bonecas ou a oficina de carros Pinta-Ratos, assim chamada porque seu proprietário, o português Manuel Pinto, aborrecido com os ratos que insistiam em gostar do local e não se intimidavam com os raticidas, acabou com eles usando "um santo remédio", a pistola com que pintava carros. Os ratos foram dizimados, pintados a jatos coloridos, na década de 30, mas o apelido da oficina oficializou-se.

"Meu pai era sapateiro; logo, em também sou."

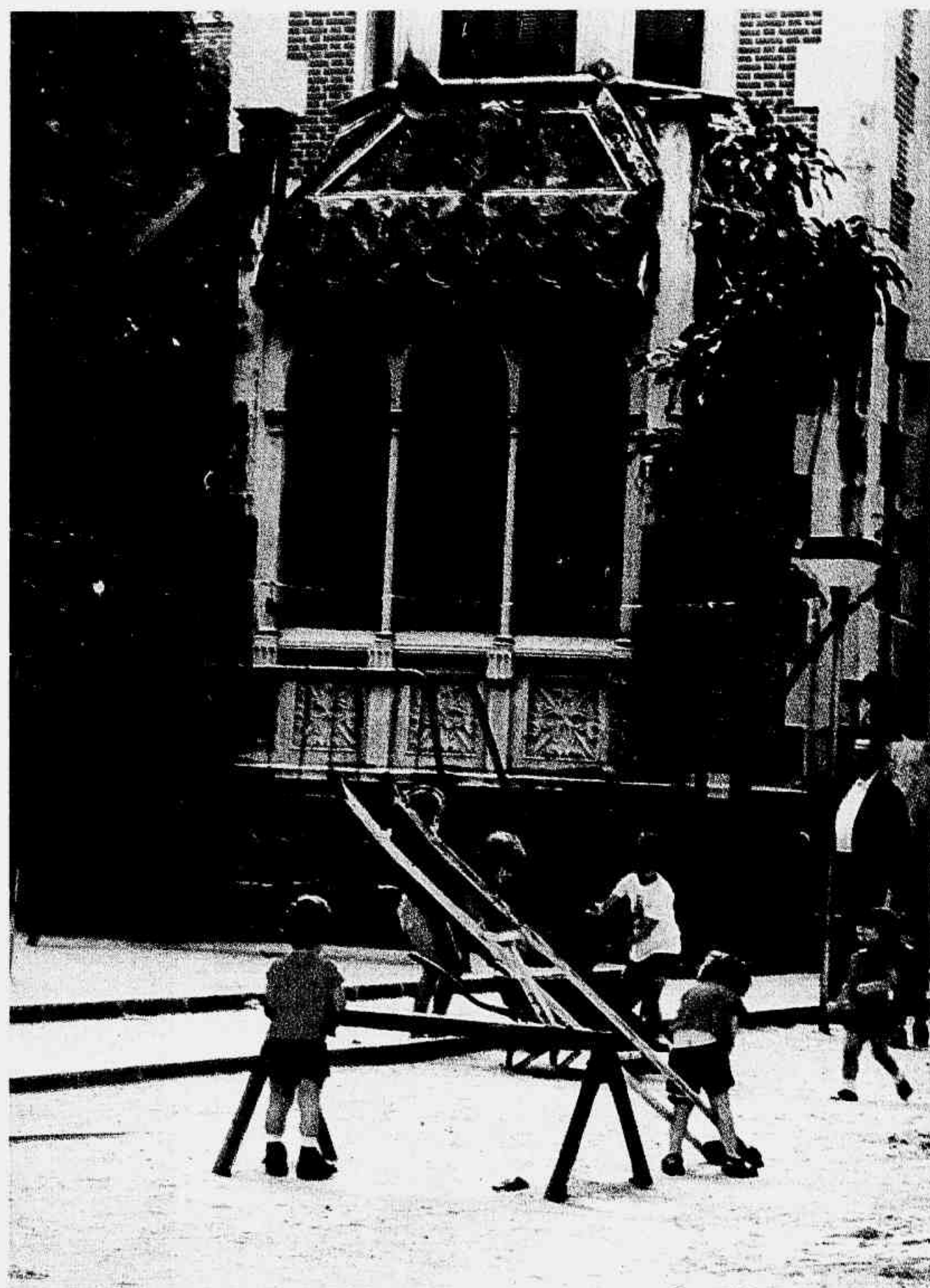
Os cabelos brancos, o físico magro, os óculos na ponta do nariz de Alfredo Albanez lembram a figura do velho Gepeto, da história de Pinochio. Só que ao invés de brinquedos, Alfredo

No século XVI, invasores franceses batizaram o bairro como O Lago, enganados pela enseada

Albanez faz sapatos. Entrar em sua loja, no início da São Clemente, é recuar a um tempo onde sapatos eram feitos artesanalmente, pensando na cliente e na roupa que vestirá para combinar. Dois lustres de cristal iluminam o ambiente sóbrio e, atrás do balcão, imensos livros pretos guardam os desenhos dos pés das clientes. São 100 mil 403 pés femininos, Alfredo Albanez, como seu pai, especializou-se em calçados femininos. Numa vitrina, um sapato de camurça lilás, losangos dourados bordados um-a-um em sua fímbria, lembra a fábula de Cinderela: "Uma cliente encomendou e eu levei quase um mês fazendo este pedido. É especial, tem alma e acabamento finíssimo". Sua dona não voltou para buscá-lo, mas Alfredo Albanez não se precipita. Espera.

Quem quiser recuar mais no tempo, suba pela Rua Maria Eugênia, no Humaitá, e prossiga quando o asfalto acabar. O caminho vira terra batida e bananeiras, pés de abio, carambola, tamarindos, mangueiras e amendoeiras vão dominando o ambiente que conduz ao *Castelinho*. "Cuidado com as cobras, há coral por aí".

O aviso é de Maurício Barcellos, arquiteto que está refazendo com requintes a antiga mansão do Barão de Icarahy, mais conhecida como *Castelinho*. Sua família morou por muitos anos ali: Maurício se lembra das vacas fornecendo leite e manteiga de manhã, das festas que seu avô dava para Getúlio Vargas, hasteando a bandeira do Rio Grande do Sul no mastro da varanda do salão.

Noutro extremo, o *shopping center* Rio Sul. São 170 lojas, quatro andares, 85 atividades

As áreas de lazer vão minguando

diferentes, 2 mil e 700 vagas simultâneas para carros. Pode-se passar um dia inteiro lá, almoçar, lanchar e jantar, dançar no *roller disco*, sem se preocupar com engarrafamentos, barulho, reboques ou poluição, e tendo acesso dos mais tranqüilos a todas as butiques da moda.

"Só em julho" — diz o gerente Kleber Souza — "o volume de vendas foi em torno dos Cr$ 500 milhões. Os argentinos adoram, até a mulher do Presidente Videla esteve aqui fazendo compras. O ponto é excepcional, passam 100 mil veículos diariamente por nossas portas de entrada. Nosso objetivo foi oferecer plena satisfação em termos de consumo, num ambiente seguro, bonito, confortável, transformando a necessidade de comprar num prazer".

Cinco mil pessoas trabalham no Rio-Sul. Para brincar, há o *stand* Quem é Você?, onde um computador analisa a letra das pessoas em 62 segundos. Ninguém resiste. É só escrever no cartão do computador, pagar Cr$ 50 e ler o resultado: "Sua grande força de vontade é inibida por sua enorme introversão. Você é sensível, formal, e mantém fortes laços familiares e afetuosos. Você não é muito adaptável a novas situações, o que lhe traz confusões. Por vezes você sofre por não se sentir capaz de extravasar sentimentos. Possui gênio suave e cordial, deixa-se dominar com facilidade. É pessoa extremamente bondosa e dificilmente magoa alguém". O periquito, ao som do realejo, podia ser mais sério, mas a eletrônica está mais na moda.

Botafogo se superpõe arquitetonicamente. Na Voluntários da Pátria, perto do prédio em concreto da Ceasa-Cobal, do mármore e vidros *rayban* do complexo edifício Guilherme Romano, há um edifício de colunas vermelhas, pastilhado, estilo *indigência estética* da década de 50. Pois é atravessar entre suas colunas para se deparar com mais um outro clima: por dentro do edifício nasce uma vila de casas brancas, cercada de verde, onde aos sábados é dia de feijoada e chorinho atravessando a tarde. É a Travessa Doux, número 431 da Voluntários.

Vilas é que não faltam. Bairro Abrunhosa, Vila Morais, Conjunto Montevidéu, a se imiscuir entre os muitos edifícios que brotaram nos anos 70. Da Morada do Sol, com 700 apartamentos, ao Porto de Mônaco, 136 apartamentos, os blocos de edifícios vão-se erguendo por Botafogo, abrigando em geral a família classe média de pai, mãe e dois filhos. Mas ainda há centenas de casas, alguns cortiços, e vários sobrados. Com varandas de ferros trabalhado, escadas de pedra, detalhes rendilhados nas empenas dos tetos. Em decadência, descascando, maltratados, renovados, pintando. Uns datam de 1889, outros tem o ar londrino de Chelsea, como o número 46 da Rua Capitão Salomão. Outros se fazem de *chalet* suíço, como o número 103 da Dezenove de Fevereiro.

"Passe pelo buraco do metrô, ande pela São Clemente, ou Voluntários, em dia de chuva, procure uma praça decente. Só encontrará engarrafamento constante, limpeza deficiente, falta de áreas de lazer, iluminação precária, enchentes, assaltos. Afora as poluídas águas de uma praia que só serve para a estátua do Manequinho fazer xixi". Maria Luiza Tambelini é presidenta da Associação de Moradores e Amigos de Botafogo. Sabe dos sofrimentos de seu bairro, usa da cabeça e coração por ele: o terreno da esquina da Voluntários da Pátria com Conde de Irajá, ponto valorizadíssimo, entrou em concorrência para locação. A Associação viu a excelente oportunidade de fazer ali uma praça, conseguiu projeto de Burle Marx e propôs sua forma de pagamento: "Com alegrias incontáveis, suspiros embevecidos, beijos furtivos e outros menos, muita ternura, brincadeiras, pique-esconde, bola de gude, cantiga de roda, choro de criança e com tudo aquilo que faz da vida a alegria de viver".

"Botafogo é o melhor lugar do Rio. Tem infra-estrutura de comércio e condução fácil, ao mesmo tempo que uma certa vida de bairro. Não que se saia falando com todos os vizinhos, mas todos se sabem vizinhos. Aqui, ainda se tem ilusão de que o Rio tem espírito de coletividade." Ciano Norões, jornalista. Morou no Crato, em Paris, em Ipanema, Leblon. Há cinco anos em Botafogo, num apartamento da Martins Ferreira onde se tem silêncio, verde e a sensação estranha de se estar *anos-légua* do barulho da Voluntários ou da São Clemente. Maria Christina de Motta Maia, professora. Sua família mora, desde o século passado, em Botafogo. Estudou no Jacobina, deu aulas na favela Santa Marta, define o bairro como "uma velhinha correndo sem fôlego atrás do progresso". A imagem da velhinha é um pouco D Laura Jacobina Lacombe, ainda à frente de seu colégio, instalado num casarão de 150 anos da São Clemente.

Santo Inácio, Virgem de Lourdes, Jacobina, Imaculada Conceição, os colégios se adaptam aos novos tempos, mantendo o prédio antigo ao lado do anexo moderno. Muitas creches surgiram, como a Curumim, Acalanto ou Tia Berê, mas nenhuma tem as instalações amplas da Escola Municipal Marechal Hermes, erguida num período em que os construtores não ignoravam que educação pressupõe espaço e uma certa dignidade. Suas salas são imensas para os padrões de hoje, seu pátio tem mangueiras e nunca se tem sensação de aperto, seja qual for o número de crianças reunidas.

No início, Botafogo se chamou *Le Lac*. Eram os franceses que por aqui chegavam e batizaram assim a região porque, vista à distância sua enseada se assemelhava a um lago, quase à sombra de um imenso *Pot de Beurre*, na descrição de Jean de Léry, aportuguesado, porém, como Pão de Açúcar. Em 1957 os portugueses já semeavam por lá, sob o comando de Francisco Velho, companheiro de Estácio de Sá. Nos fins do século XVI, fugindo à perseguições políticas, João Pereira de Souza Botafogo chegava ao Rio. E, "pelos relevantes serviços prestados nas expedições contra franceses e tamoios", o fugitivo Botafogo ▶

"Must" de odores e ofertas

Os stands da Cobal atraem até turistas

Antes de mais nada, o colorido, o cheiro, a delícia de passar pelos stands *fartos em cenouras, morangos, laranjas, abacates, melões, mangas, ameixas, cajus, beterrabas, abacaxis, couves, bananas, espinafres, repolhos, abóboras, maracujás, tomates, pêras, goiabas, melancias, maçãs, tangerinas, uvas e caquis, afora os queijos, carnes, peixes, frangos, ovos e plantas. Ir à Cobal dá prazer. Ou irritação, porque nas horas de* rush, *como às 5h da tarde de um sábado, fica intransitável.*

O nome correto é Ceasa-Cobal, mas vingou Cobal, tout court. *Funciona há 9 anos, área de 10 mil 800m², é o maior hortomercado em volume comercial do Brasil: em julho foram cerca de 17 milhões de toneladas vendidas, entre hortaliças, frutas, aves, ovos e carnes. Há ainda a loja de sucos, os* stands *de flores, as ofertas do dia. Cem boxes, requintes como a ínfima laranja* kin-kan, *do tamanho de uma unha, a Cr$ 120 a dúzia. Azeda, serve para geleias e molhos.*

A semana na Cobal começa à meia-noite de terça-feira, caminhões chegandos com a mercadoria. Termina às duas da tarde de domingo, quando representantes de casas de caridade, seitas religiosas e centros de reabilitação recebem, gratuitamente, os produtos que não foram vendidos, "O pessoal do Hare-Khrisna é dos mais assíduos". Até hoje o gerente não conseguiu saber quantas pessoas a freqüentam, mas até turistas, dos mais requintados, como o chef *da* vieille-nouvelle cuisine française, *Paul Bocuse, fazem da ida à Cobal um* must.

Para a moradora antiga, o bairro não é bonito, mas prático: tem comércio, colégio, tudo perto

foi premiado com as terras que Francisco Velho a estas alturas abandonara. A partir de então, ficou o nome Botafogo.

Banhado pelos rios Berquó e Banana Podre, Botafogo era aos tempos de D Pedro I "a mais bela vista dos arredores do Rio. Seu encanto é realçado pelas numerosas e belas casas de campo que a circundam agora". O depoimento é de Maria Graham, professora da princesa Maria da Glória, filha de D Pedro e futura rainha de Portu-

No mercado, flores que as ruas já não vêem

Casarões como o do consulado

MOVIE AGORA EM IPANEMA

No quarteirão da moda, entre a Farme de Amoedo e a Vinicius de Moraes (antiga Montenegro), em plena Visconde de Pirajá, o logotipo *art-déco* chama atenção. É a mesma Movie que ganhou vida em Copacabana quem faz, agora, dois lançamentos simultâneos: a coleção Primavera/Verão numa loja recém-inaugurada, pintada em branco-osso, no mais puro estilo *clean*. No comando de seus 200 metros quadrados, em que se coadunam moda para adultos, acessórios e roupa infantil, está a estilista Ana Gasparini. Cria para mulheres como ela, dinâmicas, atuantes e (por que não?) sensuais:

— Estamos lançando uma coleção tão *clean* quanto a loja — diz no tom determinado de quem, há anos, está também no comando de uma fábrica que exporta para todos os Estados brasileiros.

É o estilo Brasil que está sendo mostrado nas vitrinas bem decoradas, coloridas e inventivas. E, longe de ser uma coleção estática, Ana Gasparini pretende que seja renovada e atualizada a cada semana:

— Ipanema merece esta loja ampla, com o espaço desejado há muito.

A moda Movie é, basicamente, calcada na fibra natural. Ana usou sem timidez o linho natural, a seda pura e o algodão.

de *Portugal resistem, impávidos, aqui e ali*

gal. Naqueles tempos a Senador Vergueiro se chamava Caminho Velho e a Marquês de Abrantes, Caminho Novo. A Bambina surgiu como Rua do Boi e ainda estavam longe os anos em que Oswaldo Cruz, Raul Pompéia ou Ruy Barbosa morariam por lá.

Botafogo serviu de cenário a Aluízio de Azevedo, Machado de Assis, Marques Rebelo e Genolino Amado. Foi ponto de encontro dos chorões como Salvador Marins, Benedicto Bahia, Ademar Casaca, Ricardo de Almeida, o velho Menezes, todos moradores de Botafogo e balaústres seguros de fartos pagodes. Hoje, são muitos os olhos que o consomem. Ivo Pitangui, em sua clínica na D Mariana, a restaurar esteticamente *jet-sets* nacionais e internacionais. Cidinete Siqueira, adolescente de 12 anos, que acha bom morar no bairro, "só não gosto de morar na favela". Marta de Senna, professora, que o define como "prático; não bonito: tem comércio, colégio, tudo perto". Afonso Arinos e Anah Mello Franco, apreensivos com a possibilidade de colapso no serviço de infra-estrutura do bairro. Severino Gonçalves, operário do metrô, contente em poder assistir de vez em quando aos *kung-fus* que o Cine Botafogo programa especialmente para esta clientela. Ary Carneiro, do Chez Regine, vendendo 400 pães de queijo diários, sabores vários, para quem Botafogo é "ponte para obter capital e abrir loja em outro lugar". Inácio da Silva, camelô que vende aranhas caranguejeiras de borracha na Voluntários da Pátria e ganha "mais em Botafogo que no Centro". Glorinha, que comanda todo o tráfego de publicidade da MPM e acha "ótimo" trabalhar em Botafogo. Célia de Freitas Lima, 46 anos de Botafogo, fazedora de papos-de-anjo do restaurante Gosto Bom, que não se acostuma mais em andar por outras ruas que não as de Botafogo. Glória Castro, 23 anos, estudante de Comunicação, que acha Botafogo "decadente". José Olympio, editor, que em sua casa da Marquês de Olinda abriga Drummond, Cabral, Rosa e os principais nomes da literatura brasileira.

As visões se superpõem, justapõem, convivem. Como a arquitetura do bairro, como seus habitantes. ■

Aposta

RITO DE PASSAGEM DE UM ETERNO ADOLESCENTE

Paul Simon aproxima-se dos 40 investindo no cinema uma energia que já poupa nas canções

JOHN ROCKWELL ■ The New York Times

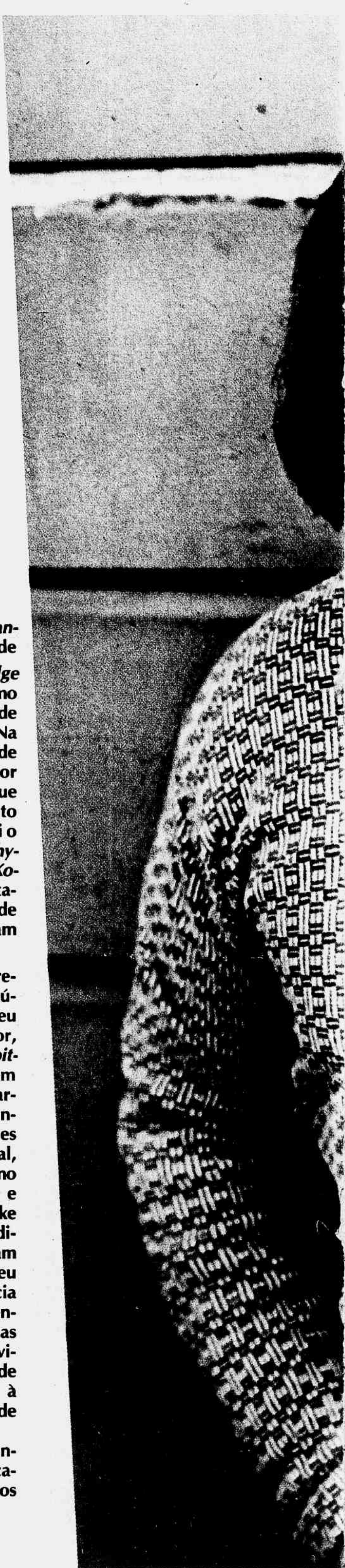
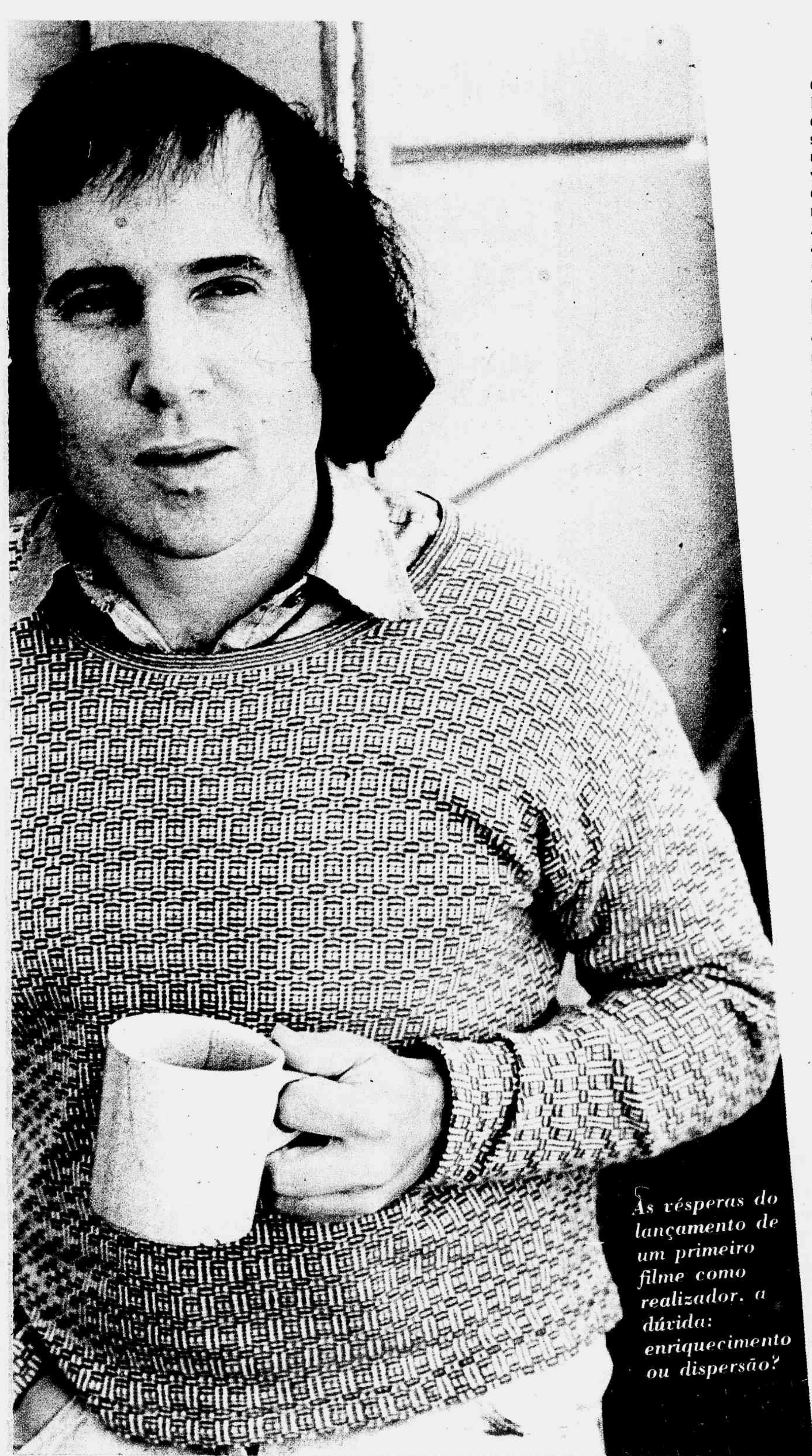
A bagagem artística e comercial de Paul Simon tem levado a crítica, muito justamente, a situá-lo entre os grandes cantores-autores da música popular americana recente. E se a expressão "música popular americana" parece estranhamente formal, remetendo a épocas anteriores ao *rock*, não deixa, aqui, de justificar-se, já que a arte de Simon procura conscientemente incorporar correntes diversas das últimas décadas de manifestações *pop* americanas para, em seguida, amalgamá-las em algo de elegância acentuadamente contemporânea.

Ultimamente, Simon não se tem mostrado muito produtivo, pelo menos em termos musicais. Suas canções de alguns anos atrás mostravam uma evidente vocação para se aproximarem umas das outras, como em pequenos ciclos dramáticos, e há algum tempo, mesmo antes de sua pequena participação como ator em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa (Annie Hall)*, de Woody Allen, Simon tem estado mais envolvido com cinema do que com música. Para o cinema, ele já havia composto duas trilhas sonoras: *A Primeira Noite de um Homem (The Graduate)*, de Mike Nichols, e *Shampoo*, de Warren Beatty. E agora que está para lançar seu primeiro filme como diretor — *One-Trick Pony* — chega também ao mercado americano seu primeiro álbum em cinco anos, com a trilha musical do filme.

Uma carreira iniciada aos 16 anos, entre palcos e estúdios de gravação, não é algo que propicie especialmente o cultivo do equilíbrio interior e mesmo profissional. Simon, que àquela idade já mostrava ao público americano sua capacidade de traduzir musicalmente o *mood* adolescente — gravando, com Art Garfunkel, a balada *Hey, School Girl* — entrou nos anos 60 com um nome firmado, mas progressivamente cedendo terreno a gente — como Bob Dylan, Phil Ochs ou Tom Paxton — que cantava protestando. Em anos conturbados como aqueles, a morte de John Kennedy, de um companheiro de universidade, a experiência das drogas, o encontro com a Europa em circunstâncias de anonimato que mal conhecia em seu país contribuíram para enriquecer sua personalidade artística. Agora que se aproxima dos 40, Simon mais uma vez tenta reciclar a carreira, abordando o cinema. No momento em que seu primeiro filme como realizador está para ser lançado, o que muita gente pergunta nos Estados Unidos é se a diversificação de caminhos, que naturalmente estimula o tônus vital de qualquer criador, tem servido ao ex-adolescente prodígio como ele estaria no direito de esperar.

A grande mola propulsora do percurso de Simon não terá sido, como muita gente pensa, a canção do tipo *hino protestante* transformada em hino de campanha eleitoral: *Bridge Over Troubled Water* como fundo musical dos comícios de George McGovern em 1968. Na verdade, depois de se separar de Art Garfunkel, o compositor evoluiu para um intimismo que temperava suavidades muito pessoais com ritmos fortes. Foi o caso do álbum *There Goes Rhymin' Simon*, com a canção *Kodachrome* (um marco, nos Estados Unidos) e outros poemas de melancolia urbana que seguiam a trilha de *America*.

Nestas produções, Simon revelava-se acima de tudo um músico que podia contar, sobre seu contemporâneo James Taylor, colega da mesma escola de *bitter-sweet rock*, com a vantagem do arranjador. Justamente a partir do desligamento de Garfunkel — que na maioria das vezes colaborava apenas com o vocal, e também enveredou, como ator, pelo cinema (*Ardil 22* e *Ânsia de Amar*, ambos de Mike Nichols) — Simon teve de modificar o que os músicos chamam de *base*, reconstituindo seu som para preencher a ausência da voz parceira. Sua instrumentação ficou mais rica, as baladas da primeira fase sofreram revisão radical e ele cercou-se de músicos que pavimentaram à perfeição suas propostas de cantor.

"Pensei que Simon & Garfunkel fosse uma firma de advocacia", ironizava, ainda nos anos

Às vésperas do lançamento de um primeiro filme como realizador, a dúvida: enriquecimento ou dispersão?

60, um empresário de discos. Na verdade, a outros créditos que se possam conferir aos dois, soma-se o de terem inaugurado uma tendência — a do pequeno vocal, de dois ou três cantores, expandida em Woodstock e mais tarde adotada por toda a Amaérica. Com o início dos anos 70 — a década do eu, a *me decade* de que falava Tom Wolfe — esta corrente desapareceu para abrir espaço aos individualistas. E exatamente o primeiro a cantar neste novo bloco do eu sozinho foi Paul Simon, cuja musicalidade melancólica enquadrou perfeitamente o quotidiano americano naqueles anos, traduzidos com exatidão nos versos simples de suas canções.

Qualquer trilha sonora ouvida independentemente do drama para cuja ilustração foi concebida perde alguma coisa. No caso do novo lançamento de Simon, entretanto, as canções de certa forma bastam-se mais, já que o filme, semi-autobiográfico, trata justamente de um músico que escreve canções. Compostas entre 1978 e 1979, as canções de *One-Trick Pony* trazem cada uma das marcas inconfundíveis de Simon: produção cuidada, irretocável acompanhamento instrumental, interpretação vocal envolvente mas às vezes afetada (como no caso de sua tendência à dicção atropelada, à maneira *hippie*), sutileza melódica, letras sofisticadas.

Mas faltam, na verdade, canções que se possam qualificar de memoráveis. Nos últimos anos, Simon tem geralmente evitado qualquer forma de musicalidade muito acentuadamente óbvia ou popular, aderindo a uma complexidade fortemente reminiscente do estilo de Stephen Sondheim. Por outro lado, nunca foi muito convincente como representante das correntes mais contagiantes do *rock-and-roll*. Em sua produção anterior, entretanto, cada nova audição de um álbum parecia enriquecer nossa experiência: Simon sempre foi um músico de hábeis insinuações e de um inegável ímpeto lírico. É provável, assim, que o que ele apresenta neste novo disco possa ser melhor desfrutado à medida em que se for tornando mais familiar ao ouvido. Apenas não se descarta a hipótese de que será melhor para o artista voltar de novo sua integral atenção para a música. ■

Dos vestidos exige-se, às vezes, ineditismo

Também as noivas podem sonhar por empréstimo

Premência

RIGOR ALUGADO LUXO ACESSÍVEL DE UMA NOITE SÓ

Nem só de desprovidos vive o aluguel de trajes, recurso que não vai acabar

ROSE ESQUENAZI

FOTOS DE GERALDO VIOLA

Anos atrás, alugar roupa era motivo de piadas até em revistas semanais. Péricles desenhava seu *Amigo da Onça* a aproximar-se de um "rico convidado" em festa de grande gala para sorrateiramente levantar a parte de dentro da casaca, onde todo mundo podia ler: Casa Rollas. Piscando o olho para o leitor, conseguia dizer tudo: a pompa e a gala não passavam de verniz. Atualmente, o maior trunfo de uma loja em Copacabana que só aluga trajes *habillés* continua sendo, segundo seu proprietário Geraldo Fasoli, o sigilo absoluto que mantém. Por mais absurdo que seja, vez por outra aparece uma madrinha indiscreta na loja querendo saber o que a outra madrinha vai vestir no mesmo casamento. O gaúcho Geraldo fica *na dele* e não ousa revelar modelo nem nome de ninguém. O segredo está incluído no preço do aluguel.

Já para o alfaiate Wilson Tavares de Mello, que entrou no negócio de aluguel quando reparou que sua profissão estava em franca decadência, quem se preocupa com segredo é pobre, pois "os ricos não dão a mínima importância para essas coisas: alugam e pronto." Os ricos aos quais Wilson se refere são embaixadores, juízes, coronéis e generais, gente de cinema, televisão e jornal. Para ele, não tem mais sentido, hoje em dia, alguém — por mais endinheirado e excêntrico que seja — encomendar uma casaca por Cr$ 30 mil quando pode alugar por apenas Cr$ 1 mil 500 por um período de 24 horas ou mais, se for para fim-de-semana. Ele mesmo não corta uma casaca há uns cinco anos, e para provar a complicação da roupa, busca um livro datado de 1938 — *Método de Corte* — e mostra o complicado traçado e linhas desse traje mais do que extinto dos guarda-roupas.

No catálogo telefônico são poucas as lojas que alugam trajes passeio ou *habillé*. Estranhamente, estes estabelecimentos costumam repetir o anúncio em linhas alternadas. A mais tradicional é a Casa Rollas, que está atualmente em inventário. Os filhos do conhecido Eliseo Rollas não entraram em acordo. Mas uma coisa têm como certo: não mais desejam dar continuidade ao trabalho do pai e dos tios, que estão no negócio há 60 anos. "A loja começou com o irmão de Eliseo", diz a viúva, "e era bastante diferente. Tivemos um prédio de três andares e fazíamos de tudo: alugávamos, comprávamos, vendíamos e empenhávamos. Era bastante comum gente entrar na loja e tirar a gravata para poder comer naquele mesmo dia."

Agosto é um mês fraco para todos que lidam nesse ramo. Com a vinda do Presidente argentino, no entanto, o movimento deu uma ligeira melhorada. A Só A Rigor alugou 120 *smokings* para o coquetel. Geraldo Fasoli fala das vantagens do negócio, da moderna máquina de tinturaria que acabou de comprar e instalar na filial carioca. Sua primeira loja foi aberta em São Paulo e os estoques

Sofisticada, a Só a Rigor venceu uma temporada morna graças à visita do Presidente argentino

Os armários da Rollas, após o inventário, podem fechar-se para sempre

das duas lojas viajam sempre de avião, quando há um grande acontecimento em uma das duas Capitais. Os vestidos de noite, de todas as cores, tecidos e aplicações, estão expostos nos cabides mas a maior parte das roupas fica atrás da loja.

A novidade em alugar roupa nos dias de hoje é a possibilidade que o freguês tem de encomendar um terno, um fraque ou um *smoking* para primeiro uso. As medidas são tiradas com antecedência e a roupa, confeccionada sob medida. O preço se eleva, naturalmente, mas tem muita gente que prefere pagar mais e ter a certeza de que está usando a roupa novinha em folha. "Veja esse terno Pierre Cardin que saiu há um ano atrás na Europa. Já temos esse modelo aqui na loja e cobramos Cr$ 1.200 por dois dias. Costumamos entregar um dia antes, depois de ter passado o terno por um processo de esterilização a vapor." O fraque curto que inclui paletó, calça, colete e gravata sai a Cr$ 1.500 pelo mesmo período.

A Social Modas, especializada

Wilson Tavares, alfaiate: com a queda das vendas, a opção pelo aluguel

Um perigo incontornável: o de fregueses de visita ao Estado e que podem "esquecer" de devolver casacas ou vestidos

em aluguel de roupas femininas, fica no Centro da cidade, no primeiro andar de um velho edifício. Atendendo a uma classe menos provida, nem por isso os vestidos são menos pretensiosamente sofisticados. Longo, *chanel*, esporte fino, sandálias diversas, carteiras, vestidos de noiva, buquês são a salvação de muita gente que não pode investir em tecido, costureira e complementos. Roupas que vão de Cr$ 650 a Cr$ 1 mil 500 com renda ou *strass*. "Estou bonita?", pergunta a madrinha Célia, de 58 anos, que pede "pelo amor de todos os santos" que não divulguem seu sobrenome. Ela e a mãe da noiva vieram de Lins de Vasconcelos e já experimentaram meia-dúzia de trajes para noite. "Está bastante alinhada", responde a vendedora, que já providenciou uma carteira prateada, sapatos pretos — a cliente reclama do salto torto, talvez quebrado — brincos, colar e broche. Célia pagará Cr$ 800 se levar o vestido azul, Cr$ 200 pela bolsa, Cr$ 200 pelo sapato (mesmo torto), Cr$ 100 pelo brinco. O broche prateado vai de quebra, pregado ao vestido.

As duas deixarão a encomenda feita, pagarão Cr$ 200 cada pelo sinal e buscarão tudo um dia antes da festa. A mãe da noiva não quer falar sobre aluguel e só se convence da beleza

Viúva Rollas: nada será como antes

de seu vestido quando vê, no álbum de fotografia da loja, uma mãe de noiva de um outro casamento usando exatamente aquele mesmo vestido que está agora no seu corpo. "É uma grande economia", diz a madrinha, olhando-se no espelho. "Só uma sandália está custando Cr$ 2 mil 500. Um vestido como esse não sairia por menos de Cr$ 7 mil. Se eu me importo de alugar roupa? Eu não. Amanhã eu morro mesmo e em menos de 24 horas está tudo podre."

Os prejuízos são inevitáveis nesse negócio. Sujar as roupas com doces e champanha é a coisa mais normal do mundo, mas alguns fregueses chegam a voltar com os trajes parcialmente rasgados. Outros "esquecem" de devolver a mercadoria. "Tem uns garotos por aí", diz a Sra Rollas, "que caem da moto e chegam aqui com o terno arrebentado. A gente cobra uma multa. Não podemos cobrar muito, mesmo que a roupa seja nova. Os garotos reclamam, contam histórias, mas acabam pagando. Tem gente que pede para devolver o dinheiro dizendo que não usou a roupa. Acontece mesmo a morte de um dos noivos. Quando eles trazem a certidão de óbito devolvemos sem problema. Isso não é muito raro não. Estou cansada de ver isso acontecendo na loja."

Hóspedes de hotel são os mais perigosos. Muitos deles acabam viajando com os ternos na mala. Em geral, os hotéis não se responsabilizam e os donos das lojas acabam guardando uma quantidade de carteiras de identidade de outros Estados. Quando o desaparecimento acontece no Rio, é mais fácil a localização do "esquecido". Exigem — para evitar complicações — carteira de identidade, CPF e, dependendo da cara do freguês, carteira de trabalho. Dos 60 vestidos de noite e 30 de noiva que são alugados semanalmente na Social Modas, a vendedora Selma, com touca feita nos cabelos, diz que três ou quatro voltam imprestáveis. "A maioria de minhas freguesas é da Zona Sul. Gente que não precisaria alugar roupa mas que aluga porque vai a muitos coquetéis e festas por semana."

Célia experimenta mais um vestido e acaba decidindo pelo azul, "que esconde até a barriga". Wilson, o alfaiate, numa sala simples que tem no centro da cidade, faz questão de tirar dos cabides roupa por roupa e mostra a complicação de cada traje masculino. Discorre sobre seus companheiros de profissão que tiveram de ir para o comércio para continuar sobrevivendo. "Minha inspiração para abrir esse negócio nasceu com os Rollas, que são os pioneiros. Meu trabalho porém tem um estilo diferente, é mais cuidadoso. Os ternos mais antigos, costumo vender às tinturarias, umas duas apenas, que entraram nesse negócio. Só que a filosofia deles é mais acanhada. Só trabalham com sobras e *brechós*." ■

lá na
modinha
RIO
lá na
modinha
modin
SOFHISTICATED CLOTHES
Boutiques:
Copacabana - Rua Barata Ribeiro 560 lojas D e E
Flamengo - Rua Paissandú 73 loja B
Botafogo - Rua Real Grandeza 178-A
Atacado - Pronta - Entrega - Pedidos:
Rua Barata Ribeiro 560 lojas D e E
Tels: 255-8171 - 246-9375

Áries

(21/3 a 20/4)

Vida Diária: Período incerto, de resultados contraditórios. Hesitação devida ao ambiente profissional. Cuidado com sua distração no plano financeiro, pois pode haver surpresas. *Amor:* Relações sentimentais apaixonadas. Clima romântico agradável. Sorte no lar. Harmonia com Escorpião e Leão. *Pessoal:* Leve em conta suas intuições. *Saúde:* Cansaço. Seja prudente ao guiar. *Nº:* 12. *Cor:* Turqueza. *Dia:* Segunda-feira.

Touro

(21/4 a 20/5)

Vida Diária: Possível falta de presteza no cumprimento de suas tarefas. Dedique-se ao essencial. Plano financeiro benéfico. Contratos, solicitações e viagens favorecidos. *Amor:* Não assuma riscos no plano sentimental; cuide antes de remover os obstáculos. Harmonia com Sagitário e Virgem. *Pessoal:* Aja. Não se deixe atrasar. Esqueça os detalhes insignificantes. *Saúde:* Coma legumes frescos. *Nº:* 5. *Cor:* Vermelho. *Dia:* Quinta-feira.

Gêmeos

(21/5 a 21/6)

Vida Diária: Não faça despesas incompatíveis com suas possibilidades. Saturno, em quadratura, não favorece compras. No plano profissional, é bom evitar discussões com os colegas. *Amor:* Nada a temer. Pode sobrevir um encontro feliz. Harmonia com Áries e Touro. *Pessoal:* Não tenha medo de incomodar apenas por aproximar-se das pessoas. *Saúde:* Péssima assimilação nutritiva. *Nº:* 14. *Cor:* Azul. *Dia:* Sexta-feira.

Câncer

(22/6 a 22/7)

Vida Diária: Saturno em sêxtil favorecerá atividades profissionais e o plano financeiro, sobretudo no que diga respeito a luxo ou artesanato. Você pode assinar um contrato. *Amor:* Não abuse de sua auto-estima, pois alguém que lhe dedica admiração e afeto pode afastar-se. Harmonia com Touro e Aquário. *Pessoal:* Não diga tudo que pensa. *Saúde:* Você pode realizar grandes esforços físicos. *Nº:* 1. *Cor:* Marrom. *Dia:* Domingo.

Leão

(23/7 a 22/8)

Vida Diária: Grande sorte para os profissionais que mantêm contato com o público. Grande força de persuasão neste período. Excelente vida social. *Amor:* Vênus em seu signo esta semana: não estrague sua paixão, deixe falar sua sensibilidade. Harmonia com Áries e Câncer. *Pessoal:* Não faça nada que possa lamentar um dia. *Saúde:* Boa. Nadar será benéfico para seus intestinos. *Nº:* 2. *Cor:* Bege. *Dia:* Quinta-feira.

Virgem

(23/8 a 22/9)

Vida Diária: A conjuntura desta semana lhe permitirá colher os frutos de grandes esforços passados. Você verá que o sacrifício valeu a pena. Artistas e profissionais liberais favorecidos. *Amor:* Um conselho: não continue atormentando-se inutilmente. Harmonia com Câncer e Áries. *Pessoal:* Tenha a coragem de dizer o que pensa, mesmo havendo riscos. *Saúde:* Excelente forma física. *Nº:* 5. *Cor:* Verde. *Dia:* Sábado.

Balança

(23/9 a 23/10)

Vida Diária: Maravilhosa configuração para aqueles cuja profissão requer vivacidade de espírito e senso de iniciativa. O período é bom para transações imobiliárias, para os negócios novos e para mudar de emprego. *Amor:* Possibilidade de paixão por colega de trabalho. Harmonia com Touro e Leão. *Pessoal:* Cuidado com seus impulsos. *Saúde:* Descanse, pois seus nervos estão sob prova. *Nº:* 7. *Cor:* Amarelo. *Dia:* Terça-feira.

Escorpião

(24/10 a 21/11)

Vida Diária: Não seja negligente, procure aproveitar as oportunidades que surgirem. Saiba exigir o que lhe parecer justo, sem contentar-se com promessas. Período benéfico para secretários. *Amor:* Maior atração esta semana pelo namoro do que pelos prazeres da carne. Harmonia com Peixes e Gêmeos. *Pessoal:* Não se deixe dominar pelas recordações. *Saúde:* Possível intoxicação alimentar. *Nº:* 8. *Cor:* Ocre. *Dia:* Quinta-feira.

Sagitário

(22/11 a 20/12)

Vida Diária: Boa configuração, mesmo tendo havido imprudência de sua parte. O acaso ajudará a concretização de negócios a que se lançou de olhos fechados. Boa vida social. Estudos favorecidos. *Amor:* Possível encontro com pessoa cheia de espírito e sensibilidade. Harmonia com Câncer e Áries. *Pessoal:* Cuidado com afirmações ambíguas. *Saúde:* Diminuição de vitalidade e das funções orgânicas. *Nº* 8. *Cor:* Preto. *Dia:*

Capricórnio

(21/12 a 20/1)

Vida Diária: Os acontecimentos lhe darão confiança e otimismo. Cuidado, entretanto, pois uma amarga surpresa poderá sobrevir. Apesar de tudo, o domínio financeiro será excelente. *Amor:* Não dê por muito certa a presença da pessoa amada. Lembre-se de que ela existe! Harmonia com Leão e Touro. *Pessoal:* Você não receberá censuras por suas fraquezas, mas evite mentir. *Saúde:* Não desperdice energias. *Nº:* 7. *Cor:* Prata. *Dia:* Domingo.

Aquário

(21/1 a 18/2)

Vida Diária: Boa conjuntura para assuntos financeiros. Ponha em dia seus documentos e resolva um negócio em suspenso. Bom período, também para viajar. *Amor:* Vênus em oposição: cuidado, evite discussões. Comunique-se mais com seus filhos. Harmonia com Balança e Capricórnio. *Pessoal:* Não se deixe influenciar demais. *Saúde:* Atenção: seus rins não estarão em boa forma. *Nº:* 15. *Cor:* Lilás. *Dia:* Sexta-feira.

Peixes

(19/2 a 20/3)

Vida Diária: Possibilidade de novos negócios e de contratos que poderão trazer lucros. Cuidado, entretanto, com as contas miúdas. Profissionais liberais favorecidos. *Amor:* Vênus não lhe permitirá ainda vencer a resistência de determinada pessoa. Harmonia com Balança e Câncer. *Pessoal:* Não se deixe dominar por pessoas malintencionadas. *Saúde:* Durma o suficiente. *Nº:* 3. *Cor:* Granada. *Dia:* Segunda-feira.

Não importa onde você mora. Não importa a marca de sua TV.

TENHA UM CINEMA EM CASA.

Com GIANT-80, a antena que pega tudo.
Faça este teste instantâneo.

antes

depois

GIANT-80 TRANSFORMA TODA A FIAÇÃO DE SUA CASA NUMA ANTENA GIGANTE.

Pequena mas resolve

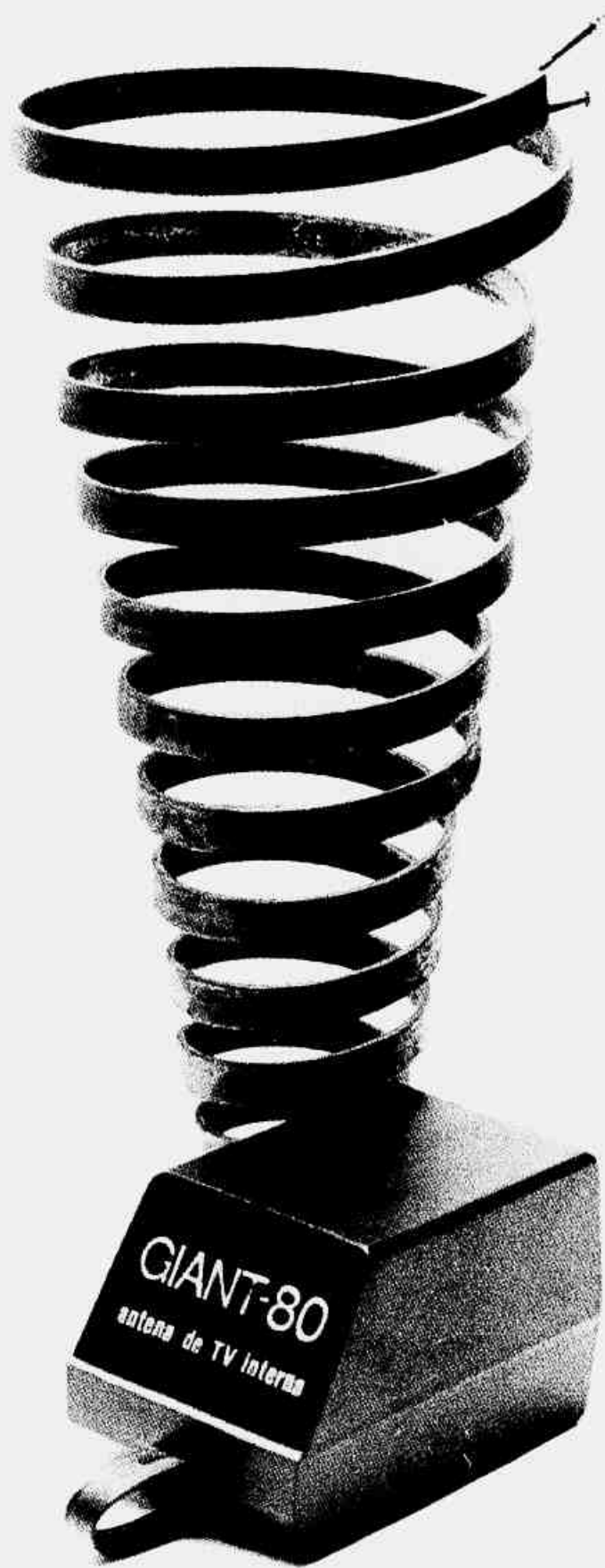
GIANT-80 é uma antena absolutamente revolucionária. Uma vez ligada na tomada da parede ela transforma toda a fiação da sua casa em antena. E isto significa uma super-antena que pega qualquer canal independente de onde você more, ou da marca da sua televisão. Você vai ficar agradavelmente surpreso ao ver a enorme diferença que GIANT-80 vai fazer em sua casa. Porque GIANT-80 não só melhora a imagem, mas também o som de sua televisão. Se a sua televisão é branco e preto você vai ver o que é contraste e definição! Se a sua televisão é colorida, você vai ver o realismo e o calor que GIANT-80 dá as cores.

O fim das más recepções

Mesmo que você more num prédio e tenha uma sofisticada antena coletiva, quase certamente algum canal não pega bem. E pensar no que custa uma antena coletiva. E nas infinitas regulagens. Cada vez que venta, adeus imagem! GIANT-80 acaba com tudo isso. Porque ela é pequena por fora, mas enorme por dentro. Cada fio de sua casa vai virar antena. Já imaginou? E tudo isto sem gastar um centavo a mais de eletricidade, sem risco de choques ou defeitos.

Fácil de instalar, e dura a vida toda

GIANT-80 pode ser instalada em segundos, por você mesmo. Não requer ferramentas, regulagens e nenhuma prática. Simplesmente ligue-a na parede. Pronto. GIANT-80 não tem peças móveis e nada que se desgaste. Por isso dura a vida toda. E pela vida toda você tem uma imagem perfeita.

- **Cores mais brilhantes**
- **Preto e branco mais real**
- **Sem fantasmas**
- **Som mais claro**
- **Dá às TVs antigas a imagem de uma nova**
- **Sem regulagens**
- **Segura e eterna!**
- **Testada e aprovada nos EUA**
- **Eficiente para recepção de FM**

Bio-Center Ltda – Av. República do Líbano, 2.050
Tels. 71-5108 / 549-3074 – São Paulo
Rio de Janeiro – Rua Visconde de Caravelas, 63
Tel.: 286-3141 286-0596

Mande seu pedido para:
BIO CENTER – Caixa Postal 276 – CEP 01000 – S. Paulo – SP

☐ **Sim,** mande-me GIANT-80 por **Cr$ 980,00**
☐ Cheque pagável em São Paulo ☐ Vale Postal
☐ **Cr$ 1.200,00** pelo reembolso postal

ATENÇÃO: Mande o cupom e seu cheque ou vale postal no mesmo envelope ou nos é impossível remeter os produtos.

Nome. . . . .
Endereço. . . . . .Nº. . . . .
Fone . . . . .Apto . . .Bairro. . . . . .CEP. . . . .
Cidade . . . . .Estado . . . .

RD

BIO-CENTER. Av. República do Líbano, 2.050 - Tels. 71.5108 - 549.3074

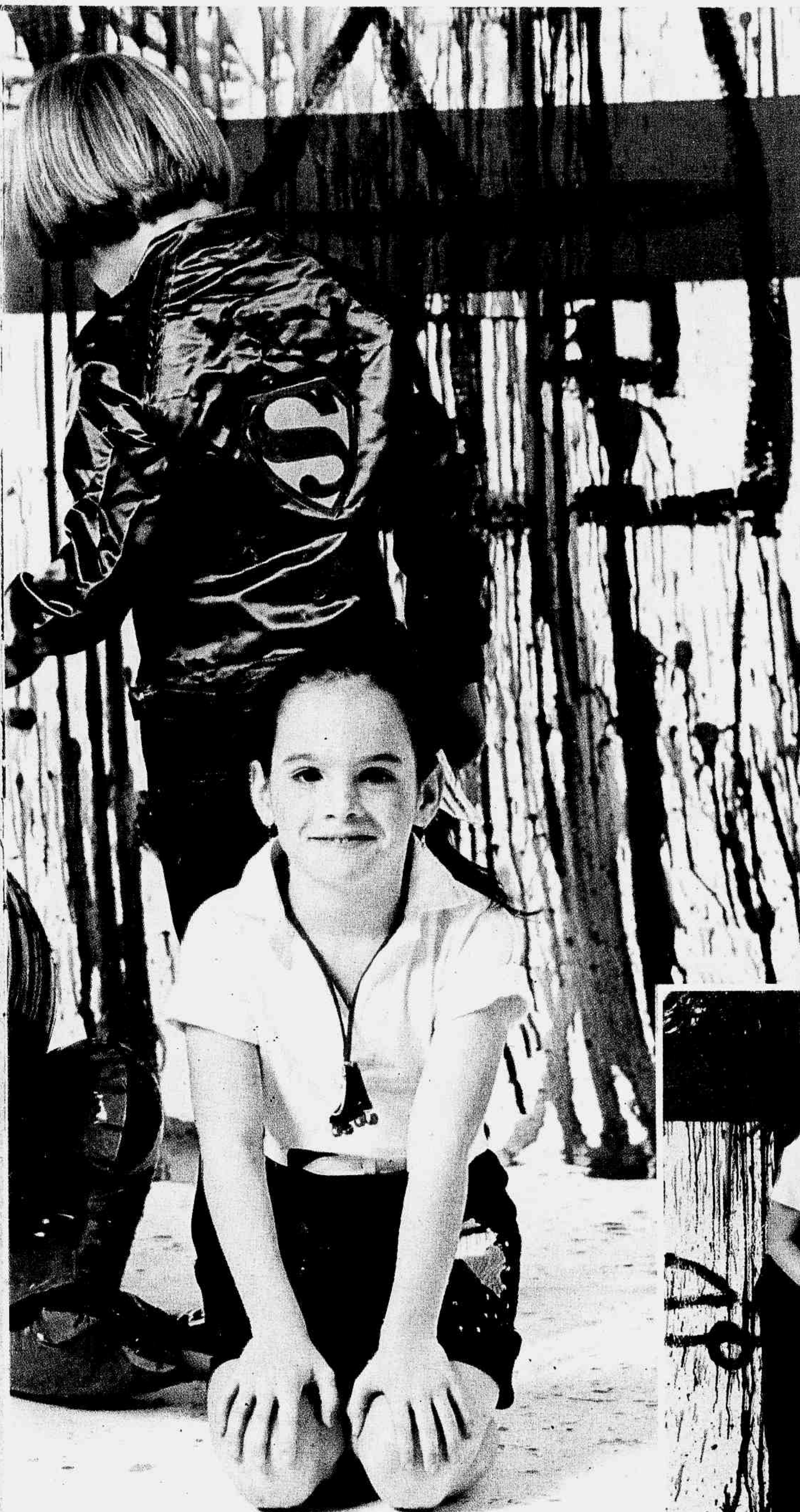
MO-73B

friends
like you
don't gro
on tree

UNIFORME QUE SE TRANSFORMA

O jeans se molda ao movimento de criança com a graça da idade

GISELA PÔRTO ■ FOTOS DE LUÍS GARRIDO

Jeans é roupa de briga, resistente a brincadeiras e ao desordenado movimento de criança. Boa para patinar, ir ao colégio, correr, brincar em festas. Quanto mais se lava, mais charme terá seu desbotado. As calças, *shorts*, macacões e até minissaias em índigo são parte obrigatória do guarda-roupa infantil, em muitas versões, como mostram as fotos. Na maior, um *jeans* bem sofisticado com aplicações de pedras, tachas, bordados — que pode criar super-heróis para os macacões dos meninos, acompanhar a jaqueta de cetim, enfeitar as minissaias, jardineiras e *jumpers* femininos, tudo da Bee infantil, assim como os brinquedos de plástico e os acessórios. Na foto menor, a nova linha de Fiorucci para a garotada: Fioruccino na versão do macacão *jeans* sobre camiseta e na calça comprida de corte reto com blusão de moleton e *pochettes* plásticas da Bee. ▶

Tatiana veste short jeans com bordados e tachas da Bee, t-shirt da Fioruccino; Marcelo exibe o macacão e jaqueta em índigo listrado também da Fioruccino, assim como a calça jeans e a camiseta da Rosário. Na foto menor calças baggies, colete e camisas de madras da Smuggler Infantil e acessórios da Bee

Rosário com vestido jeans e avental estampado por cima, Renata de minissaia com debrum vermelho e abotoamento lateral e t-shirt de malha e Rodolfo com short de botões e pespontos amarelos e camisa de xadrez no mesmo tom, tudo da Mini-House, cachorro da Bee. Endereços: Mini-House — Barão de Icaraí 33-D, Fioruccino — Joana Angélica 108, Bee Infantil — Garcia d'Avila 83-B, Smuggler Infantil — Visconde de Pirajá 330-B

Este é um guia para ser guardado até o próximo domingo. *Ele traz produtos e serviços que você e sua casa podem estar precisando.*

Página de Serviço

ABAJURES
LE DETAIL-DECORAÇÕES
Cúpulas de Luxo - Art. p/Escritórios em Couros/Pirogravura
267-6475. 287-2547. Fco. Sá, 31/2.º

ACADEMIAS DE DANÇA
CARMINHA ALONSO/GINÁSTICA
260-8707. Av. Democráticos, 1949

ACADEMIAS DE MÚSICAS
DO RÉ MI... MÚSICA/DANÇA
260-5035. Rua Ligia, 97 - Ramos

ACADEMIAS DE YOGA
YOGA LÉA MELLO
287-7048. Visc. Pirajá, 318/204

ADMINISTRADORAS
A IMOBILIÁRIA ZIRTAEB LTDA.
LOCAÇÕES ADM. CONDOMÍNIOS
221-4351 (KEY SYSTEM)
221-7992 (PBX). Alfândega, 108
ADM. ORION-CONDOMÍNIOS
LOCAÇÕES C/GAR. COMPRA-VENDA
255-7341
Siqueira Campos, 225 - Loja A
EKASA S/A-28 ANOS VANGUARDA
ADMIN. BENS-CONDOMÍNIOS
PABX 244-0977. Matriz - Centro
399-2990 - 399-2016 - Barra

ADVOGADOS
ATENDIMENTO: 14 ÀS 16:30 H.
237-5052 - 235-5123. Av. Copa, 195/408
MARIO ANI CURY
359-5750. E. Romero, 224/Madur.

ADVOGADOS - CAUSAS CÍVEIS
RODOLFO R. DE VASCONCELOS
284-3441. Saens Peña, 45 S/1508

ADVOGADOS - CAUSAS COMERCIAIS
SÔNIA R. SILVA TRIBUT./CIVIL
240-0464, 262-4798 "Centro"

ADVOGADOS - DIREITO DE FAMÍLIA
DR. ABRAHAM BENEMONDE
399-7885. Arm. Lombardi, 800/206
ÂNGELA BUONOMO/VERA MENDES
224-6764. Uruguaiana, 10 S/1608
DIVÓRCIOS-MARLY CARRILHO
227-7973. Barão da Torre, 230/601
LÉDA RUIZ-DIR. DA MULHER
221-8143. Assembléia, 36/804

ADVOGADOS - DIREITO IMOBILIÁRIO
IMÓVEIS - LOCAÇÕES - CONTRATOS
262-2426, 262-1790, 262-2025

ADVOGADOS - INVENTÁRIOS
ANNA BOGÉA
240-9508. E. Veiga, 35 S/1605

ÁGUA - ANÁLISE
CAIXAS/POÇOS/CONDOMÍNIOS
273-8140, 208-1545, 208-2594

ALIMENTOS NATURAIS
MENU C/SOJA-CURSO GRÁTIS
224-8155. P. Vargas, 2007 SL

AMBULÂNCIAS - ALUGUEL
"PULLMAN" C/AR CONDICIONADO
MACA ESPECIAL P/ELEVADORES
236-1011. 257-4132. Zona Sul
228-6170, 228-2255. Z. Norte

ANTENAS
INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO
208-9570 (Visitas Grátis)
INSTALAÇÃO-VENDA-REVISÃO
392-3770. Estr. Gabinal, 18-C

APARELHOS DE SOM
SOM FOTO ESPORTE - RADIOS
RECEIVERS - DECKS - T. DISCOS
223-3746. Uruguaiana, 212

APARELHOS DE SOM - CONSERTO
AKAI-ALTEC-SANSUI-PIONNER
Dimenson - Visitas Grátis
236-2772. Copacabana, 807/603
AKAI/SONY/SANSUI/MARANTZ
247-6445. Visc. Pirajá, 86 SL 3

AQUECEDORES - CONSERTO
BOILER/CUMULUS E OUTROS
253-1349. 396-2837 (2.ª/domg.)

AR CONDICIONADO - CONSERTO
MANUTENÇÃO E INSTALAÇÃO
243-2637 - 243-7342
TELEMAQ - ASSIST. TÉCNICA
280-6349 - 230-8337. Roma, 310

ARMÁRIOS EMBUTIDOS
CANELLAS (PROJETA/FIN.10 PAGTO)
201-8399 (Orç. Grátis 2.ª/Dom.)
"MABRA" FABRICA E FACILITA
Visita, Desenha e Projeta
201-6349. Flack, 136
MODULADO FAVO/FAB. ABOLIÇÃO
229-5389. 399-0792 (Carrefour)

AULAS PARTICULARES
"MATEMÁTICA"-"ESPECIALIZE-SE"
1.º 2.º Grau/Vestib./Concursos
286-7605 - 226-5835 - 266-7374

AUTO-ESCOLAS
RIO ROMA: RAPIDEZ/EFICIÊNCIA
235-7605. Bar. Ribeiro, 391 S/Lj.

BANHEIROS-EQUIP
"AVANTI" IND. DE TAPETES
Forrações Espec. P/Banheiros
201-8798. Viúva Claudio, 329

BOMBEIROS HIDRÁULICOS
GASISTA/ELETRICISTA/CHAVEIRO
Reforma de Imóveis em Geral
289-6745 (2.ª a Domingo)
GASISTA - NA HORA C/GARANTIA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

BOX PARA BANHEIROS
ACRÍLICO-BLINDEX-ESQUADRIA
238-0251, 268-4637, 258-5440
BOX EM ALUMÍNIO
359-7179 (Orç. S/Compromisso)
PERSIANAS COLUMBIA S/A.
PBX 208-2442. Dona Maria, 29

BUFFETS
BUFFET CLASSE "A" ATEN.48 HS
Casa para Recepções
238-6852. Barão S. Franc., 322
J. CARVALHO/ALUGA MAT. FESTA
295-7866 (2.ª a Domingo)
MOACYR- SERV. COMPLETO FESTAS
286-0299. Fonte Saudade, 39 - Lagoa

CABELEIREIROS
CAROLINA CABELEIREIROS
255-2218. Santa Clara, 50/315
"LUFRA'S": TINTURAS/REFLEXOS
Alisa s/Uso Pasta-Francisco
236-7591. Santa Clara, 50 SL. 205
STUDIO HEBÊ COIFFEUR MASCULINO/FEMININO E BOUTIQUE
265-4950. 205-9695
Largo do Machado, 11 - 1.º Andar

CABELO - TRATAMENTO
HAIR CLUB DO BRASIL TRATAMENTO MASCULINO/FEMININO
"Hair Treatment", Contra Caspa,Seborréia, Micose e Queda. — Copacabana e Centro Cidade
257-3753. X. Silveira, 45 C. 04
220-7049/ R. 306. R. Branco, 245
INST. LANE - QUEDA/SEBORRÉIA
232-4574. Pça. 15 Nov., 38-A

CAMAS HOSPITALARES-ALUGUEL
"A.M.E." - OXIGÊNIO-REMOÇÕES
CADEIRAS DE RODAS - MULETAS
236-1011, 257-4132. Zona Sul
228-6170, 228-2255. Z. Norte
DIA/NOITE/CAD. RODA/AMBULÂNCIA
261-7151 (2.ª a Domingo)
VENDAS CAMAS CAD. MULETAS
273-0742 (2.ª a Domingo)

CANIS
HOSPED. VENDA PASTOR - "GLEICE"
332-3786. Açuruá, 147 - Bangu

CARNE FRESCA À DOMICÍLIO
É O MELHOR PREÇO DO RIO
Frigorífico Castelinho/Boi Aves/Porco/Carnes Preparadas
287-3814 - 270-3991 - Todo o Dia

CINE FOTO - CONSERTOS
POLIMENTO LENTE/BINÓCULOS
Av. 13 de Maio 47 Grupo 213

CLUBES E AGREMIAÇÕES
"CLUBE CANAVERAL": CURSOS
Natação - Tênis - Ginástica Todas Idades● Unissex/Inscrição
399-2192 - 240-4127 (2.ª a Domingo)

COLCHÕES
COLCHOARIA COLOMBO/FÁBRICA
248-2430, 208-4849 (Reformas)

CONGELADORES - CONSERTO
MARFAGEL COM. IMP. LTDA.
Metalfrio/Conserto e Venda
280-4436. Proclamação, 786-A

CORTINAS
ABA - FÁBRICA ROLÔS - PAINÉIS
273-9605 - 273-6250. A. Lobo, 100
ALTEZA CONFECÇÃO CORTINAS
Painéis/Roló(2 Anos Garantia)
259-1822 - 246-2833 (2.ª/Domg.)
CARLOS - FÁBR./ROLÔS - PAINÉIS
235-7948. Siq. Campos, 143/416
CHAUMIÈRE DECORAÇÕES
Rolôs e Painéis c/Garantia
268-1947 - 288-5749 (2.ª/Domingo)
LUNAR ROLÔS E PAINÉIS
Orç. Grátis Finan. 5 x S/Juros
224-8689 - 232-5495. E. Visconti, 18
MALU-DECORAÇÃO/ROLÔS/PAINÉIS
255-9217 - Copa, 861 - Orç. Grátis
OSTROWER ROLÔS E PAINÉIS
"FIBERGLASS" E "BLACKOUT"
266-3068 - 266-7775
Marquês Abrantes, 178 - Lj. D

COZINHAS - REFORMA
BANHEIROS - FINANCIO TOTAL
238-0251, 268-4637, 258-5440

CRECHES
ATENÇÃO: 3M./5 A. - "SUPYSAUA"
274-4745 (Hor. Integral - Gavea)
BABY SITTING/DEDO MINDINHO
295-9830. Olavio Corrêa, 384
CASTELO DA TURMA MIÚDA
710-5028 - 710-3507 - 7 Set., 157-Nit.
ESCADA DO TEMPO - LEBLON
274-2544. Timóteo Costa, 538
"GABRIELA" SOB NOVA DIREÇÃO
208-5804. Grajaú - Cond. Prop.

DATILOGRAFIA-SERVIÇOS
ADA - IBM TODOS OS IDIOMAS
205-1157. Flamengo (Incl. Dom.)
"ATENÇÃO" - SERVIÇOS C/REVISÃO
350-4307 (Dia) 392-1699 (Noite)
ELIANE - SERVIÇOS EM GERAL
711-1664 (2.ª a Domingo)
FERNANDA: ATENDE C/ RAPIDEZ
287-9178 (2.ª a Domingo)
TEREZA IBM ESF./IDIOMAS/GER.
351-6003 (2.ª/Dom.). 224-0675

DECORAÇÃO DA CASA
CORTINA - PAP. PAREDE/PLÁSTICO
350-4618, 332-4496 (2.ª/Domingo)

DEDETIZAÇÃO E DESINFECÇÃO
BARATA-TRAÇAS-RATOS-CUPIM
FEEMA-002.675.000/2121
Imunican no Dia c/Garantia
223-4228 - 260-1113 (2.ª/Domingo)
DED. IMUNILAR
(FEEMA 000.352-900/2121)
Cupim - Barata - Traça - Rato Garantia 25 Anos de Tradição
295-1647 - 295-1697 - 295-1196
RELÂMPAGO AT. MESMO DIA
FEEMA 001.438.2/2121
248-4559 - 359-2684
VENTANIA IMUNIZAÇÕES
FEEMA 000.564.2/2121
Baratas, Ratos, Cupim, Traças
252-1436 - 350-4376 (Gar. Dobro)

DEPILAÇÃO DEFINITIVA
LIMP. PELE/REJUVEN. MÃO/ROSTO
256-4671, 242-1801 (2.ª a Dom.)

DETETIVES PARTICULARES
INVESTIGAÇÕES SIGILOSAS
521-1264
ROQUE - INVESTIGAÇÕES SIGILOSAS
275-5390. Escritório Rio J.

DOCES E SALGADINHOS - ENCOMENDAS
A CR$ 500, CENTO-12 VARIEDADES
284-1655 (2.ª a Domingo)
BÁRTYRA-SERVIÇO COMP. BUFFET
201-0703 (2.ª a Domingo)
BUFFET REQUINTE/SERV. COMPL.
269-7844 - 289-1243 (2.ª a Dom.)
CELSO/SERV. COMPLETO P/FESTA
261-1192 (2.ª a Domingo)
"KITUTES DA MAMÃE" TAMBÉM SERVIÇO COMPLETO DE BUFFET
Reservada Área ao Ar Livre
342-5504. Estrada Tindiba
Esquina Iriquitia - Taquara
"MARIA MOLE"
Serviço Completo p/Festas
286-5448. Vol. Pátria, 249-B
UAHSHE (COMIDA ÁRABE)
294-2439 (Shop. da Gávea, Lj. 141)

ELETRICISTAS
ALTA/BAIXA TENSÃO ● MONT. PC
Aumento Carga-Legal. Light
393-7469. Fernando (2.ª à Dom.)
ELETRO LACERDA-ORÇ. S/COMPR.
Projeta/Instala/ Comercial/Resid.
280-2448 - 342-4225 (2.ª/Domg.)

EMPREGADAS DOMÉSTICAS-AGÊNCIAS
AG. ALAN KARDEC-C/REFERÊNCIA
281-8699 - 289-3920 (2.ª/Domg.)
AG. ASSOCIAÇÃO STA. URSULA
Garant. Permanente-Taxa Fixa
751-3250 - 751-4392 (2.ª/Domg.)
AG. CIDADE-EMPR. C/GARANTIA
256-9968
AG. GIRASSOL-EMPREG. C/GARAN.
257-2011. B. Ribeiro, 391/810
AG. IDÔNEA: SEL. RIGOROSA
Da Garantia-Devolve a Taxa
240-7790. Sen. Dantas, 117/1933
DIOMAR GOMES AG. COLOCAÇÕES
Garantia Taxa Por 1 Ano
232-4039 - 221-5810 (2.ª/Domg.)

EMPREITEIROS-REFORMAS DE IMÓVEIS
ARQUITETURA-CONSTRUÇÕES
238-2918 - 268-6970. Financio 2.ª/Domg
CINAR CONSTRUÇÕES/PROJETOS
228-5724 - 228-8797 (2.ª a Dom.)
DINEL CONSTRUÇÕES LTDA.
Toda Área do Rio-Financio
350-4679 (2.ª a Domingo)
INSTL.: ELÉTRICA/HIDRÁULICA
284-9598 (Orçamento Grátis)

ENFERMEIROS
ADALET●EQUIPE ENFERMAGEM
Acompanhantes●Ass. Partic.
260-7232 (Dia/Noite)
AGÊNCIA MINEIRA-C/GARANTIA
Babás/Enfermeiras/ Acompanhantes
236-1891 - 256-9526
ALBA EQUIPE ENFERMEIRAS
Para: Adultos e Crianças
295-0218 (2.ª a Domingo)

ENXOVAIS
CAMA-MESA-BANHO-BORDADOS
CONFECÇÃO PRÓPRIA-V. CRED.
228-5106. Alte. Cochrane, 43
S. Peña, 45/335 - V. Pirajá, 281/209

ESCOLAS

JARDIM DE INFÂNCIA "NINHO"
287-0591. Abade Ramos, 66 - J. Bot.

"SORE" JARDIM MATERNAL
275-1800. Dona Delfina, 49

ESCOLAS DE ARTE

BOLO MODELAGEM-ARTESANATO
249-8094. Piaui. 123 Casa 1

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

A CARGA PESADA 4 X S/JUROS
201-4846. 201-9610 (2.ª a Domingo)

A 2500, BOX-GRADE 950, ETC
712-3721 "Rocha Monnerat"

A 2700/m^2 JANELA-BOX - 24 HS
R.P. Menezes Metalúrgica
289-5628. Mário Ferreira, 105

BOX-JANELAS-PORTAS-ETC
S/Entrada em Até 15 Meses
229-1799. 289-4398

OZODRAC: ALUMÍNIO E FERRO
Box-Janelas-Área-Porta-Etc
359-7179 (Orç. S/Compromisso)

ESTOFADORES

ALEMÃO LÍDER NO RAMO
Fabricação e Reformas Corti nas: Prontas ou Sob Medida Tapetes: Forrações em Geral
268-2175 - 268-9995 - 258-2424

CARDEAL DECORAÇÕES LTDA.
267-3241 - 228-2394. Copa

DEC. NATURA: CORTINAS/CAPAS
231-1214/0242 - 43-1041 (Petrol.)

"HEROS": 2.ª/DOM.-ORÇ. GRÁTIS
Cortinas/Capas/ Reforma/Novos
243-2378. Siq. Campos, 143 SL. 54

MARY DECORAÇÕES-FACILITO
Cortina/Rólo/Painéis/ Empalhador
208-9251 (2.ª a Domingo)

RICARDO: REFORMA/FABRICA
258-5038. Br. Mesquita, 891 L. 0

VERÍSSIMO: FABRICA/REFORMA
245-8517. Laranjeiras, 559

WILTON REFORMA: PANO/COURO
Pinta/Encera Fica Novo
722-1284. Niterói (2.ª/Domg.)

FARMÁCIAS E DROGARIAS

ATENDE 2.ª/DOMINGO-ENTREGAS
225-0053 - 245-0388. Flamengo

DIA/NOITE-FARMÁCIA DO LEME
275-3847. Prado Junior, 237-A

DROGA SIX ENTREGA NA HORA
267-2677. Copacabana-Posto 6

FARM. HOMEOPÁTICA AYMORÉ
221-0573. 7 de Setembro, 219

FECHAMENTO DE ÁREAS

Veja
ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO E FERRO

FESTAS INFANTIS-ORGANIZAÇÃO

A TURMA DO ZEPELIN FAZ A FESTA
• PALHAÇOS/MÁGICOS/SHOWS
240-7185 - 240-8200 - 258-0227
Alvaro Alvim, 37 GR. 1013

CARRETA TEATRO BONECO
268-3128 (2.ª à Domingo)

CECÍLIA: DECORAÇÃO FESTAS
Enfeites • Doces • Bolos
235-0995

FIBRA DE VIDRO-FAB

FABRICA ROB BOATS
Artigos Náuticos-Financio
761-3858 (2.ª à Domingo)

FINANCIAMENTOS

EMPRÉSTIMOS/VENDO TELEFONE
269-8198 (2.ª/Sábado)

FONTES LUMINOSAS

ARTEFONTE
Fontes Luminosas Móveis
230-2400. Av. Camões, 611

GELADEIRAS-CONSERTO

ATUAL: FRIG.-BRAST.-CONSUL-G.E.
284-7348. 28 de Setembro, 182

I. SILVA-COMERCIAL/DOMEST.
201-1491. A. Cordeiro, 492-F

GELO

À DOMICÍLIO DE 2.ª A DOMG.
EM: CUBOS-BARRAS-ESCAMAS
399-2227. Barra da Tijuca
394-4157/2503/5550 Z. Norte

IDIOMA - CURSOS

HELGA - INGLES E ALEMÃO
Residencial e Domiciliar
267-3892. Nascimento Silva, 213/203

IMÓVEIS-COMPRA E VENDA

DJALMA CUNHA IMÓVEIS
Atendimento Justo/Perfeito
270-4292 - 270-3337 (2.ª/Domingo)

IMPRESSOS DE LUXO

ALDAN-CONVITES/ALTO RELEVO
223-1271 - 252-0271 - 243-3802

EDUMAR-CONVITES/CARTÕES
Para o Mesmo Dia/ Calendários
243-2223. Conceição, 116-A

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

SHAFFER-ATEND. À DOMICÍLIO
257-3727. Copacabana, 542 S/908

LENTES DE CONTATO

COMPRE DIRETO DO FABRIC.
20% DESC. OU 10% EM 3 PAG.
Origem Alemã - Teste s/Compr.
262-4436 R. Branco, 156/1131

MAQUILADORAS

À DOMICÍLIO MARLY/RACHEL
273-5611 - 742-4827 /2.ª/Domg.)

MÁQUINAS DE COSTURA-CONSERTO

SINGER-VIGORELLI-ELGIN
Atende Domicílio-Incl. Z. Sul
254-3409. S. Costa, 58-A/Tijuca

MÁQUINAS DE ESCREVER-CONSERTO

MÁQ. VENEZA: VENDE-TROCA
Fazemos Contrato Manutenção
359-5916 - 359-8602 (2.ª/Sábado)

MÁQUINAS DE LAVAR-CONSERTO

ASSIST. TÉCNICA BRASTEMP.
Serviço Aut. c/Garantia
264-3198 - 228-8186

AUTOR. BRASTEMP - FISPER
232-4421 - 232-6744 - 232-4718

LAVAMATIC - BRASTEMP - BENDIX
LAVÍNIA • VISITA GRÁTIS
222-4369 - 252-8295 - 252-6709

TELEMAQ - TODAS MARCAS C/GAR.
280-6349 - 230-8337 - Roma, 310

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TREVOLAJE-LAJE PRÉ-FABRI-CADA A VISTA OU A PRAZO
331-3750. Av. Brasil, 33783

MESAS DE SOM E RACKS

JAMG SOM PROJETOS DE ME-SAS DE SOM E VIDEO-TAPE
281-6007. Flack, 37-A

MOLDURAS

JOÁ MOLDURAS-BAMBÚ/CORTIÇA MONTAGEM POSTERS
Loja e Oficina
274-8249. Dias Ferreira, 242

MÓVEIS

MÓVEIS AUSTRÍACOS/JANGADA
243-2419 - 236-5548 (Ent. Rápida)

PISCINA/VARANDA/CAMPO/PRAIA
Fabrica: Arm. Pronto/ Sob Medida
391-2579. Amadeu Amaral, 41/65

MÓVEIS-LAQUEAÇÃO

AMPLILAR: NOVOS E REFORMAS
266-5993. Vol. Pátria, 416-A

DOURAÇÃO/PATINA-EDSON
261-3253 (2.ª à Domingo)

MÓVEIS P/PISCINAS E JARDINS

FIBRACOLOR SOFISTICADOS MODELOS EM FIBRA DE VIDRO
235-5375 - 391-0604 - 351-8861
Djalma Ulrich, 57-F - Copa

MÓVEIS SOB ENCOMENDA

FABRICA-PAGT.º A COMBINAR
Marcenaria em Geral
350-4022 (2.ª à Domingo)

"LAICA"/PROJETA/FABRICA/DECORA
Armários-Estantes-Cozinha
224-1334. Inválidos, 138 LJ. M

MÚSICA P/FESTAS

CORAL C/ORQUES. P/CASAMENTO
265-2651. Regente: Mathias

PAINÉIS FOTOGRÁFICOS

REVESTIMENTOS E DECORAÇÃO
245-3550. L. Machado, 29/1117

PAPEL DE PAREDE

CAMURÇA-CORTINAS-TAPETES
Vulcapiso/Vulcatex-Financio
265-3371 (Orç. s/Compromisso)

CAMURÇA-TAPETE-VULCATEX
Preço S/Concorrente-Financio
229-1464. 208-2254 (2.ª/Domg.)

"DECOR" - DECORA E REVESTE
257-7694. 236-4847 (Orç. Grátis)

IN-DECORAÇÕES/REVESTIMENTO
239-0349. A. M. Franco, 170-B

"SAMAMBAIA" - PAGTO. FACILITADO
239-0996. Henrique Dumont, 65-B

PASSAGENS-AGÊNCIAS

GUANATUR PLANTÃO DOMINGOS
EMBRATUR 08048500.9
255-1271. Dias da Rocha, 16-A

PERSIANAS

PERSIANAS COLUMBIA S/A.
PBX 208-2442. Dona Maria, 29

EDIÇÃO DE 14-09-80

PERSIANAS-CONSERTO

A. FRANCO-REFORMAS E NOVAS
252-5693. Itapiru, 315

BADARÓ PERSIANAS
Consertos, Pinturas e Novas
281-3533. 281-4509

GIRÃO: VENEZIANA/NOVA/REFORM.
252-2534. 249-5896 (2.ª/Sábado)

PORTA SANFONADA/JAPONESA
238-0251. 268-4637. 258-5440

PRODECON: PERS./SANFONADA
351-2122. Estr. V. Carvalho, 55

PINTURA DE IMÓVEIS

A'DALMAS PINTURA/REFORMA
255-6124. Copacabana, 796/411

REFORMA:RESIDÊNCIA/CONDOMÍNIO
Cozinha/Banheiro- Orç.S/Compr.
236-7727 - 257-4173 (Queiroz)

SINTEKO C/DESC. + CORTESIA
295-0963 (Reformas) 2.ª/Domingo

PISCINAS-CONSTRUÇÃO

TECNOSAUNA-CONSTR./EQUIP.
392-7575. Nelson Cardoso, 742-A

PISCINAS-EQUIP.

AQUAFLOR - PISCINAS/SAUNAS BREVE SHOW ROOM - RECREIO
399-4900 - 392-7930 - Carrefour
221-4843 - 221-7735 - Centro

BLUE SKY: EQUIP. - CONSTRUÇÃO
Entrega Autom. Cloro Líquido
399-3165 - 399-9343 - 399-9544 - Barra

PLANTAS ORNAMENTAIS-ALUGUEL

RODÍZIO MENSAL E JARDINS
236-0176. 275-7855. 237-0857

PORTAS DECORATIVAS

FERRO/ALUMÍNIO-LUXO/FINANCIO
269-8647. Souza Cerqueira, 43

PROJETOS RESIDENCIAIS

LEGALIZAÇÃO E C/HABITE-SE
242-7491. E. Veiga, 41 S/603

PSICÓLOGOS

DR. IRANI MENEZES
Psicoterapia (Individual)
208-2595. G. Roca, 778/905 - Tijuca

REFEIÇÕES À DOMICÍLIO

MASSAS: TABULEIRO A Cr$160,
275-3156. Zona Sul

ROUPAS-ALUGUEL

BOUTIQUE SOCIAL MODAS TOILETTE E COMPLEMENTOS

VEST. NOIVA-CONFEC. ALUGUEL
220-5283. Sen. Dantas, 44/1.º a.

STILE-RIGOR-SOCIAL/HOMEM
220-4497. A. Guanabara, 17/605

ZIZINHA MODA FAZ/ALUGA/VESTE
Noivas Madrinhas Alta Cost
265-1354. M. Assis, 5/202 Flam.

ROUPAS PROFISSIONAIS

ALFAIT. MAGAZIN LONDON
Uniformes Civis-Militares
Centro - 1.º Março, 139-155
233-2126 - 233-1879
Copacabana
256-4205. B. Ribeiro, 354-D

SAUNAS-EQUIP.

AQUAFLOR-PISCINAS/SAUNAS
399-4900. 392-7930. Carrefour

SEGURANÇA-SISTEMAS

BAHIA-PORTEIRO ELETRÔNICO
391-3165. 391-3050

INSTALA/CONSERTA/INTERFONES
228-5004 (Reformas)

PORTEIRO/PORTÃO ELETRÔNICO
Circuito Fechado de TV
252-9548 (Visitas Grátis)

SEGUROS

"PREDIL" CORRETORA SEGUROS
233-1022. Teofilo Otoni, 72

SHOWS MUSICAIS-ORGANIZAÇÃO

BIRA & CO.-SHOWS E FESTAS
710-2730. 711-0700

SOM-ALUGUEL

LAS VEGAS DISCOTEQUE
Monte 1 Boate em S/Festa
234-7563. 224-6050. 230-3780

OSCAR-SOM/LUZ P/ FESTAS INSTALAÇÃO E CONSERTOS
246-4180. BIP 625 (2.ª a Dom.)

SOM P/ AUTOMÓVEIS

À DOMICÍLIO-2.ª/DOM.-24 HRS.
205-4718. 285-1275

TAPETES-LIMPEZA

ADELIMP LAVA/SECA LOCAL 2 HS.
257-2794 (2.ª a Dom.)

BOM JESUS CORTINAS/TAPETES
228-0801. 232-5097. 228-9456

TELEVISORES-CONSERTO

A TELE SERVICE DO BRAZIL
242-7381

ADMIRAL-SANYO-AUTORIZADA ELETRÔNICA "EL ESPAÑOL LTDA."
295-3548 - 295-2144 - 295-2344
295-7894. Passagem, 146 LJ. 9

AIRIS-SHARP/PHILCO/SANYO
258-5575 - 390-2334 (2.ª a Dom.)

ALVES-PHILCO-PHILIPS/SANYO
235-6484 - 256-2829. Z. Sul

AUT. PEREIRA LOPES IBESA
Sanyo a Cores Ass. Técnica
260-4481 - 260-8858 - 260-9260

AUTORIZ. SPRINGER ADMIRAL
246-5744. Assis Bueno, 23

BIRA: PHILIPS/PHILCO/SANYO, ETC.
267-2211 (Visitas Grátis)

PHILCO-PHILIPS-SEMP-ATUAL.
245-1949. C. Dutra, 59-D - Flam.

PHILCO-PHILIPS-TELEFUNKEN
269-1794 - 269-7197. Méier

TELEFUNKEN PHILIPS-PHILCO
371-9359 - 238-0852. 2.ª/Sábado

VETERINÁRIOS

CLÍNICA VETERINÁRIA GÁVEA PROF. JACINTHO MENDONÇA
246-2970. Inglês Souza, 176
286-5044. (Entrar Lopes Quintas)

VIDROS P/ AUTOMÓVEIS

AEROPLEX
Na Hora e a Domicílio
255-4625 Barata Ribeiro, 266

CONSULTOR MÉDICO

DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 417/70 DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA E AS NORMAS EMANADAS DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA.

ALERGOLOGIA (ALERGIA)

- CLÍNICA DR. ISAAC AISENBERG RESPIRATÓRIA/PELE/ALIMENTAR
  CRM. 52.16321-6
  521-2695. Copacabana, 1052/805
  289-9595. Dias da Cruz, 128/506

ANGIOLOGIA (APARELHO CIRCULATÓRIO)

- CLÍN. BERTOLOTTI - ART. VEIAS
  256-5785 - 248-0766 - 231-1416

CASAS DE SAÚDE

- DR. JORGE FERNANDO DE JESUS
  CRM. 52.15285-
  331-3059. Tibagi, 1317 - Bangú

CIRURGIA PLÁSTICA

- DR. ANTONIO SEGURA-CIRURGIA ESTÉTICA E REPARADORA
  CRM. 52.11037-0
  521-1743. Copa, 1066/805 - 3.ª e 5.ª
  711-0218. G. Peixoto,182-Nit. 2.ª, 4.ª e 6.ª
- CLÍNICA DR. ONOFRE MOREIRA
  Cirurgia c/Arte: Face-Nariz-Busto-Abdome-Coxas-Orelhas-Inclusão de Silicone-Retirada Cicatrizes: Acne-Operações-Acidentes e Queimados
  265-6565 - 285-3798. Pinheiro Machado, 155
- DR. FRANKLIN C. CARNEIRO
  CRM. 52.23082-1
  Face/Nariz/Busto/Abdome/Cicatriz
  257-4560 (Copa). 350-5499 (Madur.)
- DR. LUIS MONTELLANO/ESTÉTICA
  CRM. 52.15377-8
  235-2144. Siq. Campos, 143/914 BL-D
- DR. WALDYR CAMILLO JORGE
  CRM. 52.07769-8
  257-7429. Copacabana, 540/406

CLÍNICA GERAL

- DR. LAURO LANA-ATE. 7 ÀS 11 HS
  CRM. 52.01680-5
  255-4706. Av. Copacabana, 534/308

CLÍNICAS ESPECIALIZADAS

- ULTRAMED CASA SAÚDE RENAUD LAMBERT
  Adultos e Crianças
  PBX 392-1168. Av. Geremário Dantas, 877

CLÍNICAS DE REPOUSO

- CASA REPOUSO STA. EUGÊNIA VIVA COM A NATUREZA
  Jardins/Pássaros/Local de Paz
  C/Assistência Médica
  264-2274 - Tijuca

CLÍNICAS DE TÓXICO

- DR. GERSON B. HALLAIS CRM. 52.13430-9
  237-6990. Av. Copa, 1018/304

DENTISTAS

- CLÍNICA S. BERNARDO - "DIA/NOITE" DR. SERGIO VIEGAS FERREIRA
  CRO-RJ 6100
  399-6611 - 246-4180 BIP 7JL
  Av. das Américas, 3250 - Barra
- DILSON PIRES - ENDODONTIA
  CRO. 5488
  236-2260. Fig. Magalhães, 286/702

DERMATOLOGIA

- DR. ALCYONE RONGEL CRM. 52.01918-1
  Cosmetologia-Peelings-16 às 19hs
  287-4611. Visc. Pirajá, 4 G/603

DOENÇAS NERVOSAS

- CENTRO MED.-PSIC. DE IPANEMA
  287-4633. Bulhões de Carvalho, 524 C/2

GASTROENTEROLOGIA (APARELHO DIGESTIVO)

- DR. RUBEN GANDELMANN CRM. 52.00338-1
  Estômago-Fígado-Intestinos
  Clínica Geral - Urgências
  220-7398 - 267-5617. R. Branco, 257/1409

GERIATRIA (VELHICE)

- CLÍNICA DRA. MARIANA JACOB EX-ASSIST. DA PROF. ASLAN
  CRM. 52.30722-2
  Formada em Bucarest-Roménia
  257-7191. Copacabana, 664/407

GERONTOLOGIA (PREVENÇÃO DO ENVELHECIMENTO)

- DR. MIGUEL ZABALETA JUNIOR
  CRM. 52.34920-3
  Estágios: Romenia (Dra. A. Aslan) Suiça (Clín. La Prarie) França (Dr. Rabineau)
  239-3146. (Leblon)

GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA

- CLÍNICA PREVENÇÃO DE TUMORES
  521-0148. Copacabana, 1120/401

HOMEOPATIA

- JOSÉ PÊCEGO-CLÍN. GERAL/ALERGIA
  CRM. 52.28585-1
  239-5245. At. Paiva, 135/1111 - à Tarde

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

- DR. J. CARREIRA ATEND. DOMICÍLIO
  CRM. 52-12844-4
  249-0088. Dia e Noite - Méier

MEDICINA NUCLEAR

- CLÍNICA VILLELA PEDRAS
  220-4772 - 240-9178 - 240-2128
- IBRAM-MAXIMO MEDEIROS
  CRM 52.02502-3
  288-0997. P.E. Gorayeb, 50 - S. Peña

OFTALMOLOGIA (OLHOS)

- BERNARDO F. BUNJES/2.ª, 4.ª, 6.ª F.
  CRM. 52.06146-7
  208-6597, 208-0796, 225-3515
- CLÍN. OLHOS JACAREPAGUÁ
  Lente Contato-Dia/Noite Urgências
  392-6648. André Rocha (Taquara)

ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA (OSSOS E ARTICULAÇÕES-FRATURAS)

- DR. EDUARDO MARTINELLI
  CRM. 52.18113-1
  2.ª/6.ª de 14:30/20:30'
  Sáb. de 9/13 Hs.
  246-5168 - 246-4180 BIP 2621

PSICOTERAPIA

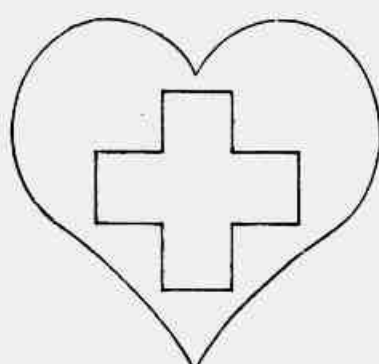
- CLÍNICA DE PSICOTERAPIA BREVE
  246-4649 (Com Hora Marcada)

RADIOLOGIA (RAIOS X)

- ABREUGRAFIA/EXAME EM GERAL
  201-3994. Carolina Méier, 38/204
- DR. CARLOS OSBORNE CRM. 52.06542-0
  265-6230. Bento Lisboa, 160 - Catete

ULTRA-SONOGRAFIA

- CLÍNICA ULTRA-SONOGRÁFICA DA TIJUCA
  Diagnóstico Fetal na Gestação. Ginecologia. Medicina Interna
  248-2597. Conde de Bonfim, 232/910
  Diariamente

EDIÇÃO DE 14-09-80

Inclusões pelos tels.: 242-6952 • 222-5718

Bridge LIZZIE MURTINHO

Desbloqueio (II)

O leilão foi bastante tumultuado e Sul acabou em 6 copas. A saída foi K de ouros. Ache a linha ganhadora.

É fácil. Bata seus trunfos baldando A, K, Q, e J de espadas. Agora é só entrar na mesa em paus e jogar pequena espada. Este pode fazer o 10 mas tem que jogar paus ou espadas para o carteador.

S	O	N	E
1♠	3♦	4♠	—
5ST	—	6♦	—
6♠			

A saída foi 5 de paus. Planeje seu carteio.

A saída é bastante suspeita e você deve tomar cuidado. Se você jogar trunfo, este pode pegar com o A e dar um corte de paus a seu parceiro. Não custa nada evitar esta possibilidade, ganhando com o K de paus na mesa e batendo o A de ouros para baldar o A de paus. Agora você pode jogar trunfo sem susto. Na hipótese, muito pouco provável, de trunfos 3-0, você ainda pode ganhar cortando 2 copas na mesa, antes de jogar o segundo trunfo.

Saídas básicas — I

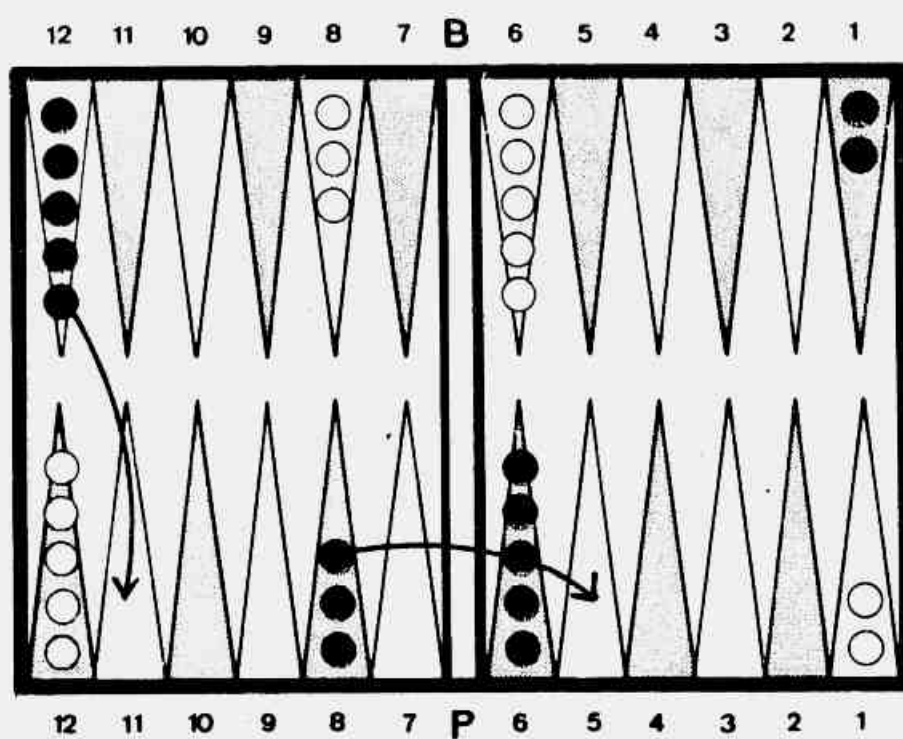
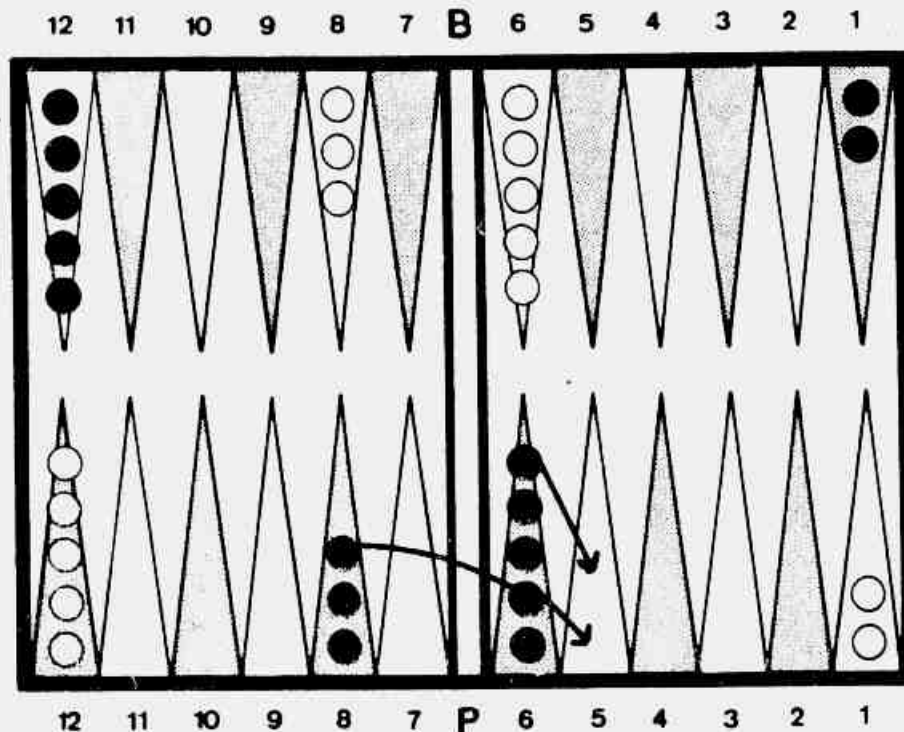
Para iniciar o jogo, os dois contendores lançam um dado apenas. Jogará primeiro aquele que tirar o maior número, transferindo para o movimento das pedras os dois números saídos. Se, porventura, sair nos dois lances o mesmo número, os contendores repetem a jogada até saírem números diferentes. A partir desta primeira jogada, passam a lançar dois dados alternadamente.

A primeira jogada é de extrema importância, e tendo em vista o fato de estar o tabuleiro arrumado para o início do jogo, será fácil compor, taticamente, as melhores jogadas em face das combinações possíveis.

Hoje em dia, a saída é praticamente padronizada. Existem, evidentemente, jogadas alternativas, tanto em função de conceitos táticos do próprio jogador como, em certos casos, em função do adversário.

A partir de agora, semanalmente, daremos todas as saídas básicas, que são em número de 15, com comentários ligeiros, após o que iniciaremos as respostas, que são em número de 315. Neste último caso, em vista do grande número, apresentaremos as respostas em forma de tabelas, e somente para algumas, objetivando melhor visualização, daremos o diagrama, além do comentário.

Passemos às saídas: (2-1) jogue o 2 levando uma pedra de 12-B para 11-P, ou, de forma mais didática: do ponto 12 do quadrante externo das pedras e brancas para o ponto 11 do quadrante externo das pedras pretas. Em seguida jogue o 1 levando uma pedra do 6-P, ou seja: leve uma pedra do ponto 6 do quadrante interno das pedras pretas para o ponto 5 do mesmo quadrante. Diagrama 1.

Este ponto, o 2-1, não é o que se pode chamar de uma maravilha, e conseqüentemente é uma jogada que pode até ser discutida. Muitos, principalmente os iniciantes, acharão muito arriscado jogar o 6-P para o 5-P, pois, caso o adversário na jogada seguinte tire um 4 ou 3-1, 2-2 ou até mesmo o 1-1, poderá comer esta pedra solta. Supondo que não seja comido, aí então você terá imensas probabilidades, mais de 80% de chances a seu favor, de fechar o ponto 5, caso tire 6 e 3 diretos ou combinados ou 1, além do duplo 2-2. Este ponto é considerado, senão o mais, um dos mais importantes de todo jogo.

12 11 10 9 8 7 B 6 5 4 3 2 1

12 11 10 9 8 7 P 6 5 4 3 2 1

(2-1)
12B para 11P
6P para 5P

Existem outras opções bastante conservadoras, por exemplo: jogar o 12-B para 11-P e quebrar (*split*) o ponto 1 jogando 1-B para 2-B. Este último movimento trará, a nosso ver, sérias conseqüências futuras, pois quebrar o ponto 1 no início do jogo sem uma razão tática específica é sempre um risco. Outra jogada alternativa e sem brilho é trazer sua pedra de 12-B para 10-P. Como a anterior, é muito conservadora, mas muito usada por iniciantes ou por jogadores mais fracos com adversários superiores.

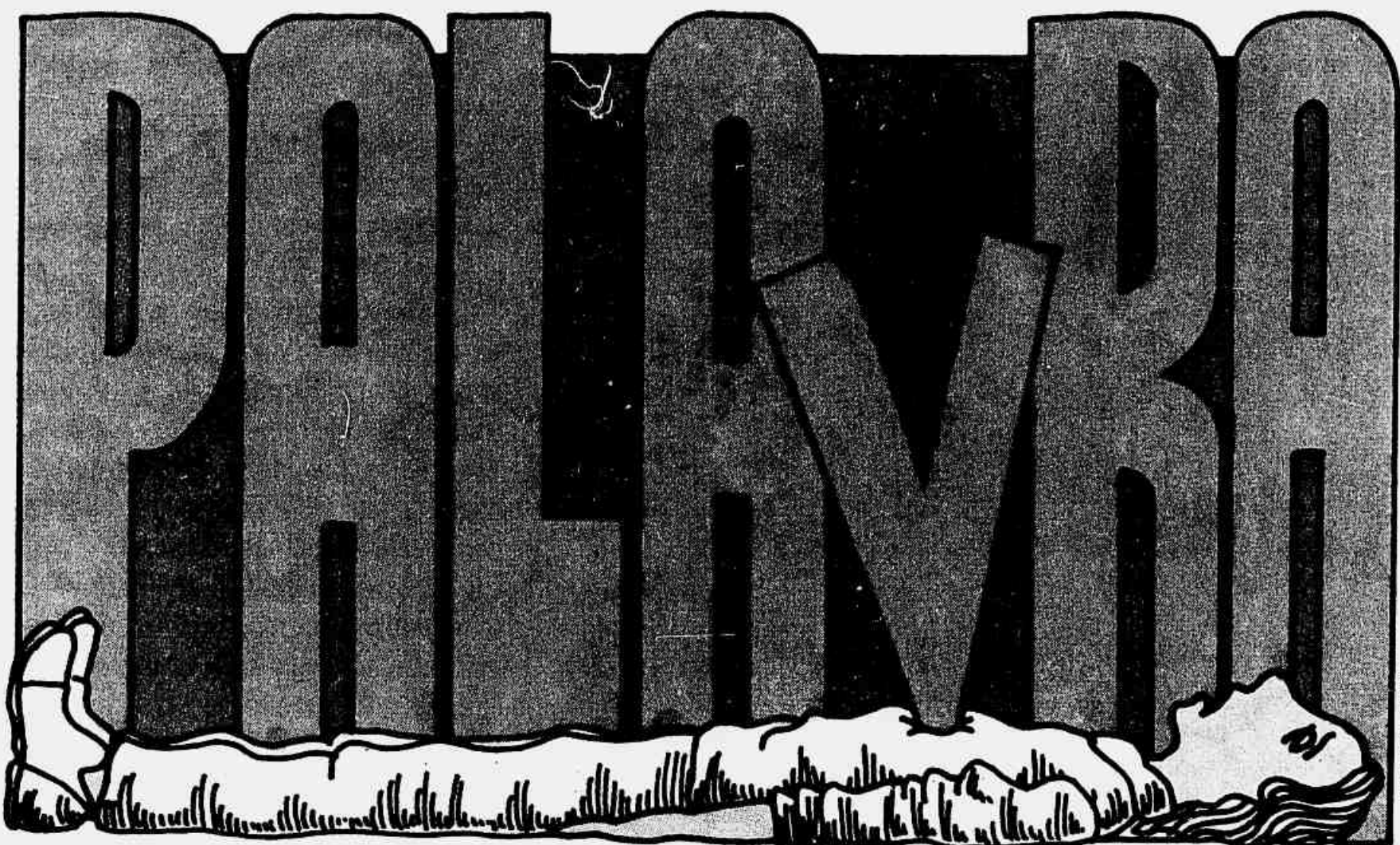
(3-1) Este ponto é considerado, por muitos, como o melhor ponto para abertura. Com ele você fecha o que chamamos de *Golden Point* do adversário, ou seja, o seu ponto 5. A única jogada para o 3 é mover uma pedra do 8-P para 5-P e, para movimentar o 1, trazer uma pedra do 6-P para o 5-P. Diagrama 2. No próximo número apresentaremos as saídas de 4-1, 5-1 e 6-1.

(3-1)
8P para 5P
6P para 5P

Rolando os dados

■ Após dois torneios de grande sucesso no Hotel do Frade, em Angra dos Reis, em 1979 e 1980, ficou estabelecido que Angra será a sede de dois torneios anuais: o de verão, no Hotel Porto Galo, a ser inaugurado em novembro deste ano, e o de inverno, tradicionalmente, no Hotel do Frade, em julho.

■ Está em fase bastante adiantada a idéia de alguns sócios do Joquéi de fazer um grande torneio de gamão, ainda este ano, com 64 participantes. Estão à frente da idéia Ary de Castro, Ernesto Garcez (Tetito) e Henning Penteado, o que já é uma garantia de sucesso. Tetito, para os que ainda são sabem, no 1º Torneio Internacional de Gamão do Rio de Janeiro foi derrotado pelo Lewis Deyong, um dos cinco maiores jogadores do mundo, por apenas um ponto. Deyong disputou a final do torneio, que foi vencido por Joe Dwek, outra fera.

MIGUEL PAIVA

LENTEJOULAS

Não se pode dizer que ele tenha escolhido aquele passatempo deliberadamente para fugir do mundo e das pessoas. É verdade que mantinha distância das duas coisas. Não é que não fosse deste mundo, apenas preferia não se envolver. Vivia sozinho com dois gatos e o seu passatempo era inventar palavras cruzadas, que mandava para o jornal por um pagamento simbólico. Não precisava de dinheiro, o que quer dizer que não precisava dos outros. Vivia de rendas. Amava seus gatos e as palavras. Amava as palavras porque eram coisas com as quais se podia brincar sem machucar ninguém e sem ser machucado. Como os gatos.
Um dia bateram na sua porta e era um mendigo, palavra que ele tinha usado muitas vezes. Pedinte, sete letras. Gostava da palavra, não gostava de mendigos. Era lamentável que existisse tanta miséria, mas a culpa não era dele. Começou a enxotar o mendigo quando este avistou um diagrama de palavras cruzadas pela metade em cima de uma mesa. O mendigo sacudiu a cabeça e disse:
— Cuidado...
Apesar da sua repugnância com aquela pessoa malcheirosa e intrometida, ele não pôde evitar a curiosidade.
— Cuidado com o quê?
— Com as palavras cruzadas.
— Por quê?
— Elas arruinaram a minha vida.
— Ridículo.
— Você não acredita?
— Claro que não. As palavras cruzadas são inofensivas. São um jogo. São...
— Terríveis. Acredite.
— Você está louco.
— Ah, é? Então deixe eu contar.

Apesar do seu horror, o mendigo entrou na casa e sentou na sua poltrona.
Contou que nem sempre fora um miserável. Era formado, um advogado. Tinha dinheiro, posição, família. E uma paixão: as palavras cruzadas.
Orgulhava-se de jamais ter deixado um diagrama de palavras cruzadas incompleto desde a adolescência. E mais. Jamais consultava o dicionário.
— Você também é assim? — perguntou o mendigo.
— Conte a sua história e saia daqui — disse o dono da casa com severidade. Mas estava fascinado pela história. E alguma coisa como um pressentimento começava a apertar seu coração.
O mendigo continuou.
— Um dia, não consegui completar uma palavra. Pela primeira vez em muitos anos, não consegui terminar umas palavras cruzadas.
— Em que jornal era?
O mendigo disse o nome do jornal. Ele engoliu em seco. Era o dele.
— Continue.
— Acertei a vertical. Dez letras. Pequena placa de metal ou outro material, usada como enfeite. Lentejoula. Mas a horizontal não encaixava com a segunda letra.
— E daí?
— Não era nada importante, claro. Mas era uma derrota. Passei quase duas semanas às voltas com aquilo. Levava o recorte do jornal para toda a parte. Volta e meia, tirava do bolso e tentava de novo. Procurei outra palavra em vez de "lentejoula". Nenhuma dava certo. Procurei outra para a horizontal. Não encontrei nenhuma. Eu não trabalhava mais. Não conseguia dormir. Aquilo passou a me obsecar.
E então?
— Fiquei intratável. Brigava com as crianças por nada. Minha mulher ameaçou me deixar. Um inferno. Só muito mais tarde me veio a revelação.
— Que revelação?
— Obviamente, fora um erro do autor das palavras cruzadas.
— Isso é impossível!
— Como, impossível? Todo mundo erra. E neste caso ficou provado que era um erro.
— O autor nunca erra. Pode ter havido um erro de impressão. Do autor, nunca.
— Mas foi um erro. Anos mais tarde me dei conta. Em vez de "lentejoula" ele usou "lantejoula". Se fosse "lantejoula" a horizontal encaixava, tudo encaixava.
Mas o certo é "lentejoula". Eu estava certo, o autor estava errado.
— Mas o certo é "lantejoula".
— O certo é "lentejoula". Mas isso eu só descobri mais tarde. Enquanto isto, a minha vida desmoronava. Minha mulher acabou saindo de casa, com as crianças. Tive que fechar o escritório. Não podia me concentrar em nada. A esta altura já rasgara as palavras cruzadas incompletas e jogara no lixo. Mas a obsessão continuava. Eu era um fracasso. E então, certo dia, decidi. Já que eu era um ser abjeto mesmo, levaria a degradação ao máximo.
— O que foi que você fez?
— Consultei um dicionário.
— Não!
— Eu sei, eu sei. Foi horrível. Mas eu não tinha mais amor próprio, não tinha mais nada. Abri um dicionário. E descobri que não é "lantejoula".
— É.
— Não é.
— É.
— Por que é que você insiste?
— Porque...Porque sim.
— Pois o certo é "lentejoula". Eu estava certo. Pensei em escrever para o jornal, em descobrir o autor das palavras cruzadas e acusá-lo por tudo que me acontecera. Mas depois desisti.
— Por quê?
— O que adiantaria? Só o que eu conseguiria era lhe dar remorso. Minha mulher e os meus filhos não voltariam. Eu não recuperaria a minha posição. O que eu podia fazer com o autor? Matá-lo? Fora um erro, apenas. Todo mundo erra.

• • •

Ele deu uma nota de cem para o mendigo, antes de empurrá-lo pela porta. Está bem, sentia remorso. Mas não muito. Afinal, o outro também não fora honesto. Consultara um dicionário. Mas durante alguns dias ele continuou a ouvir as últimas palavras do mendigo, antes de se retirar.
— Cuidado com as palavras. Cuidado com as palavras...

alice
tapajós
'MULHER'